

# Trabalho, Património e Desenvolvimentos.

Companhia Aurífera, Porto, 2019. Fotografia de Alexandra Carvalho.



**U.PORTO**

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

**U.PORTO**

FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie



## ficha técnica

### Título

Trabalho, Património e Desenvolvimentos.

Travail, Patrimoine et Développements.

Trabajo, Patrimonio y Desarrollos.

### Coordenadores

Liliana Cunha

Renato Di Ruzza

Marianne Lacomblez

Yves Schwartz

Daniel Silva

### Design Editorial

João Parada

### ISBN

978-989-54655-9-0

### Editor

Universidade do Porto.

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

---

### Suporte

Electrónico

### Depósito Legal

Porto, 2021

Contribuições provenientes do 5.º Congresso  
da Sociedade Internacional de Ergologia  
“Trabalho, Património e Desenvolvimentos”,  
organizado no Porto, de 7-17 maio de 2021.

Esta publicação não se destina à circulação  
comercial e não tem, além disso, qualquer fim  
lucrativo. Os autores, titulares dos direitos desta  
obra, publicam-na nos termos da licença Creative  
Commons “Atribuição – Uso Não Comercial –  
Partilha” nos mesmos termos 2.5 Portugal  
([https://creativecommons.org/  
licenses/by-nc-sa/2.5/pt/](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/))

# **Apelo a comunicações para o 5º Congresso da Sociedade Internacional de Ergologia, Trabalho, Património e Desenvolvimentos, Porto.**

*A Ergologia, do verbo grego “ergastesθai”, fazer, agir, é um modo de abordar a atividade humana, noção situada a meio caminho entre outra noção mais geral que a engloba, a vida, e uma de suas formas mais específicas, o trabalho. Em relação à vida em geral, a atividade é definida na sua confrontação permanente, seu debate em um campo de normas, produzidas no decurso da história humana e social, intrincadas a qualquer situação de vida humana, entrecruzando valores “dimensionados”, mercantis, e valores “sem dimensão” (justiça, igualdade, solidariedade etc.). Por conseguinte, qualquer situação de trabalho sempre aparece como um concentrado de história e a atividade como a dramática de uma história em (re)elaboração. “Démarche (ergologique)” significa que não se trata de uma disciplina nova, mas de uma maneira de retrabalhar os conhecimentos existentes em função das exigências do conceito de atividade.*

Em que medida a démarche da Ergologia pode constituir uma abordagem pertinente no campo das questões que integram o trabalho, o património e o desenvolvimento? Em que medida sua contribuição é singular e inovadora?

Com a finalidade de fazer um balanço e traçar perspectivas, o principal objetivo do V Congresso da SIE é colocar em debate, durante três dias, os trabalhos que, em vários lugares do mundo, fizeram a opção de se engajar a esta reflexão, às vezes privilegiando também outros quadros de referência. A diversidade das abordagens será um ponto de ancoragem essencial deste encontro que se deseja, por conseguinte, de caráter pluridisciplinar.

A questão de partida admite três pressupostos:

- É fecundo articular as atividades do trabalho e os recursos do património e colocá-los em sinergia com as iniciativas de desenvolvimento que se pretende endógenas;
- A ergologia oferece um referencial conceitual e metodológico capaz de apoiar e estimular estas sinergias (a “atividade”, as reservas de alternativas, os projetos- herança, as “normas antecedentes”, as “renormalizações”, os “valores dimensionados”, os “valores sem dimensão”, o “corpo-si”, os Grupos de Encontros do Trabalho/GRT etc.);
- Partindo deste ponto de vista, a ergologia pode contribuir para pensar melhor as articulações entre iniciativas endógenas e aportes exógenos.

A isto se juntam algumas hipóteses:

- As sociedades humanas dispõem de um património que é, ao mesmo tempo, produto de seu desenvolvimento histórico e fundamento de seu desenvolvimento futuro;
- O património de uma coletividade humana é uma realidade viva, material e imaterial, produzida pelo conjunto das atividades de trabalho que são mobilizadas desde suas origens até os nossos dias; a valorização da experiência do trabalho, passada ou em curso, integra-se, assim, a uma valorização do património das sociedades, quaisquer que sejam;
- Se a atividade do trabalho não buscar se apropriar do meio, nem dominar situações individuais e coletivas em um nível mínimo de socialização, não haverá processos de desenvolvimento;

- A dialética entre os níveis de análise macro e micro, que se revela no decorrer do tempo, constitui o 'fio condutor' que liga o trabalho, o património e o desenvolvimento. Sem referência ao nível macro, a visibilidade e a socialização da ambição transformadora do património, construída pela atividade industriosa, corre o risco de não ser fecunda, de não ter futuro. Porém, apenas a ancoragem que põe em visibilidade as atividades concretas do trabalho com suas reservas de alternativas tem condições de legitimar as orientações estratégicas definidas pelo(s) desenvolvimento(s);
- Estas dialécticas são necessariamente plurais, muitas vezes estão em conflito, produzem patrimónios e desenvolvimento histórico e geograficamente diferenciados;
- Os patrimónios de determinadas coletividades humanas foram e podem ser destruídos, pilhados, degradados ou desvalorizados pela colocação em prática de concepções de desenvolvimento essencialmente orientadas por valores “dimensionados”, mercantis.

Estas noções de *trabalho, património e desenvolvimento* merecem, por conseguinte, particular atenção porque:

- estão presentes em **várias disciplinas acadêmicas**, recebendo numerosas definições que podem se completar, mas também se contradizer;
- são pluridisciplinares e exigem o **diálogo de numerosas abordagens**, o que nem sempre é fácil de alcançar;
- **não saberiam ser pensadas em “exterioridade”**, ou seja, necessitam, na sua própria definição, integrar os saberes investidos nas atividades daqueles que trabalham e se querem atores de um património e beneficiários de um desenvolvimento; e o **“ponto de vista da atividade”**, aqui essencial, nunca é simples de fazer surgir;
- elas mesclam estreitamente uma perspectiva analítica, de produção de conhecimentos, que retorna a questões de natureza epistemológica, e uma perspectiva normativa, que questiona a governabilidade das pessoas e dos grupos sociais, o que reenvia necessariamente ao **campo da política**.

Este quadro de reflexão deveria enriquecer as trocas de experiências e de análises – tendo a finalidade de compreender os mecanismos pelos quais recursos e dinâmicas endógenas e exógenas permitem, ou não, construir abordagens pertinentes e operativas para o desenvolvimento. Isto autorizará a produção de um balanço a fim de dar nova visibilidade às atividades de pesquisa e de intervenção em curso e aos projetos em construção.

# **Appel à communications pour le 5<sup>ème</sup> Congrès de la Société internationale d'ergologie, Travail, Patrimoine et Développements, Porto.**

*L'Ergologie, du verbe grec «ergastesθai», faire, agir, est une démarche d'approche de l'activité humaine, notion à situer à mi-chemin entre une autre notion plus générale qui l'englobe, la vie, et une de ses formes plus spécifiée, le travail. Par rapport à la vie en général, l'activité se définit dans sa confrontation permanente, son débat dans un champ de normes, produites au cours de l'histoire humaine et sociale, qui s'intriquent dans toute situation de vie humaine, entrecroisant des valeurs «dimensionnées», marchandes, et des valeurs «sans dimension» (justice, égalité, solidarité,...). Toute situation de travail apparaît donc toujours comme un concentré d'histoire et l'activité comme la dramatique d'une histoire en (ré)élaboration. «Démarche» signifie qu'il ne s'agit pas d'une discipline nouvelle, mais d'une manière de retravailler les savoirs existants en fonction des exigences du concept d'activité.*

La démarche de l'Ergologie offre-t-elle une approche pertinente dans le champ des questions intégrant le travail, le patrimoine et le développement? Dans quelle mesure sa contribution est-elle singulière et innovante?

Afin d'établir un bilan et de tracer des perspectives, le principal objectif du 5ème Congrès de la SIE est de mettre en débats, au cours de trois journées, les travaux qui, en plusieurs lieux du monde, ont fait l'option de s'engager dans cette réflexion, tout en ayant parfois privilégié auparavant d'autres cadres de référence. La diversité des approches constituera un atout essentiel de cette rencontre qui se veut donc pluridisciplinaire.

L'interrogation de départ admet trois présupposés:

- Il est fécond d'articuler les activités de travail et les ressources du patrimoine, et de les mettre en synergie avec les initiatives de développement qui se veulent endogènes;
- L'ergologie offre un outillage conceptuel et méthodologique susceptible de soutenir et stimuler ces synergies (l'«activité», les réserves d'alternatives, les projets-héritages, les «normes antécéduentes», les «renormalisations», les «valeurs dimensionnées», les «valeurs non-dimensionnées», le «corps-soi», les Groupes de Rencontres du Travail/GRT,...);
- De ce point de vue, l'ergologie pourrait contribuer à mieux penser les articulations entre initiatives endogènes et apports exogènes.

À cela s'ajoutent quelques hypothèses:

- Les sociétés humaines disposent d'un patrimoine qui est à la fois le produit de leur développement historique et le fondement de leur développement à venir;
- Le patrimoine d'une collectivité humaine est une réalité vivante, matérielle et immatérielle, produite par l'ensemble des activités de travail qui s'y sont déployées de ses origines à nos jours; la valorisation de l'expérience du travail, passée ou en cours, s'intègre ainsi dans une valorisation du patrimoine des sociétés, quelles qu'elles soient;
- Si l'activité de travail ne procure ni appropriation du milieu, ni maîtrise des situations individuelles et collectives à un niveau minimal de socialisation, il ne saurait exister de processus de développement;

- La dialectique entre les niveaux macro et micro d'analyse, qui se révèle dans le cours du temps, constitue le 'fil rouge' reliant le travail, le patrimoine et le développement. Sans référence au niveau macro, la visibilité et la socialisation de l'ambition transformatrice du patrimoine, construite par l'activité industrieuse, risquent d'être sans fécondité, sans avenir. Mais seul l'ancrage mettant en visibilité les activités concrètes de travail avec leurs réserves d'alternatives est en mesure de légitimer les orientations stratégiques définies pour le(s) développement(s);
- Ces dialectiques sont, nécessairement plurielles, fréquemment en conflit, productrices de patrimoines et de développements historiquement et géographiquement différenciés;
- Les patrimoines de certaines collectivités humaines ont été, et peuvent être, détruits, pillés, dégradés ou dévalorisés par la mise en pratique de conceptions du développement essentiellement orientées par des valeurs «dimensionnées», marchandes.

Ces notions de travail, patrimoine et développement méritent donc une attention particulière, car:

- elles sont présentes dans **plusieurs disciplines académiques**, recevant de nombreuses définitions pouvant se compléter, mais aussi se contredire;
- elles sont pluridisciplinaires et exigent la mise en **dialogue de nombreuses approches**, ce qui n'est pas toujours aisément à mettre en œuvre;
- **elles ne sauraient être pensées en «extériorité»**, autrement dit: elles nécessitent, dans leur définition même, d'intégrer les savoirs investis dans les activités de ceux qui travaillent et se veulent acteurs d'un patrimoine et bénéficiaires d'un développement; et le **«point de vue de l'activité»**, ici essentiel, n'est jamais simple à faire surgir;
- elles mêlent étroitement une visée analytique, de production de connaissances, ce qui renvoie à des questions de nature épistémologique, et une visée normative qui pose la question de la gouvernementalité des personnes et des groupes sociaux, ce qui renvoie nécessairement au **champ du politique**.

Ce cadre de réflexion devrait enrichir les échanges d'expériences et d'analyses – la finalité étant de mieux comprendre les mécanismes par lesquels des ressources et des dynamiques endogènes et exogènes permettent, ou non, de construire des approches pertinentes et opérantes pour le développement. Cela autorisera la production d'un bilan, afin de donner une nouvelle visibilité aux activités de recherche et d'intervention en cours et aux projets en construction.

## comissão organizadora / commission organisatrice

### **Liliana Cunha**

Centro de Psicologia da  
Universidade do Porto,  
FPCEUP, Portugal

### **Marta Santos**

Centro de Psicologia da  
Universidade do Porto,  
FPCEUP, Portugal

### **Renato Di Ruzza**

Aix- Marseille  
Université, France

### **Daniel Silva**

Centro de Psicologia da  
Universidade do Porto,  
FPCEUP, Portugal

### **Ingrid Dromard**

Centre Gilles Gaston  
Granger, Aix-Marseille  
Université, France

### **Camilo Valverde**

Faculdade de  
Economia e Gestão,  
Universidade Católica  
Portuguesa, Portugal

### **Marianne Lacomblez**

Centro de Psicologia da  
Universidade do Porto,  
FPCEUP, Portugal

### **Cláudia Pereira**

Centro de Psicologia da  
Universidade do Porto,  
FPCEUP, Portugal

### **Vanessa Rodrigues**

Instituto de Sociologia,  
Universidade do  
Porto, Portugal

## comissão científica / commission scientifique

### **Laurence Belliès**

Airbus et Aix- Marseille  
Université, France

### **João Caramelo**

Centro de Investigação e  
Intervenção Educativas,  
FPCEUP, Portugal

### **Alvaro Casas**

Administración Nacional  
de Educación Pública,  
Uruguay

### **Christine Castejon**

### **Daisy Cunha**

Universidade Federal de  
Minas Gerais, Brasil

### **Liliana Cunha**

Centro de Psicologia da  
Universidade do Porto,  
FPCEUP, Portuga

### **Renato Di Ruzza**

Aix- Marseille  
Université, France

### **Ingrid Dromard**

Centre Gilles Gaston  
Granger, Aix- Marseille  
Université, France

### **Louis Durrive**

Université de  
Strasbourg, France

### **Luísa Fernanda**

Delgado Universidad  
Autónoma Metropolitana  
Unidad Xochimilco, México

### **Rafael Gomes**

Universidade Federal do  
Espírito Santo, Brasil

### **Edna Goulart**

Universidade Federal  
do Piauí, Brasil

### **Rémy Jean**

**Marianne Lacomblez**  
Centro de Psicologia da  
Universidade do Porto,  
FPCEUP, Portugal

### **Teresa Medina**

Centro de Investigação e  
Intervenção Educativas,  
FPCEUP, Portugal

### **José Manuel Mendes**

Centro de Estudos Sociais,  
FEUC, Universidade de  
Coimbra, Portugal

### **Abdallah Nouroudine**

Centre National d'Analyse  
et de Recherche sur les  
Politiques Publiques  
et Université des  
Comores, Comore

### **Simone Oliveira**

Escola Nacional de Saúde  
Pública, FIOCRUZ, Rio  
de Janeiro, Brasil

### **Sérgio Portella**

FIOCRUZ, Rio de  
Janeiro, Brasil

### **Ananyr Porto Fajardo**

Grupo Hospitalar Conceição,  
Porto Alegre, Brasil

### **Sara Ramos**

ISCTE e Dinâmia'CET,  
Instituto Universitário  
de Lisboa, Portugal

### **Tine Roth**

Centre Gilles Gaston  
Granger, Aix-Marseille  
Université, France

### **Patrick Ryvalski**

Institut fédéral des hautes  
études en formation  
professionnelle, Suisse

### **Marta Santos**

Centro de Psicologia da  
Universidade do Porto,  
FPCEUP, Portugal

### **Yves Schwartz**

Aix-Marseille  
Université, France

### **Catarina Silva**

Laboratório de Ergonomia,  
FMH, Universidade de  
Lisboa, Portugal

### **Abdesselam Taleb**

Université de  
Tlemcen, Algérie

### **Camilo Valverde**

Faculdade de  
Economia e Gestão,  
Universidade Católica  
Portuguesa, Portugal

### **Maristela Vargas Losekann**

Grupo Hospitalar Conceição,  
Porto Alegre, Brasil

### **Mariana Veríssimo**

PUC-Minas e FAE-  
UFMG, Brasil

## índice / indice

<b>Comprendre et agir pour le patrimoine et le développement selon une approche ergologique.</b>	Abdallah Nouroudine	27
<b>Qu'est-ce que le développement endogène du point de vue du travail?</b>	Renato Di Ruzza	33
<b>Desastres, trabalho e comunidades: dispositivos de base territoriais.</b>	Simone Oliveira & Sergio Portella	39
<b>Le point de vue du travail et les ressources du patrimoine industriel pour penser la conception, l'innovation et le développement.</b>	Laurence Belliès	47
<b>Saúde, trabalho e subjetividade em tempos de plataformas digitais: patrimônios e possibilidades a partir de um olhar sobre a atividade.</b>	Denise Alvarez, Cirlene Christo, Letícia Pessoa Masson & Simone Santos Oliveira	54
Para outros desenvolvimentos: conflitos sociais e o papel do movimento sindical/e o papel dos movimentos sociais.	Teresa Medina	—
(Re)aprender a trabalhar no território – Transformações do trabalho e dos saberes do/no desenvolvimento local e comunitário.	João Caramelo	—
<b>Paradoxo do pertencimento e não-pertencimento.</b>	Maria Cecília Souza-e-Silva	61
<b>El pensamiento pedagógico de Pedro Figari (Uruguay, 1861-1938). Principales aristas.</b>	Alvaro Casas	66
<b>A ergologia nos estudos brasileiros: uma análise bibliométrica da produção acadêmica nacional.</b>	Sabrina Oliveira de Figueiredo & Mônica de Fátima Bianco	74
<b>Reflexões acerca de um simpósio ergológico latino-americano de ergologia em Porto Seguro na UFSB/BA.</b>	Mariana Veríssimo, Enio Rodrigues da Silva, Jurandir Soares da Silva, Deise de Souza Dias, Luiz Guilherme de Lima e Souza	83
<b>Avanços e perspectivas da Ergologia no Rio Grande do Sul, Brasil.</b>	Maristela Vargas Losekann & Maria Clara Bueno Fischer	91
<hr/>		
Os textos das comunicações integram resumos em português, espanhol e francês. Os autores são inteiramente responsáveis pela qualidade das traduções destes resumos.		Les textes des communications intègrent des résumés en portugais, espagnol et français. Les auteurs sont entièrement responsables de la qualité de ces traductions.
A ordem dos textos das comunicações segue a da sua apresentação, tal como previsto no programa do Congresso.		L'ordre des textes des communications suit celui de leur présentation tel que prévu dans le programme du Congrès.
As comunicações assinaladas com a cor cinza não se encontram associados os textos que lhes serviram de suporte, por decisão dos autores.		Aux communications indiquées de couleur grise, ne sont pas associées de texte servant de support, sur décision des auteurs.

<b>Mortes por Acidente de Trabalho e Política de Saúde e Segurança na indústria de petróleo e gás: o ponto de vista da atividade.</b>	Hilka Guida, Marcelo Figueiredo & Elida Azevedo Henniton	—
<b>Trabalho e educação: discursos e valores sem dimensão.</b>	Silma Mendes	97
<b>O acidente com a plataforma de petróleo Deepwater Horizon, para além das causas imediatas.</b>	Marcelo Figueiredo, Denise Alvarez, Ricardo Adams & Maria Laura Lacerda	102
<b>O trabalho em saúde na resposta ao rompimento das barragens da Vale S/A em Minas Gerais (BR) em 2015 e 2019: reflexões sobre o agir em competências em situações de emergências e desastres.</b>	Simone Oliveira & Denize Nogueira	109
<b>As práticas linguageiras na atividade laboral do docente psicólogo: cenografia e ethos como imagem de si.</b>	Keila Schermack & Ernani Freitas	115
<b>Gestão de si na atividade de trabalho: as dramáticas reveladas no dizer do tradutor intérprete de língua de sinais portuguesa.</b>	Elaine Ribeiro & Ernani Freitas	122
<b>O agir em competência: notas sobre a atividade empreendedora em coworking.</b>	Gislene Haubrich, Eliane dos Santos & Ernani Freitas	128
<b>Das possibilidades de transmissão: o conto literário como narrativa da pesquisa sobre terceirização do setor elétrico brasileiro.</b>	Laís Rabelo & Vanessa Barros	135
<b>A tessitura do diálogo entre os Saberes Primevos dos caboclos do Baixo Amazonas e os Saberes Investidos no corpo-si.</b>	Denilson Pereira & Mariana Veríssimo	141
<b>Discursos constitutivos da atividade docente: relações entre trabalho, patrimônio e desenvolvimento.</b>	Fátima Pessoa	148
<b>As enfermeiras e a doação de órgãos: uma análise qualitativa da atividade com potenciais doadores em um hospital do brasil.</b>	Andréa Gomes, Cristine Maria Warmling, Evelise Rigone de Faria & Ananyr Porto Fajardo	—
<b>Institutos Federais e o desenvolvimento territorial: construindo saberes a partir da abordagem ergológica.</b>	Josiane Krebs, Maria Clara Fischer, Ednaldo Pereira e Guilherme Oliveira	156
<b>Análise da atividade de uma família produtora de café especial na forquilha do Rio – ES/MG.</b>	Gabriel Dias & Ueberson Ribeiro Almeida	163
<b>Educação permanente de gestores da saúde a partir da análise do trabalho: relato de experiência.</b>	Francini Guizardi & Ana Silvia Lemos	—
<b>O trabalho do motorista de aplicativo pelo olhar da ergologia no cenário brasileiro: normas, renormalizações e formação de coletivos.</b>	Rayana Vinagre, Mayara Henriques, Raquel Andrade & Denise Alvarez	169
<b>Atividade dos trabalhadores no processo de compostagem de uma instituição pública no brasil.</b>	Hugo Gama, Samara Nascimento, Talita Coelho & Simone Oliveira	176
<b>Certificação profissional e os saberes do trabalho a partir do olhar dos produtores de leite da cidade de Ceres – Goias.</b>	Cláudia Barros & Jussimária dos Santos	—

<b>Dramáticas do uso de si no trabalho de jornalistas do interior: um estudo ergológico em uma redação de jornal de pequeno porte.</b>	Julia Blank & Ernani Freitas	184
<b>Experiências de análise clínica do trabalho no Rio de Janeiro.</b>	Cláudia Osório, Christine Conceição & Ana Armaroli	189
<b>Quando o trabalho é o património de uma região: como pensar o desenvolvimento de um "projet-héritage"?</b>	Liliana Cunha, Daniel Silva & Marianne Lacomblez	195
<b>Perception, place et transmission de gestes professionnels en formation d'adultes.</b>	Patrick Rywalski	202
<b>Memória, história e devir: diálogo entre o patrimônio de saberes do “social” e da saúde mental.</b>	Edna Goulart Joazeiro & Laína Araújo	209
<b>Saberes subterrâneos: um estudo ergológico do trabalho de abatimento de choco.</b>	Luciana dos Santos, Admardo Júnior & Daisy Cunha	216
<b>Entre o recurso à automação e a experiência de uso de si: o que faz património?</b>	Daniel Silva & Liliana Cunha	222
<b>Os conhecimentos como património individual e coletivo nos contextos de trabalho.</b>	Cláudia Pereira, Catherine Delgoulet & Marta Santos	230
<b>Transformação digital no serviço público: qual o lugar da atividade e da experiência na conceção de desenvolvimento?</b>	Sacha Pinheiro, Marta Santos & Liliana Cunha	237
<b>A transposição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial: as dramáticas de si do professor sob o enfoque ergo-dialógico.</b>	Márcia Cristina Neves Voges & Maria da Glória Corrêa Di Fanti	245
<b>Ambientes de trabalho em saúde e ergologia – articulações concetuais produtivas.</b>	Flávia Ramos, Laura Brehmer, Darlisom Ferreira, Micherlan Silva, Giane Santo-Melo & Sabrina Faust	252
<b>Trois interventions ergologiques dans le domaine de la santé.</b>	Christine Halapi, Véronique Haberey-Knuessi, Marie-Hélène Dassa, Josiane Jenczack & Louis Durrive	259
<b>A reforma curricular da educação profissional e o trabalho docente: possibilidades, limites e contradições.</b>	Néri Júnior	266
<b>Dispositif d'analyse de l'activité des enseignants en prise avec la transmission des valeurs républicaines.</b>	Jean-Luc Denny	272
<b>A complexa relação entre trabalhar, aprender, saber no âmbito do estágio obrigatório do curso de Pedagogia.</b>	Kênia Melo	278
<b>Contribuições da ergologia para análise da atividade de trabalho de enfermeiros docentes na educação profissional.</b>	Maristela Vargas Losekann & Maria Clara Bueno Fischer	285
<b>Experiência de vida e de trabalho do professor readaptado.</b>	Núbia Lemes	292

<b>O trabalho docente no Integrado do IFRS: questões dialógicas e ergológicas.</b>	Maíra Gomes & Maria da Glória Di Fanti	299
<b>Notas ergológicas sobre a atividade de trabalho dos agentes de trânsito no Município de Betim – MG</b>	Angélica Costa & Admardo Junior	305
<b>Uma análise ergológica da atividade dos agentes de trânsito no Município de Vitória, ES-Brasil.</b>	Luana Santos & Mônica Bianco	310
<b>Saberes da experiência como patrimônio da atividade de trabalho policial militar no Brasil.</b>	Ueberson Ribeiro Almeida & Ednéia Vieira Serrano	316
<b>Desafios para a análise coletiva da atividade de trabalho: intervenções com a Polícia Militar do Espírito Santo.</b>	Janice Magalhães, Thiago Drumond, Rafael Gomes & Ednéia Serrano	322
<b>Egogestão ou Ergogestão? Análise da gestão em um hospital psiquiátrico universitário na perspectiva ergológica.</b>	Leonardo Telles, Simone Oliveira & Lúcia Rotenberg	327
<b>O caráter clínico-não-clínico da Ergologia em inter-relação com a Psiquiatria.</b>	Enio Rodrigues da Silva	335
<b>Ingredientes da competência e o exercício da função apoio institucional na gestão federal da atenção primária à saúde, Brasil.</b>	Ana Silvia Lemos, Francini Guizardi, Felipe Machado & Leonardo de Souza	—
<b>Matriciamento e os desafios para a saúde mental: contribuições da abordagem ergológica.</b>	Francisca Cardoso & Edna Goulart Joazeiro	341
<b>Programa de formação em saúde, trabalho e ambiente para trabalhadores: a importância de considerar os saberes investidos.</b>	Luciana Gomes	347
<b>L’ergologie comme outil de prévention primaire des risques psycho sociaux.</b>	Christine Martin	353
<b>Prendre en compte l’expérience des personnes âgées dans l’amélioration des services les concernant: un défi méthodologique convoquant le patrimoine ergologique.</b>	Tine Roth & Ingrid Dromard	360
<b>Trajetórias de longo vínculo institucional de trabalhadores em um hospital público: a gestão da educação permanente.</b>	Carolina Gasperin, Cristine Maria Warmling & Ananyr Porto Fajardo	—
<b>Pesquisa-intervenção formativa: o que é, para quê, por quê? O caso dos Agentes de Combate a Endemias em São Paulo, Brasil.</b>	Ana Yara Paulino, Rodolfo Vilela & Luciana Morgado	366
<b>A produção de conhecimento com trabalhadores: interlocuções com o diálogo freireano e o DD3P.</b>	Maria Clara Bueno Fischer	371
<b>A formação no campo do “social”, desigualdade social e políticas públicas: história, epistemocidade e temporalidades.</b>	Edna Goulart Joazeiro	378

**Programa  
Congresso SIE.  
7 – 17 maio, 2021,  
Porto.**

Semana 1 → Dia 1 → sexta-feira → **7 de maio**

Sessão Plenária 1 → Presidente → Marianne Lacomblez

FR	PT	BR	
14:00	13:00	9:00	Luisa Faria, Diretora da FPCEUP: <b>Abertura do Congresso</b>
14:00	13:10	9:10	Liliana Cunha & Marianne Lacomblez: <b>Apresentação do 5º Congresso</b>
14:10	13:20	9:25	Renato Di Ruzza, Yves Schwartz & Magda Scherer: <b>Les Congrès de la SIE</b>
14:30	13:40	9:40	Abdallah Nouroudine: <b>Comprendre et agir pour le patrimoine et le développement selon une approche ergologique</b>
15:00	14:10	10:10	Renato Di Ruzza: <b>Qu'est-ce que le développement endogène du point de vue du travail?</b>
15:30	14:40	10:40	Simone Oliveira & Sergio Portella: <b>Desastres, trabalho e comunidades</b>
16:00	15:10	11:10	Laurence Belliès: <b>Le point de vue du travail et les ressources du patrimoine industriel pour penser la conception, l'innovation et le développement</b>
16:30	15:40	11:40	<b>Debate</b>

Sessão Plenária 2 → Presidente → Liliana Cunha

17:00	16:00	12:00	Denise Alvarez, Cirlene Christo, Letícia Pessoa Masson & Simone Santos Oliveira: <b>Saúde, trabalho e subjetividade em tempos de plataformas digitais: patrimônios e possibilidades a partir de um olhar sobre a atividade</b>
17:30	16:30	12:30	Teresa Medina: <b>Para outros desenvolvimentos: conflitos sociais e o papel do movimento sindical/e o papel dos movimentos sociais</b>
18:00	17:00	13:00	João Caramelo: <b>(Re)aprender a trabalhar no território – Transformações do trabalho e dos saberes do/no desenvolvimento local e comunitário</b>
18:30	17:30	13:30	Maria Cecília Souza-e-Silva: <b>Paradoxo do pertencimento e não-pertencimento</b>
19:00	18:00	14:00	Alvaro Casas: <b>El pensamiento pedagógico de Pedro Figari (Uruguay, 1861-1938). Principales aristas</b>
19:30	18:30	14:30	<b>Debate</b>

Semana 2 → Dia 2 → segunda-feira → **10 de maio**

Sessões Paralelas

FR	PT	BR	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Sessão 1 → Debater o património da ergologia para pensar o seu futuro</b> Presidente → Magda Scherer Relator → Marta Santos
16:30	15:30	11:30	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Sabrina Oliveira de Figueiredo &amp; Mônica de Fátima Bianco: A ergologia nos estudos brasileiros: uma análise bibliométrica da produção acadêmica nacional</b>
16:30	15:30	11:30	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Mariana Veríssimo et al.: Reflexões acerca de um simpósio ergológico latino-americano de ergologia em Porto Seguro na UFSB/BA</b>
16:30	15:30	11:30	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Maristela Vargas Losekann &amp; Maria Clara Bueno Fischer: Avanços e perspectivas da Ergologia no Rio Grande do Sul, Brasil</b>
16:30	15:30	11:30	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	
16:30	15:30	11:30	<b>Simone Oliveira &amp; Denize Nogueira: O trabalho em saúde na resposta ao rompimento das barragens da Vale S/A em Minas Gerais (BR) em 2015 e 2019: reflexões sobre o agir em competências em situações de emergências e desastres</b>
16:30	15:30	11:30	<b>Debate</b>

## Semana 2 → Dia 3 → terça-feira → 11 de maio

## Sessões Paralelas

FR	PT	BR	
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Sessão 3 → Como e por quem é dito o patrimônio?</b> Presidente → Rafael Gomes Relator → Maristela Vargas Losekann
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Keila Schermack &amp; Ernani Freitas: As práticas linguageiras na atividade laboral do docente psicólogo: cenografia e ethos como imagem de si</b>
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Elaine Ribeiro &amp; Ernani Freitas: Gestão de si na atividade de trabalho: as dramáticas reveladas no dizer do tradutor intérprete de libras/português</b>
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Gislene Haubrich, Eliane dos Santos &amp; Ernani Freitas: O agir em competência: notas sobre a atividade empreendedora em coworking</b>
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Laís Rabelo &amp; Vanessa Barros: Das possibilidades de transmissão: o conto literário como narrativa da pesquisa sobre terceirização do setor elétrico brasileiro</b>
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Mariana Veríssimo &amp; Denilson Pereira: A tessitura do diálogo entre os Saberes Primeiros dos caboclos do Baixo Amazonas e os Saberes Investidos no corpo-si</b>
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Fátima Pessoa: Discursos constitutivos da atividade docente: relações entre trabalho, patrimônio e desenvolvimento</b>
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Andréa Gomes, Cristine Maria Warming, Evelise Rigone de Faria &amp; Anany Porto Fajardo: As enfermeiras e a doação de órgãos: uma análise qualitativa da atividade com potenciais doadores em um hospital do Brasil</b>
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Josiane Krebs, Maria Clara Fischer, Ednaldo Pereira &amp; Guilherme Oliveira: Institutos Federais e o desenvolvimento territorial: construindo saberes a partir da abordagem ergológica</b>
14:00 / 17:00	13:00 / 16:00	9:00 / 12:00	<b>Patrick Rywalski: Perception, place et transmission de gestes professionnels en formation d'adultes</b>
17:00	16:00	12:00	<b>Debate</b>

Semana 2 → Dia 4 → quarta-feira → 12 de maio

## Sessões Paralelas

FR	PT	BR	
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	<b>Sessão 6 → Debater o património da ergologia a partir da análise do trabalho docente</b> Presidente → Ana Luísa Telles Relator → João Caramelo
			<b>Sessão 7 → Debater o património da ergologia na análise do trabalho de controlo, vigilância e regulação no espaço público</b> Presidente → Joana Castelhano Relator → Luísa Fernanda Delgado
			<b>Sessão 8 → Debater o património da ergologia na análise do trabalho em cuidados de saúde</b> Presidente → Sergio Portella Relator → Simone Oliveira
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	<b>Néri Júnior: A reforma curricular da educação profissional e o trabalho docente: possibilidades, limites e contradições</b>
			Angélica Costa & Admardo Junior: <b>Notas ergológicas sobre a atividade de trabalho dos agentes de trânsito no Município de Betim – MG</b>
			Leonardo Telles, Simone Oliveira & Lucia Rotenberg: <b>Egogestão ou Ergogestão? Análise da gestão em um hospital psiquiátrico universitário na perspectiva ergológica</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	<b>Jean-Luc Denny: Dispositif d'analyse de l'activité des enseignants en prise avec la transmission des valeurs républicaines</b>
			Luana Santos & Mônica Bianco: <b>Uma análise ergológica da atividade dos agentes de trânsito no Município de Vitória, ES-Brasil</b>
			Enio Rodrigues da Silva: <b>O caráter clínico-não-clínico da Ergologia em inter-relação com a Psiquiatria</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	<b>Kênia Melo: A complexa relação entre trabalhar, aprender, saber no âmbito do estágio obrigatório do curso de Pedagogia</b>
			Ueberson Almeida & Ednênia Serrano: <b>Saberes da experiência como patrimônio da atividade de trabalho policial militar no Brasil</b>
			Ana Silvia Lemos, Francini Guizardi, Felipe Machado & Leonardo de Souza: <b>Ingredientes da competência e o exercício da função apoio institucional na gestão federal da atenção primária à saúde, Brasil</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	<b>Maristela Losekann &amp; Maria Clara Fischer: Contribuições da ergologia para análise da atividade de trabalho de enfermeiros docentes na educação profissional</b>
			Janice Magalhães, Thiago Drumond, Rafael Gomes & Ednênia Serrano: <b>Desafios para a análise coletiva da atividade de trabalho: intervenções com a Polícia Militar do Espírito Santo</b>
			Francisca Cardoso & Edna Goulart: <b>Matriciamento e os desafios para a saúde mental: contribuições da abordagem ergológica</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	<b>Núbia Lemes: Experiência de vida e de trabalho do professor readaptado</b>
			Luciana Gomes: <b>Programa de formação em saúde, trabalho e ambiente para trabalhadores: a importância de considerar os saberes investidos</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	<b>Maíra Gomes &amp; Maria da Glória Di Fanti: O trabalho docente no Integrado do IFRS: questões dialógicas e ergológicas</b>
			Christine Martin: <b>L'ergologie comme outil de prévention primaire des risques psycho sociaux</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	
			Carolina Gasperin, Cristine Maria Warmling & Anany Porto Fajardo: <b>Trajetórias de longo vínculo institucional de trabalhadores em um hospital público: a gestão da educação permanente</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	
			Ana Yara Paulino, Rodolfo Vilela & Luciana Morgado: <b>Pesquisa-intervenção formativa: o que é, para quê, por quê? O caso dos Agentes de Combate a Endemias em São Paulo, Brasil</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	<b>Debate</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 11:30	<b>Assembleia Geral da SIE</b>

Semana 2 → Dia 5 → sexta-feira → **14 de maio**

Sessões Plenárias 3, 4 e 5

FR	PT	BR	
14:00 /	13:00 /	8:00 /	<b>Síntese dos relatores das sessões do dia 2 – sessões 1 e 2 – e Debates</b> Presidente → Teresa Medina
15:30	14:30	9:30	
15:45 /	14:45 /	9:45 /	<b>Síntese dos relatores das sessões do dia 3 – sessões 3, 4 e 5 – e Debates</b> Presidente → Mariana Veríssimo
17:15	16:15	11:15	
17:30 /	16:30 /	11:30 /	<b>Síntese dos relatores das sessões do dia 4 – sessões 6, 7 e 8 – e Debates</b> Presidente → Edna Goulart
18:45	17:45	12:45	

Semana 3 → Dia 6 → segunda-feira → **17 de maio**

Sessão Plenária 6 → Presidente → Abdallah Nouroudine

FR	PT	BR	
14:00	13:00	9:00	Maria Clara Bueno Fischer: <b>Aproximações, diferenças e complementaridades entre Ergologia e Educação Popular: notas para reflexão</b>
14:30	13:00	9:30	Edna Goulart: <b>A formação no campo do “social”, desigualdade social e políticas públicas: história, epistemicidade e temporalidades</b>
15:00	14:00	10:00	<b>Debate</b>
15:30	14:30	10:30	<b>Pausa café</b>
15:45	14:45	10:45	Yves Schwartz, Marianne Lacomblez e Liliana Cunha: <b>Discussão geral e conclusões</b>
16:30	15:30	11:30	<b>Encerramento do Congresso</b>

# **Programme Congrès SIE. 7 – 17 mai, 2021, Porto.**

Semaine 1 → Jour 1 → vendredi → **7 mai**

Session Plénière 1 → **Présidente** → Marianne Lacomblez

FR	PT	BR	
14:00	13:00	9:00	Luisa Faria, Directrice de la FPCEUP: <b>Abertura do Congresso</b>
14:00	13:10	9:10	Liliana Cunha & Marianne Lacomblez: <b>Présentation du 5<sup>ème</sup> Congrès</b>
14:10	13:20	9:25	Renato Di Ruzza, Yves Schwartz & Magda Scherer: <b>Les Congrès de la SIE</b>
14:30	13:40	9:40	Abdallah Nouroudine: <b>Comprendre et agir pour le patrimoine et le développement selon une approche ergologique</b>
15:00	14:10	10:10	Renato Di Ruzza: <b>Qu'est-ce que le développement endogène du point de vue du travail?</b>
15:30	14:40	10:40	Simone Oliveira & Sergio Portella: <b>Desastres, trabalho e comunidades</b>
16:00	15:10	11:10	Laurence Belliès: <b>Le point de vue du travail et les ressources du patrimoine industriel pour penser la conception, l'innovation et le développement</b>
16:30	15:40	11:40	<b>Débat</b>

Session Plénière 2 → **Présidente** → Liliana Cunha

17:00	16:00	12:00	Denise Alvarez, Cirlene Christo, Letícia Pessoa Masson & Simone Santos Oliveira: <b>Saúde, trabalho e subjetividade em tempos de plataformas digitais: patrimônios e possibilidades a partir de um olhar sobre a atividade</b>
17:30	16:30	12:30	Teresa Medina: <b>Para outros desenvolvimentos: conflitos sociais e o papel do movimento sindical/e o papel dos movimentos sociais</b>
18:00	17:00	13:00	João Caramelo: <b>(Re)aprender a trabalhar no território – Transformações do trabalho e dos saberes do/no desenvolvimento local e comunitário</b>
18:30	17:30	13:30	Maria Cecília Souza-e-Silva: <b>Paradoxo do pertencimento e não-pertencimento</b>
19:00	18:00	14:00	Alvaro Casas: <b>El pensamiento pedagógico de Pedro Figari (Uruguay, 1861-1938). Principales aristas</b>
19:30	18:30	14:30	<b>Débat</b>

Semaine 2 → Jour 2 → lundi → **10 mai**

Sessions Parallèles

FR	PT	BR	
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 12:00	<b>Session 1 → Débattre le patrimoine de l'ergologie pour penser son futur</b> Présidente → Magda Scherer Rapporteure → Marta Santos
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 12:00	Sabrina Oliveira de Figueiredo & Mônica de Fátima Bianco: <b>A ergologia nos estudos brasileiros: uma análise bibliométrica da produção acadêmica nacional</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 12:00	Mariana Veríssimo et al.: <b>Reflexões acerca de um simpósio ergológico latino-americano de ergologia em Porto Seguro na UFSB/BA</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 12:00	Maristela Vargas Losekann & Maria Clara Bueno Fischer: <b>Avanços e perspectivas da Ergologia no Rio Grande do Sul, Brasil</b>
14:00 / 16:30	13:00 / 15:30	9:00 / 12:00	
16:30	15:30	11:30	<b>Débat</b>

## Semaine 2 → Jour 3 → mardi → 11 mai

## Sessions Parallèles

FR	PT	BR	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Session 3 → Comment et par qui est dit le patrimoine?</b> Présidente → Rafael Gomes Rapporteure → Maristela Vargas Losekann
17:00	16:00	12:00	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Keila Schermack &amp; Ernani Freitas: As práticas linguageiras na atividade laboral do docente psicólogo: cenografia e ethos como imagem de si</b>
17:00	16:00	12:00	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Elaine Ribeiro &amp; Ernani Freitas: Gestão de si na atividade de trabalho: as dramáticas reveladas no dizer do tradutor intérprete de libras/português</b>
17:00	16:00	12:00	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Gislene Haubrich, Eliane dos Santos &amp; Ernani Freitas: O agir em competência: notas sobre a atividade empreendedora em coworking</b>
17:00	16:00	12:00	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Laís Rabelo &amp; Vanessa Barros: Das possibilidades de transmissão: o conto literário como narrativa da pesquisa sobre terceirização do setor elétrico brasileiro</b>
17:00	16:00	12:00	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Mariana Veríssimo &amp; Denilson Pereira: A tessitura do diálogo entre os Saberes Primeiros dos caboclos do Baixo Amazonas e os Saberes Investidos no corpo-si</b>
17:00	16:00	12:00	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Fátima Pessoa: Discursos constitutivos da atividade docente: relações entre trabalho, patrimônio e desenvolvimento</b>
17:00	16:00	12:00	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Andréa Gomes, Cristine Maria Warming, Evelise Rigone de Faria &amp; Anany Porto Fajardo: As enfermeiras e a doação de órgãos: uma análise qualitativa da atividade com potenciais doadores em um hospital do Brasil</b>
17:00	16:00	12:00	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Josiane Krebs, Maria Clara Fischer, Ednaldo Pereira &amp; Guilherme Oliveira: Institutos Federais e o desenvolvimento territorial: construindo saberes a partir da abordagem ergológica</b>
17:00	16:00	12:00	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Patrick Rywalski: Perception, place et transmission de gestes professionnels en formation d'adultes</b>
17:00	16:00	12:00	<b>Débat</b>

Semaine 2 → Jour 4 → mercredi → 12 mai

## Sessions Parallèles

FR	PT	BR	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Sessão 6 → Débattre le patrimoine de l'ergologie à partir de l'analyse du travail enseignant</b> Présidente → Ana Luísa Telles Rapporteur → João Caramelo
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	<b>Sessão 7 → Débattre le patrimoine de l'ergologie dans l'analyse du travail de contrôle, suivi et régulation de l'espace public</b> Présidente → Joana Castelhano Rapporteur → Lúisa Fernanda Delgado
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Néri Júnior: A reforma curricular da educação profissional e o trabalho docente: possibilidades, limites e contradições</b>
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	Angélica Costa & Admardo Junior: <b>Notas ergológicas sobre a atividade de trabalho dos agentes de trânsito no Município de Betim – MG</b>
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Jean-Luc Denny: Dispositif d'analyse de l'activité des enseignants en prise avec la transmission des valeurs républicaines</b>
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	Luana Santos & Mônica Bianco: <b>Uma análise ergológica da atividade dos agentes de trânsito no Município de Vitória, ES-Brasil</b>
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Kênia Melo: A complexa relação entre trabalhar, aprender, saber no âmbito do estágio obrigatório do curso de Pedagogia</b>
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	Ueberson Almeida & Ednênia Serrano: <b>Saberes da experiência como patrimônio da atividade de trabalho policial militar no Brasil</b>
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Maristela Losekann &amp; Maria Clara Fischer: Contribuições da ergologia para análise da atividade de trabalho de enfermeiros docentes na educação profissional</b>
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	Janice Magalhães, Thiago Drumond, Rafael Gomes & Ednênia Serrano: <b>Desafios para a análise coletiva da atividade de trabalho: intervenções com a Polícia Militar do Espírito Santo</b>
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Núbia Lemes: Experiência de vida e de trabalho do professor readaptado</b>
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	Luciana Gomes: <b>Programa de formação em saúde, trabalho e ambiente para trabalhadores: a importância de considerar os saberes investidos</b>
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Maíra Gomes &amp; Maria da Glória Di Fanti: O trabalho docente no Integrado do IFRS: questões dialógicas e ergológicas</b>
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	Christine Martin: <b>L'ergologie comme outil de prévention primaire des risques psycho sociaux</b>
14:00 /	13:00 /	9:00 /	
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	Carolina Gasperin, Cristine Maria Warmling & Ananyr Porto Fajardo: <b>Trajetórias de longo vínculo institucional de trabalhadores em um hospital público: a gestão da educação permanente</b>
14:00 /	13:00 /	9:00 /	
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	Ana Yara Paulino, Rodolfo Vilela & Luciana Morgado: <b>Pesquisa-intervenção formativa: o que é, para quê, por quê? O caso dos Agentes de Combate a Endemias em São Paulo, Brasil</b>
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Débat</b>
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	
14:00 /	13:00 /	9:00 /	<b>Assemblée Générale de la SIE</b>
16:30 15:30	15:30 11:30	11:30	

Semaine 2 → Jour 5 → vendredi → **14 mai**

Sessions Plénières 3, 4 e 5

FR	PT	BR	
14:00 /	13:00 /	8:00 /	<b>Synthèses des rapporteur.e.s des sessions du jour 2 – sessions 1 et 2 – et Débats</b> Présidente → Teresa Medina
15:30	14:30	9:30	
15:45 /	14:45 /	9:45 /	<b>Synthèses des rapporteur.e.s des sessions du jour 3 – sessions 3, 4 et 5 – et Débats</b> Présidente → Mariana Veríssimo
17:15	16:15	11:15	
17:30 /	16:30 /	11:30 /	<b>Synthèses des rapporteur.e.s des sessions du jour 4 – sessions 6, 7 et 8 – et Débats</b> Présidente → Edna Goulart
18:45	17:45	12:45	

Semaine 3 → Jour 6 → lundi → **17 mai**

Session Plénière 6 → Présidente → Abdallah Nouroudine

FR	PT	BR	
14:00	13:00	9:00	Maria Clara Bueno Fischer: <b>Aproximações, diferenças e complementaridades entre Ergologia e Educação Popular: notas para reflexão</b>
14:30	13:00	9:30	Edna Goulart: <b>A formação no campo do “social”, desigualdade social e políticas públicas: história, epistemicidade e temporalidades</b>
15:00	14:00	10:00	<b>Débat</b>
15:30	14:30	10:30	<b>Pause café</b>
15:45	14:45	10:45	Yves Schwartz, Marianne Lacomblez e Liliana Cunha: <b>Discussão geral e conclusões</b>
16:30	15:30	11:30	<b>Clôture du Congrès</b>

**Compreender e agir pelo patrimônio  
e o desenvolvimento segundo  
uma abordagem ergológica.**

**Comprender y actuar por el  
patrimonio y el desarrollo desde  
un enfoque ergológico.**

**Comprendre et agir pour le  
patrimoine et le développement  
selon une approche ergologique.**



FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie



### Abdallah Nouroudine

Programme Msomo na Hazi, Formation et Insertion Professionnelle en Union des Comores  
B.P: 18 – Moroni – Comores  
abdanouroudine@yahoo.fr

### Resumo

Esta comunicação aborda a questão de: "Como é que a análise ergológica do património permite repensar o desenvolvimento?" Partindo da definição da UNESCO, propõe-se analisar o patrimônio, não apenas como elemento de tradição, mas sobretudo como atividade humana socializada recriadora desse patrimônio.

São propostas três vias de reflexão sobre o que a ergologia pode nos ensinar sobre o patrimônio: a determinação do sujeito do patrimônio, a relação com as normas no patrimônio e o sentido da transmissão do patrimônio. A análise se recentra, depois, sobre as características do patrimônio que permitem pensar que estamos perante um conceito pertinente para repensar novas abordagens de desenvolvimento endógenas.

A reflexão termina, provisoriamente, com um esforço para tornar coerente a articulação entre o trabalho, o patrimônio e o desenvolvimento.

### Palavras-chave

patrimônio, desenvolvimento,  
norma, sujeito, transmissão

### Resumen

Esta comunicación aborda la cuestión de: "¿Cómo el análisis ergológico del patrimonio permite repensar el desarrollo? ". A partir de la definición de la UNESCO, se propone analizar el patrimonio, no solo como un elemento de tradición, sino sobre todo como una actividad humana socializada que recrea dicho patrimonio.

Se proponen tres vías de reflexión sobre lo que la ergología puede enseñarnos sobre el patrimonio: la determinación del tema del patrimonio, la relación con las normas del patrimonio y el sentido de la transmisión del patrimonio.

El análisis se centra, entonces, en las características del patrimonio que sugieren que estamos en presencia de un concepto relevante para repensar nuevos enfoques de desarrollo endógeno.

La reflexión finaliza, provisionalmente, con un esfuerzo por hacer coherente la articulación entre el trabajo, el patrimonio y el desarrollo.

### Palabras clave

patrimonio, desarrollo, norma, sujeto, transmisión

### Résumé

Cette communication traite de la question de savoir: «en quoi l'analyse ergologique du patrimoine permet de repenser le développement? ». En partant de la définition de l'UNESCO, il est proposé d'analyser le patrimoine,

non pas seulement comme un élément de la tradition, mais surtout en tant qu'activité humaine socialisée re-créatrice dudit patrimoine.

Trois pistes de réflexion sont proposées à propos de ce que l'ergologie peut nous apprendre au sujet du patrimoine: la détermination du sujet du patrimoine, le rapport aux normes dans le patrimoine et le sens de la transmission du patrimoine.

L'analyse se recentre, ensuite, sur les caractéristiques du patrimoine qui permettent de penser que nous sommes en présence d'un concept pertinent pour repenser de nouvelles démarches de développement endogènes.

La réflexion s'achève, provisoirement, par un effort de mise en cohérence de l'articulation entre le travail, le patrimoine et le développement.

### Mots clés

patrimoine, développement, norme, sujet, transmission

### Un préalable

La présente communication est le troisième temps de la poursuite d'une réflexion partagée, d'abord, dans un colloque international tenu à Moroni, ensuite, au dernier Congrès de la Société International d'Ergologie (SIE) à Brasilia. J'espère que j'aurai réussi à enrichir les analyses que je propose sur la thématique abordée tout en évitant, ou tout au moins en limitant, les effets de redondance.

## 1. En quoi le patrimoine constitue-t-il un objet d'étude pertinent pour l'ergologie?

### 1.1. Justification d'une étude ergologique du patrimoine

L'ergologie est une démarche d'analyse du travail et des activités humaines. Ainsi, une condition essentielle pour qu'un objet puisse être étudié selon une approche ergologique, est qu'il puisse être appréhendé en tant qu'activité. Par conséquent, dans une perspective ergologique, le travail, la culture, l'art... sont analysés en tant qu'activité humaine. Cette approche permet à l'ergologie d'être un révélateur de complexité des réalités analysées en y distinguant parmi ses constituants essentiels: l'expérience, le savoir, les valeurs, les normes, les renormalisations... tout autant de choses qui en font des activités humaines.

Partant de là, pour que le patrimoine puisse être un objet d'étude ergologique, il est nécessaire qu'il puisse être analysé en tant qu'activité humaine. A cet effet, il est utile de rappeler que les objets, les pratiques, les pensées et les actes désignés sous le terme de patrimoine sont des créations humaines. Lesquelles im-

pliquent, d'une part, la mobilisation de la pensée et du corps, et d'autre part, des interactions avec les autres, ce qui constitue le patrimoine en tant que réalité sociale. Cela est vrai du patrimoine culturel matériel comme du patrimoine culturel immatériel suivant les définitions de l'UNESCO.

En ce qui concerne le patrimoine culturel: «(...) sont considérés comme "patrimoine culturel": les monuments: œuvres architecturales, de sculpture ou de peinture monumentales, éléments ou structures de caractère archéologique, inscriptions, grottes et groupes d'éléments, qui ont une valeur universelle exceptionnelle du point de vue de l'histoire, de l'art ou de la science; les ensembles: groupes de constructions isolées ou réunies, qui, en raison de leur architecture, de leur unité, ou de leur intégration dans le paysage, ont une valeur universelle exceptionnelle du point de vue de l'histoire, de l'art ou de la science; les sites: œuvres de l'homme ou œuvres conjuguées de l'homme et de la nature, ainsi que les zones y compris les sites archéologiques qui ont une valeur universelle exceptionnelle du point de vue historique, esthétique, ethnologique ou anthropologique» (Convention pour la protection du patrimoine mondial, culturel et nature, Article 1).

En ce qui concerne spécifiquement le patrimoine culturel immatériel: «On entend par "patrimoine culturel immatériel" les pratiques, représentations, expressions, connaissances et savoir-faire - ainsi que les instruments, objets, artefacts et espaces culturels qui leur sont associés - que les communautés, les groupes et, le cas échéant, les individus reconnaissent comme faisant partie de leur patrimoine culturel. Ce patrimoine culturel immatériel, transmis de génération en génération, est recréé en permanence par les communautés et groupes en fonction de leur milieu, de leur interaction avec la nature et de leur histoire, et leur procure un sentiment d'identité et de continuité, contribuant ainsi à promouvoir le respect de la diversité culturelle et la créativité humaine» (Convention pour la sauvegarde du patrimoine culturel immatériel, Article 2).

## 2. Trois pistes de réflexion sur ce que l'ergologie peut nous apprendre du patrimoine

### 2.1. Repenser la question du sujet dans le rapport au patrimoine

L'activité au cœur du patrimoine est une activité socialisée. Autrement dit, le sujet du patrimoine ne saurait être réduit à l'individualité bien que celle-ci soit pleinement impliquée. En effet, tout ce qui relève de la créativité humaine a comme condition nécessaire le déploiement de l'activité à travers des actes qui

mobilisent la pensée, l'imagination, le corps, les sens etc., ce qu'Yves Schwartz a désigné sous le concept de «corps-soi». Le «corps-soi» est lui-même à l'œuvre dans «l'usage de soi» (Schwartz, 1992) tout au long du processus de production du patrimoine. Nous inscrivant dans cette perspective d'analyse, nous proposons de considérer le patrimoine comme un «usage de soi». Et pour aller au bout de cette affirmation, considérons le patrimoine, à la fois comme «usage de soi par soi» et comme «usage de soi par d'autre». Cela signifie que tout patrimoine suppose l'existence d'un sujet individuel et d'un sujet collectif. Le patrimoine est «usage de soi par soi» en tant qu'il mobilise des ressources qui ont leur siège dans le «corps-soi», le sujet individuel agissant et pensant. Mais, il est aussi «usage de soi par d'autres» dans le sens où les actes au travers desquels le patrimoine se constitue sont déployés dans l'interaction avec les autres tout en s'inscrivent dans un contexte multidimensionnel donc à la fois social, économique, artistique, religieux, etc. Le rapport aux autres, qui implique la socialisation de patrimoine, est, lui-même, la traduction de la mobilisation de ressources qui ont leur siège, non plus seulement dans le soi, mais aussi et surtout parmi les autres. On peut établir un parallèle entre, d'une part, le patrimoine (en tant qu'il véhicule et exprime des savoirs, des normes et des valeurs) et le langage, le discours, les énoncés. Auquel cas, on peut s'inspirer de Bakhtine pour éclairer les termes de la problématique du sujet du patrimoine. Selon Bakhtine: «On ne peut attribuer le discours au seul locuteur. L'auteur (le locuteur) a ses droits inaliénables sur le discours, mais l'auditeur a aussi ses droits, et en ont aussi ceux dont les voix résonnent dans les mots trouvés par l'auteur (puisque n'existe pas de mots qui ne soient à personne). Le discours est un drame qui comporte trois rôles (ce n'est pas un duo mais un trio). Il se joue en dehors de l'auteur, et il est inadmissible de l'introjecter en lui» (Bakhtine, cité par Todorov, 1981, p. 83).

Il découle de cela, que le sujet du patrimoine est, dès le départ, un sujet social intégrant le soi, l'autre et les autres. L'expression (ou le langage) de la pensée et des actes du patrimoine est donc formé dans des énoncés à trois voix: celle du locuteur, celle de l'interlocuteur et celle de la société.

Pour aller encore un peu plus loin dans cet ordre d'idée, si le langage du patrimoine est construit sur des énoncés à trois voix, on peut penser qu'en matière de patrimoine, l'autre (la personne ou le groupe cible) et les autres (l'ensemble de la société) agissent, dès le départ du processus de production du patrimoine, sur le soi (à la fois individuel et collectif).

## **2.2. Repenser le rapport aux normes dans le patrimoine**

Dans la définition du patrimoine culturel immatériel citée plus haut, on lit que: «Ce patrimoine culturel immatériel, transmis de génération en génération, est recréé en permanence par les communautés et groupes en fonction de leur milieu, de leur interaction avec la nature et de leur histoire (...).»

Si le patrimoine est «recréé en permanence par les communautés et les groupes», il importe de comprendre le sens de cette recréation. Que font les communautés et les groupes humains quand ils recréent le patrimoine? Ils renormalisent les normes antécédentes du patrimoine. Le patrimoine est une réalité normée, donc structurée et organisée dans le sens où tout patrimoine est traversé par des normes techniques, sociales, culturelles, artistiques, etc. Les normes du patrimoine sont de deux sortes: des normes intrapatrimoniales (les normes apposées dans le patrimoine pendant sa production) et des normes extrapatrimoniales (les normes qui naissent des divers usages sociaux du patrimoine). Parce que le patrimoine est, en quelque sorte, «un acte traditionnel», on pourrait penser à tort que les normes du patrimoine forment un système figé depuis les temps anciens où elles ont été produites. Pour penser autrement les normes au cœur du patrimoine, il faut sans doute suivre Mauss quand il définit la technique: c'est «un acte traditionnel efficace» (Mauss, 1997). Le patrimoine aussi, est un acte traditionnel efficace. Le patrimoine est «traditionnel» grâce à la transmission (sur laquelle nous reviendrons plus loin dans cette réflexion), mais le patrimoine se transmet, et ainsi dure, parce qu'il est, en un certain sens, «efficace». Mais, qu'est-ce qui permet à un «acte traditionnel» de demeurer «efficace» sur un temps long? L'efficacité du patrimoine sur une longue durée s'explique par une actualisation des normes du patrimoine par les groupes sociaux récepteurs du patrimoine dans le processus de sa transmission. Les normes du patrimoine sont ajustées, recentrées, corrigées au fur-et-à-mesure que le patrimoine se transmet au fil des générations. Le patrimoine appartient, ainsi, à des traditions comportant des savoirs, des normes, des valeurs, tous inscrits dans la dynamique de la vie. On peut, alors, penser le patrimoine avec un ingrédient supplémentaire: la renormalisation. Les normes du temps passé, immanentes au patrimoine et à ses usages sociaux sont soumises à la renormalisation du temps présent. Autrement dit, la vie présente réinvente le patrimoine du temps passé grâce à l'évolution des usages. Ces derniers évoluent et, par la même occasion, les normes sont retravaillées et re-

normalisées. Dans le même mouvement, les valeurs du patrimoine changent.

### **2.3. Repenser le sens de la transmission quand il est question du patrimoine**

En abordant le patrimoine comme un «acte traditionnel efficace», on est conduit à revisiter le concept de transmission. Les renormalisations que comporte le patrimoine nous amène à l'idée selon laquelle la transmission du patrimoine traduit un acte d'appropriation. En se référant aux définitions de l'UNESCO concernant le «patrimoine culturel» et le «patrimoine culturel immatériel», on constate que la dimension collective du patrimoine (l'usage de soi par d'autre) est dominante par rapport à sa dimension individuelle (l'usage de soi par soi).

On l'observe dès l'article 2 de la *Convention pour la sauvegarde du patrimoine culturel immatériel* qui définit ce qu'est le patrimoine culturel immatériel: «On entend par "patrimoine culturel immatériel" les pratiques, représentations, expressions, connaissances et savoir-faire - ainsi que les instruments, objets, artefacts et espaces culturels qui leur sont associés - que les communautés, les groupes et, le cas échéant, les individus reconnaissent comme faisant partie de leur patrimoine culturel...».

Dans l'Article 15 de la même Convention on lit que: «Dans le cadre de ses activités de sauvegarde du patrimoine culturel immatériel, chaque Etat partie s'efforce d'assurer la plus large participation possible des communautés, des groupes et, le cas échéant, des individus qui créent, entretiennent et transmettent ce patrimoine, et de les impliquer activement dans sa gestion».

Cela implique, que ce sont des collectifs de vie qui se transmettent le patrimoine au fil des générations. Mais, si le patrimoine change en même qu'il est transmis et approprié par les générations successives, que reste-t-il du patrimoine initialement créé? Si le patrimoine est bien une déclinaison de la tradition (en tant qu'acte traditionnel efficace) dont les normes sont continuellement renormalisées, alors, le patrimoine initial ne se transmet pas à l'identique de génération en génération. Le patrimoine initial se transforme dans le processus de la transmission. Celui qui transmet le patrimoine appose sa signature normative, autrement dit son «style», sur le patrimoine. Mais, dans le processus de la transmission du patrimoine, celui qui reçoit appose, à son tour sa signature normative. C'est ainsi que le patrimoine reçu, est à la fois identique et autre que le patrimoine donné, lequel devient encore, autrement identique et autre, dans le processus continu et indéfini de la transmission. Il découle de cela que l'acte de la transmission ne conserve pas le patrimoine à l'identique, mais le

transforme tout en le sauvegardant. C'est en cela que la transmission du patrimoine comporte nécessairement un acte d'appropriation dans le sens où on prend pour soi et où on procède à des adaptations en vue de l'usage.

### **3. En quoi le patrimoine est-il pertinent pour repenser le développement?**

#### **3.1. Ce qu'il faut entendre par "développement"**

Comme défini dans notre communication de Brasilia, nous entendons par développement, le processus par lequel les conditions de vie de la population s'améliorent en même temps que ses moyens d'existence se perfectionnent. En ce sens, le développement se traduit concrètement par la satisfaction des besoins de vie de la population (ce grâce à quoi les conditions de vie s'améliorent). En quoi l'ergologie peut-elle nous instruire dans la recherche du développement ainsi défini? Si on considère la société comme un ensemble complexe de relations sociales et d'activités humaines, nos sociétés, dans leur unité et leur diversité, sont un objet de recherche pertinent selon une approche ergologique. Il s'agirait de comprendre les sociétés du point de vue des activités humaines en sorte que le développement puisse être endogène, c'est-à-dire, être l'émanation d'une volonté et d'une dynamique locale. Mais, plus fondamentalement, il s'agirait de rendre possible les transformations sociales sans lesquelles le développement, donc l'amélioration des conditions de vie, serait un vain mot.

### **3.2. Territoire, patrimoine et développement endogène**

Dans ma communication au Congrès de Brasilia, j'ai soutenu l'idée selon laquelle le patrimoine permettait de penser et de pratiquer une approche endogène du développement. Le parti pris que nous avons pour le développement endogène est motivé par le souci de mettre en œuvre des initiatives de transformation sociales adaptées aux réalités du pays concerné et de la population. Mais, l'amélioration des conditions de vie de la population, que doit permettre le développement endogène, ne doit pas concerner que la capitale ou les grandes villes. Pour être équitable, le développement endogène doit concerner les différents niveaux de territoire: l'Etat-Nation, ses villes et ses villages.

Le terme de territoire "renvoie à un travail humain qui s'est exercé sur une portion d'espace qui, elle, ne renvoie pas à un travail humain, mais à une combinaison complexe de forces et d'actions mécaniques, physiques, chimiques, organiques, etc." (Raffestin, 1986, p. 177). Le travail humain, par lequel se constitue le territoire, produit aussi le patrimoine. On comprend, alors,

pourquoi dans l’approche de l’UNESCO, avant que le patrimoine ne soit considéré en tant que patrimoine mondial, il doit, préalablement, se constituer en tant que patrimoine national. Des structures sont prévues pour prendre en charge le travail d’identification du patrimoine national; des méthodes, des procédures et des outils sont élaborés pour l’inscription au patrimoine national avant qu’il ne le soit, éventuellement, au patrimoine mondial de l’UNESCO.

Avant que le patrimoine soit national, il convient qu’il soit considéré et traité comme tel par des communautés au plan local au niveau des villes, des villages, etc.

L’analyse du concept de patrimoine (ainsi que nous l’avons traité plus haut), indique que les réalités patrimoniales recèlent des ressources importantes qui peuvent servir de levier pour impulser des styles de développement endogène, offrant ainsi plus de chances de réussite parce qu’adaptés aux réalités locales et portés par les acteurs locaux.

Le périmètre pertinent du développement endogène est, le plus souvent, circonscrit au niveau du territoire de l’Etat-Nation. Les pays qui ont connu la colonisation sont, en l’occurrence, plus vulnérables face à la mondialisation. L’Etat-Nation, dans ces pays, est souvent un corps étranger hérité de la colonisation sans effort d’adaptation. Dans un tel contexte, deux écueils doivent être surmontés dans le cadre de l’effort de territorialisation du développement endogène. D’abord, la tendance actuelle de la mondialisation qui fragilise, de fait, l’Etat-Nation. Ensuite, la fragmentation possible des territoires. “On peut affirmer que si le territoire politique (métropolitain, national, régional, municipal...) est bien le cadre (hétérogène et composite spatialement) d’une régulation et/ou d’une exploitation potentielle entre des zones (homogènes spatialement), son atomisation, par autonomisation de ses parties ou zones, anéantit ses possibilités de régulation (au sens de planification, de redistribution et de péréquation)” (Giraut, 2008, p. 63). Les deux écueils, ainsi identifiés, ne doivent pas se traduire par le renoncement à la territorialisation du développement endogène. Ils sont plutôt à considérer comme des points de vigilance. Car, d’une part, le territoire Etat-Nation est important pour garantir l’unité et l’intégrité territoriale et, d’autre part, le niveau de territoire, circonscrit au plus près des collectifs de vie, est plus favorable à l’élaboration de politiques de développement de proximité qui prennent en compte les dynamiques, les contraintes et les ressources locales de sorte à résERVER un meilleur traitement de la problématique complexe de la satisfaction des besoins de la population.

#### **4. Pour conclure: comment penser ensemble le travail, le patrimoine et le développement?**

Le travail, le patrimoine et le développement sont un continuum de la vie des sociétés. Dans chacune de nos sociétés (dans leur unité et leurs diversités), les hommes et les femmes travaillent pour produire des biens et des services utiles pour satisfaire leurs besoins de vie. Parmi ces biens et services certains s’inscrivent dans un processus de patrimonialisation qui les constituent à un moment donné en tant que patrimoine. Il s’agit de biens et services patrimoniaux qui se transmettent de génération en génération par ce qu’ils répondent à des besoins de vie sur le plan matériel et/ou symbolique. En cela, le patrimoine figure parmi les leviers sur lesquels une société peut agir pour améliorer ses conditions de vie.

#### **Références bibliographiques**

- Giraut, F. (2008). Conceptualiser le territoire. *Histo-riens et Géographes*, 403, 57-68. <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:2051>
- Raffestin, C. (1986). Ecogenèse territoriale et territorialité. In F. Auriac, & R. Brunet (Eds.), *Espaces, jeux et enjeux*(pp. 173-185). Paris: Fayard.
- Schwartz, Y. (1992). *Travail et philosophie. Convocations mutuelles*. Toulouse: Octarès Editions.
- Todorov, T. (1981). *Mikhail Bakhtine le principe dialogique*. Paris: Editions du Seuil.
- UNESCO (1972). Convention pour la protection du patrimoine mondial, culturel et nature.
- UNESCO (2003). Convention pour la sauvegarde du patrimoine culturel immatériel.

# O que é o desenvolvimento endógeno do ponto de vista do trabalho?

¿Qué es el desarrollo endógeno desde el punto de vista del trabajo?

Qu'est-ce que le développement endogène du point de vue du travail?



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DO PORTO



### **Renato Di Ruzza**

Professeur honoraire d'économie politique,  
Université d'Aix-Marseille, France  
19 Rue des Gorgues, 13390. Auriol (France)  
renato.di.ruzza@wanadoo.fr

### **Resumo**

Desde há muito tempo que a literatura sobre o desenvolvimento endógeno tem feito constantemente referência à noção de património, insistindo na necessidade de romper com a sua definição puramente económica (grosso modo, o património concebido como capital). Mesmo que o seu conteúdo concreto permaneça pouco claro, é possível colocar a hipótese de que este "património alargado" constitui o cimento de um desenvolvimento endógeno, desde que seja suficientemente comunitário (comunitarizado). É ele, com efeito, que assegura e garante a homogeneidade e coerência internas, e que permite instaurar princípios de regulação relativamente autónomos. De facto, o "património comum" de cada espaço só se pode tornar realidade se os valores acordados ao trabalho forem comuns: nenhum desenvolvimento endógeno é possível se os termos das renormalizações e dos debates de normas são impostos do exterior, como Abdallah Nouroudine mostrou na sua tese. É a razão pela qual a hipótese submetida a discussão faz do sistema de valores ligados ao trabalho a referência das delimitações de um espaço suscetível de se desenvolver de forma endógena.

### **Palavras-chave**

desenvolvimento endógeno, espaço  
económico-social, trabalho, património

### **Resumen**

Desde hace tiempo, la literatura sobre el desarrollo endógeno no deja de hacer referencia al concepto de patrimonio, insistiendo en la necesidad de romper con su definición puramente económica (grosso modo el patrimonio concebido como capital). Aunque su contenido concreto sigue sin estar claro, es posible plantear la hipótesis de que este "patrimonio ampliado" es el cemento del desarrollo endógeno, siempre que esté suficientemente comunitarizado. Es él que asegura y garantiza la homogeneidad y la coherencia internas, y que permite instaurar principios reguladores relativamente autónomos. De hecho, el "patrimonio común" de cada espacio sólo puede hacerse realidad si los valores acordados en el trabajo son comunes: no hay desarrollo endógeno posible si los términos de las renormalizaciones y los debates de normas se imponen del exterior, como lo mostró Abdallah Nouroudine en su tesis. Por eso, la hipótesis sometida a discusión hace del sistema de valores vinculado al trabajo la referencia de las delimitaciones de un espacio susceptible de desarrollarse de manera endógena.

## Palabras clave

desarrollo endógeno, espacio económico-social, trabajo, patrimonio

## Résumé

Depuis longtemps, la littérature sur le développement endogène ne cesse de faire référence à la notion de patrimoine, en insistant sur la nécessité de rompre avec sa définition purement économique (grossièrement le patrimoine conçu comme capital). Même si son contenu concret demeure flou, il est possible de faire l'hypothèse que ce «patrimoine élargi» constitue le ciment d'un développement endogène dès lors qu'il est suffisamment communautarisé. C'est lui en effet qui assure et garantit l'homogénéité et la cohérence internes, et qui permet d'instaurer des principes de régulation relativement autonomes. En fait, le «patrimoine commun» de chaque espace ne peut devenir réalité que si les valeurs accordées au travail sont communes: aucun développement endogène n'est possible si les termes des renormalisations et des débats de normes sont imposés de l'extérieur, comme l'a montré Abdallah Nouroudine dans sa thèse. C'est la raison pour laquelle l'hypothèse soumise à discussion fait du système des valeurs communes attachées au travail l'aune des délimitations d'un espace susceptible de se développer de façon endogène.

## Mots clés

développement endogène, espace  
économico-social, travail, patrimoine

Dans l'introduction à l'ouvrage collectif issu des Rencontres de Porto du réseau international «Ergologie, travail et développement»<sup>[1]</sup>, co-écrite avec Marianne Lacomblez, nous avons souligné la proximité potentielle des définitions du travail et du développement: le travail et le développement peuvent être définis de façon très générale comme des processus d'appropriation du milieu de vie qui transforment les capacités de maîtrise des situations de vie individuelles et collectives; comme des processus qui permettent aux individus de tous âges et aux collectifs de renforcer ou acquérir du pouvoir sur ce qui détermine leurs situations de vie et leur activité. Le travail et le développement seraient définis de la sorte à la fois comme activité, comme rapport de forces et de pouvoirs, et comme potentialité de maîtrise de son destin. Et nous faisions également référence aux 2<sup>èmes</sup> Journées du réseau organisées à Belo Horizonte, en 2009, durant lesquelles plusieurs expériences sociales et productives ont été présentées, ayant en commun certains aspects de coo-

pérativisme, de l'autogestion, tout en témoignant de la fermeté de préoccupations pour la préservation des patrimoines sociaux et culturels.

C'est dans cette perspective et dans son prolongement que se situe cette communication sur le thème du développement endogène. Au-delà des caricatures, ce type de développement peut être défini en première approximation comme un développement qui s'appuie sur deux principes:

- il concerne un territoire relativement bien délimité, repose sur le patrimoine (au sens qu'Abdallah Nouroudine lui a donné lors du Congrès 4 tenu à Brasilia en 2018) accumulé sur ce territoire, et contribue à l'enrichir;
- son principe (ou son mode) de régulation doit être relativement autonome par rapport à toute injonction ou prescription venant d'autres territoires, et comporte par conséquent des marges de renormalisation importantes.

Ma communication développera ces deux principes à la lumière des rappels qui ont été faits supra. Elle prendra la forme d'une série de clarifications conceptuelles qui paraissent importantes et que je souhaite soumettre à la discussion.

Commençons par le terme «endogène». Tous les dictionnaires basiques définissent cette notion de la manière suivante: l'adjectif «endogène» qualifie ce dont la cause est interne, ce qui est produit, ce qui émane de l'intérieur d'un organisme ou d'une structure, en dehors de tout apport ou influence extérieure. On voit parfaitement que ce type de définition pose immédiatement la question de savoir délimiter ce qui est intérieur et ce qui est extérieur. Nous avons plus haut évoqué la notion de «territoire» pour désigner l'ensemble pertinent pour le développement. Mais au-delà des effets de mode (notamment en France), cette notion me semble confuse et non opératoire pour la question qui nous concerne. S'agissant de la problématique de développement, tel que défini supra, le concept d'*«espace économico-social»* (EES) est préférable. Il serait trop long d'entrer dans les débats récurrents entre les sociologues, les économistes, les géographes et autres spécialistes sur la manière de mobiliser l'un ou l'autre de ces concepts. Un EES associe forcément plusieurs territoires qui sont soumis au même mode régulation. C'est ainsi que l'EES français recouvre non seulement le territoire métropolitain (dominant et déterminant), mais aussi des départements et territoires d'outre-mer, auxquels il convient d'ajouter les territoires d'Afrique noire anciennement

colonisés (comme on le voit avec les débats actuels sur le Franc CFA, et comme au fond l'a montré la thèse de Tine Roth<sup>[2]</sup>). Reste à envisager les conditions de possibilité d'un développement endogène d'un EES.

Depuis longtemps, la littérature sur le développement endogène ne cesse de faire référence à la notion de patrimoine, en insistant sur la nécessité de rompre avec sa définition purement économique (c'est-à-dire grosso modo le patrimoine conçu comme capital<sup>[3]</sup>). Même si son contenu concret demeure flou, il est possible de faire l'hypothèse que ce «patrimoine élargi» constitue le ciment d'un développement endogène dès lors qu'il est suffisamment communautarisé. C'est lui en effet qui assure et garantit l'homogénéité et la cohérence de l'EES, et qui permet d'y instaurer des principes de régulation relativement autonomes. C'est ce qu'on retrouve quasi explicitement dans l'ouvrage publié par l'Unesco dès 1988<sup>[4]</sup>, qui affirme que *«Pour de nombreuses sociétés se pose le problème de développer leurs virtualités intrinsèques et d'accueillir sélectivement les apports qualitatifs extérieurs. En effet, si le développement doit s'appuyer sur un accroissement quantitatif des biens, il doit également répondre à des valeurs communes, à une inspiration cohérente, à des espoirs et des besoins partagés, où se reconnaît l'ensemble de la collectivité nationale, et qui puissent mobiliser ses volontés, ses énergies, ses imaginations rassemblées. C'est au regard de cette exigence qu'il paraît nécessaire d'envisager le processus de modernisation des appareils de production et la maîtrise par chaque peuple du savoir et du savoir-faire modernes. Le développement doit être endogène car pour se développer, une société doit rester elle-même, puiser ses forces dans sa culture et dans les formes de pensée et d'action qui lui sont propres»* (p. 6).

Le même ouvrage insiste particulièrement et simultanément sur la nécessité pour tout développement endogène de s'appuyer sur les savoirs et savoir-faire que les «populations» (c'est le terme utilisé, mais nous pourrions le traduire ergologiquement par «êtres d'activité») de l'EES tirent de leurs expériences.

Parmi ces «savoirs expérientiels», ceux tirés des situations de travail sont évidemment essentiels. Nous ne reviendront pas sur tout ce qu'a pu dire la démarche ergologique sur ce point en termes de débats de normes et de valeurs ou en termes de renormalisation des normes antécédentes<sup>[5]</sup>. En fait, le «patrimoine commun» de chaque EES ne peut devenir réalité que si les valeurs accordées au travail sont communes: aucun développement endogène n'est possible si les termes des renormalisations et des débats de normes sont imposés de l'extérieur, comme l'a si bien montré Abdallah Nouroudine dans sa thèse<sup>[6]</sup>.

C'est la raison pour laquelle l'hypothèse soumise à discussion fait du système des valeurs communes attachées au travail l'aune des délimitations d'un EES susceptible de se développer de façon endogène.

Cette hypothèse nous est suggérée par une certain nombre de travaux réalisés dans une perspective ergologique, même s'ils ont été menés avec des objectifs différents. Ils montrent tous cependant que les valeurs accordées au travail sont très différentes d'une région du monde à l'autre, et que l'imposition de valeurs et de normes «venues de l'extérieur» ne règle aucun problème de développement. En effet, tout «développement alternatif» de type endogène ne saurait se concevoir sans prendre en compte les réserves d'alternatives qui se nichent dans les savoirs investis (ou en adhérence). Une question se pose immédiatement: qu'est-ce que le travail quand le travail n'est pas le travail?

Cette question est directement inspirée du titre d'un article de Abdallah Nouroudine, et plus généralement de l'ensemble de ses travaux<sup>[7]</sup>. Elle a été reprise plus récemment par Tine Manvoutouka-Roth<sup>[8]</sup> et Edouard Orban<sup>[9]</sup>.

Dans sa thèse déjà citée, s'appuyant sur de nombreux travaux de sociologues, d'anthropologues et d'ethnologues, Manvoutouka-Roth fait remarquer que la notion de travail n'existe pas dans toutes les sociétés: on se trouve parfois face à une absence pure et simple, parfois face à un éclatement, parfois encore face à un décalage. Les anthropologues ont par exemple observé une absence de la notion de travail dans nombre de sociétés tribales, où il n'existe pas de mot distinct pour isoler les activités productives des autres comportements humains. Dans la Grèce antique, il n'existe pas de termes désignant le travail en général: le travail y est une notion anachronique dans la mesure où il n'y a pas de fonction humaine unique comme le travail, mais à l'inverse une pluralité de métiers, différenciant les uns des autres ceux qui les pratiquent. L'activité industrieuse se divise en quelques grands registres hétérogènes. Entre les artisans et ceux qui travaillent la terre, il n'y a pas de commune mesure (Jean-Pierre Vernant en avait déjà fait la démonstration à propos de la Grèce antique). Enfin, on rencontre un décalage de la notion lorsque le champ sémantique du terme travail déborde largement celui de la production, désignant à la fois des activités tant rituelles, intellectuelles que manuelles; au delà d'une activité productive manuelle, le travail peut se rapporter aussi au chamanisme, aux obligations rituelles, au mouvement d'une machine, à l'activité de penser d'un chaman, et en même temps, des tâches productives peuvent tout aussi bien être exclues du travail.

Ces premières observations posent d’emblée une question: comment analyser ergologiquement le travail, c'est-à-dire le penser collectivement, en associant les savoirs institués et les savoirs investis dans cette activité, quand ceux qui travaillent ne peuvent le penser comme tel, faute de mot pour le désigner?

Les travaux de Nouroudine conduisent à d’autres questions. Après avoir analysé en détail les distinctions entre travail marchand (qui correspond grossièrement au travail stricto sensu), travail non marchand et travail dit «informel», il soulève au moins deux problèmes:

Le premier concerne toute la dialectique ergologique entre normes antécédentes et renormalisations; comment en effet rendre compte de la complexité des normes quand les dimensions de la vie sociale (l'économique, le social, le religieux, l'artistique...) s'entremêlent et se métissent comme cela est souvent le cas dans les pays où le travail non marchand et le travail dit informel sont importants. «A ce niveau-là, aussi, les risques d'erreur sont importants lorsqu'on essaie de repérer et de comprendre les normes pertinentes en ce qui concerne une activité particulière, isolée pour les commodités de l'analyse, mais reliée étroitement à d'autres activités dans la réalité sociale. S'il est vrai que les activités sociales d'un collectif de vie forment un système dont la stabilité relative est l'effet d'une actualisation des normes au fil de l'expérience selon un processus de renormalisation, alors la cohérence d'une norme sociale ne peut être comprise qu'en situant celle-ci dans le système des normes auquel elle appartient» (ibid.);

Il exprime le second problème de la façon suivante: «quand le travail est organisé de telle sorte que la satisfaction des besoins de ses protagonistes peut passer aussi bien par le travail marchand, le travail non marchand et le «travail informel» (et que ces différents modes de travail, au lieu de s'opposer systématiquement, se complètent souvent), il apparaît un phénomène de circulation des normes, des valeurs, des activités, des savoirs...d'un mode de travail à l'autre qui complique l'effort de les comprendre» (ibid.). C'est le sens de l'exemple concernant les trois sortes d'usage du poisson capturé par les pêcheurs aux Comores: la part qui est donnée, celle qui est vendue et celle qui est destinée à la consommation familiale. Cette modalité d'usage du poisson par les pêcheurs comoriens condense en elle-même le travail non marchand (produire pour donner et auto-consommer), le travail marchand (produire pour vendre) et le «travail informel» (puisque la pêche est considérée comme tel).

Orban de son côté introduit une difficulté supplémentaire qui concerne les savoirs institués. Dans le dispositif ergologique, ces derniers sont considérés comme des savoirs en désadhérence, dont l'ambition est de généraliser et de conceptualiser des situations particulières en gommant au maximum tout ce qui fait cette particularité dans le temps et dans l'espace. Ce qui signifie qu'ils dés-adhèrent au cours d'un processus qui relève du travail scientifique, et qu'ils sont potentiellement susceptibles d'être mis en dialogue avec les savoirs en adhérence investis dans l'activité concernée. Or, Orban fait remarquer à juste titre que les savoirs institués qui circulent et qui sont utilisés dans un certain nombre de pays du Tiers-Monde sont principalement des savoirs «venus d'ailleurs». La nature des ces savoirs est à questionner. Prenant l'exemple de l'enseignement supérieur en République démocratique du Congo, il fait observer qu'il est une «école de la copie qui redoute l'autonomisation et l'indépendance de la pensée et du jugement, privilégiant le conservatisme et le conformisme», une «école du mimétisme» qui «produit des diplômés, très peu débrouillards, très peu créatifs» et donc incapables de contribuer à construire la compréhensibilité des situations concrètes congolaises (op. cit.). Autrement dit, ces savoirs sont plus des savoirs «en inadéquation» que des savoirs en désadhérence, ce qui leur interdit d'être mis en dialogue avec des savoirs en adhérence. Cela interdit indubitablement tout développement endogène.

### Bibliographie

- Barrère, C. (2007). Vers une théorie économique substantiviste du patrimoine. *Economie Appliquée*. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02615269>
- Barrère, C. (2014). Le patrimoine, d'un objet à un instrument d'analyse. *Economie Appliquée*, 4, 5-8.
- Cao Tri, H. et al. (1988). *Développement endogène; aspects qualitatifs et facteurs stratégiques*. Unesco.
- Di Ruzza, R., & Schwartz Y. (2021). *Agir humain et production de connaissances; épistémologie et ergologie*. Presses de l'Université de Provence.
- Di Ruzza, R., Lacomblez, M., & Santos, M. (2018). *Ergologia, Trabalho, Desenvolvimentos*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Manvoutouka-Roth, T. (2010, mars). *Représentations du travail dans le monde*. Communication aux Journées d'études organisées par l'Institut d'ergologie sur Les philosophes du développement et les Tâches du présent, Université d'Aix-Marseille.
- Manvoutouka-Roth, T. (2019). *Une approche ergologique du développement*. Toulouse: Octares.
- Nouroudine, A. (2001). *Technologies et cultures; comment s'approprie-t-on des technologies transférées?* Toulouse: Octarès.

- Nouroudine, A. (2009). Travail et développement, mémoire pour l'obtention de l'habilitation à diriger les recherches (HDR), Université d'Aix-Marseille.
- Orban, E. (2016, aout). *Comprendre le travail dans les sociétés autres*. Communication au 3<sup>ème</sup> Congrès de la Société internationale d'ergologie dont le thème était Produire des connaissances sur les activités humaines, Aix en Provence.

### Notes

- [1] Di Ruzza R., Lacomblez M. et Santos M. (coord.) (2018).
- [2] Publiée sous le titre Tine Manvoutouka Roth (2019), avec une préface de François Daniellou.
- [3] Sur les évolutions de la pensée socio-économique concernant le patrimoine, on pourra consulter C. Barrère (2007) et C. Barrère (2014).
- [4] H. Cao Tri et alii (1988).
- [5] Cf. pour une synthèse R. Di Ruzza et Y. Schwartz (2021) avec une préface de M. Lacomblez.
- [6] Publiée sous le titre A. Nouroudine (2001).
- [7] Ces travaux ont été synthétisés dans A. Nouroudine (2009).
- [8] T. Manvoutouka-Roth (2010).
- [9] E. Orban (2016).

# Desastres, trabalho e comunidades: dispositivos de base territoriais.

# Desastres, trabajo y comunidades: dispositivos territoriales.

# Catastrophes, activités et communautés: dispositifs territoriaux.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DO PORTO



### **Simone Santos Oliveira**

Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ)  
Rua Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos,  
CEP 21041-210, Rio de Janeiro, Brasil  
simone@ensp.fiocruz.br

### **Sergio Portella**

Estratégia Fiocruz para Agenda 2030-Presidência da Fundação Oswaldo Cruz (EFA2030/FIOCRUZ)  
Av. Brasil 4036 - Manguinhos,  
CEP, Rio de Janeiro, Brasil  
spportella@gmail.com

### **Resumo**

Na relação comunidade/profissionais/pesquisadores, para ampliar o poder de agir da comunidade, verificamos a necessidade da utilização de dispositivos que mediatizem essa relação e sua transformação. Buscamos, nas cartografias sociais associadas à tradição dos mapas de riscos do Movimento Operário Italiano e a perspectiva ergológica através do Dispositivo Dinâmico a Três Polos, a inspiração para construção do projeto De Nossa Território Sabemos Nós para comunidades afetadas pelo desastre de janeiro de 2011 nas cidades serranas do Rio de Janeiro que tem como objetivo desenvolver e aplicar dispositivo de comunicação on-line que possibilite às comunidade se organizarem e ampliarem sua capacidade de ação diante dos eventos socioambientais sofridos. Levantamento de dados e informações sobre os territórios, agregados em torno da experiência de quem vive nos territórios a partir de comunidades ampliadas de pesquisa. O ambiente digital suporta os mapas produzidos e oferece as informações e interatividade comunicacional para os envolvidos.

### **Palavras-chave**

cartografia social, ergologia, desastres, aplicativos

### **Resumen**

En la relación comunidad/profesional/investigador, para incrementar el poder de acción de la comunidad, se verificó la necesidad de utilizar dispositivos que medien esta relación y su transformación. Buscamos, en las cartografías sociales asociadas a la tradición de mapas de riesgo del Movimiento Obrero Italiano y la perspectiva ergológica a través del Dispositivo Dinámico en Tres Polos, la inspiración para construir el proyecto De Nuestro Territorio Conocemos Nos para las comunidades afectadas por el desastre de enero de 2011 en las ciudades sierras de Río de Janeiro, que tiene como objetivo desarrollar y aplicar un dispositivo de comunicación en línea que permita a las comunidades organizarse y ampliar su capacidad de acción frente a los eventos socioambientales sufridos. Encuesta de datos e información sobre los territorios, agregados en torno a la experiencia de quienes viven en los territorios de comunidades de investigación ampliadas. El entorno digital apoya los mapas producidos y ofrece información e interactividad comunicativa a los involucrados.

### **Palabras clave**

cartografía social, ergología, desastres, aplicaciones

## Résumé

Dans la relation communauté / professionnel / chercheur, pour augmenter le pouvoir d'agir de la communauté, nous avons vérifié la nécessité d'utiliser des dispositifs médiatisant cette relation et sa transformation. Nous cherchons, dans les cartographies sociales associées à la tradition des cartes de risques du Mouvement Ouvrier Italien et à la perspective ergologique à travers le Dispositif Dynamique à Trois Pôles, l'inspiration pour construire le projet De Notre Territoire Nous Connaissions pour les communautés touchées par le Catastrophe de 2011 dans les massifs montagneux des villes de Rio de Janeiro, qui vise à développer et appliquer un dispositif de communication en ligne permettant aux communautés de s'organiser et d'élargir leur capacité d'action face aux événements socio-environnementaux subis.

Enquête de données et d'informations sur les territoires, agrégées autour de l'expérience de ceux qui vivent dans les territoires à partir de communautés de recherche élargies. L'environnement numérique soutient les cartes produites et offre une interactivité d'information et de communication aux personnes impliquées.

## Mots clés

cartographie sociale, ergologie, catastrophes, applications

## 1. Introdução

*“Não há vida humana que não seja chamada a viver naquilo que denominamos aderência”*  
(Schwartz, 2009, p. 265)

Seguindo a boa tradição de desenvolvimento de dispositivos que propiciem o conhecimento sobre atividade, esta pesquisa-intervenção trata do desenvolvimento da associação às Comunidades Ampliadas de Pesquisa (CAP) da realização de cartografias sociais (Acselrad, 2008) em comunidades que enfrentaram desastres socioambientais no Brasil. Para tanto, seguimos a experiência exitosa do Movimento Operário Italiano (MOI) (Oddone et al, 2020) na construção pioneira de mapas de risco para o trabalho, com toda discussão revisitada por Yves Schwartz (Schwartz & Durrive, 2010) através do Dispositivo Dinâmico a Três Polos (DD3P), numa combinação forte com o pensamento Decolonial e da Ecologia dos Saberes, por não podermos ignorar as diferenças entre Norte e Sul Globais (Santos, 2007), que coloca esses territórios em regimes de exploração/violência permanentes pelo atual modelo de desenvolvimento dominante.

Tendencialmente podemos afirmar que desastres são acontecimentos drásticos (Quarantelli, 2015), entre perdas de bens e óbitos, que mesclam aspectos sociais – objetivos, subjetivos e simbólicos – da vida de pessoas e dos seus lugares (de moradia, de trabalho, de circulação) e que se estabelecem nas suas singularidades territoriais em função direta aos modos de vida e de desenvolvimento ali estabelecido. Essa definição tendencial nos faz classificar de desastres não só eventos de origem socioambiental, mas também os de origem tecnológica e ampliar o arco em direção às crises de emergências sanitárias como a pandemia Covid 19, e as crises político-humanitárias, expressas muitas vezes pelas migrações populacionais. Relações sócio-históricas de desenvolvimento de uma comunidade são o meio que determina a resiliência presente de um povo em sua recuperação. Meio e presente, conceitos também tendenciais para avaliar o desenvolvimento humano, como os definem Schwartz (2009), podem ser entendidos pela relação entre aderência e desaderência dos conhecimentos utilizados para promover o desenvolvimento de produção-consumo de um determinado território geolocalizado na sua interação com os mercados mais ou menos globalizados.

Produzir desastres e crises sanitárias, é assim uma das medidas de desaderência/aderência desse modelo de desenvolvimento. Promover o bem estar e a saúde, da população de um determinado território, outra. Mas, nas inúmeras vezes, que acompanhamos situações de desastres, sendo a do desastre das cidades serranas do Rio de Janeiro, em 2011, uma delas, entramos na discussão do desenvolvimento humano, pela porta dos fundos, da economia de produção-consumo, nos desastres e pelas crises, por entre as ruínas e os sofrimentos das decisões de desenvolvimento que geraram territórios vulneráveis com seus conhecimentos sociotécnicos mais meios desaderentes das histórias daqueles locais.

Frutos de uma lógica forjada nos chãos das fábricas fordistas e extrapolada para cada área de organização da sociedade dita ocidental: escolas, serviços, hospitais, instituições de pesquisa, empresas de construção e infraestrutura, todas respondem a essa dupla delegação: a direção da produção-consumo nas mãos dos coletivos donos do capital e a operação dessa mesma produção, que exige toda uma sociedade em seu entorno, nas mãos dos coletivos de gerentes e mestres de produção, controladores dos métodos e técnicas. Poder-saber, gestão-conhecimento é a relação de expressão da dupla delegação (Callon, Lascoumes, & Barthe, 2001). O seu deslocamento com relação aos trabalhadores e cidadãos gera uma organização em torno da produção-

-consumo mais aderente ou desaderente com relação ao território em que se estabelece. É daí, da perspectiva do espaço meio e do tempo presente, que surgem todos os sofrimentos, mazelas e perigos críticos de nosso atual modelo de desenvolvimento, em que os efeitos evidentes das mudanças climáticas e a própria pandemia são seus limites mais gerais. Quanto mais desaderente é a dupla delegação da produção social com relação a sua população e ao território em que se realiza mais riscos tendenciais temos, mais perigos, para desastres e crises sanitárias, e criticidade socioambiental, condicionadas por vulnerabilidades territoriais. A rede sofisticada e complexa de vulnerabilidades territoriais pode assim ser lida como mudanças climáticas ou pandemia, se quisermos ser atuais.

Quanto mais desaderente uma produção é, portanto, global, mais violenta se torna com relação ao território, local. Colocamo-nos aqui o esforço de pensar dispositivos capazes de diminuir a desaderência em prol de maior aderência territorial, privilegiando o saber local para buscar prevenir ou superar essas adversidades advindas do modelo de desenvolvimento dominante, principalmente em territórios do sul global (Santos, 2007).

Na relação comunidade/profissionais/academia, para ampliar o poder de agir da comunidade, verificamos a necessidade de dispositivos que mediatizem essa relação e sua transformação. Buscamos através das cartografias sociais e da perspectiva ergológica através do DD3P, a inspiração para construção do projeto *De Nossa Território Sabemos Nós* com comunidades afetadas pelo desastre de 2011, nas cidades serranas do Rio de Janeiro.

## **2. Construção dos saberes: Dispositivo de dispositivos**

A desaderência, em uma perspectiva decolonial, promovida pelo atual modelo de desenvolvimento e dela dependente, se estende por longas regiões do planeta e, por muitos é chamada de globalização. No entanto, o que parece geral sempre se diferencia quando territorializado, seja em um país desenvolvido ou não, seja em um país do sul global ou de um país do norte global, onde emergem linhas abissais de diferenciação, como define Boaventura Santos (2007). Segundo este autor, a sua diferenciação exige uma nova epistemologia, ou constelações de epistemologias, para possibilitar a sua compreensão e superação. Conjunto de epistemologias, que simétricas em seus estudos e manifestações, também exige na busca de maior aderência, uma ecologia dos saberes. Proposta que consideramos muito bem ex-

pressa e alinhada ao dispositivo dinâmico de três polos (DD3P) (Schwartz & Durrive, 2010). Assim, essa pesquisa-intervenção, a partir de uma perspectiva ergológica, busca contribuir para a prevenção a desastres fortalecendo a organização comunitária, reconhecendo a atividade humana aí presente. O DD3P aqui é fundamental para se atingir agendas por novos modos de vida: o encontro entre os saberes disciplinares, que sempre vivem bem na desaderência – e a ela deve sua existência – e os saberes da experiência, resultado do viver diário necessitam mais do que nunca do polo ético-e-pistemológico plenamente ativo que respeite e busque a simetria dos saberes.

Mas, a aparente inércia cidadã – que significa apenas que a mobilização comunitária está caminhando em outra direção – resultado de anos de aplicação de dispositivos formadores de consciências duplamente delegadas – seja nas salas de aula, seja nos consultórios médicos e postos de saúde, seja no chão da fábrica e nos ambientes de trabalho – exige, para que a simetria cognoscitiva aconteça, que a circulação de saberes se transforme num dispositivo de dispositivos para que a dupla delegação dominante não se imponha como única opção. Em nosso caso, utiliza-se o dispositivo de cartografias sociais para determinado território tendo como objetivo, pelo seu mapeamento, o desenvolvimento comunitário e a intervenção em processos singulares de vulnerabilização. Uma estratégia para enfrentar as condições de incerteza de nossa época, para não desperdiçar experiências sociais disponíveis e nem classificar como impossíveis experiências sociais emergentes. Para que, assim, os moradores possam se apropriar de seu próprio território, do ponto de vista que sempre foi da gestão-academia, utilizando os conhecimentos disciplinares da geografia, da demografia, e do ordenamento territorial como conhecimentos auxiliares e não como conhecimentos determinantes de seus modos de vida.

Esse dispositivo leva Schwartz a afirmar que “há algo fascinante na revolução do olhar espacial que gera esse apelo a uma cartografia comunitária” (Schwartz, 2009, p. 265), pois cria a possibilidade de reverter na produção dos mapas a sua direção dominante, técnica e sempre orientada por interesses de poder e de Estado, na direção do que é considerado relevante pelas próprias comunidades.

Concretamente, para construção de um grupo de trabalho e formação da CAP realizamos nas duas comunidades (Caleme – cidade de Teresópolis e Córrego Dantas – cidade de Nova Friburgo) reuniões com as Associações de Moradores e outras lideranças da co-

munidade, que apoiaram a execução do projeto e abriraram a proposta cedendo espaço para que ocorressem os encontros. A construção da CAP em cada território se deu de maneira diferente, respeitando as singularidades locais, com a realização de quatro oficinas para desenvolvimento das cartografias comunitárias. Sempre aos sábados, uma vez por mês (de agosto a novembro de 2019). A associação de Córrego D’Antas tem sede própria, enquanto o Caleme se utiliza do espaço anexo da principal igreja católica do bairro para realização de seus encontros, onde foram realizadas as oficinas. Com antecipação, os encontros eram divulgados na comunidade, através de cartazes e contatos diretos com lideranças para multiplicação da informação. Participação em média de vinte pessoas entre moradores, profissionais ligados as Secretarias Municipais da saúde, defesa civil, desenvolvimento social e ambiente, além do grupo de pesquisadores. As oficinas sempre se iniciavam com uma dinâmica em roda e, no final do encontro, se voltava à roda para um fechamento.

O projeto, apresentado pelos pesquisadores e consensualizado com os moradores e técnicos e gestores mais próximos, se estrutura a partir de quatro ações que convergem para um aplicativo de comunicação comunitária. Algumas dessas ações estão mais adiantadas do que outras em função das dinâmicas territoriais e, também, da pandemia que dificultou as idas a campo desde março de 2020. A proposta consensualizada compreende que as ações devem apoiar não só às comunidades, mas também a um novo olhar da gestão para com os territórios, onde o saber local tenha valor para a gestão e vice-versa.

### **2.1. Índices de vulnerabilidades socioambientais**

Articular um novo olhar da gestão vem através da produção de índices de vulnerabilidades socioambientais e o principal objetivo é que a gestão municipal seja capaz de responder unificadamente à questão: O que sabemos sobre o território em foco na sua relação com a cidade? Destaques são dados a áreas importantes para as comunidades: saúde, ambiente, defesa civil, desenvolvimento social e educação.

Para a construção dos índices de vulnerabilidades socioambientais estamos buscando conjugar duas metodologias: uma desenvolvida pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC) e Instituto de Geografia e Ordenamento Territorial da Universidade de Lisboa (GOT/UL) na produção de índices de vulnerabilidade social a partir de indicadores socioeconômicos e demográficos disponíveis, levando-se em conta a criticidade local (vulnerabilidades) em

contraposição à capacidade de suporte resiliente; e outra, com os indicadores de cidadania desenvolvidos pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE). Espera-se com isso, tornar o território mais visível para a gestão, a partir de seus próprios dados unificados, que necessariamente devem se associar a visão da própria comunidade.

### **2.2. Cartografias Sociais**

O dispositivo da cartografia social busca dar expressão à visão dos moradores de seus territórios. A construção das cartografias social realizada junto aos moradores do bairro Caleme e do bairro Córrego D’Antas está relacionada com a experiência, com o registro de sua identidade coletiva para defesa do território frente ações e iniciativas estatais que visavam a requalificação urbana e territorial nessas localidades, demolindo residências e reconstruindo habitações em outras localidades, esfacelando o sentimento de pertencimento ao lugar e o que promoveria a sua desterritorialização.

Com a duração média de quatro horas, a maior parte do tempo da oficina era utilizado para a discussão das vulnerabilidades e potencialidades da comunidade, a partir dos mapas produzidos e modificados em oficinas anteriores. Os mapas para a primeira oficina foram produzidos pela equipe de pesquisadores. Os posteriores já eram resultados dos trabalhos compartilhados. Os encontros foram gravados e fotografados.

### **2.3. Censo Comunitário Vivo**

Para as comunidades, um desafio impõe-se na necessidade de manter dinâmica da cartografia social produzida no primeiro momento da pesquisa com a comunidade. As cartografias comunitárias têm a tendência a se fixarem como mapas oficiais. O objetivo deste dispositivo, chamado de censo comunitário vivo, é que a comunidade possa continuar responder à questão iniciada pelas oficinas cartográficas: O que nós sabemos de nosso território? E que, a partir das cartografias e mapas de vulnerabilidade, possam avançar nas questões: o que podemos saber mais? Quem e como habita os domicílios e as ruas de nosso território? Quais são suas características e desejos?

Neste ponto, foi desenvolvido um questionário para ser aplicado no território, que se iniciou em 2020 apenas *on-line*, em função das restrições da pandemia, e que assim que possível será aplicado presencialmente por equipe de jovens moradores junto a comunidade e seus resultados serão disponibilizados na CAP territorial.

## 2.4. Projeto Memória

Além do Censo Comunitário Vivo, também foi desenhado o projeto Memória para registro da história do bairro, a ser realizado com lideranças e moradores antigos dos territórios e quer responder às perguntas: qual é a nossa memória? Qual é o nosso patrimônio territorial? Em que memórias o nosso território se ancora?

Para que uma lembrança seja reconhecida e reconstituída, as pessoas precisam buscar marcas de proximidade que as permitam continuar fazendo parte de um mesmo grupo, dividindo as mesmas recordações. Trata-se da capacidade humana de guardar, pela lembrança e contra a perda total, reminiscências do tempo passado. Se isso não acontece, segundo Halbwachs (2013), pode-se dizer que desaparece uma memória coletiva. Portanto, a memória é dinâmica e depende de quem e do grupo de pessoas que a faz. A memória coletiva para existir precisa ser de alguma forma mapeada e expressa, e este é o objetivo deste dispositivo.

## 2.5. Aplicativo

Essas ações/dispositivos são fundamentais para que a CAP, que integra a gestão, os pesquisadores e os cidadãos, se mantenha viva. Nesse sentido um terceiro movimento ainda se faz necessário que é aproximar definitivamente gestão e cidadãos através de um dispositivo integrador que favoreça a comunicação de suas partes. Utilizando-se das facilidades disponíveis na Internet foi desenvolvida uma plataforma que integra um site informativo da comunidade associado a um aplicativo de comunicação para os moradores.

## 3. CAP territoriais: Oficinas cartográficas e aplicativo

Os bairros do Caleme e de Córrego Dantas foram os bairros mais afetados no desastre de 2011 de suas cidades. A comunidade do Caleme está localizada no corredor ecológico que conecta o Parque Nacional da Serra dos Órgãos e Parque Natural Municipal Montanhas de Teresópolis, ocupando 0,874 km<sup>2</sup>. Neste fluxo de dispersão e movimento para manutenção da biodiversidade, habitam cerca de 5 mil moradores. Suas casas estão distribuídas entre as encostas e as margens do Rio Imbuí. A paisagem vem se transformando desde o desastre, no entanto, ainda se pode ver resquícios dos escombros e de casas interditadas, que estão sendo utilizadas como destinação final de resíduos, promovendo a infestação de ratos e queima de materiais.

*“Assim estamos conectados e um cuidando do outro. Para estar aqui hoje um depende do*

*outro, então pensar em trabalhar com mapa, trabalhar um com o outro, com amigo, o vizinho, sabendo desse equilíbrio, do respeito e amor por tudo que nos rodeia, essa é a mensagem dessa tei”*(30 Oficina, Moradora Caleme)

*“Nesse momento estamos fazendo parte da história do Caleme e precisamos também resgatar a nossa história, eu peguei essa figura pois me lembro do Vale dos Eucaliptos, precisamos preservar para que daqui um tempo as pessoas possam fazer parte dessa história”*(20 Oficina, Moradora Caleme)

A comunidade do Córrego D’Antas, possui aproximadamente 19km<sup>2</sup> e está localizado na unidade territorial de planejamento, bacia do rio Bengalas. Estima-se a ordem de 5.000 habitantes que estão distribuídos às margens da RJ-130 que liga Nova Friburgo a Teresópolis, às margens do Córrego D’Antas e das encostas de Zonas de Especial Interesse Ambiental (ZEIA), Zona Urbana Controlada (ZUC) e Zonas de Expansão Orientada (ZEO).

*“O território é formado pelas pessoas e coisas, então tem tudo tem a ver com a lua, as relações e o bairro. Com relação a isso tudo o próprio Córrego Dantas é um bom exemplo de resistência e relação que após desastre foi muito boa, com relação a se organizar, estruturar e agir politicamente”*(30 Oficina, Moradora Córrego Dantas)

Nas oficinas, a comunidade do Caleme, demarcou suas questões fundamentais: mobilidade urbana; descarte de lixo; áreas do rio mais poluídas; ruas com esgoto a céu aberto; demarcação de pontos de apoio e localização das sirenes; e demarcação de áreas de proteção ambiental. Nessa comunidade os moradores apresentaram as necessidades do bairro: farmácia, horta comunitária, mais supermercados, calçamento de ruas e cobertura dos pontos do ônibus e iluminação pública.

*“Eu observei que quando balançou bastante, mexeu com a estrutura de todo mundo! Então é uma questão a se pensar que às vezes exercício é bom até para a gente lembrar que podemos fazer uma situação aqui que vai impactar em todos. É importante se colocar no lugar do outro”*(Encontro de 19/10/2019; comunidade Caleme; Moradora)

Em Córrego D’Antas, as demarcações se voltaram para as instituições de educação; de saúde; as fábricas no bairro; depósitos irregulares de lixo e aterro sanitá-

rio da cidade saturado que fica no bairro, ocorrendo o despejo de chorume no rio; os moradores salientaram a inexistência de coleta de lixo na parte mais alta do bairro, que leva estimula a queima do lixo; também destacaram a falta de áreas de lazer e cultura.

*“Com relação ao lixo tem a questão do comunitário, porque pego meu lixo e coloca lá fora, pronto limpei minha casa, falta consciência comunitária de que eu preciso cuidar do meu quintal, da minha rua, do meu bairro, sendo uma questão de educação que leva a essa vivência comunitária que é muito importante e que já tivemos, mas precisamos resgatar e cuidar do espaço em que estamos. É uma questão que precisamos trabalhar e começa lá na base, na educação, na creche, na escola, olhar para o bairro com carinho, eu acho que a gente já teve e tem que resgatar” (Encontro de 30/11/2019, na comunidade Córrego Dantas; Morador)*

Nas duas comunidades, para superar a falta de conformidade do *Google Maps*, a equipe do projeto apresentou mapas realizados a partir de imagens registradas por um drone que proporcionou uma visão fidedigna do território. Com as imagens do drone, as comunidades ficaram satisfeitas com os novos mapas e consolidaram as informações que estavam em levantamento desde o primeiro encontro.

*“Ouvindo vocês, me chama atenção, porque fomos falando de todas as questões do bairro e olhamos de uma maneira coletiva, pois se não tem uma praça, o poder público tem que viabilizar, não temos saúde vamos ao poder público, já o lixo ele aponta para a gente, tendo essa visão coletiva” (Encontro de 30/11/2019, na comunidade Córrego Dantas; Morador)*

Nas últimas oficinas de Cartografia, com o mapa consolidado, teceu-se outros elos na rede de encontros e valorização de experiências e saberes com novos atores. A cartografia social contribuiu para emergir a autoconsciência do grupo, a construção e o desenvolvimento de identidades próprias.

### **3.1. O aplicativo garantindo os dinamismos da CAP**

O aplicativo desenvolvido, e já em teste, possibilita que uma pessoa da comunidade forneça um relato da sua necessidade, crítica, ou sugestão podendo enviar uma fotografia inclusiva.

Após aprovação do conteúdo pela associação de moradores, o relato passa a estar visível e disponível para outras pessoas da comunidade interagirem com o relato, podendo aprovar (like) ou desaprovar (unlike), ou podendo colocar comentários. A solução proposta por consequência produz um nível de memória das discussões gerando um conhecimento acumulado em um processo mais aderente, que favorece a deliberação da associação de moradores em tornar um relato, uma demanda coletiva.

Após confirmação da associação do relato como sendo uma demanda coletiva, a mesma é informada e destinada ao representante do poder público municipal para o seu conhecimento como uma demanda da associação e do coletivo.

Nesta fase de teste, o desafio é que a CAP seja capaz de construir no aplicativo uma linguagem em comum com esses protagonistas, em um conhecimento novo que promova um desenvolvimento mútuo e formativo desses protagonistas e dos próprios pesquisadores e da ciência, reconhecendo o outro e seu saber como legítimos.

### **4. À guisa de conclusão**

Procuramos descrever a experiência na utilização do DD3P, para além dos ambientes de trabalho, como um potencial agregador de outros dispositivos que buscam romper com a herança de vulnerabilidade e apostam na tessitura de um novo saber aderente, territorial, comunitário.

Em uma situação adversa o mais importante é a sua própria singularidade expressa na combinação da compreensão das vulnerabilidades e do suporte disponível no território. Nesse sentido, recorremos ao conceito de vida enquanto “atividade normativa” em Canguilhem (2001), ao afirmar que o ser humano é definido por sua capacidade de instituir novas normas de vida, a partir dos constrangimentos e possibilidades que lhe são impostos pelo meio. Isto é, o que pode parecer anormal pode indicar um novo modo de andar a vida.

No horizonte de permanente incerteza em que vivemos, a afirmação de que o meio é sempre infiel parece-nos uma verdade incômoda que não podemos evitar. Temos que transformar esse conhecimento em vantagem. Esperamos que a experiência aqui compartilhada siga nessa direção.

### Referências Bibliográficas

- Acselrad, H. (2008). *Cartografias sociais e territórios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional.
- Callon, M., Lascoumes, P., & Barthe Y. (2001). *Agir dans un monde incertain. Essai sur la démocratie technique*. Paris: Seuil.
- Canguilhem, G. (2001). Meio e normas do homem no trabalho. *Pro-posições*, 12, 35–46.
- Halbwachs, M. (2013). *A memória coletiva* (2<sup>a</sup> edição). São Paulo: Centauro.
- Oddone, I. et al. (2020). Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde/organização. São Paulo: Hucitec.
- Quarantelli, E. L. (2015). Uma agenda de pesquisa do século 21 em ciências sociais para os desastres: questões teóricas, metodológicas e empíricas, e suas implementações no campo profissional. *O Social em Questão*, 18(33), 25–56.
- Santos, B. S. (2007). Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novaos estudos CEBRAP*, 79, 71-94. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y. (2009). Produzir saberes entre aderência e desaderência. *Educação Unisinos*, 13(3), 264–273. <https://doi.org/10.4013/edu.2009.133.4959>
- Schwartz, Y. (2020). Posfácio. In I. Oddone et al. (Eds.), *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo: Hucitec.

# **Denominação: O ponto de vista do trabalho e os recursos do património industrial para pensar na conceção, na inovação e no desenvolvimento.**

# **Denominación: El punto de vista del trabajo y los recursos del patrimonio industrial para pensar el diseño, la innovación y el desarrollo.**

# **Le point de vue du travail et les ressources du patrimoine industriel pour penser la conception, l'innovation et le développement.**



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO Faculdade de Psicología  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### Laurence Belliès

Professeure associée Aix-Marseille Université – UFR ALLSH, chercheure IHP, ergonome interne Airbus  
29 Av Robert Schuman, 13621 Aix-en-Provence  
laurence.belliès@univ-amu.fr

### Resumo

Nesta comunicação sustentamos a tese de que os recursos endógenos são determinantes para construir e estruturar um projeto de desenvolvimento industrial. Após um breve estado da arte sobre as metodologias de conceção no campo industrial nos últimos trinta anos, definiremos como perspetivamos a conceção face aos processos de desenvolvimento macro e micro. Depois ilustraremos o que faz crise e o que, pelo contrário, permite, ou não, desenvolver-se antes de se concluir o projeto.

### Palavras-chave

ponto de vista da atividade, projeto industrial, saberes endógenos e exógenos, desenvolvimento

### Resumen

En esta comunicación sostenemos la tesis de que los recursos endógenos son determinantes para construir y estructurar un proyecto de desarrollo industrial. Despues de un rápido estado del arte sobre las metodologías de diseño en el campo industrial en los últimos treinta años, definiremos cómo vemos el diseño en relación con los procesos de desarrollo macro y micro. Luego ilustraremos lo que hace crisis y lo que permite a contrario desarrollarse antes de concluir o no.

### Palabras clave

punto de vista de la actividad, proyecto industrial, conocimientos endógenos y exógenos, desarrollo

### Résumé

Dans cette communication nous soutenons la thèse comme quoi les ressources endogènes sont déterminantes pour construire et structurer un projet de développement industriel. Après un rapide état de l'art sur les méthodologies de conception dans le champ industriel sur ces trente dernières années, nous définirons comment nous envisageons la conception au regard des processus de développement macro et micro. Puis nous illustrerons ce qui fait crise et ce qui permet a contrario de se développer avant de conclure ou pas.

### Mots clés

point de vue de l'activité, projet industriel, savoirs endogènes et exogènes, développement

Dans cette communication, nous proposons de nous appuyer sur notre expérience d’accompagnement de projets industriels et de rechercher comment le «point de vue du travail» et les ressources du patrimoine industriel contribuent au développement industriel.

Nous caractérisons le concept de «*point de vue du travail*» par la dialectique entre le singulier et le général, et plus précisément par notre capacité à «réinterroger du point de vue de l’activité concrète [qui participe du point de vue du travail] les macro déterminants du travail» (Duraffourg, 1995). Ainsi, dans le cadre des projets industriels, les enjeux principaux sont d’intégrer les différentes formes de variabilités dans le travail et leurs conséquences sur l’activité des utilisateurs finaux, largement sous-estimés par les concepteurs (Garrigou & al., 1998, p. 299), en tenant compte des savoirs issus de l’expérience tels qu’ils s’expriment à travers l’expression des travailleurs, sachant que ces points de vue peuvent être contradictoires avec d’autres qui circulent dans l’entreprise (Di Ruzza, 2017, p. 248).

La notion de *ressources* renvoie aux hommes et aux femmes et à leurs savoirs et savoir-faire accumulés depuis des décennies constituant leur *héritage commun* de la vie et de notre monde historique et social, appelé *projet héritage* (Schwartz et al., 2009, p. 258) structuré par des innovations techniques et humaines, des crises et des progrès. Dans le champ industriel, nous pouvons mentionner quatre grandes révolutions industrielles<sup>[1]</sup> qui de la machine à vapeur à la maîtrise de l’électricité puis des NTIC<sup>[2]</sup> nous amène à l’Industrie 4.0.

L’empan temporel retenu pour cette communication se situe entre la 3<sup>ème</sup> et 4<sup>ème</sup> révolution industrielle et les ressources qui nous intéressent sont les concepteurs et le groupe receveur, soit la maîtrise d’ouvrage (MO)<sup>[3]</sup> interne à l’entreprise, héritière de savoirs disparates et complémentaires, de nature endogène, et la maîtrise d’œuvre (ME)<sup>[4]</sup> extérieure à l’entreprise dont la nature des savoirs est exogène.

Nous soutenons la thèse que les ressources endogènes sont déterminantes pour construire et structurer le projet de développement, pour autant que les conditions soient réunies pour qu’elles puissent s’exprimer.

Le développement peut être défini à différents niveaux par différentes disciplines. Dans une approche «macro», le développement est bien un processus d’évolution pour atteindre une certaine maturité et croissance (souvent économique), mais aussi des conditions de vie au travail qui s’améliorent (Nouroudine, 2018). Dans une approche «micro» et constructiviste, le développement est une construction par étapes du réel, c'est-à-dire une modification de l’organisation des structures mentales (si-

gnifications, représentations, traitement cognitif, subjectivité) permettant d’appréhender d’autres propriétés du monde et de produire d’autres actions sur le monde. Cette communication s’intéressera à comprendre la dynamique de ces processus dans la construction du réel pour répondre aux enjeux «macro» du développement. Dans un premier moment, nous ferons un rapide état de l’art sur les méthodologies de conception dans le champ industriel sur ces trente dernières années, puis nous définirons comment nous envisageons la conception au regard des processus de développement. Dans un troisième moment nous illustrerons ce qui fait crise et ce qui permet a contrario de se développer, avant de conclure ou pas.

## **1. Etat de l’art sur les méthodologies de conception industrielle**

Le processus traditionnel de conception des «grands projets» dit séquentiels et à temps long comporte tout d’abord une étude d’opportunité afin de mesurer les risques et d’engager le projet si ce dernier est rentable. Le MO contractualise alors avec un ME qu’il choisit pour assurer la conception, la réalisation et les tests de validation. Le contrat prévoit des revues de projet pour une validation régulière par la MO et un planning à respecter. Mais en quelques décennies, les projets sont devenus de plus en plus longs (jusqu’à 10 ans) avec des équipes de ME complexes appelant progressivement des spécificités, savoir-faire et métiers divers (mécanique, automatisme, robotisation, informatique, ...) amenant de la sous-traitance au sein des ME et donc renforçant la contractualisation entre MO et ME. Dans le champ informatique, on peut citer les diagrammes en V. «Cette méthode relativement séquentielle est basée sur les étapes successives de recueil des besoins, spécifications, conception, tests, livraison. Elle confère à l’expression des besoins et aux spécifications une place centrale puisque ceux-ci guident la conception» (Briec et al., 2018). Ces méthodes ont été critiquées, car les délais de réalisation étaient relativement longs (imputés au temps d’expression détaillée des besoins), mais aussi parce que cette expression détaillée laissait peu de place aux évolutions de définition (*ibid*).

C’est pour répondre à ces critiques et faire face à des modifications rapides des structures des marchés, que les industriels issus de l’aéronautique et de l’automobile ont repensé leurs processus de conception pour laisser la place à de nouvelles formes de rationalisation en quête d’efficacité: ingénierie simultanée, intégrée ou concourante qui visaient une réduction des coûts et des délais, et si possible de meilleures interactions entre les divers acteurs des projets.

Au final, ces diagrammes en V existent toujours mais avec des boucles de contrôle et des cycles plus courts. Arrive aussi, sous l'influence de cabinets de consultants, une nouvelle méthode dite «Agile» ayant pour objectifs de développer des produits fonctionnels qui répondent aux demandes évolutives du client et de concrétiser rapidement la conception en livrant régulièrement des fonctionnalités au client.

Ainsi, nous nous interrogeons sur l'évolution de ces méthodologies. Favorisent-elles ou non un développement industriel?

## 2. Les processus de développement «micro» et «macro»

### 2.1. Un processus «macro» du développement

Les notions de développement sont transversales, présentes dans plusieurs disciplines académiques, devenues une question «à conceptualiser» après la seconde guerre mondiale, car c'est alors qu'émergent «une certaine «idéologie du développement», assimilant à celui-ci les notions de «progrès», de «croissance» et d'«industrialisation», mais aussi un effort théorique et conceptuel pour débattre des conditions favorables au développement (Di Ruzza et al., 2014, pp. 131-136). Les évaluations du développement sont essentiellement économétriques enrichies d'indicateurs *comme le bien-être de l'être humain*, la capacité effective des peuples à jouir d'une *bonne santé et à accéder au savoir* selon Amartya Sen (Lacomblez, 2018, p. 75). Les articulations macro/micro sont fragiles car, même si «la liberté réelle de choix est un argument fort de l'œuvre de Amartya Sen, [...], la question de l'emprise directe sur les événements et de la complexité du processus de ce contrôle, [...], est traitée en recourant au paradigme formel des droits de l'Homme» (ibid, p77). En revanche Nouroudine propose de passer par le travail et l'activité (micro) pour envisager la question du développement (macro).

«C'est la nature du travail – son contenu, les conditions dans lesquelles il finit par être exercé et les effets de ces dernières en termes de santé – qui définit le développement: soit le travail correspond à cette définition et il engendre un processus de développement, soit il n'y correspond pas car l'activité ne procure ni appropriation du milieu, ni maîtrise des situations individuelles et collectives, et alors il ne saurait exister de processus de développement» (Di Ruzza et al., 2014, p. 142).

On voit ici comment le travail autorisera ou non un processus micro de développement dans l'activité.

### 2.2. Un processus «micro» du développement

En considérant la technique comme *un acte traditionnel efficace*, Sigaut (1990) met en relation trois pôles *Ego/Autrui/Réel* que nous avons fait évoluer dans le cadre de la conception vers un triptyque *concepteur/évaluateur/objet à concevoir* (Bellies, 2002, pp. 44-52).

Le *concepteur* crée un *réel à construire*, élaboré des représentations afin de les auto-évaluer et de les soumettre, après médiatisation, à l'évaluation du groupe receveur. Ce groupe évalue le *réel à construire* (une situation industrielle future possible) selon des critères d'efficacité<sup>[5]</sup> et de tradition<sup>[6]</sup>.

Nous avions tout d'abord constaté que, suivant la nature du *réel à construire* (technique, procédural ou structurel) et les *enjeux* soulevés par cet objet, les arguments mobilisés par le groupe receveur lors des évaluations étaient d'autant plus en *adhérence avec leur tradition* que les enjeux soulevés renvoyaient à leur rôle d'acteurs sociaux dans l'activité future et que la *nature* de l'objet était structurelle ou procédurale. A contrario, l'évaluation se faisait en *désadhérence* sous l'angle de l'efficacité normative quand l'objet était de nature technique sans appel à des enjeux sociaux (ibid, pp. 105-176). A la lueur des avancées théoriques et épistémologiques proposées par l'ergologie, nous pourrions dire que ces évaluations ne faisaient pas appel aux mêmes champs d'épistémicité.

Concernant la structuration de la pensée dans un exercice de simulation, les concepteurs faisaient appel à des niveaux d'abstraction variés du *réel à construire* sans se référer à l'existant avec des raisonnements de type hypothético-déductifs. Alors que les utilisateurs finaux du groupe receveur naviguaient dans des niveaux d'abstraction plutôt concrets et se référaient régulièrement à la situation existante avec des types de raisonnement procéduraux (ibid, pp. 105-176).

Ces résultats montrent une variabilité de structuration de la pensée et nous confortent dans l'idée que cette structuration et l'action sur le monde sont indissociables; et qu'elles ne partent jamais de rien. Elles engagent des croyances fondées sur l'expérience sociale et les idées sont construites socialement comme des outils pour transformer le monde<sup>[7]</sup>. Ce qui vient corroborer la notion de *projet héritage* qui «... dessine ce qui fait héritage dans la situation, et réciproquement: l'héritage est déterminant pour construire les contours du projet» (Schwartz et al., 2009, p. 258). Ainsi, nous considérons que toute situation de travail porte une histoire et un avenir, et que la nature des savoirs endogènes favorise la projection vers le futur. Par ailleurs, ces résultats montrent aussi l'intérêt des objets concrets pour structurer la pensée et donc agir en conception.

### **3. Retour d’expérience sur les processus de conception**

Nous illustrerons ci-après notre «vécu» de projets de conception industrielle.

#### **3.1. Des avancées sur le réel à construire et sa mise en discussion en conception industrielle**

Ayant participé à de nombreux projets industriels dans divers ateliers et chaîne de montage, nous pourrions sans hésitation témoigner que nous réussissons de plus en plus à nous projeter concrètement sur les dimensions techniques de l’activité future possible, avec l’aide des outils numériques 3D, de la réalité virtuelle et augmentée. Ces savoirs exogènes sont à utiliser en fonction de ce que nous devons approfondir dans le projet du point de vue de *l’usage*. Par exemple sur des questions d’accessibilité manuelle, visuelle et cognitive, l’évaluation des continuités physiologiques et cognitives, les maquettes numériques 3D sont suffisantes. En revanche, sur les dimensions de l’organisation du travail, comme les procédures et la structure, c’est plus compliqué. Dans une première expérience d’accompagnement de la conception d’une chaîne de montage, nous avions essayé de redéfinir avec l’équipe projet le rôle futur du chef d’équipe (Bellies et al., 2008). Mais autant il a été aisément de mettre en débat certains déterminants techniques du travail, comme l’absence d’outils de gestion générant auprès des chefs d’équipe de nombreuses régulations, autant les notions d’effectifs ou de structuration des équipes étaient compliquées à appréhender compte tenu des enjeux soulevés. Le groupe projet restait alors à un fort niveau d’abstraction en réalisant des fiches de fonction en désadhérence des situations existantes.

C’est pourquoi, dans un second projet de conception de chaîne de montage, l’équipe des ergonomes a proposé de développer un atelier d’entraînement en parallèle de la conduite du projet (Bellies et al., 2016). L’idée était de co-construire avec les futurs utilisateurs des progressions pédagogiques afin de s’approprier le milieu, les connaissances et savoir-faire de la situation future possible, ainsi que les procédures et outils techniques. Les savoirs endogènes mis en discussion sont d’une part les savoirs investis des situations existantes mais aussi les savoirs théoriques introduits à l’occasion du projet (nouvel outil, nouvelle règle, ...). Le débat qui s’instaure alors entre l’ergonome et l’opérateur à propos de son travail futur est de nature à se projeter sur une autre réalité afin d’évaluer sa pertinence ou non. Il y a là une production de savoirs *par* et *pour* l’action (Teiger et al., 2013), pour autant bien évidemment que ce travail puisse alimenter les revues de projet plus conventionnelles pour faire (re)connaitre ces savoirs endogènes.

Nous avons aussi été invités à participer à des séances de Ring numérique<sup>[8]</sup> afin de nous positionner sur l’ordonnancement des tâches futures en chaîne de montage. Cette simulation pourrait être pertinente pour identifier les difficultés de montage et arbitrer l’équilibrage des stations, mais il faut encore progresser sur la fiabilité technique des outils numériques et s’assurer de la présence des utilisateurs finaux.

A contrario, dans un projet d’Industrie 4.0. nous avons participé à des POC<sup>[9]</sup>, très tôt dans la conception, qui nous ont permis, sur la base de nos analyses de l’activité, d’enrichir la spécification générale qui a été envoyé ensuite aux fournisseurs potentiels.

Mais parfois les spécialistes du travail sont appelés plus tardivement.

#### **3.2. Un exemple qui fait crise**

Pour donner suite à une situation de tension aigue, des ergonomes sont intervenus dans un projet de modernisation d’une salle de conduite. «Selon les demandeurs, cette situation opposait deux catégories d’acteurs du projet, d’une part les représentants de la maîtrise d’ouvrage, les chefs de projet et leurs assistants et d’autre part les assistants à la maîtrise d’ouvrage experts en sécurité ferroviaire» (Briec et al., 2018). Ainsi, le but de l’intervention ergonomique avait «pour but d’éclairer les éléments de l’organisation du travail à l’origine de la dégradation des relations de travail au sein de l’équipe» (*ibid*). Les ergonomes ont réalisé des entretiens dans lesquels un sujet récurrent revenait avec chacun des professionnels, à savoir l’usage d’une méthode innovante appelée Agile, alors que l’ensemble des professionnels avaient pour habitude de travailler avec les méthodologies de diagramme en V.

«Dans le sous-projet conduit en Méthode Agile, une start-up a été choisie pour développer l’outil informatique. Celle-ci a proposé la mise en place d’ateliers de «design thinking» auxquels devaient participer les futurs utilisateurs de l’outil informatique et les experts en sécurité ferroviaire représentants des exploitants y ont été associés. Il était attendu d’eux qu’ils réagissent dans le cours des ateliers aux propositions qui émergeraient. Or cette coopération s’est révélée difficile voire impossible dans l’action et est devenue une des sources de tension entre les membres de l’équipe projet» (*ibid*).

Pour comprendre, avant Agile, les experts des systèmes ferroviaires (représentants des exploitants), prenaient le temps d’écrire dans les spécifications détaillées les besoins des futurs utilisateurs, les exigences de la rè-

glementation ferroviaire, les règles de performance de l’outil informatique et de gérer certains compromis. Avec Agile, ils n’avaient plus l’opportunité de gérer ces compromis en amont des spécifications et n’ont pas pu se faire entendre dans les ateliers «design thinking» face à des consultants dont le mandat était de privilégier le point de vue des utilisateurs. Or le point de vue des utilisateurs n’est pas le point de vue du travail! Les spécifications détaillées qui permettaient d’assurer une cohérence avec le reste du parc représentaient une sorte de «diapason» entre les divers acteurs du projet en facilitant les coopérations (*ibid*); ce que la méthode Agile n’a pas pu assurer faute d’élaboration détaillée des besoins dans un temps réduit. «Faute d’anticipation, les problèmes survenus dans le cours du travail se sont cristallisés dans des conflits de personnes» (*ibid*).

### **3.3. Impacts sur les enjeux du développement**

Les impacts sont multiples: sur la santé et la performance du système conçu, pour les utilisateurs finaux et pour les concepteurs.

Le risque d’un outil mal conçu est qu’il ne soit pas utilisé par le groupe receveur, mais il peut y avoir aussi des risques pour les utilisateurs de pénibilité au travail (répétitivité, efforts, troubles musculo-squelettiques,...). Dans le projet d’Industrie 4.0., les risques d’erreur nous encouragent à préconiser une homogénéité des IHM<sup>[10]</sup>, voire une intégration des différentes interfaces en une interface unique pour répondre aux enjeux de performance et de santé mentale de l’opérateur. Mais aussi, le «tout connecté» permet au management de suivre en temps réel la qualité et la quantité du travail produit. Cette prise en charge rend l’utilisateur final plus mesurable et contrôlable. Le risque est tout d’abord vis à vis de soi-même si on augmente son niveau d’exigence psychique; c’est l’ivresse narcissique, la quête de la perfection, le dépassement de soi vis-à-vis des indicateurs. Puis le risque est aussi vis à vis des autres, car dans le monde de l’entreprise où la concurrence entre collègues est déjà exacerbée par les indicateurs de performance individuels, ces nouveaux indicateurs donnent aux individus l’occasion de s’affronter aux autres et cassent les collectifs de travail<sup>[11]</sup>.

Pour les concepteurs, les risques de «burn-out», alcoolisme, dépression dans une proportion inhabituellement élevée, conflits, absentéisme avaient été décrits par Schön (1983). Ce constat sur les conflits s’est renouvelé à l’occasion du projet de conception dans les transports ferroviaires (Briec et al., 2018). D’autres auteurs s’inquiètent de pathologies psychologiques et psychiques

à l’occasion de projets de transformations digitales<sup>[12]</sup> couvrant les activités des cadres en général. En effet, de nombreux travaux ont montré l’impact de la messagerie sur la surcharge de travail et des nouvelles technologies sur la désorganisation du travail en introduisant des interruptions, qui obligent les utilisateurs finaux à une multi-activité qui va contribuer à une dispersion des tâches et à une perte de sens dans le travail. Ces interruptions sont couteuses d’un point de vue cognitif quand il faut se «remonter» dans sa tâche mais donnent aussi le sentiment de survoler son travail; c’est le travail empêché, contrarié, inachevé.

### **4. Pour ne pas conclure**

Forts de ces constats, nous pourrions conclure que la réussite des projets de développement industriel réside dans cette *bataille du travail réel*. Les perspectives résident dans l’approche ergologique qui peut aider à accéder aux savoirs d’expérience et dans la force du *projet héritage* partagé au sein de la maîtrise d’ouvrage pour aider à structurer la pensée, les débats et le mode d’action sur le projet de développement.

Pour finir, nous persistons dans nos propositions de:

- Poursuivre nos analyses d’activité sur le terrain pour rendre visible et lisible le point de vue de l’activité et en débattre dans le cadre de la conception en présence des utilisateurs finaux.
- Participer à la conception en privilégiant une approche anthropocentrée et non technocentrée. A ce titre, les ateliers d’entraînement sont de vrais espaces de discussion au sein de l’entreprise sur l’ensemble des dimensions du travail. Mais il y a aussi les revues de projet à investir.
- Travailler en équipe pluridisciplinaire pour construire des outils qui instrumenteront les salariés.

### **Références Bibliographiques**

- Belliès, L. (2002). *La conception: processus d’élaboration et d’évaluation de représentations pour l’action* (Thèse de doctorat). Laboratoire d’Ergonomie Physiologique et Cognitive de l’Ecole Pratique des Hautes Etudes, Paris, France.
- Belliès, L., & Beauguil, L. (2008). L’accompagnement des projets de conception avec et sans objets intermédiaires: conséquences sur les coopérations entre acteurs de la conception. In *Actes du Congrès de la SELF*, Ajaccio.
- Belliès, L., & François, C. (2016). L’accompagnement ergonomique d’un projet d’ingénierie de la formation: outiller et accompagner les futurs formateurs

pour transformer le travail. In *Actes du Congrès de la SELF*, Marseille. <https://ergonomie-self.org/wp-content/uploads/2018/08/ActesSELF2016-70-79.pdf>

→ Briec, C., & Poète, V. (2018). Le point de vue du travail: le fil de l'action dans des situations conflictuelles. In L. Belliès, & F. Hubault (Coords.), *Le «point de vue du travail»: modèle analytique ou politique?* Symposium Congrès de la SELF, Bordeaux.

→ Di Ruzza, R. (2017). L'apport essentiel d'Yves Schwartz et de l'ergologie aux questions d'un économiste. *Ergologia*, 18, 237-251.

→ Di Ruzza, R., & Lacomblez, M. (2014). Ergologie, Travail et Développement. Quelques suggestions. *Ergologia*, 12, 129-145.

→ Durrafourg, J., (1995). *Unicité de positionnement, diversité des pratiques*. Communication présentée aux Journées de Bordeaux sur la pratique de l'ergonomie.

→ Garrigou, A., Thibault, J. F., Jackson Filho, J. M., Martin, C., Belliès, L., & Ledoux, E. (1998). *Les enjeux de la constitution de collectifs de maîtrise d'ouvrage dans les projets de conception d'installations industrielles et les projets architecturaux*. Congrès francophone du management de projet, AFITEP, Paris.

→ Lacomblez, M. (2018). Apports et limites des travaux d'Amartya Sem. In J. Arnoud, F. Barcellini, M. Cerf, P. Olry, & M-S. Perez Toralla (Coords.), *Quelles mobilisations des enjeux de développement dans les interventions ergonomiques?* Symposium Congrès de la SELF, Bordeaux.

→ Nouroudine, A. (2018). *Comprendre et agir pour le patrimoine et le développement selon une approche ergologique*. Communication en plénière au 4<sup>ème</sup> Congrès de la SIE, Brasilia, Brésil.

→ Sigaut, F. (1990). Folie, réel et technologie. *Techniques et Cultures*, 15, 167-179.

→ Schwartz, Y., & Durrive, L. (2009). *L'activité en dialogues, Entretiens sur l'activité (II)*. Toulouse: Octarès.

→ Teiger, C., & Lacomblez, M. (2013). *(Se)former pour transformer le travail*. Dynamiques de constructions d'une analyse critique du travail. ETUI / Presses de l'Université Laval.

## Notes

- [1] La première révolution industrielle est la machine à vapeur au 18<sup>ème</sup> siècle. La seconde révolution industrielle du 19<sup>°</sup> au début du 20<sup>°</sup> siècle est la maîtrise de l'électricité, puis des énergies fossiles et le travail à la chaîne principalement pendant les trente glorieuses. La troisième révolution industrielle commence dans les années 1970 avec l'invention du microprocesseur et de la micro-informatique, puis la diffusion rapide en réseaux locaux dans les années 1980, puis l'internet et les téléphones mobiles dans les années 1990 et enfin en 2000, le haut débit et multimédia interactif qui ouvrent des opportunités technologiques importantes. La quatrième révolution industrielle bénéficie de synergies entre des technologies de pointe (véhicules autonomes, Impression 3D, Robotique, nouveaux matériaux, nanotechnologies, stockage d'énergie), numérique (internet des objets, RFID, plateformes technologiques, Intelligence artificielle,) et biologique (séquençage génétique, production de biocarburants, biotechnologies,...) pour trouver des alternatives à une économie intensive.
- [2] NTIC: Nouvelles Technologies de l'Information et de la Communication.
- [3] Le maître d'ouvrage (MO) est le client qui exprime le besoin et qui paie, mais qui a rarement l'expérience de la conduite de projet.
- [4] Le maître d'oeuvre (ME) est la personne physique ou morale, chargée par le maître d'ouvrage de diriger les travaux. Traditionnellement, il est l'acteur essentiel du processus de conception et de la réalisation du projet.
- [5] Les critères d'efficacité se traduisent par la reconnaissance d'un minimum d'avantages techniques, économiques ou sociaux à l'objet.
- [6] Les critères propres à la tradition renvoient aux systèmes de signes, de croyances, de valeurs marchandes ou «sans dimension», aux coutumes et aux rites du groupe receveur, à l'expérience des opérateurs.
- [7] Lorino, P. (2019) *Pragmatisme, pratiques managériales, pratiques de recherche. Défis d'aujourd'hui et de demain*. [https://www.youtube.com/watch?v=fkEfB-6TJyTY&ab\\_channel=RECOR](https://www.youtube.com/watch?v=fkEfB-6TJyTY&ab_channel=RECOR)
- [8] RING numérique: simulation 3D sur des outils CATIA / DELMIA.
- [9] POC (Proof of concept): séance de simulation échelle 1 avec la présence des utilisateurs finaux
- [10] IHM: Interfaces Homme-Machine
- [11] Bobillier-Chaumon, M.E. (2019). Leçon inaugurale Chair de psychologie du travail au CNAM. [https://www.youtube.com/watch?v=D5LkknDg7YM&ab\\_channel=Conservatoireinternationaldesartsetm%C3%A9tiers](https://www.youtube.com/watch?v=D5LkknDg7YM&ab_channel=Conservatoireinternationaldesartsetm%C3%A9tiers)

# **Saúde, trabalho e subjetividade em tempos de plataformas digitais: patrimônios e possibilidades a partir de um olhar sobre a atividade.**

# **Salud, trabajo y subjetividad en tiempos de plataformas digitales: patrimonios y posibilidades a partir de una mirada hacia la actividad.**

# **Santé, travail et subjectivité en temps des plateformes numériques: patrimoines et possibilités à partir d'un regard sur l'activité.**

**U.PORTO**

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



**U.PORTO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFUSÃO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### **Denise Alvarez**

Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Rua Passo da Pátria, 156, Bloco D, sala 309, São Domingos, CEP 24210-240, Niterói - RJ, Brasil  
alvarezdenise@id.uff.br

### **Cirlene Christo**

Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Av. Pasteur, 250 Urca, Rio de Janeiro, RJ CEP 22290-902, Rio de Janeiro - RJ, Brasil  
cirlenechr@gmail.com

### **Letícia Pessoa Masson**

Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ)  
Rua Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos, CEP 21041-210, Rio de Janeiro - RJ, Brasil  
leticiamasson@ensp.fiocruz.br

### **Simone Santos Oliveira**

Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ)  
Rua Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos, CEP 21041-210, Rio de Janeiro - RJ, Brasil  
simone@ensp.fiocruz.br

### **Resumo**

A partir de uma perspectiva ergológica, o texto apresenta um debate sobre a atividade de motoristas que atuam por aplicativos no que se costumou chamar uberização do trabalho. Busca entender quais formações de patrimônio estão presentes e como vêm se (re)configurando as formas de realização desse trabalho tecnologicamente mediado por plataformas digitais. Para isso, realizaram-se Encontros sobre o Trabalho, entendidos como dispositivos de formação-pesquisa-intervenção, precedidos por levantamento documental, conversas com trabalhadores e aplicação de questionário. Constata-se que há um processo de invisibilização da atividade no trabalho mediado por plataformas digitais. Discute-se que essa configuração sociotécnica vem acirrando um distanciamento dos problemas enfrentados nas situações concretas de trabalho. Analisam-se também suas implicações na formação de patrimônio e competências, assim como os desafios na luta coletiva contra a precarização e em favor da saúde.

### **Palavras-chave**

uberização, motoristas por aplicativos, ergologia, saúde do trabalhador

### **Resumen**

Desde una perspectiva ergológica, el texto presenta un debate sobre la actividad de conductores que trabajan a través de aplicaciones en lo que solía llamarse uberización del trabajo. Se busca comprender qué formaciones patrimoniales están presentes y cómo están (re)configurando las formas de realizar estos trabajos mediatizados tecnológicamente por plataformas digitales. Para ello, se realizaron Encuentros de Trabajo, entendidos como dispositivos de formación-investigación-intervención, precedidos de encuestas documentales, conversaciones con los trabajadores y la aplicación de un cuestionario. Resulta que existe un proceso de invisibilidad de la actividad laboral mediado por plataformas digitales. Se discute cómo esta configuración sociotécnica ha llevado a una agudización de los problemas enfrentados en situaciones laborales concretas. También analiza sus implicaciones para la formación de patrimonio y competencias, así como los desafíos en la lucha colectiva contra la precarización y a favor de la salud.

### **Palabras clave**

uberización, conductores por aplicaciones, ergología, salud del trabajador

## Résumé

D'un point de vue ergologique, le texte présente un débat sur l'activité des chauffeurs qui travaillent depuis applicatifs dans ce que s'appelle l'ubérisation du travail. Il cherche à comprendre quelles formations patrimoniales sont présentes et comment-elles (re) configurent les modalités de réalisation de ce travail technologiquement médiatisées par les plateformes numériques. Pour cela, des Groupes de Reencontres du Travail ont été organisées, comprises comme des dispositifs de formation-recherche-intervention, précédées d'enquêtes documentaires, d'échanges avec les travailleurs et de l'application d'un questionnaire. Il semble qu'il existe un processus d'invisibilité de l'activité de travail médiaée par les plateformes numériques. Il est discuté que cette configuration sociotechnique agrandit l'éloignement des problèmes rencontrés dans des situations de travail concrètes. Il est analysé également ses implications pour la formation de patrimoine et de compétences, ainsi que les enjeux de la lutte collective contre la précarization et en faveur de la santé.

## Mots-clés

ubérisation, chauffeurs depuis applicatifs, ergologie, santé du travailleur

## 1. Introdução

A uberização, termo que tem designado modos de trabalhar mediados por processamento algorítmico de dados, tem associado novos modos de organização, gerenciamento e controle a processos mais antigos de flexibilização e precarização do trabalho (Duggan, Sherman, Carbery, & McDonnell, 2020; Abílio, 2020). A opacidade do funcionamento das plataformas digitais, no monitoramento e direcionamento dos trabalhadores, dificulta a compreensão de como se processa seu gerenciamento e subordinação (Carelli, 2017). Uma consequência disto é que as empresas-plataforma, em escala global, se distanciam da regulação estatal sobre os direitos trabalhistas.

No contexto de nossos usos tecnológicos, o apagamento dos limites entre os domínios público e privado em relação aos dados de consumidores e trabalhadores apropriados pelas empresas-plataforma coloca em questão tanto a estrutura clássica de empresa (Casilli, 2018), como a própria noção de trabalho. As plataformas não se apresentam apenas como negócios digitalmente melhorados, mas também como mecanismos de coordenação que combinam algorítmicamente a oferta e a demanda de serviços e arbitram interesses de diferentes grupos (consumidores, produtores, provedores

etc.), sincronizando-os com os mercados. Com isso, extraem valor, limitando seu risco, que é cada vez mais compartilhado com esses atores.

Para Abílio (2020), as transformações trazidas pela uberização centram-se na generalização e espalhamento de características estruturantes da vida de trabalhadores de periferia. Tais como: transição entre ocupações formais e informais, ausência de uma identidade profissional definida e raros meios de proteção social. Esse novo “trabalhar” não somente contaria com o engajamento subjetivo dos trabalhadores, como os gerenciaria na casa dos milhares e até milhões, transformados em “auto-gerentes subordinados” (Abílio, 2020).

Tal configuração sociotécnica convoca à análise de novos aspectos e estratégias relativos à atividade humana. Embora modalidades de prescrição, antecipação e normatização do trabalho estejam sendo criadas com o uso destas tecnologias, constata-se que ainda pouco se conhece sobre elas. Por outro lado, pouco se sabe também sobre o que o trabalho mobiliza dos sujeitos para se realizar: quais variabilidades, quais valores individuais e coletivos convocados, quais infidelidades colocadas pela miríade de situações, que estratégias, renormatizações e debates produzidos se apresentam? Esse texto propõe uma aproximação à atividade de motoristas que atuam por aplicativos, visando conhecer e entender quais formações de patrimônio estão presentes e como vêm (re)configurando as formas de realização de seu trabalho. Ao nos aproximar da atividade, buscamos encontrar os traços de promoção de saúde aí presentes.

## 2. Perspectiva teórico-metodológica

Em sua elaboração conceitual sobre as dimensões genéricas da atividade, Schwartz (Schwartz & Durrive, 2010) vê algo geral por trás da distinção prescrito/real. Elenca dois registros universais que englobam situações variáveis: uma dimensão de protocolo, o registro 1 (R1), e uma dimensão de encontro, o registro 2 (R2). A relação entre eles e o que dela resulta é também construção de experiência, de saber lidar com situações, de elaborar estratégias para fazer face às infidelidades do meio (Canguilhem, 2001). Esta dinâmica vai formar um patrimônio, que não se dá apenas no nível individual, mas também no plano coletivo, na contribuição para um patrimônio comum (Schwartz, 1995).

Além disso, a relação entre os registros e a construção de patrimônio se dá, segundo Schwartz (Schwartz & Durrive, 2010), em um cenário onde atuam três polos. Esta reconstrução da atividade, em sociedades democráticas regidas por leis, vai se orientar pela busca de

equilíbrio entre eles. No *polo da gestão*, vai-se tentar gerir debates e solicitações pertinentes à atividade, onde dúvidas, impasses e evocação de diferentes valores estarão sempre presentes. No *polo mercantil*, a volatilidade e as pressões regidas pelos valores quantitativos do mercado vão tentar impor sua racionalidade, onde os interesses das empresas e grupos econômicos pressionam os outros polos permanentemente. E finalmente, no *polo do político*, ou da cidadania, são evocadas as diferentes visões referentes aos valores do bem comum e seus dimensionamentos.

Tendo por referência teórico-metodológica principal a perspectiva ergológica e buscando compreender o trabalho a partir do ponto de vista da atividade, privilegiou-se neste estudo a realização de Encontros sobre o Trabalho – EST (Schwartz & Durrive, 2010), entendidos como dispositivos de formação-pesquisa-intervenção. Tais Encontros foram realizados no contexto de um projeto interinstitucional de pesquisa e extensão, desenvolvido desde 2019, sendo precedidos de: levantamento documental sobre as normas antecedentes do trabalho; conversas com interlocutores-chaves de associações de motoristas no estado do Rio de Janeiro; e aplicação de questionário sociodemográfico junto a motoristas destas associações.

Os EST ocorreram em setembro de 2020, através de três reuniões online, com duração média de 1h30 e intervalo de 15 dias entre cada uma. Configuraram-se como um espaço de debate sobre o trabalho realizado por eles em sua dimensão cotidiana, abordando a sua relação com a saúde e os processos de coletivização.

Os participantes foram contatados diretamente ou por indicações feitas a partir de fases anteriores da pesquisa e os encontros tiveram a participação de 5 trabalhadores em ao menos uma reunião, sendo uma mulher e 4 homens e 3 trabalhadores ligados a organizações coletivas de motoristas por aplicativos.

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1. Tentativa de apagamento da atividade pelas empresas-aplicativos

Uma das características do gerenciamento algorítmico é prescindir da supervisão humana direta, na medida em que as instruções e o sistema de controle são incorporados no próprio instrumento de trabalho: os *smartphones*. Assim, a partir de dispositivos tecnológicos e do tratamento algorítmico de dados em tempo real e utilizando-se de mecanismos de *gamificação* (Formanski, Formanski, & Alves, 2014), as empresas monitoram e direcionamativamente o trabalho dos motoristas, viabilizando o controle dos resultados da prestação de serviços.

*A Uber, ela muda a remuneração a hora que ela quer, entendeu, do jeito que ela quer (...) Eles falam “ah, mas tá no contrato, você aceitou”. Mas para o motorista ele só tem uma opção: ou aceitar ou não aceitar. Se o motorista aceita, ele continua “jogando”, se ele não aceita, ele é banido da plataforma.* (Motorista, homem 1, EST II).

Esse controle e gerenciamento do trabalho se processa à distância das situações concretas vivenciadas pelos trabalhadores. Aos motoristas é contratualmente atribuída a maior parte das responsabilidades e dos riscos de tal prestação de serviços.

*O meu seguro antes de [eu] ser [motorista de] Uber era 1.800/1.900 reais. Depois que passei para o aplicativo eu estou pagando 3.600 de seguro. Então, assim, quase dobrou para eu poder ter segurança e dar segurança para quem está junto comigo e eles não se responsabilizam por nada disso. Isso é tudo nós que pagamos. E quem está do outro lado não enxerga isso. Não sabe disso.* (Motorista, mulher, I EST).

Nesse enquadre sociotécnico, o trabalho é reduzido à prestação do serviço de deslocamento, como se todo o resto que compõe esse fazer – como a espera de chamadas, os deslocamentos para buscar áreas com maior demanda, a manutenção do veículo, o trato com o passageiro, assim como as regulações necessárias por imprecisão ou falhas nos aplicativos – não existisse, não sendo, portanto, remunerado.

*Você abriu o aplicativo, tá lá, daí em diante a única responsabilidade que o aplicativo tem contigo é te passar as viagens, de resto é tudo com você: combustível, seguro, a manutenção do carro, a limpeza do carro, o tempo que você vai rodar, o quanto você pretende faturar, que você “pretende”, né, porque você sai de casa com uma meta x, mas nem sempre você consegue alcançar essa meta x, como tem algumas situações também que você consegue extrapolar bastante essa meta* (Motorista, homem 2, EST III).

Esse distanciamento das empresas-plataforma da atividade que envolve suas operações se expressa também na falta de suporte para a solução dos problemas. O contato dos motoristas com empresas se dá principalmente via aplicativo ou e-mail com representantes de suporte, muitas vezes por meio de respostas (semi)au-

tomatizadas (Duggan et al., 2020), dificultando o acomodamento e tratamento de questões que fogem ao antecipado. Alerta-se para o fato de que a dificuldade de antecipação aqui é não somente pela impossibilidade de prever os desafios que se apresentam nas situações concretas de trabalho, mas também uma opção estratégica das empresas de se isentar do tratamento dos problemas e consequências locais de suas operações.

*Eu tava com uma cliente e, na época eu não era motorista “diamante”, eu era motorista “platinum” e uma cliente passou mal no meu carro, sei lá, não sei se ela passou mal, ela apagou no meu carro, tá? Eu queria ligar para o 0800 da Uber e quando eu ligava para o número a informação dada era: “você não tem autorização para usar essa linha”, porque eu ainda não era motorista “diamante”. E se essa cliente tivesse morrido, tivesse tido um coma alcóolico no meu veículo? Porque ela apagou. Eu fiquei de três horas da manhã até às sete horas da noite sem poder tocar na cliente, imagina a minha situação? Eu tenho foto disso, tá, eu tenho foto da cliente apagada no carro. Aí que que eu fiz? Entrei em contato com vários colegas: “como é que eu me livro dessa situação?”*

(Motorista, homem 1, II EST).

De modo geral, os motoristas recorrem ao suporte dos colegas de trabalho, formando redes de solidariedade, que se revelam uma estratégia de promoção de saúde frente às infidelidades que se apresentam. Por outro lado, esse apagamento, ou não reconhecimento por parte da empresa, das questões que estão presentes na atividade provoca sofrimento nos motoristas, na medida em que ficam desamparados e com encargos que às vezes não têm recursos para gerir. Paradoxalmente, no gerenciamento das empresas composto por muitas normas mutáveis, há um vazio de normas no que tange ao apoio às situações presentes na atividade.

### 3.2. A formação de patrimônio

A tentativa de apagamento ou invisibilização desta atividade tem alguns desdobramentos que convocam a noção de patrimônio. Os motoristas trazem experiências, competências, formações de suas atuações profissionais anteriores que os fizeram desenvolver um patrimônio, muitas vezes ocultado e subutilizado. Tendo exercido outras profissões (engenheiros, fotógrafos, arquitetos, técnicos diversos, prestadores de serviços), muitos deles “estão motoristas” e não “são motoristas”.

*Acham que a gente é um pobre coitado porque está ali. O [outro motorista presente] está se graduando, é graduado, eu também sou graduada, sou pós-graduada, eu sou professora de fotografia, eu sou repórter fotográfica, sou uma documentarista. E aí a gente se coloca nessa situação por causa do desemprego que está nos sufocando, está nos tirando o sono, e a gente não tem onde se agarrar. É se submeter a isso para poder continuar sobrevivendo e isso é muito difícil. E ainda ser tratado como um invisível. Isso dói bastante*

(Motorista, mulher, I EST).

Esse patrimônio vai contribuir para configurar uma nova “profissionalidade” de motorista por aplicativo permitindo a cada atual motorista reconfigurar o meio segundo sua própria experiência. Se, por um lado, a empresa acha que qualquer pessoa pode ser motorista pelo fato de ter uma habilitação, por outro, desconsidera essa necessária formação de patrimônio, com reflexos também para a invisibilidade social deste trabalho e possíveis implicações na saúde mental destes trabalhadores.

*Eles [empresas-aplicativo] vendem essa atitude de leveza: “ah, é o seu complemento de renda”. A categoria não se reconhece. Todo mundo acha que é advogado ainda e tá rodando pelo aplicativo há cinco anos. Todo mundo acha que é: “ah, não, eu sou da área de TI, rodo há três anos”. Três anos não é temporário, três anos não é complemento de renda. Quando você se dedica doze horas a um determinado trabalho, sete dias por semana ou seis dias por semana, ele não é um complemento, ele é a atividade principal. Mas a empresa vende essa ideia, as empresas vendem essa ideia, dizendo “olha, é um complemento de renda, é muito fácil, pega o seu carro, já tá na garagem aí, você vai ganhar mil e quinhentos reais por semana...”, e a realidade é totalmente diferente.* (Presidente da Associação de Motoristas Autônomos do Rio de Janeiro - AMPA-RJ, entrevista em 21/10/2020).

Outro aspecto diz respeito aos trabalhadores que já “eram motoristas” antes do surgimento dos aplicativos: fossem motoristas de outras empresas, de taxis, ou particulares, ou mesmo da Uber em categorias consideradas superiores (como a “Uber Black”), mais antigos na prestação de serviços à empresa.

*O aplicativo sabendo disso [da situação de vulnerabilidade dos trabalhadores frente ao desemprego] bane o motorista a hora que quer, não dá satisfação. É como eu falei anteriormente, eu era motorista 6 estrelas, motorista “diamante” do aplicativo, faço parte de um grupo que foi o primeiro grupo 100% Black do Rio de Janeiro, cobrimos diversos eventos, graças a Deus. Mas o que o aplicativo fez comigo? Me baniu. Eu fui banido da plataforma. E sem nenhuma justificativa.* (Motorista, homem 1, II EST).

Segundo o presidente da AMPA-RJ, ao longo do tempo de existência da Uber, o perfil do motorista mudou. A empresa chegou ao Brasil, em maio de 2014, atuando inicialmente na cidade do Rio de Janeiro e se colocou de maneira “sedutora” dando vouchers de corrida a motoristas que trabalhavam de forma particular e autônoma. Conforme o entrevistado, em janeiro de 2015, a empresa tinha apenas 250 motoristas na cidade e, em função de embates com taxistas que se percebiam perdendo clientes, eram taxados por parte da sociedade como marginais. Ao se estabelecer no mercado, a empresa passou a flexibilizar as exigências aos motoristas, como, por exemplo, de obrigatoriedade de vistorias e tempo de uso do carro. Com isso, houve um crescimento muito grande do número de motoristas vinculados ao aplicativo. Pode-se dizer que, nesses casos, já havia uma profissionalidade e um conjunto de competências que vinha sendo formado, tais como: conhecimento da configuração urbana da cidade, forma de atendimento ao passageiro, relação com outros motoristas, conhecimento das características do veículo e de sua manutenção etc. Isso que se pode denominar um patrimônio, construído pela experiência e pelo ofício de motorista, que vai fazendo a história da profissão e destes profissionais.

Assim, parece-nos que há uma conjugação de diferentes patrimônios: dos que “estão motoristas” com os que já “eram motoristas” (taxistas e motoristas particulares), que estaria se configurando em outros patrimônios. Pode-se dizer, então, que haveria aí uma reconfiguração que, paradoxalmente, vai incluir a possibilidade de desvalorização, não reconhecimento e até mesmo dissolução, dos patrimônios anteriores ao trabalho como “motorista por aplicativo” e ainda dos que estão em processo de construção.

### **3.3. Profissionalismo e construção de Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes (ECRP)**

Nesse processo de precarização das condições de trabalho e da formação dos trabalhadores, Abílio (2020)

identifica a transformação do trabalhador em “trabalhador amador”, em que, embora continue sendo trabalho, este não lhe confere uma identidade profissional e um estatuto estável e publicamente estabelecido.

Segundo o presidente da AMPA/RJ, o reconhecimento da categoria é base dessa organização e das transformações que podem dela advir, na medida em que é necessário saber, por exemplo, quem são, onde estão, quanto tempo trabalham por dia e que atividades realizam os motoristas por aplicativos. Todavia, em sua visão, apesar de haver solidariedade entre eles, a unificação das pautas é complexa devido às distintas realidades de vida e trabalho desses profissionais, com limitadas condições da maioria deles para se manter financeiramente e conseguir de fato se articular coletivamente. Zarifian (2003) propõe uma definição de profissão que se afastaria de uma concepção tradicional de ofício e se aproximaria da ideia de profissionalismo. Neste sentido, profissão seria algo que se cria a partir de uma situação a ser enfrentada em comum pelos trabalhadores, mais do que a construção de regras homogêneas em um meio estável de pares. Assim, dentro da noção de profissionalismo, os grupos constituem-se intersubjetivamente a partir das situações das quais devem se encarregar e são também mais frágeis, tendo sua composição variável, se comparada às concepções mais clássicas de profissão/ofício.

Entendemos que tal compreensão se aproxima do conceito de Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes (ECRP) (Schwartz & Durrive, 2010). Tais entidades teriam contornos variáveis e estão na fonte da eficácia no trabalho, representando um “lugar de transição dinâmica” (p. 149) de valores entre os processos macro e micro das transformações nos mundos do trabalho, entre o político e a atividade de trabalho.

Ao compreender a eficácia como algo que está longe de ser totalmente controlável pela hierarquia e que é, na verdade, fruto de um trabalho cooperativo bem consolidado, entende-se que estes coletivos se formam sem delimitações definidas a priori, nem externamente aos seus membros. É a atividade de trabalho, em um momento e situação dados, que define os limites, as fronteiras da atuação e da configuração de um determinado coletivo. Assim, segundo Schwartz (Schwartz & Durrive, 2010), para se delimitar uma ECRP, é necessário “ampliar a noção de coletivo no espaço e no tempo” (p.158), o que dialoga com a construção de patrimônio explicitada anteriormente.

Nesse sentido, não se trata de romantizar a precariedade relacionada à ideia de “trabalhador amador” (Abílio, 2020). Em vez disto, trata-se de apontar para algo que

nasce do enfrentamento a essa mesma precarização, à falta de definição e de autonomia sobre a realização das atividades, além de políticas de individualização e deslocalização do trabalho (Schwartz & Durrive, 2010). Assim, apontando para a construção de saúde, para o não assujeitamento e para tentativas de apropriação e reconfiguração do meio, identifica-se a emergência de lutas em comum, acerca tanto da natureza, quanto da generalização do processo de uberização do trabalho.

*Não é só motorista, não é só o entregador, não é só a diarista. A nossa luta contra a precarização é de todo mundo porque... Inclusive para quem não está nos aplicativos, mas precisa fazer uso deles, é bom que as pessoas primeiro saibam o que estão usando, e segundo, que possam se engajar com a gente nisso. Vão ajudar bastante a gente aí na pressão que fazem em cima dos aplicativos também. O capital, esses capitalistas vivem de propagandas, eles estão preocupados apenas com a imagem que eles têm. E se a gente puder ter mais gente consciente do que a gente passa trabalhando para os aplicativos, pra nós é ótimo porque isso nos ajuda na pressão.* (Motorista homem 2, evento da Frente Amplia em Defesa da Saúde do Trabalhador, setembro/ 2020).

#### 4. Conclusão

A invisibilização da atividade pelas plataformas digitais tem efeitos negativos no que Schwartz denomina polo da gestão (Schwartz & Durrive, 2010). As empresas, ao se definirem como intermediadoras, desconsideram o trabalho realizado como um trabalho efetivo. Como consequência, há uma espécie de negação do que se passa na atividade e do que ela solicita para acontecer. E isso se dá em prejuízo à construção do ofício e ao reconhecimento das competências e formações de patrimônio.

Na pesquisa em foco, percebemos que apesar de não constituírem propriamente uma profissão, as atividades destes trabalhadores se desenvolvem em meio a tentativas de aproximação de certa profissionalidade. Este trabalho, “não clássico”, não regulado e “just-in-time” (Abílio, 2020), é permeado, ainda que de maneira tímida, pela coletivização e discussão de suas normas antecedentes, com vistas a requisitar visibilidade para o polo da atividade junto aos demais polos do espaço tripolar. Se para se delimitar uma ECRP é necessário ampliar a noção de coletivo (Schwartz & Durrive, 2010), entendemos que tal processo de coletivização se dá justamente pela busca da construção de patrimônio.

Esta, por sua vez, implica a luta pela saúde no trabalho, entendida como a (re)criação de normas individual e coletivamente na dinâmica que ocorre entre os dois registros da atividade (R1 e R2). Assim, a luta pela regulamentação e pela construção e legitimação de um profissionalismo, se daria em meio a uma ECRP que, embora ampla e diverso, teria como objetivo comum a garantia de melhores condições de trabalho e de exercício e (re)construção de sua profissionalidade.

#### Referências Bibliográficas

- Abílio, L. (2020). Uberização: gerenciamento e controle do trabalhador just-in-time. In R. Antunes (Ed.), *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0* (pp. 111-124). São Paulo: Boitempo.
- Canguilhem G. (2001). Meio e normas do homem no trabalho. *Pro-posições*, 12(2-3), 109-121.
- Carelli, R. (2017). O Caso Uber e o controle por programação: de carona para o Século XIX. In A. C. Paes Leme, B. Rodrigues, & J. E. Chaves Júnior (Coords.), *Tecnologias Disruptivas e a Exploração do Trabalho Humano: A intermediação de mão de obra a partir das plataformas eletrônicas e seus efeitos jurídicos e sociais* (pp. 130-146). São Paulo: LTR.
- Casilli, A. (2018) Existe una cultura laboral digital global? Marginación del trabajo, desigualdades globales Y colonialidade. In Agencia de Gobierno Electrónico y Tecnologías de la Información y Comunicación (Coord.), *Trabajo, conocimiento y vigilância: 5 ensayos sobre tecnología*. La Paz: AGETIC.
- Duggan, J., Sherman, U., Carbery, R., & McDonnell, A. (2020). Algorithmic management and app work in the gig economy: A research agenda for employment relations and HRM. *Human Resource Management Journal*, 30(1), 114-132. <https://doi.org/10.1111/1748-8583.12258>
- Formanski, F. N., Formanski, J. G., & Alves, J. (2016). *Uso da Gamificação na Gestão de Organização em Rede*. CIKI - IV Congresso Internacional do Conhecimento e Inovação, Loja, Equador.
- Schwartz, Y. (1995). De l'inconfort intellectuel, ou: comment penser les activités humaines? In P. Cours-Salies, P. (Coord.), *La liberté du travail* (pp. 99-149). Paris: Syllepse.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF.
- Zarifian, P. (2003). *O modelo da competência: trajetória, desafios atuais e propostas*. São Paulo: SENAC.

# Paradoxo do pertencimento e não pertencimento.

## Paradoja de pertenencia y no pertenencia.

### Paradoxe de l'appartenance et de la non-appartenance.



### Maria Cecília Souza-e-Silva

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - LAEL/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP/CNPq  
Rua Dr. Carlos Norberto Souza Aranha, 242;  
CEP 05450-010; São Paulo – SP; Brasil  
cecilinh@uol.com.br

### Resumo

Considerada um patrimônio, a Lei Áurea de Abolição da Escravatura (1888) e seus desdobramentos têm sido revistos, gerando debates acerca da inserção do negro na sociedade brasileira e dos mecanismos que ainda hoje perpetuam a desigualdade racial no Brasil. Nossa país já foi apontado como um caso único de miscigenação racial, como “festival de cores”, no entanto, a constatação de que somos uma “nação mestiça” aponta a defasagem entre as teorias deterministas exógenas e a realidade mestiça endógena, revelando a rigidez da teoria quando o objeto em questão é o contexto local. Relativiza-se, assim, a realização de debates sobre cidadania, sobre a participação de indivíduos e coletivos nas atividades sociais, entre elas, a do trabalho, cuja condição continua desigual entre brancos e negros (Moritz Schwarcz, 1994, 2012). Refletir sobre essa problemática implica articular as noções de atividade humana (Schwartz, 2011, 2021) e de paratopia (Maingueneau, 2006, 2015).

### Palavras-chave

desigualdade racial, sociedade brasileira, atividade humana, paratopia

### Resumen

Considerada un patrimonio, la Ley sobre la Abolición de la Esclavitud (1888) y sus despliegues se tienen revisado, generando debates sobre la inserción de los negros en la sociedad brasileña y sobre los mecanismos que perpetúan la desigualdad racial en Brasil. Nuestro país ya ha sido identificado como un caso único de mestizaje racial, como un “festival de colores”, sin embargo, el hallazgo de que éramos una “nación mestiza” apunta a la brecha entre las teorías deterministas exógenas y la realidad mestiza endógena, lo que revela la rigidez de la teoría cuando el objeto en cuestión es el contexto local. Así, la realización de debates sobre la participación de individuos y colectivos en las actividades sociales, incluido el trabajo, sigue siendo desigual entre blancos y negros (Moritz Schwarcz), se vuelve relativa. Reflexionar sobre este tema implica articular las nociones de actividad humana (Schwartz) y paratopía (Maingueneau).

### Palabras clave

desigualdad racial, sociedad brasileña, actividad humana, paratopia

## Résumé

Considérée comme un patrimoine, la *Loi de l’Abolition de l’Esclavage* (1888) fut révisée et, avec ses développements, elle engendra des débats sur l’insertion du nègre dans la société brésilienne et sur les mécanismes qui perpétuent l’inégalité raciale au Brésil. Notre pays a déjà été désigné comme un cas de métissage racial, pareil à un «festival de couleurs», cependant la constatation du fait que nous étions «une nation métisse» indique le décalage entre les théories déterministes exogènes et la réalité métisse endogène en révélant la rigidité de la théorie quand l’objet en question est un contexte local. On relativise ainsi la réalisation de débats sur la participation d’individus et de collectifs aux activités sociales, parmi lesquelles, celle du travail, dont la condition continue à être inégale entre les blancs et les nègres (Moritz Schwarcz). Réfléchir sur cette problématique implique l’articulation des notions d’activité humaine (Schwartz) et de paratopie (Maingueneau).

## Mots clés

inégalité raciale, société brésilienne,  
activité humaine, paratopie

Considerada um patrimônio, parte do Arquivo Nacional, a Lei da Abolição da Escravatura (1888), seus antecedentes e seus desdobramentos têm sido revistos, gerando debates e reflexões acerca da inserção do negro na sociedade brasileira. Vários são os mecanismos que ainda, na época atual, perpetuam a desigualdade racial no Brasil fazendo com que o negro ocupe uma posição, diríamos, paratópica (Maingueneau, 2006) em nosso país. Já fomos considerados um caso único e singular de miscigenação racial, um “festival de cores”, uma “sociedade de raças cruzadas”, no entanto, a constatação de que éramos uma “nação mestiça” aponta a defasagem existente entre as teorias deterministas exógenas, quando pensadas em função da realidade mestiça endógena, e revela a rigidez da teoria quando o objeto em questão é o contexto local. Tem-se aqui, usando os óculos da Ergologia, uma situação em que os *saberes validados* pela ciência, conceitualizados, teriam se sobreposto aos *saberes-valores*, que aderem aos problemas, às questões locais: “Se focaliser uniquement sur le savoir, les concepts validés dans et par les sciences, c'est ne prendre que par un bout la production des savoirs” (Schwartz, 2021, p. 106). Vai na mesma direção o relato de Abdallah Nouroudine (2010), que enfatiza os problemas decorrentes de não se considerar a dimensão social, as competências locais, no caso, pescadores das Ilhas Comores, na transferência de tecnologia.

Essas reflexões iniciais nos levam a alguns textos da antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (1993, 2012) a fim de compreender – detendo-nos no espaço-tempo compreendido entre 1870-1930, final da monarquia e impasses da República Velha – como a questão racial foi política e historicamente construída e como a noção de raça foi renegociada e experimentada nesse contexto sócio-histórico. Em um momento caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, institucionalmente ocorrida em data já mencionada, dois grandes modelos teóricos, racismo e liberalismo, corporificam o paradoxo dos debates. Ao mesmo tempo em que uma visão determinista gerou o fortalecimento de uma interpretação racial para a formação da nação, ocasionando o esvaziamento do debate sobre a cidadania e sobre a participação do indivíduo na sociedade, o liberalismo acolheu o país de raças híbridas, mas não deixou de conviver com o discurso racial, acionado quando se tratava de defender hierarquias, explicar desigualdades raciais, pois, na prática, temia-se o aumento da misteçagem (Moritz Schwarcz, 1994). Caracteriza-se, então, a emergência de dois debates: de um lado, o enraizamento de um modelo liberal jurídico na concepção do Estado; de outro, o paralelo enfraquecimento de uma discussão sobre a cidadania em função de debates sobre a questão da igualdade, tendo como base as conclusões deterministas raciais. Teorias supostamente excluidentes, racismo e liberalismo conviveram, em finais do século, em locais distintos de atuação.

A miscigenação do país, considerada pelos cientistas estrangeiros como fenômeno desconhecido e recente, tornava-se, naquele momento, um tema polêmico também entre as elites intelectuais locais que, no interior dos estabelecimentos em que trabalhavam (Museus Etnográficos, Institutos Históricos e Geográficos, Faculdades de Direito e de Medicina), moveram-se entre a aceitação das teorias que condenavam o cruzamento racial e a sua adaptação a um povo já muito miscigenado. O conjunto dos modelos evolucionistas levava a crer que o progresso e a civilização eram inevitáveis, mas concluía também que a mistura de espécies heterogêneas gerava degeneração de toda a coletividade. Incômoda era, então, a situação desses grupos de intelectuais que oscilavam entre a adoção de modelos deterministas e suas implicações e, entre a exaltação de uma “modernidade nacional” e a crença em um Estado harmonioso, acima das diferenças sociais e raciais. Se vai longe o contexto intelectual dos fins do século passado; se já não é mais científicamente legítimo falar das diferenças raciais a partir dos modelos darwinistas sociais, o racismo permanece, porém, como tema cen-

tral ao pensamento social brasileiro (Moritz Schwarcz, 1994, p. 149). Ainda em alternância, duas visões permanecem, a de um país de convivência racial pacífica, idílica, e aquela que busca vincular aspectos exteriores a certas deformações morais.

É esse o discurso policial, a fala que preconceitua o cotidiano da violência, aqui visibilizada em excerto extraído de composição musical de Marcelo Yuka, componente da banda *O Rappa*, conhecida por suas canções de forte cunho social. Uma delas, cujo título – *Todo camburão tem um pouco de navio negreiro* –, anuncia a brutalidade a que está sujeito um grupo de negros, que conversa calmamente em local público.

### **Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio**

**Negreiro**

**Marcelo Yuka**

***O Rappa***

Tudo começou quando a gente conversava  
Naquela esquina ali  
De frente àquela praça  
Veio os homens  
E nos pararam  
Documento por favor  
Então a gente apresentou  
Mas eles não paravam  
Qual é negão? Qual é negão?  
O que que tá pegando?  
Qual é negão? Qual é negão?  
É mole de ver  
Que em qualquer dura  
O tempo passa mais lento pro negão  
Quem segurava com força a chibata  
Agora usa farda  
Engatilha a macaca  
Escolhe sempre o primeiro  
Negro pra passar na revista  
Pra passar na revista

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro  
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

Retomando o título e o refrão, designa-se por *camburão*, no Brasil, o carro da polícia que transporta no compartimento traseiro, muitas vezes amontoados, aqueles que são considerados marginais, geralmente pessoas negras, muitas das quais levantam suspeitas por parte de policiais, que os interpelam quando se reúnem em esquinas, praças para conversar. Metaforicamente, os *camburões* são comparados aos navios negreiros que

transportavam, em seus porões, em condições sub-humanas, os escravos para o Brasil; e os *cassetetes*, usados com brutalidade pelos policiais fardados, são associados às *chibatas*, varas flexíveis e longas utilizadas pelos feitores para castigar os escravos em quaisquer manifestações por eles consideradas desordeiras; a arbitrariedade marca a atitude de ambos, acionando, assim, a memória discursiva da época da escravidão. Por ocasião das interpelações, as chamadas dura, a apresentação de documentos por parte das pessoas negras não serve para fazer parar os policiais, que recorrem a insultos (*Qual é negão? Qual é negão? O que que tá pegando?*), apresentados na canção sob a forma de repetições já naturalizadas, carregadas de preconceitos. O feitor, agora fardado, *engatilha a macaca*, isto é, na gíria policial, uma submetralhadora, para *revistar* cada um dos envolvidos<sup>[1]</sup>. Com canções como essa, Marcelo Yuka e a banda *O Rappa* vão mostrando as histórias que estão por trás da música, forma que encontram para protestar, denunciar o descaso da sociedade diante da população negra. Esse potencial de criação, “reserva de alternativas”, para falar como Schwartz (2011), emerge no e através do plano enunciativo em manifestações artísticas, entendidas como atividade humana, por meio das quais é possível ouvir as vozes, as experiências de quem luta para ter visibilidade em um cotidiano hostil. E parecem explicitar, discursivamente, o lugar paratópico de suas manifestações.

A *paratopia*, noção cunhada por Maingueneau, “não é a ausência de qualquer lugar, mas uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária, que retira vida da própria impossibilidade de estabilizar-se” (2006, p. 68). Observando a diversidade das práticas discursivas que circulam no mundo contemporâneo, o autor chama a atenção para a importância de se observar o “modo de inscrição” dos discursos no universo discursivo, sua maneira de se relacionar com a *topia*, de ocupar o espaço do que é dizível em uma sociedade (2006, 2010, 2015). Propõe, então, a distinção entre diferentes tipos discursivos, levando em consideração domínios de produção e circulação de diferentes discursos. Os discursos tópicos são aqueles que têm seu lugar social próprio e legitimado e, às vezes, institucionalizado, como o discurso jurídico ou o discurso médico. Já os discursos atópicos englobam produções toleradas, clandestinas, como o discurso pornográfico e, dependendo da sociedade, outras práticas como palavrões, músicas indecorosas, ritos de feitiçaria, missas negras etc. São atestadas, mas silenciadas, isto é, reservadas a espaços de sociabilidade restritos ou a momentos particulares. Finalmente, a categoria discursos paratópicos, que nos interessa aqui, embora

desenvolvida para tratar dos discursos constituintes, isto é, o religioso, o filosófico e o literário pode, não canonicamente, ser estendida para tratar de outros discursos, como aquele em pauta, que implicam um pertencimento paradoxal, isto é, “o pertencimento e o não pertencimento, a impossível inclusão em uma ‘topia’” (2010, p. 161). Estende-se assim a noção de paratopia a manifestações artísticas que abrangem diversos gêneros discursivos e não somente obras literárias de autores consagrados (Machado de Campos, 2018).

Usando novamente os óculos da Ergologia, se aceitamos o princípio segundo o qual *a atividade é a convidada por todas as dimensões da vida humana*, podemos dizer que o artista, compositor de música popular, é produtor de saberes, valores que não cessam de “fazer história”, de transformar o mundo mesmo no infinitamente pequeno (Schwartz, 2011, 2021).

### Referências Bibliográficas

- Machados de Campos, M. (2018). *O discurso de um lugar (im)possível: considerações sobre o potencial paratópico de travestis e transexuais* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Maingueneau, D. (2006). *O discurso literário*. São Paulo: Contexto.
- Maingueneau, D. (2010). A paratopia e suas sombras. In *Doze conceitos em Análise do Discurso* (pp. 157-170). São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2015). *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola.
- Moritz Schwarcz, L. (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Moritz Schwarcz, L. (1994). O espetáculo da miscigenação. *Estudos Avançados*, 20(8), 137-152. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000100017>
- Moritz Schwarcz, L. (2012). *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma.
- Nouroudine, A. (2010). As técnicas e a experiência dos humanos. In Y. Schwartz, & L. Dourriva (Eds.), *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (pp. pp. 116-121). Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y. (2011) Manifesto por um ergo-engajamento. In P. Bendassolli, & L. Soboll (Orgs.), *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade* (pp. 132-166). São Paulo: Atlas.
- Schwartz, Y. (2021) Entretien - Ergologie et politique. *Travailler au futur*, 4, 103-107.

### Notas

[1] Essa situação que tende a se agravar, considerando decretos no 10.627, 10.628, 10.629, 10.630, assinados recentemente pelo Presidente Jair Bolsonaro: um deles aumenta para oito o número de armas de fogo que policiais, agentes prisionais, membros do Ministério Público e de tribunais podem adquirir; e outro permite que profissionais de várias categorias, entre eles os policiais, possam adquirir, anualmente, insumos para recarga de até cinco mil cartuchos para as armas de fogo registradas em seu nome.

# O pensamento pedagógico de Pedro Figari. Uruguay (1861-1938).

# El pensamiento pedagógico de Pedro Figari. Uruguay (1861-1938).

# La pensée pédagogique de Pedro Figari. Uruguay (1861-1938).



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DO PORTO



### Alvaro Casas

Profesor Pedagogía Social/Consejo de Formación en Educación/Administración Nacional de Educación Pública. Uruguay Técnico Supervisor/Instituto Nacional de Empleo y Formación Profesional. Uruguay 11200 Salto 919 ap. 5 Montevideo Uruguay alvaro.casas.gorgal@gmail.com

### Resumo

O pensamento de Pedro Figari evidencia uma notória atualidade relativamente ao tema do trabalho, do património e do desenvolvimento. Na sua perspetiva, são traçadas de forma clara e substantiva as ligações entre a formação profissional com o trabalho, bem como a articulação dos processos educativos com o património e o desenvolvimento numa perspetiva americana. O lugar atribuído à arte, na sua abordagem, define um marco na forma de a conceber e apresenta-se como a chave para a compreensão da referida articulação. Para além das distâncias temporais e geográficas com a perspetiva ergológica, são apresentadas algumas pistas para iniciar um diálogo viável e potencialmente fecundo.

### Palavras-chave

pedagogia, formação profissional, arte, trabalho, desenvolvimento

### Resumen

El pensamiento de Pedro Figari evidencia una actualidad notoria en relación a la temática del trabajo, el patrimonio y el desarrollo. En su perspectiva se dibujan de forma clara y sustantiva los vínculos de la formación profesional con el trabajo en tanto forma y finalidad de aquella, así como una articulación de los procesos educativos con el patrimonio y el desarrollo en clave americana. El lugar otorgado al arte en su perspectiva marca un hito en la forma de concebirlo y se presenta como clave para entender la articulación antedicha. Más allá de las distancias temporales y geográficas con la perspectiva ergológica, se presentan algunas pistas para iniciar un diálogo viable y potencialmente fructífero.

### Palabras clave

pedagogía, formación profesional, arte, trabajo, desarrollo

### Résumé

La pensée de Pedro Figari montre une évidente actualité par rapport au thème du travail, du patrimoine et du développement. Dans sa perspective, se dessinent de façon lucide les liens entre la formation professionnelle et le travail, ainsi que l'articulation des processus éducatifs avec le patrimoine et le développement américain. La place donnée à l'art dans sa perspective marque un jalon dans la manière de le concevoir et se présente comme la clé pour comprendre l'articulation précitée. Au-delà des distances temporelles et géographiques avec la perspective ergologique, quelques in-

dices sont présentés pour initier un dialogue viable et potentiellement fructueux.

### Mots clés

pédagogie, formation professionnelle, art, travail, développement

### 1. Introducción

Presentar la obra de Pedro Figari es presentar la obra de un realizador, de un pensador, de un artista, que viviera en la confluencia entre dos siglos, en la República Oriental del Uruguay.

Nos interesa la obra de Figari porque presenta una mirada integradora de campos aparentemente divergentes como la Educación, la Formación para el Trabajo y el Arte, sirviendo de antecedente para la construcción de un enfoque que ligue a la Educación y al Trabajo en clave de sensibilidad.

Nos interesa el pensamiento y la obra de Figari en clave pedagógica, más allá del abogado que realizará un brillante alegato para erradicar la pena de muerte en el Uruguay en el año 1903 (ley que se aprobó en 1907) más allá del artista que sacó a luz la cultura de las colectividades negras pintando sus fiestas, su danza, sus rituales, sus costumbres, sus saberes<sup>[1]</sup>.

Hijo de padres italianos y en contacto directo con la cultura europea de su tiempo, Figari propone las bases de una educación ligada al desarrollo de la industria nacional, en clave americana, por medio del arte<sup>[2]</sup>.

Nos interesa el pensamiento de Figari porque viene como *anillo al dedo* para la reflexión de los temas que nos convocan, ya que liga en su pensamiento y su acción al trabajo, al patrimonio y al desarrollo.

Presentaremos una síntesis de su pensamiento pedagógico, que es, de por sí, de un caudal conceptual extenso y complejo.

### 2. Breve contextualización histórica

La obra del autor se da en el marco de un país que venía procesando - en las últimas décadas del siglo XIX y las primeras décadas del siglo XX - una serie de reformas sociales, políticas y económicas muy relevantes para la historia del país y más allá, como ser la abolición de la pena de muerte (1907), la separación de la Iglesia del Estado (1917), la admisión del divorcio (1907), reformas económicas como la nacionalización del puerto de Montevideo (1916) y de distintos servicios. Asimismo, pese a las crisis económicas y las guerras civiles de fines del siglo XIX y principios del XX, Uruguay se había beneficiado de importantes flujos migratorios y una modernización económica ge-

neral financiada por las exportaciones agro pecuarias (Arregui, 2016)

Pero un especial destaque merece la formulación de reformas laborales inéditas en Latinoamérica, como ser la Ley de Ocho horas (1915) la indemnización por despido, la compensación por accidentes de trabajo, la ampliación de jubilaciones a la vejez. (Arregui, 2016) Reformas que fueron fruto de un diálogo, de una articulación entre el poder político y las demandas de los primeros sindicatos que emergen en la vida del país.

### 3. Pedro Figari y su obra en torno a la Formación Profesional

Esta breve caracterización histórica alumbra el propio proceso renovador que la sociedad uruguaya le enciende a la Formación Profesional de su época.

Pueden nombrarse dos momentos de la obra de Figari en relación al desarrollo de la Formación Profesional en Uruguay, la primera como Consejero de la Escuela de Artes y Oficios, en el umbral de su proceso de reformulación en 1910 y la segunda en su rol de director de la institución, desde 1915.

Comencemos destacando el enunciado de los principios que presentó como Consejero en el marco de la discusión para la reformulación de la Escuela de Artes y Oficios, que había sido creada en 1888 y había funcionado, primero en el marco de la Comisión Nacional De Caridad, pasando a depender luego del Ministerio de Industrias, Trabajo e Instrucción Pública, en el año 1909 (Anastasia, 1975, p. 27).

La escuela venía funcionando como un asilo para niños y adolescentes con dificultades sociales y uno de los pilares de la propuesta de Figari fue ampliar la Escuela para todos los jóvenes y obreros, así como ligar la formación al desarrollo artístico e industrial. Dice Figari con relación a la necesaria reforma de la escuela:

«Para que una escuela de esta clase llene su verdadera misión y produzca resultados proporcionados al sacrificio que implican, debe dar enseñanza y dirección no a un ciento o dos de alumnos, sino a muchos cientos, a millares, a todos los que la demanden y debe hacerse propaganda para que la demanden cada vez más. Esto es lo práctico y razonable» (2007, pp. 49-50)

Su proyecto de programa y reglamento, presentado a fines de 1910, delinéo, en 6 artículos, la esencia de su visión para la institución.

Destacamos, entre ellos:

Art 1: El fin de la Escuela es la enseñanza de las ciencias y del arte, en sus aplicaciones industriales.

Art 2: En el cumplimiento de su misión, la Escuela ajustará la enseñanza y todos sus actos a las reglas siguientes:

- a) Dar instrucción práctica más bien que teórica, adoptando, en cuanto fuese posible, procedimientos experimentales, de modo que el alumno consiga por sí mismo la verdad o el resultado que busca.
- b) Instruir al mayor número de personas, sin distinciones de ninguna clase, dándose además cursos especiales para obreros, en las horas y días que a éstos más les convengan.
- d) Despertar y desarrollar el espíritu de iniciativa, de organización y de empresa, alentando las facultades ejecutivas del alumno.
- e) Despertar y desarrollar en el alumno el espíritu de observación y el sentido estético, preparándolo para razonar, adecuar, adaptar, ordenar, proporcionar, equilibrar, armonizar, etc.
- g) Establecer las ventajas de la perseverancia como medio de realización, que es la finalidad de todo esfuerzo.
- i) Modelar el criterio y el ingenio del alumno más aún que su manualidad, optando la vez por su preparación general, más bien que por especializaciones, debiendo tenerse presente, sin embargo, la conveniencia de preparar el fomento y desarrollo de las industrias relacionadas con nuestras riquezas naturales y con las materias primas de producción nacional.

Art 5: No se aplicarán castigos.

Art 6: La Escuela «no les exigirá exámenes (a sus alumnos) sin perjuicio de las pruebas que convengan a la enseñanza, ni les otorgará diplomas»

(Figari, 2007, pp. 26-28)

### 3.1. Análisis del articulado del proyecto

Este proyecto, que para Figari implicaba cambiar el nombre de la *Escuela de Artes y Oficios a Escuela Pública de Arte Industrial*, refleja las orientaciones filosóficas de la nueva institucionalidad. Sin embargo, el proyecto de Figari fue rechazado, en el medio de las tensiones institucionales de todo proceso de reformulación, calificándose sus propuestas de «impracticables, de ser un plan demasiado avanzado, tanto que no se ha puesto en práctica en ninguna de las escuelas europeas» (Anastasia pp. 29-30).

Pero para comprender las ideas de Figari y tener un pa-

rámmetro de los tópicos en torno a los cuales giró la discusión que se dio a la interna del Consejo, vale recordar cuál fue el proyecto finalmente aprobado. Este declara, en su artículo 1º:

«Facilitar a los alumnos conocimientos teóricos y la práctica del oficio a que se dediquen, teniendo como objetivo principal e inmediato, la formación de hombres capaces que, utilizando el aprendizaje, puedan convertirse en breve tiempo en obreros industriales, aptos e instruidos» (Anastasia, 1975, p. 31)

Como se verá, primó la tesis de formar un obrero industrial, en el menor lapso posible, por medio de procesos de *aprendizaje*, lo cual privilegiaba la habilidad manual más que el desarrollo del criterio, la eficiencia de la formación más que la orientación a las necesidades de la industria y del desarrollo. Como señaló el propio Figari, el proyecto triunfante implicaba un rol de la escuela concebida como «simples almácigas de proletarios profesionales» (1960, p. 185).

## 4. Primera síntesis

### 4.1. Fines de la educación, desarrollo, patrimonio

Interesa destacar en primer lugar la finalidad que plantea Figari para la formación de esta escuela. Aún tratándose de Formación Profesional, de Formación en relación al Trabajo, no aparece una mención al concepto de *oficio*, ni siquiera al de *ocupación* (como podríamos postular en la Formación Profesional orientada al empleo) sino de *la enseñanza de las ciencias y del arte, en sus aplicaciones industriales*. Se trata de una educación ligada al desarrollo, por tanto, vista en clave de participación de los estudiantes y egresados en función de una finalidad más elevada, el desarrollo nacional y americano. Tal como afirma el autor:

«Lo primordial es prepararnos para utilizar nuestras riquezas, las que se exportan para ser transformadas en el extranjero y devueltas a veces a nuestro propio país, valorizadas por la mano de obra y por el ingenio de otros pueblos. Es claro que si esa transformación la hicieramos aquí, habríamos fomentado tanto nuestra riqueza, cuanto nuestra cultura» (1965, p. 50)

Con Durkheim sabemos que la Educación contempla una función social, de sobrevivencia de la propia sociedad, cuando afirma que:

«La Educación es la acción ejercida por las generaciones adultas sobre las que aún no están preparadas para la vida social; tiene por objeto suscitar y desarrollar, en el niño, cierto número de estados físicos, intelectuales y morales, reclamados por la sociedad política en su conjunto y por el medio especial a que el niño, particularmente se destine» (1990, p. 51)

Se trata de una función que es externa en cierta forma al propio proceso educativo y que liga una demanda social con lo que sucede en la propia relación entre Educador y Educando, entre Agente y Sujeto de la Educación, relación mediada por la Cultura. (Abbagnano & Visalberghi, 1992; Núñez, 2010)

Por tanto no nos puede extrañar, desde el punto de vista pedagógico, una finalidad como la que plantea Figari para la Escuela, en su rol vinculado a la industria y al desarrollo.

Como corolario de ello, y atendiendo al vínculo de la Educación con uno de los tópicos que nos convoca como es el patrimonio, concebimos a la Educación como una forma de transmisión del patrimonio cultural de una sociedad, por tanto la Formación Profesional así concebida por Figari se muestra particularmente pertinente para el diálogo que nos convoca.

#### **4.2. Cuestiones de enseñanza**

En segundo lugar, veamos algunas cuestiones ligadas al concepto de enseñanza que plantea el autor.

Al rescatar su mirada sobre la enseñanza, el autor se centra en la necesidad de un diálogo con lo nuevo, que aquella no se quede centrada en la transmisión de las mismas técnicas de siempre a los estudiantes, sino que permita que cada uno desarrolle su potencial e individualidad:

«Lo que se llama enseñanza, se reduce casi siempre a preconizar los recursos de acción más conocidos y aún las propias formas pretéritas, con un espíritu admirativo antes que analítico, reaccionario más bien que conservador. Todavía en los centros de enseñanza se hace la apología de lo viejo antes que su crítica y de este modo es que tanto cuesta reconocer la excelencia de lo nuevo. Puede decirse que se da a los alumnos una colección de instrumentos, en vez de ideas y orientaciones para que puedan desarrollar y utilizar su individualidad lo más posible, y es así que tan a menudo se confunde la herramienta para actuar, con la acción misma (...) debe optarse siempre por el concepto y no por la

habilidad técnica, puesto que aquél es más esencial y estimable» (Figari, 1960, p. 182)

Retomando el espíritu del articulado de su proyecto para la reformulación de la Escuela de Artes y Oficios, aparecen cuestiones pedagógicas como ser el rol de la enseñanza práctica (particularmente en la Formación Profesional) el lugar otorgado a la perseverancia (o disciplina) y el centramiento en el estudiante, por citar tres aspectos. No obstante, estas cuestiones planteadas por el autor (al menos la segunda y la tercera) no parecen alejarse demasiado de concepciones pedagógicas más o menos presentes en distintas visiones, como ser los desarrollos que realizara la Escuela Nueva en la propia época del autor, o cuestiones planteadas por autores clásicos, como Johann Herbart, cuando habla de la inter-relación entre instrucción, gobierno y disciplina. (Luzuriaga, 1948). No parece por tanto haber mayor novedad en estos planteos desde el punto de vista pedagógico. Sin embargo, nos parece que el rol otorgado a la personalidad y a cómo ésta se liga al proceso educativo, son uno de los puntos fuertes de su propuesta. Cuando el autor habla de la elección de la carrera por parte del alumno, afirma que la enseñanza debe adaptarse a la personalidad de cada alumno y no a la inversa:

«Aun cuando alguna profesión goce de mayor prestigio tal cosa no debe ser decisiva para señalar la vía a seguirse, dado que la vía mejor será siempre aquella en la cual la personalidad sea de por sí una ventaja más bien que un inconveniente; pero con la falsa idea de que el estudio lo vence todo, se piensa que la elección de carrera es una cuestión baladí» (Figari, 1960 p. 185)

Para culminar este apartado, puede notarse cierta tendencia al cambio en Figari, pero en detrimento de lo tradicional, de lo antiguo, de lo acumulado por la sociedad. En este sentido, sostenemos que la enseñanza implica cambio pero también conservación, ya que la Educación transmite un patrimonio acumulado de saberes, además de propiciar el diálogo con lo nuevo y con lo que vendrá. (Durkheim, 1990; Abbagnano & Visalberghi, 1992, Núñez, 2010)

#### **4.3. Trabajo y Formación Profesional**

En tercer lugar, Figari plantea el rol del Trabajo en esta construcción, ligando explícitamente la función de un proceso educativo con una visión sobre el Trabajo: al criticar el énfasis excesivamente teórico de la educación de su tiempo, destaca su visión del trabajo como la

orientación necesaria para darle a la educación, a toda educación, una mirada integral. «La regla natural es el trabajo; el trabajo efectivo, el trabajo productor» (citado por Anastasia, 1975, p. 94)

Nos parece convergente esta visión con la que hemos señalado en otras contribuciones, partiendo de esta ligazón con el Trabajo, lo que nos permite una mirada amplia de la Formación Profesional, entendida para el caso uruguayo como la ofrecida en el marco del Consejo de Educación Técnico Profesional (CEPT- ANEP) el Instituto Nacional de Empleo y Formación Profesional (INEFOP), la Universidad Tecnológica (UTEC), el Plan Nacional de Educación y Trabajo (MEC) y en otras institucionalidades públicas, privadas o asociativas donde se desarrollan acciones de Formación Profesional (Casas 2020)

## 5. El lugar otorgado al arte

Nos parece importante rescatar el concepto de arte para Figari, una visión sin dudas original y sólidamente fundamentada, que se entronca en el marco de su pensamiento más general y que se vincula claro está, con el pensamiento dominante de su época.

En el literal i) de su proyecto, Figari plantea *modelar el criterio y el ingenio del alumno más aún que su manualidad*. ¿A qué se refiere? ¿Qué lugar puede tener el arte en este proceso?

Su concepción del arte como «inteligencia en acción» (2007, pp. 106-107) distó mucho de una concepción elitista del arte o de la visión dominante en las escuelas europeas de Bellas Artes. El arte se presentó conceptualmente para Figari como *la mejor forma de definir la acción del sujeto*, es decir como una orientación para que el sujeto pueda definir de mejor manera su acción y no como el reflejo de la capacidad artística de un sujeto elegido o iluminado.

Así lo expresa el autor «Lo expuesto nos apermite afirmar, en oposición al concepto corriente, que el arte es esencialmente útil y que no puede dejar de serlo, porque es el medio mejor de seleccionar nuestra acción» (1965, p. 39)

Sin escapar al ideal positivista y evolucionista de su tiempo, pero analizando de forma crítica el pensamiento de Spencer, el autor plantea que las distintas formas artísticas tienen que ver con grados distintos de evolución. No solamente es arte una catedral, una obra pictórica, una pieza musical, un ornamento en arquitectura (por cierto tan común en la arquitectura y la decoración de época) sino toda acción encaminada a satisfacer una necesidad, donde aparece el arbitrio de la inteligencia. Es así que expresa:

«Desde la choza al palacio o la catedral gótica, de esbelta ojiva, desde la flecha de sílex hasta los cañones más poderosos; desde la torpe silueta, rígida, hasta las telas del Tiziano, de Velázquez, de Rembrandt, o las audacias impresionistas (...) Desde las terribles trepanaciones prehistóricas, hechas por raspaje con escamas de sílex, hasta las más prodigiosas intervenciones quirúrgicas de nuestros días, son simplemente grados en la evolución....» (1965, pp. 22-23)

El autor va más allá de la actividad humana, concibiendo al arte como una manifestación del reino animal, trascendiendo el concepto de instinto:

«La misma actividad subhumana ofrece ya manifestaciones genuinamente artísticas. El castor que construye diques para proteger su vivienda; el ave que arma su nido (...) el león que se asoma para cazar al búfalo, el zorro que se apresta cautelosa y astutamente para sorprender un gallinero, no ya la araña que teje su admirable red para aprisionar al insecto, son artistas» (1965, p. 15)

Vemos como Figari delinea una antropología ya no sólo del hombre y sus culturas, sino de la sustancia viva: «Desde el punto de vista en que me he colocado para encarrilar este intento investigatorio, considero al hombre como una de las infinitas modalidades de la substancia y de la energía integrales, esto es, como individualidad orgánica, como un valor morfológico, simplemente» (1965, p. 8).

No queremos dejar de mencionar en esta apretada síntesis su mirada sobre la ciencia. La integralidad de su planteo sobre el arte abarca a la propia ciencia, considerándola como una forma de arte: «ciencia es la conquista operada por el esfuerzo artístico, en el sentido de conocer» (1965, p. 30).

Por último, así como la ciencia está orientada en la dirección del conocimiento, Figari plantea la importancia de esta dirección en el esfuerzo artístico:

«El concepto medular del esfuerzo artístico está en su orientación; la calidad e intensidad del esfuerzo intelectivo-técnico viene en segundo lugar. Si alguien descubriera una substancia con la cual pudiera arrasarse al hombre del planeta y otro descubriera el medio de prolongar la vida humana y de reducir sus penalidades y dolores, ambos podrían haber realizado un esfuerzo

artístico de un grado igual como esfuerzo, pero nadie negaría la superioridad de la significación del último sobre el primero» (1965, p. 159)

Tomemos nota de esta orientación, de esta direccionalidad, para ligarla a continuación con el análisis ergológico.

## 6. Segunda síntesis ¿Cuáles diálogos entre arte y actividad?

Poner en diálogo a la perspectiva Ergológica con la obra de Figari implica al menos una limitación temporal. Hablamos de concepciones distanciadas por unos setenta u ochenta años de distancia, en países diferentes, con historias diferentes. Aún así, vale la pena el intento de tender puentes, identificando algunos elementos que parecen tener en común ambas perspectivas, como ser: *La centralidad del Trabajo como referencia, como espacio de análisis*. En la obra de Figari, éste aparece como una dimensión finalística de la Educación así como un medio para formar a los alumnos. La Ergología, por su parte, si bien expande su perspectiva a los distintos espacios de vida del ser humano, ancla su origen en el campo del Trabajo (Schwartz, 2017a).

*El lugar otorgado a la individualidad y al criterio particular de cada persona.* Hemos visto que la perspectiva de Figari pone un acento importante en el lugar de la personalidad y de la formación del criterio del alumno. Por su parte, la Ergología propone su concepto de re-normalización, que se opera en la dimensión de lo micro, poniendo la lupa en la forma en la que cada trabajador pone en juego sus saberes valores, en cada contexto y en cada *aquí y ahora* (Schwartz, 2017b; Casas & Cunha, 2020).

*El lugar de los valores en cuanto al reconocimiento de la orientación dada a la acción en la propuesta de Figari y en la noción de saberes valores propuesta por la Ergología.* En ambas miradas se pone en juego la dimensión valórica.

Queda pendiente ahondar en las categorías de arte así concebido y en el de actividad. ¿Similitudes? ¿Diferencias? ¿Orígenes filosóficos en común? ¿Disensos? Queda aquí una cuestión abierta, que excede los límites de esta contribución, pero que parece ser una cuestión interesante a analizar.

## 7. Conclusiones

El pensamiento de Pedro Figari en clave pedagógica se muestra pertinente para dialogar con los tópicos del Trabajo, el Patrimonio y el Desarrollo.

Hemos propuesto un recorte sobre su obra y nos hemos

propuesto tomar su perspectiva ontológica así como sus postulados contextualizados a la reforma de la Escuela de Artes y Oficios de su época, en un país que consolidaba una serie de reformas de avanzada para la región y el mundo.

El lugar otorgado al arte en la línea de lo que hemos expuesto nos permite abrir una perspectiva más que interesante acerca de la ontología del ser humano, de la concepción de sujeto que subyace en su propuesta, lo cual tiene, claro está, implicaciones pedagógicas. Con esto queremos decir que la propia Pedagogía no puede entenderse sin su dimensión filosófica, sin un concepto de ser humano que la subyace.

Somos conscientes de su perspectiva positivista y evolucionista, pero ¿quién puede escapar a los designios de su época? ¿Cuánto de positivista subyace en los modelos educativos en los que nos hemos formado, más allá de países y geografías?

Entendemos por su parte que el pensamiento de Pedro Figari supone una solidez conceptual digna de ser tenida en cuenta en las reflexiones que articulen Educación y Trabajo en clave de Sensibilidad. Es notoria, en este sentido, la huella de Figari en el CETP (Ubal, 2009) pero ello no obsta que toda la formación Profesional Uruguaya, en sus diversas manifestaciones institucionales, pueda tomar los aportes en clave pedagógica del multifacético actor.

Los vínculos con la perspectiva ergológica, por su parte, parecen comenzar a delinearse de forma interesante. Asoma por momentos una cierta *familiaridad* entre ambos desarrollos, afloran ciertas categorías de análisis que parecen ser transversales. Queda, sin embargo, una puerta abierta para seguir investigando influencias comunes, puntos en común más allá de las distancias geográficas e históricas del surgimiento de ambas perspectivas.

Para culminar, citemos un breve relato del escritor uruguayo *Eduardo Galeano*, en palabras que denotan seguramente algo o mucho de la idiosincrasia de nuestro país, que informa acerca de un *patrimonio* más o menos consciente, se titula *La función del arte*:

Diego no conocía la mar. El padre, Santiago Kovadloff, lo llevó a descubrirla.

Viajaron al sur.

Ella, la mar, estaba más allá de los médanos, esperando.

Cuando el niño y su padre alcanzaron por fin aquellas cumbres de arena, después de mucho caminar, la mar estalló ante sus ojos. Y fue tanta la inmensidad de la mar, y tanto su fulgor,

que el niño quedó mudo de hermosura.  
Y cuando por fin consiguió hablar, temblando,  
tartamudeando, pidió a su padre:  
– ¡Ayúdame a mirar! [3].

### Referencias Bibliográficas

- Abbagnano, N., & Visalberghi, A. (1992). *Historia de la Pedagogía*. Madrid: Fondo de Cultura Económica.
- Anastasia L. V. (1975). *Pedro Figari. Americanismo integral*. Montevideo: Ed del sesquicentenario.
- Arregui, M. (2016). *Prosperidad y reformas en busca del «pequeño país modelo»* Extraído de <https://www.elob-servidor.com.uy/nota/prosperidad-y-reformas-en-busca-del-pequeno-pais-modelo--20161019500>
- Casas A., & Cunha D. (2020). Trabajo, reconfiguraciones contemporáneas y principio educativo. Revista *Educación Social y Pedagogía Social de Uruguay* (RES-PU), 4, 72-89.
- Casas, A. (2020). Formación Profesional y Pedagogía Social. *Ergología*, 22, 131-140.
- Durkheim, E. (1990). *Educación y Sociología*. Barcelona: Edic. 62.
- Figari P. (1960). *Arte, Estética e Ideal* Tomo I. Colección de Clásicos Uruguayos. Vol. 31. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social.
- Figari P. (2007). *Educación y Arte*. Serie Edición y Homenaje Vol. 12. Montevideo: Ministerio de Relaciones Exteriores. Consejo de Educación Técnico Profesional
- Luzuriaga, L. (1946). *Antología de Herbart*. Buenos Aires: Losada.
- Núñez, V., Tizio, H., Medel, E., & Moyano, S. (2010). *Encrucijadas de la Educación Social*. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya.
- Schwartz, Y. (2017a). Educación y actividad de trabajo: diálogos, obstáculos y desafíos-Conferencia. Montevideo, Uruguay, Mayo 5 de 2015. *Laboreal*, 13(1), 69-80. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxiii0117ys>
- Schwartz, Y. (2017b). Entretien de la SELF avec Yves Schwartz, mené en décembre 2017 par Jean-Claude Sperandio et Annie Drouin. <https://ergonomie-self.org/wp-content/uploads/2018/04/Schwartz-Yves.pdf>
- Ubal, M. (2009). *Tras las huellas de Figari. Un plan con identidad y enraizado en una tradición*. [http://figuras.liccom.edu.uy/\\_media/figari:otros\\_documentos:ub-al\\_marcelo\\_tras\\_las\\_huellas\\_de\\_figari.\\_un\\_plan\\_con\\_identidad\\_y\\_enraizado\\_en\\_una\\_tradicion.pdf](http://figuras.liccom.edu.uy/_media/figari:otros_documentos:ub-al_marcelo_tras_las_huellas_de_figari._un_plan_con_identidad_y_enraizado_en_una_tradicion.pdf)

### Notas

[1] Fuentes: [www.museofigari.gub.uy](http://www.museofigari.gub.uy); [www.masoneria-uruguay.org/?q=node/170](http://www.masoneria-uruguay.org/?q=node/170); [www.parlamento.gub.uy](http://www.parlamento.gub.uy); <https://www.historiahoy.com.ar/la-secularizacion-uruguay-n2100>; [www.impo.gub.uy](http://www.impo.gub.uy)

[2] Su principal obra filosófica «Arte, Estética, Ideal» (Montevideo, 1912) fue publicada en Francia como «Esai de philosophie biologique. Art, estétique, idéal» en Paris en 1926, entre otras obras publicadas en Montevideo y París.

[3] Galeano, E. (1999) *El libro de los Abrazos*. Montevideo: Ed del Chanchito.

# A Ergologia nos estudos brasileiros: uma análise bibliométrica da produção acadêmica nacional.

# La Ergología en los estudios brasileños: un análisis bibliométrico de la producción académica nacional.

# L'ergologie dans les études brésiliennes: une analyse bibliométrique de la production académique nationale.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale  
d'Ergologie

**Sabrina Oliveira de Figueiredo**

Universidade Federal do Espírito Santo  
Avenida Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras,  
Vitória, Espírito Santo, Brasil  
sab.figueiredo@gmail.com

**Mônica de Fátima Bianco**

Universidade Federal do Espírito Santo  
Avenida Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras,  
Vitória, Espírito Santo, Brasil  
mofbianco@gmail.com

**Resumo**

No Brasil, a Ergologia não enfrentou dificuldades de disseminação, tendo sua propagação se apoiado nas perspectivas antropológica e transdisciplinar dos pesquisadores brasileiros. O presente trabalho teve como objetivo compreender como a produção acadêmica brasileira tem abordado a Ergologia nos últimos 25 anos. Como aporte metodológico, optou-se pela realização de uma pesquisa bibliométrica com apoio do software *StArt*. Utilizou-se como bases de dados para a busca de artigos o Portal CAPES, ScIELO, BVS e SPELL. Após a adoção dos critérios de pesquisa foram selecionados 215 artigos. Os resultados revelaram uma oscilação no quantitativo de artigos publicados durante o período de análise, tendo a maioria se concentrado nos últimos 10 anos. A autoria dos artigos engloba um grupo seletivo de pesquisadores, os quais, prioritariamente, preferem produzir seus estudos em coautoria. Entre os periódicos que mais publicaram artigos estão aqueles que possuem como áreas de interesse à Saúde Coletiva, Educação, Psicologia e Sociologia.

**Palavras-chave**

ergologia, bibliometria, produção acadêmica brasileira

**Resumen**

En Brasil, la Ergología no enfrentó dificultades de difusión, teniendo su propagación apoyada por las perspectivas antropológicas y transdisciplinares de los investigadores brasileños. El presente trabajo tiene como objetivo comprender cómo la producción académica brasileña ha abordado la Ergología en los últimos 25 años. Como metodología, se realizó una investigación bibliométrica con el apoyo del software *StArt*. Se utilizaron CAPES, SciELO, BVS y SPELL como bases de datos para la búsqueda de artículos. Tras adoptar los criterios de investigación se seleccionaron 215 artículos. Los resultados mostraron una oscilación en el número de artículos publicados durante el periodo de análisis, concentrándose la mayoría en los últimos 10 años. La autoría de los artículos engloba a un selecto grupo de investigadores que, prioritariamente, prefieren realizar sus estudios en coautoría. Entre las revistas que más artículos han publicado se encuentran aquellas con áreas de interés para la Salud Colectiva, Educación, Psicología y Sociología.

**Palabras clave**

ergología, bibliometría, producción académica brasileña

## Résumé

Au Brésil, l'Ergologie n'a pas rencontré de difficultés de diffusion, sa propagation étant soutenue par la perspective anthropologique et aussi transdisciplinaire des chercheurs brésiliens. Cette recherche vise à comprendre comment la production universitaire brésilienne a abordé l'Ergologie au cours des 25 dernières années. À titre de contribution méthodologique, il a été décidé d'effectuer une Bibliométrie avec l'aide du logiciel StArt. Les bases de données CAPES, SciELO, VHL et SPELL Portal - ont été utilisées pour la recherche d'articles. Après avoir adopté les critères de recherche, 215 articles ont été sélectionnés. Les résultats ont montré une oscillation du nombre d'articles publiés au cours de la période d'analyse, la plupart d'entre eux se concentrant sur les 10 dernières années. La paternité des articles englobe un groupe restreint de chercheurs qui, en priorité, préfèrent produire leurs études en co-propriété. Parmi les revues qui ont publié le plus grand nombre d'articles, on trouve celles qui s'intéressent à la santé collective, à l'éducation, à la psychologie et à la socio-logie.

## Mots clés

ergologie, bibliométrie, production académique brésilienne

## 1. Introdução

Originada na França nos anos de 1990, a Ergologia, enquanto estudo da atividade humana, foi disseminada para países como Brasil, Argélia, Tunísia, Moçambique, Bélgica, Suíça e outros (Viegas, 2013). Segundo Di Fanti e Barbosa (2016), Schwartz relata que o desenvolvimento da Ergologia no Brasil – diferentemente do que ocorreu na França –, não enfrentou muitas dificuldades, tendo sua dispersão se apoiado em uma visão antropológica e transdisciplinar do trabalho.

A transdisciplinaridade que compõe a natureza da Ergologia conduz ao entendimento de que o trabalho é um conceito fluído e sua compreensão atravessa aspectos da vida humana, individual e coletiva, e histórica (Durrive & Schwartz, 2018), razão pela qual a atividade humana pode ser objeto de estudo a partir de diversas áreas do saber. Nesse cenário de consolidação de conceitos e de aspectos metodológicos da Ergologia em múltiplas áreas deve-se fazer menção ao desenvolvimento de estudos em universidades brasileiras localizadas em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraíba, Pernambuco, Espírito Santo e outras (Di Fanti & Barbosa, 2016).

Em que pese a gama de grupos de pesquisa e pesquisadores dedicados aos estudos da Ergologia, poucos trabalhos foram produzidos no sentido de analisar como essa abordagem tem sido tratada na produção científica brasileira, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Foram identificados apenas três trabalhos desenvolvidos, tendo como foco: a análise da produção científica nacional sobre a Ergologia, publicada de 2008 a 2012 (Holz, 2014), o mapeamento da apropriação da Ergologia no Brasil, idealizado pelo Grupo de Pesquisa Garimpo da Atividade de Trabalho (Coletivo Ergologia, 2017) e a análise de como a Ergologia foi abordada na produção científica brasileira no período de 2013-2018 (Freitas & Bianco, 2019).

Nesse sentido, considerando a relevância da participação de pesquisadores brasileiros na propagação da abordagem ergológica e das publicações sobre Ergologia no país, somada à pouca amplitude de estudos que buscam dimensionar as publicações nacionais dedicadas à Ergologia, o presente trabalho objetiva *compreender como a produção acadêmica brasileira tem abordado a Ergologia nos últimos 25 anos*. Metodologicamente, optou-se pela realização de uma pesquisa bibliométrica, que consiste em uma análise quantitativa da literatura científica (Lima, 1986).

## 2. Metodologia

Primeiramente, cabe registrar que a pesquisa bibliométrica constante nesse trabalho faz parte de uma revisão sistemática da literatura sobre Ergologia, contida na tese de doutoramento da primeira autora deste artigo, sob a orientação da segunda <sup>[1]</sup>. A bibliometria foi realizada, em um primeiro momento, em janeiro/2020 e, posteriormente foi atualizada em janeiro/2021.

Quanto ao desenvolvimento da bibliometria, seguiu-se às orientações de Lima (1986), vislumbrando o alcance da forma, estrutura e volume da produção acadêmica brasileira sobre a Ergologia. Compreende-se por “produção acadêmica brasileira”, as publicações de artigos em periódicos nacionais de autores brasileiros e estrangeiros e as publicações de autores brasileiros em periódicos internacionais.

Esta pesquisa teve como etapas: definição do objetivo do trabalho, definição das bases de dados, busca nas bases de dados, tratamento e classificação dos dados e apresentação e análise dos resultados.

As bases de dados selecionadas (virtuais, gratuitas e com ampla indexação de periódicos) foram: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Portal da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Portal da *Scientific Periodicals Elec-*

*tronic Library* (SPELL).

A busca nas bases de dados teve como referência as palavras-chave em português “ergologia”, “ergológica” e “ergológico”, além de suas variações no francês e espanhol. As estratégias de busca seguiram o passo-a-passo: no Portal CAPES a partir do link “buscar assunto: busca avançada” e, na sequência, campo “qualquer”, “contém”; e, nos Portais SciELO, BVS e SPELL, a partir do link “busca avançada” e, após, campo “resumo”. Finalizada a busca em cada base, os dados encontrados foram exportados para o computador, e posteriormente, importados para o software *State of the Art by Systematic Review StArt (StArt)* (Hernandes, Zamboni, Fabbri, & Di Thommazo, 2012), que auxiliou no tratamento e classificação dos dados.

No tocante ao tratamento, adotou-se critérios de inclusão e exclusão de trabalhos. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados em periódicos nacionais (sem restrição de autoria) e artigos de autores brasileiros publicados em periódicos internacionais; artigos teóricos e empíricos, de revisão e entrevistas; escritos em português, francês e espanhol; acesso gratuito e na íntegra; e, tendo como marco teórico e/ou metodológico a Ergologia. Os critérios de exclusão foram: artigos de autores estrangeiros publicados em periódicos internacionais; dissertações/teses e outros tipos; artigos em outras línguas; com restrições de acesso; e, que apenas mencionam a Ergologia ou citam seus autores proeminentes ou adotam outra abordagem. Esse procedimento de avaliação dos trabalhos foi executado manualmente a partir da leitura dos títulos, autores, periódicos e resumos. Após o filtro definido pelos critérios mencionados, os dados do *StArt* foram exportados para o Excel, e organizados em planilhas, subsidiando a elaboração da representação visual dos resultados. A amostra final alcançada pela pesquisa foi de 215 artigos. Por último, procedeu-se a apresentação e análise dos resultados.

### 3. Apresentação e análise dos Resultados

#### 3.1. Evolução Temporal

A pesquisa permitiu constatar que o primeiro artigo publicado sobre Ergologia no Brasil foi no ano de 1996. O ensaio teórico escrito por Yves Schwartz, precursor da abordagem ergológica, teve como objetivo discutir o trabalho como uma realidade complexa e permeado por um universo de valores. A disseminação da Ergologia no país a partir desse artigo vai ao encontro da afirmação de Hennington, Cunha, & Fischer (2011) a respeito do ponto de partida do estudo da abordagem no Brasil, pois as autoras afirmam que em 1997, Schwartz esteve em território nacional a convite da

Universidade Estadual de Campinas.

A leitura do Gráfico 1 a seguir revela que após a primeira publicação não foram identificados artigos de 1997 a 2001. A próxima publicação ocorreu em 2002, que consistiu em um ensaio teórico de Carlos Minayo-Gomez e Maria Elizabeth Barros, cujo objetivo foi de discutir o conceito de subjetividade nas práticas de saúde, tendo como bases teórica-filosóficas as abordagens foucaultiana e ergológica.

(Ver Gráfico 1)

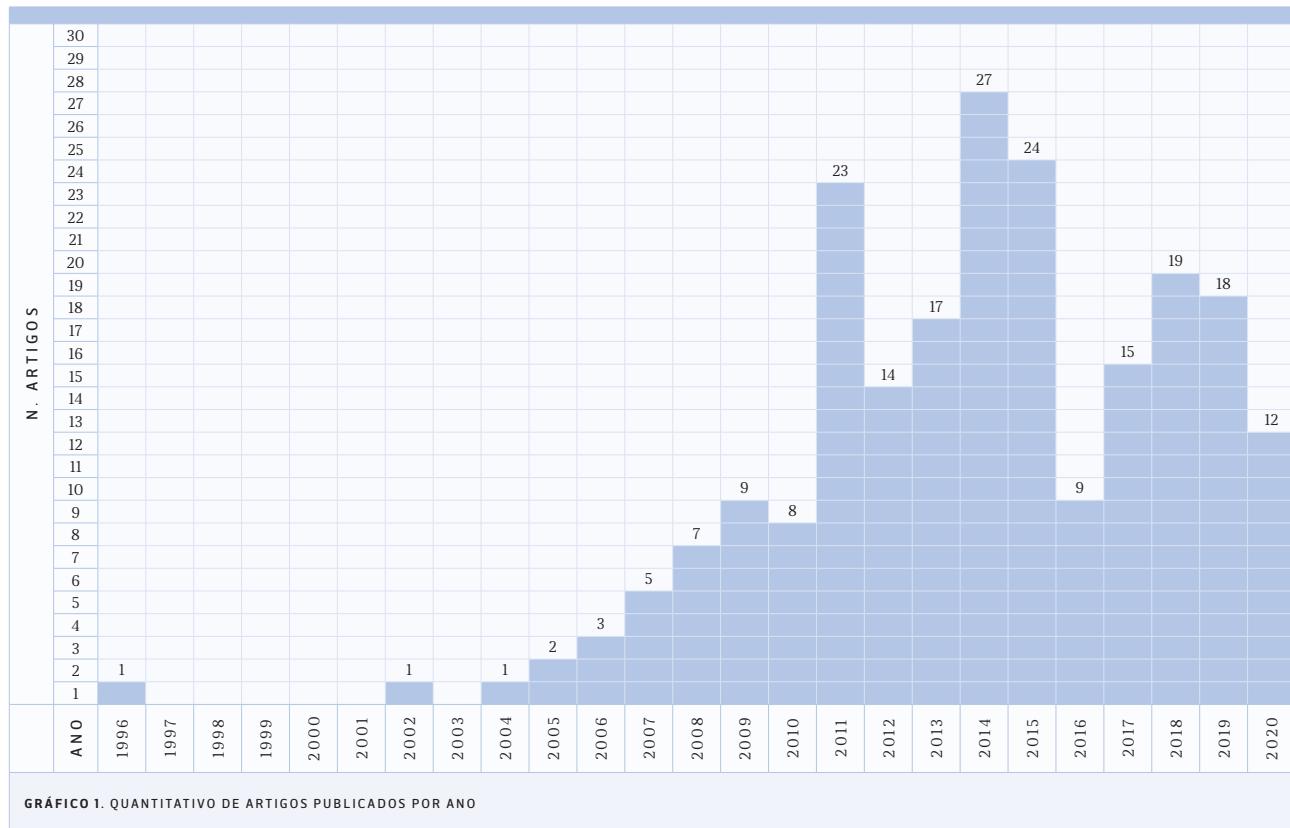
O Gráfico 1 também demonstra que em 2003 não houve trabalho publicado e o ano de 2004 representou o marco da escalada de publicações nacionais sobre Ergologia, pois em todos os anos subsequentes ocorreram publicações.

Do total de 215 artigos da produção acadêmica brasileira sobre Ergologia nos últimos 25 anos (1996-2020), pôde-se verificar que o lapso temporal de maior produtividade concentrou-se na última década (2011-2020), representando cerca de 82,8% do quantitativo geral (178 artigos). Coincidemente, um ano antes, em 2010, houve a publicação no país da segunda edição do livro-ferramenta “Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana”, organizado por Schwartz e Durrive (2010). Em suma, o livro reune uma série de conversas sobre o trabalho com pesquisadores e profissionais expoentes da Ergologia, materializando-se em um recurso didático e disseminador dos conceitos, métodos e reflexões ergológicas.

Retornando à última década, observa-se que os anos com mais publicações (no mínimo 15) foram 2011, 2013, 2014, 2015, 2017, 2018 e 2019. O ano de 2014, inclusive, foi o apse da produção nacional sobre Ergologia – o que confirma os achados do estudo de Freitas e Bianco (2019) –, com 27 artigos publicados. No decurso desse período houve também anos que representaram quedas nas publicações, como em 2012, 2016 e 2020. Ressalte-se, porém, que a redução das publicações em 2020 pode ser justificada pelo cenário da pandemia provocada pelo coronavírus que desestabilizou não somente a academia, mas diversos aspectos da vida humana.

No que se refere aos últimos 5 anos (2016-2020) a produção acadêmica alcançou resultados expressivos, pois aproximadamente 40% do quantitativo geral (73 artigos) foi publicado nesse período, o que pode indicar indícios do interesse na adoção da abordagem ergológica em pesquisas nacionais.

Em síntese, os resultados do estudo evidenciaram que a evolução temporal dos artigos apresentou certa oscila-

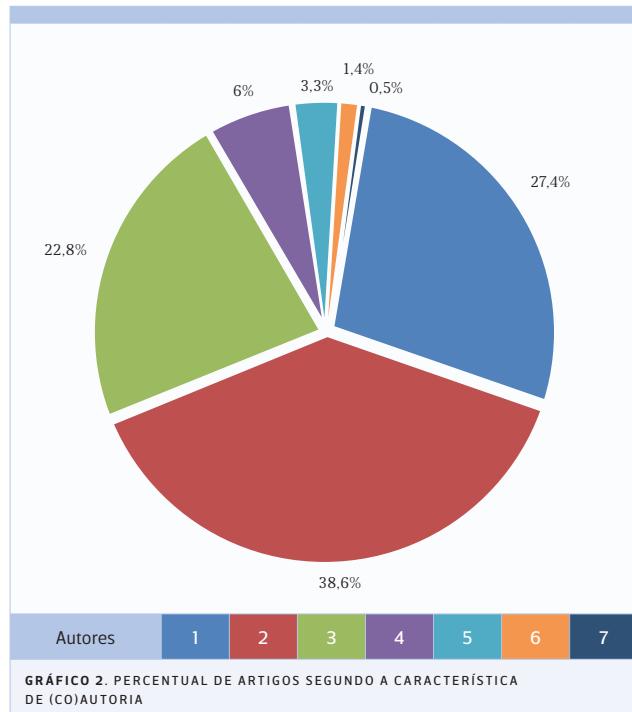


lação no decorrer de 25 anos, com momentos de baixa e alta produção acadêmica. E, embora a Ergologia seja considerada uma perspectiva recente se comparada às teorias clássicas, o quantitativo de artigos publicados, sobretudo, nos últimos 5-10 anos, denota o potencial de adoção e propagação dessa abordagem transdisciplinar nos estudos brasileiros.

### 3.2. Características das Autorias

Os 215 artigos publicados foram escritos por 262 autores distintos, brasileiros e estrangeiros. Os resultados apontam que entre os autores houve predomínio de mulheres, representando 72,9% do quantitativo geral (191 autores). Os homens, por sua vez, corresponderam a 27,1% do quantitativo (71 autores). Em se tratando dos autores estrangeiros (12 autores) há no rol 8 homens e 4 mulheres. Os países de origem dos estrangeiros são: França, Portugal, Colômbia, Argélia e União das Comores.

A partir dos dados foi possível inferir uma característica elementar dos artigos: a colaboração em autorias. O Gráfico 2 a seguir representa visualmente a distribuição de artigos segundo a característica de (co)autoria. Os dados mostram que mais de 60% do quantitativo geral dos artigos (132 artigos) foi escrito por 2 e 3 autores.



Os artigos escritos individualmente totalizaram 59 trabalhos (27,4% do quantitativo geral). Em 2014, dos 27 artigos publicados, 14 foram escritos por 1 autor. Quanto à colaboração de 4 a 7 autores em trabalhos, verifica-se pelo Gráfico 2 que essa prática não é usual nos estudos

ergológicos, pois apenas 11,2% do quantitativo geral (24 artigos) foi realizado nessa modalidade. Deve-se pontuar, contudo, que há periódicos nacionais que limitam o quantitativo de autores por trabalhos.

No tocante à produtividade dos autores, os resultados da pesquisa revelaram que apenas 19 autores foram responsáveis por escrever 76,3% do quantitativo geral dos artigos (164 artigos). Isso significa que do total de 262 autores, o percentual de 7,2% dos autores escreveu ou teve participação em 164 artigos. Logo, é possível inferir que a produção acadêmica brasileira que se debruça sobre a Ergologia envolve um universo concentrado e seletivo de pesquisadores.

Com a finalidade de otimizar a apresentação dos resultados, a Tabela 1 mostra um ranking dos autores mais produtivos, com informações sobre as filiações institucionais e do quantitativo de artigos publicados nos últimos 25 anos. Adotou-se como corte para inserção de autores no ranking a publicação de pelo menos 5 artigos entre 1996 a 2020. A título de conhecimento, as informações sobre as filiações foram extraídas da Plataforma Lattes (CNPq).

As mulheres, de fato, se sobressaem não são somente no quantitativo geral de autoria dos artigos, como relatado anteriormente, mas também no ranking de produtividade. A Tabela 1 indica que a liderança de produtividade pertence à Jussara Brito (18 artigos). Além dela, outras 13 mulheres compõem o ranking.

Insta mencionar que Jussara Brito e Milton Athayde, 2º colocado (14 artigos), são precursores dos estudos ergológicos no Brasil, sendo responsáveis, inclusive, pela coordenação da tradução e revisão técnica da obra de Schwartz e Durrive (2010), além de terem sido coautores em diversos artigos. Sequencialmente após os referidos autores, Yves Schwartz encontra-se na 3ª colocação do ranking (13 artigos).

As informações da Tabela 1 também evidenciam que os autores mais produtivos pertencem a instituições de ensino localizadas na região Sudeste do Brasil, notadamente nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Do total de 19 autores do ranking, 13 deles estão vinculados a instituições do Sudeste. O único estado da região que não consta entre as informações é São Paulo – que curiosamente foi um dos primeiros estados a receber presencialmente Schwartz para palestrar e discutir os conceitos da Ergologia (Hennington et al., 2011). Além do Sudeste, constam na Tabela 1 autores pertencentes a instituições do Distrito Federal,

Colocação	Autor(a)	Filiação	Nº artigos
1	Jussuara Brito	Fiocruz	18
2	Milton Athayde	UERJ	14
3	Yves Schwartz	AMU (França)	13
4	Daisy Cunha	UFMG	11
	Elida Hennington	Fiocruz	10
5	Maria Elizabeth Barros	UFES	10
	Monica Bianco	UFES	10
6	Helder Muniz	UFF	9
	Magda Scherer	UnB	8
7	Simone Oliveira	Fiocruz	8
	Thiago Moraes	UFES	8
8	Maria da Gloria Di Fanti	PUCRS	7
	Vanessa Barros	UFMG	7
9	Fernanda Amador	UFRGS	6
	Denise Alvarez	UFF	5
	Denise Pires	UFSC	5
10	Ernani Freitas	FEEVALE	5
	Mary Neves	UFF	5
	tatiana Gamarra	Fiocruz	5

TABELA 1. RANKING DE AUTORES MAIS PRODUTIVOS, SUAS FILIAÇÕES E QUANTITATIVO DE ARTIGOS PUBLICADOS

Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Há, então, ausência entre os autores mais produtivos de pesquisadores provenientes de instituições do Norte e Nordeste do país. Sobre as instituições de ensino, percebe-se pela Tabela 1 que a maioria dos autores pertencem à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) (4 autores), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) (3), Universidade Federal Fluminense (UFF) (3) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (2). Com exceção da Fiocruz que é uma fundação pública, as demais instituições são universidades públicas federais.

Vale assinalar ainda as áreas de atuação dos autores mais produtivos. As informações extraídas dos currículos na Plataforma Lattes evidenciaram que do total de 19 autores do ranking (Tabela 1), 7 atuam como docentes de Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu no país e/ou possuem como interesse de pesquisas a área da Psicologia. Outros 6 autores militam na Saúde Coletiva. Acrescente-se também autores dedicados à Linguística (2), Administração (1), Educação (1), Engenharia de Produção (1) e Filosofia (1). Esses achados corroboram com Holz (2014) que listou as áreas da última formação e/ou atuação dos autores em artigos sobre Ergologia, e complementam ao estudo do autor a partir do detalhamento da distribuição dos autores e suas áreas de interesse.

### 3.3. Características dos Periódicos

Os 215 artigos foram publicados em 88 periódicos distintos, tanto nacionais quanto internacionais. A maioria são periódicos brasileiros (79 periódicos).

Os 9 periódicos internacionais que compõem a base de dados são: Laboreal (Portugal), *Mediaciones sociales* (Espanha), *PISTES* (França), *Revista de la facultad de medicina* (México), *Revista latinoamericana de estudios del discurso* (Argentina), Revista salud colectiva (Argentina), *Salud de los trabajadores* (Venezuela), *Trabajo y sociedad* (Argentina) e *Universitas psychologica* (Colômbia). Com exceção da Laboreal, que publicou 14 artigos nos últimos 25 anos, as demais revistas possuem somente uma publicação sobre Ergologia de autores brasileiros.

A análise dos resultados indica que na faixa temporal em questão (1996-2020), 10 periódicos concentraram quase a metade (45,6%) do quantitativo geral de artigos (98 artigos). Outros 78 periódicos publicaram 54,4% dos artigos (117 artigos).

Assim como na sessão anterior, elaborou-se uma tabela com informações relativas sobre os periódicos. Na Tabela 2 constam os títulos dos 10 periódicos mencionados, o quantitativo de artigos publicados e a classificação Qualis Capes 2019. Adotou-se como corte para inserção de periódicos na Tabela 2 a publicação de pelo menos 5 artigos (mesmo critério da Tabela 1). As informações do Qualis foram extraídas do Qualis Periódicos da CAPES e, apesar do Qualis 2019 ter sido divulgado, ainda não está em vigor.

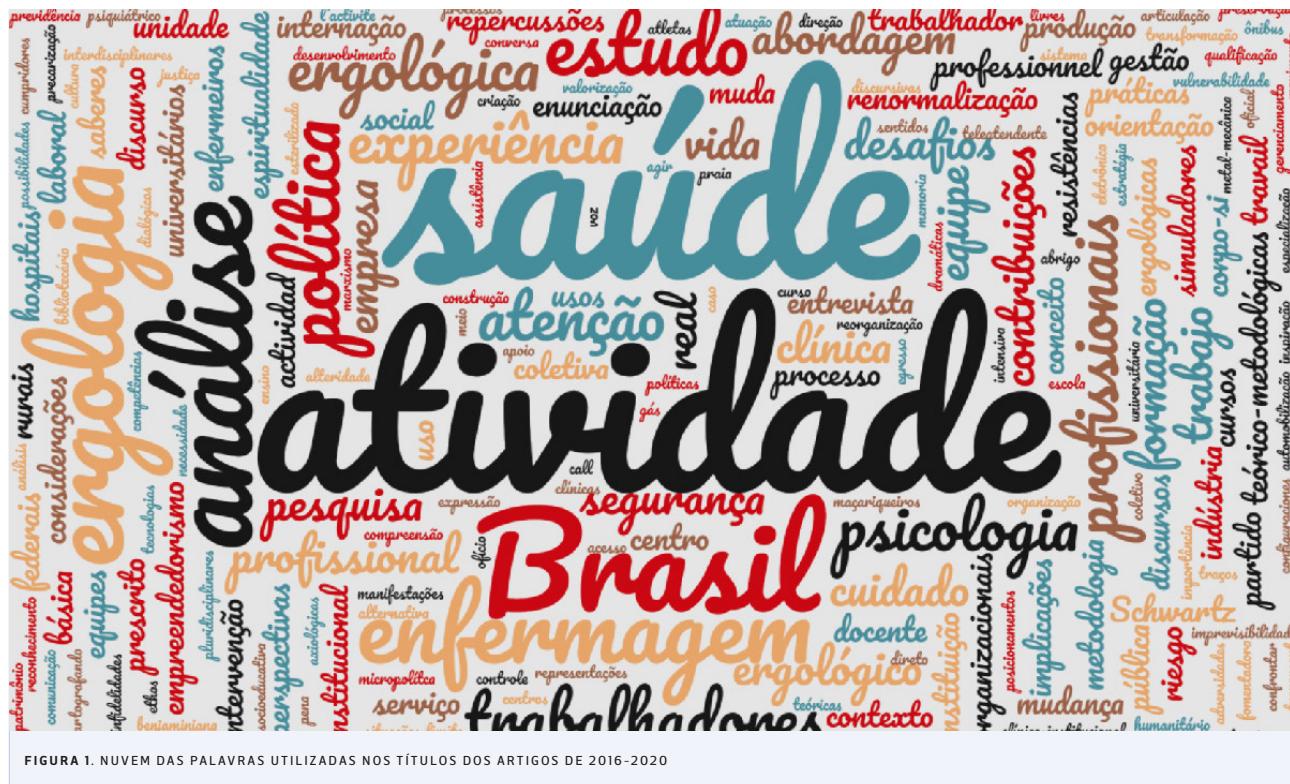
Vê-se pela leitura da Tabela 2 que os artigos foram publicados em periódicos diversos e de distintas áreas do conhecimento, conforme classificação da CAPES. No entanto, entre os 10 periódicos houve predomínio de revistas nas áreas de: Saúde Coletiva, Educação, Psicologia e Sociologia. Em menor proporção, os artigos foram publicados em revistas de: Administração, Serviço Social, Linguística e Comunicação. Sobre esse assunto, Holz (2014) indicou como áreas de concentração das publicações sobre Ergologia, a Psicologia, Saúde e Educação; e, Freitas e Bianco (2019) afirmaram como interesse as Ciências da Saúde. Os estudos coadunam entre si e demonstram que, apesar, dos diferentes recortes temporais e métodos das pesquisas, as áreas em que há mais amplitude das publicações estão associadas à Saúde, Educação e Psicologia. O presente estudo acrescenta à potencialidade de publicações voltadas à Sociologia, Administração, Serviço Social, Linguística e Comunicação.

Periódico	Nº artigos	Qualis Capes 2019
Trabalho, educação e saúde	20	B2
Laboreal	14	B1
Letras de hoje	12	A1
Cadernos de psicologia social do trabalho	11	A2
Ciência & saúde coletiva	10	A3
Interface	9	A4
Revista brasileira de saúde ocupacional	7	B2
Estudos e pesquisas em psicologia	5	A4
Fractal	5	A2
Trabalho & educação	5	B2

**TABELA 2. PRINCIPAIS PERIÓDICOS, QUANTITATIVO DE ARTIGOS PUBLICADOS E CLASSIFICAÇÃO QUALIS CAPES 2019**

Em relação à classificação Qualis dos periódicos constantes na Tabela 2, é possível afirmar que as revistas voltadas às publicações sobre Ergologia são, em grande parte, classificadas como B2 (exemplo do periódico líder em publicações: “Trabalho, educação e saúde”) e A2/A4. Como essa classificação denota a qualidade dos periódicos – A1 é a melhor categoria, regredindo a qualidade para as demais (A2, A3, e assim por diante) – verifica-se, nesse aspecto, certa carência de periódicos com estratos mais elevados (A1). Desse rol, apenas o “Letras de hoje”, da área da Linguística, possui fator de impacto mais elevado.

Quando se trata de publicações em periódicos, um ponto-chave nas discussões acadêmicas também envolve as publicações mais recentes, aquelas publicadas nos últimos 5 anos. Optou-se por abordar esse assunto a partir da representação visual de palavras utilizadas nos títulos dos 73 artigos publicados entre 2016 e 2020 que se referem à produção acadêmica brasileira sobre Ergologia. A partir do recurso gratuito e online da ferramenta *wordclouds* elaborou-se a Figura 1 a seguir que representa a nuvem das palavras utilizadas nos títulos dos artigos.



As palavras mais utilizadas nos títulos foram (em destaque de tamanho na Figura 1): “saúde” (15 ocorrências), “atividade” (14), “análise” (8), “Brasil” (8), “ergologia”(7) e “enfermagem” (6). Na sequência, apareceram como mais frequentes: “estudo”, “política”, “atenção”, “ergológica”, “experiência”, “profissionais”, “psicologia”, “trabalhadores”, “clínica”, “contribuições”, “cuidado” e “desafios”.

Para finalizar, a leitura da Figura 1 permite tecer algumas considerações sobre os temas centrais dos estudos desenvolvidos nos últimos 5 anos: a “saúde” faz-se presente nos títulos e, possivelmente, permanece como área de interesse principal dos artigos; os estudos ergológicos, pela natureza da abordagem, concentram-se na análise da “atividade” de trabalho; e a “enfermagem” tende a ser a subárea da saúde em que os pesquisadores têm se debruçado a partir da ótica ergológica.

#### **4. Considerações Finais**

O desenvolvimento dessa pesquisa bibliométrica sobre a produção acadêmica brasileira dedicada à Ergologia nos últimos 25 anos permitiu vislumbrar alguns aspectos relevantes que podem subsidiar reflexões sobre: “Como conseguimos chegar até aqui?”, “Onde queremos chegar?” e “Como podemos avançar?”.

Sobre o histórico das produções acadêmicas, desde o primeiro artigo publicado em periódico nacional, em 1996, de autoria de Schwartz, os conceitos ergológicos foram difundidos vagarosamente ao longo de 15 anos.

(1996-2010). A última década (2011-2020), no entanto, representou o período de maior produtividade do conhecimento acadêmico sob a ótica da Ergologia. Faz-se, porém, um alerta quanto a 2020 (pandemia) que significou uma queda nas publicações. Apesar das intempéries do cenário, o momento atual pode significar uma oportunidade para pesquisas envolvendo as mudanças provocadas na atividade de trabalho devido às restrições de diversas naturezas na vida humana (saúde, segurança, educação, e outras), podendo ser analisadas a partir da lente ergológica.

Em se tratando das autorias dos artigos, as mulheres destacaram-se no quantitativo geral e no ranking de produtividade. A Ergologia demonstrou ser uma abordagem discutida e adotada por um grupo seletivo de pesquisadores, posto que um volume expressivo de publicações foi escrito ou teve participação de um número relativamente pequeno de autores. Esse grupo compõe-se, em sua maioria, de docentes de universidades públicas federais do país, e entre as áreas de atuação percebeu-se a predominância de pesquisadores da Psicologia e Saúde Coletiva. Um aspecto que deve-se destacar, nesse ponto, refere-se à concentração geográfica dos autores mais produtivos que são provenientes do Sudeste do país. Esse achado induz a necessidade de que a abordagem deve ser alvo da interregionalização no Brasil (por meio de eventos, projetos, parcerias), buscando difundi-la nas demais regiões, principalmente, Norte e Nordeste.

Relativo aos periódicos em que os artigos foram publicados, vale mencionar que, assim como as autorias dos artigos foram concentradas em um determinado grupo de pesquisadores, as publicações também possuem um conjunto de revistas frequentemente selecionadas. As áreas do conhecimento dos principais periódicos foram Saúde Coletiva, Psicologia (áreas dos principais autores), Educação e Sociologia.

Merece destacar que a Enfermagem apareceu como uma das principais palavras presentes nos títulos dos artigos publicados nos últimos 5 anos, o que pode significar tendência de utilização e aperfeiçoamento da adoção da Ergologia em pesquisas direcionadas a profissionais dessa área.

Por último, sugere-se para estudos futuros de natureza bibliométrica: a análise da rede de colaboração entre instituições, a avaliação do impacto dos artigos conforme o número de citações, a identificação das palavras-chave mais frequentes nos artigos e a análise qualitativa dos artigos (tipos de estudo, técnicas metodológicas, categorias de profissionais estudadas, referências utilizadas, etc). Como uma das limitações do estudo foi a falta de artigos da Revista Ergologia (não indexada às bases de dados adotadas), também seria importante incluí-la em pesquisas futuras. O aperfeiçoamento da bibliometria pode contemplar ainda a expansão para artigos de pesquisadores estrangeiros publicados em periódicos internacionais. Ademais, no que tange ao avanço dos estudos ergológicos, pode-se acrescentar a latente oportunidade de realização de pesquisas em áreas como a Administração, Serviço Social, Comunicação e outras, fazendo com que a essência da transdisciplinaridade da Ergologia também ecoe no universo das produções acadêmicas brasileiras.

### **Referências Bibliográficas**

- Coletivo Ergologia (2017). *Percorso da Ergologia no Brasil: mapeamento da apropriação da Ergologia no Brasil*. Facebook. Recuperado de <https://www.facebook.com/ColetivoErgologia>
- Di Fanti, M., & Barbosa, V. F. (2016). Uma entrevista com Yves Schwartz. *Letrônica*, 9, 222–233. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2016.s.25359>
- Durrive, L., & Schwartz, Y. (2018). Glossário da Ergologia. In R. Di Ruzza, M. Lacomblez, & M. Santos (Eds.), *Ergologia, Trabalho, Desenvolvimentos* (pp. 11-29). Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Freitas, R. G., & Bianco, M. F. (2019). Uma revisão sobre a temática da Ergologia na produção científica brasileira. *Ergologia*, 21, 105-124. <http://www.ergologia.org/numeacutero-21.html>
- Hennington, A. F., Cunha, D., & Fischer, M. (2011). Trabalho, educação, saúde e outros possíveis: diálogos na perspectiva ergológica. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 5-18. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400001>
- Hernandes, E., Zamboni, A., Fabbri, S., & Di Thommazo, A. (2012). Using GQM and TAM to evaluate StArt: a tool that supports systematic review. *Clei Electronic Journal*, 15(1), 1-13.
- Holz, E. B. (2014). *O trabalho e a competência industrial no beneficiamento de granitos: uma cartografia ergológica* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, Brasil.
- Lima, R. (1986). Bibliometria: análise quantitativa da literatura como instrumento de administração em sistemas de informação. *Ciência da Informação*, 15(2). <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/233>
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: Editora da UFF.
- Viegas, M. F. (2013). Histórico e conceitos da ergologia: entrevista com Yves Schwartz. *Reflexão & Ação*, 21(1), 327-340. <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v21i1.3742>.

### **Notas**

- [1] A tese de Doutorado em Administração, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAdm/UFES), da primeira autora desse artigo encontra-se em estágio de execução (pesquisa de campo), com término previsto para o ano de 2022.

# Reflexões acerca de um simpósio ergológico latino-americano de ergologia em Porto Seguro na UFSB/BA.

## Réflexions au sujet d'un symposium ergologique latino-américain d'ergologie à Porto Seguro dans l'UFSB/BA.

## Reflexiones sobre un simposio ergológico latinoamericano de ergología en Puerto Seguro en UFSB/BA.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO Faculdade de Psicologia  
DE UNIVERSIDADE  
DA UNIVERSIDADE DO PORTO



### Mariana Veríssimo

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PucMinas  
Rua Dom José Pereira Lara, 202/201, Coração Eucarístico, Belo Horizonte-MG  
CEP 30535-520  
mverissimo@pucminas.br

### Enio Rodrigues da Silva

Universidade de Medicina José do Rosário Vellano – UNIFENAS – Belo Horizonte/MG e Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)  
Rua Bangu, 177, apt – 502, Alto Caiçara, Belo Horizonte, Brasil, MG, CEP – 30750410  
eniosrodrigues46@gmail.com

### Jurandir Soares da Silva

Instituto Federal de Minas Gerais-Banbuí – IFMG  
Rua Dom José Pereira Lara, 202/201, Coração Eucarístico, Belo Horizonte-MG  
CEP 30535-520  
jurans@yahoo.com.br

### Deise de Souza Dias

Prefeitura de Belo Horizonte  
Rua Ipuera 936 apto 301 Novo Eudorado, Contagem, MG  
deise.souzadias@yahoo.com.br

### Luiz Guilherme de Lima e Souza

Mestrando no Programa de Pós-Graduação da PUC-Minas  
Rua Santo Antônio do Monte, 670/303- Santo Antônio, Belo Horizonte, MG Cep.: 30330-220  
luizsouza92@gmail.com

### Agamenon Bomfim Abreu

Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
e Universidade de Brasília (UNB)  
Rua Doutor João Ribeiro Caldas, 49 / 501 - Salvador Barris, CEP: 40070-660  
agamenonabreu@gmail.com

### Eloísa Helena Santos

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
eloisasantos2010@gmail.com

### Resumo

Este texto apresenta o processo de trabalho de realização do Primeiro Simpósio Latino-Americano de Ergologia/SILAE em Porto Seguro/BA/Brasil, 2019. A abordagem ergológica foi mobilizada em sua essência indisciplinar, articulando saberes constituídos e invertidos voltados para a experiência dos povos latino-americanos. Escolhemos a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) para sediar o evento, considerando a originalidade interdisciplinar de seu Plano Orientador e o espaço-tempo por ela aberto para a Ergologia em seus princípios acadêmicos e estratégias de ensino-aprendizagem. Desde a configuração dos eixos temáticos e disposição dos ateliers de apresentação à organização dos momentos culturais e ao cardápio alimentar ofertado, os princípios ergológicos foram colocados em debates de normas e valores. O resultado caminhou na direção de continuidade do Simpósio entre os países latino-americanos, colocando em evidência os enigmas da atividade em termos micro e macro, enaltecedo a humanização como um bem comum a ser assegurado entre esses povos.

### Palavras-chave

ergologia, saberes, valores, saúde, ensino

### Resumen

Este texto presenta el proceso de trabajo de realización del Primer Simposio Latinoamericano sobre Ergología/SILAE en Porto Seguro/BA/Brasil, 2019. El enfoque ergológico se movilizó en su esencia indisciplinaría, articulando saberes constituidos e invertidos dirigidos a la experiencia de los pueblos latinoamericanos. Elegimos la Universidad Federal de Bahía Del Sur (UFSB) para organizar el evento, considerando la originalidad interdisciplinaria de su Plan Asesor y el espacio-tiempo que abrió para la Ergología en sus principios académicos y estrategias de enseñanza-aprendizaje. Desde la configuración de los ejes temáticos y la disposición de los talleres de presentación hasta la organización de los momentos culturales y hasta la carta gastronómica ofrecida, los principios ergológicos se colocaron en debates de normas y valores. El resultado caminó en la dirección de continuidad del Simposio entre los países latinoamericanos, destacando los enigmas de la actividad en términos micro y macro, exaltan la humanización como un bien común que debe garantizarse entre estos pueblos.

### Palabras clave

ergología, saberes, salud, enseñanza

## Résumé

Ce texte présente le processus de travail de la réalisation du premier Symposium latino-américain d’ergologie/SILAE à Porto Seguro/BA/Brésil en 2019. L’approche ergologique, dans son essence indisciplinaire, a été mobilisée pour articuler des savoirs constituées et des savoirs investies en visant l’expériences des peuples latino-américains. Pour accueillir l’événement, nous avons choisi l’Université fédérale du sud de Bahia (UFSB) compte tenu l’originalité interdisciplinaire de son Projet d’Établissement et de l’espace-temps qu’elle a ouvert à l’ergologie, dans ses principes académiques et de ses stratégies d’enseignement et d’apprentissage. Les principes ergologiques ont été placés dans les débats sur les normes et les valeurs dès la configuration des axes thématiques à la disposition des ateliers de présentation en passant par l’organisation de moments culturels et du menu alimentaire proposé. Les résultats de cette rencontre ont débouchés dans le sens de la nécessaire continuité du Symposium entre les pays d’Amérique latine, mettant en évidence les énigmes de l’activité en termes micro et macro, en vantent l’humanisation comme bien commun à assurer parmi ces peuples.

## Mots clés

ergologie, savoirs, santé, enseignement

### 1. Preliminares de uma construção

Por ocasião do IV Congresso da Sociedade International de Ergologia realizado em Brasília no mês de agosto de 2018, alguns participantes construímos a ideia de realizar o Primeiro Simpósio Latino-American de Ergologia/SILAE. Pretendia-se que esse simposio valorizasse o percurso sociocultural e histórico de vida dos habitantes da América do Sul, sua história, seu estilo de ser e produzir conhecimento, seu corpo-si em movimento frente às infidelidades do meio latino-americano. Criou-se um comitê organizador para a realização do referido simpósio e, em seguida, um grupo pelo whatsapp com o nome de Coletivo Latino-American de Ergologia, incorporando ergólogos de todo o Brasil e, ainda, representantes de outros países, como Uruguai, Peru, Argentina, Colômbia e México. Não contamos com financiamentos públicos do governo brasileiro, não recuamos e promovemos um autofinanciamento do evento.

A abordagem ergológica crítica a produção de saber pautada somente em princípios acadêmicos e distanciada do trabalho real. Assim, para cumprir seu objetivo, ela apresenta um conceito filosófico, antropológico e ontológico do trabalho em contraposição ao taylor-

rismo-fordismo e um intenso exercício de conceituar o encontro com as situações de trabalho, ampliando as reflexões em torno de seu princípio educativo. Ela propõe uma inter-relação pluridisciplinar de saberes, promovendo a visibilidade da produção informal de conhecimento, pela história, pelo investimento do trabalhador na produção de saberes. Uma postura ético-epistemológica e desconfortável que visa ao trabalho coletivo e ao bem comum, à solidariedade e ao compartilhamento de conhecimentos. Em termos prescritivos, este Simpósio buscou também promover um diálogo entre os saberes constituídos nos diversos campos do conhecimento envolvidos no evento e saberes investidos, numa posição de humildade que conduz ao desconforto intelectual sempre aberto ao diálogo entre as pessoas e ao questionamento em todos os sentidos (Schwartz & Durrive, 2007; Schwartz, 2010). Busca entrar nos campos de trabalho do ponto de vista da atividade, considerada como um élan de vida, uma postura que transborda a ação que se faz no aqui e agora, uma movimentação de todos os componentes do corpo-si. Portanto, dramáticas do uso do corpo-si por si e pelos outros e *debates de normas* e valores vivenciados pelas pessoas engajadas com as questões latino-americanas em tempo real de trabalho.

Este Primeiro Simpósio Latino-American de Ergologia teve como objetivo primordial, contribuir para as formações profissionais interdisciplinares específicas para os povos latino-americanos, evidenciando a formação de sujeitos críticos e criadores do mundo.

Nesse sentido, torna-se fundamental nos perguntarmos: que tipo de afetos mobilizamos? Como os ateliers temáticos foram organizados? Qual foi a programação cultural? Como a arte, a infraestrutura e a arquitetura da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), a culinária típica da região despertaram sensibilidades?

### 2. Um local: uma universidade interdisciplinar na terra da invasão brasileira

Apresentamos alguns argumentos e motivos para a realização deste Primeiro Simpósio Latino-American de Ergologia no Brasil, na terra do descobrimento/invasão, mais precisamente na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Trata-se de uma proposta inovadora de ensino-aprendizagem, arquitetada pelo filósofo da vida e educador brasileiro Naomar Almeida Filho, que se apresenta de forma arrojada, ousada, interdisciplinar, acima de tudo, necessária para o Brasil atual.

De acordo com o Plano Orientador da UFSB (Brasil, 2014), seus marcos conceituais dialogam com os seguintes saberes e diretrizes educacionais: os funda-

mentos da Universidade Popular de Anísio Teixeira; a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire; a Geografia Nova de Milton Santos; a Inteligência Coletiva de Pierre Lévy e os processos de afiliação, segundo Alan Coulon. Além da contribuição de Boaventura de Sousa Santos que promove uma ação política, viabilizando a abertura de espaços institucionais que propiciam a entrada da *Ecologia dos Saberes* – a sociodiversidade, a etnodiversidade, a epistemo-diversidade e a democracia cognitiva. Um mecanismo de tradução que opera a *Sociologia das ausências e das emergências* (Santos, 2002). A arquitetura curricular da UFSB é organizada em três ciclos de formação, sendo que o primeiro ciclo contempla o Bacharelado Interdisciplinar (BI) e a Licenciatura Interdisciplinar (LI). O segundo ciclo, por sua vez, contempla os cursos de graduação, enquanto o terceiro ciclo abrange as – Residências Profissionais, os Mestrados Profissionais e Acadêmicos, além dos doutorados. Conta também com a formação em Colégios Universitários (CUNI), localizados na comunidade, em locais com mais de 20.000 habitantes e de baixa renda, assentamentos, aldeias indígenas e quilombos. O regime letivo é quadrienal e tem como princípio o pluralismo pedagógico e o uso de tecnologias digitais de ensino-aprendizagem.

Quanto aos princípios institucionais, a UFSB almeja a eficiência, a eficácia, e efetividade, a equidade, a sustentabilidade, o impacto social, a ressonância regional, a pluralidade pedagógica e a flexibilidade, a interface sistêmica e a articulação interinstitucional. Sua missão é promover um funcionamento integrado socialmente, que privilegia uma formação acadêmica eficiente e compromissada com a Educação Básica e a promoção do desenvolvimento regional do Sul da Bahia. Um projeto de educação emancipadora (Freire, 2011), que reconhece o ensinar como um ato político e o aprender, uma experiência social compartilhada, privilegiando o conhecimento qualificado, o encontro humano, a autonomia, o senso crítico, a pluralidade de saberes e fazeres, o debate de normas e valores, além de promover escolhas refletidas.

Essa compreensão da proposta educacional como ato político e social contribuiu para a realização deste Simpósio porque se apresentou como marco conceitual em sintonia com seu Plano Orientador. Os princípios e valores desta Universidade dialogam com a abordagem ergológica que propõe uma entrada nos meios de trabalho do ponto de vista da atividade, inspirando-se em três grandes patrimônios: as Comunidades Científicas Ampliadas de Ivar Oddone; a Ergonomia da Atividade com Alain Wisner e a Filosofia da Vida de Georges Canguilhem.

## **2.1. As (des)construções possíveis e necessárias**

Na UFSB, a entrada da Ergologia aconteceu pelo viés do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde/BI-Saúde, por meio do professor Enio Rodrigues, especificamente através de estudos sobre Propedêuticas em Saúde (geral, do adulto, da infância e adolescência, dos idosos e da gestação). A Ergologia proporcionou um espaço-tempo crítico aos mecanismos de centralização dos saberes médicos no campo da saúde. Neste sentido, a Ergologia foi convocada em sua indisciplina e como uma clínica, mesmo que ela não se mostre soberanamente clínica, mas como um movimento clínico construído em estado de aderência e desaderência aos meios de trabalho em saúde. O resultado desta operação ergológica se reflete na proposta de promover a transformação de estudantes e profissionais em trabalhadores do Sistema Único de Saúde/SUS, preparando o terreno para a quebra de hierarquias de saberes e poderes no campo da saúde.

### **2.1.1. Uma posição ergológica contrária ao fechamento do BI-Saúde**

O Bacharelado Interdisciplinar em Saúde/BI-Saúde, desde 2017, com a entrada de um novo grupo gestor na reitoria, tem caminhado para o seu fechamento. Isso significa o rompimento com os princípios do Plano Orientador da própria Universidade. Esse debate ergológico na UFSB inaugurado pelo primeiro SILAE ampliou e aprofundou a compreensão da importância de continuidade do BI-Saúde para a formação de trabalhadores-coletivo-anômalos para atuarem de forma ergológica neste campo. Ou seja, trabalhadores capazes de trabalhar em equipe, de compreender e contribuir para a descentralização de saberes e poderes. Trata-se de um debate que motivou uma postura de muitos professores contra o fechamento desse BI-Saúde, considerado como um avanço no processo de formação universitária no Brasil.

## **3. A construção do processo de trabalho do Primeiro SILAE**

A fim de preparar e sensibilizar a comunidade acadêmica local para o Simpósio, foi realizado um minicurso de introdução aos conceitos e abordagem ergológica, noções e linhas metodológicas para abordar o trabalho como atividade, reconfigurações históricas e projeto-herança, ministrado pela professora Daisy Moreira Cunha. Na véspera do início do evento, realizamos um encontro com participantes do Simpósio no sebo e hospedaria “O Livreiro”. Aproveitamos o momento para fazermos uma surpresa para o professor Yves Schwartz, comemorando seu aniversário num clima de mobilização de afetos

e cuidados, numa postura ergológica de troca de saberes e visões de mundo.

Comumente, os eventos científicos se organizam no sentido de separar e hierarquizar as apresentações de trabalhos por eixos temáticos – o que acaba reforçando a disciplinarização da produção de conhecimento. Desde as primeiras discussões da comissão organizadora do SILAE, preocupou-se em não cair nesta armadilha. Com isto antecipou-se conflitos, desconfortos, promovendo e praticando a indisciplinarização para construir e propor outra configuração para o evento. A apresentação dos trabalhos não foi dividida por temas, pois em cada mesa havia um trabalho de cada eixo temático definido na programação do evento, garantindo a interdisciplinaridade. A comissão definiu que não haveria conferências e palestras em auditórios que reunissem todos os participantes e nem mesmo mesas temáticas concomitantes que dividiriam os participantes por campos de interesses disciplinares. Ao contrário disso, as conferências introdutórias e a apresentação de todos os trabalhos aconteceram em um mesmo auditório, garantindo a participação de todos os simposistas no debate com cada trabalho apresentado, sustentando a interdisciplinaridade e praticando os princípios ergológicos.

Para concluir o evento, no dia 13 de setembro, o representante do Uruguai, Álvaro Casas, ministrou um minicurso, com duração de três horas, sobre o tema: O Educador/a Social: origens, profissão e perspectiva ergológica. Foi apresentada a origem europeia e ibero-americana do Educador/a Social, bem como as principais funções socioeducativas desse profissional.

#### **4. Corpos latino-americanos em movimento numa agenda cultural**

Para tratar do corpo latino-americano, de antemão, valemo-nos da noção de corpo-si desenvolvida por Schwartz (2014), como uma Entidade de natureza polissêmica com uma tríplice ancoragem, biológica, histórica e singular, incluindo os aspectos metafísicos humanos. Uma postura que se alinha à *métis*, subjetivada e nomeada de inteligência curva, astuciosa e audaciosa, que promove o drible ao confronto direto para produzir alternativas colaterais e coletivas corporais em movimento (Dejours, 2009; Guez, 2014).

Neste sentido de corpos em movimento, houve a apresentação do curta-metragem “Cada Caminho é um Poema”, dirigido por Caçá Soares e que contou com a atuação do professor de Artes Cênicas, Agamenon de Abreu e da artista Lu Nobre. Um trabalho que recebeu a contribuição da lupa artística e experiência do referido

professor, diretor e ator-figurinista que, ao reabrir suas “Gavetas de ideias” (Abreu, 2017), traz em cena o “Resumo”, um palhaço que vai às ruas da cidade de Brasília, abrindo espaços para a arte passar com sua maleta de maquiagens e ideias, brincando, pintando, mobilizando alegrias e afetos na relação com os transeuntes, driblando as passagens desconfortáveis do cotidiano.

Em outro sentido e dentro da mesma perspectiva de movimentação corporal, o aluno e artista da UFSB, Breno Terra, apresentou dois trabalhos de uma série por ele nomeada “Corpo identidade na cena”, que são processos de redescobrimentos no território brasileiro. São eles: “Lida: Trabalhos, Cantos e Rodas” e “Monumento-Anti e Transposição”. Obras que combinam vídeo-performance, instalação e cena em movimento e cantorias originais que sustentam o foco de um trabalho corporal, determinado e prenhe de ginga brasileira. A agenda cultural do SILAE I foi também presenteada pela originalidade do movimento do povo Pataxó que habita o território do Sul da Bahia muito antes da chegada dos portugueses. Segundo Ubiraci Pataxó, esse encontro deixou diferentes marcas de batalhas trazidas até os dias atuais. Assim, o Simpósio de Ergologia foi um evento surpreendente tanto para os Pataxós, como para os demais participantes, onde saberes diversos se entrelaçaram. Na oportunidade, Ubiraci e seu irmão Ubiranã demonstraram, afetivamente, a partir do cuidado com os participantes, a experiência teórica vivencial Korié (cuidar em Patxohã, língua Pataxó) por meio de uma dinâmica corporal. Esse trabalho possibilitou reflexões sobre autocuidado, respeito ao próximo, valorização do outro, empoderamento pessoal e valorização das lembranças através do toque em parte dos corpos dos participantes. Ainda no mesmo contexto de valorização de culturas, contamos com a apresentação de lideranças do pré-assentamento Baixa-Verde, que relataram os seus saberes e suas estratégias de resistência mobilizados na luta pela terra. A Associação Baixa-Verde trouxe para o primeiro SILAE uma abordagem multicultural, compartilhando estudos e situações vividas pelos (as) trabalhadores (as) no enfrentamento de todo tipo de ameaça de tomada da terra ocupada por seus membros. O Movimento de Luta pela Terra/MLT se apropria de terras improdutivas, promovendo a produção agrícola para o próprio sustento e venda, reforçando os princípios da educação transformadora de Paulo Freire, consolidando-se enquanto uma luta muito para além da terra, mas por resistência e dignidade de viver.

O primeiro SILAE foi finalizado com uma apresentação musical realizada pela banda local “Nous”, que é composta pela reunião de artistas que se propõem a

mobilizar afetividades e inventividades no ato de cantar, visando encontrar o outro em sua essência de viver. Foi uma ocasião de palavra e dança, de expressão humana, desfrutando de músicas, poesias, festejos, reflexões e espiritualidades.

## **5. O Ergoengajamento na organização do Simpósio**

Para a Ergologia, os valores estão presentes em todos os momentos do agir humano, inclusive no trabalho (Schwartz, 2011). Nas sociedades atuais estão presentes dois tipos de valores bastante distintos: os valores mercantis e os valores sem dimensão. Os primeiros podem ser quantificáveis ou dimensionáveis e compõem o polo do mercado. Já, os segundos, não sendo dimensionáveis, referem-se ao bem comum, aos afetos, às emoções, aos valores impressos na atividade. Trazemos essa questão dos valores para ressaltar que a efetivação do evento somente foi possível porque em várias situações os valores sem dimensão foram mobilizados.

Um exemplo de ergoengajamento aconteceu no plano da formação no BI-Saúde da UFSB, a partir do Componente Curricular chamado "Gesto profissional - atividade e conceitos em Ergologia". Os alunos Leandro de Oliveira Santos, Renato Francisco Nunes, Ana Paula Pereira Maltez e Poliana Vitorino Sales se interessaram por estudar os princípios ergológicos, inclusive na inter-relação com a saúde. O resultado foi a entrada dos mesmos no comitê organizador do simpósio, inclusive convidando outro estudante, Yuri Macedo para compor a equipe, formando um comitê local.

Foi nesse contexto que Leandro de Oliveira Santos se antecipou, assumindo a confecção das bolsas artesanais para o evento, cuja ideia surgiu em uma das várias reuniões da equipe organizadora. Inicialmente, planejou-se comprar sacolas industrializadas. Entretanto, após vários orçamentos, essa ideia mostrou-se financeiramente inviável. Sendo assim, Leandro sugeriu que elas fossem feitas por sua mãe, Maria Alice de Oliveira Santos, mais conhecida por dona Maria. Morando a quase 600 km de Porto Seguro, cidade que sediou o Simpósio, Dona Maria é uma senhora de 70 anos, agricultora, casada há 50 anos, tem oito filhos, sempre trabalhou na roça para sustentar a família, moradora da zona rural da cidade Encruzilhada, região sudoeste do semiárido baiano, local de poucas chuvas e de poucas farturas. Desta forma, foram disponibilizados os materiais e em três dias foram confeccionadas por ela e pelo seu filho Leandro, 150 sacolas biodegradáveis, feitas com saberes investidos dos anos de vida. À Dona Maria, deixamos aqui o nosso agradecimento especial.

Também na definição do cardápio, os princípios ergo-

lógicos foram considerados. Nesse sentido, o comitê organizador decidiu pela valorização da culinária baiana e indígena local. Todas as refeições foram elaboradas e servidas no restaurante da UFSB, localizado entre o anfiteatro e as ocas indígenas, locais reservados para aulas, encontros acadêmicos e extra-curriculares.

Um outro ergoengajamento diz respeito ao trabalho de Agamenon Abreu por ocasião do fazimento artístico de uma marca para o Simpósio, uma logomarca – aquilo que representa a reflexividade, a subjetividade, a singularidade e a interculturalidade do evento. Esta, compreendida como um espaço-tempo de interação horizontal e sinérgica de culturas, onde nenhum grupo se coloca em destaque sobre o outro. Logomarca que foi impressa em camisetas para o evento.

Segundo o artista, as mãos tecem as fibras do alimento, os quais dão energia para toda atividade, não importa a cor, todos necessitam de energia, do sol, da terra, do ar, da água e do outro. As mãos pensam a atividade – pintam, modelam/esculpem, escrevem, defendem, cantam... Na logomarca, um mapa da América Latina na palma da mão, delimita o lugar, mas não delimita pensamentos, existências – o ser humano é híbrido, diverso, plural, livre e necessita sempre se ver, se rever e observar/inspirar no e para o outro. Quem é o outro? O que faz o outro que me completa, me atravessa, passa, marca? Não, não somos um só povo, somos uma mistura de nômades, de fixos, de transeuntes... A história das Américas foi marcada por invasões, explorações, com seus limites, demarcações riscadas com sangue, com o labor e suor de escravizados. Sim, assim, há muitas marcas e marcos que determinaram e determinam as andanças e DNA's de nós, latinos-americanos! Neste sentido a logomarca do I Simpósio Latino-americano de Ergologia tenta sintetizar a imagem e conceito de diversidade – um ou vários acenos para a colaboração, para o coletivo, em que as identidades individuais também sejam contempladas como ingrediente desse “tempero” dos povos americanos, latinos...

### **5.1. Transformar o trabalho pra quê?**

Durante o Simpósio, compartilhamos a seguinte contribuição. Em primeiro lugar, eu Eloísa Helena Santos, cumprimento as/os participantes deste 1º Simpósio Latino-americano, inclusive pela expressa inclusão do afeto entre as dimensões da atividade. Espero que este evento possa propiciar reflexões e contatos que contaminem ações concretas e relações afetuosa, não só aqui e agora. Gostaria de agradecer aos incansáveis organizadores deste Simpósio, em especial ao meu amigo Enio, o privilégio e a honra de me manifestar, ainda

que muito ligeiramente, em virtude de limitações que minha vida pessoal me impôs ultimamente. Faço isto retomando, brevemente, o argumento que defendi no Grupo de Pesquisa Garimpo da Atividade de Trabalho, e que constituiu a coluna dorsal do trabalho que apresentamos no IV Congresso da Sociedade Internacional de Ergologia, em Brasília, no ano passado.

Em agosto de 2018 afirmávamos que a sociedade brasileira vivia problemas graves, reflexo do golpe de estado iniciado em 2016, entre eles, a ausência de um projeto societário emancipatório, o recrudescimento da desigualdade social, as situações degradantes de trabalho, a perda de direitos trabalhistas historicamente conquistados, o retrocesso nas políticas públicas de inclusão social e no diálogo com os movimentos sociais, a redução dos investimentos em educação e saúde, a atuação criminosa no âmbito do poder legislativo, e, partidária, no poder judiciário, além do ataque à soberania nacional.

É a partir dessa realidade que urge repor um princípio básico para os ergólogos, agora em novos termos: conhecer e transformar o trabalho para quê e em que direção? E, em consequência, como agir de maneira ergoengajada para intervir e transformar a sociedade brasileira, para além do trabalho?

A inquietação aqui apresentada é decorrente de reflexões pelo Grupo de Pesquisa Garimpo da Atividade de Trabalho, voltadas à análise da incorporação da ergologia no Brasil. Entre elas, salienta-se aquela denominada Percursos da Ergologia no Brasil (Dias & Deise et al., 2017), que contou com o depoimento de 68 pesquisadores, estudantes e trabalhadores brasileiros, inseridos em diversas áreas do conhecimento, em instituições públicas e privadas. Ao problematizar a incorporação da ergologia pelos ergólogos, no Brasil, é necessário realçar que, sob o domínio do capital – apesar dos ganhos de natureza singular e, às vezes, até coletivos, expressos na dimensão micro –, as transformações alcançadas no trabalho não alteram as relações capitalistas de produção inscritas na dimensão do macro.

Sendo assim, esta minha manifestação aqui repõe como proposta para este Simpósio uma discussão em torno das seguintes questões: pode-se esperar que a proposta da ergologia, de articulação entre o macro e o micro, possibilite aos trabalhadores, entre eles os ergólogos, um engajamento que fomente a transformação das relações capitalistas de produção? Pode-se esperar que o viés do trabalho abstrato deixe de subsumir o viés do concreto nas intervenções realizadas a partir da abordagem ergológica? Pode-se, a partir das micro transformações nas situações de trabalho, extraír alter-

nativas concretas e viáveis para a superação das desigualdades sociais e da exploração capitalista? Pode-se ultrapassar as análises e intervenções no nível micro e indicar caminhos para a superação da sociedade de classes? E ainda, que horizonte vislumbrar num quadro agravado pela investida fascista dos dias atuais? Por esta razão, fica o convite para os ergólogos aqui presentes para revisitarem ou para visitarem a proposta do ergoengajamento e a proposta marxiana de transformação social, retirando delas inspiração para a uma militância em favor de um mundo justo e de uma vida humanamente amorosa.

## 6. Considerações finais

Este Simpósio mobilizou conceitos ergológicos em diversos níveis e campos de trabalho, além de levantar questões em torno da proposta ergológica de promover o bem comum, o viver juntos, a cooperação, a humanização e a solidariedade. Para cumprir tais objetivos, não podemos permitir que a Ergologia caia nas malhas da disciplinarização e da produtividade, posicionando-se de forma confortável frente ao impossível e ao insuportável do encontro como real da vida. Humanizar não é um processo fácil, pois requer desconforto intelectual, debate de normas, valores, dramáticas, histórias de vida, subjetividades individuais e coletivas. Requer, ainda, uma atenção aos afetos e à originalidade dos conflitos humanos, reafirmando a proposta ergológica. E isso demanda ousadia e entrada nos planos da atividade do corpo-si.

Por decisão coletiva, mediante uma discussão prenhe de controvérsias, divergências e convergências, ficou definido que o segundo Simpósio Latino-Americano de Ergologia será realizado em 2021 no Brasil, na cidade de Belém, na Universidade Federal do Pará. Foi uma decisão democrática, porém propomos que o caráter ergológico seja garantido nos próximos simpósios latino-americanos de Ergologia, incluindo a realização do evento em outros países.

## Referências Bibliográficas

- Abreu, A. (2017). *Gaveta de ideias: Um ponto de vista de processos criativos no teatro em Salvador* (Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Brasil (2014). Ministério da Educação. Universidade Federal do Sul da Bahia. *Plano Orientador*. Itabuna/Porto Seguro/Teixeira de Freitas: UFSB.
- Clot, Y. (2006). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Dejours, C. (2009). *Travail vivant. 2: travail et emancipation*. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra.
- Guez, O. (2014). *Éloge de l'esquive*. Paris: Éditions Grasset.
- Santos, B. S. (2002). *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.
- Santos, B. S. (2019). *O fim do império cognitivo. A afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Schwartz, Y. (2010). A experiência é formadora? *Educação e Realidade*, 35(1), 35-48.
- Schwartz, Y. (2011). Manifesto por um ergoengajamento. In P. Bendassolli, & P. Soboll (Orgs.), *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas.
- Schwartz, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si: corporis, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, 49(3), 259-274. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.3.19102>
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2007). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Rio de Janeiro: EdUFF.

# Avanços e perspectivas da Ergologia no Rio Grande do Sul, Brasil.

# Avances y perspectivas de la Ergología en Rio Grande do Sul, Brasil.

# Progrès et perspectives de l'ergologie à Rio Grande do Sul, Brésil.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DO PORTO



### **Maristela Vargas Losekann**

Enfermeira da Emergência do Hospital Nossa Senhora da Conceição - Grupo Hospitalar Conceição  
Av. Francisco Trein, 596, Bairro Cristo Redentor. CEP 91350-200. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil  
losekann@terra.com.br

### **Maria Clara Bueno Fischer**

Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Av. Paulo Gama, 110. Bairro Farroupilha. CEP 90046-900. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil  
mariaclara180211@gmail.com

### **Resumo**

Trata-se de relato de um evento, situado no campo da Ergologia, intitulado I Encontro Gaúcho da Ergologia: avanços e perspectivas que aconteceu em agosto de 2019 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição de ensino pública situada no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. O objetivo desta atividade foi de promover o diálogo entre trabalhadores de diferentes áreas de atuação e formação com estudiosos dos mais diversos campos do conhecimento que tivessem alguma aproximação com a abordagem ergológica no RS. Ao mesmo tempo, visava construir uma rede de trabalhadores e pesquisadores gaúchos que utilizassem esse referencial em situação de trabalho. A realização do encontro na modalidade presencial, com o apoio de um instrumento de coleta de dados prestou-se para a confecção de um mapeamento inicial da inserção da Ergologia no estado e refletir acerca do potencial e dos desafios da Ergologia no mundo do trabalho.

### **Palavras-chave**

formação profissional, mundo do trabalho, situação de trabalho

### **Resumen**

Este es el informe de un evento, ubicado en el campo de la Ergología, titulado I Encuentro Gaucho de Ergología: avances y perspectivas que tuvo lugar en agosto de 2019 en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, una institución de educación pública ubicada en la ciudad de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. El propósito de esta actividad fue promover el diálogo entre trabajadores de diferentes áreas de especialización y formación con académicos de los más diversos campos del conocimiento que tuvieran alguna aproximación con el enfoque ergológico en RS. Al mismo tiempo, pretendía construir una red de trabajadores e investigadores de Rio Grande do Sul que utilizaran este marco en una situación laboral. La realización del encuentro presencial, con el apoyo de un instrumento de recolección de datos, sirvió para la elaboración de un mapeo inicial de la inserción de la Ergología en el estado y para reflexionar sobre las potencialidades y desafíos de la Ergología en el mundo laboral.

### **Palabras clave**

formación profesional, mundo laboral, situación laboral

## Résumé

Il s'agit du rapport d'un événement, situé dans le domaine de l'ergologie, intitulé I Gaúcho Meeting of Ergology: progress and perspectives qui a eu lieu en août 2019 à l'Université Fédérale de Rio Grande do Sul, un établissement d'enseignement public situé dans la ville de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brésil. Le but de cette activité était de promouvoir le dialogue entre les travailleurs de différents domaines d'expertise et la formation avec des chercheurs des domaines de connaissances les plus divers qui avaient une certaine approximation avec l'approche ergologique en RS. En même temps, il visait à construire un réseau de travailleurs et de chercheurs du Rio Grande do Sul qui utilisaient ce cadre en situation de travail. La réalisation de la rencontre en présentiel, avec l'appui d'un instrument de collecte de données, a permis de préparer une première cartographie de l'insertion de l'ergologie dans l'État et de réfléchir sur le potentiel et les enjeux de l'ergologie dans le monde du travail.

## Mots clés

formation professionnelle, monde du travail, situation de travail

## 1. Introdução

Este artigo consiste em um relato de evento no campo da Ergologia intitulado I Encontro Gaúcho da Ergologia: avanços e perspectivas que aconteceu em agosto de 2019 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), instituição de ensino pública situada no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil. O objetivo da atividade foi promover o diálogo entre trabalhadores de diferentes áreas de atuação e formação com estudiosos dos mais diversos campos do conhecimento que tivessem alguma aproximação com a abordagem ergológica no RS. Visava, ainda, construir uma rede de trabalhadores e pesquisadores gaúchos que utilizassem esse referencial.

A gênese do evento e do processo de organização situou-se nas discussões realizadas entre profissionais ligados à área da saúde, egressos da Faculdade de Educação da UFRGS, que buscaram apoio no Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Conhecimento do Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS que agrupa pesquisadores de centros acadêmicos do RS. A primeira reunião de planejamento da atividade aconteceu em abril de 2019, momento em que foi criado o Grupo Propulsor<sup>[1]</sup>. Através da articulação desse grupo foi constituída uma comissão organizadora multidisciplinar composta por profissionais da área da saúde, da

produção, da educação profissional e tecnológica e da pós-graduação em educação.

Inicialmente, foi elaborada uma lista de contatos que sabidamente possuíam os critérios de inclusão para participar do evento que era geográfico e ter, em algum momento da sua trajetória formativa ou profissional, utilizado o referencial da ergologia. A partir desta lista e com o auxílio do método de amostragem denominado “bola de neve”, uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência, enviamos um convite para o encontro via correio eletrônico, juntamente com um questionário para 42 pessoas com esse perfil. A devolutiva aconteceu no período de junho a julho de 2019 e houveram 33 respondentes, sendo que destes 20 compareceram ao encontro e houveram mais 4 participantes do evento que não responderam ao questionário e fizeram suas inscrições no local. O questionário continha 12 questões e versava sobre profissão, formação, local de atuação profissional ou de estudo, como se deu a aproximação e estímulo ao uso da ergologia, como utilizam a ergologia nas suas pesquisas e nos espaços onde atuam.

Com o intuito de fazer com que houvesse um vaivém entre conhecimento e experiência, o instrumento pretendia mobilizar os participantes e realizar um mapeamento prévio de temas de interesse para subsidiar os grupos temáticos, o que permitiu a organização de dois grupos durante o evento: 1 - Ergologia e situação de trabalho e 2 - Ergologia: metodologia, pesquisa e docência. Tendo como base a abordagem ergológica do trabalho, pretendíamos nos distanciar da ideia de que o trabalhador ao vir para um evento situado em um espaço dos saberes formais – a universidade – adotasse uma postura de alguém que vem para aprender com um sábio. Queríamos conhecer, em certa medida, o ponto de vista e a argumentação em relação as vivências no trabalho e o uso que vinham fazendo da ergologia em situação de trabalho. E, ainda, fazer um levantamento da produção ergológica em estudos, intervenções e experiências realizadas no RS.

## 2. O campo da ergologia no RS

Através do mapeamento foi possível identificar que entre as profissões houve um maior número de professores entre os respondentes, seguida de profissionais enfermeiros (Figura 1). No que tange à formação, 89,3% dos respondentes possuíam pós-graduação, com destaque para o título de doutor.

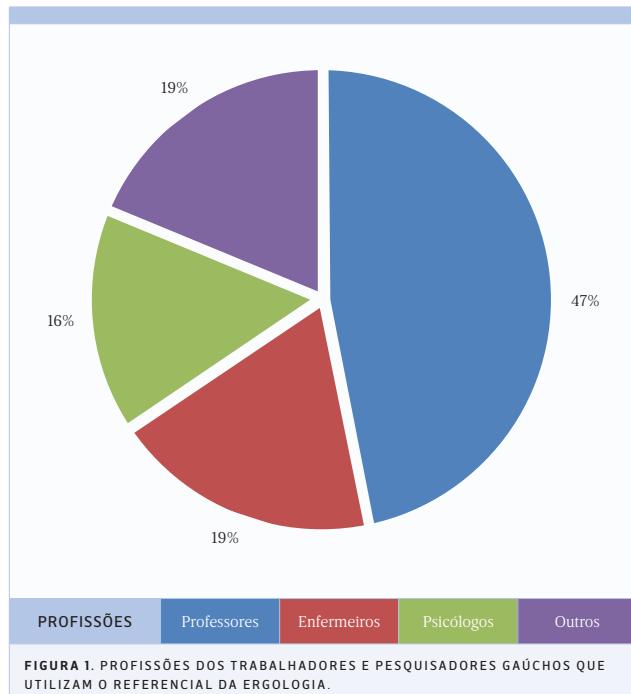


FIGURA 1. PROFESSÕES DOS TRABALHADORES E PESQUISADORES GAÚCHOS QUE UTILIZAM O REFERENCIAL DA ERGOLOGIA.

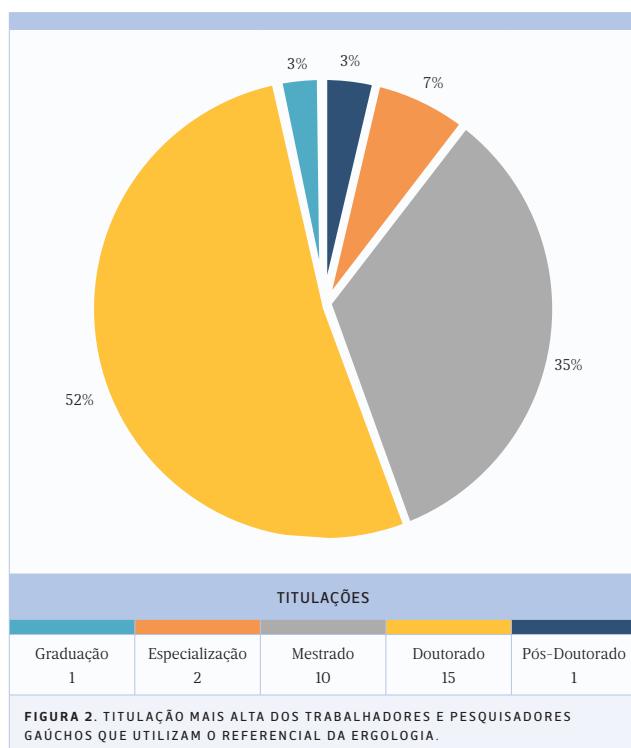


FIGURA 2. TITULAÇÃO MAIS ALTA DOS TRABALHADORES E PESQUISADORES GAÚCHOS QUE UTILIZAM O REFERENCIAL DA ERGOLOGIA.

Ao ser perguntado sobre como foi apresentado ou como foi que conheceu a abordagem ergológica do trabalho 67 % dos respondentes afirmaram que foi durante a realização de curso de pós-graduação, principalmente durante o doutorado. Relataram ainda que o contato se deu através do professor orientador e pelo fato deste estar vinculado ou utilizar esse referencial do que propriamente através da oferta e realização

de disciplinas com essa temática. Além disso, houve aproximação com a abordagem a partir da participação em grupos de pesquisa e na iniciação científica (13%) e com a participação em cursos e eventos científicos (10%). O contato através de disciplinas da graduação foi de 6%, sendo mencionados docentes que foram referência na temática como, por exemplo, a professora Dra. Marlene Teixeira que deixou suas marcas para os estudos do campo da ergologia no RS. Apenas 3% dos respondentes tiveram contato com o referencial em seu local de trabalho, através de projetos voltados para o seu campo de atuação.

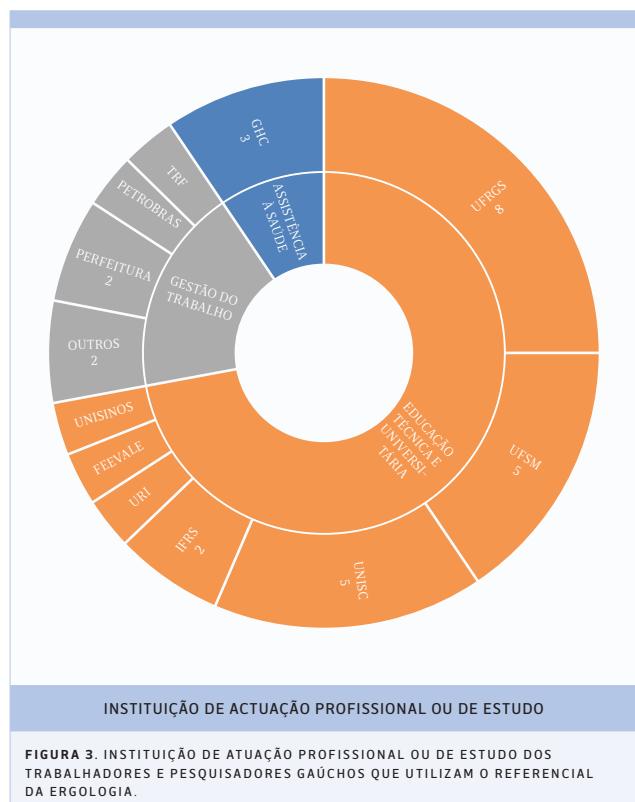
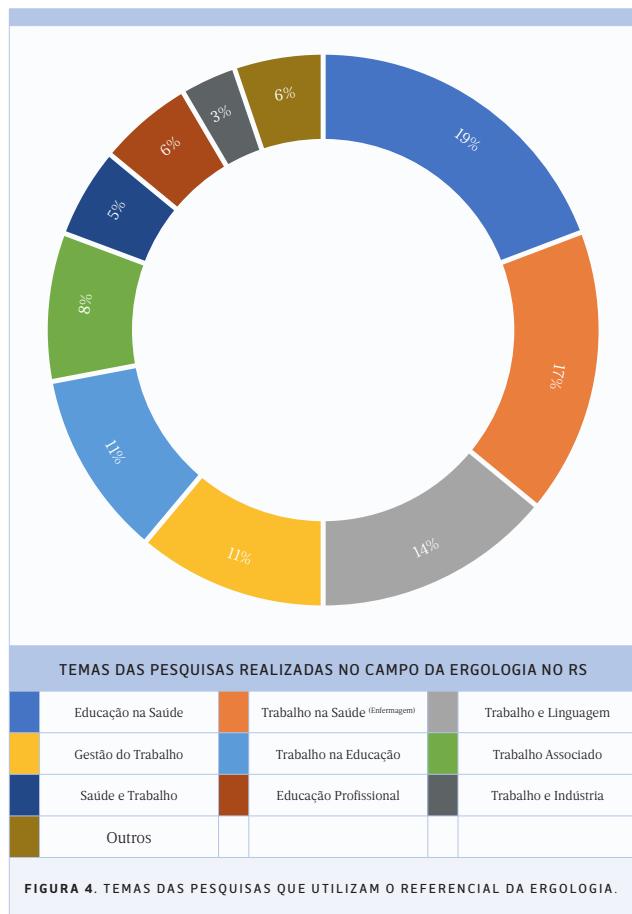


FIGURA 3. INSTITUIÇÃO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL OU DE ESTUDO DOS TRABALHADORES E PESQUISADORES GAÚCHOS QUE UTILIZAM O REFERENCIAL DA ERGOLOGIA.

Em relação à utilização do referencial da ergologia em situação de trabalho, ao ser perguntado se realiza ou realizou alguma ação com o referencial da ergologia 42% dos respondentes disseram não utilizar em situação de trabalho, destacando o uso de forma analítica e conceitual e durante a coleta de dados de pesquisas. Ressaltam também o uso nas produções científicas e em grupos de estudos.

Os respondentes que utilizam o referencial no seu local de trabalho (58%) o fazem, principalmente, no acompanhamento de trabalhadores em ações de gestão do trabalho, no acolhimento e avaliação ocupacional na saúde do trabalhador. Aparece também na atuação docente, com destaque para processos de orientação de

trabalhos acadêmicos, na atuação de tutores e docentes na modalidade Ensino à Distância, na supervisão de estágio curricular e como referencial para discutir processos de gestão nas organizações. Na área de produção e serviços o seu uso aparece na comunicação integrada para trabalhadores terceirizados, na discussão do ambiente e dos processos de trabalho. A utilização do referencial na área da saúde presta-se para compreender o real do trabalho e intervir em situações de trabalho consideradas complexas pelos trabalhadores. Na figura a seguir apresentamos os temas das pesquisas situadas no campo da ergologia.



Ao falarem sobre o que os estimula a usar o referencial da ergologia, enfatizam que é o entendimento deste campo teórico de que o trabalhador é o sujeito do trabalho e a abertura à subjetividade dos que labutam. O potencial de análise da complexidade do trabalho e a ideia da dimensão do trabalho como parte do desenvolvimento humano coloca a ergologia, na opinião dos respondentes como imprescindível para as reflexões teóricas e práticas no campo do trabalho e na construção de conhecimento com e para os trabalhadores. Permite ainda, analisar a produção e mobilização de

saberes e valores no cotidiano do trabalho, criando a possibilidade de enfrentar as dificuldades que encontramos diariamente no trabalho e reduzindo o sofrimento no trabalho.

### 3. Os grupos temáticos: reflexões sobre o potencial da Ergologia

O objetivo dos grupos foi de estimular reflexões gerais acerca do potencial da Ergologia e dos desafios enfrentados pelos presentes no encontro com o uso da abordagem ergológica. As principais questões discutidas foram:

- como incluir determinados segmentos de trabalhadores em pesquisas em um momento político de perda de direitos e de enfraquecimento dos sindicatos e da classe trabalhadora no Brasil. Ressaltaram que, ao mesmo tempo em que identificam o potencial da ergologia ao colocar o trabalhador como sujeito do trabalho e estimular o desejo de falar sobre o que faz, percebem que o real espaço de participação dos sujeitos trabalhadores na pesquisa passa, muitas vezes, pela escolha por parte da empresa de quem deve participar e de quem pode falar sobre esse trabalho;
- de que forma devemos fazer a devolutiva dos resultados das pesquisas com/para os trabalhadores em modelos de gestão não democráticos, em que a participação dos trabalhadores pode ser mal entendida pela gestão;
- como restabelecer e fortalecer a relação das instituições de ensino superior com os sujeitos coletivos. O grupo entende que a fragilidade do momento político atual no Brasil é um entrave para que se volte a envolver, por exemplo, os sindicatos. No entanto, colocam a formação de pesquisadores ergólogos como promissora. Além disso, com a criação de disciplinas nos programas de pós-graduação que contemplam a abordagem ergológica com o intuito de ampliar as contribuições da ergologia e o debate sobre as transformações do mundo do trabalho para além do grupo de pesquisa, das pesquisas e da devolutiva de resultados. No entendimento do grupo, isso ampliaria o protagonismo dos trabalhadores. Além disso, salientam que as pesquisas situadas nesse campo podem contribuir para entender o que é o trabalho hoje e como a ergologia tem se colocado nesse mundo do trabalho. Acompanhar as mudanças que vem acontecendo no mundo do trabalho tem se mostrado como um desafio ético-político para os ergólogos.

#### **4. Resultados e considerações finais**

Realizamos, a partir do evento, uma primeira sistematização da produção bibliográfica em ergologia do RS com o intuito de dar visibilidade a esta temática. Identificamos, a partir desse levantamento, uma potência de pesquisas envolvendo linguagem e trabalho docente. No entanto, nosso maior desafio é encontrar uma forma de manter a atualização constante destes dados.

Os debates locais, na percepção do grupo, além de ser profícuo para as trocas de experiências, pode servir como preparação para os congressos da SIE e constituição de uma rede ampliada da Ergologia no RS o que permitiria realizar formações fora do espaço acadêmico, deslocando-as para locais de trabalho em que atuam trabalhadores de áreas diversas. O evento por si só conseguiu aproximar pesquisadores e trabalhadores com vistas a propor intervenções locais tendo como base experiências com o referencial da ergologia. Em função da pandemia, muitas das ações programadas pelo grupo não aconteceram ainda. No entanto, a realização de um encontro na modalidade presencial prestou-se para discutir a inserção da Ergologia no RS e refletir acerca do potencial e dos desafios da Ergologia no mundo do trabalho.

---

#### **Notas**

[1] O Grupo Propulsor é composto pela enfermeira Dra. Maristela Vargas Losekann, a assistente social Dra. Cidriana Parenza, o psicólogo Dr. José Mário Neves e a professora Dra. Maria Clara Bueno Fischer.

# Trabalho e educação: discursos e valores sem dimensão.

# Trabajo y educación: discursos y valores sin dimensión.

# Travail et éducation: discours et valeurs sans dimension.



### **Silma Mendes**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP  
Rua Georgios K. Ardoniontis 36,  
Campinas, SP, CEP 13 106 282  
silma.rcm@uol.com.br

### **Resumo**

Esta comunicação tem por objetivo refletir, a partir de uma perspectiva ergológica-discursiva, sobre o processo de mercantilização da educação no Brasil, a qual vem sendo submetida a uma visão de negócios sobre cursos presenciais e a distância em instituições de ensino superior privadas e em sistemas de ensino voltados à educação básica. Colocamos em diálogo duas perspectivas teóricas inovadoras, a ergológica que se refere à atividade de trabalho como atividade singular e irrepetível (Schwartz, 1997) assim como a Análise do Discurso, na qual se desenvolve uma relação entre materialidade linguística e contexto sócio-histórico (Maingueneau, 2005; 2013). Em entrevista realizada com ex-funcionária de IES privada, é possível observar a relação conflituosa que se estabelece entre os valores sem dimensão na atividade de trabalho marcado por debate/uso de si nas escolhas que o trabalhador fez entre os saberes instituídos e a variabilidade do meio e os saberes investidos, procurando estabelecer um equilíbrio entre eles.

### **Palavras-chave**

educação, ergologia, análise do discurso, interdiscurso, debate de valores

### **Resumen**

Esta comunicación tiene como objetivo reflexionar, desde una perspectiva ergológica y discursiva, sobre el proceso de mercantilización de la educación en Brasil, que ha sido sometido a una visión empresarial de cursos presenciales y a distancia en instituciones privadas de educación superior y sistemas de enseñanza orientados a la educación básica. Ponemos en diálogo dos perspectivas teóricas innovadoras, la ergológica que hace referencia a la actividad laboral como actividad singular e irrepetible (Schwartz, 1997) así como el Análisis del Discurso en el que se desarrolla una relación entre la materialidad lingüística y el contexto sociohistórico (Maingueneau, 2005; 2015). En una entrevista con un empleado privado de IES, es posible observar la relación conflictiva que se establece en torno de valores en la actividad laboral marcada por el debate / uso de sí en las elecciones que el trabajador hizo entre el conocimiento instituido y la variabilidad del entorno y el conocimiento invertido, buscando establecer un equilibrio entre ellos.

### **Palabras clave**

educación, ergología, análisis del discurso, interdiscurso, debate de valores

## Résumé

Cette communication vise à réfléchir, d'un point de vue ergologique et discursif, sur le processus de marchandisation de l'éducation au Brésil, qui a été soumis à une vision d'entreprise de cours sur site et à distance dans des établissements d'enseignement supérieur privés et des systèmes d'enseignement axés sur les éducation. Nous mettons en dialogue deux perspectives théoriques innovantes, celle ergologique qui fait référence à l'activité de travail comme activité singulière et irremplaçable (Schwartz, 1997) ainsi que l'analyse du discours dans laquelle se développe une relation entre la matérialité linguistique et le contexte socio-historique (Maingueneau, 2005; 2015). Lors d'un entretien avec un ancien salarié de IES privé, il est possible d'observer la relation conflictuelle qui s'établit autour des valeurs dans l'activité de travail marquée par le débat / usage de soi dans les choix que le travailleur a fait entre les connaissances instituées et la variabilité de l'environnement et des connaissances investies, cherchant à établir un équilibre entre eux.

## Mots clés

éducation, ergologie, analyse du discours, interdiscours, débat de valeurs

## 1. Introdução

O tema desta comunicação diz respeito ao processo de mercantilização da educação que vem ocorrendo no Brasil, ao modo como esta vem se transformando em um alvo histórico de ataques privatistas, próprios da retórica neoliberal atualmente em curso e que tem como alicerces a eficiência, o desempenho e a rentabilidade, bases na qual cada indivíduo deve se ver como um empreendedor de si mesmo, um gestor de si próprio, portanto, um “capital” a partir do qual se produz uma matriz antropológica que vise a uma mudança global da sociedade (Laval, 2019).

Mais especificamente, nosso objetivo é problematizar, sob uma perspectiva ergológico-discursiva, tais mudanças nos cursos e sistemas de ensino oferecidos atualmente no Brasil, que são fruto de uma visão de negócios que incide sobre cursos presenciais e a distância em instituições de ensino superior privadas e em sistemas de ensino voltados à educação básica. Neles, sob um alegado estado de “urgência”, têm sido instituídas mudanças imediatas no âmbito educacional, que contam com apoio de diversas instâncias, como a política, a midiática e a empresarial, de modo que esta se torne cada vez mais articulada a uma lógica estritamente mercantil.

Para tanto, colocamos em diálogo duas perspectivas teóricas, a ergológica e a discursiva, duas abordagens inovadoras, tanto no que se refere à atividade de trabalho como atividade única, singular e irrepetível (Schwartz, 1997), como em relação à linguagem ser pensada como a atividade humana na qual se desenvolve uma relação entre materialidade linguística e contexto sócio-histórico (Maingueneau, 2005, 2013). Pensamos nesse lugar de produção e circulação de sentidos como o espaço em que determinadas práticas discursivas se manifestam sustentadas por comunidades discursivas (Maingueneau, 1997). Enfatizamos ainda o caráter interdisciplinar e a natureza filosófica dos aportes teóricos, a fim de direcioná-los a uma análise e discussão acerca da evidência do trabalho, propondo considerá-lo uma atividade sustentada por valores sem dimensão e integrada a saberes investidos nas atividades daqueles que são os atores do patrimônio e beneficiários de desenvolvimento.

Segundo a perspectiva discursiva, há sempre o primado do interdiscurso sobre o discurso, ou seja, a identidade de um discurso se constitui e se alimenta de outros discursos; falar é sempre falar com, contra ou por meio de outros discursos (Maingueneau, 2005). Esse primado pode ser considerado em um sentido mais amplo; neste caso, afirma-se o discurso como atravessado pela interdiscursividade que tem por propriedade constitutiva o fato de estar em relação multiforme com outros discursos; também pode ser referido ao conjunto de unidades discursivas (concernentes a discursos anteriores do mesmo gênero, a discursos contemporâneos de outros gêneros, etc.) com as quais um discurso particular entra em relação explícita ou implícita, resultando daí que elementos do outro (discurso) estejam presentes nos discursos produzidos, sob variadas formas sintático-semânticas (nominalizações, negações, topicalizações, etc.) que se resumem, praticamente, em termos discursivos, ao pré-construído.

Assim, ao definir interdiscurso como um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos, Maingueneau passa a considerá-lo como a unidade de análise pertinente, priorizando a ideia de que um discurso está sempre em relação com outros e de que esse espaço de regularidade pertinente, do qual diversos discursos seriam apenas componentes, estruturaria a sua identidade discursiva.

Um aspecto muito importante nessa concepção é a de que a relação interdiscursiva supõe que os discursos já estariam entrinhados na gênese, já nasceriam imbricados numa relação dialógica. A ideia é pensar a presença do interdiscurso no próprio coração do intradiscurso,

considerando o Outro não mais como uma espécie de “envelope” do discurso, nem como um conjunto de citações, mas como um Outro que se encontra na raiz de um mesmo, sempre já descentrado, sob a figura de uma plenitude autônoma. O Outro é o que faz sistematicamente falta a um discurso, é aquela parte do sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para construir sua identidade (Mainguénau, 2005).

Segundo a perspectiva ergológica, valores dimensionados são aqueles que correspondem a medidas, a quantidades, usualmente representadas pelo mercado nas avaliações, nos critérios e indicadores quantitativos postuladas como efetivos. Em contrapartida, valores não dimensionados são aqueles referentes ao político, ao “bem comum” (saúde e educação são dois deles) em um “mundo de valores”, em que não há nem limitação interna clara entre eles, nem hierarquização possível (Schwartz, 2010).

A Ergologia considera que, para se compreender e agir na história, é preciso um retrabalho de valores, com os quais o sujeito é confrontado permanentemente. Tais renormalizações são oriundas das diversas exigências e, por vezes, das normas antecedentes que podem entrar em debate de valores pessoais e sociais por parte do trabalhador. Desse modo, consideramos que as repercuções desse debate de valores podem vir a se materializar nos seus discursos, visto que, pela perspectiva discursiva, a língua não é transparente, mas polissêmica e opaca, sendo sua natureza enigmática e fluida. Mesmo assim, é possível capturar na superfície dos textos as marcas linguísticas dos processos de retrabalho, quando alguns dos valores desses sujeitos entram em conflito.

Em outros termos, o trabalho está sempre mobilizando aspectos subjetivos do trabalhador, o que resulta em que os indivíduos e/ou coletivos estão sempre arbitrando se devem respeitar ou transgredir e modificar as normas antecedentes. Para realizar essas escolhas, os trabalhadores dialogam explícita ou implicitamente com um universo de valores já estabelecidos (Schwartz, 2010), como pode ser observado a seguir.

## **2. Valores sem dimensão na atividade de trabalho: um exemplo**

Por meio de entrevista realizada com ex-funcionária de uma instituição de ensino superior privada, é possível observar a relação conflituosa que se estabelece em torno dos valores sem dimensão na atividade de trabalho. As questões que direcionaram a entrevista fundamentalmente se produziram em quatro blocos, mas para esta comunicação, apontamos um excerto re-

ferente ao 3º, no qual a entrevistada fala das coerções/dificuldades enfrentadas na sua atividade de trabalho.

*“Eu tenho uma filha e eu procuro a melhor escola que eu puder, aliás, até em termos daquilo que a gente estava falando de tecnologia, eu escolhi para a minha filha uma escola mais voltada para o tradicional do que para o moderno, então eu tenho os meus valores em termos de educação como mãe, como cidadã e eu via aquilo e era totalmente desconfortável para mim. Não estou falando da primeira fase da Anhanguera porque era outra coisa. A Kroton teve essa visão assim... eu vou dizer que eu também não tinha um pouco de ranço, porque ela é uma instituição que ela é avassaladora. Ela chega, ela vai comprando tudo, ela vai passando por cima de tudo...”*

O sujeito articulador desta cena de enunciação não pode ser restrito a um sujeito social ou a formas linguísticas (“eu”, “ela”), mas a alguns vestígios de sua subjetividade. Observa-se que a linguagem materializa uma construção ideológica, um sistema de aliança construído discursivamente por um maior ou menor grau de aderência ao plano instituído e que se estabelece em torno de uma relação de antagonismo entre um “eu” e “ela”, marcado pelo uso do item lexical *“avassaladora”*, seguido de enunciados que se desdobram em graus de intensidade cada vez mais intensos, como se pode ver na sequência *“comprando tudo, passando por cima de tudo”*.

Consideramos também que, por se inscreverem em situação de polêmica, os enunciados destacados podem ser pensados como um dispositivo de acesso a discursos em embate, os quais permitem entrever um funcionamento discursivo que torna possível apenas uma construção de mundos, além de aprofundar a dimensão ergológica da atividade de trabalho, marcada pelo debate de normas e valores, como vemos no enunciado a seguir.

*“Às vezes, você fala assim ‘não gostaria de fazer, não acho muito correto, mas eu tenho outras... eu preciso pagar as minhas contas, eu preciso sustentar a minha filha...’ (...) eu até estava ficando bem, mas eu ainda estava... por último eu cheguei a sair e já fui para o psiquiatra porque eu já tive um histórico de depressão lá atrás, mas teoricamente eu estava de alta, né? Já há alguns anos e aí agora o médico pediu para eu voltar a tomar remédio, tanto que agora eu vou lá no psiquiatra ... Então é assim, além desta questão de valores que eu*

*já tinha comentado, que é bem agressivo, mas isso, na verdade, é meio... a questão de valores no mercado de trabalho é uma questão que até as vezes eu até falava... é meio... o capitalismo em si é meio subjetivo, isso porque, às vezes, a gente tem que ir mesmo, às vezes, a gente se sente se prostituindo, vamos dizer assim (...)"*

Vemos no discurso produzido pelo trabalhador o *debate de valores/uso de si* que incide sobre as escolhas que o trabalhador realiza entre os saberes instituídos e a variabilidade do meio, os saberes investidos, procurando estabelecer uma relação de equilíbrio entre eles. Para tanto, faz renormalizações, reavaliações das normas e dos valores que estão embutidos nas gestões da atividade, operando microescolhas, visto que é convocado a possibilitar uma solução de conflitos e de impasses produzidos nas situações de trabalho. A sinergia entre o debate de valores, os saberes acadêmicos e os saberes da experiência, para os quais aponta o enfoque ergológico, concorre para a tese de que o trabalho se complexifica cada vez mais na contemporaneidade, o que torna imprescindível entender seus significados e consequências. Uma dessas consequências é afirmar-se como um empreendimento capaz de construir a aparência de uma sociedade descentrada em relação à categoria trabalho, de tal modo que não fique explicitada a desconstrução efetivada nas formas de materialidade e subjetividade dos trabalhadores. Os valores sem dimensão, nesse sentido, são convocados a se fazerem presentes nas atividades e experiências de cada um, o que pode provocar frustrações, crises, doenças, falta de reconhecimento. Quanto ao processo educativo realizado nesses moldes, este passa a ser considerado prioritário nesse modelo, na medida em que envolve a construção de habilidades, atitudes e valores também novos para a gestão de qualidade, produtividade e competitividade e, consequentemente, para a *empregabilidade*. No entanto, um olhar mais atento sobre essa conjuntura revela um raciocínio perverso: ao oferecer este tipo de educação está-se formando, de fato, cidadãos que apenas cumpram metas de produtividade e competitividade, podendo-se excluir do mercado aqueles não capazes de comprovarem as competências necessárias para exercer determinados postos de trabalho (Forrester, 1997).

Concorre ainda para essa situação o fato de a noção de competência, em substituição à de qualificação, ter passado a ser compreendida como o ajuste das pessoas às tarefas ou aos objetivos e às formas de avaliação dessas competências, e não o contrário, sem considerar que essa busca de procedimentos ou grades descontex-

tualizadas, codificáveis e homogêneas é incompatível com a pluralidade de registros ou elementos que toda atividade de trabalho tenta articular (Schwartz, 2010).

### 3. Considerações finais

Pela perspectiva discursivo-ergológica, deve-se levar em conta o grau de apropriação de saberes conceitualizáveis, o grau de apreensão das dimensões propriamente históricas da situação e o debate de valores a que se vê convocado todo indivíduo em um meio de trabalho particular. Correlativamente, no entanto, a construção discursiva de um “novo” sentido do educativo vem “apagando” ou “silenciando” a ideia de educação como direito social e conquista democrática em um “mundo desencantado” que legitima o mascaramento do real e estimula a produção de “subjetividades flexíveis” que desconsideram os debates de valores que possam condicionar a escolha entre os posicionamentos.

### Referências Bibliográficas

- Forrester, G. (1997). *O horror econômico*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Laval, C. A. (2019). *A Escola não é uma empresa: O neoliberalismo em ataque ao ensino público*. São Paulo: Boitempo.
- Maingueneau, D. (1997). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes / Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Maingueneau, D. (2005). *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar.
- Maingueneau, D. (2013). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF.

# O acidente com a plataforma de petróleo Deepwater Horizon, para além das causas imediatas.

# El accidente con la plataforma petrolera Deepwater Horizon, además de las causas inmediatas.

# L'accident avec la plateforme pétrolière Deepwater Horizon, au-delà des causes immédiates.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie



### Marcelo Gonçalves Figueiredo

Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Rua Passo da Pátria, 156 – *Campus Praia Vermelha* – Bloco D – Sala 306 – São Domingos, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil – CEP: 24210-240  
marceloparada@uol.com.br

### Denise Alvarez

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Rua Passo da Pátria, 156 – *Campus Praia Vermelha* – Bloco D – Sala 309 – São Domingos, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil – CEP: 24210-240  
alvarezdenise@id.uff.br

### Ricardo Nunes Adams

Departamento de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Rua Passo da Pátria, 156 – *Campus Praia Vermelha* – Bloco D – Sala 309 – São Domingos, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil – CEP: 24210-240  
ricdadams@yahoo.com.br

### Maria Laura Coutinho de Lacerda

TechnipFMC  
Rua Dom Marcos Barbosa, 2, 2º andar, Cidade Nova, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil – CEP: 20211-178  
laura\_lacerda@id.uff.br

### Resumo

O acidente com a plataforma Deepwater Horizon foi um dos desastres internacionais de maior expressão na indústria do petróleo. Nossa objetivo, cerca de 10 anos após, foi verificar o papel exercido pela dimensão humana (com foco na equipe de perfuração) e pelos fatores organizacionais, que podem aprofundar o grau de risco da atividade em plataformas *offshore* e remeter a análise para além das causas imediatas. Os métodos de investigação tomaram por base o conteúdo de artigos e livros sobre o caso, a pesquisa documental e as interlocuções com profissionais experientes na atividade de perfuração petrolífera. O debate mostra-se pertinente ao contexto brasileiro considerando o crescimento expressivo da exploração e produção na “camada pré-sal” da costa brasileira. Com efeito, esse acidente, ocorrido em uma região na qual as intervenções realizam-se em profundidades similares àquelas presentes no “pré-sal”, serve como mais um alerta acerca dos graves riscos implicados em tal atividade.

### Palavras-chave

acidentes industriais ampliados, coletivos de trabalho, riscos de acidentes, fatores organizacionais, indústria petrolífera

### Resumen

El accidente con la plataforma Deepwater Horizon ha sido uno de los desastres internacionales más importantes de la industria petrolera. Nuestro objetivo, cerca de 10 años después, es verificar el papel jugado por la dimensión humana (con foco en el equipo de perforación) y los factores organizacionales, que pueden profundizar el nivel de riesgo de trabajo en plataformas *offshore* y conducir el análisis más allá de las causas inmediatas. Los métodos de investigación se basaron en el contenido de artículos, libros, investigación documental y conversaciones con profesionales experimentados en la actividad de perforación. El debate es relevante para el contexto brasileño considerando el expresivo crecimiento de la exploración y producción en la “capa presal” de la costa brasileña. Este accidente, ocurrido en una región donde las intervenciones se realizan a profundidades similares a las presentes en el “presal”, sirve como una advertencia sobre los graves riesgos asociados a dicha actividad.

### Palabras clave

accidentes industriales mayores, colectivos de trabajo, factores organizacionales, riesgos de accidentes, industria petrolera

## Résumé

L'accident de la plateforme Deepwater Horizon a été l'une des catastrophes internationales les plus importantes de l'industrie pétrolière. Notre objectif, 10 ans plus tard, est de vérifier le rôle joué par la dimension humaine (en se concentrant sur l'équipe de forage) et par les facteurs organisationnels, qui peuvent approfondir le niveau de risque de l'activité sur les plateformes *offshore* et conduire l'analyse au-delà des causes immédiates. Les méthodes de recherche englobent le contenu d'articles, d'ouvrages, de recherches documentaires et d'échanges avec des professionnels expérimentés dans l'activité de forage pétrolier. Le débat est pertinent dans le contexte brésilien compte tenu de la croissance expressive de l'exploration et de la production dans la «couche pré-sel» de la côte brésilienne. En effet, cet accident, survenu dans une région où les interventions sont menées à des profondeurs similaires à celles présentes dans le «pré-sel», sert d'alerte sur les graves risques liés à cette activité.

## Mots-clés

accidents industriels majeurs, collectifs de travail, risques d'accidents, facteurs organisationnels, industrie pétrolière

## 1. Introdução

O acidente com a plataforma Deepwater Horizon (DWH) ocorreu em 20 de abril de 2010, no poço Macondo, de responsabilidade da empresa multinacional BP. Trata-se do desastre de maior repercussão deste século no setor de óleo e gás, com efeitos catastróficos: 11 trabalhadores mortos, 17 feridos, alguns gravemente, perda total da plataforma e maior desastre ambiental na região do Golfo do México (EUA). Foram despejados cerca de 5 milhões de barris nas águas do golfo ao longo de 87 dias.

O objetivo do esforço ora empreendido, dez anos depois, é retomar o exercício de análise do desastre a partir de um enfoque que, com base no referencial teórico-metodológico que pauta nossa reflexão, possa configurar mais uma contribuição em relação àquelas realizadas até então. Para isto, deparamo-nos com a necessidade de focar luz sobre a dimensão coletiva do trabalho – privilegiando a comunicação – e os fatores organizacionais envolvidos como elementos potencializadores do risco em plataformas *offshore*.

Tal recorte amplia a análise para além das causas imediatas – mais próximas, no tempo e no espaço, do evento final –, sobretudo erros humanos e falhas técnicas. Nesse sentido, a companhia BP, dada a lógica segundo a qual operava naquela conjuntura e nos anos

que precederam o desastre – com destaque para suas formas de gestão –, pode ser considerada um “caso paradigmático” (Le Coze, 2016). E o desastre da Deepwater talvez tenha estabelecido “um novo marco para toda a indústria do petróleo”, como afirmou o próprio CEO da BP cerca de um ano depois.

O fato de o evento ter ocorrido em águas ultraprofundas, em uma configuração que faz lembrar a do pré-sal brasileiro, contribuiu para o eco do sinistro no Brasil. O Golfo do México compõe um dos vértices do chamado “Triângulo de Ouro”, juntamente com a camada pré-sal e parte da costa ocidental do continente africano.

O vazamento de óleo na costa brasileira, em agosto de 2019, também funcionou como alerta para a gravidade dos danos que grandes eventos desta natureza podem ocasionar.

## 2. Referencial teórico-metodológico

Este artigo é uma das produções associadas a um Projeto de pesquisa iniciado em 2002 e coordenado por dois de seus autores, versando sobre a tríade trabalho, saúde e segurança na indústria petrolífera *offshore*. O referencial teórico-metodológico norteador tem privilegiado os materiais da ergonomia da atividade (Teiger & Lacomblez, 2013) e da psicodinâmica do trabalho (Dejours, 2012). Deve-se ressaltar ainda nossa busca por uma dinâmica de condução sinérgica da relação entre os saberes das ciências e aqueles ligados à experiência prática, pertinentes à análise de situações de trabalho, em convergência com as proposições da perspectiva ergológica (Schwartz & Durrive, 2010, 2015). No texto presente, a tônica incide sobre a ergonomia da atividade, recorrendo-se, quando necessário, a contributos originários de outros referenciais.

No decorrer do Projeto, grandes acidentes da indústria do petróleo sempre foram objeto de atenção, e nosso interesse manifestado pelo caso DWH, dez anos depois, ratifica como este ainda desperta possibilidades de aprendizagem.

Quanto aos métodos de investigação, utilizamos como referência o conteúdo disponível em artigos científicos e livros (Perrow, 2011; Hopkins, 2012; Llory & Montmayeul, 2014; Le Coze, 2016). Tomamos por base ainda a pesquisa documental, com destaque para dois relatórios: primeiramente, aquele que resulta das investigações conduzidas pela Comissão Nacional do governo estadunidense (Graham, 2011); e, em menor medida, o material elaborado pela equipe de investigação de incidentes da BP. Perscrutamos também matérias veiculadas na grande mídia, reunidas em formato de dossier ao longo dos últimos anos.

Na tentativa de superar as dificuldades para a compreensão do funcionamento de um sistema complexo como o da DWH e da lógica organizacional que o rege, foi de suma importância a interlocução mantida, em ocasiões distintas, no ano de 2020, com nove trabalhadores do ramo de perfuração, especialmente dois deles. Ambos possuem larga vivência nesta atividade, inclusive no exterior. Tais contribuições possibilitaram apreender um pouco da chamada organização do trabalho em sua dimensão real, fator decisivo para o desenvolvimento de nossa análise.

## **2.1. Sistemas complexos, alto risco e os fatores organizacionais**

As características das instalações, do dispositivo técnico e do funcionamento de determinadas plantas e unidades industriais de processo contínuo, ligadas aos setores nuclear, químico/petroquímico, petrolífero, etc., permitem-nos encará-las como exemplos clássicos dos chamados “sistemas complexos” de alto risco, capazes de desencadear acidentes ampliados ou de grande magnitude (Llory & Montmayeul, 2014).

Buscando demarcar que a confiabilidade de tais sistemas é consequência da interação não linear dos domínios técnico e humano, cunhou-se a expressão “sistemas sociotécnicos complexos” (Leplat, 2015). Sua configuração é marcada por inúmeras conexões, em que os componentes estão estreitamente acoplados/interligados, podendo acarretar dinâmicas não habituais e indesejáveis em casos de falhas, bem como expondo o sistema a risco de acidentes graves (Perrow, 2011). As plataformas de petróleo podem ser vistas como bastante ilustrativas deste tipo de sistema, e o acidente da Deepwater, um caso emblemático de acidente ampliado.

Cabe, então, sinalizar alguns indicadores dessa complexidade na perspectiva de um dos nossos referenciais precípuos, a ergonomia da atividade:

- a multiplicidade das variáveis em jogo
- a simultaneidade dos eventos
- a imprevisibilidade e incerteza das informações
- a sensibilidade do sistema às intervenções dos operadores;
- a opacidade do sistema

Tais aspectos remetem-nos ao debate acerca da dificuldade de os operadores construírem uma representação mais clara da situação no curso do trabalho real. Por outro lado, ganham importância a coordenação das tarefas e, em particular, os meios de que dispõem os coletivos para realizar esta coordenação, no que concerne

ao papel dos suportes da informação e aos fatores técnicos e organizacionais. Em relação aos últimos, merecem destaque as situações onde se verifica o contato (em um mesmo local) de trabalhadores pertencentes a equipes/empresas distintas para a execução de tarefas diversas, algo cada vez mais frequente com o aumento das terceirizações. Realça-se, assim, a importância da gestão de interfaces e das “entidades coletivas relativamente pertinentes” (ECRP) (Schwartz & Durrive, 2015), que se constituem sob formato variável, com reflexos sobre a confiabilidade.

Outra situação crítica para o trabalho coletivo refere-se à troca de turnos (intrínseca ao *offshore*). Os riscos desta situação envolvem: má interpretação e insuficiência das informações passadas pela equipe precedente; atenção focada sobre o estado atual do sistema; e não comunicação dos dados sobre a evolução do sistema. Acrecentam-se novos contornos quando incorporamos à análise a dimensão psíquica, posto que os riscos potencialmente nocivos, irredutíveis e inerentes à tarefa, além do corpo, também incidem sobre o funcionamento psíquico. O medo de acidente ou doença – mais recentemente, o novo coronavírus –, o receio de não se mostrar à altura das tarefas ou responsabilidades, assim como as dificuldades ligadas a certos aspectos da organização do trabalho, suscitam conflitos intrapsíquicos, que demandam a construção e implementação de estratégias de defesa para conter o sofrimento (Dejours, 2012).

Numa situação com as características do acidente da DWH, todo acontecimento (incidente ou acidente) é iniciado por causas diretas, imediatas, sejam de caráter técnico e/ou humano (“erro humano”), mas sua ocorrência e/ou seu desenvolvimento é impelido por causas subjacentes (fatores) de cunho organizacional – inclusive no tocante à adoção de formas de gestão que acentuam a tendência à precarização e à intensificação do trabalho.

## **3. Resultados e Discussão**

### **3.1. Breve descrição do acidente**

A Deepwater Horizon era uma unidade ou sonda de perfuração do tipo semissubmersível, de propriedade da empresa Transocean, multinacional estadunidense e líder mundial no ramo de perfuração *offshore*. Plataforma de quinta geração, era tida como a maior e uma das mais modernas sondas de perfuração do mundo. Foi projetada para atuar em águas profundas (superiores a 500 m) e ultraprofundas (além de 1.000 m). Encontrava-se a serviço da BP, a operadora do campo no qual estava o poço Macondo, sendo arrendada por US\$ 560 mi. A BP, na ocasião, era a segunda maior empresa privada de petróleo do planeta e estava entre as cinco

maiores corporações do mundo.

A explosão ocorreu na noite de 20/04/2010 e o naufrágio, na manhã de 22/04/2010. Na noite de início do evento, havia 126 trabalhadores a bordo. O poço Macondo situava-se a 1.500 m de lâmina d’água e 4.000 m no interior do leito marinho, que já tinham sido perfurados (5.500 m entre a superfície da água e a extremidade inferior do poço). A DWH estava prestes a realizar o chamado abandono temporário, manobra na qual, após o poço ser lacrado, a plataforma de perfuração realiza o desengate, desconectando-se do poço (“abandona” sua locação). Posteriormente, outra plataforma dará prosseguimento ao processo, conectando-se ao poço para colocá-lo em produção. Antes do abandono, porém, é necessário vedar sua extremidade inferior (cimentação da base) para evitar que hidrocarbonetos (óleo e gás) migrem para o seu interior antes da fase produtiva.

No caso da DWH, esta cimentação acontecera no dia anterior ao acidente. Empregou-se uma mistura preparada pela Halliburton, também uma grande multinacional do setor. E sua maior concorrente, a Schlumberger, realizaria uma avaliação da qualidade do cimento empregado, mas foi dispensada antes de fazê-lo.

Em seguida, realizaram-se testes de pressão para avaliar a integridade do poço e se o cimento injetado impediria, de fato, a entrada de hidrocarbonetos. O primeiro teste de pressão (teste de pressão positiva) transcorreu de maneira normal, mas, no segundo teste (teste de pressão negativa), os valores obtidos foram bem acima do esperado, indicando que um vazamento poderia estar em curso. Um novo teste de pressão negativa foi executado e o resultado indesejável se manteve. Frente a este cenário, contudo, em que os dados sinalizavam a possibilidade de o poço estar “vazando”, os responsáveis pela operação interpretaram tais valores distin-tamente, optando-se pela continuidade da intervenção. Poucas horas depois, ocorreu uma violenta “erupção” de fluidos do reservatório para dentro do poço, configurando o que tecnicamente é denominado “blowout”. Também se diz que “o poço está explodindo”. Os sistemas de incêndio e gás não preveniram a ignição dos hidrocarbonetos, e falharam igualmente as tentativas de selar (fechar) o poço por intermédio do dispositivo denominado BOP (“blowout preventer”). Os incêndios e explosões que se seguiram culminaram com o naufrágio da unidade.

### **3.2. O teste de integridade do poço e a opacidade do sistema**

Se hidrocarbonetos escoaram do reservatório para o poço, o cimento não o vedou adequadamente. E o que dizer da interpretação equivocada dos testes de pressão

conduzidos pela equipe da noite na cabine de perfuração? Na avaliação do encarregado do turno anterior (do dia), havia “algo errado com o poço”, em função dos 1.260 psi de pressão aferidos (Graham, 2011). Entretanto, seu turno se encerrava e, não obstante sustentasse tal ponto de vista na passagem para o encarregado da noite, este não concordou de imediato. Aquela era sua última jornada na Deepwater, pois fora promovido e desembarcaria na manhã seguinte.

Vale registrar que, na investigação de diversos acidentes de grande repercussão, a troca de turnos foi um dado relevante. Aqui, com o decorrer do turno da noite, seu responsável constituiu uma representação diferente daquela construída pelo encarregado do dia. A propósito, este fenômeno também alude à opacidade enquanto uma das características estruturais dos sistemas de alta complexidade (Leplat, 2015), na medida em que estes não dão informações suficientemente claras para o operador intervir em determinadas situações. Com efeito, na perfuração de poços, há o suporte oriundo do emprego de dispositivos e sensores sofisticados, que captam parâmetros no interior do poço e transmitem-nos à plataforma. Os operadores, entretanto, não são capazes de visualizar efetivamente o que se passa no fundo. Segundo alguns profissionais, “trabalha-se às cegas”!

Assim, quando a continuação do primeiro teste de pressão negativa registrou um valor de 1.400 psi, decidiu-se por um segundo teste, realizado com uma linha auxiliar (*a kill line*), que ligava a sonda diretamente ao poço por uma rota alternativa, devendo indicar os mesmos 1.400 psi, caso houvesse vazamento no poço. A pressão medida nesta linha foi nula, mas não na coluna de perfuração, que continuou a apresentar um valor elevado. Para o encarregado do turno da noite, isto se devia a um fenômeno conhecido na atividade de perfuração como “efeito bexiga”, associado ao peso do fluido na coluna do poço. Tal interpretação terminou sendo aceita pelos demais presentes no local, incluindo o fiscal da BP, malgrado as dificuldades do compartilhamento (complexo) deste tipo de representação (Leplat, 2015).

A *posteriori*, não há dúvida quanto ao equívoco de interpretação, mas nosso referencial teórico obriga-nos a perguntar: o que poderia induzir a interpretar o cenário em questão, naquele contexto, como a manifestação de um “efeito bexiga”? Como profissionais experientes e competentes compartilharam uma representação “claramente” equivocada? O encarregado da noite era um profissional tarimbado, tinha o respeito dos colegas e trabalhava na unidade desde sua saída do estaleiro, em 2001.

### **3.3. As variabilidades, as lacunas na comunicação e os fatores organizacionais: miríade nebulosa ou perigosa?**

Apesar dos avanços tecnológicos, não há como saber ao certo o que realmente está sob o solo, até que os poços sejam perfurados. O desenrolar da perfuração deve assumir esse grau de incerteza e imprevisibilidade como mais um dado estrutural do processo, cujas variabilidades se apresentarão em maior ou menor intensidade e frequência dependendo das características da situação, podendo acarretar atrasos substanciais no cronograma. Algo que, em alguma medida, deve ser mantido nas chamadas “sondas do futuro”, com uso de tecnologia calcada na inteligência artificial. De um ponto de vista ergológico, se “trabalhar é gerir”, pode-se afirmar que, em larga medida, também é “gerir as variabilidades” (Schwartz & Durrive, 2010).

No dia do acidente, o atraso na programação de Macondo já perfazia 43 dias. Levando em conta que o custo diário de uma sonda como a DWH pode atingir a cifra de U\$S 1 mi, é possível ter ideia da pressão que pairava sobre as pessoas envolvidas em decisões que pudessem protelar o desengate temporário. Circunstâncias que soam como verdadeiras “dramáticas dos usos de si” (Schwartz & Durrive, 2010; 2015). De acordo com o depoimento de um petroleiro com larga experiência no ramo, em situações como esta, de muita pressão, com os diversos problemas enfrentados e os milhões de dólares já investidos, é esperado que “*todos estejam ‘loucos’ para sair do poço*”. Recebeu, por isso, a alcunha de “poço do inferno”.

Além disso, quando focamos outros aspectos que cercavam os envolvidos na cabine de perfuração, percebemos que dois deles são cruciais para entender melhor alguns dos fatores que teriam contribuído para o encaixamento dado pelos operadores.

Primeiramente, ressalte-se que a informação que chegara até eles é que a cimentação lograra êxito. Por sua vez, isto serviu de reforço para a decisão da BP de dispensar a Schlumberger da plataforma e não avaliar a qualidade do cimento, o que, provavelmente, revelaria a falha na cimentação. Na hipótese de alguma intercorrência inesperada, a equipe responsável entendia que o teste de integridade (testes de pressão descritos no item 3.2) identificaria o problema.

Vê-se que a etapa relativa a este teste terminou por adquirir maior peso ao longo do processo, porém essa atribuição de maior relevância que a esperada nunca foi comunicada àqueles que a conduziram (Hopkins, 2012). Logo, de acordo com o cenário que se delineava como o mais factível (êxito da cimentação), mostrava-

-se plausível buscar outra explicação para a discrepância já apontada em seus valores (1400 psi) que não o vazamento. Segundo um de nossos interlocutores, se informações sobre a cimentação chegaram distorcidas ou incompletas, isto certamente poderia afetar as decisões tomadas pelos operadores.

Em adição, quando os mesmos funcionários da Transocean e da BP cogitaram a possibilidade de haver algum problema na cimentação, apostou-se na atuação do BOP (projeto da empresa Cameron) como uma espécie de última barreira protetora. Contudo, Hopkins (2012) frisa que, se ele é acionado após uma ocorrência grave, as chances de não atuar de modo eficaz são consideráveis (exatamente nas situações em que é mais necessário). Em verdade, para que um “blowout” como o ocorrido em Macondo fosse percebido a tempo, um requisito fundamental seria o engajamento efetivo na atividade de monitoramento. Predominou, todavia, a representação de que o poço era seguro.

### **3.4. Até que momento recuar nas análises de grandes acidentes?**

Há uma interrogação recorrente em acidentes desta natureza: recuar a análise até que momento? Algumas semanas/meses antes do acidente ou até 1998, quando ganha impulso na BP um programa de reestruturação organizacional bastante agressivo?

Esse programa foi construído com base em um novo modelo de organização, focado nas unidades de negócio. Nesse tipo de arranjo, o controle associa-se predominantemente ao cumprimento de metas e resultados, oferecendo a essas subáreas maiores liberdade quanto ao gerenciamento de projetos e à diluição de responsabilidades. O coração do negócio da BP passou, desde então, da engenharia à gestão comercial e financeira de tais unidades, onde a terceirização e a redução de custos foram largamente estimuladas (Le Coze, 2016).

Não obstante suas consequências no que se refere à precarização e à intensificação do trabalho, tal estratégia tinha dificuldades para ser questionada, pois ajudara a alçar a BP à condição de líder produtora de petróleo no território dos EUA e segunda maior companhia privada do setor no mundo. Sua trajetória, no entanto, foi objeto de sérios questionamentos quando, em meados dos anos 2000, sofreu uma sequência inédita de acidentes: a explosão na refinaria Texas City, 2005; o adernamento da plataforma Thunder Horse, no mesmo ano, no Golfo do México; e o vazamento do oleoduto na Baía de Prudhoe, no Alaska, em 2006. Em particular, o acidente na refinaria Texas City deixou um rastro de destruição: 15 mortos, 180 feridos, prejuízos da ordem

de US\$ 1,5 bi, construções danificadas em até 1.200 m ao redor da refinaria e 43.000 pessoas retidas em casa (Le Coze, 2016; Llory & Montmayeul, 2014).

Após este acidente, o relatório da U.S. Chemical Safety Board (a agência federal independente) constatou que o desastre da refinaria havia sido provocado por deficiências organizacionais e de segurança da própria BP, numa combinação entre corte de custos (25%, em 1999, e outros 25%, em 2005), pressões sobre a produção e falta de investimentos. Criticou-se também o *downsizing* da equipe operacional e o treinamento a ela ministrado.

É importante divisar que o funcionamento de um sistema sociotécnico, dotado de elevada complexidade e submetido ao arranjo organizacional mencionado anteriormente, pressupõe múltiplas interações entre diferentes equipes, instâncias e empresas, em que a cooperação e a comunicação ocupam papel central. Por outro lado, uma das dificuldades de lidar com esta configuração é a gestão dessas diversas interfaces e suas ECRP (Schwartz & Durrive, 2015) que, não raro sob forte pressão, atravessam todos os níveis hierárquicos. No caso analisado, havia o seguinte arranjo (Le Coze, 2016):

- Operadora do campo (BP)
- Sonda (Transocean)
- Cimentação (Halliburton)
- Qualidade do cimento (Schlumberger)
- BOP (Cameron)
- Outros serviços/empresas

Em situações como essa, a dimensão coletiva apresenta-se como um elemento crucial. Embora de empresas distintas, os trabalhadores não podem atuar de forma isolada. Sua interação contribui para o fluxo de informações e saberes entre eles. Se a atuação desses coletivos é constantemente exposta ao viés precarizante da terceirização, das pressões por metas agressivas e da redução de custos, tem-se um elemento de desestabilização da confiabilidade do sistema, inclusive no plano da segurança operacional (Dejours, 2012).

#### **4. Considerações finais**

Entendemos que a discussão esboçada ao longo do texto revela-se assaz pertinente e atual, considerando o crescimento expressivo da exploração e produção na área conhecida como “camada pré-sal” da costa brasileira. De fato, o acidente com a Deepwater Horizon – ocorrido em uma região na qual as intervenções ocorrem em profundidades similares àquelas do “pré-sal” – serve como mais um alerta acerca dos enormes riscos

implicados na atividade de perfuração, e compreendê-lo coloca-se como tarefa incontornável.

O encaminhamento aqui proposto, que busca focar luz sobre a dimensão coletiva do trabalho e sobre os fatores organizacionais envolvidos no acidente, estaria em consonância com a perspectiva ergológica ao realçar o tensionamento entre os níveis de análise macro e micro, constituintes do “fio condutor” que liga o trabalho, o patrimônio e o desenvolvimento.

#### **Referências Bibliográficas**

- Dejours, C. (2012). *Trabalho Vivo*. Brasília: Paralelo 15.
- Graham, B., Reilly, W. K., Beinecke, F., Boesch, D. F., Garcia, T. D., Murray, C. A., & Ulmer, F. (2011). *Deep Water: The Gulf Oil Disaster and the Future of Offshore Drilling*. Washington, D.C.: U.S. Government Publishing Office.
- Hopkins, A. (2012). *Disastrous Decisions: The Human and Organisational Causes of the Gulf of Mexico Blowout*. Sydney: CCH Australia Limited.
- Le Coze, J-C. (2016). *Trente ans d'accidentes: le nouveau visage des risques sociotechnologiques*. Toulouse: Octarès.
- Leplat, J. (2015). Quelques aspects de la complexité en ergonomie. In F. Daniellou, (Ed.). *L'ergonomie en quête de ses principes* (pp. 51-68). Toulouse: Octarès.
- Llory, M., & Montmayeul, R. (2014). *O acidente e a organização*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Perrow, C. (2011). *The Next Catastrophe: Reducing Our Vulnerabilities to Natural, Industrial, and Terrorist Disasters*. Princeton: Princeton University Press.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (2<sup>a</sup> edição). Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2015). *Trabalho e Ergologia: diálogos sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Teiger, C., & Lacompliez, M. (2013). *(Se)Former pour transformer le travail: dynamiques de constructions d'une analyse critique du travail*. Québec/Bruxelles: PUL/ETUI.

# O trabalho em saúde na resposta ao rompimento das barragens da Vale S/A em Minas Gerais (BR) em 2015 e 2019: reflexões sobre o agir em competências em situações de emergências e desastres.

# El trabajo de salud en respuesta a la ruptura de las represas Vale S/A en Minas Gerais (BR) en 2015 y 2019: reflexiones sobre la actuación en competencias en emergencias y desastres.

# Travail de santé en réponse à la rupture des barrages de Vale S/A dans le Minas Gerais (BR) en 2015 et 2019: réflexions sur l'action en compétences dans les situations d'urgence et de catastrophe.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO FACULDADE DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie



### **Simone Oliveira**

Escola Nacional de Saúde Pública  
Sergio Arouca, Fiocruz  
R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos,  
Rio de Janeiro - RJ, 21041-210  
simone@ensp.fiocruz.br

### **Denize Nogueira**

Escola Nacional de Saúde Pública  
Sergio Arouca Fiocruz  
R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos,  
Rio de Janeiro - RJ, 21041-210  
denize.nogueira@gmail.com

### **Resumo**

O trabalho em saúde em emergência e desastres possui grande importância em todas as fases: resposta, recuperação e prevenção. Nesse contexto de caos e ruptura social a complexidade do cuidado em saúde se evidencia, a partir das vulnerabilidades socioambientais, que estão em circulação na trama social. O objetivo desta investigação é, a partir de uma perspectiva ergológica enfrentar o debate de competências do trabalho em saúde nas situações extremas. Para isso, foram realizadas entrevistas com trabalhadores da saúde que atuaram na resposta e recuperação nos rompimentos de barragens de rejeito de minério ocorridas em 2015 e 2019 nas cidades de Mariana e Brumadinho, ambas no interior do estado de Minas Gerais. Articulamos as experiências de trabalhadores de saúde com o entendimento de *agir em competência* proposto pela perspectiva ergológica que protagoniza os trabalhadores no debate situado pelo reconhecimento da inevitável renormatização na atividade.

### **Palavras-chave**

trabalho em saúde, barragens, desastres, competencias; ergologia

### **Resumen**

El trabajo de salud en emergencias y desastres es de gran importancia en todas las fases: respuesta, recuperación y prevención. En este contexto de caos y disruptión social, la complejidad de la atención de salud se evidencia a partir de las vulnerabilidades socioambientales que circulan en el tejido social. El objetivo de esta investigación es, desde una perspectiva ergológica, enfrentar el debate de las competencias laborales en salud en situaciones extremas. Para ello, se realizaron entrevistas con trabajadores de la salud que actuaron en la respuesta y recuperación en las roturas de presas de relaves minerales ocurridas en 2015 y 2019 en las ciudades de Mariana y Brumadinho, ambas en el interior del estado de Minas Gerais. Articulamos las experiencias de los trabajadores de la salud con la comprensión de actuar en competencia propuesta por la perspectiva ergológica que conduce a los trabajadores en el debate situado por el reconocimiento de la inevitable renormalización en la actividad.

### **Palabras clave**

trabajo de salud, presas, desastres, habilidades, ergología

## Résumé

Le travail de santé d'urgence et de catastrophe est d'une grande importance dans toutes les phases: intervention, relèvement et prévention. Dans ce contexte de chaos et de bouleversements sociaux, la complexité des soins de santé est évidente à partir des vulnérabilités socio-environnementales qui circulent dans le tissu social. L'objectif de cette enquête est, d'un point de vue ergologique, d'affronter le débat sur les compétences du travail de santé dans des situations extrêmes. À cette fin, des entretiens ont été menés avec des agents de santé qui ont agi dans la réponse et la récupération dans les ruptures de barrages de résidus miniers survenus en 2015 et 2019 dans les villes de Mariana et Brumadinho, toutes deux à l'intérieur de l'état de Minas Gerais. Nous articulons les expériences des agents de santé avec la compréhension de l'action en compétence proposée par la perspective ergologique qui conduit les travailleurs dans le débat situé par la reconnaissance de la renormatisation inévitable de l'activité.

## Mots clés

travail de santé, barrages, catastrophes, compétences; ergologie.

## 1. Introdução

O trabalho em saúde no contexto de emergência e desastres possui grande importância em todas as fases: resposta, recuperação e prevenção. Nesse contexto de caos e ruptura social a complexidade do cuidado em saúde se evidencia, a partir das vulnerabilidades socioambientais, que estão em circulação na trama social, no território. O enfrentamento dessas condições extremas faz surgir diversas situações, antes improváveis ou invisíveis. Além de dor e medo, vivências que fazem aflorar sentimentos de solidariedade, compaixão, coragem, desprendimento e humildade, mas também manifestação de avareza, raiva, descontrole, impaciência, soberba e individualismo. Assim, em condições extremas, a singularidade do acontecimento se reveste de inesperado e parece se multiplicar e se prolongar no tempo.

Nesse ambiente, o cuidado em saúde se coloca como um grande desafio e sua eficiência é imprescindível para a população atingida. Os trabalhadores da saúde enfrentam um acirrado debate de normas, no confronto dos seus medos com a necessidade de agir, que podem produzir restrições e/ou abertura de impulsionar a ação. Situações que geram consequências expressas em seus corpos, patologias impulsionadas pelas grandes exigências e alto nível de estresse, levando à exaustão.

Exige-se, dessa forma, para atuação, conhecimentos e competências em emergências e desastres como um fator protetivo ao adoecimento (Oliveira, 2015; Awadhalla & Qarooni, 2018; Mori et al., 2013).

Pensar a competência a partir da perspectiva ergológica significa considerar o ponto de vista da atividade que nos direciona para um conjunto de ingredientes que irão para além de uma lista estática e descontextualizadas, incompatível com a dinamicidade da própria atividade de trabalho. Portanto, os ingredientes da competência nos remetem a uma heterogeneidade presente nas situações de trabalho, dificilmente antecipáveis. Assim, essa competência, ancorada na experiência, se realiza em situação, ou seja, trata-se de um agir em competência (Schwartz, 1998). É necessário, além de dominar os conhecimentos técnicos específicos para realização da tarefa - conhecimentos disciplinares e protocolos, articulá-los com a experiência, e, assim adaptá-los da melhor forma a determinado contexto ou, mesmo, refazê-los. Não é eficiente executar protocolos que não respondem a determinadas situações. A escolha de como e quais prescrições convocar, de forma eficiente vai se dar através de um debate de normas envolta em valores. Subverter e adaptar o conhecimento estabelecido exige encontrar um limite possível de ação. Gerindo as regras externas e pré-concebidas e as regras internas, mobilizando todo o si e o coletivo de trabalho existente. Considerando essas proposições, o objetivo desta investigação é a partir de uma perspectiva ergológica enfrentar o debate de competências do trabalho em saúde em situações de emergências e desastres. Apostamos ser promotor o uso do ponto de vista da atividade na direção do alargamento da compreensão desse trabalho com o intuito de buscar pistas, recursos e reservas de alternativas que reconheçam os obstáculos limitantes das generalidades, oferecendo possibilidades que desdobrem o trabalho a ser realizado, repercutindo positivamente para a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras.

## 2. Cenário do estudo

Os territórios onde esses profissionais trabalham são as cidades de Mariana e Brumadinho, ambas no interior do estado de Minas Gerais, localizado no sudeste brasileiro. Essas cidades, historicamente ligadas à indústria extrativista, foram impactadas pelo rompimento de barragens de rejeitos de minério. No dia 5/11/2015, aproximadamente às 15:45h, a Barragem de Rejeitos de Fundão (BRF) pertencente a Samarco Mineração S/A & Vale S/A, localizada no município de Mariana-MG/Brasil rompeu provocando a liberação de mais de 34Mm<sup>3</sup> (trinta e quatro milhões de metros cúbicos) de rejeitos

que alcançou o distrito de Bento Rodrigues, matando cinco moradores. Treze trabalhadores ligados à empresa também faleceram. A ruptura da barragem de Fundão afetou não só o ambiente e as comunidades próximas, mas também atingiu tudo e todos que se localizavam ao longo de 500 km até ao litoral do Estado do Espírito Santo. No dia 25/01/2019, às 12:28, ocorreu o rompimento da barragem B I de contenção de rejeitos de minério de ferro, da Mina de Córrego do Feijão, de propriedade da empresa Vale S.A., localizada no município de Brumadinho-MG. O rompimento resultou no maior acidente de trabalho do Brasil causando, além de dezenas de feridos, a morte de trabalhadores e dentre a população que se encontrava na área do alagamento ocasionado pelos rejeitos. Associados aos impactos ambientais e sociais, o tornaram um desastre de escala mundial. Do rompimento resultaram 249 mortes confirmadas e 21 pessoas desaparecidas (dados de 05/09/2019).

Há cinco anos do crime de Mariana e há dois anos do crime de Brumadinho, o sofrimento social se prolonga pelos longos labirintos do judiciário para a definição dos limites da reparação e restauração dos modos de vida dessa população e indica um baixo interesse político-econômico por parte das empresas para o bom termo da situação, que impõem seus interesses na força do capital internacional que também as condicionam. Em função de uma rede de barragens espalhadas por todo o território do Estado de Minas Gerais, algo próximo a 400 barragens, o esforço das empresas é principalmente o de não criar jurisprudência que impacte os negócios do mercado mineral e o faça perder competitividade no mercado internacional (Portella & Castro, 2019).

Toda essa complexa situação exige o desenvolvimento de competências dos profissionais de saúde que acompanham as populações atingidas e a população em geral dessas regiões, inevitavelmente, também afetadas por todas essas vulnerabilidades promovidas pelas empresas de mineração. O desastre vai além do evento de crítico do rompimento dessas barragens, ele perdura e se modifica ao longo do tempo. O peso do interesse econômico e mercantil e a falta de limites claros do que é público e do que é privado no âmbito político constrói um palco pouco fértil ao interesse comunitário e o bem-comum. Isso tudo sobre carregando o sistema de saúde.

### **3. Metodologia**

Algumas propostas de estudos sobre competências dos trabalhadores de saúde, especialmente no campo da saúde do trabalhador, têm como finalidade propor formas de treinamento e ensino mais efetivas. Entretanto, muitas vezes o TS é inserido nessa discussão

como um mero executor de protocolos de urgência e emergência. Não são tratados enquanto sujeitos que possuem sua saúde atravessada pela atividade de trabalho que exercem.

Neste contexto, o interesse desta pesquisa no trabalho de cuidado em saúde foi não olhar, como apontado por Schwartz e Durrive (2015), a atividade de trabalho de forma estreita, desconsiderando as escolhas impostas a determinadas populações e profissionais. Pensar a atividade de cuidado em desastres é refletir sobre o que envolve o próprio evento, suas circunstâncias considerando a saúde dos trabalhadores que atuam ou irão atuar neste contexto.

Conhecer o território em que ocorreram esses eventos foi fundamental para compreender a arena em que estão imersos os debates de normas e os valores que permeiam a atividade dos profissionais de saúde. Realizamos três idas a campo em que pudemos ver de perto as marcas de uma triste realidade, com acirradas disputas e diversas narrativas, políticas, econômicas e comunitária.

Para aproximação do trabalho e compreensão da atividade realizamos entre 2019 e 2020 12 entrevistas com profissionais inseridos em diferentes locais do sistema de saúde: Estratégia de Saúde da Família (ESF), Centro de Apoio Psicossocial (CAPS), núcleo de práticas alternativas e complementares (NUPICS) e profissionais da gestão da saúde. Dessa forma, conversamos com médico, técnico de enfermagem, enfermeiro, psicólogo, terapeuta ocupacional, que atuaram no município de Brumadinho (MG) ou Mariana (MG). Desses profissionais 10 eram servidores do município e 2 tinham contrato com empresas terceirizadas. Foram realizadas 6 entrevistas de maneira virtual devido à pandemia da Covid-19, através da plataforma *zoom*. Todas foram gravadas e transcritas. As entrevistas duraram entre 40 minutos e 1:30, havia um roteiro de perguntas que buscavam permitir ao trabalhador refletir e expressar seu ponto de vista sobre o vivido, as modificações no seu trabalho e vida após o rompimento e as implicações para a sua saúde.

Buscamos, articular as experiências de trabalhadores de saúde que atuaram nas respostas aos desastres acima citados e com o entendimento de agir em competência proposto pela perspectiva ergológica. As conversas com os profissionais apontam as dramáticas do uso do corpo si vivenciadas por esses trabalhadores; os debates de normas e valores a partir do financiamento de profissionais e serviços de saúde pela empresa responsável pelo desastre e a gestão pública; e o valor do sentido humanitário na atividade de cuidado em saú-

de. Por fim, é lançada luz sobre os aspectos do trabalho coletivo que é desenvolvido nesse contexto, um apoio mútuo, silencioso e orientado pela solidariedade entre os trabalhadores da saúde.

#### **4. Agir em Competência do trabalho em saúde**

Trabalhar é gerir, normalizar as lacunas e antecipar as situações presentes em um meio infiel, mesmo em um cenário de ruptura social, como os desastres, em que se imagina que ninguém está preparado para atuar nesse contexto. Mesmo assim, na literatura especializada, define-se as ‘competências exigidas’ enquanto qualificações, elas irão descrever, genericamente, características técnicas, objetivas e subjetivas necessárias. No entanto, para além de qualificações, as competências deveriam partir da perspectiva do que é necessário saber e ser em uma singularidade situacional imposta pela atividade. A competência não deve estar na esfera da prescrição somente, ela deve ser sempre situada, pois, como indica Schwartz (1998), a competência situada na atividade é um domínio do que já é sabido com o inédito da situação.

Para a compreensão desse processo do “aqui e agora” articulado ao pressuposto da atividade, Schwartz (1998) propõe pensarmos a competência como composta por ingredientes. É possível dizer que a competência não é uma receita culinária, isto é, não é só a soma dos ingredientes que se faz o bolo, mas sim de que forma eles são misturados (Masson, 2007). A forma da mistura seria o *agir em competência*.

“A metáfora ‘ingredientes da competência’ quer indicar que uma competência é compreendida como uma combinação de elementos heterogêneos, que não se deixam avaliar de um único modo. Agir com competência pode, assim, significar o domínio relativo de um protocolo (ingrediente 1) e da incorporação de uma situação específica (ingrediente 2), o tipo e o caso sendo em seguida relacionados intelligentemente (ingrediente 3). Mas essa relação é um esforço, um trabalho, cujo grau de execução não pode senão conduzir, via debates de normas, a uma relação de valor com a situação de trabalho ou de atividade (ingrediente 4). Relação cuja saída engaja mais ou menos o potencial, do “si” que, afinal, engaja globalmente a qualidade do agir, isto é, do efeito sobre todos os ingredientes (ingrediente 5). Enfim, o agir individual não é compreendido sem os outros: ele coloca sempre à prova uma eficácia coletiva (ingrediente 6)” (Durrive & Schwartz, 2018, p. 23).

Apresentamos aqui, um pouco do que contam os trabalhadores nas entrevistas sobre sua atuação que remete à busca por responder às situações com que se deparam, se implicando necessariamente. Há um envolvimento subjetivo com uma situação que sabem lidar parcialmente, pois mesmo que haja conhecimento do território, da comunidade e principalmente do cotidiano de cuidado, esses parecem insuficientes:

*“Eu vejo que precisava de uma capacitação maior, coisa que a gente não teve, eu sei que eu precisava de um curso também. Acho que de psicologia, pra identificar mais essas coisas”* (Técnica de enfermagem – ESF- Mariana (MG)

*“O que mais me marcou foi o medo de não saber muito bem o que fazer diante desse cenário da pessoa que engoliu lama e tal. Tinha um protocolo (...) Mas não tínhamos mais nenhuma evidência para ajudar a gente. E o que me marcou muito foi o sofrimento psíquico das pessoas, todas muito abaladas, chorando muito, muito impactadas, um sofrimento mental muito grande naquele momento. Então, fiquei muito tempo acolhendo essas pessoas, escutando-as e tal, enfim... foi o que mais me marcou”* (Médico – Estratégia de Saúde da Família (ESF) Mariana (MG)

Nos trechos acima é possível perceber como o agir em competência convoca e desloca o patrimônio de disciplinas como a medicina e a enfermagem. Ambas, no seu cotidiano, estão voltadas para o corpo biológico e durante a resposta aos desastres e isso é transportado para um cuidado mais subjetivo e emocional do atingido. Nesse contexto, foi necessária uma confrontação dos saberes técnicos e da experiência com um debate do uso de si. Ao entender que não possui o ingrediente técnico-científico-disciplinar para realizar a atividade, o profissional de saúde entende que deve prestar cuidado mesmo assim, lançando mão de recursos próprios. Dessa forma, produz um engajamento subjetivo que expõe sua saúde a efeitos deletérios do estresse e traumas da situação. O trabalhador percorre um caminho que não sabe muito bem seus riscos.

*“Acho que em termos do ‘não sabia, mas tinha que fazer’ foi esse primeiro momento mesmo. Acho que esse momento em que eu cheguei na arena e falava: “nossa! E agora, né?”. E acho que a gente vai atuando bem ali na necessidade mesmo, para os profissionais que não tinham nenhum tipo de*

*formação nessa área, vai muito no intuito naquilo que se conhece, enquanto cuidado em saúde. E aí depois a gente já conseguiu ir buscando. Então esse primeiro momento é aquele em que se tem uma atuação com um desconhecimento maior, vamos dizer, em relação a essa especificidade da situação de desastres. Nos dias seguintes a já começamos a buscar, inclusive, literatura, outros profissionais, outros apoios, outras pessoas que passaram por alguma experiência do tipo"* (Terapeuta Ocupacional- CAPS – Mariana (MG)

*"(...) quando os profissionais daqui que já trabalharam nisso, qual a orientação técnica específica pra isso, né? Não seria esse primeiro contato ali tão inseguro, de pensar "será que é por aí mesmo?". Eu lembro de conversas com profissionais da equipe de alguém pegar e falar assim "você podia vir aqui porque estou tendo que tomar umas decisões e não estou seguro disso". Então acho que essas trocas entre os profissionais, tanto os que estavam na coordenação como as equipes aqui, que realmente se dedicaram a isso"* (Terapeuta Ocupacional- CAPS – Mariana (MG)

O trabalho em saúde em emergências e desastres exige características profissionais, técnicas, subjetivas específicas, mas também exige uma sinergia entre os vários níveis decisórios e uma flexibilidade criativa para enfrentar o singular e também o inesperado.

#### 4. Considerações Finais

Apontamos que o debate referido sobre competências em emergências e desastres para a atuação dos profissionais de saúde deve ir na direção de uma melhor formação desses profissionais, melhor desempenho, tendo como consequência positiva a manutenção de sua saúde. Esse debate deve ser feito de maneira situada, permanente e sempre em diálogo com os trabalhadores, recuperando as vivências e experiências, fazendo circular esses saberes. Assim, favorecer uma condução do trabalho frente às situações extremas que amplie as possibilidades do agir em competência. Dessa forma, propiciando ao trabalhador preservar a sua saúde, ao reconhecendo as renormatizações necessárias aumentando suas reservas de alternativa.

#### Referências Bibliográficas

- Awadhalla, M., & Qarooni, S. (2018). Disaster Responses: Psychosocial Support not Optional! In *Sustainability and Resilience Conference: Mitigating Risks and Emergency Planning* (pp. 14-25). KnE Life Sciences.
- Durrive, L., & Schwartz, Y. (2018). Glossário da ergologia. In R. Di Ruzza, M. Lacomblez, & M. Santos (Eds.), *Ergologia, Trabalhos, Desenvolvimentos*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Masson, L. (2007). *A dimensão relacional do trabalho de auxiliares de enfermagem em Unidade Neonatal: uma análise do ponto de vista da atividade* (Dissertação de Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.
- Mori, K., Tateishi, S., Hiraoka, K. et al. (2013). How Occupational Health can contribute in a disaster and what we should prepare for the future - lessons learned through support activities of a medical school at the Fukushima Daiichi Nuclear Power Plant in Summer 2011. *Journal of Occupational Health*, 55(1), 6–10. <https://doi.org/10.1539/joh.12-0134-CS>
- Oliveira, S. (2015). Experiência e produção de saberes, possibilidades de superação das vulnerabilidades: reflexões acerca do desastre da região serrana do Rio de Janeiro. In A. Siqueira, N. Valencio, M. Siena, & M. Malagoli (Orgs.), *Riscos de desastres relacionados à água: aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos* (pp. 291-309). São Carlos.
- Portella, S., & Castro, E. (2019). *Confrontando a Política da Desigualdade na Construção Social dos Desastres: o caso das barragens de rejeitos de mineração in Informe de Política Pública*. Disponível em: [https://waterlat.org/pt/informes-de-politica-publica/?noredirect=pt\\_BR](https://waterlat.org/pt/informes-de-politica-publica/?noredirect=pt_BR). Acesso em 16 nov.2020
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2015). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: FabreFactum.
- Schwartz, Y. (1998). Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. *Educação & Sociedade*, 19(65), 101-140.

# As práticas linguageiras na atividade laboral do docente psicólogo: cenografia e ethos como imagem de si.

# Prácticas del lenguaje en la actividad laboral del docente psicólogo: escenografía y ethos como imagen de uno mismo.

# Pratiques linguistiques dans l'activité de travail d'enseignement et psychologue: scenographie et ethos comme image de soi.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale  
d'Ergologie

### Keila de Quadros Schermack

Doutoranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo  
Rua Morom, 817, Bairro Petrópolis, Passo Fundo, RS, Brasil - Cep: 99051-400  
keilaschermack@gmail.com

### Ernani Cesar de Freitas

Universidade de Passo Fundo (UPF)  
Av. Bom Jardim, 305 - Cidade Nova - Ivoiti - RS - Brasil - Cep: 93900-000  
ecesar@upf.br

### Resumo

Este estudo tem por objetivo analisar as práticas de linguagem no e sobre o trabalho, a cenografia e o ethos discursivo como a construção da imagem de si no discurso do docente psicólogo. O marco teórico se situa sobre as contribuições referentes à abordagem ergológica (Schwartz; Durrive, 2010; Trinquet, 2010; Nouroudine, 2002) em interface com a semântica global, de base enunciativo-discursiva (Maingueneau, 1997, 2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2015). A pesquisa é descriptiva, bibliográfica, numa abordagem qualitativa. Os *corpora* constituem-se de excertos de um relato de experiência publicado na revista Psicologia em Foco; Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005); o inciso II dos *Princípios Fundamentais* e o Art. 1º (parágrafo c) *Das responsabilidades do Psicólogo*. Na construção da cenografia, a imagem de si refletida no relato de experiência revela o ethos discursivo de um profissional responsável, cumpridor de normas e preocupado com o bem estar dos sujeitos envolvidos no trabalho.

### Palavras-chave

ergologia, linguagem e trabalho, relato de experiência, cenografia e ethos

### Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar las prácticas del lenguaje en y sobre el trabajo, la escenografía y el ethos discursivo como construcción de la imagen de uno mismo en el discurso del docente psicólogo. El marco teórico se basa en los aportes relacionados con el enfoque ergológico (Schwartz; Durrive, 2010; Trinquet, 2010; Nouroudine, 2002) en interfaz con la semántica global, con una base enunciativo-discursiva (Maingueneau, 1997, 2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2015). La investigación es descriptiva, bibliográfica, con un enfoque cualitativo. Corpora son extractos de un relato de experiencia publicado en la revista Psicología em Foco; Código de Ética Profesional del Psicólogo (2005): punto II de los Principios Fundamentales y Art. 1 (inciso c) Responsabilidades del psicólogo. En la construcción de la escenografía, la imagen de uno mismo reflejada en el relato de experiencia revela el ethos discursivo de un profesional responsable, apegado a las normas y preocupado por el bienestar de los sujetos involucrados en el trabajo.

### Palabras clave

ergología, lengua y trabajo, informe de experiencia, escenografía y ethos

## Résumé

Cette étude vise à analyser les pratiques langagières dans et autour du travail, de la scénographie et de l'éthos discursif comme construction de l'image de soi dans le discours du psychologue enseignant. Le cadre théorique s'appuie sur les apports liés à l'approche ergologique (Schwartz; Durrive, 2010; Trinquet, 2010; Nouroudine, 2002) en interface avec la sémantique globale, avec une base énunciative-discursive (Maingueneau, 1997, 2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2015). La recherche est descriptive, bibliographique, dans une approche qualitative. Les corpus sont des extraits d'un rapport d'expérience publié dans la revue Psicologia em Foco; Code d'éthique professionnelle du psychologue (2005): point II des principes fondamentaux et article 1 (paragraphe c) Responsabilités du psychologue. Dans la construction de la scénographie, l'image de soi reflétée dans le rapport d'expérience révèle l'éthique discursive d'un professionnel responsable, respectueux des règles et soucieux du bien-être des sujets impliqués dans le travail.

## Mots clés

ergologie, langue et travail, rapport d'expérience, scénographie et ethos

## 1. Introdução

Este estudo respalda-se em uma abordagem teórico-metodológica de cunho enunciativo que interessa-se pelas pesquisas desenvolvidas na interface entre *Linguagem e Trabalho*. A concepção de trabalho abordada nesta pesquisa, considera o sujeito como ser atuante na atividade laboral. O sujeito está envolvido em toda sua singularidade na atividade, pois trabalhar é fazer escolhas que vão além das normas presentes nas instituições e nos códigos de ética.

A escolha do tema *Linguagem e trabalho* justifica-se pela necessidade de aprofundamento dos estudos e pesquisas sobre a atividade do docente psicólogo em instituições de ensino e de acolhimento institucional (de crianças e adolescentes), visto que a formação acadêmica do psicólogo habilita o profissional a exercer suas atividades em diferentes áreas de atuação e espaços institucionais. Assim, juntamente com outras abordagens voltadas para esse campo da interface *Linguagem e trabalho*, pretendemos contribuir com a discussão e reflexão acerca do trabalho do docente/psicólogo.

A questão norteadora de pesquisa que conduz o desenvolvimento deste estudo é a seguinte: os docentes psicólogos encontram, no trabalho, na atividade docente e nas instituições de acolhimento complexos desafios que

envolvem o constante diálogo com diferentes sujeitos, mobilizam saberes constituídos e investidos, renormalizam a atividade fazendo a gestão e “uso de si por si e pelos outros” mediante cenografias instituídas, das quais emergem o ethos discursivo como imagem de si. O objetivo deste estudo visa analisar práticas de linguagem *no e sobre* o trabalho, cujos discursos envolvem a prescrição e a atividade do docente psicólogo com base na(s) cenografia(s) de onde emerge o ethos discursivo na atividade, em situações de trabalho. O corpus de pesquisa contempla cenas enunciativas e cenografias que se verificam nos excertos extraídos de um relato de experiência na revista *Psicologia em Foco*, editada pelo Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI - Câmpus Frederico Westphalen-RS/Brasil).

No que diz respeito à base teórica, conferimos especial destaque a contribuições referentes à abordagem ergológica (Schwartz & Durrive, 2010; Trinquet, 2010; Nouroudine, 2002) em interface com a semântica global, de base enunciativo-discursiva (Maingueneau, 2008a, 2008b).

Este estudo desenvolve-se mediante preceitos da pesquisa exploratória, bibliográfica e documental com abordagem qualitativa na análise do objeto. Os *corpora* selecionados para pesquisa constituem-se de três excertos de um relato de experiência extraídos da revista *Psicologia em Foco* (2014, vol. 6, n. 7). Também analisaremos o Código de Ética profissional do Psicólogo (2005): o inciso II dos *Princípios Fundamentais* e o Art. 1º (parágrafo c) *Das responsabilidades do Psicólogo*. Estruturalmente, o texto está assim organizado: primeiramente, detalham-se breves conceitos teóricos articulados acerca da Ergologia, da cenografia e do ethos discursivo. Na sequência, consta a metodologia empregada. Posteriormente, apresenta-se uma breve análise dos *corpora*. Por último, constam as considerações finais e as referências.

## 2. Ergologia, cenografia e ethos: as maneiras de dizer e as imagens de si

A Ergologia é a aprendizagem permanente dos debates de normas e de valores que renovam indefinidamente a atividade: é o “desconforto intelectual”. A perspectiva ergológica está sempre em negociação de normas, debatendo valores. Trata-se de normas anteriores à própria atividade: a atividade negocia essas normas em função daquilo que são as suas próprias. Não podemos falar de trabalho sem considerar que o sujeito se faz presente no interior da atividade através das suas escolhas. Aquele que julga a situação de trabalho do docente psicólogo sem aprender com a própria pessoa como ela

vivencia essa situação, fala no lugar do outro. A linguagem é o resultado de uma atividade humana, da qual faz parte o enunciador e o coenunciador (*eu/tu*) que agem discursivamente no mundo, situando-se sócio-historicamente. Consequentemente, a singularidade e a subjetividade dos sujeitos estão imbricadas na atividade de trabalho. O trabalho é sempre singularização ou ressingularização, que envolve ações subjetivas e intersubjetivas porque não agimos de forma individual. Não trabalhamos sozinhos.

Os sujeitos expressam suas singularidades nas escolhas linguístico-discursivas em situações de trabalho, considerando seus saberes instituídos e investidos mobilizados na atividade, ou seja, na própria tarefa executada. A perspectiva do ato enunciativo perpassa a reflexão sobre o estatuto do enunciador e o destinatário, a dêixis enunciativa e o modo de enunciação. Quando fala *sobre* o trabalho, o enunciador (*eu*) realiza escolhas linguísticas no *aqui* e *agora*. Essa enunciação acontece numa determinada cena enunciativa, da qual fazem parte os sujeitos envolvidos na atividade de trabalho. A partir da *cenografia* instaurada discursivamente, revela-se *quem* é o enunciador, que se constitui no ethos discursivo, evidenciando uma imagem de si.

Na atividade laboral há um uso de si por si e pelos outros que ultrapassa a simples “execução” das tarefas pelo trabalhador. O sujeito se faz presente no interior do trabalho, pois dedicar-se à atividade de trabalho é colocar a prova os próprios limites, as próprias capacidades, isto é, correr riscos. Como o trabalho não é realizado de antemão, o sujeito vai se encontrar em situação de prova. “De prova de existência enquanto ‘si’ no trabalho” (Schwartz & Durrive, 2010, p. 191).

O uso de si remete ao uso do “corpo” do sujeito no ato do trabalho, uso de sua inteligência, sua história, seus valores, sua sensibilidade, seus gostos. Se trabalhar implica a aplicação de um protocolo, pertencente ao trabalho prescrito, ao mesmo tempo ele sempre será aplicado de maneira singular, diferente daquela de um colega de trabalho e mesmo diferente de um momento a outro (trabalho real).

Feitas essas considerações acerca da ergologia, cenografia e ethos discursivo, apresentamos os procedimentos metodológicos que nortearam essa pesquisa.

### **3. Procedimentos metodológicos**

A metodologia na qual se ampara esse estudo tem como base a obra *Metodologia do trabalho científico*, de Prodanov e Freitas (2013). A pesquisa classifica-se como aplicada, qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental. Os corpora selecionados para pesquisa cons-

tituem-se de três excertos de um relato de experiência extraídos da revista *Psicologia em Foco*, uma publicação de periodicidade semestral destinada à comunidade acadêmica. Também analisaremos o Código de Ética profissional do Psicólogo (2005): o inciso II dos *Princípios Fundamentais* e o Art. 1º (parágrafo c) *Das responsabilidades do Psicólogo*. Por meio da interface entre as respectivas áreas do conhecimento, estabeleceremos o seguinte percurso teórico-metodológico:

- Na ergologia (Schwartz & Durrive, 2010): o trabalho como atividade envolvendo as normas antecedentes e renormalizações; o debate de valores ligado ao debate de normas (as impostas e as instituídas na atividade); os saberes (constituídos e investidos) e o agir em competência; trabalho e uso de si; na abordagem enunciativo-discursiva da semântica global (Maingueneau, 2008a, 2008b): estatuto do enunciador e do destinatário, dêixis enunciativa e modo de enunciação para descrever, a cenografia enunciativa e o ethos como imagem de si.

Conforme os procedimentos metodológicos aqui descritos, apresentaremos um esboço da análise dos *corpora*.

### **4. Análise e alguns resultados**

Nesta seção, apresentaremos uma breve análise dos *corpora* com alguns resultados parciais.

#### **Quadro 1. Excertos 1**

##### **Princípios Fundamentais: Inciso II.**

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.  
Das responsabilidades do Psicólogo: Art. 1º (parágrafo C)

c) Prestar serviços psicológicos de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional;

Ao ingressar na casa, por exemplo, com o suposto objetivo de atender ao preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) em seu artigo 94, e demonstrando evidente equívoco na

interpretação deste (que no inciso XVII refere, entre as obrigações das entidades que executam programas de internação de adolescentes, o fornecimento de depósito de pertences), as crianças eram instruídas a guardar todos seus objetos pessoais e roupas, que eram acumuladas em um “armário de pertences” e devolvidas ao final do período de abrigagem. Tal medida, evidentemente, privava a criança do contato com alguns objetos que poderiam auxiliá-la a suportar a separação de seus familiares, e foi posteriormente, depois de repetidas discussões neste sentido, abolida.

De acordo com Schwartz e Durrive (2010), as normas organizam o trabalho e são estabelecidas com o objetivo de prescrever, antecipadamente, as atividades que o trabalhador deve executar. Os excertos do relato de experiência e do Código de Ética do Psicólogo revelam que para realizar a gestão de si na atividade do docente/psicólogo, há uma distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real. O profissional se vê em meio a normas e a constante tensão em renormalizá-las. Podemos observar isso no seguinte trecho, atribuindo destaque a palavra “abolida” e a frase “depois de repetidas discussões”: “*Tal medida, evidentemente, privava a criança do contato com alguns objetos que poderiam auxiliá-la a suportar a separação de seus familiares, e foi posteriormente, depois de repetidas discussões neste sentido, abolida*”. As renormalizações recriam continuamente algo novo.

Com o objetivo de melhor atender às necessidades pessoais (subjetivas) das crianças e adolescentes que recebem atendimento na instituição, o docente psicólogo se depara com a indispensabilidade de observar e conhecer as diferentes regras que permeavam o serviço a fim de reavaliá-las. Nesse contexto, Schwartz (2014, p. 261) afirma que as renormalizações obrigam os sujeitos a escolher e a se escolher, na qualidade de seres às voltas com um mundo de valores.

Tudo isso remete a gestão da distância entre o trabalho prescrito e o real que cria a subjetividade do/no trabalho. Nas palavras de Trinquet (2010, p. 98), “É nesse momento que se expressa a personalidade, a individualidade, a história sempre singular, tanto individual quanto coletiva daqueles que participam em tempo real”. São todos os dramas resultantes da atividade laboriosa, na ergologia, que são nomeados de dramáticas dos usos de si.

Percebemos que as prescrições/regulamentações das normas, que se estabelecem sobre o trabalho docente psicólogo são de diversas naturezas, pois além do Código de Ética que regulamenta a profissão, há o objetivo –

por parte desse profissional – de atender ao preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), já que o acolhimento institucional de crianças e adolescentes faz parte da atividade.

Assim, todas as normas implicam na dualidade denominada “dramáticas” por Schwartz e Durrive (2010, p. 194): “fui levado a propor a ideia de que toda atividade – todo trabalho – é sempre uso. Uso de si, mas com essa dualidade às vezes simples e ao mesmo tempo muito complicada, que é uso de si ‘por si’ e ‘pelos outros’”. Aqui reside uma dupla “dramática da atividade”, no sentido de que há um profissional que faz uso de si “por si” e “pelos outros” tanto na função de educador quanto na atividade de psicólogo.

Observemos outros excertos do relato de experiência:

#### **Quadro 2.** Excertos 2

Também era possível perceber a dificuldade da instituição de respeitar a subjetividade da criança na forma como eram realizadas comemorações de aniversário, que a despeito do orçamento considerável da instituição e do pequeno número de crianças acolhidas, festejava-se coletivamente, com datas estipuladas para isto em cada mês. Este modo de funcionamento também foi revisto posteriormente, ressaltando-se a importância de que cada criança pudesse ganhar seu presente de aniversário e comemorá-lo ao menos com o bolo caseiro preparado para o lanche, no dia correto. A despeito do desconforto que a constatação destas questões provocava na autora, um espaço importante de discussão sobre as mesmas era oferecido pelas reuniões semanais de equipe, da qual participavam gerência, equipe técnica e um representante dos educadores. Nestes momentos, além da discussão destas normas, era possível também socializar aspectos importantes sobre o trabalho com as crianças, discutir formas de intervenção e estabelecer uma compreensão conjunta sobre suas necessidades e características, o que permitia a elaboração de um projeto de atendimento e a discussão sobre a parte neste que cabia a cada membro da equipe.

O “eu” enuncia na instância de enunciação, dirigindo-se a um “tu” que são os leitores da revista Psicologia em Foco. Nas palavras de Maingueneau (2008a, p. 87), “cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. O enunciador relata e comparti-

lha com o destinatário as dificuldades encontradas na atividade docente/psicólogo em uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes, enfatizando o fazer psicológico neste contexto. Este enunciador se considera integrado a uma “ordem”, pois enuncia enquanto membro de instituições (educacional e acolhimento institucional).

O “eu” evidencia uma cenografia associada à imagem de um profissional preocupado em cumprir as normas da instituição; e busca respeitar rigorosamente o preconizado no Código de Ética profissional do Psicólogo (inciso II dos *Princípios Fundamentais* e o Art. 1º - parágrafo c: *Das responsabilidades do Psicólogo*) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), conforme verificamos no excerto: “*Nestes momentos, além da discussão destas normas, era possível também socializar aspectos importantes sobre o trabalho com as crianças, discutir formas de intervenção e estabelecer uma compreensão conjunta sobre suas necessidades e características, o que permitia a elaboração de um projeto de atendimento e a discussão sobre a parte neste que cabia a cada membro da equipe*”.

A maneira de dizer do enunciador revela, na cenografia instaurada, o respeito à subjetividade dos indivíduos acolhidos na instituição e a preocupação com o aperfeiçoamento profissional com vistas a melhor atender às necessidades das crianças e adolescentes, como é possível perceber nas afirmações: “*Também era possível perceber a dificuldade da instituição de respeitar a subjetividade da criança na forma como eram realizadas comemorações de aniversário...*”.

Nos excertos discursivos, o “eu” busca distanciar-se do próprio dizer fazendo uso da terceira pessoa do discurso (ele), conforme podemos ver no seguinte trecho: “*A despeito do desconforto que a constatação destas questões provocava na autora, um espaço importante de discussão sobre as mesmas era oferecido pelas reuniões semanais de equipe...*”. Mesmo que o “eu” não se faça presente na materialidade discursiva, sabemos que o ato de enunciação supõe a instauração de uma dêixis enunciativa *Eu – Tu – Aqui – Agora*. “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (Amossy, 2013, p. 9). Como se trata de um relato de experiência, o “eu” subjacente aos enunciados também revela a subjetividade do sujeito, que ao se apropriar de suas funções na instituição de acolhimento, constrói cenografias que refletem e refratam a imagem de *si* (professor/psicólogo) e do *outro* (leitores da revista e /ou profissionais envolvidos na atividade; as crianças e os adolescentes).

Desse modo, a materialidade discursiva revela que o

“eu” enuncia para o “tu” e instaura os acontecimentos no presente do seu dizer. O trecho *“reuniões semanais de equipe”* revela que a enunciação instaura-se sempre no tempo *presente* da tomada da palavra pelo locutor. Essa instância organizada no *tempo* e no *espaço* revela a dêixis enunciativa. “Essa dêixis, em sua dupla modalidade espacial e temporal, define de fato uma instância de enunciação legítima, delimita a cena e a cronologia...” (Maingueneau, 2008a, p. 89), construída pelo discurso para autorizar e legitimar a enunciação. A cenografia e o ethos como imagem de si refletidos no relato de experiência revelam os ethos discursivos: profissional responsável, educador, cumpridor de normas, preocupado com o bem estar dos indivíduos, atualizado, autônomo na tomada de decisões, que faz a gestão de si na atividade, em prol dos sujeitos envolvidos no trabalho.

## 5. Considerações finais

Este estudo, de cunho interdisciplinar, que respaldou-se em uma abordagem teórico-metodológica, na perspectiva enunciativa, mediante a interface *Linguagem e trabalho*, teve como principais autores Schwartz e Durrière (2010) e Trinquet (2010); em relação a linguagem *no* e *sobre* o trabalho, Nouroudine (2002). No que diz respeito aos pressupostos enunciativo-discursivos, utilizamos Maingueneau (2008a, 2008b) e alguns de seus estudiosos.

A escolha do tema foi *Linguagem e trabalho*, abordando as práticas de linguagem *no* e *sobre* o trabalho, e teve como delimitação a análise de discursos de um relato de experiência (redigido por um docente psicólogo) publicado na revista *Psicologia em Foco*.

A questão norteadora de pesquisa foi atendida à medida que verificamos pistas linguístico-discursivas confirmadoras de que os docentes psicólogos encontram, no trabalho em instituições de acolhimento, complexos desafios e peculiaridades que envolve o constante diálogo com diferentes sujeitos, mobilizam saberes a partir dos próprios estudos e das prescrições impostas pelo Código de Ética que rege a profissão.

A partir do prescrito e da sua subjetividade, o trabalhador renormaliza e singulariza no sentido de desenvolver sua atividade, fazendo a gestão e “uso de si por si e pelos outros” mediante cenografias instituídas, das quais emergem o ethos discursivo desse profissional diante das cenas enunciativas que se verificam nos excertos extraídos do um relato de experiência.

Dessa forma, o objetivo central desta pesquisa foi alcançado, pois visou analisar práticas de linguagem *no* e *sobre* o trabalho, cujos discursos envolvem a prescrição e a atividade do docente psicólogo com base na(s) ce-

nografia(s) de onde emerge o ethos discursivo na atividade, em situações de trabalho.

Constatamos, nesse sentido, que as prescrições existentes na atividade do docente psicólogo provêm das normas estabelecidas pela instituição, normas estas que muitas vezes entram em conflito com o preconizado no Código de Ética do Psicólogo (2005) e no Estatuto da Criança e do Adolescente. Porém, o profissional não age passivamente, na medida que faz algumas renormalizações do prescrito e se apropria de novos saberes, confrontando-se com as dramáticas de uso de si por si e pelos outros na atividade laboral. As renormalizações recriaram novas formas de intervenção com os sujeitos (crianças e adolescentes) na instituição de acolhimento. A respeito da perspectiva ergológica e dos pressupostos da cenografia e do ethos discursivo, depreendemos por meio das marcas linguístico-discursivas, como se constrói a cenografia e o ethos no discurso do docente/psicólogo (materializado no relato de experiência), o que nos possibilitou a compreensão das relações de trabalho desse profissional com os sujeitos envolvidos na atividade.

Acreditamos que a contribuição desse estudo situa-se na possibilidade em poder auxiliar nos estudos interdisciplinares que envolvem a temática *Linguagem e trabalho*. Além disso, vislumbramos contribuir no sentido de mostrar um olhar enunciativo-discursivo para a questão da atividade de trabalho do docente psicólogo.

### **Referências Bibliográficas**

- Amossy, R. (2013). Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (pp. 9-27). São Paulo: Contexto.
- Maingueneau, D. (2008a). Uma semântica global. In *Génese dos discursos* (pp. 75-97). São Paulo: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. (2008b). Ethos, cenografia, incorporação. In R. Amossy (Org.), *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (pp. 68-92). São Paulo: Contexto.
- Nouroudine, A. (2002). A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In M. C. Souza-e-Silva, & D. Faita (Orgs.), *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França* (pp. 17-30). São Paulo: Cortez.
- Prodanov, C., & De Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale.
- Psicologia, xiii plenário do conselho federal de. (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: CFP.
- Schwartz, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si: corpo si, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, 49(3), 259-274. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.3.19102>
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (2ª edição). Niterói: EdUFF.
- Trinquet, P. (2010). Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR On-line*, 10(38), 93-112. <https://doi.org/10.20396/rho.v10i38e.8639753>

# Gestão de si na atividade de trabalho: as dramáticas reveladas no dizer do tradutor intérprete de língua de sinais portuguesa.

# Gestión de sí en la actividad de trabajo: las dramáticas reveladas en el decir del traductor intérprete de lengua de signos portuguesa.

# La gestion de soi dans l'activité de travail: les dramatiques révélées dans le commentaire du traducteur interprète de langue de signes portugais.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U PORTO Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DO PORTO



U PORTO Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DO PORTO

### **Elaine Ribeiro**

Instituto Federal Catarinense – Campus Fraiburgo  
Rua Pedro Álvares Cabral, 581 – Ap. 803 –  
Erechim – RS – Brasil – Cep: 99700248  
elaine.ribeiro@ifc.edu.br

### **Ernani Cesar de Freitas**

Universidade de Passo Fundo – UPF  
Av. Bom Jardim, 305 - Cidade Nova - Ivoi -  
RS - Brasil - Cep: 93900-000  
ecesar@upf.br

### **Resumo**

Com base nas concepções da Ergologia, perspectiva filosófica que se destina a compreender o trabalho para transformá-lo, este estudo tem por objetivo descrever e analisar a gestão do uso de si e as renormalizações de saberes realizadas pelos tradutores intérpretes de língua de sinais portuguesa diante das adversidades encontradas na atividade de trabalho. A abordagem teórica ampara-se nos pressupostos teóricos de Schwartz (2014), Schwartz e Durrive (2010), Faïta (2002), Souza-e-Silva (2002), Nouroudine (2002) e Trinquet (2010). A investigação caracteriza-se como exploratória, bibliográfica, com abordagem qualitativa. O corpus selecionado para análise é composto por relatos gravados por duas tradutoras intérpretes de língua de sinais portuguesa em relação à sua atuação durante situações de interpretação. Os resultados da análise oportunizaram constatar que as protagonistas envolvidas vivenciam dramáticas do uso de si, mobilizando formas heterogêneas de saberes, a fim de suprir o vazio de normas existente na atividade.

### **Palavras-chave**

ergologia, dramáticas do uso de si, tradutor intérprete de língua de sinais portuguesa

### **Resumen**

Partiendo de las concepciones de la Ergología, perspectiva filosófica que tiene como objetivo comprender el trabajo para transformarlo, este estudio tiene como objetivo describir y analizar la gestión del uso de sí y las re-normalizaciones del conocimiento que realizan los traductores que interpretan la lengua de signos portuguesa frente a las adversidades encontradas en la actividad laboral. El enfoque teórico se sustenta en los supuestos teóricos de Schwartz (2014), Schwartz y Durrive (2010), Faïta (2002), Souza-e-Silva (2002), Nouroudine (2002) y Trinquet (2010). La investigación se caracteriza por ser exploratoria, bibliográfica, con enfoque cualitativo. El corpus seleccionado para el análisis consta de informes registrados por dos traductores intérpretes de lengua de signos portuguesa en relación al su desempeño durante situaciones de interpretación. Los resultados del análisis permitieron constatar que los protagonistas involucrados experimentan dramáticas del uso de sí, movilizando formas heterogéneas de conocimiento para llenar el vacío de normas existentes en la actividad.

### **Palabras clave**

ergología, dramáticas del uso de sí, traductor intérprete de lengua de signos portuguesa

## Résumé

Sur la base des conceptions de l’ergologie, perspective philosophique qui s’adresse à comprendre le travail à transformer. Cette étude a pour objectif de décrire et d’analyser la gestion de l’usage de soi et les renonciations de savoirs menées par les traducteurs interprètes de langue de signes portugais face aux adversités rencontrées dans l’activité de travail. L’approche théorique repose sur les hypothèses théoriques de Schwartz (2014), Schwartz et Durrive (2010), Faïta (2002), Souza-e-Silva (2002), Nouroudine (2002) et Trinquet (2010). La recherche se caractérise par une approche exploratoire, bibliographique et qualitative. Le corpus sélectionné pour l’analyse est composé de rapports enregistrés par deux traductrices interprètes de langue de signes portugaise par rapport à leur action dans des situations d’interprétation. Les résultats de l’analyse ont permis de constater que les protagonistes concernés vivent une expérience dramatique de l’usage de soi, en mobilisant des formes hétérogènes de savoirs afin de combler le vide de normes existant dans l’activité.

## Mots clés

ergologie, dramatique d'utilisation de soi, traducteur interprète de langue de signes portugaise

## Introdução

No âmbito educacional, mais especificamente no contexto universitário, a atividade de trabalho do tradutor/intérprete de Língua de Sinais Portuguesa (TILSP) ultrapassa a ideia de uma simples tradução/interpretação entre duas línguas. Nesse ambiente, o profissional é convocado a assumir a prática interpretativa em situações variadas, mobilizando saberes por muitas vezes desconhecidos e vivenciando, constantemente, o drama de conseguir estabelecer, da melhor forma possível, uma comunicação eficiente com o sujeito surdo.

Diante dessas considerações, esta pesquisa situa-se na interface Linguagem e Trabalho e tem por objetivo descrever e analisar a gestão do uso de si e as renormalizações de saberes realizadas pelos tradutores/ intérpretes de língua de sinais portuguesa diante das adversidades encontradas na atividade de trabalho.

A fim de concretizar nosso objetivo, amparamo-nos nos pressupostos teóricos de Schwartz (2014), Schwartz e Durrive (2010), Faïta (2002), Souza-e-Silva (2002), Nouroudine (2002) e Trinquet (2010). Nesta investigação, a pesquisa caracteriza-se como exploratória, bibliográfica, com abordagem qualitativa. O corpus selecionado para análise é composto por relatos gravados por duas

tradutoras/ intérpretes de Libras em relação à sua atuação durante situações de interpretação.

A seguir, abordamos, de modo sucinto, aspectos importantes relacionados à linguagem no ambiente de trabalho e à disciplina ergológica. Na sequência, apresentamos a metodologia e a análise e, por fim, as considerações finais.

## 1. A linguagem no ambiente de trabalho

A linguagem como resultado de práticas sociais entre indivíduos torna-se fundamental para a compreensão do trabalho enquanto atividade humana. Conforme Faïta (2002), a importância qualitativa da linguagem no ambiente de trabalho, esquecida pelas práticas tayloristas, precisou ser reconsiderada, pois, para compreender como o sujeito executa suas tarefas, foi necessário ouvir o protagonista da ação, o trabalhador. Segundo esse autor, “o estudo das práticas linguageiras constitui a via que dá acesso ao conhecimento de um plano secundário no qual se situa o verdadeiro objeto” (Faïta, 2002, p. 46). Sob a perspectiva da filosofia, Abdallah Nouroudine (2002) entende a relação linguagem e trabalho em três modalidades: a linguagem no trabalho e a linguagem como trabalho que se referem aos usos da linguagem durante a atividade de trabalho, ou seja, a “comunicação” e a linguagem sobre o trabalho que corresponde à “verbalização”, às falas motivadas e exteriores à situação laboral. Neste estudo, priorizamos a modalidade “sobre o trabalho”, pois, conforme Nouroudine (2002), falar sobre sua atuação permite ao protagonista da ação refletir, avaliar, dar sua opinião e analisar seu próprio trabalho e o trabalho do outro.

Para discorrer sobre o trabalho e as questões por ele engendradas, buscamos suporte teórico nas concepções do filósofo Yves Schwartz (2010), o qual, tendo como fonte de inspiração a Ergonomia da atividade, apresenta uma abordagem filosófica do trabalho, a Ergologia. A perspectiva ergológica amplia a discussão sobre o modo singular do fazer de cada trabalhador e direciona seu olhar para as questões que envolvem o trabalho em sua dimensão, com suas histórias, seu constante debate de valores, normas e renormalizações, suas inconstâncias, suas negociações.

Conforme Schwartz, Duc, e Durrive (2010), na atividade de trabalho, há sempre uma negociação que se instaura e “cada ser humano tenta mais ou menos recompor, em parte, o meio de trabalho em função do que ele é, do que ele deseja que fosse o universo que o circunda” (Schwartz & Durrive, 2010, p. 31). Na perspectiva ergológica, o trabalho não é simples execução ou cumprimento das normas prescritas. Para atender as prescrições,

ou seja, as normas antecedentes, o sujeito cria suas próprias normas. Dessa forma, trabalhar é gerir esse debate de normas, “normas anteriores à própria atividade”. Nessa perspectiva, o agir na atividade de trabalho está no drama entre o prescrito e o real, considerado por Schwartz, Duc, e Durrive (2010) como “uso de si”, isto é, uso de seus próprios método para gerir um “vazio de normas” imposto pelo meio. Escolher essa ou aquela opção é uma forma de se escolher a si mesmo – e em seguida arcar com as consequências de suas escolhas. De acordo com esse autor, “As normas não antecipam tudo. Então, trabalhar é arriscar, fazer ‘uso de si’” (Duc & Schwartz, 2010, p. 191). Nesse sentido, a atividade de trabalho apresenta, de certo modo, uma “dramática”, a “dramática do uso de si” (Duc & Schwartz, 2010, p. 191). O sujeito faz “uso de si” quando mobiliza suas experiências, seus valores, sua singularidade, entretanto, devemos reconhecer que o trabalho é social e jamais se trabalha completamente sozinho. Ao fazer escolhas, o indivíduo envolve os “outros” com quem se trabalha. A forma pela qual se negocia “este encontro com os outros, a partir das escolhas feitas, nos remete efetivamente aos dramas mais profundos da pessoa.” (Duc & Schwartz, 2010, p. 192). Nesse sentido, o uso de si se faz por si mesmo e pelos outros que estão, de alguma forma, envolvidos direta ou indiretamente na atividade. Na atividade de um tradutor/intérprete de língua de sinais, as dramáticas do “uso de si por si” e “pelos outros” é constante, posto que a atividade interpretativa só é possível se ouver outro sujeito envolvido, neste caso, o aluno surdo.

Tratando-se do contexto universitário, os campos de atuação são ainda mais complexos e as dramáticas do profissional TILSP se intensificam. Nesse ambiente o tradutor se depara com diferentes níveis de ensino e proficiência do sujeito surdo e perpassa por diversas áreas de conhecimento, as quais exigem a mobilização de saberes desconhecidos pelo intérprete e que são determinantes para instituir sentido ao ato interpretativo. Além disso, a falta de conhecimento do aluno surdo sobre a língua de sinais, o despreparo do professor regente e dos demais alunos em relação ao surdo e à presença do intérprete em sala de aula são fatores que dificultam a ação interpretativa e acentuam as “dramáticas” vivenciadas pelo profissional forçando-o a um “uso de si” constante.

Ao gerir o uso de si por si e pelos outros em situações não previstas, o TILSP precisa invocar conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória, ou seja, seus saberes investidos, aqueles adquiridos nas experiências diárias, visto que os saberes constituídos ou saberes acadêmicos não dão conta de, sozinhos, atender os imprevistos da

atividade. Segundo Trinquet (2010, p. 100), tanto os saberes da experiência quanto os saberes acadêmico são fundamentais para compreender uma situação laboral, dado que “(...) constituem os dois lados de toda a atividade de trabalho, sua unidade dialética”. A Ergologia compartilha dessa concepção, pois percebe que mesmo sendo indispensáveis, os saberes constituídos não dão conta de explicar a situação real de trabalho, sendo necessário que o sujeito coloque em prática os saberes investidos para solucionar as inconstâncias diárias. Neste estudo, o enfoque ergológico será fundamental para compreender a complexidade de uma atividade que revela as “dramáticas do uso de si” presentes nas escolhas, na renormalização e reorganização da atividade de trabalho. Muito além das prescrições, existe a atividade real, com suas exigências e inconstâncias, e é nesse ambiente em que o trabalho se mostra muito além de mera execução.

## 2. Metodologia e análise

A metodologia que norteia esta investigação caracteriza-se como exploratória, bibliográfica, com abordagem qualitativa. O corpus selecionado para análise é composto por relatos gravados em áudios de WhatsApp com duas tradutoras/ intérpretes de língua de sinais portuguesa em relação à sua atuação durante situações de interpretação no contexto universitário, mais especificamente na Universidade de Passo Fundo, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Os recortes que apresentaremos a seguir foram retirados do depoimento de uma intérprete de 25 anos, formada em Pedagogia, e que atua há 9 anos como TILSP na Universidade de Passo Fundo, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. A intérprete iniciou sua trajetória profissional de maneira informal, acompanhando a mãe que trabalhava na Associação de Surdos (APAS). Aos 16 anos, foi contratada como tradutora/ intérprete na UPF e, por ser menor de idade, precisou da autorização dos pais para ser efetivada. Para exercer a atividade de TILSP, a profissional fez diversos cursos de capacitação em tradução e interpretação em Libras– Língua Brasileira de Sinais. No relato dado por ela, destacamos:

*“Um exemplo que agora eu lembrei, assim... o professor colocou... deu um texto assim... e dentro do texto ele falava algumas gírias gaúchas, sabe? Tinha... uma delas tinha o ‘bah’, sabe?... E daí ele: ‘tá, mas o que que é ‘bah’, né?’ Daí... daí eu expliquei: ‘ah...’, daí, tipo assim, a gente tem que tentar explicar o significado daquilo para depois falar o ‘bah’(...)”*

Ao não encontrar um sinal adequado para a expressão “Bah” encontrada no texto, a profissional precisou fazer “uso de si” e buscar em seus conhecimentos algo que pudesse traduzir e interpretar não só a palavra, mas também o sentimento de alegria, tristeza, espanto, entre outras emoções que a expressão “bah” poderia representar. Na formação do TILSP, como no ensino de qualquer outra língua, abordar todas as expressões culturais de um povo, de uma região, é, praticamente, impossível, pois não se pode prever onde o indivíduo irá trabalhar ou as palavras que irão surgir durante a atividade. Nesses momentos, o profissional se depara, conforme Schwartz, Duc e Durrive (2010), com um “Vazio de normas” e buscará reorganizar o trabalho que lhe é imposto, fazendo escolhas e realizando-o de outras formas. Por esse motivo, Schwartz, Duc, e Durrive (2010) afirmam que não há execução, mas “uso”, pois é o indivíduo no seu ser que é convocado. Logo, trabalhar é fazer “uso de si”.

Cada sujeito é único, assim, suas histórias e vivências refletem e interferem na realização da sua atividade de trabalho. Logo, trabalhar coloca em tensão o uso de si. A gestão do uso de si impõe ao sujeito “uma dramática do uso de si”, visto que ao gerir esse uso a TILPS terá que fazer escolhas e “[...] escolher essa ou aquela hipótese é uma maneira de se escolher a si mesmo – e em seguida de assumir as consequências de suas escolhas”. (Schwartz, Duc, & Durrive, 2010b, p. 191). Devemos considerar ainda, que as expressões culturais não fazem parte do mundo dos surdos. Para esses indivíduos, interjeições ou expressões com significado aos ouvintes não fazem sentido algum. Dessa forma, cabe ao intérprete buscar uma maneira de suprir esse vazio de normas fazendo escolhas conforme ela sente e percebe o mundo, ou seja, fazendo “uso de si” para cumprir sua tarefa e vivenciando a dramática das escolhas. Na sequência, a intérprete cita os constrangimentos pelos quais passa:

*“Já aconteceu de eu interpretar uma palestra, aah... a qual o palestrante falava muuuuito palavrão, muuuito palavrão. E daí... daí ele falava: agora vamos ver como é que a intérprete vai fazer. Então, daí olhava para nós e tooooooda plateia olhava também para ver como que nós ia fazer. Então, tipo, isso dava muita vergonha, né? Porque, acima de tudo, a gente é ser humano, né? Então, mesmo não sendo a gente que tá falando, a gente tem vergonha...”*

O professor ao falar palavras, as quais a intérprete julgou impróprias, colocou a profissional em uma situação de escolha e angústia. Nesse momento, entrou em cena o debate de valores durante o “uso de si” presente em toda atividade de trabalho. Segundo Schwartz, Duc, e Durrive (2010, p. 203), os valores podem ser “da ordem do político, da ética ou de relações interpessoais — pode ser a angústia de fazer mal feito...”. A intérprete precisou lidar com “a angústia de fazer mal feito” e de não atender ao prescrito, as normas antecedentes que, nesse caso, são regidas pelo Código de Ética dos TILSP. A norma destaca a fidelidade como ponto fundamental na ação do profissional, entretanto as situações de relacionamento interpessoal pouco são discutidas. O código de ética foi a “norma antecedente” que a autora do relato mobilizou ao precisar eleger uma escolha. Nesse momento, ela vivenciou a “dramática” de ter que escolher entre seus valores e o prescrito da atividade. Além disso, a situação em que o palestrante a colocou ao falar — *“agora vamos ver como é que a intérprete vai fazer”* — intensificou o seu drama, já que toda a atenção dos presentes, e com ela as avaliações e julgamentos, foram concentradas nela e na interpretação que faria na língua de sinais. Na situação relatada, a escolha da TILSP foi a de interpretar os “palavrões” mesmo indo contra seus valores e princípios.

Dramáticas como essa são constantes na atuação do TILSP e estão relacionadas com inúmeras complicações, tais como: a falta de sinais adequados a determinadas palavras, ao desconhecimento da Linguagem de Sinais por parte do aluno surdo, a rejeição pelo professor regente, o esgotamento físico e emocional, a falta de capacitação adequada, a falta de interesse do surdo, a falta de afetividade entre os protagonistas, entre outras adversidades.

### 3. Considerações finais

Esta investigação situou-se na interface Linguagem e Trabalho e teve por objetivo descrever e analisar a gestão e uso de si e as renormalizações de saberes realizadas pelos tradutores/intérpretes de língua de sinais portuguesa diante das adversidades encontradas na atividade de trabalho. A partir das análises realizadas, foi possível identificar que o TILSP faz a gestão do “uso de si” a fim de atender as inconstâncias que surgem na atividade, mobilizando saberes e os renormalizando no sentido de desenvolver seu trabalho.

A investigação pela perspectiva ergológica permitiu constatar que direcionar nosso olhar somente para a fidelidade da tradução, a qual não garante a compreensão do sujeito surdo, sem refletir sobre a dinâ-

mica que envolve o ato interpretativo, significa ignorar todos os contratemplos referentes à atividade de interpretação e à posição de trabalhador assumida pelo TILSP. Devemos levar em conta os saberes mobilizados por esses profissionais durante a atividade, conhecer os dramas, as renormalizações, as escolhas, os debates e ouvir o que eles têm a dizer sobre a situação laboral, a fim de auxiliá-los no “debate de valores” e no “uso de si” na atividade.

### Referências Bibliográficas

- Duc, M., & Schwartz, Y. (2010). Trabalho e uso de si. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Orgs.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (pp. 191-204). Niterói: EdUFF.
- Faïta, D. (2002). Análise das práticas lingüísticas e situação de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In M. Souza-e-Silva, & D. Faïta (Orgs.), *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França* (pp. 45-60). São Paulo: Cortez.
- Nouroudine, A. (2002). A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In M. Souza-e-Silva, & D. Faïta (Orgs.), *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França* (pp. 17-30). São Paulo: Cortez.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF.
- Souza-e-Silva, M. (2002). A dimensão lingüística em situações de trabalho. In M. Souza-e-Silva, & D. Faïta (Orgs.), *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França* (pp. 61-76). São Paulo: Cortez.
- Trinquet, P. (2010). Trabalho e Educação: o método ergológico. Revista *HISTEDBR*, 10, 93-113. <https://doi.org/10.20396/rho.v10i38e.8639753>.

# O agir em competência: notas sobre a atividade empreendedora em coworking.

## Actuar en competencia: notas sobre la actividad emprendedora en el coworking.

### L'agir en compétence: notes sur l'activité entrepreneuriale au coworking.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale  
d'Ergologie

**Gislene Feiten Haubrich**

Universidade do Porto  
CITCEM - Faculdade de Letras  
gisleneh@gmail.com

**Eliane Davila dos Santos**

ARF Media Tecnologia da Informação  
contato@elianedavila.com

**Ernani Cesar de Freitas**

Universidade Feevale / Universidade de Passo Fundo  
PPG em Processos e Manifestações  
Culturais/ PPG em Letras  
ernanic@feevale.br

**Resumo**

O estudo visa propor pistas de intervenção à noção de competência no contexto da atividade empreendedora em *coworking*. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico e de caráter interdisciplinar. Entre os resultados parciais, destaca-se a importância do mapeamento e compreensão dos sentidos produzidos e dos significados mobilizados pelos indivíduos no trabalho. Neste caso, os membros do *staff* em coworking podem orientar os trabalhadores acerca do agir em competência, mediante a inter-relação entre os saberes em aderência e em desaderência com a atividade, tratando-se de uma forma de retrabalhar a experiência. A matéria discursiva apoia a compreensão de como a experiência dos trabalhadores pode contribuir para o refinamento do que significa "ser competente" no contexto do empreendedorismo, especialmente quando nutrido por uma base valorativa dita colaborativa e que impele o corpo-si a renormalizar tal meio em função de suas necessidades.

**Palavras-chave**

coworking, empreendedorismo, atividade, competência, linguagem

**Resumen**

El estudio tiene como objetivo proponer pistas de intervención sobre la noción de competencia en el contexto de la actividad emprendedora en el coworking. Es una investigación exploratoria, bibliográfica e interdisciplinaria. Entre los resultados parciales se destaca la importancia de mapear y comprender los significados producidos y los significados movilizados por los individuos en el trabajo. En este caso, los gerentes del coworking pueden orientar a los trabajadores para que actúen de manera competente, mediante la interrelación entre conocimientos en adherencia y en desadherencia con la actividad, siendo una forma de reelaborar la experiencia. El material discursivo apoya la comprensión de cómo la experiencia de los trabajadores puede contribuir al refinamiento de lo que significa "ser competente" en el contexto del emprendimiento, especialmente cuando se nutre de una base de valor llamada colaborativa que impulsa al cuerpo-si a renormalizar este medio según sus necesidades.

**Palabras clave**

coworking, emprendimiento, actividad, competencia, lenguaje

## Résumé

L'étude a le but de proposer des indices d'intervention sur la notion de compétence dans le contexte de l'activité entrepreneuriale en coworking. Il s'agit d'une recherche exploratoire, bibliographique et interdisciplinaire. Parmi les résultats partiels que présente l'enquête, il faut souligner l'importance de cartographier et de comprendre les significations produites et mobilisées par les individus dans le contexte du travail. Dans ce cas, les membres du staff en *cweworking* peuvent orienter les travailleurs pour agir en compétence, en proposant l'interrelation entre les savoirs de l'activité en adhérance et en désadhérance, comme une forme de retravailler l'expérience. Le matériel discursif soutient la compréhension de la façon dont l'expérience des travailleurs peut contribuer au raffinement de ce que signifie «être compétent» dans le contexte de l'entrepreneuriat, en particulier lorsqu'il est nourri par une base de valeur dite collaborative qui pousse le corps-soi à renormaliser le milieu en-selon ses besoins.

## Mots clés

coworking, entrepreneuriat, activité, compétence, langage

### 1. Considerações Iniciais

O trabalho é base social fundadora e, enquanto criação e experiência humana, encontra na linguagem uma sofisticada forma de manifestação, dialogicamente elaborada. Entendida de tal modo, a atividade de trabalho tanto abarca quanto amplia elementos culturais, uma vez que ela decorre dos saberes tensionados pelo ser social que a vivência. As escolhas situadas do corpo-si em seu meio, entre os quais o trabalho, implicam o desenvolvimento ou o retrocesso de uma localidade, uma vez que os valores acionados são sustentados por pilares culturais que transitam entre a tradição e a inovação, no sentido de sua permanentemente, mas lenta, atualização.

A investigação adota, então, dois fenômenos para refletir acerca das configurações laborais na contemporaneidade. Por um lado, trata-se de *cweworking*, em sua tripla base (atividade, espaço e movimento), que configura-se como um arranjo organizacional constituído por meio das interações em aderência e em desaderência com a atividade laboral (Haubrich, 2021). Por outro lado, estima-se o empreendedorismo enquanto processo cultural sustentado pela atividade do/a empreendedor/a, alguém que concebe, desenvolve e realiza visões (Filion, 2002).

Mas como considerar o empreendedorismo em *cweworking* de maneira a inspirar transições voltadas ao desenvolvimento sustentável? A noção de competência (Schwartz, 2003) é definida como ponto de encontro entre estes polos. O “agir em competência” envolve indivíduos que pertencem a um meio, no qual dialógica e dialeticamente participam, mediante o ato ético vivido no processo interacional. Os ingredientes da competência permitem o desenvolvimento de critérios de autoavaliação e tendem a apoiar trabalhadores nos processos de escolha em atividade.

Justifica-se essa proposta a partir de três argumentos: a) reconhece-se que a noção de empreendedorismo pode assumir diferentes nuances, entre as quais a possibilidade de mudança social e do modo de intervenção no contexto de negócios; b) trabalhar em *cweworking* representa uma das novas configurações laborais ensaiadas por trabalhadores em contexto mundial, assentada na colaboração entre profissionais orientados por estatutos diversos; c) dada a dialogicidade na tomada de decisão individual, expressa por meio da linguagem, considera-se fundamental lançar luz às escolhas efetivadas, para além da manutenção de modelos mentais de percepção da realidade.

Diante destas ponderações, o estudo visa propor pistas de intervenção à noção de competência no contexto da atividade empreendedora em *cweworking*. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico e de caráter interdisciplinar. Entre os resultados parciais, destaca-se a importância do mapeamento e compreensão dos sentidos produzidos e dos significados mobilizados pelos indivíduos em atividade. O artigo divide-se em quatro partes, a começar por suas considerações iniciais, seguidas do ancoramento das noções base ao estudo. A terceira seção dedica-se ao entrelaçamento destas concepções e encerra-se essa discussão em fase inicial com apontamentos à estudos futuros, limitações e potencialidades acerca da abordagem.

### 2. Identificando os pontos: conceitos sob os holofotes

O diálogo entre noções ergológicas e práticas laborais vinculadas ao empreendedorismo e ao *cweworking* não é trivial ou estabelecido. Entretanto, acredita-se na fecundidade decorrente da conexão entre esses pontos, inicialmente tidos à parte. Por um lado, a ergologia se beneficia pelo avanço dos estudos vinculados às novas formas de organização de trabalho mediadas pelo suporte digital. Por outro lado, o *cweworking* encontra nos conceitos de atividade, de corpo-si e de meio potenciais de renovação que o sustentem enquanto prática resiliente (Gandini & Cossu, 2019). Por fim, privilegia-se a

noção de empreendedorismo enquanto vetor de desenvolvimento, no senso largo.

Sendo assim, propõe-se a compreensão do empreendedorismo em *coworking* enquanto suporte à construção de um olhar multidisciplinar ao trabalho humano, envolvendo complexidade e singularidade. Considera-se, então, o agir em competência e suas contribuições ao desvio de uma concepção mutiladora do trabalho, restrita à dimensão econômica. A ênfase dada à atividade destaca que os valores acionados pelo corpo-si em seu processo de apropriação da norma que, no caso de empreendedores, dirige-se à criação de negócios e de projetos. Por fim, defende-se o entendimento do trabalho enquanto manifestação cultural e, como tal, patrimônio das sociedades. Esta prerrogativa sustenta uma abertura aos estudos ergológicos para ressignificação local de fenômenos globais, como o empreendedorismo e o *coworking*.

## 2.1. O agir em competência

Os estudos seminais acerca da noção de competência no contexto organizacional já ressaltavam a relação do indivíduo com o seu ambiente. Entretanto, desde a década de 1960, especialmente nos EUA, investigações têm sido desenvolvidas com o propósito de promover modelos de avaliação orientados pela noção de controle e sustentados pela suposta possibilidade de predição da performance no trabalho (Wilcox, 2012). Nas versões mais recentes, esses modelos de avaliação fundem-se às metodologias ágeis e fortalecem uma perspectiva utilitária da noção de competência. Supõe-se, então, que as bases para a compreensão contemporânea acerca do termo ancoram-se na organização científica do trabalho, elaborada por Taylor. Questiona-se: pode um olhar mutilante ao trabalho nortear práticas laborais contemporâneas? A sofisticação tecnológica, mais uma vez, afastará a valorização da inventividade humana em prol da produtividade exploratória?

Como estímulo às possíveis respostas, destaca-se o ponto de vista ergológico, fundamentado em uma abordagem multidisciplinar e com potencial à promoção de avanços na avaliação da atividade (Schwartz, 2003). Para além do anonimato de uma lista qualificações, frequentemente descolada do real (Durrive, 2016), a perspectiva ergológica considera a relação norma e renormalização. Neste caso, a competência é reconhecida mediante o engajamento em um debate por parte do corpo-si com seu meio (Durrive, 2016). Schwartz (2003) propõe a compreensão da competência a partir do agir, no aqui e no agora, ou seja, na presença de três elementos: a) do relativamente codificado; b) do situado e inédito; c) do debate à tomada

de decisão. Emergem daí os ingredientes da competência, cuja heterogeneidade combinada instiga a criação de “modos de avaliar e diferenciar os perfis de competências” (Schwartz, 2003, p. 217).

O primeiro ingrediente é relativo ao domínio dos protocolos na atividade de trabalho. Pode-se dizer que agir em competência refere-se, de certo modo, a dominar estes protocolos, até mesmo antes de iniciar a atividade. Há um certo descentramento ou descontextualização do ser humano em relação à atividade de trabalho, absolutamente indispensável. O segundo ingrediente opõe-se ao primeiro ao enfatizar o corpo-si (Schwartz, 2014) e a apropriação singular da norma no aqui e no agora. Refere-se à incorporação da subjetividade ao histórico de uma situação de trabalho, na perspectiva do “encontro de encontros”.

Estes dois ingredientes trazem à luz a sinergia, ou a ressonância, entre o protocolo e o singular que é exercitada pelo corpo-si, debate que fundamenta a compreensão do terceiro ingrediente. O quarto ingrediente considera o diálogo entre valores e ressalta a relação entre a pessoa e o meio no qual lhe é demandado agir (Schwartz, 2003). Percebe-se que existe uma dramática, uma certa arbitragem permanente entre o uso de si “por si” e o uso de si “pelos outros”, determinando o peso que cada elemento da situação terá na interpretação do prescrito e do real. O agir em competência vai em prol do que faz valer para a pessoa, isto é, de que forma o ser humano pode interagir com esse meio e chamá-lo de “seu”. Assim, os preceitos pessoais em contato com os valores da empresa provocam um debate de normas que culminam em uma escolha, em uma tomada de decisão. Além disso, o quarto ingrediente sugere a existência de uma certa dificuldade na avaliação desse agir em competência, o que direciona à reflexão de que avaliar as competências de uma pessoa é também avaliar a si próprio, visto que, muitas vezes, é evidente certo despreparo de quem avalia. Schwartz (2003) propõe que se tenha uma avaliação virtuosa, no sentido de compreender a avaliação como um processo de “vai e vem” (dialética), expandindo a visão viciosa, individualizando, responsabilizando ou culpabilizando apenas a pessoa que exerce a atividade.

O quinto ingrediente é o impulsionamento do potencial pessoal. É o uso de si por si, pois ninguém pode descrevê-lo ou prescrevê-lo completamente. Significa que a pessoa reconhece o meio como um espaço de valor. O corpo-si fortalece os ingredientes anteriores mediante a ativação e a duplicação do potencial da pessoa com suas incidências sobre cada um. Por fim, o sexto ingrediente trata do reconhecimento das sinergias das competên-

cias. Propõe-se a criação de circulações coletivas, que são visíveis ou invisíveis, sendo elas formais ou informais, para além das prescrições. As sinergias implicam a própria vida em atividade de trabalho (Schwartz, 2003). A clareza dos seis ingredientes estabelece a fluidez de todas as virtudes do corpo, da inteligência, da cultura e podem ser conectados na atividade de trabalho.

## 2.2 Coworking

O uso de espaços compartilhados para alocar trabalhadores é uma prática crescente nas últimas décadas, especialmente pelo crescimento no número de *freelancers*, *outsourcing* e empreendedores. Os chamados espaços de inovação multiplicaram-se, mas diferenciam-se por seus enfoques, vantagens e desvantagens. Como o *coworking* se distingue entre essas abordagens? Precisamente devido ao desenvolvimento de elementos como a atividade e o movimento, que conferem ao espaço um caráter intermediador ao encontro entre os diferentes atores para a construção de soluções (Capdevila, 2016). A história do *coworking* registra seu surgimento em 2005, num esforço de trabalhadores para equilibrar o tempo investido às atividades remuneradas e aquele dedicado à família, ao lazer e outras práticas convencionadas por sua distinção com o trabalho mercantil.

Desde então, as configurações laborais vêm se alterando e os movimentos relacionados ao trabalho remoto se fortalecendo. A pandemia Covid-19, declarada em março de 2020, teve como efeito a adesão compulsória ao modelo para todas as profissões em que é viável e especula-se que essa forma de organização do trabalho seja adotada por trabalhadores e organizações no período pós-pandemia. Nesse sentido, em um cenário que remonta à crise econômica mundial de 2008, mas que dever ser ainda mais intenso, o *coworking* pode se fortalecer enquanto possibilidade de realização da atividade de trabalho. Entretanto, aspectos fundamentais ao desenvolvimento de uma comunidade precisam ser desenvolvidos e, de fato, orientar o fenômeno *coworking* na direção que avance da base corporativa à outra, resiliente, visando sustentabilidade econômica e impacto social junto às comunidades onde estão localizados os espaços (Gandini & Cossu, 2019).

## 2.3 Empreendedorismo

O empreendedorismo, como o *coworking*, é um tema polêmico no sentido de congregar diferentes concepções a depender do seu contexto de emergência e enfoque. Nesse sentido, o fenômeno se configura como um campo de estudos, uma manifestação cultural calcada na atividade de empreendedores/as. De maneira ampla,

entende-se que “empreender tem a ver com transformar uma ideia em oportunidade e, de certa forma, gerar um empreendimento” (Davila, 2019, p. 57). No ponto de vista de Filion (2018), o trabalho (*métier*) de empreendedores assemelha-se àquele dos artistas e criadores, no sentido de dedicar-se a definir e redefinir contextos. “O empreendedor da quarta revolução industrial transformou-se em um agente de criação que não para de inovar e de reinventar” (Filion, 2018, s.p.). Nesse sentido, esse autor afirma que a formação desses indivíduos precisa se transformar a fim de capacitá-los para atender às necessidades que se impõem (Filion, 2018). O ponto de vista de Filion mostra-se aberto às contribuições e potencialidades da noção de competência (Schwartz, 2003). A proposta do “conceito de si” (Filion, 2002) apresenta pistas interessantes para compreender o indivíduo que escolhe empreender. Para Filion (2002) entender o empreendedorismo demanda centrar a atenção ao ato de empreender, cujo ponto chave é o pensamento do ator empreendedor. Entretanto, Filion destaca que esta é uma das dimensões menos pesquisadas neste campo de estudos. Defende-se, então, que o diálogo entre a concepção de atividade pode contribuir na construção de reflexões que supram esta ausência e que contribuam para o desenvolvimento das sociedades.

## 3. Costurando os pontos: interfaces preliminares

Os apontamentos relativos às noções base do estudo instigam a construção de uma interface rumo a identificação de pistas de intervenção à noção de competência no contexto da atividade empreendedora em *coworking*. Enquanto arranjo organizacional, cuja constituição comunicativa se revela em diferentes níveis, condicionados à aderência e desaderência com a atividade de trabalho (Haubrich, 2021), o *coworking* é meio que se impõe e se constitui mediante estilos, estruturas e conteúdos percebidos e organizados pelos trabalhadores em situação. Por um lado, inclui normas de base protocolar explícita e outras de base cultural, nem sempre registradas, mas convencionadas entre os coabitantes do meio. Por outro lado, emergem as dinâmicas próprias desta forma de organizar o trabalho. Comum a empreendedores, *freelancers* e outros profissionais, estão os pontos de seleção organizacional, o plano a ser contratado e a estação de trabalho a ocupar. Por certo, estas escolhas implicam a atividade em sua experiência singular e provém a atualização de valores na experiência coletiva.

A forma de apropriação do meio centrada nas escolhas de consumo do *coworking* por parte dos trabalhadores, por vezes, ressalta esse arranjo organizacional como

mero provedor de serviços, esvaziado de qualquer sentido agregador que ele tem potencial de aprimorar. Essa forma de interação entre os diferentes atores que participam da sua edificação, não o destitui da constituição de meio, mas ao contrário, atua para a simplificação da noção de espaço e para a construção de valores opositos aqueles herdados do movimento *coworking*, como comunidade, abertura e sustentabilidade. Em suma, tal visão concebe a experiência da atividade como mera tarefa a ser realizada. Nesse sentido, pensar essa prática laboral a partir da competência aponta para o aprofundamento da dimensão da intervenção singular na edificação da coletividade.

Assim, tendo em conta a relevância do papel dos gestores em *coworking* para que a noção de comunidade se edifique (Haubrich, 2021), desenvolver uma abordagem, primeiramente voltada ao apoio de empreendedores, que evidencie a noção de competência parece ser um importante percurso. Para tanto, elencam-se duas perspectivas que têm como centro o si, o ser que age. Com a noção de conceito de si (*self-concept*), Filion (2002) destaca como a percepção do indivíduo sobre si mesmo, acerca de suas habilidades e autoestima, determina a cristalização de imagens e sustenta o que ele chamada de processo visionário. Importa lembrar que na perspectiva de Filion (2018), empreender decorre das possibilidades que o ator, *si (self)*, têm de sonhar, de vislumbrar uma atividade.

Também a noção de atividade, fonte e alicerce do agir em competência, só pode ser compreendida mediante o encaixamento de debates de normas promovido pelo ser que trabalha, que não é só biológico, mas histórico e singular. O conceito de corpo-si, elucidado por Schwartz (2014), é contributivo à proposta de Filion, especialmente mediante a centralidade à renormalização. Trata-se, então, de estudar o empreendedorismo enquanto atividade, que com apoio mediador do *staff* em *coworking*, pode ser uma experiência formadora aos trabalhadores. Esse modo de enxergar o agir em competência permite integrar o corpo-si, em todas as dimensões da vida e lançar luzes ao meio em que ele se encontra. O agir em competência favorece a visão do todo, evitando a sobrecarga do/a empreendedor/a em sua atividade.

Avaliar a competência, especialmente tendo em conta os valores mobilizados pelo corpo-si, é atividade complexa que implica a busca por modos de evidenciar pontos de vista. Entende-se que para isso o papel mediador do *staff* parece fundamental. A partir da criação de alternativas que instigam situações formais e informais de interação entre os trabalhadores, pode-se construir

instrumentos para mapeamento e compreensão dos sentidos produzidos e dos significados mobilizados pelos indivíduos no trabalho. Neste caso, os membros do *staff* em *coworking* podem orientar os trabalhadores acerca do agir em competência, mediante a inter-relação entre os saberes em aderência e em desaderência com a atividade, tratando-se de uma forma de retrabalhar a experiência.

Tal abordagem corrobora com o desenvolvimento da terceira onda do *coworking*, cuja ênfase está no esforço “para facilitar o desenvolvimento de vínculos ‘realmente comunitários’ dentro e para além do espaço” (Gandini & Cossu, 2019, p. 15). Acredita-se que a matéria discursiva apoia a compreensão de como a experiência dos trabalhadores pode contribuir para o refinamento do que significa “ser competente” no contexto do empreendedorismo. Pode-se afirmar que, por um lado, cabe aos membros do *staff* encontrar alternativas para o aprimoramento, ou mesmo resgate, da base valorativa dita colaborativa, que impele o corpo-si a renormalizar tal meio em função de suas necessidades. Mas que, por outro lado, os *coworkers*, ou trabalhadores que escolhem seu meio, especialmente o/as empreendedor/as, abrir-se e incluir tal espectro na edificação de seus negócios e projetos.

#### **4. Considerações em ebulação**

Esta investigação, em fase exploratória, propõe a construção de pistas de intervenção à noção de competência no contexto da atividade empreendedora em *coworking*. O ponto de partida está no encontro de perspectivas de ressaltam a atividade como elemento para abordagem do trabalho. Inicialmente, desenvolve-se a noção de competência enquanto maneira de evidenciar o ponto de vista da atividade (Durrive, 2016), mediante o modelo dos ingredientes (Schwartz, 2003). Considera-se que a noção de empreendedorismo pode assumir novos tons, especialmente ao enfatizar o ato de empreender, o que potencializa a prática resiliente em *coworking* (Gandini & Cossu, 2019).

Em tratando-se de uma reflexão inicial, exercitada a partir de concepções teóricas, por certo limita-se a investigar a proposta de novos pressupostos no entorno do tema. Para estudos futuros, sugere-se a ampliação do estado da arte acerca da noção de competência, tendo em conta abordagens propagadas em escolas de negócios e em publicações voltadas às áreas de recursos humanos e de gestão de pessoas. Importa também expandir a compreensão acerca do trabalho empreendedor no que se refere às práticas e à responsabilidade social e comunitária de negócios e projetos. Para além

da escalabilidade, sugere-se o desenvolvimento de políticas que valorizam a produção e consumo de bens e serviços locais. Nesse sentido, a noção de competência, que ressalta a intervenção humana na realização das dimensões burocráticas que enfatizam o prescrito do empreendedorismo, traz à luz a saberes que podem ser formadores aos demais atores do sistema coletivo.

### **Referências Bibliográficas**

- Capdevila, I. (2016). Une typologie d’espaces ouverts d’innovation basée sur les différents modes d’innovation et motivations à la participation. *Revue Gestion 2000*, 33(4), 93–115. <https://doi.org/10.3917/inno.048.0087>
- Davila, E. (2019). *Mulheres Empreendedoras em Parques Científicos e Tecnológicos: a construção discursiva de imagens de si na Espanha e no Brasil* [Feevale university]. <https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/000020/000020a5.pdf>
- Durrive, L. (2016). *Compétence et Activité de Travail*. L'Harmattan.
- Filion, L. J. (2002). Self-Space and Vision. In A. M. Castell, A. J. Gregory, G. A. Hindle, M. E. James, & G. Ragsdell (Eds.), *Synergy Matters*. Springer. [https://doi.org/10.1007/0-306-47467-0\\_103](https://doi.org/10.1007/0-306-47467-0_103)
- Filion, L. J. (2018). D’entrepreneur à agent de création: devenir des générateurs continus d’innovations. *Gestion - HEC*, 43(4), 16–17. <https://www.cairn.info/revue-gestion-2018-4-page-16.htm>
- Gandini, A., & Cossu, A. (2019). The third wave of coworking: ‘Neo-corporate’ model versus ‘resilient’ practice. *European Journal of Cultural Studies*. <https://doi.org/10.1177/1367549419886060>
- Haubrich, G. F. (2021). Mediation matters: The role of staff in coworking constitution. In M. Orel & O. Dvouletý (Eds.), *The Flexible Workplace - Coworking and Other Modern Workplace Transformations*. Springer Nature. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-62167-4\\_9](https://doi.org/10.1007/978-3-030-62167-4_9)
- Schwartz, Y. (2003). Usage de soi et compétence. In Y. Schwartz & L. Durrive (Eds.), *Travail et Ergologie: entretiens sur l’activité humaine (I)* (pp. 201–2018). Octarès éditions.
- Schwartz, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, 49(3), 259–274.
- Wilcox, Y. (2012). *An Initial Study to Develop Instruments and Validate the Essential Competencies for Program Evaluators (ECPE)*. University of Minnesota.

# **Das possibilidades de transmissão: o conto literário como narrativa da pesquisa sobre terceirização do setor elétrico brasileiro.**

# **De las posibilidades de transmisión: el relato literario como narrativa de la investigación sobre la subcontratación en el sector eléctrico brasileño.**

# **Sur les possibilités de transmission: le conte littéraire comme récit de recherche sur la sous- traitance du travail dans le secteur électrique brésilien.**

**U.PORTO**

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



**U.PORTO** FACULDADE DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie



### **Laís Di Bella Castro Rabelo**

Psicóloga Autônoma

Rua Cyro Vaz de Melo, 508, casa 10, Dona Clara, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
laisdibella@gmail.com

### **Vanessa Andrade de Barros**

Universidade Federal de Minas Gerais  
Av. Maria Elizabeth, 265/302, Cabo Branco, João Pessoa, Paraíba, Brasil  
vanessa.abarros@gmail.com

### **Resumo**

Esse trabalho visa debater possibilidades de transmissão do conhecimento científico a partir de uma pesquisa de doutoramento sobre a temática da precarização do setor elétrico brasileiro. Por meio da trajetória de eletricistas subcontratados que sofreram acidentes de trabalho mutilantes, caracterizados por necroses de braços e pernas causadas por choques elétricos de alta tensão, compusemos um conto literário que almejou substituir um possível capítulo de “resultados” na tese doutoral. Compreendendo que há valores sem dimensão que são engajados durante a pesquisa, especialmente aquela que se desdobra a partir de encontros com corpos-sí em situação de exclusão social, questionamos como as normas antecedentes do texto acadêmico, tão distantes da classe que vive do trabalho, poderiam restituir, minimamente, sua visibilidade. Interpelamos, assim, as renormalizações necessárias para as transformações das práticas e dos discursos de caráter mutilante.

### **Palavras-chave**

subcontratação, acidente, renormalização, escrita acadêmica

### **Resumen**

Este trabajo tiene como objetivo discutir las posibilidades de transmisión del conocimiento científico a partir de una investigación doctoral sobre el tema de la precariedad en el sector eléctrico brasileño. A través de la trayectoria de electricistas subcontratados que sufrieron accidentes laborales mutilantes, caracterizados por necrosis de brazos y piernas provocadas por descargas eléctricas de alto voltaje, compusimos un relato literario que pretendía reemplazar un posible capítulo de “resultados” en la tesis doctoral. Entendiendo que hay valores sin dimensión que se involucran durante la investigación, especialmente la que se despliega a partir de encuentros con cuerpos-sí en situación de exclusión social, cuestionamos cómo las normas antecedentes del texto académico, tan alejadas de la clase que vive del trabajo, podría restaurar mínimamente su visibilidad. Así, cuestionamos las renormalizaciones necesarias para la transformación de prácticas y discursos mutiladores.

### **Palabras clave**

subcontratación, accidente, renormalización, redacción académica

## Résumé

Este trabajo tiene como objetivo discutir las posibilidades de transmisión del conocimiento científico a partir de una investigación doctoral sobre el tema de la precariedad en el sector eléctrico brasileño. A través de la trayectoria de electricistas subcontratados que sufrieron accidentes laborales mutilantes, caracterizados por necrosis de brazos y piernas provocadas por descargas eléctricas de alto voltaje, compusimos un relato literario que pretendía reemplazar un posible capítulo de "resultados" en la tesis doctoral. Entendiendo que hay valores sin dimensión que se involucran durante la investigación, especialmente la que se despliega a partir de encuentros con cuerpos-sí en situación de exclusión social, cuestionamos cómo las normas antecedentes del texto académico, tan alejadas de la clase que vive del trabajo, podría restaurar mínimamente su visibilidad. Así, cuestionamos las renormalizaciones necesarias para la transformación de prácticas y discursos mutiladores.

## Mots clés

sous-traitance, accident, renormalisation, rédaction académique

O texto em tela visa debater as (im)possibilidades de transmissão do conhecimento científico a partir de uma pesquisa de doutoramento que tratou de questões relativas à terceirização do setor elétrico brasileiro. O setor elétrico é considerado de altíssimo risco para seus trabalhadores quando comparado às demais atividades produtivas, pois engendar energia elétrica é lidar com um produto invisível e inodoro, de alta complexidade. A situação é mais grave para os eletricistas terceirizados, que têm, em média, 400% a mais de possibilidade de sofrer acidentes fatais em relação aos empregados do quadro próprio das empresas distribuidoras e fornecedoras de energia. Quando não são fatais, é comum que os acidentes causem queimaduras severas com consequente necrose e mutilação de membros dos corpos dos trabalhadores. Pesquisas que contemplam análises de diferentes dados estatísticos evidenciam que as condições de trabalho impostas pela terceirização estão na base das causas dos acidentes do setor elétrico brasileiro, porque, maioritariamente, neste país, a terceirização é utilizada para a redução de custos por meio da exploração das relações precárias de trabalho via externalização da mão de obra, o que se denomina subcontratação econômica (Rabelo, 2020).

Apesar da extensa literatura sobre a terceirização do trabalho, a discussão acadêmica não tem conseguido alcançar os atores afetados pela subcontratação (Cou-

tinho, 2015), especialmente no que se refere à dimensão subjetiva. Especificamente, as pesquisas que abordam a temática no contexto do setor elétrico são realizadas, maioritariamente, mediante a análise de acidentes; crônicas da atividade; apreciação de processos judiciais e descrição de panorama estatístico (Rabelo, 2020). Entretanto, notamos a ausência de estudos que enfatizam a experiência daqueles trabalhadores que sobreviveram, ainda que mutilados, aos acidentes de trabalho graves causados pela precarização do trabalho terceirizado. O Brasil é um país marcado pela insuficiência e desigualdade que impõem, muitas vezes, dolorosas engenhosidades para a produção de uma atividade industrial (Schwartz, 2011). O pano de fundo da discussão que propomos aqui é um contexto onde se trabalha temendo "morrer ou ficar aleijado" (Rabelo, 2020). Por meio da trajetória de seis eletricistas terceirizados, do estado de Minas Gerais, que sofreram acidentes de trabalho mutilantes, caracterizados por necroses de braços e pernas causadas por choques elétricos de alta tensão, compusemos um estudo sobre os impactos psicossociais da subcontratação do trabalho num setor de alto risco. Contudo, ao nos depararmos com a necessidade de transmitir os resultados da pesquisa, questionamo-nos: Como explicar o que é ser trabalhador terceirizado do setor elétrico no estado de Minas Gerais? Como abordar os acidentes e suas consequências tão dilacerantes? Que palavras usar para o indizível? E por que não pensar na escrita como possibilidade de desafiar algumas convenções da comunicação científica? Como falar da experiência desse trabalhador que é vulgarmente nomeado "peão" de empreiteira, dentro da categoria eletricitária?

O termo peão é comumente utilizado para designar a classe mais baixa de trabalhadores. Aqueles mais numerosos e também menos valiosos. No jogo de xadrez, com movimentos limitados, são os que se encontram expostos para proteger as peças mais importantes, tal como o casal real. Peões são também nomeados os soldados de infantaria, que na primeira linha do embate, de forma abundante, estão desprotegidos de armas mais sofisticadas e lutam a pé, em quaisquer condições, sejam de terreno, meteorológicas ou de inimigo mais combativo, representando a força primária de um exército que buscará maiores conquistas em função de seu sacrifício. Como no jogo e na guerra, no sistema do capitalismo, o peão é aquele que expõe sua própria vida em benefício de outrem. Numerosos e descartáveis, os peões têm sua singularidade à margem da observância, negada socialmente. Representam uma história anônima que tem, na verdade, muitos nomes. Como uma

tese de doutorado destinada à titulação acadêmica, tão distante da classe que vive do trabalho, especialmente aquele marcado pelo precário, poderia restituir, minimamente, sua visibilidade? Interrogamos a forma de transmitir a experiência de pesquisa: como escrever sobre ela se é inenarrável? Qual o formato possível para aproximar os leitores? Seria possível um peão mutilado ser personagem principal?

Buscando uma saída plausível para ir ao encontro da atividade dos trabalhadores que participaram da pesquisa, compusemos um conto literário que almejou substituir um possível capítulo de “resultados” da tese dourado. Um conto verossímil, baseado em fatos reais vivenciados e compreendidos durante a pesquisa de campo. Considerando que as palavras impressas em texto escrito se encontram em lugar muito remoto da realidade concreta, convidamos os leitores a adentrar a realidade dos sujeitos que participaram do estudo a partir de uma narrativa repleta de afetos. Compreendendo que há valores sem dimensão que são engajados durante a pesquisa, especialmente aquela que se desdobra a partir de encontros com corpos-si que encontram-se em situação de exclusão social, debatemos aqui as normas antecedentes do texto acadêmico. A inclusão do gênero literário ao texto-tese foi a solução encontrada para transmitir o indizível: o cenário que diz respeito ao trabalho precário, o acidente e suas reverberações avassaladoras na vida desses sujeitos. O conto versa sobre fatos reais. Não é fruto da imaginação das pesquisadoras, mas sim escolha de formato na medida em que não há, de fato, resultados “categorizáveis” oriundos dessa pesquisa. Trata-se de uma bricolagem a partir de aspectos observados durante seis anos de submersão profunda na temática. Indica o uso da linguagem em busca da restituição de protagonismo através das letras. Narrativa sobre pessoas, e não sobre peão, ou – mais “científico” seria – objeto de pesquisa. Assim almejamos a produção de uma ciência outra. Aquela de potência interpretativa. A forma na ciência é retórica artefactual-social de fabricar o mundo, disse-nos Donna Haraway (1995). Não houve de nossa parte tentativa ilegítima da objetividade. Todas as explicações científicas são mediadas. A racionalidade é uma ilusão de ótica, logo é hora de mudar a metáfora (Haraway, 1995) O conto gira em torno da história de um personagem, nomeado Douglas e assim se inicia:

*“Depois de seis meses sem emprego no norte do estado de Minas Gerais, Douglas decidiu tentar a vida no Triângulo Mineiro. Toda a gente dizia que nas plantações de café não faltavam empregos.*

*Convenceu a família. Foram todos, apesar dos protestos da filha caçula Mariana. No caminho, o marido da prima Edivânia telefonou: “Cês tão vindo mesmo? Douglas, essas lavouras só exploram nós. Arrumei um conhecido que tem uns contatos pra trabalhar de eletricista.” “Eletricista? Mas não precisa de curso, isso não?” “Faz tudo na firma mesmo.” A imagética da profissão começou a se instalar ali. Eletricista. Usaria uniforme, daqueles com tiras fluorescentes nas canelas. Douglas sorriu satisfeito. São Romão Engenharia era o nome da empresa. Na verdade, diziam empreiteira. Mas logo estaria na Eletrikamig, era questão de tempo, ele pensou. Empresa de verdade, “a melhor energia do Brasil” afirmava enfática a propaganda no rádio.*

Escrevemos uma narrativa particular, mas todos os aspectos do conto fazem parte da história dos trabalhadores que concederam entrevistas em profundidade para a pesquisa. Contudo, o protagonista nunca existiu, de facto, enquanto indivíduo singular mas como sujeito social, constituído nas tramas coletivas que compõe a sua singularidade. Assim, a narrativa apresentada é resultante de um amálgama da realidade dos trabalhadores terceirizados do setor elétrico em Minas Gerais. Falamos do todo através de um, pois “o único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular” (Haraway, 1995). Reinventamos a forma de escrever para nos aproximar dos engajamentos da atividade humana (Schwartz, 2003). O encontro de encontros refere-se, sempre, a um concentrado de história. A teoria, com seus conceitos, é instrumento para refletir as vivências, mas os conceitos só serão eficientes se puderem destacar um singular, por isso é preciso colocá-los em história (Duraffourg, 2013). Aproximamo-nos de uma situação de trabalho com um conto nos conduz a tocar com o dedo naquilo que a atividade humana nos engaja e nos custa, porque ela nos obriga sempre, mais ou menos, a criar, a inventar e, por isso mesmo, a nos reinventar. O conto almeja produzir uma aproximação que a escrita técnica talvez não alcançaria, pois busca tocar a (im)possibilidade da experiência. Ainda além, busca provocar uma experiência, aquela de olhar de dentro, de compreender uma situação de vida sem negligenciar seus cheiros e core. A literatura gera empatia através de uma linguagem ordinária que busca reverberar memória afetiva:

*“Douglas também se deu conta de que o trabalho deles não avançava. A eles cabia sempre o serviço grosso, o pesado. Abriam caminho, mas eram*

*os “eletrikamigueiros” que davam continuidade e ficavam com as tarefas mais sofisticadas relativas à eletricidade. Certa vez, presenciou a equipe da Eletrikamig chegar. Ele observou que os uniformes deles eram limpos e novos. Reparou que eles se comunicavam com aqueles radinhos tecnológicos. “Walktalk que fala, né?” As luvas não estavam furadas. Os equipamentos não estavam emendados com fita isolante. “Vamos embora, gente!”, gritou Morcego. “Começar outra labuta pra esse pessoal pegar no leve depois”. Disse Borges, ao pé do ouvido de Douglas. “E salário deles é muito maior que o nosso, sabia? Ainda por cima eles têm plano de saúde, até pra família... ticket alimentação, que dá até pra fazer supermercado.” (...)*

*Subiu ao poste. Acessou a rede. Uma descarga elétrica de 7960 volts. Apagou. Quando acordou, percebeu que estava dentro do porta-malas de um Fiat Uno. Uma mulher desconhecida ao volante corria levantando poeira pela estrada. Corriam. Douglas sentia um cheiro de queimado e um ardor forte e indefinido. Entre urros, balbuciou: -Alguém tira as minhas luvas, tão me queimando! Mas elas tinham ficado grudadas no fio. A visão era turva, mas quando olhou para baixo percebeu que a botina do pé direito estava estourada, igual torresmo. O sangue se espalhava e ele tentava distinguir se o que enxergava eram os próprios ossos. A motorista também gritava aos prantos: -É pele? Isso grudado em mim é pele dele? O carro parou. Ela acelerava, mas os pneus giravam no próprio eixo. A mulher, que morava na casa mais próxima de onde ocorreu o acidente, já não conseguia tirar o automóvel do lugar. Borges havia corrido até lá para pedir ajuda. Eles não tinham sinal de telefone e o caminhão da empreiteira tinha se deslocado para levar equipamentos para uma terceira equipe. Desesperados, pararam uma caminhonete conduzida por um fazendeiro que transportava capim para gado. Os três colocaram Douglas na carroceria, e o verde foi tingido de vermelho. Cada buraco do caminho de chão de terra fazia a dor reverberar no cérebro. Até que chegaram ao posto de saúde da cidade mais próxima.*

Nesse formato, renormalizamos a transmissão no texto acadêmico buscando esmiuçar os dramas o originam. A vida se traduz em dramáticas (Schwartz & Durrive, 2009) e os dramas, os acontecimentos cotidianos ja-

mais estão fora de um contexto, de um romance que é seu pano de fundo. Nosso romance literário, porém verossímil, pois inspirado concretamente na experiência vivida da pesquisa, vem trazer o lugar do (di)vulgar ao texto acadêmico. Poderia Dante Alighieri ter trazido o inferno do seu panorama político social à comunidade de maneira mais acessível se não através de uma "Divina Comédia"? A ficção é tomada como uma maneira privilegiada de compreensão da realidade (Soulages, 2009). Por meio dos fatos narrados, podem-se avançar as reflexões relativas à precarização do trabalho terceirizado, aos impactos avassaladores do acidente mutilante na vida cotidiana e a impossibilidade de acesso à reparação de danos via poder judiciário:

*“A filha caçula chorou assustada ao ver o pai acamado com todas aquelas deformidades no corpo. Ela não quis ficar de jeito nenhum, nem cinco minutos de visita. No colo da mãe, Mariana virava o rostinho insistentemente em direção à porta e soltava gritos agudos afirmado seu anseio de ir embora. “Meu Deus, eu virei uma aberração que nem minha filha quer olhar pra mim. Melhor nem trazer ela mais aqui, que isso é sofrimento demais”. Decidiram que ela passaria um tempo na casa dos avós, na cidade natal de Douglas. Cinco cirurgias. Foram três meses de internação. A descarga elétrica que atravessara seu corpo deixara mais consequências do que lhe roubar três membros. Estava surdo de um ouvido, sessenta por cento do corpo tinha cicatrizes de queimadura. Não podia tomar sol. Risco de câncer de pele. Não podia se esforçar muito. Risco de parada cardíaca. Recomendação de fisioterapia para mover a perna que lhe restava e para tentar retardar a escliose. Essa última era quase certeira, o equilíbrio do corpo tinha sido completamente alterado e a coluna tentaria uma compensação”. (...)*

A dependência estava ali em todos os detalhes. Naquele fim de manhã sentiu vontade de colocar mais um pouquinho de feijão no arroz que sobrava no prato. Mas teria que pedir alguém para fazê-lo. Já bastava ter a comida servida em sua boca. Deixou pra lá. Foi deixando pra lá suas pequenas vontades. Elas não tinham lugar. Elas não faziam sentido. Já era demais ter que pedir para a esposa limpar seu ânus quando defecava. Não por um dia, mas por todos os dias. Para o resto da vida. Ter o espaço íntimo constantemente invadido. Uma criança fadada a não crescer. Não limpar a própria

bunda? Ninguém merece! “O que eu sou agora? Um eletricista que não pode nem mais trocar uma lâmpada!” Como o neutro da rede, ele se via sem energia. Inútil e inativo. Não queria mais cogitar sair de casa. Era difícil demais. Não só o esforço do corpo era penoso e desgastante, mas ter que lidar com aquelas senhoras que não hesitavam em perguntar: -Foi acidente de moto? -Não, foi choque elétrico. -Choque elétrico? Meu Deus, como assim? -Desculpa dona, mas eu tô com pressa. Ou com aqueles que, tomados por uma súbita solidariedade, esticavam o braço oferecendo moedas: “Não sou mendigo não, moço. Pode dar sua esmola pra quem tá precisando, talvez uma criança passando fome. (...)

O perito engenheiro, nomeado pelo juiz responsável pelo processo judicial de Douglas, pouco guiava a reunião [judicial com finalidade de investigação pericial]. A advogada da empreiteira e o advogado da Eletrikamig aproveitando-se, sem titubear, da falta de pulso firme do profissional que deveria estar ali assegurando a imparcialidade da investigação do acidente de trabalho, perguntavam em tom agressivo: “Douglas, você é adulto, você sabia que tinha que ter feito aterramento, não é mesmo? Usar EPI era sua responsabilidade. Você aprendeu isso durante seu treinamento, não é mesmo?” Douglas tremia nervoso. Pior que sofrer um acidente, é ser vítima de um crime. Pior que ser vítima de um crime, é ser culpado no lugar e pelo seu próprio algoz.

Concluímos aqui que a transmissão, seja ela de energia ou de conhecimento não pode ter um caráter mutilante. Fazem-se necessárias renormalizações das práticas e dos discursos para que transformemos a realidade. A pesquisa se apresenta nas suas (im)possibilidades que se concretizam a partir do engajamento ético-político, aquele de manejo imprevisível: “Dobrar-se sobre um campo de pesquisa é colocar-se em envolvimento na complexidade, engajar-se em um entrelaçamento cujo destino não é certo, nem para si mesmo, nem para a pesquisa” (Silva, 2019) p. 19), é atividade e, logo, “(...) lugar de debates com resultados sempre incertos entre as normas antecedentes enraizadas nos meios de vida e as tendências à renormalização ressingularizadas pelos seres humanos” (Schwartz, 2005). Não começamos sabendo para onde iríamos, mas chegamos, certamente, a um novo forma de dizer sobre o que produzimos.

## Referências Bibliográficas

- Coutinho, G. (2015). *Terceirização: Máquina de moer gente trabalhadora*. LTr.
- Duraffourg, J. (2013). Um robô, o trabalho e os queijos: algumas reflexões sobre o ponto de vista do trabalho. *Trabalho & Educação*, 22(2), 37–50.
- Haraway, D. (1995). Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7–41.
- Rabelo, L. (2020). “*Ou morre ou fica aleijado*”: Um estudo sobre o corpo-si mutilado pelo trabalho terceirizado no setor elétrico em Minas Gerais [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
- Schwartz, Y. (2003). Trabalho e saber. *Trabalho & Educação*, 12(1), 21–34.
- Schwartz, Y. (2005). Actividade. *Laboreal*, 1(1), 63–54. <https://doi.org/10.4000/laboreal.14272>
- Schwartz, Y. (2011). Intervenção, experiência e produção de saberes. *Revista Serviço Social & Saúde*, 10(2), 19–43. <https://doi.org/10.20396/ssss.v10i2.8634834>
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2009). *L'activité en dialogues. Entretiens sur l'activité humaine (II) suivi de: Manifeste pour un ergoengagement*. Octarès Editions.
- Silva, M. S. (2019). *Do corpo disciplinar ao corpo real: O trabalho dos agentes de segurança penitenciária* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
- Soulages, F. (2009). A ficção fotográfica: Antropologia & estética. In *A invenção de um mundo: Coleção da Maison Européene de La Photographie* (pp. 148–155). Itaú Cultural.

# A tessitura do diálogo entre os Saberes Primevos dos caboclos do Baixo Amazonas e o Saber Investido no corpo-si: o patrimônio imaterial na escola.

**La tessitura del diálogo entre los sables primitivo de los “Caboclos” de la Amazonía Baja y el sable investido en el cuerpo-si: el patrimonio intangible en la escuela.**

**Le tissage du dialogue entre les savoirs primitifs des "Caboclos" de la Basse-Amazonie et le savoir investie dans le corps-soi: le patrimoine immatériel à l'école.**



**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



**U.PORTO** FACULDADE DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie 

**Mariana Veríssimo**

PUC-Minas/FAE-UFMG

Rua Dom José Pereira Lara 202/201, Coração Eucarístico, Belo Horizonte, Brasil  
mverissimo@pucminas.br

**Denilson Diniz Pereira**

Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia ICSEZ-UFAM  
Rua Parananema, 688, Djard Vieira, Parintins, Brasil  
denilsondinizp@ufam.edu.br

**Resumo**

Este trabalho faz uma discussão sobre os Saberes Primevos dos povos ribeirinhos, também denominados caboclos, do Baixo Amazonas e os Saberes Investidos. Objetiva-se evidenciar os Saberes Primevos e os Saberes Investidos como instrumentos de desenvolvimento local. É baseado em uma pesquisa com metodologia qualitativa de inspiração etnográfica realizada na cidade de Parintins, no Baixo Amazonas que possibilitou o convívio com a população ribeirinha. As observações foram anotadas em diário de campo e em registros fotográficos. Destaca a importância dos saberes primevos para se construir formas engajadas de se posicionar no mundo de modo a transformá-lo e de se promover a valorização do patrimônio local no Baixo Amazonas. Discute sobre a ação de construção do saber investido pelo corpo-si ao acessar o saber constituído e os saberes primevos dos caboclos do Baixo Amazonas. Finalmente indica um movimento necessário da escola no sentido de evidenciar a relevância dos saberes primevos para se promover o desenvolvimento local.

**Palavras-chave**

desenvolvimento local, patrimônio imaterial, saberes primevos, saber investido, Baixo Amazonas

**Resumen**

Este trabajo hace una discusión sobre el conocimiento primigenio de los pueblos ribereños, también llamado caboclos, la Amazonía Baja y el Conocimiento Invertido. El objetivo es destacar el conocimiento primigenio y el conocimiento invertido como instrumentos de desarrollo local. Se basa en una investigación con metodología cualitativa de inspiración etnográfica llevada a cabo en la ciudad de Parintins, en la Amazonía Baja que permitió la coexistencia con la población ribereña. Las observaciones se registraron en revistas de campo y registros fotográficos. Destaca la importancia del conocimiento primigenio para construir formas comprometidas de se posicionar en el mundo con el fin de transformarlo y promover la valorización del patrimonio local en la Amazonía Baja. Analiza la acción de construcción del conocimiento investido en el cuerpo-si al acceder al conocimiento constituido y el conocimiento de los caboclos de la Amazonía Baja. Por último, indica un movimiento necesario de la escuela para resaltar la relevancia del conocimiento primigenio para promover el desarrollo local.

## Palabras clave

desarrollo local, patrimonio inmaterial, conocimiento primigenio, conocimiento investido, Amazonía Baja

## Résumé

Ce travail fait une discussion sur le savoirs primitifs des peuples qui habite des bordes de la rivière, également appelé "caboclos", qui habite dans la Basse-Amazonie et le savoir investie. L'objectif est de mettre en évidence les savoirs primitifs et les savoirs investies en tant qu'instruments de développement local. Il est basé sur une recherche avec une méthodologie qualitative d'inspiration ethnographique réalisée dans la ville de Parintins, dans la Basse-Amazonie. Les observations ont été notées dans des cahiers du terrain et des documents photographiques. Il souligne l'importance des connaissances amorcées pour construire des moyens engagés de positionner dans le monde afin de lui transformer et de promouvoir la valorisation du patrimoine local en Basse-Amazonie. Il traite de l'action de construction des savoirs investies par le corps-soi lors de l'accès au savoir constituée et les savoirs primitifs du peuple de la Basse-Amazonie. Enfin, il indique un mouvement nécessaire de l'école pour souligner la pertinence des savoirs primifis pour promouvoir le développement local.

## Mots clés

développement local, patrimoine immatériel, savoir primitifs, savoir investie, Basse Amazonie

## Introdução

O processo de globalização evidencia a necessidade de se fazer escolhas entre estimular o desenvolvimento local que valoriza o patrimônio material e imaterial da comunidade ou estimular outro tipo de desenvolvimento mundial que valoriza o patrimônio externo à comunidade. O primeiro leva ao desenvolvimento e fortalecimento da própria cultura e dos saberes locais e o segundo promove o desenvolvimento da modernização e ocidentalização. No primeiro se localizam os saberes primevos e os saberes investidos e no segundo estão os saberes constituídos. Este texto tem como objetivo evidenciar os Saberes Primevos e o Saber Investido como categorias que permitem evidenciar o patrimônio e o desenvolvimento local. Considera o corpo-si, que procede de maneira complexa, tendo à disposição os saberes constituídos e os saberes primevos, age como uma usina ou um atelier na tessitura do Saber Investido no corpo-si que são evidenciados aqui como instrumentos de desenvolvimento local.

O texto tem origem em uma pesquisa qualitativa de

inspiração etnográfica realizada em 2019 na cidade de Parintins, no Baixo Amazonas. Essa metodologia possibilitou o convívio com a população ribeirinha, denominados caboclos que vivem próximo da natureza de onde retiram muitas das suas necessidades básicas para existência. As observações foram anotadas em diário de campo e foram feitos também registros fotográficos. Verificou-se que os caboclos recorrem aos saberes primevos, elaborados pelas gerações anteriores e que fazem parte da forma de viver e de se relacionar com aquele meio para sobreviverem na floresta. Esses saberes são diferenciadores que determinam posições culturais, políticas e econômicas para os ribeirinhos. Entretanto os saberes primevos dessa comunidade são desconsiderados nas escolas locais, embora sejam eles que propiciam as condições para se viver ou morrer nessa região. A reflexão que se propõe neste texto é sobre o desenvolvimento do patrimônio dos povos ribeirinhos baseado nos seus saberes primevos e no saber investido.

O texto está organizado em duas partes intrinsecamente relacionadas. A primeira apresenta os saberes primevos e o saber investido como instrumento de desenvolvimento local e a segunda questiona as dificuldades dos saberes primevos e dos saberes investidos serem considerados como saberes apreciáveis e desejáveis pela escola.

## Da constituição do saber investido

Os Saberes Primevos são construídos no coletivo e na aderência local que trazem em si riquezas que seus próprios autores negligenciam. Tais saberes não passam pelo crivo da ciência e nem da sistematização acadêmica, mas seguem as exigências, as normas e os padrões da comunidade. Trata-se de saberes comunicados na oralidade por meio da linguagem, dos símbolos e dos gestos locais para responder às infidelidades do meio, mas nem sempre se tem a intenção de comunicá-los. Para Chassot (2014, p. 246)

"Mais recentemente os saberes populares passam a ser nominados também de saberes primevos, na acepção daqueles saberes dos primeiros tempos; ou saber inicial ou primeiro ou saber da tradição. É preciso dizer que não se trata de uma simples troca de adjetivo. Há aqui uma postura política, marcada de quanto à opção por um adjetivo como primeiro ou primevo não desqualifica tanto um saber, como quando dizemos saber popular. Mesmo que nesse verbete, em algumas vezes, tenhamos ainda referido a "saberes populares" isto é consentido, até para dar a atenção para essa diferença".

Os saberes primevos são guardiões da história, dos costumes, das tradições e dos valores de um povo, de uma região ou de uma determinada etnia (Resende & Pinehiro, 2010). Eles são construídos e investidos no corpo-si a partir da socialização de um povo, frutos do conhecimento prático, fortemente apoiados nas vivências pessoais.

O saber constituído é o saber que passa pelo crivo da ciência, é sistematizado e formalizado. É um tipo de saber que pode ser acessado porque está disponível nos livros, nos periódicos, nas normas e leis, nos programas de ensino e em outros suportes, normalmente por escrito (Trinquet, 2010). A principal instituição que viabiliza o acesso ao saber constituído é a escola.

O saber investido, por sua vez, reenvia às especificidades da capacidade que cada pessoa tem para fazer escolhas e realizar a tarefa proposta, em conformidade com as normas ou não. Este saber nem sempre é identificado pela pessoa mesma, mas é convocado no momento que surge um imprevisto que pode impedir alcançar um objetivo (Veríssimo, 2015). Assim como os saberes primevos, os saberes investidos são construídos em aderência, em capilaridade com a gestão das situações de trabalho e por isso ele é intrínseco ao corpo-si de cada pessoa (Schwartz, 2000).

Os saberes constituídos estão sempre em desaderência e Schwartz faz referência a “invenção da desaderência” (Schwartz & Durrive, 2009) sempre que fala da história humana. A desaderência é o distanciamento que se toma em relação ao que acontece em determinado momento e local. Mas a atividade humana é enraizada no aqui e agora onde se constrói os saberes primevos e os saberes investidos. Portanto é no presente que os saberes primevos e investidos se constroem em permanência. Isto é o que Yves Schwartz chama de saberes construídos em “aderência”. Entretanto os saberes constituídos são fixados pela linguagem, conforme afirma Durrive:

“A desaderência se manifesta antes de tudo pela linguagem. A linguagem a serviço da atividade na vida comum, com as palavras que constroem outras formas de distância relativa à instantaneidade do ato, tal como o gesto industrioso e a técnica. A linguagem disciplinada igualmente, que se coloca a serviço do conhecimento, do universo de conceitos, da ciência” (Durrive, 2011, p. 52)

Os saberes primevos e o saber investido do povo ribeirinho do Baixo Amazonas são relevantes para o desenvolvimento local. Isto porque ambos são construídos nas “tramas” e “urdiduras” da vida cotidiana, como saberes

da aderência. Para a Ergologia o saber investido remete à especificidade de toda a atividade de trabalho, ele não é formalizado e nem escrito em lugar nenhum, pois está ancorado no corpo-si de cada pessoa (Schwartz, 2000). Assim, o saber constituído ao ser acessado na escola pelos povos ribeirinhos do Baixo Amazonas, é amalgamado pelo corpo-si aos saberes primevos. O corpo-si reúne esses dois saberes de origens diversas em uma única unidade. Como uma mistura de elementos heterogêneos os reorganiza, transformando a sisudez do saber constituído e subvertendo-o com a leveza dos saberes primevos. A partir desses dois saberes o corpo-si compõe os saberes investidos.

### **Os saberes primevos e o saber investido: um patrimônio imaterial na escola**

Na escola, a cultura dominante e ocidental é trabalhada como um patrimônio cobiçado e natural, sem ser questionada. O valor atribuído à educação no processo de escolarização dos caboclos ainda é determinado pela valorização de um patrimônio externo à comunidade. Portanto, os saberes primevos dificilmente encontram espaço e valor na escola e isso explicita a necessidade de se posicionar e se validar tais saberes pelas escolas. Assim o que se busca é evidenciar a Educação Popular, notadamente de base “freiriana” que destaca a necessidade de se romper com as relações de opressão e de se implementar uma educação libertadora.

Se a universidade e a escola passarem a valorizar os saberes primevos e os saberes investidos em aderência ao patrimônio local, elas conduzirão a tríade da relação professores, estudantes e comunidade (Gondim & Mol, 2009). Com isso serão atribuídos novos sentidos aos saberes investidos no corpo-si, construindo assim maneiras mais engajadas de se posicionarem no mundo de modo a transformá-lo. Tal engajamento promove o empoderamento e a valorização do patrimônio local no Baixo Amazonas. Por isso verifica-se a necessidade de afirmar os saberes primevos como patrimônio imaterial e de validar tais saberes pela via da escola.

Os ribeirinhos que estamos conhecendo, envolvidos nessa metodologia de escolarização, vivenciam um processo de construir uma representação do povo caboclo do Baixo Amazonas em que as noções externas sobre esse povo estão influenciando nas suas auto-representações. Portanto os saberes constituídos como são introduzidos pela escola é um produto que traz fortes implicações para a construção do patrimônio e do desenvolvimento local do povo ribeirinho.

Os saberes primevos estão sempre “à margem das instituições formais” (Lopes, 1999, p. 152), pois na escola,

a cultura dominante é apresentada como algo natural, sem ser questionada, e os saberes primevos dificilmente são valorizados, já que não são validados pela Academia. A pesquisa permite afirmar a necessidade de questionar e desconstruir o paradigma de que apenas o saber constituído importa para a educação escolar no Baixo Amazonas. Destaca-se a necessidade de explorar os saberes que circulam entre os povos ribeirinhos do Baixo Amazonas, para benefícios próprios. Portanto verificou-se que os saberes primevos dos povos ribeirinhos correm o risco de extinção, por falta de sua sistematização. Cabe à escola resgatar estes saberes e evidenciá-los como relevantes, tornando-os saberes escolarizados (Chassot, 2008).

Suscitar um meio institucional que considera e valoriza os saberes primevos como força do desenvolvimento local deve contribuir não só para desfazer preconceitos, mas para questionar as desigualdades e os mecanismos que contribuem para sua manutenção.

Observa-se que as comunidades ribeirinhas obtiveram algumas conquistas a partir do Estatuto do Índio de 1973<sup>[1]</sup>, da parceria entre a Universidade Federal do Amazonas - UFAM e os Movimentos Indígenas<sup>[2]</sup> como a do ensino bilíngue nas escolas. Entretanto o Summer Institute of Linguistics- SIL, principal parceiro da Fundação Nacional do Índio - FUNAI transformou o bilinguismo oficial em estratégia de dominação e descaracterização cultural (Borges, 1997). Verifica-se portanto neste momento a busca por priorizar uma educação, autônoma, diferenciada e intercultural para os povos ribeirinhos. Isso implica na construção de uma proposta que prioriza os saberes primevos, pois, diante da demanda por uma educação ribeirinha diferenciada, deseja-se uma proposta que respeite o patrimônio local e que promova um desenvolvimento que interaja territorialmente, para que o povo possa construir o seu destino e ser auto-gestor do seu território. Da mesma forma estarão proporcionando o desenvolvimento de sentimentos, de solidariedade e respeito ao próximo e ao planeta, conferindo novos significados aos conhecimentos já construídos por esses sujeitos.

Segundo Serrão (2015, p. 28):

“Os Caboclos da Amazônia tiram da terra o sustento de sua família, pois sabem reconhecer o solo fértil aquele próprio para a cultura da mandioca, da banana, do milho e do guaraná. Identificar os saberes do caboclo da Amazônia é reconhecer a importância das distintas manifestações culturais tradicionais que ainda povoam o imaginário amazônico”.

Os povos ribeirinhos constroem o saber primevo, a partir da vivência. Portanto vivendo eles são construídos e se tornam saber investido no corpo-si. A importância desse está na sua constituição e na sua capacidade de permanecer no meio, pela oralidade, como é tradição nas comunidades ribeirinhas. Observa-se que os saberes primevos dos povos ribeirinhos da Amazônia não são insignificantes, nem inferiores, pelo contrário, são elementos que conduzem e possibilitam descobertas e pesquisas, justificada pela diversidade de conhecimentos e culturas tradicionais existentes na Amazônia.

Esta região de uma riqueza natural incomensurável fornece produtos naturais em abundância. Suas terras húmidas e quentes produzem efeitos sobre a natureza que o tempo não apaga, considerando que o sabor de um fruto depende da riqueza do meio com sua riqueza invisível. O conjunto natural da Amazônia é capaz de preencher e de satisfazer os desejos e as necessidades humanas. Entre os recursos abundantes da natureza amazônica, encontra-se a água, fonte de riqueza econômica por exceléncia. Ela é para a humanidade uma riqueza maior que o petróleo e que o ouro.

Trata-se de uma região de patrimônio material e imaterial desenvolvido em diversos sentidos, visto que ela se caracteriza por uma grande variedade artística e intelectual, uma riqueza da linguagem e de literatura, de estilos, de orquestração, de imaginação e criação, espiritual e interior.

Uma riqueza de pensamentos manifestos nos monumentos e nos objetos de arte com uma riqueza de conhecimentos que os povos ribeirinhos explicavam pelo trabalho dos seus pais. A amabilidade das pessoas que nela habitam revela a verdadeira riqueza humana que merece ser globalizada.

Todas essas riquezas dos povos do Baixo Amazonas possui em si certo valor nem sempre reconhecido pelo modelo de desenvolvimento impregnado nas nações pelo modelo de desenvolvimento capitalista que exclui certas culturas e sobreleva outras que se conformam aos valores mercantis. Trata-se de uma região que se situa entre as mais ricas do ponto de vista das belezas naturais, artísticas e humanas visto que:

“Ainda hoje índios, caboclos, ribeirinhos e pescadores sabem como capturar bichos de casco, como a tartaruga, tracajá, iaçá, jabutí, matamatá, muçuã e os mamíferos aquáticos como peixe-boi, lontra, ariranha e os lendários botos-vermelhos e tucuxi” (Serrão, 2015, p. 30)

Os povos ribeirinhos do Baixo Amazonas dominam também as técnicas de edificação de moradias de paxiúba e de palha de buçu, de pau-apique. São os saberes primevos que possibilita sobreviver no período das enchentes, como os flutuantes, tapiris, marombas, palafitas e malocas.

Segundo Serrão (2015), eles dominam ainda as técnicas de tinturas de cuias; de confecção de peças artesanais tais como: paneiros, jamaxis, cestos, tipitis, redes e produtos de cerâmica como alguidares, igaçabas, vasos e objetos de adorno, tatuagens e outras manifestações criativas da arte indígena plumária, cestaria, tecelagem, artefatos de barro e amuletos. Em relação à culinária eles preparam peixes de diversas formas, conforme a variedade de espécies locais, aproveitando os recursos disponíveis.

Assim, na culinária dos povos ribeirinhos se encontram pratos à base de peixes nas seguintes receitas: frito, assado, cozido, moqueado, seco-salgado, defumado, temperado com molhos de pimenta-de-cheiro, murupi e jambu; no preparo da farinha de piracuí. Encontra-se ainda os cozidos das carnes dos bichos de casco e dos seus ovos, no estilo do arabu (com sal) ou mujanguê (com açúcar). Animais como a tartaruga que servem para comer ou para ser transformado em outros produtos como a banha de tartaruga que, durante décadas, serviu de energia alternativa para iluminar as casas portuguesas ou para outros fins, como a proteção e embelezamento da pele (Benchimol, 2009).

Para Braga (2007) existe na Amazônia uma diversidade de cultura que nos permite reconhecer a existência de uma arquitetura cabocla, característica peculiar dessa região e ao se referir às manifestações culturais do caboclo da Amazônia afirma que:

“Não seria demais lembrar a importância das relações de afinidade na cultura cabocla da região amazônica, onde “todos” se reconhecem como “pais” no âmbito das comunidades locais. Aqui, a “voz do sangue” tão cara às relações consanguíneas de uma colonização européia foi redimensionada para um parentesco que estendeu as suas relações para “compadres de fogueira”, “agregados”, filhos de adoção, casamentos preferenciais entre primos, “manos” e “maninhas” (Braga, 2007, p. 59)

Destaca-se ainda a influência da religião católica na cultura dos povos ribeirinhos, que se estende à construção dos saberes primevos. Os personagens da religião européia e os personagens mitológicos da cultura dos povos Amazonenses se misturam na paisagem.

“(...) há de se evidenciar principalmente as religiões devotadas aos santos católicos, que fazem de cada “comunidade xamazônica” a identificação com um santo, Santo Antônio, São Benedito, entre outros. Uma religiosidade católica que não conflita com as encantarias amazônicas. Sem esquecer também de Figuras mitológicas como o Anhangá, o Curupira, a Matinta Perera, encontradas inclusive na cosmologia tupi” (Braga, 2007, p. 59)

As comunidades rurais de Parintins, cidade do Baixo Amazonas onde foi realizada a pesquisa, se formaram a partir do trabalho da igreja católica. Portanto, a religiosidade popular com seus santos, ladinhas, rezas do terço, bailes, romarias, procissões dentre outros, são rituais que fazem parte da cultura desse povo. Dessa forma se pode concluir que não só as práticas religiosas, mas todas as vivências do povo ribeirinho promovem a construção de saber primevo/investido. Tais saberes se constroem nos momentos cotidianos marcados por festas de devoção, consideradas como momento de se fortalecer para enfrentar as intempéries da natureza que impõem provações diárias a serem superadas.

### **Referências Bibliográficas**

- Benchimol, S. (2009). *Amazônia: Formação social e cultural*. Manaus: Valer.
- Borges, P. (1997). *Para Lembrar do Nossa Povo. Escolarização e Historicidade Guarani Myba no Jardim das Flores*. Faculdade de Educação. Campinas. SP. Mimeo.
- Braga, S. (2007). *Os bois bumbas de Parintins*. EDUA.
- Chassot, A. (2008). *Saberes primevos fazendo-se saberes escolares*. Sete escritos sobre educação e ciência. São Paulo: Cortez.
- Chassot, A. (2014). *Saber científico / Saber escolar/ Saber primevo*. In J. Souza, & R. Guerra (Orgs.), *Dicionário Crítico da Educação* (pp. 243-247). Belo Horizonte: Dimensão.
- Durrive, L. (2011). *A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz*. Trabalho, Educação e Saúde, 9(1), 47-67.
- Gondim, M., & Mól, G. (2009). *Interlocução entre os saberes: relações entre os saberes populares de artesãs do triângulo mineiro e o ensino de ciências*. In *Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*. Anais. Florianópolis.
- Lopes, A. (1999). *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Resende, C., & Pinheiro, P. (2010). O saber popular nas aulas de Química: relatos, experiências envolvendo

- a produção de vinho de laranja e sua interpretação no Ensino Médio. *Química Nova na Escola*, 3, 151–160.
- Schwartz, Y. (2000). Trabalho e uso de si. *Pro-Posições*, 1(5), 34–50.
- Serrão, M. (2015). *O Diálogo entre Saberes Primeiros, Acadêmicos e Escolares: potencializando a Formação Inicial de Professores de Química na Amazônia* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Mato Grosso, Rede Amazônica de Ciências e Matemática, Cuiabá, Brasil.
- Trinquet, P. (2010). Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HisteDBR*, 10, 93–113. <https://doi.org/10.20396/rho.v10i38e.8639753>
- Veríssimo, M. (2015). Elementos para a construção da noção de saber investido. *Trabalho & Educação*, 24(2), 295–313.

### Notas

- [1] Brasil. Lei nº 6001/73, de 19 de dezembro de 1973. *Dispõe sobre o estatuto do Índio*. Diário Oficial [da] União, Brasília, 21 dez. 1973. p. 13.177, seção 1.
- [2] Articulação Nacional de Educação- ANE, Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre- Copiar, Organização dos Professores Indígenas de Roraima- Opir, Organização dos Professores Kaingang do Brasil, Organiação dos Professores Ticuna do Brasil, entre outros.

# **Discursos constitutivos da atividade docente: relações entre trabalho, patrimônio e desenvolvimento.**

## **Discursos constitutivos de la actividad docente: relaciones entre trabajo, patrimonio y desarrollo.**

### **Discours constitutifs de l'activité enseignante: rapports entre travail, patrimoine et développement.**

**U.PORTO**

FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



**U.PORTO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### Fátima Pessoa

Universidade Federal do Pará  
Belém – Pará - Brasil  
fpessoa37@gmail.com

### Resumo

A proposição deste texto contribui para a reflexão sobre a atividade humana na articulação entre uma abordagem ergológica e discursiva. Coloca-se no centro da discussão depoimentos sobre a atividade docente em instituições de ensino. Ao avaliarem seu trabalho, as e os docentes produzem sentidos sobre a organização das instituições de ensino, sobre as relações interpessoais que tecem nessa ordem e sobre como seu funcionamento afeta a relação entre a prescrição da atividade e as renormalizações requeridas nas situações concretas do exercício laboral. Duas questões estão em evidência: o lugar central que docentes acreditam assumir e as formas como essa possível centralidade incide sobre a dimensão dos afetos daquelas e daqueles que trabalham. Essas reflexões dizem respeito ao patrimônio constituído em torno dessa atividade, situada paradoxalmente entre a valorização social que a ela atribuem e a desvalorização das suas condições de existência em cenários neoliberais das políticas relativas ao trabalho.

### Palavras-chave

discurso, atividade docente, instituições de ensino

---

### Resumen

La propuesta de este texto contribuye a la reflexión sobre la actividad humana en la articulación entre un enfoque ergológico y discursivo. Se coloca en el centro de la discusión testimonios sobre la actividad docente en las instituciones educativas. Al evaluar su trabajo, las y los docentes producen sentidos sobre la organización de las instituciones educativas, sobre las relaciones interpersonales que tejen en ese orden y sobre cómo su funcionamiento afecta a la relación entre la prescripción de la actividad y las renormalizaciones requeridas en las situaciones concretas del ejercicio laboral. Dos cuestiones están en evidencia: el lugar central que los docentes creen que asumen y las formas en que esta posible centralidad incide en la dimensión de los afectos de aquellos y aquellas que trabajan. Estas reflexiones se refieren al patrimonio constituido alrededor de esa actividad, situada paradójicamente entre la valorización social que le atribuyen y la desvalorización de sus condiciones de existencia en escenarios neoliberales de las políticas relacionadas al trabajo.

### Palabras clave

discurso, actividad docente, instituciones educativas

## Résumé

La proposition de ce texte contribue à la réflexion sur l'activité humaine dans l'articulation entre une approche ergologique et discursive. On met au centre de la discussion des témoignages sur l'activité enseignante dans des institutions d'enseignement. Quand elles et ils évaluent leur travail, les enseignant.e.s produisent des sens sur l'organisation des institutions d'enseignement, sur les rapports interpersonnels qu'elles et ils tissent dans cet ordre et sur comment leur fonctionnement affecte le rapport entre la prescription de l'activité et les renormalisations requises dans les situations concrètes de l'exercice du métier. Deux questions sont en relief: le lieu central que des enseignant.e.s croient occuper et les manières dont cette centralité éventuelle retombe sur la dimension des affects de celles et ceux qui travaillent. Ces réflexions concernent le patrimoine constitué autour de cette activité, située paradoxalement entre la valorisation sociale qu'on lui attribue et la dévalorisation de ses conditions d'existence dans des scénarios néolibéraux des politiques relatives au travail.

## Mots clés

discours, activité enseignante,  
institutions d'enseignement

## 1. Introdução

Avaliar os investimentos que se faz nos contextos de trabalho é um exercício de reflexão permanente, mas nem sempre consciente. Provocar a explicitação desse processo é oportunidade de propor sua revisão e possibilidade de sua superação. É, portanto, intervir no espaço-tempo do trabalho, como defende a agenda ergológica, a partir de uma tomada de posição das/dos trabalhadoras/trabalhadores e das/dos pesquisadoras/pesquisadores dos contextos de trabalho. Com base nessa perspectiva, apresentamos<sup>[1]</sup> os resultados atuais da continuidade de uma pesquisa que, ao provocar docentes a avaliarem sua inserção nas instituições de ensino, discute os discursos que dão sustentação aos sentidos atribuídos às atividades laborais, aos modos de subjetivar-se nos contextos de trabalho e aos modos de afetar-se que nessa ordem se constituem, se consolidam e/ou se transformam.

Ouvindo um conjunto de cinco docentes, apresentamos uma análise dos traços cenográficos acerca da centralidade que os docentes entendem ocupar na ordem institucional e o modo como esse lugar incide na dimensão dos afetos daquelas e daqueles que trabalham. Essa análise se baseia nos postulados de Maingueneau (1997, 2005, 2008), Schwartz e Durrive (2010,

2015) e Safatle (2018). O percurso proposto inicia com a apresentação dos principais fundamentos teóricos que sustentam a pesquisa e a síntese da análise dos dados e seus resultados<sup>[2]</sup>.

Em Pessoa, Costa, e Soares (2019), destacávamos a provisoriadade da interpretação que propunhamos naquele artigo. Aquelas provocações iniciais, conforme anunciamos, apontaram novos horizontes para a continuidade da pesquisa. O presente artigo é mais uma etapa no percurso de interpretação de dados tão profícuos para a discussão dos discursos que compõem a realidade da atividade docente na ordem das instituições de ensino.

## 2. Discursos, atividades e afetos

Com base em Maingueneau (1997, 2005, 2008), Schwartz e Durrive (2010, 2015) e Safatle (2018), propomos que, na escuta da/do docente, pode-se fazer a síntese de uma posição-sujeito, um corpo-si e um corpo político. Compreender na enunciação do indivíduo que trabalha essas três dimensões distintas e articuladas implica enfrentar a complexidade envolvida na constituição, consolidação, transformação de uma ordem institucional, cujo funcionamento mobiliza diferentes dimensões constitutivas dessa individualidade: o corpo, seus afetos e as relações intersubjetivas que os definem. Buscamos compreender como se constituem e como atuam em conjunto para (re)produzir-se historicamente.

Pensar pela grade discursiva implica interrogar uma posição histórica constituída nos movimentos de sentidos sobre o enunciador, sobre o enunciatório, sobre a cronografia e a topografia do processo de enunciação. O conceito de cena de enunciação propõe a reflexão sobre esses movimentos por meio da noção de inscrição, segundo a qual “uma enunciação se caracteriza, de fato, por sua maneira específica de inscrever-se, de legitimar-se, prescrevendo-se um modo de existência no interdiscurso” (Maingueneau, 2005, pp. 76-77).

Pensar pela grade ergológica implica interrogar um intenso investimento subjetivo no exercício laboral indissociável dos sentidos constituídos e a se constituirem no exercício enunciativo, pois a dramática implicada em toda atividade entre “a exigência do ‘fazer’, na aderência do aqui e do agora, e um mundo de normas, provisoriamente estabilizadas, antecedentes e anônimas, profundamente ambíguas, valendo em desaderência em relação a esse momento do agir” (Schwartz & Durrive, 2015, p. 6) é mediada pela linguagem.

A grade filosófica aqui se articula em razão da necessidade em pensar a dimensão dos afetos, premente na

escuta das entrevistas das e dos docentes. Ao enunciar sobre suas experiências laborais, as e os participantes da pesquisa imprimem a suas avaliações um tom que passou a ser incontornável na análise dos dados. Nesse traço identificamos um envolvimento afetivo que marca a experiência laboral, como podemos ilustrar com o depoimento da docente F401OPGS:

(1) F401OPGS (41m08s)<sup>[3]</sup> – *"Bom o que que eu como profissional imagino o que deveria ser feito né? bom o professor que tem uma boa avaliação acho que isso precisa ser reconhecido assim como o professor que não tem uma boa avaliação isso precisa ser discutido né? mas na prática isso não acontece né?"<sup>[4]</sup> então a gente percebe que quando se fala de uma política se tem ou não por exemplo uma política de valorização docente né? se tem ela segue critérios muito subjetivos né? eu acho que o professor que trabalha bem deveria ter um reconhecimento deveria ter um incentivo a mais para o seu trabalho um incentivo que não precisa ser necessariamente mais carga horária mas também pode ser mais carga horária mas por exemplo olha professor tem uma formação aqui e você pode fazer [5] né? e não há né?"*

A docente se ressente da ausência de uma “política de valorização” na instituição de ensino na qual atua. Sem essa política, a docente expressa o entendimento de seu lugar na ordem institucional da seguinte forma:

(2) F401OPGS (39m10s) – “Na instituição eu me vejo como mais um...um trabalhador entendeu? que como qualquer um... desenvolve um trabalho e que **como qualquer um independente do trabalho ser excelente pode ser demitido né?** então tudo vai depender é do mercado né? se você tem número de alunos de turmas se formando mas também vai depender é das relações que você mantém dentro da instituição né? sobretudo com quem lota as disciplinas né? com quem lota a carga horária né?”

A docente expressa a falta de reconhecimento do valor do trabalho daquele profissional que “trabalha bem” e que tem uma “boa avaliação”, se referindo à avaliação que as e os discentes da instituição fazem ao final de cada período letivo. Todos estão sujeitos aos mesmos critérios que definem quem permanece ou quem é dispensado do trabalho, que são critérios alheios à qualidade do trabalho realizado. São critérios relacionados a valores dimensionados, como o número de alunos ma-

triculados, o número de turmas oferecidas, ou ainda, a valores não dimensionados, referentes às relações de troca entre os que têm algum poder na instituição. São todos valores extrínsecos aos investimentos da trabalhadora na atividade, o que a deixa impotente diante dos rumos que tomará seu percurso profissional. Essa constatação é marcada por um traço de desvalorização: “mais um”, “qualquer um”.

Os fundamentos para se discutir a relevância que a dimensão dos afetos assume nessa análise da configuração da ordem institucional que enquadra a atividade docente situam-se na percepção de que ser afetado é condição para a constituição de vínculos políticos, conforme a discussão de Safatle (2018). Nessa abordagem dos corpos políticos, articulada às posições-sujeito e ao corpo-si, política é entendida como prática de confrontação com acontecimentos que desorientam, desamparam. No confronto com a contingência, são desestabilizados normas e valores que constituem um patrimônio já constituído. O trabalho está no centro da discussão proposta por Safatle (2018), por ser pensado como modelo fundamental de expressão subjetiva no interior de realidades sociais intersubjetivamente partilhadas. É particularmente interessante pontuar que Safatle (2018) vai buscar em Canguilhem, referência nos postulados ergológicos, um dos fundamentos para pensar uma perspectiva biopolítica vitalista transformadora:

“É importante salientar tal aspecto para lembrar como a normatividade vital não é uma forma de condicionamento, de ação reflexa determinada completamente pelo meio, mas atividade valorativa, um tipo de julgamento que, em vez de apelar necessariamente à consciência, pode apelar aos afetos, às sensações e aos modos de afecções” (Safatle, 2018, p. 291)

Essa percepção articula-se, então, com as ancoragens anteriores, ao situar-se também em um campo das relações instáveis que se estruturam e reestruturam permanentemente no curso das experiências de trabalho e de linguagem. Linguagem, atividade e afetos são capacidades transitivas potentes na constituição das sínteses e transformações que garantem a possibilidade da manutenção da vida. Desse modo, nossa atenção aos discursos que sustentam os sentidos sobre a atividade docente só podem efetivamente dar conta de processos transitórios em permanente reestruturação, permitindo-nos traçar rastros de uma ordem provisoriamente constituída e sustentada no curso da história.

### 3. A (não) centralidade docente na ordem das instituições de ensino

Em Pessoa e Moreira (2016, p.11), afirma-se que “uma comunidade discursiva atua como mediadora entre os sentidos possíveis atribuídos aos objetos de discurso e os sujeitos para quem tais objetos são relevantes em um determinado campo discursivo”. Inscrever-se em “uma comunidade discursiva é, portanto, estar qualificado para tomar a palavra, para enunciar em uma ordem institucional mediadora (Pessoa & Moreira, 2016, p. 11). A ordem institucional que queremos alcançar por meio da análise dos dados reunidos na escuta de docentes que atuam nas instituições de ensino é aquela na qual se tecem as relações entre docentes que atuam conjuntamente, entre docentes e tantas/tantos outras/outros profissionais que também atuam nas instituições de ensino, entre docentes e discentes, entre docentes e protagonistas que constituem os sistemas de ensino estatais, entre docentes e comunidade externa às instituições de ensino que, de algum modo, nela adentram. Provocar a avaliação de docentes acerca dessa inserção institucional significa ir em busca de discursos sobre a docência como atividade laboral e discursos sobre a/o docente como uma/um trabalhadora/trabalhador. São, portanto, mediadores de discursos que se estendem a outros campos discursivos em outras instâncias laborais nos quais uma certa identidade docente não cessa de se constituir, como exemplo o aparecimento da e do docente nas práticas midiáticas.

Em Pessoa, Costa, e Soares (2019), fazíamos a seguinte pergunta: em que medida as coordenadas dêiticas de centralidade, autonomia e flexibilidade na atividade docente apontam para um contexto de trabalho saudável, que favorece a produção criativa, ou um contexto opressor, que torne o trabalho minimamente viável em contextos de muitas carências? Esse questionamento foi formulado com base em dados sobre o reconhecimento pela/pelo docente da abrangência do trabalho que realizam nas instituições de ensino. Avançar na reflexão sobre esse questionamento suscitou a possibilidade de pensar em termos de afetos que são revelados nas entrevistas.

As análises anteriores já apontavam para a individualização da/do trabalhadora/trabalhador docente e para a centralidade que essa/esse trabalhadora/trabalhador reconhece em sua inserção institucional.

Em Pessoa, Costa, e Soares (2019, p. 400), já assinalávamos que a abrangência da atividade docente e a centralidade que ela assume nas instituições de ensino “conduzem docentes a uma dinâmica de trabalho na

qual dependem delas e deles muitas decisões sobre o cotidiano da instituição de ensino.”.

É com base nessa cena enunciativa, cujas coordenadas dêiticas constituem uma/um trabalhadora/trabalhador individualizada/o, que se reconhece responsável pelo enfrentamento das dificuldades que interferem em sua atividade laboral, que se expressam, na enunciação, os traços de um circuito de afetos que se constitui com predominância nos dados analisados até o momento:

(3) M4010GB (01m44s) – *“Por exemplo esse ano eu to dando aula em três escolas diferentes então são três cenários bem bem diferentes entendeu? uma que a escola realmente tá abandonada pelo poder público né? em termos de todas as manutenções básicas né? tanto a a matéria-prima estrutural como a matéria-prima humana né? que é o corpo docente né? ou seja os professores deses desestimulados realmente por um ambiente escolar que não não tem realmente ações pedagógicas nem recursos pedagógicos pra gente poder trabalhar direito entendeu? e a gente às vezes tem que tirar do nosso próprio bolso pra que essas situações aconteçam né? é projetos de ensino que fo/ meio que são assim instalados goela abaixo na gente né? pra gente tentar... é é aplicar mas que falta todo um um conjunto de estruturas necessárias pra que ele seja realmente é: viáveis economicamente falando e aí os professores realmente ficam naquela naquela naquela ansiedade naquela naquela frustração de não poder realmente uti/ realizar um trabalho que seja: que tenha resultados”*

A centralidade que a e o docente assumem na ordem institucional passa pelo investimento para o exercício laboral e os desdobramentos disso são os sentimentos de “desestímulo”, “ansiedade” e “frustração” que marcam a atividade docente. Na configuração do enunciado sob análise, esses sentimentos explicitados pelo docente constituem uma estrutura sintática complexa que articula vários enunciados. O primeiro conjunto de enunciados se refere a uma escola que “realmente tá abandonada pelo poder público né? em termos de de todas as manutenções básicas né? tanto a a matéria prima estrutural como a matéria prima humana né? que é o corpo docente né?”. A articulação entre os dois conjuntos de enunciados é marcada pelo conector “ou seja”, que opera um movimento metaenunciativo [6]. O conjunto de enunciados introduzido pelo conector “ou seja” desdobra os sentidos que se constituem em relação ao “abandono” do Estado em relação à “ma-

téria-prima humana né? que é o corpo docente né?”. Constitui-se pelos/nos enunciados uma equivalência entre a infraestrutura da escola e o corpo docente da instituição como matérias-primas que precisam de cuidados do poder público. Assim como o poder público é responsável por construir e manter a infraestrutura necessária para o funcionamento da instituição de ensino, ele é também responsável por manter as condições favoráveis para o exercício docente. Trata-se das “manutenções básicas” a que o docente se refere. No entanto, há o abandono da instituição, que gera “desestímulo”, “ansiedade”, “frustração”.

Toda a complexidade deste enunciado aponta para uma tensão na constituição dos lugares ocupados pelos sujeitos na ordem institucional, cuja configuração se alterna entre uma ordem em que a posição da/do docente ocupa lugar central para uma ordem em que se estabelece uma hierarquia na qual a posição da/do docente é o polo desfavorável. No excerto que ilustra esta análise, o docente assim expressa essa hierarquia: “é projetos de ensino que fo/ meio que são assim instalados goela abaixo na gente né? pra gente tentar... é é aplicar”.

Uma síntese provisória que é possível fazer dessa tensão na disposição de lugares na ordem institucional é compreender que, na hierarquia das instituições de ensino, a posição docente é o lugar sobre o qual recai diretamente as demandas superiores. A centralidade que se constitui pelas/nas enunciações sobre a atividade docente constitui-se como alvo de demandas de instâncias superiores e, uma vez atingidas/os por elas, passam a ser por elas responsabilizados:

(4) F4010PGS 10m54s – “*Ao longo do semestre a gente enfrenta várias dificuldades vários problemas de várias ordens né? então a gente não tem aquela presença do coordenador pra tá discutindo pra tá tirando dúvidas é... e (...) quer dizer não tem um espaço realmente pra discutir o que tá acontecendo ao longo do semestre né? como a gente pode chegar a certas soluções então na prática é um trabalho muito individualizado né? é o que eu faço se eu sinto alguma dúvida eu tento falar com o coordenador né? mas é na maioria das vezes a gente tem que tomar decisões sozinhos e arcar com as consequências talvez lá na frente né?*”

O investimento que a e o docente faz para o atendimento dessas demandas é de diversas ordens, até mesmo financeiro, conforme o docente expressa na entrevista M4010GB: “e a gente às vezes tem que tirar do nosso

próprio bolso pra que essas situações aconteçam né?”. Pensando pela grade ergológica, as dramáticas de uso de si são condição incontornável para uma vivência plena de sentido na atividade laboral. Por meio delas, a/o trabalhadora/trabalhador reconhece-se sujeito do trabalho, ao confrontar-se com os acontecimentos que requerem tomada de decisões, para as quais são mobilizados os valores éticos assumidos pela e pelo profissional. Na ordem institucional que se está compreendendo neste percurso de pesquisa, as dramáticas de uso de si se deixam reconhecer por inúmeros traços da cena enunciativa. Elas se revelam por meio de uma cena enunciativa em que predomina uma relação estranhada e fetichizada (Antunes, 2009) com a ordem institucional em que se insere, como já tivemos a oportunidade de reconhecer pelos excertos anteriores, ou por meio de uma cena enunciativa que deixa entrever um enfrentamento das condições adversas que a hierarquia impõe. Um posicionamento distinto, que se constrói sobre o signo do trabalho coletivo, da luta conjunta:

(5) F5015GB 3m8s – “Então eu vejo a a a minha/a instituição a instituição que eu trabalho assim muito boa por um lado por outro lado também tem as suas seus pontos assim que nós precisamos trabalhar melhorar **e eu digo nós porque nós lutamos (...) nós temos uma luta assim bastante árdua**”

Diante da atitude ameaçadora reconhecida na ordem institucional hierárquica, um coletivo investe na construção de bases mais favoráveis para a realização da atividade laboral:

(6) F5015GB 26m37s – “*Como nós somos todo/quase que todo todos os anos somos ameaçados a sair da escola ah porque a escola vai fechar porque são poucos alunos (...) e e devido isso todo ano a escola por ter um número muito reduzido de matrícula a a secretaria de educação ela ela vê isso como negativo...né? infelizmente eles não fazem um um processo um trabalho processual durante o ano pra verificar nas comunidades o quê que tá acontecendo (...) e a escola ela por ser por ter essas essas dificuldades apresentar/ todo ano a secretaria de educação vem com as ameaças de que vai vai fechar de/ não lota nossa lotação sempre é a última porque eles ficam analisando vendo se é...é pertinente continuar né? (...) então o que que nós resolvemos esse ano? nós falamos vamos/ nosso planejamento então nós fomos bastante ousados*

*esse ano e assim nós nós tomamos uma autonomia mesmo nós falamos assim nosso nosso planejamento vai ser específico (...) nós não vamos fazer um planejamento em rede porque todo ano nós participávamos do planejamento em rede com todas as escolas do município e a nossa escola ficava assim parece o patinho feio...sabe? assim meio/ ou então o peixinho fora d'água porque o que tavam falando lá não era nossa realidade então nós nos posicionamos esse ano e devido essas ameaças nós nos propusemos a... fazer o nosso plano de ação e foi o que nós fizemos a maioria oitenta noventa por cento dos funcionários incluindo professores coordenação direção todos participaram”*

Os excertos (8) e (9) se distinguem dos anteriores, nos quais são recorrentes o uso da primeira e/ou da terceira pessoa do singular, traços de uma déixis discursiva que temos denominado de centralidade e individualidade da posição docente na ordem institucional. Nos recortes da entrevista F5015GB, em particular, é recorrente o uso da primeira pessoa do plural para a referenciação dos protagonistas de um enfrentamento contra as ameaças nas quais se transformam as demandas de instâncias superiores: “então o que que nós resolvemos esse ano? nós falamos vamos/ nosso planejamento então nós fomos bastante ousados esse ano e assim nós nós tomamos uma autonomia mesmo nós falamos assim nosso nosso planejamento vai ser específico”. Parece se tratar de uma ordem institucional distinta cuja organização parece não se conformar a partir de um centro e suas periferias, mas a partir da formação de uma rede mais coesa entre todas/todos os implicados no exercício da docência. Tal coesão parece imprimir mais força para uma dramática emancipatória e não uma dramática compensatória.

#### **4. Mais um avanço no longo percurso da pesquisa**

As indicações iniciais que apontamos aqui ainda precisam de maior amadurecimento para o estabelecimento de relações mais seguras e consistentes entre os traços da materialidade discursiva que podem ser reveladores da articulação entre as dimensões sociais e textuais das práticas discursivas. A etapa que estamos vencendo soma-se ao percurso já constituído até aqui, agregando a ele um pouco mais de consistência teórica e analítica. A pergunta que tem gerado o tratamento dos dados sobre os limites entre um contexto de trabalho saudável e um contexto de trabalho opressor continua em aberto e as questões que dizem respeito a ela se adensam a cada escuta. O avanço que temos alcan-

çado pode ser expresso como a capacidade de ampliar o encontro com as experiências na docência, de modo a nos depararmos com a multiplicidade nas dramáticas de uso de si, de posicionamentos discursivos, de relações intersubjetivas. As múltiplas configurações institucionais e discursivas que se revelam pelo corpus constituído para a pesquisa são valiosos saberes por meio dos quais o enfrentamento dos acontecimentos que desorientam e desamparam (Safatle, 2018) geram as reservas de alternativas que tornam a vida possível (Schwartz & Durrive, 2015). Entre a multiplicidade de experiências laborais enunciadas, buscamos compreender como é possível fazer e dizer de outro modo para subverter, para sobreviver.

#### **Referências Bibliográficas**

- Antunes, R. (2009). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* (2<sup>a</sup> edição). São Paulo: Boitempo.
- Maingueneau, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso* (3<sup>a</sup> edição). Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Maingueneau, D. (2005). Ethos, cenografia, incorporação. In R. Amossy (Org.), *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (pp. 69–92). São Paulo: Contexto.
- Maingueneau, D. (2008). *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola.
- Pessoa, F., & Moreira, H. (2016). A enunciação nos contextos de trabalho: traços de uma ordem técnica e política. *Lingüística*, 32(2), 09–24. <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312X.20160014>
- Pessoa, F., Costa, M., & Soares, S. (2019). A docência e as ordens institucionais que a afetam: a constituição de uma déixis discursiva no contexto da atividade laboral. *Desenredo*, 15(3), 387-407. <http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v15i3>
- Possenti, S. (2002). Metaenunciação: uma questão de discurso e de relevância. In S. Possenti (Ed.), *Os limites do discurso* (pp. 75–89). Curitiba: Criar Edições.
- Safatle, V. (2018). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* (2<sup>a</sup> edição). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (2<sup>a</sup> edição). Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2015). *Trabalho e Ergologia II: diálogos sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: Fabrefactum.

## Notas

[1] Faço a opção por utilizar a primeira pessoa do plural na configuração do texto, porque, apesar de submeter o trabalho individualmente, a pesquisa é resultado de um trabalho coletivo, que inclui a participação das bolsistas de Iniciação Científica Sâmela de Sousa Vidal Soares e Prof.<sup>a</sup> Maríllia Dias Costa.

[2] As decisões metodológicas da pesquisa serão referenciadas em nota à medida que se fizerem pertinentes no desenvolvimento do texto.

[3] Os dados de análise que compõem este artigo são excertos de entrevistas realizadas com docentes que concordaram em participar da pesquisa. Essas/Esses docentes são identificados por códigos que revelam os critérios utilizados para a seleção dos participantes. O código F401OPGS indica que se trata de uma professora com menos de 40 anos de idade, com menos de 10 anos na docência, com formação na pós-graduação e atuante na educação superior. Entre parênteses, consta a indicação do tempo da entrevista a que corresponde o excerto.

[4] Os trechos em negrito destacam as passagens significativas para as análises.

[5] Os trechos sublinhados indicam passagens de autocitação ou de heterocitação na enunciação das/dos entrevistadas/entrevistados.

[6] De acordo com Possenti (2002, p. 82), na metaenunciação produz-se uma interrupção em “um suposto fio homogêneo do discurso e se faz, de alguma forma, um comentário sobre elementos do próprio texto (uma palavra, um enunciado), sobre os interlocutores ou sobre a própria circunstância da enunciação”.

# Institutos Federais e o desenvolvimento territorial: construindo saberes a partir da abordagem ergológica.

## Institutos federales y desarrollo territorial: construir conocimiento desde el enfoque ergológico.

### Instituts fédéraux et aménagement du territoire: construire des connaissances à partir de l'approche ergologique.

U.PORTO

FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### Josiane Roberta Krebs

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS Rua Cariri, nº 43, casa 1, Vila Assunção, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. CEP 91.900-560 [josiane.krebs@viamao.ifrs.edu.br](mailto:josiane.krebs@viamao.ifrs.edu.br)

### Maria Clara Bueno Fischer

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS Rua Ramiro Barcelos, 1410/602. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. CEP: 90.035-002 [mariaclara180211@gmail.com](mailto:mariaclara180211@gmail.com)

### Ednaldo Gomes Pereira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS Avenida Arara azul, 560, Park Amazônia, Rorainópolis, Roraima, Brasil. CEP 69.373-000 [ednaldo.gomes@ifrr.edu.br](mailto:ednaldo.gomes@ifrr.edu.br)

### Guilherme Brandt de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL Rua Riachuelo 1110/102 - Centro Histórico - Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, CEP 90.010-272 [guilherme.brandt@alvorada.ifrs.edu.br](mailto:guilherme.brandt@alvorada.ifrs.edu.br)

### Resumo

Este texto tem por intuito apresentar uma reflexão sobre metodologia de pesquisa em saberes do trabalho, relacionando a ergologia com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O objeto para reflexão é a atuação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), sua relação com o território e os saberes do trabalho, partindo das necessidades que foram potencializadas com o coronavírus e problematizando sobre como os IFs poderão contribuir no contexto pós-pandemia, tendo em vista o avanço no uso de tecnologias, e, ao mesmo tempo, da precarização do trabalho. Para analisar essas possibilidades de atuação propomos olhar sobre o prisma da abordagem ergológica, considerando o dispositivo dinâmico de três pólos. Como resultados, destaca-se que a relação com o território configura-se como uma premissa dos IFs, que de forma dialógica devem encontrar soluções para os desafios que se apresentam, sendo relevantes nesse processo os saberes acadêmicos e do trabalho.

### Palavras-chave

Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), indissociabilidade, saberes, territórios, ergologia

### Resumen

Este texto tiene como objetivo presentar una reflexión sobre la metodología de la investigación en el conocimiento del trabajo, relacionando la ergología con la inseparabilidad entre docencia, investigación y extensión, teniendo como objeto de reflexión la actuación de los Institutos Federales de Educación, Ciencia y Tecnología (IFs), su relación con el territorio y el conocimiento del trabajo partiendo de las necesidades que se potenciaron con el coronavirus y cuestionando cómo los IF pueden contribuir en el contexto pospandémico, con miras a avanzar en el uso de tecnologías, y al mismo tiempo, trabajo precario. Para analizar estas posibilidades de acción nos proponemos mirar el prisma del abordaje ergológico, considerando el dispositivo dinámico de los tres polos. Como resultado, se destaca que la relación con el territorio se configura como una prensa de las IF, que de manera dialógica deben encontrar soluciones a los desafíos que se presentan, siendo los conocimientos académicos y laborales relevantes en este proceso.

### Palabras clave

institutos federales, inseparabilidad, conocimiento, territorios, ergología

## Résumé

Ce texte présent une réflexion sur la méthodologie de la recherche en connaissance du travail, reliant l'ergologie à l'inséparabilité entre enseignement, recherche et extension universitaire. L'objet de réflexion est la performance des Instituts Fédéraux d'Education, Science et Technologie (IFs), sa relation avec le territoire et la connaissance du travail. En partant des besoins qui ont été renforcés avec le coronavirus et en s'interrogeant sur la contribution des IFs dans le contexte post-pandémique pour progresser l'utilisation des technologies, et, en même temps, de travail précaire. Pour analyser ces possibilités d'action, nous proposons de regarder le prisme de l'approche ergologique, en considérant le dispositif dynamique à trois pôles (DD3P). En conséquence, il est mis en évidence que la relation avec le territoire est configurée comme une prémissse des IFs, qui de manière dialogique doivent trouver des solutions aux défis qui se posent, les connaissances académiques et professionnelles étant pertinentes dans ce processus.

## Mots clés

instituts fédéraux d'Éducation Science et Tecnologie (IFs), inséparabilité, savoirs, territoires, ergologie

## 1. Introdução

Ao iniciar as reflexões sobre como se aproximam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a abordagem ergológica é importante conhecermos os IFs – instituições onde está sendo realizado o estudo – que foram criados pela Lei nº 11.892/08, que reorganizou a Rede Federal de Instituições de Educação Profissional dando origem a uma nova institucionalidade que carrega em sua identidade características inovadoras. Sua criação se deu a partir da estrutura dos antigos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais e Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais. Sobre eles, Frigotto (2018, p. 7) afirma que “desde sua criação em 2009, expressam a mais ampla e significativa política no campo da educação pública”, afirmação que carrega consigo uma alta dose de responsabilidade para os IFs.

Tal política apresenta entre atribuições e finalidades desta nova institucionalidade formar cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local; gerar soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais; e orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e

fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais de seus territórios. (Brasil, Art. 6, 2008) <sup>[1]</sup>. Observa-se que, no conjunto de finalidades está indicado o caráter imperativo de relação estreita com o território e com o atendimento das necessidades e demandas sociais, o que é articulado através das ações de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, os IFs carregam em si o compromisso com a formação integral e sólida relação entre educação, trabalho e conhecimento tecnológico. Assim, considerando a contextualização sobre o papel dos IFs, sua relação com o território e as possíveis contribuições no enfrentamento aos problemas causados e/ou potencializados pela situação de pandemia ocasionada pelo Covid 19, aqui, nos propomos a problematizar sobre como as metodologias de pesquisa em saberes do trabalho podem contribuir, especialmente o dispositivo dinâmico de três pólos, analisando para isso as atividades desenvolvidas pelos IFs e refletindo sobre o que poderá vir a ser praticado.

## 2. Procedimentos Metodológicos

Para atender ao objetivo deste estudo realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo, tendo como objeto os Institutos Federais e suas relações com os territórios e saberes. A produção das informações se deu pela análise bibliográfica e documental, sendo utilizados documentos norteadores da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica; dados disponíveis nos sítios eletrônicos do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif) e de IFs; e problematizações que aconteceram durante a 44<sup>a</sup> Reunião Anual dos Dirigentes das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Reditec, 2020), evento que aconteceu de forma digital e envolveu reitores, pró-reitores e diretores gerais de todos os IFs do Brasil.

No processo de análise considerou-se a abordagem ergológica, a partir do dispositivo dinâmico a três pólos (DD3P). Esta associa trabalhadores juntamente com profissionais de pesquisa na busca de investigar e compreender o entorno do trabalho e todas as transformações a ele vinculadas (Schwitz, 2006).

## 3. A pandemia e as ações dos IFs: um olhar a partir da abordagem ergológica

Pelo seu compromisso com as demandas sociais, com o advento da pandemia pelo coronavírus desde março de 2020, as unidades dos IFs distribuídas pelo país buscaram alternativas que minimizassem os graves impactos sociais causados pela crise sanitária que se instaurou, sendo que seus profissionais, tanto técnicos como pro-

fessores, tiveram que encontrar estratégias para realizar suas atividades de trabalho e manter os laços com a comunidade.

Assim, houve uma grande mobilização nos IFs e, conforme informações disponíveis na carta da 44<sup>a</sup> Reunião Anual dos Dirigentes das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Reditec, 2020), durante a pandemia já foram realizadas mais de 1.713.741 ações no enfrentamento à Covid-19 (CONIF, 2020) [2].

Esse novo cenário trouxe profundas mudanças nas atividades de trabalho dos técnicos e professores dos IFs, tanto pelas ações de enfrentamento à Covid-19, como pela necessidade impositiva do trabalho remoto e das aulas não presenciais.

Como citado anteriormente, além das atividades pedagógicas não presenciais e do trabalho remoto, os servidores dos IFs estão sendo protagonistas em ações de enfrentamento aos impactos da pandemia, que vão desde o desenvolvimento e fabricação de equipamentos e instrumentos de trabalho para a área da saúde, como é o caso de respiradores, máscaras e uniformes, até *softwares* que ajudam na tomada de decisão pelo diagnóstico de proliferação e comportamento do vírus; e assessoria à comunidade no intuito de manter a sobrevivência da atividade de trabalho de alguns grupos, como famílias que vendem produtos orgânicos, cooperativas pautadas na economia solidária e pequenas empresas.

Com essas mudanças nos processos de trabalho dos servidores dos IFs podemos perceber as contribuições das teorias de Marx, principalmente quando ele afirma que o ser humano para estar em condições de viver precisa do trabalho, que o ser social tem necessidades e que estas para serem supridas precisam do trabalho humano. Marx (1993) nos diz que o trabalho é atividade vital e elemento fundamental de constituição da sociedade, por meio dele o ser humano se relaciona com a natureza e com os outros seres humanos, transformando a realidade que o cerca e a si mesmo, e para tanto o educador deve estar em constante processo de formação. Logo, podemos perceber o movimento desses servidores no intuito de suprir as necessidades advindas da pandemia, utilizando a sua força de trabalho.

Essa análise sobre as atividades dos trabalhadores dos IFs durante a pandemia nos faz refletir sobre a aproximação do tema com a abordagem ergológica. Yves Schwartz e Louis Durrive (2008) definem ergologia como:

“(...) uma démarche que reconhece a atividade como debate de normas. A partir daí, a ergologia tenta desenvolver simultaneamente no campo das práticas sociais e com a finalidade de elaboração de sabe-

res formais, “dispositivos a três pólos”, por toda a parte onde é possível. Daí uma dupla confrontação: confrontação dos saberes entre si; confrontação dos saberes com as experiências de atividade como matrizes de saberes” (Schwartz & Durrive, 2008, p. 23).

Assim, podemos pensar como a pandemia agiu sobre essas normas de trabalho e como essas novas atividades surgiram a partir de renormatizações, gerando novas normas. Isso vai ao encontro do relato de Schwartz (2006, p. 462) que nos diz que “é preciso normatizar, claro, mas temos que conseguir formas de organização ou de normatização que deixem sempre um espaço para retrabalhar as normas, em função das renormatizações sempre presentes.”

Para essas renormatizações o protagonismo e os saberes dos técnicos e professores dos IFs são fundamentais, pois muitos buscam seus conhecimentos e experiências que vão além das atribuições desempenhadas em seus cargos de trabalho, mostrando que “temos que fazer circular, fazer esse vai e vem entre a riqueza dos saberes envolvendo as normas antecedentes – que estão na nossa vida, no social e no trabalho – e tudo que será recriado pela atividade, em uma situação sempre, em parte, singular” (Schwartz, 2006, p. 461).

Todas essas ações que estão sendo desenvolvidas pelos IFs e as atividades que estão sendo recriadas só se tornaram viáveis e tiveram sentido a partir da articulação com o território, que além de apresentar as demandas contribuem no desenvolvimento das soluções. Também, cabe destacar a relevância dessa articulação para sustentar os trabalhos que estão sendo realizados, especialmente em um contexto em que a ciência é por vezes desconsiderada e os trabalhadores da educação menosprezados, assim o reconhecimento social e a participação da comunidade são fundamentais para a continuidade dessas recriações de atividades que serão necessárias no contexto pós pandemia.

Para pensarmos nestes desafios que virão utilizamos como base as discussões realizadas durante a 44<sup>a</sup> Reditec, que ocorreu por meio digital no período de 05 a 08 de outubro de 2020, mais especificamente as problematizações oriundas da mesa temática “Gestão e Trabalho” que dialogou sobre como aliar os avanços tecnológicos com a superação das desigualdades sociais e como fazer com que essas evoluções gerem oportunidades para a classe trabalhadora, sem potencializar a precarização do trabalho.

Essa é uma discussão importante, pois, com a pandemia, a inovação e a tecnologia passaram a ser ainda mais valorizadas e estão em pauta assuntos como

inteligência artificial, internet das coisas, agricultura de alta precisão, indústria 4.0 e a automação, principalmente dos processos de trabalho, o que gera uma significativa redução de postos de trabalho, como consequência surge o desemprego, a precarização do trabalho e a responsabilização dos trabalhadores pelos seus resultados, impulsionando um empreendedorismo de sobrevivência (Dostler, Mota, & Rubin, 2020).

E assim, os IFs estão no meio desta dualidade entre o compromisso com o desenvolvimento tecnológico e com o combate à precarização do trabalho. Aqui cabe lembrar que o público dos IFs é a classe trabalhadora e que o compromisso institucional é com a formação humana para o trabalho. E que formação humana é essa? Uma formação que possibilite que as pessoas enxerguem o trabalho como uma atividade libertadora, criativa e crítica, com características emancipatórias. (Mota, 2020). Assim, precisamos pensar como os IFs podem contribuir no desenvolvimento de tecnologias que sejam úteis e melhorem as condições de vida da classe trabalhadora, sem estar a serviço do capital. Schwartz (2009, p.1) ressalta que “a atividade ‘de trabalho’ refere-se a escolhas, portanto a um mundo de valores que nos permitem decidir.”

O conflito entre o trabalho, essa atividade essencial que faz parte da vida de todos os seres humanos, e o capital possui uma interdependência que parece ser muito duradoura. A evolução tecnológica e a automatização vão continuar acontecendo. Que valores os IFs vão considerar para enfrentar esse contexto após a pandemia, considerando a formação humana para o trabalho? Seria muita pretensão apresentar respostas para estes questionamentos, mas buscamos aproximar algumas possibilidades teórico metodológicas para um aprofundamento de estudos sobre a temática, partindo da abordagem ergológica e utilizando o dispositivo dinâmico de três pólos. Para tanto, se faz necessário dialogar com os servidores dos IFs e a classe trabalhadora, assim, em síntese, podem ser identificados os conhecimentos e expertises dos servidores (polo A), as demandas por conhecimento científico-tecnológico dos trabalhadores (polo B), e juntos novos conhecimentos serão produzidos (polo C), no intuito de desenvolver tecnologias que sejam úteis para a classe trabalhadora. Essa sugestão de procedimento metodológico vai ao encontro das definições de Terceiro e Fischer (2018), que nos dizem que:

“De acordo com a Abordagem Ergológica do trabalho, toda atividade é constituída de três polos: No polo A encontram-se os saberes e valores constituídos nos universos científicos; no polo B estão os

saberes e valores processados e reprocessados na atividade; o polo C é o polo das exigências éticas e epistemológicas” (Terceiro & Fischer, 2018, p. 107).

Para refletirmos sobre como podemos considerar o dispositivo dinâmico de três pólos na busca por alternativas de enfrentamento aos desafios no contexto de pós pandemia é imprescindível associarmos à indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, pilares dos IFs e condição indispensável para a educação integral.

Ao relacionarmos com a indissociabilidade propomos a análise a partir da extensão que tem como premissa a relação dialógica com as comunidades, sendo que as ações devem ser desenvolvidas a partir dessa aproximação, buscando identificar as necessidades e demandas desse território.

A partir dessas definições nos questionamos se é possível praticar a extensão sem relacionar ao ensino e à pesquisa, pois nesse processo dialógico de busca por soluções para os problemas reais da comunidade será necessário um processo investigativo (pesquisa), além da relação com os componentes curriculares dos cursos e áreas de atuação dos *campi* dos IFs envolvidos nas ações, logo esses conhecimentos (acadêmicos e da experiência) irão retroalimentar os currículos e as ações institucionais.

Essas concepções vão ao encontro do que problematiza Cunha (2012, p. 35) quando relata que “há uma expectativa de que a indissociabilidade tem como premissa a esperança de superação das desigualdades sociais” onde seria importante dar à extensão um papel de destaque e centralidade na organização e distribuição do conhecimento acadêmico, o que segundo a autora exige uma virada epistemológica e política (Cunha, 2012).

Nesse sentido, analisando algumas ações que estão sendo desenvolvidas pelos IFs no enfrentamento aos problemas potencializados pela pandemia podemos perceber essas características da indissociabilidade, o que contribui para projeção de ações futuras. Isso acontece, por exemplo, em projetos desenvolvidos entre IFs e Cooperativas Populares, onde professores e estudantes do IFs, junto com os trabalhadores das referidas cooperativas identificam as necessidades e buscam soluções, o que demanda saberes acadêmicos e populares.

A partir deste exemplo propomos a reflexão sobre metodologia de pesquisa relacionada aos saberes do trabalho e voltamos a associar o dispositivo dinâmico de três pólos à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Logo, ao aproximar-se das Cooperativas Populares os IFs estão indo ao encontro de sua missão institucional de contribuir no desenvolvimento territorial, essa articulação normalmente acontece através

de projetos de extensão ou pesquisa aplicada. Dessa relação emergem as demandas dos trabalhadores por conhecimentos científico-tecnológicos (Pólo A) e também são compartilhados ou até mesmo desvelados os saberes desses trabalhadores, saberes oriundos de suas experiências e do trabalho que desenvolvem (Pólo B). No Pólo C está o desafio da produção de novos conhecimentos, “colocar em dialética os diversos saberes disponíveis – e não somente de sobrepô-los uns aos outros –, a fim não somente de se ter uma visão mais completa da situação real da atividade de trabalho humano, mas de se descobrir uma outra dimensão: a global” (Holz, 2013, p.160).

Assim, no andamento das atividades de extensão/pesquisa/ensino esses saberes acadêmicos e dos trabalhadores se entrelaçam, e dessa aproximação vão sendo tecidos os novos conhecimentos. Esse é o constante processo de renegociação das normas vigentes na academia e nas atividades de trabalho, o que Schwartz (2016, p. 253) ressalta que “em um mundo saturado de normas antecedentes em todo agir, como o é o mundo humano, a abordagem ergológica concebe a atividade como uma trama de renegociações permanentes dessas normas.” Essas descobertas e renormatizações, resultantes do Pólo C, dão origem aos novos conhecimentos científicos, que retroalimentam a academia, papel também da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Assim se dá essa relação dialógica entre os IFs e seus respectivos territórios, numa busca constante de desenvolvimento e compartilhamento de saberes, o que vai ao encontro do que Schwartz (2016, p. 255) problematiza quando relata que “toda forma de saber sobre o humano é por uma parte sujeito à aprendizagem dos nós de renormalização que a vida no presente renova sem cessar, salvo para os que pretendem mecanizar nosso agir”. Contudo, esse percurso metodológico fazendo uso do dispositivo dinâmico de três pólos pode ser incorporado nas ações dos IFs no contexto pós pandemia, onde o desenvolvimento tecnológico proposto pelos IFs ao invés de reduzir postos de trabalho ou atender ao capital possa estar alinhado ao enfrentamento da precarização do trabalho, fazendo uso da tecnologia para instrumentalizar e emancipar os trabalhadores e com isso contribuir no desenvolvimento territorial.

#### **4. Considerações Finais**

Com o estudo foi possível problematizar sobre como se dá a relação entre os IFs, os territórios em que estão inseridos e o compartilhamento de saberes acadêmicos e dos trabalhadores. Essa análise foi possível a partir da discussão sobre as ações de ensino, pesquisa e extensão

desenvolvidas pelos IFs, especialmente no enfrentamento aos problemas ocasionados pelo Covid-19, ações que estão em andamento e que poderão ser realizadas também no contexto pós pandemia, considerando a relevância de direcionar o desenvolvimento tecnológico para o enfrentamento da precarização do trabalho. Nos propomos a olhar para estas ações a partir da abordagem ergológica, utilizando o dispositivo dinâmico de três pólos para problematizar sobre o processo de compartilhamento de saberes e renormatizações que geram novos conhecimentos a partir dessa relação dialógica entre IFs e seus territórios, o que nos aproximou do conceito da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, pilares dos IFs.

Para finalizar, deixamos como reflexão a necessidade de uma luta política por melhores condições de vida para todos, para enfrentar as desigualdades precisamos unir forças. Como dito por Schwartz (2009, p. 8) “questionar o campo político, em que se discute a noção de ‘bem comum’ e o regime de produção de saberes, participa desde o início da abordagem ergológica, pois o que provoca debate em nossas sociedades encontra um eco nas situações de trabalho e de vida”. Logo, cabe aos IFs trabalharem em rede e buscarem formas para utilizar da inteligência artificial, indústria 4.0, ecossistemas de inovação e todo desenvolvimento tecnológico na superação de desigualdades e atendimento de demandas da classe trabalhadora.

#### **Referências Bibliográficas**

- Cunha, M. I. (2012). A indissociabilidade do ensino com a pesquisa e a extensão como referente de qualidade na Universidade brasileira: um discurso em tensão. In M. Cunha (Org.), *Qualidade da graduação: a relação entre ensino, pesquisa e extensão e o desenvolvimento profissional docente*. Araraquara: Junqueira&Marin.
- Durribe, L., Schwartz, Y. (2008). Glossário da ergologia. *Laboreal*, 4(1), 23-28. <https://doi.org/10.4000/laboreal.11665>
- Frigotto, G. (2018). *Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: Relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: UERJ, LPP.
- Holz, E. B. (2013). Dispositivo Dinâmico de Três Pólos e metodologia geral em Ciências Sociais: discutindo uma analogia. *Trabalho & Educação*, 22(2), 155-167.
- Marx, K. (1993). *Grundrisse*. Boitempo.
- Reditec (2020). *Mesa-redonda sobre Gestão e Trabalho*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YzoWMp9FGv8>

- Schwartz, Y. (2006). Entrevista: Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, 4(2), 457- 466.
- Schwartz, Y. (2009). Manifesto por um ergoengajamento. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Eds.), *Trabalho e Ergologia II: diálogos sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Schwartz, Y. (2016). Abordagem ergológica e necessidade de interfaces pluridisciplinares. *ReVEL*, 11, 253-264.
- Terceiro, C. S., & Fischer, M. (2018). Saberes da experiência de trabalho e saberes instituídos na educação profissional na área da panificação e da confeitaria: diálogos e distanciamentos. *Ergologia*, 19, 105-126.

### Notas

[1] Informações disponíveis na Lei N° 11.892, de 29 de dezembro de 2008 que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.

[2] Quantitativo de ações apresentadas na Carta da 44<sup>a</sup> Reditec, publicada pelo Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. 2020. Disponível em [http://portal.conif.org.br/images/pdf/Carta\\_Reditec\\_Virtual\\_2020.pdf](http://portal.conif.org.br/images/pdf/Carta_Reditec_Virtual_2020.pdf).

# Análise da atividade de uma família produtora de café especial na forquilha do Rio – ES/MG.

# Análisis de la actividad de una familia de productores de café especial en forquilha do Rio – ES/MG.

# Analyse de l'activité d'une famille de producteurs de café gourmet dans la Forquilha do Rio – ES/MG.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### Gabriel Pirovani Dias

Mestrando do Programa de Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Saúde Coletiva pela Universidade Federal Fluminense. Rua Deude Cade, 220. Guaçuí / Espírito Santo – Brasil. CEP: 29560-000 gabrielpirovani@gmail.com

### Ueberson Ribeiro Almeida

Professor Adjunto - Universidade Federal do Espírito Santo  
Rua Amélia Tartuce Nasser, 605, Edifício Albans, apto 201, Jardim da Penha/Vitória – ES. Cep 29060-110.  
uebersonribeiro@hotmail.com

### Resumo

Este estudo investiga a atividade dos produtores de café arábica especial na região da “Forquilha do Rio”, localizada entre os estados brasileiros do Espírito Santo e Minas Gerais e reconhecida nacionalmente como região importante na produção de cafés especiais. Buscamos compreender como as “arbitragens” do “corpo-si”, durante o processo de produção, interferem na qualidade e atribui a singularidade de “especial” ao café das famílias de produtores da Forquilha do Rio. A metodologia orienta-se -se pelos pressupostos ergológicos e, nesse sentido, apostava na estratégia de acompanhar em locus o plantio, cultivo e pós-colheita do café. Como técnica de produção de dados utilizamos diário de campo e conversas gravadas com os trabalhadores. Dentre os analisadores que se destacam até o momento do estudo, o vetor “configuração familiar” mostra-se como elemento basal na produção do café especial.

### Palavras-chave

café especial, Forquilha do Rio, atividade, ergologia, família

### Resumen

Este estudio investiga la actividad de los productores de café arábica especial en la región “Forquilha do Rio”, ubicada entre los estados brasileños de Espírito Santo y Minas Gerais y reconocida a nivel nacional como una región importante en la producción de cafés especiales. Buscamos entender cómo los “arbitrajes” del “cuerpo-yo”, durante el proceso de producción, interfieren en la calidad y atribuyen la singularidad de “especial” al café de las familias de productores de Forquilha do Rio. La metodología es guiada por los supuestos ergológicos y, en este sentido, apuesta por la estrategia de acompañamiento de la siembra, cultivo y post cosecha del café en locus. Como técnica de producción de datos utilizamos diarios de campo y conversaciones grabadas con los trabajadores. Entre los analizadores que se destacan hasta el momento, el vector "configuración familiar" se muestra como un elemento clave en la producción de café especial.

### Palabras clave

café especial, Forquilha do Rio, actividad, ergología, familia

### Résumé

Cette étude examine l'activité des producteurs de café arabica gourmet dans la région de la «Forquilha do Rio», située entre les États brésiliens de l'Espírito Santo

et du Minas Gerais et reconnue au niveau national comme une région importante dans la production de cafés gourmets. Nous cherchons à comprendre comment les «arbitrages» du «corps-soi» affectent la qualité au cours du processus de production et attribuent la singularité du «gourmet» au café des familles de producteurs de la Forquilha do Rio. Notre approche est guidée par les postulats ergologiques et consiste en l'accompagnement in situ de la plantation, de la culture et de la post-récolte du café. Comme technique de production de données, nous utilisons des journaux de terrain et des conversations enregistrées avec les travailleurs. Parmi les analyseurs qui se démarquent au moment de l'étude, le vecteur «configuration familiale» se révèle comme un élément de base dans la production du café gourmet.

### Mots-clés

café gourmet, Forquilha do Rio, activité, ergologie, famille

### 1. Contexto

Essa experiência de investigação tem como intuito analisar a atividade de trabalho de produtores de cafés especiais. A pesquisa está sendo realizada na localidade da Forquilha do Rio, parte do distrito de Pedra Menina, pertencente ao município capixaba de Dores do Rio Preto. Para isso, contamos com a participação, principalmente, de uma família que produz cafés especiais na região. O encontro com a temática, que dirige nosso interesse, se deu a partir da nossa experiência de trabalho como psicólogo na equipe multidisciplinar do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município em questão.

A região da “Forquilha do Rio”, localizada entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais, no distrito de Pedra Menina, pertencente ao município de Dores do Rio Preto é responsável pela produção de um dos melhores cafés do mundo, premiado nacionalmente por sua qualidade. O café cultivado no distrito de Pedra Menina, na região do Caparaó capixaba, é o café arábica (*Coffea arabica*), planta com certas requisições de cultivo, sendo uma delas o clima ameno de montanhas e que, por conta dessa exigência de clima, ocorre em terreno acima de 800 metros de altitude. Essa característica específica torna a região do Caparaó um dos lugares de possível existência dessa planta e, além disso, descobriu-se que, em Pedra Menina, existem “microclimas”. Mesmo dentro de uma pequena região, é possível que se constitua uma planta com frutos únicos, singulares (Ferrão, 2009). São desses frutos únicos que se constituem os cafés especiais.

O estudo ganha importância ao investigar as experiências de produtores rurais no que concerne o seu patrimônio de saberes produzido por sua história e vivido em sua experiência, em suas diversas atividades de trabalho na agricultura familiar, vinculados aos cafés especiais e seus diferentes processos na cadeia de produção. A relevância deste estudo justifica-se diante da possibilidade de analisar, na prática, in loco, elementos do dia a dia de trabalho, contribuindo para o debate sobre a atividade de produção de cafés especiais, assim como uma reflexão por parte dos trabalhadores e suas práticas. Desta forma, a pesquisa pode colaborar para ampliar o debate e produzir conhecimento acerca da atividade dos trabalhadores de cafés especiais, além de fornecer recursos para qualificação do processo, produzindo impactos no meio de trabalho e na realização da atividade.

Para Porto e Mello (2015), os cafés denominados especiais se diferenciam pelo sabor, forma de preparo e preços negociados, visto que esse produto recebe uma agregação de valor distinta do café tipo *commodity*. *Commodity* são produtos que não sofrem muitos processos de transformação e são comercializados em larga escala. Diferentemente dos cafés especiais, que são produzidos com a premissa da qualidade, os cafés desse tipo são produzidos primando a quantidade para abastecer o mercado mundial de cafés.

Trazer o conceito de atividade a partir da ergologia para pensar o trabalho dos produtores de cafés especiais é considerá-lo não somente como uma realização técnica ou mecânica, passível de reprodução sistemática. Nesse sentido, buscamos nos distanciar de práticas ainda bastante comuns no mundo acadêmico, que presupõem que pesquisar é representar uma realidade já dada, com leis e princípios fixos, nas quais os conceitos pretendem enquadrar a realidade vivida. Poder pensar o trabalho como atividade é entender que em todo ato de trabalho existe a complexidade de vidas singulares que produzem histórias e experiências únicas.

O objetivo desta pesquisa é realizar a análise da atividade de trabalho de uma família de produtores de cafés especiais do distrito de Pedra Menina, de maneira que possamos compreender como se elaboram as engenhosidades, saberes e astúcias que tornam o café “especial”. O interesse com a temática da pesquisa é referente a um conjunto de vetores que se convergiram neste trabalho, e todos eles tiveram uma importância, um efeito na maneira como procedemos em campo, entre as “Posturas Teóricas” e os “Movimentos Metodológicos” que adotamos.

## 2. Posturas Teóricas e movimentos metodológicos

Por posturas teóricas entendemos que não se trata de um conjunto de regras que devem ser seguidas à risca e obedecidas, como maneira de enquadrar modos de viver ou pesquisar. Isso por si só, como aponta Schwartz (2016), seria “Impossível”. O impossível, para a ergologia, é a tentativa de padronização extrema do mundo instável, dinâmico (Schwartz, 2016). Portanto, ao falarmos em “posturas” aqui, nos referimos a uma tentativa de tensionar aquilo que existe, que está dado enquanto normas, com a possibilidade da criação de singularidade. O que nos interessa é ser inventivos para conseguirmos maneiras de prosseguir no percurso da pesquisa e, para tanto, nos basearemos da discussão sobre a questão do método para a démarche ergológica, a partir da proposta do Dispositivo Dinâmico a 3 Polos (DD3P).

Com o entendimento de que o DD3P não é uma metodologia em si, mas que se propõe como um ponto de partida para poder (re)pensar a atividade em situações de trabalho, com uma premissa dialógica e a exigência de certa “postura” para produzir novos saberes e uma nova história, utilizamos três (não por acaso) posturas diferentes, mas que se complementam, como proposta para a pesquisa. São elas: a postura de Vida, de se Aproximar para Experienciar; a postura de Intervenção com o intuito de Transformar para Conhecer; e a postura de Percurso que se refere ao Encontrar para Debater.

Por Movimentos Metodológicos, aqui, propomos o entendimento de que nossa perspectiva metodológica parte da articulação do movimento de dupla antecipação, entre a atividade e atividade languageira, que são “motor” para a produção de novos saberes, para a operação da entidade que é o corpo-si. Aqui o corpo-si é também um corpo-de-trabalho, um corpo-pesquisador que está colocado no mundo, construindo seu percurso em relação aos objetivos de pesquisa postos anteriormente. Nossos Movimentos são realizados em três fases. Movimentos Primários, Imersivos e Devolutivos. E cada um desses movimentos “compartam” estratégias e técnicas de produção de dados para a pesquisa. Entendemos a pesquisa como sendo uma experiência que, apesar de não ter início, meio e fim definidos ou delimitados, acontece de maneira processual em fases circunscritas. Essa circunscrição em fases não reduz a capacidade dos Movimentos, pelo contrário, dá abrangência de atuação e de debates de normas, de maneira infinitesimal, como forma de encontrar variações infinitamente pequenas, como no cálculo vetorial. Mesmo um limite entre os números 0 e 1, um universo infinito de pequenas variações é constituído, nesse caso um universo numérico.

Assim, o zero e o um são as normas, e os encontros e o espaço entre eles, a atividade.

Mesmo tendo definido os dois lados do espectro, sempre seremos surpreendidos pela atividade, o que de maneira alguma nos impede de intervir com e sobre ela para produzir os dados de nossa pesquisa. Por isso, sem saber, a priori, o que nos aguardava em campo, os primeiros Movimentos Metodológicos foram nomeados de Primários. São Movimentos de descobertas, de dúvidas, de escolhas experimentais, de erros. São os Movimentos de um Corpo-Pesquisador na tentativa de se descobrir pesquisador e de se produzir na co-emergência do campo de pesquisa. Foi durante os Movimentos Primários que a pesquisa ganhou novos rumos ao encontrar-se com outros corpos (os dos trabalhadores) que provocaram debates de normas. A permissão da dúvida e do erro foram fundamentais para o prosseguimento da pesquisa. Eles foram importantes para a produção do território e articulação com os atores do/no campo.

Os Movimentos Imersivos fazem parte da segunda fase de Movimentos Metodológicos da pesquisa. O que separa os limites entre os Primários e os Imersivos é o primeiro acolhimento do Produtor de Café Especial ao Corpo-Pesquisador. Já havíamos construído uma trajetória do/no campo, ainda assim, mesmo que houvesse algumas inseguranças ou dúvidas, essas eram minimizadas pela experiência adquirida no Movimento anterior. As questões estavam mais nítidas, o objeto já havia ganhado contorno e a rede de apoio com as alianças do território estavam se solidificando. O Movimento de Imersão diz exatamente de um mergulho no trabalho e na vida do produtor que nos acolheu.

O diário de campo foi utilizado em ambos os Movimentos. Ele funciona como técnica e também como estratégia de produção de dados, ao mesmo tempo em que ele é parte fundamental do desenrolar da pesquisa. Nesta pesquisa ele pode ser considerado como uma espécie de Enigma. O Enigma pode designar “um objeto, uma matéria que não é conhecida, mas que não é inacessível ao conhecimento [por oposição ao mistério, impenetrável à razão]” (Schwartz & Durrive, 2016, p. 379). O diário de campo, constituído neste trabalho, possui função de nos auxiliar a refletir sobre nossos movimentos no campo, bem como avaliar as estratégias e realizar mudanças metodológicas. O diário tem sido uma espécie de plataforma de registro-base para a atividade de pesquisa, pois é, ao mesmo tempo, local de aterrissagem e também plataforma de voo, território de chegadas e saídas.

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1. O café não pode esperar

Pensamos em três categorias de análise a serem desenvolvidas em nossa pesquisa. A primeira delas é sobre a organização do trabalho dos produtores de cafés especiais da Forquilha do Rio. Gostaríamos de compreender os modos como esse trabalho se organiza em tensionamento com a atividade dos produtores, com questões mercadológicas, políticas, etc. Percebemos, durante o trabalho de campo, que os produtores de café não lidam apenas com o plantio e a colheita do café, mas são convocados a gerir inúmeras “Infidelidades do meio” relacionadas à infraestrutura da zona rural, equipamentos, valor do trabalho rural e do café como mercadoria. Ou seja, nosso intuito é compreender como micro e macro se relacionam, pensando, como nos indica Schwartz, Duc, e Durrive (2007b), que no mínimo ato de trabalho vamos nos deparar com o macro, com as questões sociais e políticas que buscam governar a vida na cidade. Entre o plantio do café e a bebida servida na mesa, existem inúmeros processos diferentes, que demandam um cuidado especial do produtor de café com sua plantação, uma atenção constante com todos os movimentos e tempos dos frutos e uma dinâmica de vida que gira em torno de sua produção. Seja no manejo do arbusto, no cuidado com o solo da lavoura, nos processos de pós-colheita do fruto, que são de extrema importância na qualidade do café. Em tensionamento com esses ‘atos’ de trabalho, percebemos o constante tensionamento entre outros fatores. A política municipal, a participação dos produtores como representantes de coletivos de cafeicultores, o papel centralizador e de liderança que determinado membro da família desempenha sobre os demais, para tratar da venda do café com compradores e exportadores do fruto, por exemplo.

#### 3.2. Um Corpo de Parambeira

Como apontado anteriormente, o café arábica é produzido em encostas de morros, as “parambeiras” na localidade da Forquilha do Rio. Isso quer dizer que os produtores, que trabalham em todos os processos do café, precisam lidar com diferentes condições e situações de trabalho. Retirar os frutos dos pés não é tarefa fácil. Tivemos a oportunidade de realizar uma colheita com o produtor. A dificuldade em se manter equilibrado nas encostas dos morros, enquanto segura uma grande peneira, ao mesmo tempo em que se apoia no arbusto sem causar forças que poderiam danificá-lo, escolher o fruto que está apto a ser colhido no momento certo de maturação, e pegá-los um por um, produz um corpo-si singular.

Nossa segunda proposta de categoria é sobre os sabe-

res investidos na atividade da produção do café especial. Sabemos que o ofício de produtor de café especial na família que pesquisamos é aprendido de geração em geração, constituindo-se como um patrimônio de saberes imprescindível à qualidade do café na região. Por isso, vimos compreendendo de que maneira esses saberes constituem a atividade do produtor de café especial e como esses saberes produzem um corpo-si (Schwartz, 2007), trabalhador e produtor de cafés especiais que faz gestão da “lida”.

#### 3.3. A constituição familiar como base do patrimônio de saberes

Por último, mas não menos importante, estamos analisando como o arranjo familiar intervém e compõe a produção do café especial. De que forma o vetor “família” se apresenta como importante na atividade de produção do café especial? De que forma a família constitui os processos de cooperação, enfrentamento dos desafios e adversidades na produção do café especial? As conversas e experiências com o campo nos indicam que, no que diz respeito à produção do café especial, há um papel importante que a família desempenha não apenas em relação ao produto final (café especial) mas como modo de “pensar”, de se relacionar com a terra, com a roça, com os vizinhos, com a vida no campo.

A família, para além da dimensão moral e privada, se constitui como dimensão do cuidado com as relações de trabalho, com a atividade e com a vida na roça. Prova disso, são as Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes (Schwartz, Duc, & Durrive, 2007a) que brotam nas relações familiares de trabalho caracterizadas, como aponta um dos produtores, como ‘troca de serviços’. Elas são constituídas a partir de laços de solidariedade com outros produtores da mesma família ou mesmo com produtores de outras famílias. Os serviços são trocados de maneira espontânea, por exemplo: se um membro da família precisou sair da propriedade para ir a um médico, um outro membro da família passa em sua propriedade para virar o café no terreiro durante a secagem. Ou então quando a colheita precisa ser realizada, os membros de algumas famílias se oferecem para colherem o café juntos. Ainda, se o equipamento de um produtor de outra família demonstra algum tipo de problema, ele pode utilizar o equipamento de outra família sem ônus.

### 4. Conclusões

A produção familiar do café na Forquilha do Rio é diferente de outros lugares. Tendo caracterizações únicas como a troca de serviços, uma técnica de armazenagem do café recém colhido e uma espécie de planta de café

que foi desenvolvida naquela localidade: “o caparaó amarelo”. A atividade do cafeicultor é complexa, delicada e abrange muitos elementos que compõe o dia-a-dia em suas propriedades, seja com seu ofício, com a sua família e com a sociedade ao redor. Fica demasiado explícito que todo o ato de gestão de sua atividade é um fator determinante para a qualidade final do café ‘na xícara’. Entendemos principalmente, que a forte relação de cuidado com a terra e com a planta envolvido em sua atividade é necessário não só para esse resultado, mas para que a atividade possa se tornar sustentável.

Pensando no intrincado conceito de *terroir*, já bastante utilizado para os vinhos, que qualifica as especificações e singularidades do produto final, podemos afirmar que dentre os aspectos físicos como solo, irrigação, tipo da planta, a atividade do cafeicultor é um dos elementos que caracterizam essa singularidade do café, tornando-o especial. Dessa forma, os produtores familiares de café da Forquilha do Rio têm ganhado notoriedade pelo mundo, pelo terroir que seu café oferece. O *terroir* Caparaó, região onde se localiza a Forquilha do Rio, é considerado um dos melhores do mundo e seus cafés são disputados por compradores de diversos países.

### **Referências Bibliográficas**

- Ferrão, M. (2009). *Técnicas de produção arábica: renovação e revigoramento das lavouras no Estado do Espírito Santo*. Vitória: INCAPER. [http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/publicacoes\\_tecnicas/circulartecnica-cafeearabica.pdf](http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/publicacoes_tecnicas/circulartecnica-cafeearabica.pdf)
- Porto, P., & Mello, R. (2015). Empreendedorismo internacional e Effectuation: O caso do Café Yaguara Ecológico. *Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM - InternexT*, 10(3), 10-48. <http://dx.doi.org/10.18568/1980-4865.10315-30>
- Schwartz, Y., (2007). Trabalho e uso de si. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Eds.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (pp. 189-204). Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y., Duc, M., & Durrive, L. (2007a). Técnicas e Competências. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Eds.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (pp. 85-102). Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y., Duc, M., & Durrive, L. (2007b). Trabalho e Ergologia. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Eds.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. (pp. 26-36). Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2016). Vocabulário de Ergologia. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Eds.), *Trabalho e Ergologia II: Diálogos sobre a atividade humana* (pp. 375-386). Belo Horizonte: Fabrefactum.

# O trabalho do motorista de aplicativo pelo olhar da ergologia na cidade do Rio de Janeiro – Brasil: normas, renormalizações e formação de coletivos.

# El trabajo del conductor por aplicación bajo la mirada de la ergología en la ciudad de Rio de Janeiro – Brasil: normas, renormalizaciones y formación de colectivos.

# Le travail du chauffeur depuis applicatifs selon le regard de l'ergologie dans la ville de Rio de Janeiro – Brésil: normes, renormalisations et formation de collectifs.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE CIÉNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### **Rayana Ferreira Vinagre**

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Departamento de Pesquisa e Pós Graduação  
Avenida Maracanã 229 Maracanã. CEP: 20271110 - Rio de Janeiro, Brasil  
rayanavinagre@gmail.com

### **Mayara Vieira Henriques**

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Departamento de Pesquisa e Pós Graduação  
Avenida Maracanã 229 Maracanã. CEP: 20271110 - Rio de Janeiro, Brasil  
mayaravhenriques@gmail.com

### **Raquel Figueira Lopes Cançado Andrade**

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Departamento de Pesquisa e Pós Graduação  
Avenida Maracanã 229 Maracanã. CEP: 20271110 - Rio de Janeiro, Brasil  
raquel.cancado.andrade@gmail.com

### **Denise Alvarez**

Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Rua Passo da Pátria, 156, Bloco D, sala 306,  
Escola de Engenharia, Campus da Praia Vermelha, São Domingos Niterói – Rio de Janeiro – Brasil CEP 24210-240  
alvarezdenise@id.uff.br

### **Resumo**

Com o advento das novas formas de trabalho fundamentadas em, dentre outros conceitos, no conceito de flexibilização, o transporte por aplicativos se consolidou em uma das principais alternativas para prestação do serviço. A medida que a flexibilização permite liberdade no estabelecimento da rotina do trabalhador, também elimina direitos trabalhistas e transfere os riscos associados ao trabalho ao próprio trabalhador. O objetivo desta pesquisa foi analisar a atividade de trabalho do motorista de aplicativo na cidade do Rio de Janeiro, implicado em um conjunto de normas antecedentes e espaços de ressignificação particulares. A metodologia consistiu na realização de uma pesquisa bibliográfica com ênfase na perspectiva ergológica e posterior entrevista qualitativa inspirada no método de Instrução ao Sósia. Como resultados, identificou-se uma série de normas antecedentes que dão suporte ao trabalhador e que são atravessadas por valores sociais que impactam a segurança do motorista e do passageiro, convocando-os a renormalizar.

### **Palavras-chave**

motorista de aplicativo, flexibilização do trabalho, ergologia, precarização do trabalho

### **Resumen**

Con la llegada de nuevas formas de trabajo basadas, entre otros conceptos, en el concepto de flexibilidad, el transporte por aplicaciones se ha convertido en una de las principales alternativas para la prestación del servicio. Como la flexibilización permite libertad para establecer la rutina del trabajador, también elimina los derechos laborales y transfiere los riesgos asociados con el trabajo al propio trabajador. El objetivo de esta investigación fue analizar la actividad laboral del conductor por aplicaciones en la ciudad de Río de Janeiro, involucrado en un conjunto de normas antecedentes y espacios de nuevos significados particulares. La metodología consistió en realizar una búsqueda bibliográfica con énfasis en la perspectiva ergológica y posterior entrevista cualitativa inspirada en el método de Instrucción al Doble. Como resultado, identificamos una serie de normas antecedentes que sustentan al trabajador y que son atravesadas por valores sociales que impactan la seguridad del conductor y del pasajero, llamándolos a renormalizar.

### **Palabras clave**

conductor por aplicaciones, flexibilidad laboral, ergología, precarización del trabajo

## Résumé

Avec l'avènement de nouvelles formes de travail basées, entre autres, sur le concept de flexibilité, le transport par applications est devenu l'une des principales alternatives de prestation de services. Autant la flexibilisation permet la liberté d'établir la routine du travailleur, elle élimine également les droits du travail et transfère les risques associés au travail au travailleur lui-même. L'objectif de cette étude était d'analyser l'activité de travail des chauffeurs depuis applicatifs dans la ville de Rio de Janeiro, impliqué dans un ensemble de normes antécédentes et d'espaces de renormalisation particuliers. La méthodologie a consisté à mener une recherche bibliographique avec un accent sur la perspective ergologique et un entretien qualitatif ultérieur inspiré de la méthode de l'Instruction à la Double. En conséquence, nous avons identifié une série de normes antécédentes qui soutiennent le travailleur et qui sont traversées par des valeurs sociales qui impactent la sécurité du conducteur et du passager, les appelant à se renormaliser.

## Mots clés

travail de chauffeurs d'applicatifs, flexibilité du travail, ergologie, précarisation du travail

## 1. Introdução

Delate (2017) associa o termo “flexibilidade” à produção e ao trabalho vinculado às mudanças operadas no processo produtivo e no trabalho a partir da introdução de elementos do modelo toyotista nas empresas ocidentais na década de 70, após o esgotamento do modelo fordista. Outros autores, como Dal Rosso (2017), associa-o às práticas de informalidade e à organização dos horários. A flexibilidade também pode ser compreendida simplesmente como forma contemporânea de eliminação de direitos associados ao trabalho e da transferência de riscos, custos e trabalho não pago para os trabalhadores, sem que as organizações percam o controle sobre sua produção (Abílio, 2017).

O advento da tecnologia e o modelo de negócios estabelecido pela Uber Technologies Inc. (Uber), por exemplo, constitui-se como uma das novas formas de trabalho e se alicerça no discurso de flexibilidade. Dessa maneira, a empresa não estipula jornada e local de trabalho para os motoristas, não exige fidelização, possibilita que eles prestem serviços para outras empresas. Há então autonomia para decidir sobre dias trabalhados, jornada e demanda diária, assim como, locais onde atuar.

Esse modelo de trabalho se alastrou pela nossa sociedade de forma tão disseminada, que empresas de diver-

sos ramos também aderiram ao trabalho por demanda, sem vínculo empregatício, via aplicativos de celulares. Hoje, nesse formato de negócio, há disponibilidade de serviços de *delivery* de comidas, de prestação de serviços e vendas de produtos diversos. Esta forma de trabalhar mediada pelo gerenciamento de plataformas digitais, tem sido denominada “uberização”. De facto, este modelo traz imensos impactos sociais, que vêm sendo caracterizado pela ‘precarização do trabalho’, entretanto, neste texto, não daremos ênfase a esse aspecto. Essa transformação no modo de trabalhar mostra-se pertinente à análise sob o viés da ergologia, visto que tal perspectiva concebe o trabalho como um combinado de aspectos técnicos com ação humana, numa relação de singularidade frente às demandas do mundo laboral (Holz, 2013), centra-se, portanto, no interesse em analisar o trabalho pelo ponto de vista da atividade. O trabalho, assim como todo o agir humano como atividade, é reconhecido como um lugar de debate, de possibilidades, de negociações (Gomes Junior & Schwartz, 2014; Schwartz, 2014). O ser trabalhador, em sua singularidade, é assim convocado a renormalizar, a criar novas normas, recriando seu meio. Ao fazer isso, elege valores prioritários que balizam sua forma de interagir com os meios técnicos, com os objetivos que lhe são pedidos pelo trabalho, a partir das normas já previamente estabelecidas pelos protocolos que buscam antecipar, organizar, ou seja, pelas normas antecedentes. Este diálogo é travado também com os seus próprios antecedentes (Schwartz & Echternacht, 2007) e, mesmo sendo realizado por uma única pessoa, com o coletivo envolvido, implicando em algo singular (Vasconcelos & Muniz, 2016).

À vista disso, o objetivo do artigo consiste em analisar a atividade de trabalho do motorista de aplicativo, um modelo implicado em um conjunto de normas antecedentes e espaços de ressignificações particulares. O estudo foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

## 2. Metodologia

Utilizou-se uma metodologia de pesquisa que valoriza a análise da atividade de trabalho pelo ponto de vista do trabalhador, protagonista da atividade.

Dessa forma, realizou-se, a priori, uma pesquisa bibliográfica para contextualizar os assuntos tratados na pesquisa, com ênfase na perspectiva ergológica da atividade de trabalho e especial atenção às normas, renormalizações e formação de coletivos.

Como ferramenta de investigação da atividade de trabalho, optou-se por uma entrevista qualitativa realizada com um trabalhador, inspirada na Instrução ao Sósia,

método criado por Ivar Oddone e sua equipe, na década de 1970, no Movimento operário italiano (Silva et al., 2016). A Instrução ao Sósia não foi utilizada de forma integral, com a abordagem coletiva, por questões de limitação do tempo do projeto que contemplou este trabalho: o Projeto de Extensão “Estudo Introdutório da Ergonomia da Atividade: uma abordagem ergológica da atividade de trabalho” que ocorre desde 2017 numa Instituição de Ensino Tecnológico do Brasil, situada no Rio de Janeiro.

A entrevista foi realizada em dupla e valeu-se de um roteiro breve, contemplando inicialmente uma adaptação da questão principal da Instrução ao Sósia: ‘Suponha que eu seja seu sósia e que amanhã eu me encontre em situação de substituí-lo em seu trabalho. Quais são as instruções que você deveria me transmitir a fim de que ninguém se dê conta da substituição?’

Na sequência do roteiro, havia orientação para serem feitos questionamentos acerca das normas de trabalho, como por exemplo: “O que preciso fazer de acordo com a normas que eu tenho que cumprir?” / “Como posso fazer de maneira melhor?” / “Em que momentos eu preciso fugir da norma?”

Os alunos que participaram desta entrevista – Thaís Correa dos Santos e Lucas Mendes dos Santos – foram orientados para que se colocassem de fato num papel de sósia, questionando a atividade de trabalho nos momentos que sentissem necessidade.

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1. Normas Antecedentes, Renormalizações e os Valores Sociais

Como normas de trabalho, o motorista de aplicativo possui as leis de trânsito, normas locais informais, e um código de conduta disponibilizado pela empresa, as normas sociais que envolvem a prática da atividade de trabalho, além das normas que cria para si ao longo da atividade.

##### 3.1.1. Leis de trânsito

O motorista de aplicativo precisa ter o registro de sua habilitação para utilização com fins profissionais (exerce atividade remunerada). Uma norma de trânsito seguida por todos, é a de que se deva respeitar a sinalização de “pare” e “siga”, indicadas pelas cores vermelha e verde, respectivamente, nos semáforos. Entretanto, como estratégia de segurança (mesmo que pareça uma oposição à ela), por vezes o motorista evidenciou a prática de renormalização, indicando que não para em sinais vermelhos após um determinado horário por receio da exposição ao risco de sofrer alguma violência. Pode-se observar a seguir, a ponderação do entrevistado para tal situação:

Entrevistadora: ... *em relação ao sinal, você costuma avançar?*

Entrevistado: *Não, na realidade, isso é, depende da hora que a gente está trabalhando né, durante o dia não, eu sempre procuro respeitar as leis de trânsito, passou das dez horas da noite, infelizmente no Rio de Janeiro é um pouco difícil você ficar parado nos sinais, dependendo de onde você esteja...*

Aqui, percebe-se que a atividade de trabalho é ressignificada pelo trabalhador, ao passo que ele se sente mais seguro descumprindo uma lei de trânsito – parar no sinal vermelho – do que respeitando-a. Parece um paradoxo, ao considerarmos que as leis de trânsito valem-se prioritariamente do valor da segurança, dentre outros. E, ao ultrapassar o sinal vermelho ele se expõe ao risco de colisão com outro veículo. Em sua ponderação, ele opta por um dos riscos: ser assaltado ou acidentar-se em uma colisão com outro veículo, verdadeiro debate de normas e valores.

##### 3.1.2. Normas locais informais

No local onde foi realizado o estudo, a questão da falta de segurança pública é um problema que faz parte da vida de todos os moradores da região. Dada essa situação, há locais em que os milicianos (organização mafiosas composta por pessoas armadas que intimidam a população local) possuem regras próprias de trânsito, que devem ser cumpridas por todos os motoristas que, por qualquer razão, entrem em um território de ‘domínio’ – informal – de grupos de marginais/bandidos. Essa prática é informal, mas é tão real que não há quem ouse desrespeitá-la, pois o risco de sofrer uma violência, inclusive a morte, é grande.

Assim, os motoristas de aplicativos precisam estar atentos a essas normas, e agir em função delas, caso seja necessário, como percebe-se no depoimento a seguir:

Entrevistado: (...) *hoje no Rio de Janeiro, infelizmente existe a regra dos bandidos né, então normalmente quando a gente vai entrar em algum lugar estranho, alguma comunidade, tem a regra normal que é: abaixa os vidros do carro, acende a luz de dentro interna do carro, liga o pisca-alerta e apaga o farol. (...) Isso normalmente são as normas quando você entra numa comunidade. Mas, normalmente, você pergunta pra pessoa como está, porque as comunidades são cíclicas, tem momentos ruins, momentos que está mais calmo. Então normalmente você pergunta ao passageiro, o passageiro diz 'não tá legal hoje', 'tá tranquilo' ou normalmente você até evita de entrar.*

Pelo relato do trabalhador, percebe-se que é muito importante a intervenção que o motorista faz de acordo com o modo como interpreta a sua situação de trabalho. Estão em jogo valores como a segurança pessoal e o cumprimento do serviço comprometido - conversar com cliente para auxiliar na decisão a ser tomada. O entrevistado explica o seu ponto de vista diante de uma decisão de respeitar regras de bandidos:

Entrevistado: *E, já entrei várias vezes – em comunidades – e nunca tive nenhum problema, na realidade. Não sei se isso é bom ou se isso é ruim né, porque a gente se submete a uma regra de pessoas que são sem regra, é uma coisa um pouco complicada, mas infelizmente faz parte da nossa profissão a gente andar às vezes em lugares um pouco perigosos.*

Percebe-se aqui um visível debate de normas vivenciado pelo trabalhador, onde devemos considerar os usos de si como elementos de contribuição das tomadas de decisões. Estas, aparentemente frias, estão certamente imbuídas de pontos e contrapontos vividos na situação do trabalho real, pois não só sua própria vida está em jogo como o fato de respeitar regras que podem não ser seguidas por quem as criou. A atividade é ressignificada frequentemente diante de experiências como essas.

### **3.1.3. Normas da empresa – A ‘Cartilha’**

É possível perceber como o trabalho prescrito, quando aplicado a serviços como no caso analisado, pode ser pouco específico e controverso, além de isentar a empresa de praticamente qualquer responsabilidade jurídica, seja com o motorista, seja com o passageiro. Ao se verificar a maneira como a prescrição é colocada tanto para o motorista cadastrado quanto para o passageiro, é possível perceber uma alteração na forma com que a isenção de responsabilidade é feita.

Ao analisar o “Código de Conduta da Empresa XYZ” (disponível na página do aplicativo), a linguagem inicial é informal e amigável, quase como uma conversa entre amigos. À medida que se avança no texto, algumas recomendações são inseridas com um teor mais normativo, pontuando algumas ações esperadas dos motoristas.

O sistema do aplicativo interpreta a avaliação que o cliente faz do motorista e vice-versa, assim, ambas as partes possuem uma ‘reputação’ na plataforma. De tal forma que há uma aproximação entre a empresa e os usuários com relação ao feedback sobre o serviço prestado. Porém, no tópico seguinte surge em sinal de alerta

sobre a perda de acesso a plataforma. Percebe-se então que, apesar da solicitação inicial de um *feedback* criterioso, tal resultado pode levar ao medo de ser descredenciado do aplicativo - o que pode ocorrer de fato para os motoristas. Por consequência, gera-se uma ação comum onde todos mantêm uma avaliação razoável a fim de que ninguém perca o acesso ao aplicativo.

Entrevistadora: Tem alguma regra da empresa em si, do aplicativo, que eles orientam vocês a fazer?

Entrevistado: (...) *não tem muita orientação, na realidade ele tem até uma cartilha do motorista que é ... manter o carro limpo, manter o som baixo, manter uma apresentação, é, tratar educadamente, isso é: evitar discriminações dentro do carro, porque isso também acontece, é, hoje em dia a diversidade né, você tem que ser cordial com todos, independente de cor, de raça, de opção sexual(...)*  
*eles pedem que você tente ser o mais agradável possível para que as pessoas que vão andar com você tenham uma experiência mais agradável possível, então a empresa XYZ te dá, na realidade, além dessa cartilinha, ela dá um voto, ele dá um benefício aos melhores motoristas sempre, então ele tem categorias estrelas, categorias ouro, diamante, motorista VIP, isso é, de acordo com a sua nota no aplicativo, que todo passageiro dá ao término, você, através daquela média que sempre faz a conta das últimas 500 viagens, você tem uma nota e essa nota faz você participar de algumas promoções para ganhar um pouco mais. Você sendo VIP, você pega passageiros VIPs, passageiros VIPs são os que usam muito a plataforma e só caem com motoristas com notas elevadas, eles nunca vão pegar um motorista de nota baixa, e essas notas são super importantes porque na realidade o motorista que tem nota muito baixa ele é cortado do aplicativo.*

Quando compara o texto de “XYZ do Brasil” – Termos e condições: Última atualização 16 de março de 2017”, verifica-se a utilização de uma linguagem mais formal e técnica juridicamente, apesar das questões apresentadas serem próximas das apresentadas no “Código de Conduta da Empresa XYZ”. Como exemplo, temos o trecho onde a empresa proprietária do aplicativo se exime de qualquer responsabilidade ou indenização que os usuários solicitantes venham a requerer de serviços prestados pela plataforma via motoristas cadastrados. Ou seja, ela se coloca como uma “facilitadora” entre pessoas que buscam e oferecem serviços de transporte de passageiros.

ros, transferindo para os usuários a responsabilidade da utilização ou prestação do serviço, como se pode ler:

"Ademais, a XYZ não faz nenhuma declaração nem dá garantia sobre a confiabilidade, pontualidade, qualidade, adequação ou disponibilidade dos serviços ou de quaisquer serviços ou bens solicitados por meio do uso dos serviços, nem que os serviços serão ininterruptos ou livres de erros. A XYZ não garante a qualidade, adequação, segurança ou habilidade de prestadores terceiros. Você concorda que todo o risco decorrente do uso dos serviços e de qualquer serviço ou bem solicitado por meio da tecnologia será sempre seu na máxima medida permitida pela lei aplicável" (Item sobre Recusa de Garantia; Limitação de responsabilidade; indenização. Recusa de Garantia – Grifos do texto original)

Na instrução, o motorista se refere a uma "cartilha". Entretanto, nenhuma das documentações existentes possuem essa denominação. Isso nos indaga sobre a qual referência normativa o trabalhador está se baseando como normas de trabalho. Nas diversas documentações há temas que se repetem com profundidades, estilos de escrita, responsabilização e interpretação diferentes. Enfim, não há clareza do que seja o trabalho prescrito, do que deve ser entregue/contratado. Constata-se então, a necessidade de constantes renormalizações por parte dos motoristas, a fim de tentar se adequar a pelo menos uma das documentações normativas.

#### **3.1.4. Boas práticas sociais**

Outro indicador relevante é o bom atendimento ao cliente, não só pela qualidade do serviço oferecido, mas também pela forma com que o cliente espera ser recebido ao entrar no carro. Como instruções ao sócio, o entrevistado explicou o modo como trata o cliente, como referência do bom atendimento:

*Entrevistado: primeiro tem que tratar as pessoas como eu trato, isto é, tem que tratar as pessoas bem, atender as pessoas com alegria, cumprimentar as pessoas quando entram, manter, no caso da nossa profissão, manter o carro limpo, o som num volume aceitável, não muito alto, com uma música calma, não uma música agitada, não uma música de nosso gosto e sim uma música calma para que os passageiros possam ficar tranquilos...*

É válido atentar para o fato de que essas boas práticas sociais, podem afetar a avaliação que o usuário faz do motorista no aplicativo, afetando a sua nota. Assim, os motoristas percebem essa conduta como um elemento que possui algumas interfaces com seus valores, tanto humanos – valores sociais, de educação e cordialidade – como profissionais – ser bem avaliado.

#### **3.2. A Formação de coletivos**

Podemos tentar localizar os coletivos de trabalho nos grupos formados, ou melhor, "entidades coletivas relativamente pertinentes - ECRP" (Schwartz, 2010), em decorrência das relações que são estabelecidas pelo trabalho do motorista.

Schwartz (2010) afirma que compreender o que é viver no trabalho é compreender como nós constituímos, nós desfazemos e refazemos essas famosas entidades coletivas relativamente pertinentes. Além disso, essas entidades são lugar de dois sentidos: o que está num polo individualizado e o que está num polo universalizado. Esses dois sentidos são simultâneos e dinâmicos, pois o indivíduo que trabalha está sempre envolvido em um contexto coletivo.

Na atividade de trabalho analisada, percebe-se que este coletivo parece estar oculto, por trás de uma plataforma, onde os trabalhadores não enxergam uns aos outros. No entanto, na realidade, eles existem através de caminhos paralelos aos visíveis pela empresa. E, principalmente, podem ser fortalecidos pela prática do trabalho e troca de experiências entre os motoristas.

Sobre o coletivo de motoristas, o entrevistado reporta a necessidade de o passageiro avaliar corretamente a viagem que fez, pois segundo ele, isso favorece os motoristas melhores e faz com que a plataforma consiga manter um nível de serviço esperado. A avaliação correta que o passageiro faz sobre o motorista é um incentivo para que o profissional possa se esforçar em atender sempre da melhor maneira possível, pois o próprio aplicativo, pelo seu ranking interno, concede benefícios para os melhores motoristas. Apesar de ser um coletivo de motoristas, essa faceta de competição entre os profissionais se opõe ao que é apresentado pela ergologia na questão do coletivo.

É importante perceber também que o usuário/cliente participa na formação desse coletivo, principalmente porque praticamente a prestação do serviço acontece no momento em que o profissional motorista está em contato ele. Sendo assim, o cliente influencia o serviço prestado, emoldurando a situação de trabalho.

De tal forma que, neste esboço de coletivo, fazem parte trabalhadores e clientes, que estabelecem o formato

do trabalho naquela situação; e que, com as vivências e experiências trocadas por estas ECRPs, podem contribuir para a criação de novas regras/normas. Há ainda outros sujeitos que compõem estas ECRPs, tais como os criadores de algoritmos e conceptores de plataformas, embora em princípio figurem como partes prescritoras da atividade, mas têm poder de ação sobre o sistema.

#### 4. Conclusão

O objetivo deste estudo foi analisar a atividade de trabalho do motorista de aplicativo no Rio de Janeiro, um modelo de trabalho relativamente novo para a sociedade mundial, que conta com uma pluralidade de normas e espaços de ressignificações particulares.

O estudo realizou uma entrevista qualitativa, inspirada no método de Instrução ao Sósia, buscando enxergar a atividade do trabalho pela ótica do trabalhador.

Identificou-se uma série de normas antecedentes (formais e informais) que dão suporte ao trabalho do motorista do aplicativo, como regras de trânsito, funcionamento do aplicativo, cartilha disponibilizada pela empresa e normas de cordialidade. Todas essas normas estão envoltas em valores sociais, que tentam contemplar desde a segurança do motorista e do passageiro, até as boas práticas sociais. Percebeu-se que, no trabalho vivo, surgem diversas renormalizações, que perpassam pelos mesmos valores sociais, inclusive, mas que o sistema de funcionamento do trabalho não dá conta de identificar e tratar as situações emergentes na situação de trabalho. Ainda como fruto deste estudo, percebeu-se a formação de um tipo de coletivo de trabalho bastante influenciado pela força do usuário/cliente, que acaba moldando e criando uma relação de imposição de normas que são criadas e avaliadas por quem não está em atividade de trabalho – o cliente –, mas que tem muita força na construção da atividade do motorista, visto que este trabalhador é um prestador de serviço e pode ser desligado do aplicativo a qualquer momento. É importante ressaltar que, por ser um modelo de trabalho ainda recente, encontra-se em desenvolvimento e com possibilidades de propostas, tanto para o trabalhador, como para a empresa. A ergologia, por dar voz às experiências do trabalho vivo, pode e deve ser considerada como uma perspectiva da análise da atividade de trabalho para enxergar as facetas que são imperceptíveis aos estudos com outros aportes teórico-metodológicos. Espera-se que este estudo possa contribuir com elementos novos, que sejam considerados para a macro-gestão do trabalho e melhorias na segurança e na qualidade de vida dos motoristas de aplicativos.

#### Referências Bibliográficas

- Abílio, L. C. (2017). Uberização do trabalho: subsunção real da viração. *Passa Palavra*, 19(02). Disponível em: <http://passapalavra.info/2017/02/110685&gt>
- Dal Rosso, S. (2017). *O ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a teoria do valor*. Boitempo Editorial.
- Delate, R. M. (2017). *A dignidade do trabalhador e as novas formas de exploração do trabalho humano: a relação Uber x motorista* (Monografia). Rio de Janeiro, Brasil.
- Gomes Júnior, A., & Schwartz, Y. (2014). Psicologia, saúde e trabalho: da experiência aos conceitos. *Psicologia em Estudo*, 19(2), 345–351. <https://doi.org/10.1590/1413-737222224016>
- Holz, E. B. (2013). Pesquisa Ergológica: científicidade, coerência, paradigma e articulação conceitual. *Gestão & Conexões*, 2(1), 210-230.
- Schwartz, Y. (2010). A dimensão coletiva do trabalho e as Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes (ECRP). In Y. Schwartz, & L. Durrive (Eds.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (pp. 149–164). Niterói: EDUFF.
- Schwartz, Y., & Echternacht, E. H. (2007). O trabalho e a abordagem ergológica: “Usos dramáticos de si” no contexto de uma Central de tele-atendimento ao cliente. *Informática na educação: teoria & prática*, 10(2), 9-24. <https://doi.org/10.22456/1982-1654.6029>
- Silva, A., Caraballo, G., Prestes, M., Xavier, D., Falcão, J., & Torres, C. (2016). Apropriações da Instrução ao Sósia na análise da atividade de trabalho. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 21(4), 446–455. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160043>
- Vasconcelos, A., & Muniz, H. P. (2017). O corpo psíquico e histórico no trabalho: corpo subjetivo e corpo-si. *ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 7(2), 319–328.

# Atividade dos trabalhadores no processo de compostagem de uma instituição pública no Brasil.

## Actividad de los trabajadores en el proceso de compostaje de una institución pública en Brasil.

### Activité des travailleurs dans le processus de compostage d'une institution publique au Brésil.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### Hugo Gama

Mestrando em Saúde Pública  
R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos, Rio de Janeiro - RJ, 21041-210 hugogama.psi@gmail.com

### Samara Leal

Mestranda em Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz)  
R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos, Rio de Janeiro - RJ, 21041-210 samara.leal.psi@gmail.com

### Talita Nascimento Coelho

Doutoranda em Saúde Pública  
R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos, Rio de Janeiro - RJ, 21041-210 talita.acn@gmail.com

### Simone Santos Oliveira

Pesquisadora  
R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos, Rio de Janeiro - RJ, 21041-210 simone@ensp.fiocruz.br

### Resumo

Este artigo buscou analisar a relação trabalho, saúde e subjetividade no processo de compostagem de uma instituição pública no Rio de Janeiro, a partir da perspectiva ergológica. Realizou-se uma observação do trabalho com base em instrumento de análise ergonômica seguida por entrevistas. Os resultados dessa incursão foram devolvidos aos trabalhadores através de Encontros sobre o Trabalho (EST), com o debate sobre as normas antecedentes e as renormatizações. Os trabalhadores participaram dos EST abordando as microgestões cotidianas necessárias ao enfrentamento do trabalho real. Esta pesquisa permitiu perceber como as trocas linguageiras fortalecem a produção do coletivo, ampliando suas possibilidades de ação. E como a autonomia desses trabalhadores em relação à gestão das tarefas e pausas possibilita o desenvolvimento de diversos modos operatórios, através do uso da comunicação e da cooperação, que constituem um patrimônio expresso no corpo e transmitido oralmente.

### Palavras-chave

atividade, encontros sobre o trabalho, ergologia, trabalho

### Resumen

Este artículo buscó analizar la relación trabajo, salud y subjetividad en el proceso de compostaje de una institución pública de Río de Janeiro, desde la perspectiva ergológica. Se realizó una observación del trabajo basada en el instrumento de análisis ergonómico, seguida de entrevistas. Los resultados de esta incursión fueron devueltos a los trabajadores a través de las Reuniones de Trabajo (EST), con el debate sobre las normas anteriores y las renormatizaciones. Los trabajadores participaron en las tecnologías ecológicas abordando la microgestión diaria necesaria para afrontar el trabajo real. Esta investigación nos permitió ver cómo los intercambios lingüísticos fortalecen la producción del colectivo, ampliando sus posibilidades de acción. Y cómo la autonomía de estos trabajadores en relación con la gestión de las tareas y las pausas permite el desarrollo de diferentes modos de funcionamiento, mediante el uso de la comunicación y la cooperación, que constituyen un patrimonio expresado en el cuerpo y transmitido oralmente.

### Palabras clave

actividad, reuniones sobre el trabajo, ergología, trabajo

## Résumé

Cet article a cherché à analyser la relation travail, santé et subjectivité dans le processus de compostage d'une institution publique à Rio de Janeiro, du point de vue ergologique. Une observation du travail basée sur un instrument d'analyse ergonomique a été réalisée, suivie d'entretiens. Les résultats de cette incursion ont été restitués aux travailleurs par le biais des Grupes de Rencontres du Travail (GRT), avec le débat sur les normes antérieures et les renormatisations. Les travailleurs ont participé aux technologies douces en abordant la microgestion quotidienne nécessaire pour faire face au travail réel. Cette recherche nous a permis de voir comment les échanges linguistiques renforcent la production du collectif, élargissant ses possibilités d'action. Et comment l'autonomie de ces travailleurs par rapport à la gestion des tâches et des pauses permet de développer des modes de fonctionnement différents, par l'utilisation de la communication et de la coopération, qui constituent un patrimoine exprimé dans le corps et transmis oralement.

## Mots clés

activité, groupes de rencontres du travail, ergologie, travail

## 1. Introdução

Ao longo dos séculos o trabalho passou por grandes transformações, atingindo fortemente a materialidade, a subjetividade e a forma de ser da classe trabalhadora (Antunes, 2009). A relação do homem com o trabalho passou a uma lógica capitalista cada vez mais perversa de desvalorização do trabalho. Em um contexto neoliberal, o individualismo e a competitividade são incentivados e os coletivos são minados. O trabalho flexível, parcelado, precarizado aumenta as demandas e pressões sobre os trabalhadores.

Ainda assim, o trabalho pode ser reconhecido como uma categoria central na vida das pessoas e se constitui como operador de saúde ou fonte de adoecimento a depender da possibilidade de ação dos trabalhadores (Silva & Ramminger, 2014). Por isso, pensar a atividade dos trabalhadores, como realizam essa gestão e de como isso implica na relação saúde-doença, é fundamental. O trabalho é permeado por acontecimentos inesperados com discrepâncias entre o prescrito e o real, trabalhar é preencher essas lacunas, sendo importante que se construam espaços de diálogo e reflexão para que as renormatizações presentes, os debates de normas, essa dimensão gestionária do trabalho circule ressignificando o trabalho e se transforme em patrimônio invisível.

O presente artigo surge de reflexões sobre os resulta-

dos de uma análise ergonômica realizada no processo de trabalho de uma área de compostagem em instituição pública no Rio de Janeiro para fins de avaliação em uma disciplina ministrada pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/FIOCRUZ) em 2019. Embora o foco da disciplina tenha sido a realização de uma análise ergonômica, sentiu-se a necessidade de ampliar o olhar a partir da perspectiva ergológica trazendo o debate de normas e valores presentes na atividade. No caso dos trabalhadores da compostagem, consideramos importante pensar no comprometimento do quadro de saúde tendo em vista a grande exigência física do trabalho e promover reflexões que pudessem colaborar para a construção de sentido no trabalho.

## 2. Trabalho, saúde e subjetividade

A organização do trabalho atual exige novas competências dos trabalhadores, as relações de trabalho se tornam mais complexas e fluidas, produtoras de contradições. Valoriza-se a autonomia no trabalho ao passo que a padronização dos procedimentos é fortemente requisitada. A comunicação é considerada uma competência chave enquanto os coletivos de trabalho são minados (Schwartz & Durrive, 2010). Assim, também são muitas as contradições expressas na relação trabalho-saúde. O conceito de saúde é complexo e fluido, por envolver diversos fatores e olhares, ao associar o campo físico, biológico, psíquico e social. Nesse sentido, privilegia-se a conceção de Canguilhem (2009), na qual a saúde é entendida como uma luta e o equilíbrio total só encontramos na morte. Para o autor, a saúde não pode ser reduzida a um mero equilíbrio ou capacidade adaptativa, mas deve ser pensada como a capacidade normativa de instituir normas diferentes em condições diferentes. Os seres humanos são normativos e uma vida contrariada, impedida, é o que levaria ao adoecimento.

Normatividade tem a ver com plasticidade, com a possibilidade de transgredir as normas vigentes e moldar novas. Para Canguilhem (2009), a saúde como atividade normativa é a capacidade de mobilizar os recursos internos para superar as infidelidades do meio, saindo de situações de perigo à manutenção da vida. Nesse sentido, é interessante o conceito de Dejours (1986) para quem a saúde é uma sucessão de compromissos com a realidade; “a saúde é a liberdade de dar a esse corpo a possibilidade de repousar, é a possibilidade de lhe dar de comer quando ele tem fome, de fazê-lo dormir quando ele tem sono, de fornecer-lhe açúcar quando baixa a glicemia. É, portanto, a liberdade de adaptação” (Dejours, 1986, p. 11).

A doença seria então uma restrição dessa liberdade,

restrição da normatividade. É quando o sujeito tem reduzidas suas possibilidades de ajustamento ao meio, sua amplitude de criação de novas normas. Assim, Can-guilhem (2009) reforça que a experiência do ser vivo inclui a doença e ninguém permanece em plena saúde. É essa restrição da liberdade, causadora de adoecimento, que pode ser observada na vida da maior parte dos trabalhadores hoje em um contexto neoliberal.

Schwartz afirma que “o trabalho nunca é pura execução” (Schwartz & Durrive, 2010). Mesmo o trabalho mais mecânico comporta subjetividade e inventividade, na medida em que sempre há criação, produção de algo novo. A atividade de trabalho compreende aquilo que deve ser rearranjado, inventado pelos trabalhadores, é o elemento central organizador e estruturante da situação de trabalho.

Assim, todo trabalho tem um duplo aspecto, aquilo que nele é previsível, mas também aquilo que escapa a qualquer definição, um modo de ser/fazer que se constitui no ato do ser humano com seu trabalho. Isso faz com que a atividade não seja antecipável, pois o trabalho nunca é feito de antemão. O risco está sempre presente, o que coloca o sujeito em uma dramática do uso de si, na medida em que precisará fazer inúmeras escolhas (micro-gestões) a partir de seus valores e experiências e assumir suas consequências (Schwartz & Durrive, 2010).

E tudo isto acontece através do *corpo-si* (Schwartz, 2014), que não se refere somente à pessoa física, mas a este corpo que é um centro de arbitragens na escolha de valores. O sujeito tem um corpo que é ao mesmo tempo físico, biológico, psíquico, histórico, social, cultural, enfim, singular. Estas dimensões não podem ser separadas, estão interrelacionadas, imbricadas, e é esta entidade complexa que é o árbitro da atividade. É ele quem decide no debate de normas em cada situação singular, qual caminho seguir, que ação tomar, que comportamento manifestar, quais palavras proferir.

O histórico de decisões arbitradas por esse corpo-si gera um patrimônio, que também é herança dos mais velhos, e a confiança entre o coletivo é fundamental para essa transmissão de conhecimento. Por isso, a terceirização, a precarização das relações de trabalho, as fragilidades das relações trazem consequências graves para o desenvolvimento do trabalho e para saúde dos trabalhadores/as. Para Schwartz (2011, p. 59), “a atividade humana pode ser então definida como lugar de debate de normas. Sendo assim, o agir humano é um emaranhado de *renormatizações*”. O debate de normas é uma forma de confrontar o enigma do trabalho, produzindo *renormatizações* a todo o momento na atividade.

Para compreender parte do enigma da atividade é fun-

damental falar sobre o trabalho e analisar suas práticas linguageiras. Os estudos em Ergologia indicam três modalidades de práticas linguageiras a linguagem como trabalho (constitutivo da atividade), a linguagem no trabalho (constitutivo da situação de trabalho) e a linguagem sobre o trabalho (relativo à produção de saberes). Classificação que busca identificar os mecanismos de funcionamento da relação trabalho-linguagem (entre o fazer e o dizer) e analisar a suas condições de produção (Nouroudine, 2002).

O conceito de *entidades coletivas relativamente pertinentes* (ECRP) (Schwartz & Durrive, 2010), que é mais amplo que falar em equipes, traz a perspectiva dos vínculos e relações que atravessam a atividade. Assim, o trabalho é ao mesmo tempo uma realidade profundamente individual e coletiva.

A atividade de trabalho, então, para ser uma atividade operadora de saúde precisa permitir espaço para que os trabalhadores possam criar novas normas, para atender aos pedidos do corpo e para dar o devido direcionamento para sua energia vital.

A partir dessa perspectiva, a análise do trabalho dos profissionais da compostagem, levando em conta a atividade, fundamental para entender como estes se relacionam com as tarefas, com os colegas, com as limitações e frustrações e como produzem saúde. Assim, pretendeu-se com este projeto contribuir para que os trabalhadores da compostagem construíssem juntos novos olhares sobre si e novos recursos para enfrentar as limitações e as infidelidades do meio, favorecendo a potência do coletivo para luta pela saúde.

### **3. Metodologia**

O projeto delimitou-se a analisar o processo de trabalho de compostagem que acontece na Fundação Oswaldo Cruz (campus Manguinhos/RJ.). Em um primeiro momento realizou-se uma Análise Egonômica do Trabalho (AET) através da observação da situação de trabalho, guiada pela ferramenta EAMETA, em que se avalia Espaço, Ambiente, Mobiliário, Equipamento, Tarefa e Atividade (Bonfatti, Vidal, & Mafra, 2011) complementada por duas entrevistas com trabalhadores. Na ocasião, o setor contava com seis trabalhadores do sexo masculino, com idade entre 24 e 31 anos, um encarregado e um supervisor.

Para ampliar à análise retornou-se ao campo no qual foram entrevistados mais quatro trabalhadores, já considerando a perspectiva ergológica. Nessa ótica, entende-se que o real do trabalho dificilmente é acessível à primeira vista. Os trabalhadores sabem sobre seu trabalho, mas sua verbalização precisa ser estimula-

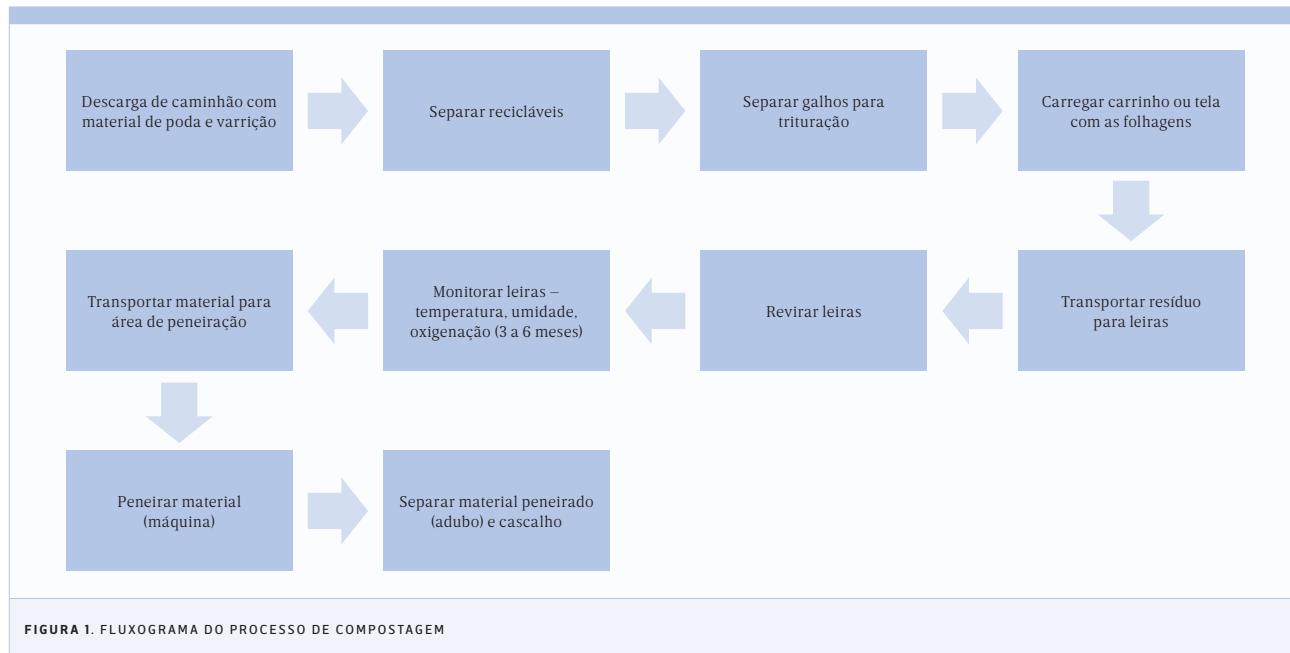


FIGURA 1. FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE COMPOSTAGEM

da para acessar as maneiras de fazer e os debates de normas. Falar sobre o trabalho e analisar as práticas linguageiras passa a ser um passo fundamental para entender parte do enigma da atividade.

Segundo Nouroudine (2002), há níveis de linguagem em que o protagonista do trabalho se situa - ora direcionando sua fala e gestos para os outros - ora estabelecendo um diálogo interno, orientando a si mesmo enquanto trabalha e - ora fazendo um mínimo dialógico, um diálogo reflexivo e silencioso na realização da atividade. Assim, os métodos de observação do trabalho podem acessar a linguagem já exteriorizada que se dá para o coletivo e para si. Mas somente com a colaboração dos protagonistas do trabalho, as entrevistas e os métodos de autoconfrontação podem permitir acessar os níveis mais profundos da linguagem.

Na perspectiva ergológica, valorizar a linguagem sobre o trabalho emitida pelos operadores, provoca o reconhecimento dos conhecimentos que comporta. É preciso construir um processo dialógico e dialético entre pesquisadores e trabalhadores para co-elaborarem uma linguagem sobre o trabalho (Nouroudine, 2002). Neste tipo de estudo é preciso utilizar métodos que permitam uma produção coletiva colocando em prática o Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P). Tal dispositivo busca transformar positivamente o trabalho, ressaltando a interlocução entre os dois polos: de saberes relativos ao trabalho humano – os saberes formais, gerados pelas disciplinas e campos de conhecimento, e os saberes advindos da experiência prática dos trabalhadores – saberes informais, e para colocar em circulação esses saberes é necessário um ter-

ceiro polo, o da postura ético-epistêmica, que possibilita o diálogo, criando uma simetria entre os saberes, fazendo- emergir um saber compartilhado (Durrive, 2010). Nesse sentido, foram realizados os Encontros sobre o Trabalho (EST), na perspectiva de promover um espaço de circulação dialógica com foco na atividade de trabalho. Esse espaço deve contemplar o debate sobre as normas antecedentes do trabalho (prescrições, regulamentações, condições de realização) e as *renormatizações* (mobilizações individuais e coletivas necessárias para a realização da atividade).

Os resultados da análise ergonômica: fotos, vídeos e trechos de falas das entrevistas foram utilizados como elementos propulsores do debate nos EST de forma a estimular a atividade linguageira sobre o trabalho. A utilização desses recursos viabilizou uma confrontação estimulando o debate e a circulação dos saberes. Após a análise do material dos EST foram realizadas devolutivas na perspectiva do desenvolvimento de recursos para ação dos trabalhadores.

#### 4. Resultados

Na instituição pesquisada, o processo de compostagem tem o objetivo de transformar o resíduo vegetal e orgânico em adubo para produção de mudas, manutenção dos jardins em projetos paisagísticos e para campanhas de sensibilização ambiental. Em 2019, a produção mensal do composto era de cerca de 20 toneladas. Abaixo a descrição do processo de compostagem.



FIGURA 2. DESCARGA DO RESÍDUO VEGETAL.



FIGURA 3. SEPARAÇÃO DE RECICLÁVEIS E GALHOS.



FIGURA 4. USO DE TELA PARA TRANSPORTE DE RESÍDUOS.



FIGURA 5. LEIRAS.



FIGURA 6. MAQUINÁRIO DE PENEIRAR ADUBOS.



FIGURA 7. ADUBO PENEIRADO E CASCALHOS RESIDUAIS.

O processo inicia com a descarga do resíduo vegetal (Figura 2). Deste resíduo são separados os recicláveis e os galhos (Figura 3). Em seguida, o carrinho ou tela (rede) é carregado com o resíduo, que é transportado (Figura 4) para as leiras (Figura 5). Estas leiras são montadas, reviradas e monitoradas por 3 a 6 meses para verificar a temperatura, umidade e oxigenação para garantir a adequada decomposição do resíduo. Após esse tempo, o adubo é transportado para ser peneirado (Figura 6). O adubo peneirado é separado (à esquerda

- Figura 7) para ser utilizado e o cascalho residual (à direita - Figura 7) volta para a leira ou é utilizado em projetos paisagísticos. Este é o processo principal da compostagem, mas existem outros subprocessos referentes ao tratamento de resíduo orgânico, à Trituração, à peneiração, entre outros. O espaço físico não é totalmente adequado às especificidades do trabalho e neste espaço coabitam outros processos de trabalho, como a coleta seletiva, o gerenciamento de resíduos perigosos e da estação de tratamento de esgoto.

As atividades realizadas exigem um grande esforço físico, os trabalhadores precisam utilizar ferramentas e equipamentos e fazer uso de EPIs. E o trabalho é realizado a céu aberto ou embaixo de telhas, deixando-os sujeitos ao calor. Foi possível identificar que muitas vezes o trabalhador não se dá conta da complexidade de seu trabalho. Ao ser questionado sobre as prescrições diárias, o trabalhador W disse “*todo o dia a gente faz a mesma coisa. Não enjoa não*”. Considerando o real do trabalho, sujeito à variação temporal, tem dias com sol forte ou chuva, a demanda aumenta quando chega grande quantidade de material de poda, entre inúmeras outras situações que interferem na dinâmica de trabalho. O trabalhador W disse “*aqui pega fácil, foi fácil de pegar o trabalho*”, mas passados 11 meses na atividade disse que “*ainda está pegando a manhã*”. Enquanto o trabalhador A, que trabalha no local há 4 anos, disse se referindo aos trabalhadores de outras áreas que eventualmente são direcionados para ajudar na compostagem: “*eles não peneiram igual a gente, a gente já tem um jeito certo. A gente faz em 30, 40 minutos, outro leva 1:20/1:30*”. Então, será que o trabalho é tão fácil de “pegar”? Na verdade, percebe-se o quanto o trabalho prescrito passa por uma singularização por cada trabalhador em contato com o real da atividade.

Cabe destacar que quando o trabalhador A fala sobre como realiza a peneira, seu corpo desperta, ele simula os movimentos, como pega a pá. É possível observar todo o engajamento do corpo. É a inteligência desse *corpo-si* que se observa quando ele diz “*o pessoal novo chega aqui e agacha demais, aí dá dor nas costas, eu não. Eu fico só (fazendo o movimento que ele realiza)*”. Com a experiência adquirida pelo coletivo, os trabalhadores, criam diversas estratégias para realizar uma atividade desgastante buscando uma economia do corpo. Sobre a utilização da rede para carregar as folhas, o trabalhador W comentou: “*a rede foi do nada: pô, vamos tentar levar na rede? e levamos. Aí fica dois na frente e um atrás, assim é mais rápido, carrinho é mais demorado*”. Essa renormatização contribui na compreensão das dificuldades para a realização do trabalho. Mudança favorecida porque o encarregado já havia realizado aquele trabalho e o entendia. O trabalho ser direcionado por alguém que conhece o trabalho real faz toda diferença.

O trabalhador L disse: “*a decisão é do nosso encarregado*” sobre quem faz o quê e como, mas nas entrevistas foi identificada certa autonomia na organização do trabalho. O trabalhador W disse sobre a divisão das tarefas: “*a gente vai mudando na hora, agora é sua vez, agora eu, todo mundo se entende*”. O trabalhador R

completa: “*O encarregado pergunta: vocês vão querer carregar agora as folhas ou a terra? E nós: não! Vamos carregar a terra que é melhor que de manhã que não tá sol. Ele pergunta a melhor forma*”.

Durante os encontros, os trabalhadores foram incentivados a descrever como costumam explicar a sua atividade para amigos e familiares. O trabalhador R disse: “*Tem muita gente que diz que eu não faço nada. Pô, eu trabalho à beça! Uma vez eu filmei o trabalho para mostrar se eu não trabalho não. Dia de sol, quente, a gente peneirando, carregando folha no sol quente. Isso me motiva mais ainda pra eles verem que eu trabalho de verdade*”. O trabalhador filmar e explicar a dureza do seu trabalho é a construção de uma linguagem sobre o trabalho que mostra a importância do reconhecimento social para a construção identitária do sujeito e do coletivo.

No que se refere à linguagem como trabalho, quando o trabalhador R explica como se monta a leira “*Aí joga uma camada de folha, faz o quadrado, a base, depois joga o picado, depois a lavagem, o legume. Aí joga folha de novo*”, percebe-se que cada coletivo de trabalho tem um conjunto de códigos próprios.

O trabalhador W comentou que eles conversam bastante sobre futebol durante o trabalho, fazem brincadeiras, “*zoação*”. Em um trabalho exaustivo, essa linguagem no trabalho ajuda a amenizar o desgaste físico inerente à atividade, a distrair e a fortalecer o coletivo e a solidariedade. O trabalhador W diz: “*Aqui a gente é mais um grupo, entendeu? A gente vem junto, a gente sai junto. Aqui a gente é mais união, aquela amizade boa, não tem discussão, não tem briga, cada um faz o seu e vai levando. O corpo, ele não é uma máquina né? (...) pô o rapaz tá febril, tá passando mal. Pô, pode ficar aí. Aí quando ele vê que tá melhorando, ele vem, ajuda a gente. A gente não força ele a fazer trabalho pesado*”.

Ficou evidente o quanto o sentido do trabalho é importante. O trabalhador R considerou: “*Se não tiver o adubo não tem plantação, então nós somos de fazer a terra, o adubo. É assim, assim, tem etapas. Aí é que vira o tremendo do adubo!*”. Ele complementa: “*Aqui a compostagem é o coração da Fiocruz. Porque a Fiocruz depende de terra pra plantar porque tem muitas árvores*”. Os trabalhadores se surpreenderam com os resultados apresentados nos EST, afirmando que de fato achavam que o trabalho era pesado, mas simples. E conforme viam suas falas e fotos, traziam mais exemplos de *renormatizações*, das microgestões e decisões cotidianas, das dificuldades para enfrentamento do trabalho real. Um borbulhar de significados, de verbalizações, uma verdadeira dinâmica mobilizadora do coletivo.

## 5. Considerações finais

Com o presente estudo exploratório, observou-se a potência dos Encontros sobre o Trabalho para ampliar o olhar sobre a atividade. Foi possível dar visibilidade às *renormatizações* praticadas como importantes estratégias para a diminuição da carga de trabalho para redução da fadiga, propiciando um uso de si por si.

Vale ressaltar que o caráter não lucrativo da atividade de compostagem realizada em uma instituição pública possibilita uma organização mais fluida do trabalho. Em uma empresa voltada para o lucro poderia haver maior pressão para o cumprimento de metas e maior controle, significando maior exploração dos corpos desses trabalhadores.

Portanto, verifica-se que uma gerência praticada com baixo controle sobre a produção permite o exercício de maior autonomia desses trabalhadores. Não só em relação à gestão das pausas e horários de descanso, mas também em relação à decisão pelo modo de realização das tarefas, possibilitando o desenvolvimento de diferentes modos operatórios, através do uso da comunicação e cooperação. As trocas linguageiras no e sobre o trabalho fortalecem a produção do coletivo ampliando sua possibilidade de ação. Isso demonstra o trabalho desses profissionais como um patrimônio que não está codificado em nenhum procedimento operacional, que é expresso no corpo, e que é transmitido pelos que têm mais experiência para os mais novos na atividade de forma oral.

- Schwartz, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, 49(3), 259-274. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.3.19102>
- H Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. EdUFF
- Silva, C. O., & Ramminger, T. (2014). O trabalho como operador de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(12), 4751-4758. <https://doi.org/10.1590/1413-812320141912.15212013>.

## Referências Bibliográficas

- Antunes, R. (2009). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Cortez.
- Bonfatti, R., Mafra, J., & Vidal, M. (2011). *EAMETA: um método para análise ergonômica*. Aposlita do Curso de Especialização Superior em Ergonomia – COPPE/UFRJ.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. Forense Universitária.
- Dejours, C. (1986). Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 14(54), 7-11.
- Durrive, L. (2010). Pistas para o ergoformador animar os encontros sobre o trabalho. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Orgs.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (pp. 309-318). EdUFF.
- Nouroudine, A. (2002). A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In M. Souza-e-Silva, & D. Faita (Eds.), *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. Cortez.

# Dramáticas do uso de si no trabalho de jornalistas do interior: um estudo ergológico em uma redação de jornal de pequeno porte.

## Dramáticas del uso de sí en el trabajo de periodistas del interior: un estudio ergológico en una redacción de pequeño periódico.

### Dramatiques de l'usage de soi dans le travail des journalistes de l'intérieur: une étude ergologique dans une petite rédaction de journal.

U.PORTO

FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

**Julia Caroline Goulart Blank**

Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Ibirubá  
Universidade de Passo Fundo – UPF  
Avenida Jacuí, 108, centro,  
Selbach – RS, CEP: 99450-000  
julia\_blank92@yahoo.com.br

**Ernani Cesar de Freitas**

Universidade de Passo Fundo – UPF  
Av. Bom Jardim, 305 - Cidade Nova -  
Ivoti - RS - Brasil - Cep: 93900-000  
ecesar@upf.br

**Resumo**

Este artigo tem como objeto de pesquisa um jornal situado em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul/Brasil, a qual possui 20 mil habitantes e o periódico analisado é um dos dois presentes no recinto. A metodologia que utilizamos é de pesquisa de campo, exploratória e bibliográfica, que utiliza a abordagem qualitativa, o corpus de análise é composto por entrevistas semiestruturadas com dois jornalistas. Objetivamos analisar como as dramáticas dos usos de si afetam a relação dos jornalistas com sua atividade. O referencial teórico empregado baseia-se, especialmente, em Schwartz e Durrive (2008, 2010) e Nouroudine (2002). Verificamos que esses profissionais precisam renormalizar constantemente seu trabalho, tanto em questões físicas quanto de pessoal, fazendo com que ponham em prática diferentes competências. As dramáticas do uso de si relacionam-se às escolhas entre seu próprio bem-estar e o bem viver em conjunto.

**Palavras-chave**

ergologia, trabalho, jornalismo.

**Resumen**

Este artículo tiene como objeto de investigación un periódico situado en una ciudad del interior de Rio Grande do Sul/Brasil, la cual posee 20 mil habitantes y el periódico analizado es uno de los dos presentes en el recinto. La metodología que utilizamos es de investigación de campo, exploratoria y bibliográfica, que utiliza el enfoque cualitativo, el corpus de análisis se compone de entrevistas semiestructuradas con dos periodistas. Tenemos como objetivo analizar cómo las dramáticas del uso de sí afectan la relación de los periodistas con su actividad. El referencial teórico empleado se basa, especialmente, en Schwartz y Durrive (2008, 2010) y Nouroudine (2002). Comprobamos que estos profesionales necesitan renovar constantemente su trabajo, tanto en cuestiones físicas como de personal, haciendo que pongan en práctica diferentes competencias. Las dramáticas del uso de sí se relacionan a las elecciones entre su propio bienestar y el bien vivir juntos.

**Palabras clave**

ergología, trabajo, periodismo.

**Résumé**

Cet article a comme objet de recherche un journal situé dans une ville de l'intérieur du Rio Grande do Sul/Brasil, qui possède 20000 habitants et le périodique analysé est l'un des deux présents dans l'enceinte. La méthodo-

logie que nous utilisons est la recherche sur le terrain, exploratoire et bibliographique, qui utilise l'approche qualitative, le corpus d'analyse est composé d'interviews semi-structurées avec deux journalistes. Nous nous efforçons d'analyser comment les dramatiques utilisations d'eux-mêmes affectent la relation des journalistes avec leur activité. Le référentiel théorique employé se base en particulier sur Schwartz et Durrive (2008, 2010) et Nouroudine (2002). Nous constatons que ces professionnels doivent constamment renouveler leur travail, tant sur des questions physiques que sur des questions de personnel, en les faisant mettre en pratique des compétences différentes. Les drames de l'usage de soi concernent les choix entre votre propre bien-être et le bien-être ensemble.

## Mots clés

ergologie, travail, journalisme

### 1. Introdução

A principal função da mídia é transmitir informações que ao longo do tempo transformam-se em parte do patrimônio da sociedade. Essas narrativas passam pelo filtro dos jornalistas: profissionais que também são indivíduos com suas subjetividades e que vivem dramáticas diárias no fazer de sua atividade. Necessitamos entender melhor como funciona a relação trabalho/indivíduo dentro da mídia, especialmente nos veículos pequenos de cidades do interior, que em número são maioria. Desenvolvemos essa pesquisa tentando responder à problemática: como as dramáticas dos usos de si afetam os jornalistas em atividade de trabalho? Nosso objetivo é analisar as dramáticas dos usos de si e como elas afetam os jornalistas em atividade de trabalho. Essa é uma pesquisa de campo, exploratória, bibliográfica e de abordagem qualitativa. Nossa corpus é composto por entrevistas em profundidade, semiestruturadas, realizadas com dois jornalistas que atuam em um jornal impresso de pequeno porte, com abrangência local, no interior do Rio Grande do Sul – Brasil.

A análise tomará forma por meio da ergologia, proposta por Schwartz e Durrive (2008, 2010), que estuda a atividade de trabalho a fim de intervir para transformar determinadas situações laborais. Ainda consideramos que a linguagem é parte fundamental da análise, portanto buscamos aspectos fundamentais levantados por Nouroudine (2002). Iniciamos o trabalho apontando alguns conceitos teóricos e em seguida passamos aos procedimentos metodológicos e à análise em si.

### 2. A linguagem na atividade de trabalho

Nesse estudo é fundamental compreender qual a ação/

função da atividade de trabalho na vida do jornalista enquanto profissional da mídia. Os conceitos sobre ergologia, propostos por Schwartz e Durrive (2010), são a base para entendermos esse processo. A ergologia é uma proposta baseada na ergonomia da atividade, que por sua vez tem como primeira finalidade a transformação do trabalho. Essa transformação contribui para a valorização dos trabalhadores, primando por sua saúde, bem como o crescimento da empresa (Guérin et al., 2001). A complexidade da atividade humana exige da ergologia uma abordagem pluridisciplinar que “conforma o projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho, para transformá-las” (Schwartz & Durrive, 2010, p. 25). A perspectiva ergológica busca associar sempre o micro e o macro, pois pequenas escolhas podem impactar diretamente no que se vê de uma atividade de trabalho ou mesmo em perspectivas político-sociais.

A atividade de trabalho aqui descrita pode ser definida como "o que se passa na mente e no corpo da pessoa no trabalho, em diálogo com ela mesma, com o seu meio e com os outros" (Trinquet, 2010, p. 96). São dimensões que abrangem aspectos cognitivos, psíquicos e sociais que determinam como um indivíduo agirá em situações específicas que envolvem sua atividade diária.

A linguagem é a principal ferramenta que dispomos para adentrar o mundo do trabalho dos jornalistas, no entanto atingir um nível mais profundo de conhecimento sobre essa atividade demanda esforço e principalmente confiança entre as partes (Trinquet, 2010). Considerando os três aspectos propostos por Nouroudine (2002) de linguagem no, como e sobre o trabalho, sendo que nos interessa principalmente a linguagem sobre o trabalho. Vamos analisar aquilo que pode ser dito / decodificado a respeito da atividade realizada (Nouroudine, 2002).

Entender o que os jornalistas falam sobre seu trabalho requer compreender que a atividade jornalística também tem suas normas prescritas, advindas de centenas de anos de produção de outros jornalistas. Os profissionais atuais se beneficiam dessa memória coletiva formada ao longo do tempo (Schwartz & Durrive, 2015). Grande parte desse conhecimento pode ser adquirido em uma faculdade de jornalismo, mas o estudante que passa por esse processo precisa estar aberto às exigências da profissão. Essa experiência modifica o modo de ver o mundo ao seu redor, afinal, não é possível apropriar-se de um saber sem transformar aquilo que se tem por conhecimento solidificado (Schwartz & Durrive, 2015).

Esse processo de transformação só acontece porque há um ser vivo nesse percurso, uma entidade enigmática, chamada por Schwartz e Durrive (2010) de corpo-si: o

sujeito complexo, dono de suas próprias dramáticas e que precisa gerenciar a atividade que se propõe a desempenhar. Contando com o corpo-si em ação no trabalho, o meio torna-se infiel ao prescrito, visto que não se pode determinar toda a atividade viva e, ao tentar gerir essa infidelidade, ela acaba tornando-se maior, pelos novos rastos que deixamos nela (Schwartz & Durrive, 2010). O trabalhador vai tentar suprir o vazio de normas aplicando regulamentações que lhes são próprias e que julga adequadas para tal situação, em suma, fazendo uso de si, pois esse indivíduo possui capacidades que vão muito além daquelas exigidas pela tarefa (Schwartz & Durrive, 2008). Trabalhar é, desse ponto de vista, arriscado, envolve uma dramática do uso de si, coloca qualquer coisa de grandioso em algo que sempre foi tratado com desinteresse (Schwartz & Durrive, 2010). O risco que se toma por fazer escolhas pode ser caracterizado no debate de valores gerado pela ausência de normas, ou melhor, quando o trabalhador experiência um vazio de normas, ele precisa escolher novamente entre o que vai fazer bem para sua saúde, e o trabalho.

Em geral, as escolhas que os trabalhadores precisam efetuar não são feitas de maneira individual, os outros que trabalham em conjunto sempre estão envolvidos. Assim, “escolhendo esse ou aquele procedimento ou modalidade de ação, você escolherá, de uma certa maneira, a relação com os outros ou com o mundo no qual você quer viver” (Schwartz & Durrive, 2010). Cada indivíduo é único e não pode ser completamente substituído em seu ofício, se alguém sai desse conjunto, que envolve o eu e os outros, haverá a necessidade de um retrabalho para organizar novamente a atividade, e nunca se saberá exatamente o resultado que será obtido. Ainda, conforme essas escolhas são feitas, em um momento em que não existe apenas execução de processos, mas o uso de si, os dramas mais profundos da pessoa são revelados: eles mostram em que tipo de sociedade ela quer habitar.

### **3. Procedimentos metodológicos e análise dos dados**

Entender que cada ser humano é único e possui suas particularidades é uma das principais características das ciências humanas e sociais, portanto, quando pesquisamos nessa área não podemos limitar nossa análise à fórmulas e teorias pré-fabricadas, baseadas apenas em dados numéricos. É preciso sair à campo, experientiar o que os participantes da pesquisa vivenciam no dia a dia e, no caso dos estudos sobre ergologia, conhecer o trabalho para que se possa transformá-lo.

Essa é uma pesquisa de campo, exploratória, bibliográfica e de abordagem qualitativa. O objeto de estudo desse trabalho é um jornal do interior do Rio Grande do

Sul / Brasil, região do Alto Jacuí, e o corpus de análise é composto pela observação, durante uma semana, do trabalho na referida redação e duas entrevistas semiestruturadas com os jornalistas responsáveis que, para fins de identificação, chamaremos de Jornalista 1, sexo feminino, 31 anos, e Jornalista 2, sexo masculino, 30 anos, sendo a Jornalista 1 a responsável principal pelo jornal e que está há mais tempo na redação, e o Jornalista 2 é responsável pela parte gráfica, bem como as mídias digitais. Para proceder com a análise dos dados, consideramos os conceitos abordados por Schwartz e Durrive (2008, 2010, 2015) na Ergologia. Observando como se dá o debate de valo-res dentro do ambiente de trabalho e como as dramáticas geradas afetam a relação dos trabalhadores consigo mesmo e com seus colegas. Também consideramos o conceito de trabalho pres-crito e trabalho real, para verificar como, de fato, é o trabalho de jornalistas em uma cidade do interior, levando em conta todas as renormalizações que precisam fazer para tornar o trabalho vivível. Ainda, verificamos como é a linguagem que os jornalistas utilizam na atividade, embasando nossa análise na perspectiva proposta por Nouroudine (2002). Ao final, consideramos a análise como um todo para entender como os jornalistas vêem a si mesmo enquanto profissionais e a sua profissão no mercado atual. Em nossa observação, identificamos que há o predomínio da linguagem sobre trabalho (Nouroudine, 2002), esse fato se deu especialmente pela presença da nova estagiária, que iniciou suas atividades na terça-feira. Nesse dia, a linguagem foi voltada quase que exclusivamente para as atividades do trabalho, o principal assunto na redação foi a diagramação do jornal e seus processos específicos, onde um jornalista ficou ao lado da estagiária explicando como ela deveria desenvolver essa atividade. A linguagem no trabalho foi freqüentemente substituída pelo uso de smartphones, que leva a um certo grau de isolamento social, diminuindo a interação entre os trabalhadores. Ainda nesse sentido, tivemos certa dificuldade em separar linguagem como/no trabalho em alguns casos, visto que as notícias de outros veículos de comunicação podem se encaixar em ambos as situações, dependendo de cada caso.

Há renormalizações frequentes no ambiente da redação, desde o mobiliário e equipamentos, onde telas de computador foram colocadas em cima de livros para melhorar o ângulo de visão, até a complementação de dados com entrevistados e patrocinadores. No caso da coluna social, os jornalistas comentaram entre si, em tom de protesto, que as informações sempre chegam incompletas da empresa de fotografias que cobre os eventos, o que faz com que eles tenham que trabalhar

apenas com as imagens e a data, elaborando o texto na redação, sem conhecer os envolvidos nos eventos. A jornalista 1 deixará o trabalho em breve para mudar de cidade, com isso, incentiva os colegas de que sempre podem entrar em contato com ela caso não lembrem como fazer algo, ou seja, podem consultá-la para lembrar as normas prescritas da atividade. Verificamos, assim, a distância que sempre se apresenta entre o trabalho prescrito e o trabalho real (Schwartz & Durrive, 2010). A Jornalista 1 foi contratada para ser a principal responsável pela elaboração de notícias de todas as editorias do jornal, no entanto não desempenha apenas essas atividades. No momento de nossa entrevista, ela ainda detinha responsabilidades sobre o setor comercial e financeiro do periódico que, segundo ela, “não fomos avisados e foi meio que automático, jogado (sic.), essa parte administrativa”. Ela ainda dedica uma hora diária para um programa de rádio de um veículo parceiro do jornal, acumulando funções muito diferentes daquelas implicadas em sua contratação.

Destacamos que essa dramática percebida por ela no trabalho não era algo superficial, estava imbricada em seu ser e colocava em risco sua saúde (Schwartz & Durrive, 2015), haja vista que o excesso de demanda impunha que ela escolhesse quais atividades fazer dentro do período de trabalho. Sendo inviável que realizasse todo o prescrito, ela colocava em jogo sua qualidade de vida, dispendendo no trabalho o tempo que utilizaria para atividades de lazer e que permitiriam que ela voltasse descansada para trabalhar no dia seguinte. Ela estava condicionada ao uso de si pelos outros, que faz parte do ambiente de trabalho, e é uma dramática que precisa ser gerenciada, visto que as normas antecedentes não dão conta de saber como e com quem se irá trabalhar na prática (Schwartz & Durrive, 2015).

O trabalho em equipe, quando bem organizado, inclusive traz benefícios para os envolvidos. A Jornalista 1, quando fala sobre o relacionamento com o Jornalista 2, destaca que “é bacana (sic.), assim, a gente não tem nenhum problema de relacionamento, claro que qualquer ambiente tem algumas tretas (sic.) e tal, mas a gente consegue ter um relacionamento saudável”, o que é corroborado pelo Jornalista 2 ao dizer que “a gente logo de começo se deu bem, então a gente tem uma amizade muito boa dentro do jornal”. Isso auxilia os dois nos momentos em que necessitam fazer renormalizações, visto que não contam com uma figura de liderança presente, embora exista o dono do periódico, chefe dos jornalistas, ele permanece pouco tempo na redação. Com isso, os jornalistas contam um com o outro para resolver contratempos de qualquer natureza.

#### **4. Considerações finais**

Nesse estudo procuramos responder à problemática: como as dramáticas dos usos de si afetam os jornalistas em atividade de trabalho? Nossa objetivo foi analisar as dramáticas dos usos de si e como elas afetam os jornalistas em atividade de trabalho. Constatamos que o uso excessivo de si pelos outros é um fator que gera desgastes desnecessários aos trabalhadores jornalistas. A carga de trabalho imposta é superior ao que é contratado pelas chefias dos veículos e o desvio de funções implica em renormalizações que frequentemente vão além dos conhecimentos do trabalho prescrito. Um fator que auxilia a amenizar essas dramáticas é o bom relacionamento desenvolvido pelos profissionais, promovendo a solução de problemas conjunta e renormalizações possíveis de serem vividas.

Consideramos que essa pesquisa lança luz sobre profissionais frequentemente esquecidos pela sociedade e que são de fundamental importância, tendo em vista a qualidade em tempos de excesso de informação. Acreditamos que quanto melhor a situação de trabalho, melhor será o produto final entregue pelo trabalhador, portanto a relevância de conhecer esses profissionais e entender as dramáticas pelas quais eles passam.

Esse é um trabalho preliminar que será ampliado em estudos posteriores. Temos a limitação de local e de profissionais que foram entrevistados para compor o corpus de análise, assim, são necessárias pesquisas mais aprofundadas em relação à diferentes profissionais e veículos de diferentes cidades do interior.

#### **Referências Bibliográficas**

- Guérin, F., Kerguelen, A., Laville, A., Daniellou, F., & Duraffourg, J. (2001). *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. Editora Blucher.
- Nouroudine, A. (2002) A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In M. Souza-E-Silva, & D. Faïta (Eds.), *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França* (pp. 17-30). São Paulo: Cortez.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: diálogos sobre a atividade humana* (2<sup>a</sup> edição). Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2015). *Trabalho e Ergologia II: conversas sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Trinquet, P. (2010). Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTDBR On-line*, 10(38), 93-113. <https://doi.org/10.20396/rho.v10i38e.8639753>.

# Experiências de análise clínica do trabalho no Rio de Janeiro.

# Experiencias de análisis clínico laboral en Río de Janeiro.

# Expériences d'analyse clinique du travail à Rio de Janeiro.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO FACULDADE DE CIÉNCIAS DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie



### Claudia Osorio

Universidade Federal Fluminense.  
Rua São Manoel, 23 ap. 201. Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil. CEP 22290-010  
claudia.osorio.uff@gmail.com

### Cristiane Lisbôa da Conceição

Universidade Federal Fluminense (Doutoranda)  
Rua Adalberto Aranha, 47, apt.808, Vila Isabel, Rio de Janeiro, Brasil. CEP 20540140  
cristianelisboa@gmail.com

### Ana Carla Armaroli

Universidade Federal Fluminense (Doutoranda).  
Rua Jornalista Ramiro Cruz, 193, lote:18B,  
Piratininga, Niterói, Brasil  
ana.armaroli@gmail.com

### Resumo

Nesta comunicação pretendemos discutir três experiências de análise clínica do trabalho que compõem o patrimônio de práticas de intervenção do Núcleo de Estudos e Intervenções em Trabalho, Subjetividade e Saúde (Nutras). Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (Niterói – Brasil), o Nutras é um grupo de pesquisa, fundado em 2004, que vem estudando dos efeitos de produção de saúde ou, inversamente, de redução da saúde, sobre os trabalhadores, no trabalho contemporâneo em organizações brasileiras. As pesquisas nele desenvolvidas lançam mão primordialmente da clínica da atividade, da análise institucional francesa e da ergologia. As experiências que serão abordadas referem-se ao gerenciamento participativo de uma empresa do setor moveleiro, à análise do trabalho de uma equipe de gestão de uma universidade e à formação profissional de jovens universitários na área da saúde.

### Palavras-chave

clínica do trabalho, saúde, atividade

### Resumen

En esta comunicación pretendemos discutir tres experiencias de análisis del trabajo clínico que conforman el acervo de prácticas de intervención del Núcleo de Estudios e Intervenciones en el Trabajo, la Subjetividad y la Salud (Nutras). Vinculado al Programa de Posgrado en Psicología de la Universidad Federal Fluminense (Niterói - Brasil), Nutras es un grupo de investigación, fundado en 2004, que estudia los efectos de la producción de salud o, por el contrario, la reducción de la salud, en los trabajadores, en el trabajo contemporáneo en Brasil. Organizaciones. La investigación desarrollada en él utiliza principalmente la clínica de la actividad, el análisis institucional francés y la ergología. Las experiencias que se abordarán se refieren a la gestión participativa de una empresa del sector del mueble, al análisis del trabajo de un equipo directivo universitario y a la formación profesional de jóvenes universitarios en el área de la salud.

### Palabras clave

clínica de trabajo, salud, actividad

### Résumé

Dans cette communication, nous avons l'intention de discuter de trois expériences d'analyse du travail clinique qui constituent l'héritage des pratiques d'intervention du Groupe d'études et d'interventions en tra-

vail, subjectivité et santé (Nutras). Lié au programme d'études supérieures en psychologie de l'Université Féderal Fluminense (Niterói - Brésil), Nutras est un groupe de recherche, fondé en 2004, qui étudie les effets de la production de santé ou, au contraire, de la réduction de la santé, sur les travailleurs, dans le travail contemporain dans les organisations brésiliennes. La recherche qui y est développée utilise surtout la clinique de l'activité, l'analyse institutionnelle française et l'ergologie. Les expériences qui seront abordées concernent la gestion participative d'une entreprise du secteur du meuble, l'analyse du travail d'une équipe de gestion universitaire et la formation professionnelle de jeunes étudiants universitaires dans le domaine de la santé.

### Mots clés

clinique de travail, santé, activité

### 1. Introdução

Nosso objetivo aqui é apresentar algumas experiências de análise clínica do trabalho, em uma composição de linhas teórico metodológicas, das quais se destacam a clínica da atividade, a análise institucional francesa e a ergologia.

Nossa primeira aproximação com a clínica da atividade se deu em 2000. No mesmo movimento, se deu o encontro com as produções da ergologia.

Em 2004 foi criado na UFF o grupo de pesquisa NUTRAS: Núcleo de Estudos e Intervenção em Trabalho, Subjetividade e Saúde. Neste, a principal referência teórica é a corrente da psicologia do trabalho chamada clínica da atividade. Tem como objetivo estudar os efeitos de produção de saúde ou, inversamente, de redução da saúde, sobre os trabalhadores, no trabalho contemporâneo em organizações brasileiras.

A produção do NUTRAS foi inicialmente marcada por estudos do trabalho na rede do Sistema Único de Saúde e na rede pública de educação no Brasil. A partir de 2010, a produção do grupo passou a incorporar pesquisas em organizações públicas e privadas de diferentes setores, tais como petroquímica, coleta de lixo, eletricidade e outros. A seguir surgiram trabalhos sobre formação e desenvolvimento de jovens e adultos, como também de psicólogos.

Os pesquisadores do Nutras têm desenvolvido estudos de método, dedicando-se em especial ao desenvolvimento de um dispositivo intitulado oficina de fotos, adotando este formato de registro como suporte para o debate (Osorio da Silva & Barros de Barros, 2013). Também utilizam o método de instruções ao sósia em algumas experiências, em outras fazem o debate so-

bre o trabalho no formato de comunidade ampliada de pesquisa, método que incorpora diferentes abordagens clínicas do trabalho (Muniz et al., 2013). Nessas experiências os princípios metodológicos da clínica da atividade são articulados com aqueles da análise institucional francesa e os princípios epistemológicos propostos pela ergologia, visando propiciar o debate, a reflexão e o desenvolvimento de recursos para a atividade de trabalho, compondo um modo de pesquisa-intervenção em clínica do trabalho (Osorio da Silva, 2016).

A metodologia da clínica da atividade indica o trabalhador como protagonista da análise. Para atingir esse objetivo deve-se deslocar o trabalhador para o lugar de observador- ou analista - do seu próprio trabalho. A análise se dá com o uso de registros ou marcas do trabalho que funcionam como mediadores do diálogo do trabalhador consigo mesmo, com os pares e com o clínico do trabalho. A análise se faz de modo recorrente, sobre a mesma atividade escolhida coletivamente, ou seja, sobre o mesmo registro (seja em vídeo, gravações de voz, fotos, esquete teatral ou outros recursos).

A discussão provocada por tais marcas do trabalho, em especial suas controvérsias, permitem o acesso ao ponto de vista da atividade, onde encontramos um infundável debate de normas e valores. (Schwartz, 2011)

Os modos de intervir constroem-se a cada intervenção, no diálogo com os parceiros, forjando os mais diversos tipos de mediadores do diálogo. Ao colocar o trabalho, visto como atividade, em coanálise, busca-se fazer com que os trabalhadores o enxerguem com “outros olhos”. Assim, se é em seu processo de criação e recriação que o trabalho se desvela, faz-se, então, necessário transformá-lo para compreendê-lo.

Estes modos de intervir, ou seja, de colocar o trabalho em coanálise, tendo como foco a atividade, seguem então a proposta de construir os métodos em cada intervenção, no diálogo com os parceiros, de forma situada, lançando mão dos recursos mais adequados naquela situação singular.

Visando a produção de efeitos que ressoem na organização, com uma duração que vá além da presença dos clínicos externos, temos buscado tomar como campo central de intervenção dispositivos já incorporados na organização do trabalho: de modo geral, reuniões organizadas como encontros em que o debate se dá de modo não hierarquizado, usando como mediadores os registros da atividade que são característicos do meio em questão. As especificidades do desenvolvimento do método são construídas na relação com os protagonistas da análise, os trabalhadores, sem que haja um protocolo que deva se repetir a cada pesquisa e a cada intervenção.

## 2. Experimentações

### 2.1. Análise de uma experiência de gerenciamento participativo em uma empresa moveleira

Em uma intervenção realizada em uma empresa moveleira localizada na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, a encomenda foi apresentada pelo gerente comercial e se referia aos conflitos entre a equipe de projetistas dos móveis planejados e o conferente das medidas, no contexto de um processo de informatização da confecção de projetos e produção do móvel. A análise se deu tendo como registro uma narrativa gráfica da sequência de operações realizadas da confecção do projeto na loja, sua passagem ao setor de produção do móvel, onde o projeto é recebido pelo conferente de medidas (Armaroli & Osorio da Silva, 2014). Após a fabricação das peças o móvel é montado no local indicado pelo cliente. Por seu lugar de intermediação entre a confecção do projeto e a fabricação das peças do móvel projetado, a atividade do conferente de medidas foi vista como uma unidade de análise de grande importância. A construção da narrativa foi feita a partir de conversas, entre a psicóloga do trabalho e o operador, ao correr da atividade.

Inicialmente a psicóloga do trabalho entrevistou cada integrante da sequência operatória. Em seguida propôs uma roda de conversa com a participação dos projetistas (equipe comercial), do diretor geral e dos fornecedores do software de inovação; nessa reunião foi realizada uma coanálise da atividade do conferente de medidas. Os participantes foram organizados em dois subgrupos e cada um desses narrou, no formato de desenho em quadrinhos, um dia de trabalho do conferente de medidas. As duas perspectivas foram postas em análise coletiva. No decorrer do debate, observou-se que as tarefas do conferente requeriam do profissional conhecimento da matéria-prima dos móveis, do ambiente em que o móvel será instalado (em geral a casa do cliente), dos processos de montagem dos móveis e bom entrosamento com a equipe de projetistas e a de montadores.

Com o método da narrativa gráfica ampliou-se a compreensão da complexidade deste ofício, e o cargo ocupado por este trabalhador passou a ser denominado supervisor de montagem. A coanálise da atividade possibilitou um debate de valores e normas e, em consequência, uma renormatização que levou à melhoria na qualidade do serviço de montagem. O redesenho do cargo e as soluções para a melhoria da qualidade no trabalho foram realizadas de modo participativo e considerando o ponto de vista da atividade. Para os trabalhadores proporcionou a percepção da impor-

tância na melhoria da comunicação entre os colegas de trabalho e de como a atividade de cada um está inserida em uma das cadeias de tarefas interligadas e interdependentes.

O trabalho de pesquisa intervenção se dá sobre a proposta da empresa de desenvolver uma política de gerenciamento participativo.

A gerência participativa, no âmbito do processo de trabalho, pode ser definida por um modo de gestão que recusa “os princípios da separação radical das tarefas de concepção e de execução, da fragmentação e da especialização das tarefas, da desresponsabilização do trabalhador com a produção e com a vida da empresa” (Cattani, 2002, p. 141). Na prática experimentada por nós, o grau e modo de participação nas decisões é variável, buscando-se garantir a participação dos operadores nos debates e construção de proposições, bem como a tomada de decisões (pela direção) que leve claramente em conta a coanálise realizada.

O exercício do poder no gerenciamento participativo se faz na forma de uma liderança que se coloca na relação com o coletivo, ao propor o compartilhamento das experiências bem sucedidas, que se referem a gestão de si e da relação com os outros, pares ou não. Para que possam, a partir dessa cooperação conflitual (Bonnefond & Clot, 2018) remodelar os processos em um cenário de demandas complexas e antagônicas.

Esta concepção é coerente com as propostas de ergo-gerenciamento. Em ambas se destaca a importância de tomar em consideração a complexidade das relações entre o trabalho prescrito e o real, ou seja, da gestão que cada trabalhador faz de si para dar conta de um trabalho bem feito.

### 2.2. Análise do trabalho de uma equipe de gestão em uma universidade

Foi realizada numa Universidade Pública no estado do Rio de Janeiro-Brasil, em um setor de gestão do trabalho, que tinha como objetivo ser um espaço de acolhimento às questões funcionais dos servidores técnico-administrativos da universidade, tais como relações de conflito entre chefias e subordinados, absenteísmo, uso abusivo de álcool e outras drogas, interesse na remoção para outros setores/unidades, etc.

O método de análise utilizado foi o da Oficina de Fotos, que possibilitou, por meio da confecção e discussão de fotos, uma relação de aproximação e afastamento com as maneiras de realização das tarefas do setor. A fotografia, que à primeira vista pode parecer uma cristalização de um momento, ao assumir uma função de mediadora do diálogo dispara uma espécie de disputa

profissional, precipitando controvérsias de ofício, com isso dando acesso ao real da atividade (Clot, 2010). É nesse sentido que defendemos o desenvolvimento dessas imagens por meio do diálogo, ou seja, a partir dessas marcas do trabalho fazer aparecer o debate de normas e valores.

Um momento notável da análise se deu, por exemplo, na discussão de uma foto que mostrava um aparelho “Nobreak” antigo. Tirada à princípio com o objetivo de denunciar a precárias condições de trabalho, esta foto pôde levar também à uma discussão sobre o gerenciamento do trabalho, passando da queixa à discussão de astúcias do ofício. A queixa referia-se ao fato de que o setor só recebe sucatas de outros setores, já que apesar de ter sido recebido há pouco tempo, o Nobreak era visivelmente usado. Um fato curioso foi que o curto tempo entre a confecção da foto e sua discussão (uma semana) foi suficiente para que o aparelho quebrasse, o que inflou ainda mais a discussão sobre o assunto. Desse modo, havia aí uma denúncia sobre as relações institucionais, entre setores e mesmo com a chefia do próprio setor.

Nessa mesma direção, a equipe iniciou um verdadeiro debate sobre como as mais diversas chefias de outros setores da universidade, por meio de acordos informais, frequentemente queriam passar por cima do regimento e das orientações do setor em análise, colocando importantes desafios à realização do seu trabalho. A discussão segue abrindo espaço para as ferramentas e estratégias de trabalho construídas pelos trabalhadores para lidar com essa situação. Uma dessas estratégias é a confecção de uma ata, que, deslocada da sua função original de registro público decisões coletivas, serve como um registro dos acordos realizados, uma espécie de formalização dos acordos que, por conta disso, seriam feitos de maneira mais transparente.

Importante sinalizar que apesar dessa estratégia, ou astúcia, da ata, ser utilizada por boa parte da equipe, ela também desperta controvérsia entre eles. Assim, o diálogo seguiu explorando o tema da relação entre setores fazendo com que os trabalhadores pudessem inclusive elaborar de maneira mais explícita, para eles e para as pesquisadoras, a função do setor na universidade. Podemos dizer então que a foto de um equipamento, produziu uma espécie de passeio dialógico; das condições de trabalho chega-se a um importante debate de normas e valores daquela atividade.

A pesquisa intervenção se faz no desenvolvimento de formas de trabalhar em equipe fazendo sua gestão em reuniões ordinárias e extraordinárias.

### **2.3. Formação profissional de jovens universitários na área da saúde**

Esta experiência de intervenção (Conceição, 2016; Rosa, 2017), foi realizada com estudantes de um curso de graduação na área da saúde. Nela lançou-se mão do método de instruções ao sócio como recurso para visibilizar, discutir e desenvolver a atividade de formação profissional de estudantes, dando-se destaque a um grupo que se encontrava em um momento especial da formação, o momento no qual eles experimentam situações concretas de trabalho no campo profissional.

Tais estudantes, por meio de um programa nacional, vinculado ao Ministério da Saúde, foram inseridos em unidades de saúde pública, supervisionados por preceptores/as (profissionais das unidades) e tutores/as (docentes da Instituição de Ensino Superior), para que pudessem dar os primeiros passos de sua jornada de atuação profissional. Realizar com esses alunos uma análise do seu próprio trabalho possibilitou pensar a formação como atividade, como uma constante construção de recursos para agir nas situações concretas de trabalho.

As instruções ao sócio se desenrolaram em um espaço já existente de discussão dos acontecimentos concernentes à atuação dos estudantes, as reuniões de tutoria, se constituindo enquanto um recurso de análise da atividade de formação tanto dos próprios estudantes quanto da tutora. Mesmo entendendo que neste espaço já havia uma análise do trabalho rotineira que se dava sem a intervenção do pesquisador, ao experimentar o método de instruções ao sócio, a partir da troca com um novo interlocutor – a sócio/pesquisadora –, foi possível a esse grupo produzir outros enunciados, discutindo de forma não habitual os conflitos que aparecem no real da atividade. Vimos, com isso, que a instalação dessa metodologia de análise potencializou o desenvolvimento dos estudantes no seio da própria atividade de formação: vivida a princípio como meio de aprender, torna-se, com a intervenção, objeto de análise. Possibilitou também o desenvolvimento da atividade de tutoria, exercida por uma professora. A partir daí, é possível debruçar-se sobre ela, observá-la, para, enfim, construir novos instrumentos para a ação profissional.

Algumas das questões disparadas pelo exercício de instruções ao sócio foram: a relação com os preceptores e outros funcionários dos serviços; as negociações de quais tarefas os estudantes poderiam exercer nas unidades e como elas poderiam ser executadas; os impasses surgidos entre tarefas prescritas e os imprevistos do cotidiano do trabalho; os modos de lidar com a emoção e o impacto diante dos casos atendidos e a construção de uma postura profissional. Todas ques-

tões nas quais a controvérsia e os diferentes modos de agir acirraram um diálogo exterior e interior nos participantes da intervenção.

Foi possível concluir que, quando a atividade de formação inclui a criação de contextos dialógicos, que tomam a situação de trabalho dos formandos como objeto de análise coletiva, ela tem condições de se configurar também como atividade de cuidado desses sujeitos. Isso ocorre na medida em que se sustente um diálogo com e entre os modos de estar e se constituir na vida e no trabalho, de modo situado, conectado com os desafios do real, com suas nuances e singularidades. Tal projeto formativo contribui para identificar, criar e fortalecer movimentos, ações e coletivos que estejam enfraquecidos.

### **3. Da experiência de pesquisa-intervenção à experimentação continuada de gestão participativa**

Nas três experiências de intervenção, busca-se o desenvolvimento de recursos que já tinham inserção no modo habitual de gerir o trabalho; e que poderão permanecer após a retirada da equipe de pesquisa-intervenção daquele território.

Os dispositivos de análise do trabalho que foram usados pelo processo de pesquisa-intervenção são ferramentas que já existiam e poderiam ser desenvolvidos, potencializados, no que diz respeito ao debate do trabalho pelos trabalhadores.

Trazer tais experiências é parte de um movimento de buscar o diálogo com o patrimônio de práticas de intervenção que vem sendo operadas em psicologia do trabalho. Apostamos que tal diálogo, permeado por controvérsias, possa desenvolver recursos para nossa ação, ampliando e renovando tal patrimônio.

### **Referências Bibliográficas**

- Armaroli, A. C., & Osório da Silva, C. (2014, abril). *Relato de um método participativo para o redesenho de cargos*. Comunicação apresentada no VI Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho. Bonito, Brasil.
- Bonnefond, J-Y., & Clot, Y. (2018). Clinique du travail et santé au travail: ouvertures, perspectives et limites. *PISTES*, 20(1). <https://doi.org/10.4000/pistes.5538>
- Cattani, A. D. (2002). Gestão participativa. In A. D. Cattani (Org.), *Trabalho e Tecnologia: dicionário crítico* (pp. 140-147). Petrópolis: Porto Alegre.
- Clot, Y. (2010). *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Conceição, C. (2016). *A formação pela ação: experimentando o ofício de analista do trabalho pela perspectiva da Clínica da Atividade* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.
- Muniz, H., Brito, J., Souza, K., Athayde, M., & Lacomblez, M. (2013). Ivar Oddone e sua contribuição para o campo da Saúde do Trabalhador no Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 38(128), 280-291. <https://doi.org/10.1590/S0303-76572013000200015>
- Osorio da Silva, C. (2016) Clínica da Atividade e Análise Institucional: inflexões do transformar para compreender. In C. Osorio, J. Zamboni, & M. E. de Barros (Orgs.), *Clínicas do trabalho e análise institucional* (pp. 37-64). Rio de Janeiro: Nova Aliança.
- Osorio da Silva, C., & Barros de Barros, M. (2013). Oficina de fotos: um método participativo de análise do trabalho. *Universitas Psychologica*, 12(4), 1325-1334. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy12-4.ofmp>
- Rosa, R. (2017). *Terapia ocupacional e clínica da atividade: intercessões nos debates da atividade de formação* (Tese de Doutoramento). Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 19-45. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>

# Quando o trabalho é o património de uma região: como pensar o desenvolvimento de um “projet-héritage”?

# Cuando el trabajo es el patrimonio de unaregión: ¿cómo pensar el desarrollo de un “projet-héritage”?

# Quand le travail est patrimoine d'une région: comment penser le développement d'un «projet-héritage»?

U.PORTO

FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie



### Liliana Cunha

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP)  
Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal  
lcunha@fpce.up.pt

### Daniel Silva

Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP)  
Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal  
danielsilva@fpce.up.pt

### Marianne Lacomblez

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP)  
Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal  
lacomb@fpce.up.pt

### Resumo

Cada um/a, pela sua atividade de trabalho, procura contribuir a edificar um legado, a colocar em património os seus saberes-valores. Mas, nem sempre tal é possível. Os processos de mudança tecnológica instigam, de forma particular, este debate.

A nossa pesquisa conduzida no setor da cortiça tem como objetivo, designadamente, mostrar como a atividade de trabalho, atravessada pela técnica, contribui para fazer história. É dizer que todo o ato técnico impõe reinvenções, mudanças no corpo-si, e nos debates de normas/valores que as sustentam.

Os resultados das nossas análises mostram como, mesmo após a introdução de automatização, são construídos *projets-héritages*: é-se confrontado/a com dramáticas de uso de si, impõem-se arbitragens, escolhas de saberes-fazer de que se é herdeiro/a - para, simultaneamente, desenvolver dinâmicas de transformação. São estes *projets-héritages*, então, vetores de (re)configuração dos territórios de trabalho, e do que neles permanecerá sedimentado como legado.

### Palavras-chave

*projets-héritages*, património, território, corpo-si, usos de si

### Resumen

Cada uno/a, a través de su actividad de trabajo, intenta contribuir a construir un legado, a poner en patrimonio sus saberes-valores. Sin embargo, esto no siempre es posible. Los procesos de transformación tecnológica instigan este debate de manera particular.

Nuestra investigación realizada en el sector del corcho busca mostrar cómo la actividad de trabajo, atravesada por la técnica, contribuye a hacer historia. Es decir que, todo acto técnico impone reinversiones, cambios en el cuerpo-sí, y en los debates de normas/valores que los sustentan.

Los resultados muestran cómo, incluso después de la introducción de la automatización, se construyen *projets-héritages*: se es confrontado a dramáticas de uso de sí mismo, se impone arbitrajes, se escogen saberes-hacer de entre los que se es heredero - para, simultáneamente, desarrollar dinámicas de transformación. Estos *projets-héritages* son, pues, vectores de (re)configuración de los territorios del trabajo, y de lo que quedará sedimentado en ellos como legado.

### Palabras clave

*projets-héritages*, patrimonio, territorio, cuerpo-sí, usos de sí

## Résumé

Chacun.e, par son activité professionnelle, cherche à contribuer à la construction d'un héritage, à édifier ses savoirs-valeurs en patrimoine. Mais ce n'est pas toujours possible. Les processus de changement technologique convoquent ce débat, de façon particulière.

La recherche que nous avons menée dans le secteur du liège vise, notamment, à montrer comment l'activité de travail, traversée par la technique, contribue à faire histoire. C'est rappeler que tout acte technique impose des réinventions, des changements dans le corps-soi, et dans les débats de normes/valeurs qui les traversent.

Les résultats de nos analyses montrent comment, même après introduction de l'automatisation, se construisent des projets-héritages: dans une confrontation aux dramatiques de l'usage de soi, aux arbitrages qui s'imposent, aux choix de savoir-faire dont on est héritier- pour développer simultanément des dynamiques de transformation. Ces projets-héritages sont ainsi vecteurs de (re) configuration des territoires de travail - et ils s'y maintiendront comme acquis.

## Mots clés

*projets-héritages*, patrimoine, territoire, corpssoi, usages de soi

### 1. Trabalho, território e património

As relações entre a atividade de trabalho e o território têm sido objeto da nossa análise em diferentes contextos e a partir de diferentes eixos de reflexão (Cunha, 2021; Cunha & Lacomblez, 2012; 2021).

Propomos aqui pensar estas relações, por um lado, analisando a forma como o legado da atividade de trabalho é inscrito no território e contribui para a sua configuração e, por outro lado, discutindo como a sua sustentabilidade requer o reconhecimento coletivo desse legado como património - património de uma determinada atividade de trabalho, do setor em que se enquadra, da região onde a história do processo de patrimonialização se constrói. A nossa asserção é a de que o território não é somente o “terreno” em que a história das atividades de trabalho e dos seus protagonistas é quotidianamente tecida. Pelo contrário, o território constitui uma categoria de análise pertinente no estudo das atividades de trabalho: ele é um espaço agido, produto também da atividade de trabalho e da construção de normas do *vivre ensemble*. Face a mudanças nos contextos de trabalho que pronunciam o risco de desencastramento territorial dos modos de fazer, de que são exemplo os processos de transformação tecnológica, ganham relevância os estudos que consideram o território e o património (ou a sua

descontinuidade) nas suas análises. Estes processos de transformação tecnológica impõem, pois, outros usos de si, e convocam debates de normas e de valores que reconfiguram os territórios de trabalho, e a sua recomposição, para os tornar “habitáveis”.

Ora, se a reconfiguração do território se faz a partir das reservas de alternativas que a atividade de trabalho propõe (Schwartz, 2000), nem sempre as suas potencialidades transformadoras são objeto de atualização. Como podem estas reservas de alternativas contribuir para a afirmação de outros projetos, de outros sentidos de desenvolvimento?

### 2. Reservas de alternativas e *projets-héritages*

A nossa proposta de reflexão sobre este legado da atividade e da sua sedimentação no território, encontra eco no conceito de *projet-héritage* de Schwartz (2014): "(...) por onde quer que o agir coletivo, ao longo do tempo, seja construído, projetos e alternativas vão apoiar-se sobre o legado adquirido e colocado em memória comum, sobre os patrimónios construídos na história (...). Mas, reciprocamente, a fabricação de projetos, voltados para o futuro a construir, selecionará, neste passado, segmentos de patrimónios coletivos suscetíveis de dar credibilidade a estes projetos. A herança permite a cristalização do projeto, mas retroativamente o projeto configura no passado a herança que o poderia prefigurar" (p. 10, tradução livre).

A discussão sobre as relações entre a atividade de trabalho no quadro de processos de mudança tecnológica, o território e o património, encontra pertinência heurística na referência a este conceito. Um *projet-héritage* é, simultaneamente, a construção de um património - em que se sedimenta o agir de diferentes protagonistas, a sua história, as suas reservas de alternativas (Schwartz, 2000), e as regiões onde têm lugar, e de que ele é síntese, mais ou menos visível, mais ou menos socializado - mas também o que dele se apreende como legado. Que escolhas determinam este legado? Como o tornar disponível coletivamente? Como inscrever neste património e no seu legado uma perspetiva de transformação - do trabalho, do território, do *vivre ensemble*? A abordagem cruza a referência a questões que perpassam os níveis macro e micro de análise. Sem a invocação do nível macro, a visibilidade e a socialização do património, construído pela atividade industrial, compromete a sua ambição transformadora. Mas, só pela ancoragem no que revelam as situações concretas de trabalho, podem ser legitimadas as orientações estratégicas para o desenvolvimento. As dialéticas entre o projeto e a herança são construídas no tempo, são

necessariamente plurais, e histórica e geograficamente diferenciadas.

### **3. Automação e reconstrução da experiência de trabalho no setor da cortiça**

Para discutir estas dialécticas, referiremos um estudo, atualmente em curso<sup>[1]</sup>, desenvolvido no setor da cortiça, num "distrito industrial" da região Norte de Portugal. A pesquisa tem como objetivo explorar como, nos processos de transformação industrial que marcam este sector, a experiência de trabalho é considerada na intervenção e desenvolvimento dos processos de automatização. Os resultados aqui apresentados<sup>[2]</sup> sustentam-se no recurso a uma abordagem metodológica de cariz qualitativo, designadamente observações em contexto real, registo de verbalizações, e entrevistas com trabalhadores/as.

#### **3.1. O setor da transformação da cortiça encastrado num “distrito industrial”**

Em Portugal, o setor da cortiça apresenta uma organização particular em termos de localização geográfica dos seus subsetores: a produção da matéria-prima (produção suberícola) localiza-se principalmente no sul do país (Alentejo Central, Alentejo Litoral, Alto Alentejo e Lezíria do Tejo), enquanto a indústria transformadora se localiza sobretudo no norte do país. De acordo com os Quadros de Pessoal do Gabinete de Estratégia e Planeamento (MTSSS), referentes ao ano de 2017, e cedidos pela Associação Portuguesa da Cortiça (APCOR) à equipa de investigação, das 642 empresas industriais de cortiça existentes em Portugal, 487 localizam-se no concelho de Santa Maria da Feira, onde trabalham 6544 trabalhadores – o que corresponde a 79% dos trabalhadores na indústria corticeira. Nesta região, as empresas encontram-se agrupadas sob a forma de cluster, interligadas e localizadas numa área geográfica restrita, fazendo deste território um “distrito industrial” (Branco & Parejo, 2011). A preservação deste distrito industrial é tributária de diferentes fatores (Becattini, 1991): (i) do facto de ser tendencialmente monosectorial, e ter um subsetor mais representado - o de produção de rolhas, essencialmente constituído por empresas de micro e pequena dimensão (94,2%); (ii) de estas empresas se manterem interligadas em rede, tendo como eixo uma empresa de grande dimensão - a “empresa-âncora” -, que exerce regulação sobre a capacidade (e flexibilidade) produtiva das empresas que à volta dela coexistem; (iii) da existência de uma dinâmica de inovação tecnológica, instigada por “ameaças” externas (procura crescente de rolhas sintéticas e não de cortiça, a um custo significativamente menor, e não permeáveis ao “TCA” ou Tricloroanisole,

vulgarmente identificado como “odor a rolha”, que contamina o vinho, e corresponde a um dos grandes desafios do setor), e a perspetiva pelas empresas de que o investimento tecnológico será a solução para garantir a diferenciação e vantagem competitiva neste segmento de mercado; e (iv) da capacidade de reação à pressão “heterónoma”, face à eventual emergência de outros polos de transformação de cortiça, localizados a Sul, e mais próximos da produção de cortiça.

É o património de saberes investidos na atividade que contribui para bonificar, de forma singular, o território onde esta indústria está fortemente ancorada. Não obstante, a realidade do trabalho dentro deste distrito industrial é diferenciada, designadamente, do ponto de vista do emprego (e.g., segmentação de género, como acontece com as escolhedoras e os traçadores) (Cunha, Silva, & Macedo, 2021), da estabilidade da relação salarial (posicionamento de cada empresa face à “empresa-âncora”), e das iniciativas de transformação industrial, fazendo subsistir questões que interpelam os projetos ditos “de desenvolvimento tecnológico” do setor.

#### **3.2. O debate sobre os territórios da atividade de trabalho face aos limites da transformação tecnológica**

Num momento em que os discursos sobre a automação, a digitalização e a robótica têm ganho uma atenção crescente, no âmbito do paradigma da Indústria 4.0, e apesar de a introdução de máquinas automáticas neste setor não ser inteiramente recente, a pertinência da sua análise neste contexto advém sobretudo dos limites da automação que o ponto de vista da atividade de trabalho revela. Que questões convoca a atividade relativamente aos processos de automatização e aos seus limites?

##### **3.2.1. A seleção automática é possível... convocando saberes-fazer da escolha manual**

A inovação tecnológica na produção de rolhas é particularmente visível na atividade das escolhedoras (só mulheres exercem tal atividade). As máquinas automáticas introduzidas têm permitido dar resposta às exigências emergentes no setor, como, por exemplo, garantir níveis de produtividade mais elevados, através das máquinas de seleção automática; ou assegurar a máxima qualidade do produto final, graças a um novo método de seleção conhecido por “sniffing”.

Retomamos o caso de uma das empresas que tem investido na introdução de tecnologia na seleção das rolhas, designadamente máquinas de “escolha automática” (máquinas “da raça” e de “desdobra” das rolhas)<sup>[3]</sup>. A capacidade produtiva aumentou: “são precisas 4 a

*5 trabalhadoras para produzir [o equivalente a] uma máquina".* Mas, o debate de valores não pode ser esca-moteado da compreensão da atividade: "Não gosto da escolha. Não respeitam o nosso trabalho. A rolha fraca não conta, só conta a rolha boa e 'tens de fazer dez mil rolhas' e não interessa o volume da rejeição. Só conta a rolha boa". "Que culpa tenho eu, se o produto tem ou não qualidade? O meu trabalho está mal feito se as que rejeito têm defeito?"

Contudo, a singularidade do contributo da atividade é determinante para a preservação desse sector neste território. Uma das trabalhadoras enaltece-o, e questiona a reconfiguração do território pelos avanços tecnológicos, "(...) o olho humano é insubstituível. Olhe, por exemplo, na escolha, um ano seco<sup>[4]</sup> não é detetável pela máquina. É claro que máquina não se cansa e, humanamente, escolher uma hora não é o mesmo que escolher oito horas seguidas. Às tantas, já duvidamos se é o tapete que mexe, ou se somos nós..." E uma outra trabalhadora: "aqui escolhemos a rolha que a máquina não escolhe bem... Se a máquina escolhesse tudo...". "A máquina falha no reconhecimento! A identificar o defeito!" Na realidade, a escolha automática criou exigências suplementares na atividade, o grau de escrutínio é agora maior. Como foi referido pelo próprio responsável da empresa, "O que queremos é uma escolhedora que perceba da coisa e que olhe para a máquina e diga: 'a máquina está a escolher mal!' É preciso perceber". Este exemplo ilustra bem como o funcionamento (dito) automático da máquina de escolha faz apelo ao património da atividade.

Para além da escolha por deteção visual, um outro método de escolha tem vindo a ser introduzido: a escolha por deteção olfativa, ou *sniffing*. O *sniffing* consiste em cheirar as rolhas, previamente aquecidas pela "máquina de sniffing", com o intuito de identificar defeitos, que se traduzem em odores específicos, e que as escolhas automática e visual não detetaram.

A automatização exigiu uma reinvenção, ainda em curso, do *corpo-si*: "há cheiros que ainda não sei o que é, se é bom ou mau..., na dúvida meto no médio lalcofa onde são colocados os cheiros que suscitam dúvidas às escolhedoras!, e vai lá para cima para analisar no laboratório (...) A máquina tem 4 meses, há cheiros que se vê logo, mas aparecem cheiros pela primeira vez e ficamos sem saber". Assim, para além da exigência de um maior escrutínio do ponto de vista da seleção visual, é exigida também a aquisição de uma memória dos defeitos das rolhas, perceptível pela discriminação de diferentes odores que lhe estão associados. Ainda que alguns destes odores possam ser descritos de forma aproximada, esta discriminação é possível apenas gra-

ças a saberes investidos na atividade pela memória dos sentidos, isto é: do corpo.

A configuração espacial e temporal da atividade foi, por conseguinte, transformada pela automatização. Das análises conduzidas em contexto real, sobrevém a este propósito, o facto de o funcionamento automático das máquinas de seleção, para cumprir as exigências de qualidade definidas, ter sido possível apenas pela convocação e mobilização dos saberes-fazer prévios das escolhedoras, desenvolvidos através de anos de experiência nesta atividade. São disso exemplo os momentos de "fazer a amostra" para a reprogramação da máquina, em que os critérios visuais de escolha prevalecem, mas também a identificação de defeitos que a leitura ótica das máquinas ainda não consegue detetar. A atividade de trabalho, atravessada pela técnica, contribui então claramente para a história deste sector e desta região, realçando que todo o ato técnico impõe reinvenções, mudanças no *corpo-si* (e.g., a seleção por *sniffing*), mas também uma evolução dos debates de normas/valores que as sustentam.

### 3.2.2. O ato técnico em debate a partir do *corpo-si* - síntese de todos os territórios de trabalho

A experiência das escolhedoras é um fator distintivo de competitividade para estas microempresas. Mas, esta experiência incorpora também saberes que perpassam todos os territórios que se revelam no seu trabalho - do montado (produção de cortiça) à seleção das rolhas (na transformação). A atividade de escolha afere a qualidade da rolha, mas muito mais: afere a qualidade de todas as atividades a montante, desde os cuidados com a árvore (e.g., salvaguarda do tempo mínimo entre um descortiçamento e o seguinte), o crescimento e maturação da sua casca no montado, até à sua transformação na indústria. E estas trabalhadoras são confrontadas com a síntese dos processos de produção e de transformação, tendo desenvolvido saberes que os integram, e que, implícitos, se revelam incorporados no "tato", no olhar e no olfato, como o ilustra o exemplo seguinte.

**Projeto CORK-In** [registo de observação e de verbalizações, 16.10.2019]

- "Essa rolha está boa?" [pergunta a trabalhadora ao olhar para uma rolha retirada do tapete durante a observação]
- "Sinta a rolha! Esfregue-a nos dedos!"
- Digo que está rugosa, áspera.
- "Tem prego" - diz ela [resultado de uma agressão do ambiente à casca do sobreiro]

E continua:

– “Pegue nesta. Vê essa mancha acastanhada? Raspe com o dedo!”

Raspo e surge um sulco escondido.

– “É cobrilha. O pó fixou aí, não saiu e escondeu o sulco”

Viajo a montante. Chego ao montado e 40% da produção de cortiça pode ter cobrilha. E desço à transformação e vejo que o despoeiramento e a lavação podem não limpar tudo.

Mas, a escolhedora tem de ver, sabe que muito do que escolhe começou no montado, que depende da qualidade do trabalho do fornecedor. Por isso, dizia:

– “Uma boa rolha dá sono!” [porque há um trabalho a montante com qualidade, porque a matéria-prima é de qualidade]

– “A máquina não tem sono! Mas não sabe! Olhe esta... pegue nela, e veja!”

A princípio não reparei, mas depois com o dedo, senti que parte do corpo da rolha não estava cilíndrico, mas plana. E ela diz:

– “Caleira! Pode acontecer na brocagem” [etapa de fabricação da rolha propriamente dita, através de uma broca manual; os broquistas furam o traço de cortiça para dar origem à rolha]

E voltamos a montante, agora na transformação, quando ao “picar o traço” o broquista fura o traço muito perto, em cima da anterior e apanha a face cortada do traço, ficando um sulco côncavo na rolha.

– “Dizem que somos malandras aqui na escolha! Não se lembram que a cabeça está sempre a trabalhar e que é cansativo. (...) A máquina não sente e, por isso, não vê”

– “Para mim, rolha é a natural [de cortiça]. A outra [a rolha técnica] é uma coisa...” - a sugerir que já está muito longe do sobreiro, da prancha de cortiça, é um produto muito transformado.

Vemos a partir deste exemplo como, sobre o ato técnico há uma tomada de posição, e como o *corpo-si* é matriz de arbitragens. É a partir deste *corpo-si*, que é síntese de diferentes territórios do trabalho, que se geram os debates de normas e de valores, e se reinventam as formas de fazer a atividade.

A experiência destas trabalhadoras (*l'héritage*) contribui para redefinir o projeto (*le projet*) de eficácia técnica que a automatização, por si só e definida de forma unívoca, não poderia fazer lograr. Tal como refere Schwartz (2000), todo “o ato técnico é reinvenção (...); não requer só um “sujeito”, mas uma entidade enigmática, charneira do biológico, do neuropsicológico, do psíquico, e do

histórico-cultural” (pp. 570-571, tradução livre).

No quadro das microempresas que caracterizam este distrito industrial, o reconhecimento destes saberes é condição da sua própria sustentabilidade. Mas, este território, estruturado em rede (de relações sociais e materiais), é também atravessado por relações de poder, suscetíveis de comprometer a continuidade deste processo de patrimonialização.

#### **4. Como garantir a preservação deste património e a sua ancoragem naquele território?**

Um *projet-héritage* é atravessado por diferentes temporalidades, a sua compreensão situa-se tanto na análise sincrónica quanto diacrónica. Ele vai sendo desenvolvido e é territorializado quando atinge um grau de consolidação definido. O confronto do *corpo-si* com mudanças tecnológicas não é nunca determinístico: há debates de normas e de valores, arbitragens, “atos de valorização e de desvalorização” (Schwartz, 2000, p. 569), em nome dos quais a história se refaz em permanência.

Assumimos o princípio de incomensurabilidade dos dois registos presentes em todo o ato técnico: o da técnica em si, sabendo que a sua eficácia depende sempre das condições locais, dos seus territórios específicos de implementação; e o de tomada de posição face à mudança tecnológica tendo como referência a experiência anterior. Concluímos, a partir das situações apresentadas, que a atividade exerce esta tomada de posição sobre a automatização, e propõe *projets-héritages* que contribuem, quer para a sua viabilidade, quer para a redefinição dos territórios do trabalho, tornando-os habitáveis, “vivíveis”.

A exploração dos debates imanentes ao *corpo-si* levam-nos a prosseguir a pesquisa considerando também os impactos na saúde associados a esta reconstrução dos territórios de trabalho. E o património de ensinamentos de Canguilhem bem no-lo revela: a saúde é construída a partir das tentativas de configuração do meio em torno das suas próprias normas. Mas, que constrangimentos e que impactos na saúde advêm das tentativas prosseguidas, mais ou menos conseguidas, pelos/as trabalhadores/as, face à normatividade da técnica?

E, partindo desta questão, uma outra se coloca a propósito da socialização do património: se este património se inscreve, em parte, no *corpo-si*, como o tornar visível e disponível coletivamente?

## Agradecimentos

Este trabalho é financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian - Projeto “CORK-In: Capitalizar, Organizar, Regenerar Know-How na Indústria”.

## Referências Bibliográficas

- Becattini, G. (1991). Italian Industrial Districts: Problems and Perspectives. *International Studies of Management & Organisation*, 21, 83-90. <https://doi.org/10.1080/00208825.1991.11656551>
- Branco, A., & Parejo, F. (2011). *The creation of a competitive advantage in the Portuguese cork industry: the contribution of an industrial district*. Working Paper nº 43. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social.
- Cunha, L. (2021). Les apports de l’ergologie pour une intervention développementale territorialisée. In F. Barcellini, J. Arnoud, M. Cerf, & M-S. Perez (Dir.), *Développement et Intervention*. Toulouse: Éditions Octarès [accepté pour publication].
- Cunha, L., & Lacomblez, M. (2012). From the “terrain” to “territory”: which contributions from mobility and bus drivers’ activity towards local development? *Work*, 41, 6156-6161. <https://doi.org/10.3233/WOR-2012-1077-6156>
- Cunha, L., & Lacomblez, M. (2021). Territory as a Construct of Work Activity and an Operative Dispositive for and Through Action. In P. Neumann, et al. (Eds.), *Human Factors and Ergonomics in a connected world/L’ergonomie 4.0*. Cham, Springer [accepted for publication in 2021].
- Cunha, L., Silva, D., & Macedo, M. (2021). “This is a job for women, isn’t it?”. The evolution of a traditional occupational segmentation by gender in a Portuguese industrial cluster. In P. Neumann, et al. (Eds.), *Human Factors and Ergonomics in a connected world/L’ergonomie 4.0*. Cham, Springer [accepted for publication in 2021]
- Schwartz, Y., & Echternacht, E. (2009). Le corps-soi dans les milieux de travail: comment se spécifie sa compétence à vivre? *Corps*, 6, 31-37.
- Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Octarès.
- Schwartz, Y. (2014). *Où se trouvent les réserves d’alternative? Travail et «projets-héritages»*. Communication présentée au Séminaire de la Fondation Gabriel Péri. <http://institut.fsu.fr/Ou-se-trouvent-les-reserves-d-alternatives-Travail-et-projets-heritages.html>
- Schwartz, Y. (2020). Activité(s) et usages de soi: quel(s) ‘milieux’ pour l’humain? *Les Études philosophiques*, 201, 93-123. <https://doi.org/10.3917/leph.201.0093>

## Notas

- [1] Estudo desenvolvido no âmbito do Projeto “CORK-In: Capitalizar, Organizar, Regenerar Know-How na Indústria”, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.
- [2] O texto retoma alguns resultados apresentados nos artigos de Cunha, Silva, e Macedo (2021) e Cunha (2021), que se encontram formalmente aceites para publicação.
- [3] As máquinas da “raça” e da “desdobra” são dois tipos de máquinas de escolha automática de rolhas. A primeira seleciona as rolhas de acordo com a classe; a segunda faz a “desdobra” dentro de cada classe de rolhas.
- [4] Um defeito da rolha que tem origem na matéria-prima. É resultado de um ano muito severo de calor e secura, que afeta, no crescimento, o extrato da casca do sobreiro e lhe retira a elasticidade característica da cortiça, assumindo uma textura rígida presente num segmento da rolha, perceptível ao olhar e ao tato.

# Perceção, lugar e transmissão de gestos profissionais na educação de adultos.

# Percepción, lugar y transmisión de los gestos profesionales en la educación de adultos.

# Perception, place et transmission de gestes professionnels en formation d'adultes.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale  
d'Ergologie

### Patrick Rywalski

Institut fédéral des hautes études en formation professionnelle (IFFP)  
Av. de Longemalle, Case postale 195,  
1000 Lausanne 16 Malley – Suisse  
patrick.rywalski@iffp.swiss

### Resumo

Como é que os formadores de educação de adultos representam gestos profissionais na sua função de conceção de um sistema de formação? Os elementos de discussão dizem respeito aos ingredientes de um "bom" gesto profissional, aos conhecimentos e recursos que podem ser mobilizados. As noções de património, trabalho e desenvolvimento são examinadas em relação à abordagem ergológica.

### Palavras-chave

conceber um sistema, colocar a experiência em palavras, património, gesto profissional, educador de adultos

### Resumen

¿Cómo representan los formadores de educación de adultos las acciones profesionales en su función de diseñar sistemas de formación? Los elementos de debate se refieren a los ingredientes de un "buen" gesto profesional, los conocimientos y los recursos que pueden movilizarse. Algunas reflexiones en relación con el enfoque ergológico cuestionan las nociones de patrimonio, trabajo y desarrollo.

### Palabras clave

diseñar un sistema, poner la experiencia en palabras, herencia, gesto profesional, educador de adultos

### Résumé

Comment des formateur-trices en formation d'adultes se représentent des gestes professionnels dans leur fonction de conception de dispositif de formation? Des éléments de discussion portent sur les ingrédients d'un «bon» geste professionnel, les acquis et ressources mobilisables. Des éclairages en lien avec la démarche ergologique interrogent les notions de patrimoine, travail et développement.

### Mots-clés

conception de dispositif, mise en mots de l'expérience, patrimoine, geste professionnel, formateur-trice d'adultes

### 1. Questionnement

Les formateurs et formatrices d'adultes pendant leur parcours de certification interrogent leur rôle professionnel à partir de leurs expériences, d'apports conceptuels, d'échanges de pratiques. En Suisse, le parcours de formation au métier de formateur ou de formatrice d'adultes est organisé autour de trois principales fonctions telles

que développées par la Fédération suisse pour la formation continue (FSEA)<sup>11</sup>: l’animation de sessions de formation, l’accompagnement des personnes de manière individuelle et collective, la conception de dispositifs et de sessions de formation. Cette communication met l’accent sur cette troisième fonction de conception.

Differentes personnes sont classiquement concernées par ces formations de formateur·trices: les personnes effectivement en formation, les personnes pour lesquelles elles viennent en formation, les personnes animant les séquences de formation. Toutes, d’une manière ou d’une autre, interpellent leur situation de travail (Mayen et al., 2010), interrogent leur compréhension de la situation (Durrive, 2012) et cherchent à mobiliser des acquis et ressources (Thievenaz, 2014) pour résoudre les situations problèmes (Fabre & Vellas, 2006). Se former à la pratique professionnelle (Rywalski et al., 2019) renvoie ainsi au statut de novice et d’expert (Boudjadi, 2008), aux processus d’apprentissage (Médioni, 2016) et de développement (Yvon & Zinchenko, 2011), à l’évaluation (Mottier Lopez & Figari, 2012) dans une perspective de reconnaissance (Jobert, 2013).

Les gestes professionnels (Clot, 1999; Jorro, 2006; Bucheton, 2008) se trouvent au cœur de nombreuses situations de formation. Relevons ici la définition qu’en donne Pana-Martin (2015, p. 4): «Le geste professionnel, conçu comme un mouvement du corps envers autrui, est redéfini comme une interaction verbale et/ou corporelle, intentionnelle et conscientisée par le formateur, d’amplitude variable». Les dimensions d’actions aux formes diverses et d’engagement du corps sont notamment à retenir, comme le fait qu’il soit tourné vers autrui. Cette définition va dans le sens des travaux de Vygotski «[qui] définit le développement par l’intériorisation de signes culturels (des règles de métier) et de gestes professionnels (des opérations)» (Descoedres, 2019, p. 96) en nous apportant une des clés d’entrée pour lire les relations entre travail, patrimoine et développement.

Comment les formateur·trices en formation perçoivent-ils ou elles leurs propres gestes professionnels dans le domaine de la conception de dispositifs de formation? Quels sont leurs acquis et ressources à disposition pour construire leur propre parcours de formation? Comment se positionnent-ils ou elles par rapport à leur patrimoine comme à l’égard de celui des intervenant·es? Comment entrent-ils ou elles les modalités de transférer dans leur manière d’agir ce qui est travaillé en formation?

La première phase d’une enquête par questionnaire menée au début de l’année 2021 auprès de 16 formateur·trices actuellement dans le dernier tiers de leur parcours de formation à l’IFFP Lausanne apporte des

éclairages quant à leur perception des gestes professionnels, leur place et leur transmission.

Je vais tenter d’apporter des liens possibles entre les niveaux micro ou macro d’analyse et les propositions des participant·es à l’enquête, pour leur donner la parole et continuer le dialogue, dans une intention de constituer des viviers d’alternatives. Quatre thèmes sont abordés: le patrimoine, les gestes professionnels, les ingrédients ainsi que les acquis et ressources des gestes professionnels. Les emprunts au questionnaire sont entre guillemets ou placés en retrait en un paragraphe. En préambule, l’auteur évoque son positionnement. Cette proposition d’articulation offre la possibilité à chacun·e d’entrevoir l’activité humaine comme «un tissage de normes antécédentes et de renormalisation issues de débats de valeurs» (Di Ruzza & Schwartz, 2021, p. 70).

## 2. Positionnement de l'auteur

Dans premier temps, voici quelques positions quant à mon métier de formateur d’adultes. Mes propres centres d’intérêt m’amènent à penser la conception des dispositifs de formation pour favoriser les processus d’apprentissage et de développement des adultes en formation; ils me font m’interroger sur les approches biographiques, la démarche ergologique, les politiques des systèmes de formation. Les apports des politiques de validation des acquis ouvrent des chemins de convergence dans la conception des dispositifs de formation par la reconnaissance de la formation informelle et non formelle; elles renouvèlent les prises en compte des acquis et ressources des personnes mobilisées dans les situations de la vie quotidienne, que ce soit celles des loisirs, du travail, de l’accomplissement de soi. Les formateur·trices d’adultes s’ingénient, dans des dispositifs où l’hétérogénéité des participant·es est normalement forte, à intégrer des interrogations quant à la mise en mots de l’expérience de chacun·e. Celle-ci génère des évocations de leurs engagements dans les différentes situations, elle interpelle leurs mémoires des événements, elle fait appel à leurs conceptualisations de l’action, elle appelle leurs observations de la réalité, elle replace les expérimentations effectuées. Ces dynamiques d’apprentissages situés valorisent les enjeux du développement des personnes vers un projet d’émancipation de soi, de valorisation du pouvoir vivre en santé. Par une enquête — au sens de Dewey (1938) — de ce qui se trame dans ces conquêtes en acceptant peut-être de reconnaître « [...] qu’il ne saurait y avoir de migration qui n’impose une transition personnelle. Tout comme les transitions personnelles conduisent le plus souvent à une migration vers de nouveaux territoires». Cette mé-

taphore proposée par Joso (2019, p. 258) nous rappelle que l'apprentissage et le développement de l'adulte se font pour chacun·e à sa manière, dans sa singularité, par sa recherche de sens, avec son histoire. Les apports des démarches biographiques et ceux de la démarche ergologique se rejoignent par le travail de récit de soi dans toutes ces dimensions corporelles et rationnelles, par la convocation de la mémoire, par la mise en dialogue de savoirs mobilisés — investis ou institués — par la recherche de sens. Ces mouvements de production de connaissances ont une signification politique au niveau micro et macro. Comment penser l'articulation entre les objectifs de développement sociétal et ceux destinés aux personnes? Comment aider les personnes — en s'appuyant sur les mutations qui transforment l'éducation nommées par l'OCDE<sup>[2]</sup> — à vivre mieux et plus longtemps, à se sentir en sécurité, par la participation civique et citoyenne, dans le village global où le centre de gravité se déplace vers l'Asie? Comment prendre en compte le souhait de l'Unesco<sup>[3]</sup> de construire des sociétés durables et inclusives par le développement d'une culture de l'apprentissage tout au long de la vie? En quoi les formateur·trices d'adultes peuvent-ils ou elles contribuer à la progression de ces idées? Comment peuvent-ils ou elles concourir à orienter la conception de leur dispositif de formation dans ces directions-là? Quel est le territoire à partir duquel ce travail est effectué? Quel patrimoine est convoqué ou sert de point d'appui?

**3. Gestes professionnels associés à la conception de dispositifs de formation** Cette partie d'enquête, inscrite également au début de la troisième partie de la formation des formateur·trices d'adultes, sera suivie d'autres prises d'informations et utilisée en formation avec les personnes concernées. Dans un premier temps, je souhaite rapporter les résultats d'un questionnaire mettant en évidence les représentations que se font des formateur·trices en formation de leurs gestes professionnels concernant une de leurs fonctions en situation de travail, celle de conception de dispositifs de formation. Cela nous amène ensuite vers la place qu'elles ou ils attribuent à ces gestes professionnels ainsi qu'à leur manière de faire pour transmettre ceux-ci aux participant·es de leur session de formation dans une perspective de développement de la pratique.

### 3.1. Représentations des formateur·trices autour du patrimoine

À la question «Qu'évoque pour vous la notion de "patrimoine" dans le domaine de la conception de dispositifs de formation d'adultes?», les personnes valorisent:

- un niveau micro et personnel comme «L'expérience personnelle, la transmission de son savoir» ou «la crédibilité, le vécu, l'expérience, le fait de rendre nos actions ou notre travail visible, les appréciations positives d'autrui», «une sorte d'héritage des expériences analysées et archivées de la conception qui servent de référence» et «fait référence, pour moi, aux valeurs que je souhaite transmettre dans une formation que j'aurai mise sur pied»;
- un niveau macro et collectif comme «Les ressources inhérentes à la structure et au cadre de la formation: réputation de l'institution, son réseau ou celui de l'institution, expertise des formateur·trices, le savoir et acquis préalables des participant·es» ou «Intuitivement je dirai tout ce qui a été construit en termes de formation avant (institution/politique de formation nationale, régionale/auteur·es dans le domaine)», «qui a déjà été fait en matière de dispositifs de formation, ainsi que les lois qui les régissent» et «une notion de structure construite sur une base solide et que l'on fait perpétuellement évoluer».

Les renvois à la notion de culture, de l'histoire dans lequel on s'inscrit, de déjà là et de ressources à disposition traversent ces prises de position. Ces formateur·trices se construisent la représentation qu'un patrimoine existant préfigure leur travail et leur permet de se positionner comme personne dans une structure plus large lors de l'élaboration de la conception d'un dispositif de formation.

### 3.2. Représentations des formateur·trices autour du geste professionnel

Dans leur représentation de la définition d'un geste professionnel, deux dimensions distinctes se détachent. Les formateur·trices accordent une place importante à l'action, contextualisée, orientée par des savoirs d'origines diverses, visant l'accomplissement de tâches. Une deuxième place est attribuée aux domaines des interactions, de la réflexion.

- Action entreprise dans son domaine professionnel
- Action qui est guidée par une connaissance théorique et un savoir-faire pratique
- Action réfléchie qui s'inscrit dans un contexte professionnel en lien avec un objectif
- Actions en lien avec le domaine d'activité professionnelle
- C'est un ensemble d'actions, mentales, logistiques et organisationnelles visant à

l'accomplissement d'une tâche ou d'un service.

- Un ensemble d'actions et de réflexions visant à la réalisation d'une tâche ou d'un projet
- Une action qui est liée à des recommandations, des règles et qui font référence à un savoir professionnel
- Il s'agit de plusieurs actions coordonnées, ayant pour but la réalisation d'une tâche
- C'est un ensemble d'activités liées à une réalisation professionnelle
- C'est un geste sûr et réfléchi. L'expérience.
- C'est une interaction qui a pour but de réaliser une tâche technique
- En adéquation avec les compétences métier et contexte professionnel, démontre les savoirs professionnels (savoir, savoir-faire, savoir-être)
- Pour moi un geste professionnel est un geste effectué dans le contexte professionnel dans lequel j'évolue et qui est basé sur le profil professionnel de la formation et qui est régi par l'organisation faitière de la profession et qui répond aux critères de qualité de la profession
- Une aide, une ouverture, une entorse au règlement
- Une démarche professionnelle dans la manière d'agir et réfléchir, de voir, percevoir, d'utiliser des techniques, des outils
- Une réflexion orientée sur une situation.

Le geste est ainsi pensé comme une action orientée, il est situé (contexte, profession) et répond à des attentes qui le précédent. Il recouvre de multiples dimensions, parmi lesquelles la réflexion semble un ingrédient important.

### **3.3. Représentations des formateur·trices quant aux ingrédients d'un bon geste**

S'agissant de définir des ingrédients présents dans un «bon geste professionnel», les formateur·trices font apparaître une diversité importante. Plusieurs catégorisations pourraient être effectuées. Parmi elles, du point de vue de la démarche ergologique, ces ingrédients font référence à des savoirs en adhérence; ils expriment bien des savoirs développés dans l'action, avec leur propre mise en mots, dont on pressent une historicité et un territoire. Ces indicateurs du dater historiquement et du situer spatialement apparaissent en filigrane. Le travail de généralisabilité de ces savoirs dans le but d'en constituer des savoirs institués exige, comme le rappelle Di Ruzza et Schwartz (2021, p. 134), qu'«ils ne peuvent être mis en mots et en dialogue avec les autres savoirs (la plupart institués et en désadhérence) indépendamment des valeurs auxquelles ils adhèrent». C'est donc un travail de couplage qui est amené à être porté avec

les formateur·trices et les intervenant·es pour davantage rendre possible la visibilité de ces réserves d'alternatives nécessaires lors du processus de renormalisation inhérent à toute activité humaine.

- L'anticipation, la préparation, le repos, l'écoute
- Réflexion, pratique, intention, attention
- 1. Poser le cadre: Analyse de l'environnement, Politique externe et interne, Ressources didactiques (compétences des formateurs + dispo), Moyens financiers, Objectifs qualitatifs
- 2. Définir la temporalité: sur la base des analyses susmentionnées, définir un délai réaliste et réalisable
- 3. Tâches/Actions: Définir des objectifs réalisables et réalisables, Décliner le geste/projet par étapes et tâches, Définir les responsabilités
- 4. Évaluation: Sur la base des critères de qualités et planning si les objectifs sont atteints; formulaire d'évaluation et satisfaction
- L'écoute, l'analyse et l'hypothèse
- Un mélange entre théorie et pratique ou expérience
- Adaptabilité, acceptation
- Une bonne prospection, de l'intérêt, de la préparation, de l'échange.
- Mobilise plusieurs compétences professionnelles (pédagogie, coordination et organisation, intellect...)
- Un bon équilibre au niveau cognitif, technique et émotionnel
- La posture du formateur et la voix, l'intonation, le flux des paroles
- Être orienté vers l'apprenant
- Savoir, savoir-être, savoir-faire (analyse, habileté, autonomie)
- Connaissance et maîtrise de son domaine professionnel, savoir-faire et savoir-être
- Explication, visibilisation, réflexivité
- La précision, l'atteinte de l'objectif, la justesse
- C'est un geste qui respecte les critères de qualités établis par la profession, standards de qualité.

En termes de temporalités ressortent l'anticipation du geste et son effectuation qui s'accompagnent d'habiletés spécifiques (du côté de la spécification par exemple pour le 1er temps et de l'attention à ce qui advient dans le second temps). Le moment qui suit le geste, ou l'après, autour de ses effets ou de possibles régulations par exemple, semble peu pointé.

### 3.4. Acquis et ressources mobilisables identifiés par les formateur·trices

Le patrimoine individuel à disposition de chacun·e pour concevoir un dispositif de formation peut être observé à partir des acquis et ressources mobilisables nommés par ces personnes. À la lecture de leurs propositions, ce qui est frappant, c'est la prééminence des savoirs investis, par rapport aux savoirs institués qui ne sont nommés que quelques fois. «L'expérience», «la pratique», «les connaissances du terrain» apparaissent en première ligne comme une forme de confirmation de la nécessité de parler de soi, de partir de ce qui est connu intégré, incorporé, de se mettre en jeu, comme si la zone proximale de développement approchait. Cette mobilisation de soi, ce possible questionnement de son rapport à son expérience et à celle des autres dans la construction d'un dispositif peut s'apparenter à ce que Schwartz (2011, p. 149) nomme dramatique d'usage d'un corps-soi au sens où se produit de l'inattendu, où chacun·e rationalise à sa façon, de manière plus ou moins consciente.

- L'expérience du terrain, l'écoute des participants en formation, les feedbacks après les formations, le processus EduQua
- Expériences concrètes dans la conception de dispositifs de formation y compris:

Analyse des besoins, Études de marché, Modélisation financière, Élaboration d'objectifs, Gestion et coaching d'un pool de formateur·trices, Stratégie de marketing et axes de promotion

- Expérience du terrain, aperçu des points d'amélioration et une équipe de formateur sur le terrain pour avoir une vision différente
- Mon expérience professionnelle, ma crédibilité, mon entourage, la popularité.
- Un vécu fait d'expériences de vies, professionnelles ainsi que personnelles très variées, dont je retire une magnifique boîte à outils.
- Ma pratique professionnelle ainsi que mon réseau professionnel
- La pratique, j'ai organisé de petites formations durant 4 ans pour l'association suisse des infirmières. Je n'ai pas de ressources écrites, mais le soutien de ma collègue formatrice d'adulte.
- La connaissance métier, la connaissance des besoins du terrain en termes de formation continue. Une base acquise avec le premier module.
- Je connais le tissu professionnel régional et ce que le «terrain» professionnel attend de cette formation.

- Mes savoirs, mon expérience, lien avec les utilisateurs, expériences d'autres formateurs
- La connaissance de ma branche professionnelle, le savoir-être et le savoir-faire, les ouvrages disponibles traitant du sujet, les formateurs, mes collègues, mes pairs
- Analyse de marché, gestion des couts
- Séquencer l'acte de formation selon une grille et des critères. Créativité.
- Organisationnel (admin / logistique), +/- analyse financière, formateur·trice selon le sujet
- Documents institutionnels, cadre de référence PEC, collègues, apprenants, expérience professionnelle
- Connaissance financière, Connaissance du public, Ressources matérielles, ressource pédagogique, Appui de ma hiérarchie.

Expériences et connaissances paraissent comme emmêlées, enchevêtrées dans cette participation à la construction d'un soi professionnel doté de compétence de conception de dispositifs de formation.

### 4. Suite de l'histoire ou quand l'enquête stimule la formation et le développement

En revisitant la définition proposée au début du texte des gestes professionnels, la dimension d'action située et associée au corps est nettement partagée. Nous relevons encore dans les propos des formateur·trices questionnés, la dimension d'association entre parcours, expériences et geste propre et culture, connaissances et gestes reconnus. Ce travail de positionnement par rapport à son patrimoine, dont ses propres représentations, sera complété par celui, dans une seconde étape, de questionnement des modalités de transmission de ces gestes professionnels en lien avec sa pratique de formateur·trice.

Un des intérêts de cette enquête porte sur la manière de considérer les écarts, ces formes de marge de manœuvre (Daniellou, 2004) à plusieurs moments du parcours de formation. Les personnes nomment les mobiles de leurs choix, les argumentent. Elles se réfèrent au patrimoine collectif à partir de plusieurs sources. Elles cherchent à avoir un impact sur les parcours des autres, donc agir sur autrui de manière éthique (Cifali, 2019), et donnent à voir «la complexité intrinsèque du travail humain» (Trinquet, 2009, p. 135). Peut-être mettent-elles en évidence des éléments interrogant leur rapport à l'écart entre le travail imaginé et le travail réalisé (Cuvelier & Woods, 2019)? Le geste à venir du formateur que je suis, dans la conception de son propre dispositif pour ac-

compagner ces apprenant·es dans leur développement professionnel, se trouve ainsi stimulé. Notre projet est ainsi de favoriser cette rencontre entre ces deux types de savoirs. Cette démarche de réflexion et de travail en collectif pourrait-elle amener les personnes à cet inconfort intellectuel, à ce processus de développement qui n'existe que «si l'activité de travail procure appropriation du milieu, maîtrise des situations individuelles et collectives à un niveau minimal de socialisation» (Di Ruzza & Schwartz, 2021, p. 86)? Nous essayerons de le réaliser notamment en valorisant ces représentations présentées ici et en les engageant à leur tour dans leurs analyses pour produire à leur tour du sens.

### Références bibliographiques

- Descoedres, M. (2019). Le développement de l'activité des enseignants novices en éducation physique et sportive à l'épreuve de situations émotionnellement marquantes (Thèse de Doctorat). Université de Lausanne, Suisse. <https://serval.unil.ch/notice/serval:BIB051F85FDE13D>
- Di Ruzza, R., & Schwartz, Y. (2021). Agir humain et production de connaissances. Épistémologie et ergologie. Presses Universitaires de Provence.
- Josso, M-C. (2019). Postface. Les récits de vie et de formation sont-ils une ressource inépuisable? In A. Slowik, P. Rywalski, & E. de Souza (Dir.), Approches(au-to)biographiques et nouvelles épreuves de transitions. Construire du sens avec des parcours de vie (pp. 255-258). L'Harmattan.
- Pana-Martin, F. (2015). Les gestes professionnels des formateurs d'enseignants en situation d'accompagnement individualisé (Thèse de Doctorat). Conservatoire National des Arts et Métiers, France. <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01416533>
- Schwartz, Y. (2011). Pourquoi le concept de corps-soi? Corps-soi, activité, expérience. Travail et apprentissage, 7, 148-177. <https://doi.org/10.3917/ta.007.0148>
- Trinquet, P. (2009). L'apport de l'ergologie: l'ergoprévention. In Prévenir les dégâts du travail. L'ergoprévention (Préface de Y. Schwartz, pp. 133-168). Paris: PUF. <https://doi.org/10.3917/puf.trinq.2009.01>

### Notes

[1] La Fédération suisse pour la formation continue (FSEA) est l'organisme faitier du monde de la formation continue, ainsi que la responsable des règlements des formations menant au Certificat FSEA, au Brevet fédéral de Formateur ou Formatrice d'adultes, au Diplôme fédéral de Responsable de formation: [www.alice.ch](http://www.alice.ch). Dans ce cadre, elle accrédite des organismes de formation pour le déploiement de dispositifs de formation des formateur·trices.

[2] L'Organisation de coopération et de développement économiques (OCDE) publie régulièrement des rapports de tendances. Celui de 2019 s'intitule Les grandes mutations qui transforment l'éducation.

[3] L'United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco) a publié en 2021 un rapport d'une consultation transdisciplinaire d'experts par l'Institut de l'Unesco pour l'apprentissage tout au long de la vie (UIL) Adopter une culture de l'apprentissage tout au long de la vie avec une vision de ce que devrait être le monde de l'éducation d'ici 2050.

# **Memória, história e devir: diálogo entre o patrimônio de saberes do “social” e da saúde mental.**

# **Memoria, historia y devenir: diálogo entre el patrimonio de saberes de lo “social” y la salud mental.**

# **Memoire, histoire et devenir: dialogue entre le patrimoine de savoirs du “social” et de la santé mentale.**

**U.PORTO**

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia



**U.PORTO**  
CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

**Société Internationale d'Ergologie**

### **Edna Maria Goulart Joazeiro**

Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí. Membro do *Bureau da Société Internationale d’Ergologie*, Membre Fondateur 1665, Rue Regina Lopes, 64049-695, Teresina, Piauí, Brasil  
emgoulart@uol.com.br

### **Laína Jennifer Carvalho Araujo**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina, Piauí, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes, Brasil. Código de Financiamento 001 5411, Rue Inhumã, Bairro Renascença II, 64082-170  
laina5411@gmail.com

### **Resumo**

O estudo de natureza qualitativa ancorado numa perspectiva analítico conceitual, indagou sobre a formação no campo do Serviço Social e sobre o seu diálogo histórico com o campo da Saúde Mental, centrado na produção escrita e nas narrativas de profissionais assistentes sociais sobre a realização do trabalho nesse campo de conhecimento e intervenção. A análise revela como os protagonistas do trabalho precisaram descentrar/recentrar e ressingularizar seus saberes da profissão e da política pública de saúde, em face das demais políticas sociais, para fazer emergir intervenções pertinentes na intervenção nesse campo de atenção à saúde. Uma aproximação criteriosa da história da atividade humana industriosa nesse campo de saber revela que o ofício da assistente social, deu-se imerso na trama do cuidado nos marcos do trabalho coletivo em equipamentos públicos coletivos de atenção à saúde mental, dando-se em coletivos de trabalho de geometria instável no tempo e no espaço (ECRP).

### **Palavras-chave**

políticas públicas, questão social, saúde mental, vida e normas, ergologia

### **Resumen**

El estudio a partir de un enfoque cualitativo, anclado en una perspectiva analítica conceptual, se discute la formación en el campo del Trabajo Social y sobre su diálogo histórico con el campo de la Salud Mental centrado en la producción escrita y en las narrativas de los profesionales trabajadores sociales sobre la realización de su trabajo en ese campo de conocimiento e intervención. Las análisis revelan cómo los protagonistas del trabajo necesitaron *descentrar/recentrar y resingularizar* sus saberes profesionales y de la política pública de salud, frente a las otras políticas sociales, para plantear intervenciones relevantes en la intervención en este campo de atención de la salud. Un acercamiento criterioso a la historia de la actividad humana industrial en este campo del conocimiento revela que la profesión del Trabajo Social ha estado inmersa en la trama del cuidado, en los marcos del trabajo colectivo desarrollados en equipos colectivos públicos de atención a la salud mental que se desarrollan en colectivos de trabajo de geometría inestable en el tiempo y el espacio (ECRP).

### **Palabras clave**

políticas públicas, cuestión social, salud mental, vida y normas, ergología

## Résumé

L'étude de la nature qualitative appuyé sur la perspective analytique sentencieuse, a fait des recherches sur la formation dans le domaine du Service Social et sur leur dialogue historique dans le domaine de la Santé Mentale, accordé à la production écrite et dans les narratives des professionnels assistents sociaux sur la realization du travail dans ce domaine du connaissance et intervention. L'analyse révèle comment les protagonistes du travail ont dû dénicher/recenter et individualiser leurs savoirs de la profession et de la politique publique de la santé, au regard d'autres politiques sociales, pour faire émerger des interventions pertinentes dans la intervention de ce domaine d'attention à la santé. Une approche judicieuse de l'histoire de l'activité humaine industrieuse dans ce domaine du savoir révèle que le métier d'assistante sociale, s'est plongé dans la trame du soin dans les étapes du travail collectif dans les équipes colectives publiques d'attention à la santé mentale, se donnant en collectives du travail de géometrie instable dans le temps et dans l'espace (ECRP).

## Mots clés

politiques publiques, question Sociale, santé Mentale, vie et normes, ergologie

## 1. Introdução

A análise ora apresentada se ancora numa perspetiva analítico conceitual, centrada numa abordagem da história do campo do Serviço Social na sua interface com o campo da Saúde, especificamente, com o campo da Saúde Mental no Sistema Único de Saúde (SUS).

O estudo de natureza qualitativa indagou sobre a formação no campo do Serviço Social e sobre o seu diálogo histórico com o campo da Saúde Mental, centrado na produção escrita e nas narrativas de profissionais assistentes sociais sobre a realização do trabalho no campo de atenção à pessoa com transtorno mental e de seus familiares.

O estudo utilizou a fonte secundária de informação, a série histórica de sessenta e seis Trabalhos de Conclusão de Curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal do Piauí, sobre a temática da Saúde Mental, no período de 1987-2018. Trata-se de produção escrita de discentes concluintes do Curso que se constitui num produto histórico sobre o qual nos debruçamos para pensar sobre os traços da memória desse encontro entre conhecimentos e saberes diversos, além de revelar o modo de pensar dos protagonistas da atividade desse campo, cujos registros revelam traços de seu tempo histórico e das diferentes concepções de profis-

são e do seu carvabouço conceitual e legal ao longo do processo de formação no Curso de Serviço Social no Brasil e na UFPI.

Essa produção foi colocada em diálogo com as narrativas das assistentes sociais em dois grupos focais <sup>[1]</sup> egressas da UFPI, protagonistas do trabalho no campo do “Social” que realizam o seu trabalho em dispositivos substitutivos públicos ao hospital psiquiátrico no Piauí e nas instituições nosocomiais, no Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu e na Unidade Integrada do Mocambinho visando colocar em palavras a experiência concreta na realização da atividade de trabalho nesse campo de conhecimento e de atenção à pessoa com transtorno mental e de seus familiares.

Assim, as exigências de natureza epistemológicas e axiológicas nos levaram a buscar compreender a relação entre história, memória e reservas de alternativas a partir da experiência, ao mesmo tempo, singular e coletiva, em face dos sentidos construídos nesse campo de conhecimento.

## 2. Diálogo entre saberes do “social” e os da Saúde Mental

A história é parte de um processo complexo e inacabado que possibilita buscar compreender o movimento das transformações que se estabelecem na relação entre vida e experiência e na sociedade. Iamamoto (2013, p. 197) assinala que “as relações que tecem na sociedade não são diretas [nem] transparentes, não se revelando de imediato”. Afirma Bosi (2003, p. 11) que “a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”.

A memória tem relevância para a compreensão das relações sociais e da formação por nós analisadas, à medida que expressa a relação entre a parte e o todo, ao mesmo tempo que também possibilita a aproximação entre sujeitos e suas experiências, bem como, coloca em evidência a riqueza da narrativa dessas experiências contadas a partir do ponto de vista dos protagonistas do trabalho, dos grupos que as vivenciam e do modo como se inserem no fluxo da história, consideraram-se as diversas temporalidades que marcam o contínuo do tempo. Joazeiro (2018, p. 23, destaque da autora) assinala que se deve estar atento “à multiplicidade das temporalidades intrínsecas na relação entre o diálogo com os saberes”.

Uma análise criteriosa sobre as temáticas analisadas pelos autores dos sessenta e seis Trabalhos de Conclusão de

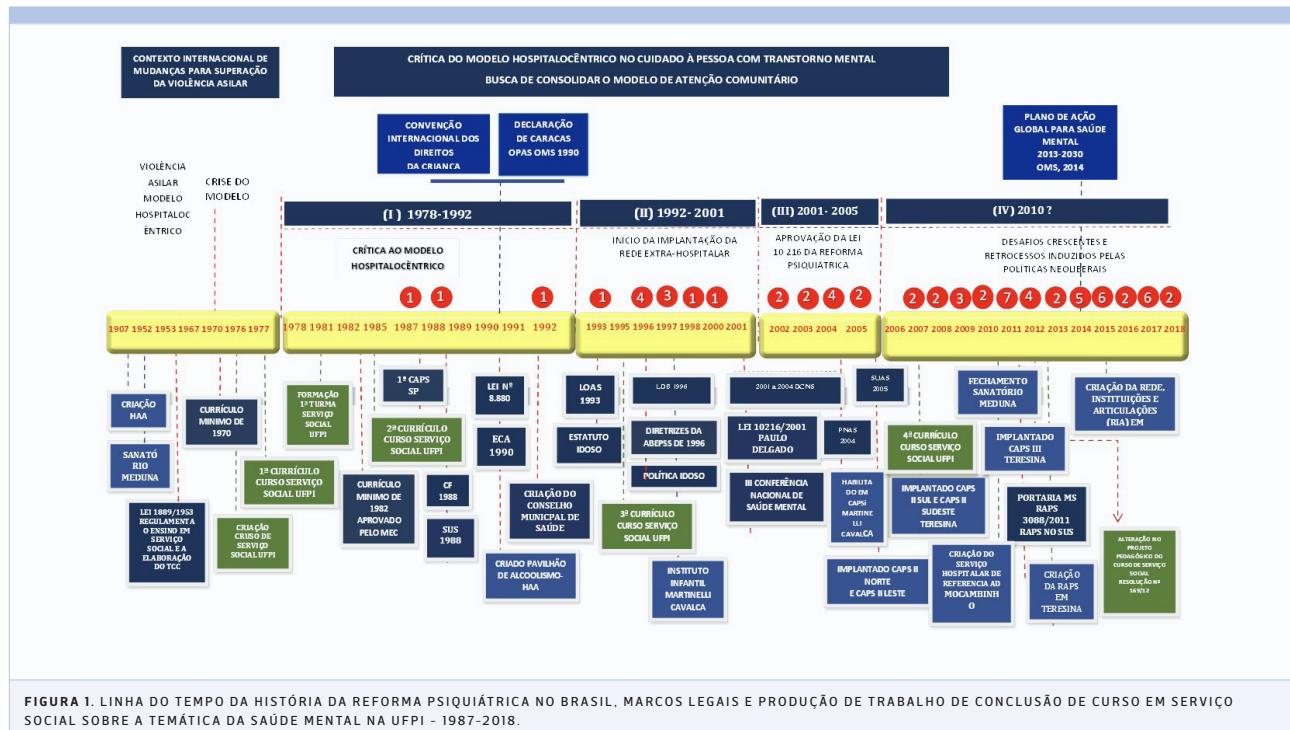


FIGURA 1. LINHA DO TEMPO DA HISTÓRIA DA REFORMA PSQUIÁTRICA NO BRASIL, MARCOS LEGAIS E PRODUÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM SERVIÇO SOCIAL SOBRE A TEMÁTICA DA SAÚDE MENTAL NA UFPPI - 1987-2018.

Curso da série histórica (cf. Figura 1) revela o movimento expresso nas escolhas de temáticas sobre a Saúde Mental no decorrer do tempo, revelando uma heterogeneidade nos enfoques e nos aspectos que os constituem.

Nos Trabalhos de Conclusão de Curso, os autores se preocuparam em compreender as mudanças que incidiram e incidem sobre o campo do Serviço Social e o da Saúde Mental, quer seja o lugar que o Serviço Social ocupa no processo de intervenção na Política de Saúde no Brasil e no Piauí, quer seja em relação à importância do conhecimento da Política de Saúde e, especificamente, dos limites e possibilidades da atenção à Saúde Mental.

Na análise do texto a palavra foi apreendida na perspectiva de Ricoeur (1999, p. 61) que assinala que “a escrita fixa o discurso como uma intenção a dizer, pois consiste em uma inscrição direta dessa intenção”. Cumpre assinalar que na vida existe uma relação de interdependência e de interpenetração recíprocas (Elias, 1994; Joazeiro, 2018) que se fazem presentes na história.

As narrativas das assistentes sociais nos grupos focais permitiram colocar no centro da prática de conhecimento a experiência na realização da atividade de trabalho no Serviço Social, nesse espaço coletivo, as protagonistas do trabalho puderam dizer sobre suas perspetivas de análise sobre o *corpus* de conhecimento do Serviço Social na interlocução com os conhecimentos do campo da Saúde Mental “que, nesse momen-

to da história do país, constituem o *corpus* de saberes epistêmicos, disciplinares e os nascidos da atividade de trabalho *da e na* profissão” (Joazeiro, 2018, p. 178, destaques da autora). Esse encontro entre a concepção e a realização do trabalho convoca, cotidianamente, o sujeito a tecer uma forte relação entre conhecimento, produção dos atos no trabalho e o fortalecimento no trabalho *da e na* Saúde Mental.

Nas discussões nos dois grupos focais, as protagonistas do trabalho, tematizaram sobre a realização do trabalho com a pessoa com transtorno mental e sobre as múltiplas expressões de assimetria que vivem no espaço da família e na sociedade. Revelam como o conhecimento sobre os direitos sociais e o acesso aos benefícios socio-assistenciais pode interferir na dinâmica relacional no âmbito das famílias, uma vez que permite ao usuário dos serviços uma experiência de relativa autonomia na condução de sua vida.

Assim a experiência do “passe livre” que permite a pessoa com transtorno o exercício do direito de ir e vir e o “passe cultura” que possibilita gratuidade para a participação em atividades culturais, como cinema, exposições e teatro criam condições de acesso a outros territórios da cidade ampliando as relações de vínculo e de pertencimento, expressão do direito à cidade (Lefebvre, 2006). Uma vez que o direito à cidade vai além dos direitos individuais e imediatos, aparece no

“(...) direito à obra e no direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) (...) seria o direito à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, (...) que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais” (Lefebvre, 2006, p. 143).

Esse acesso a outros territórios da cidade é uma conquista pós Reforma Psiquiátrica no Brasil, que permite que a perspectiva do tratar em liberdade se coadune com a gradual ruptura do paradigma manicomial, fortalecendo a direção da atenção comunitária com base territorial, nos CAPS no campo da Saúde Mental. Le Blanc (2002, p. 60) afirma que a vitalidade designa uma presença da vida no interior da qual a atividade humana se encontra e se afirma, portanto que não há então passagem da ordem vital para a ordem humana, mas a afirmação de uma presença da vida na ordem humana. Canguilhem (1995, p. 148) afirma que para o doente “a doença é abalo e ameaça a existência”. Entendida como tal, a doença “exige, como ponto de partida, *a noção de ser individual*”(1995, p. 148). Ela “surge quando o organismo é modificado de tal modo que chega a reações catastróficas (*op. cit.*, p. 147) no meio que lhe é próprio” (*op. cit.*, p. 148). Canguilhem com base em Goldstein (1983) denomina reações catastróficas aquelas que são vividas pelo próprio homem com um sentimento de “(...) que parecem não somente ‘incorrectas’ mas desordenadas, inconstantes, contraditórias confusas, de manifestações de um esvaziamento físico e psíquico” (Goldstein, 1983, p. 33).

Assinala Canguilhem no diálogo que tece como a obra de Goldstein, que “o doente é doente por só poder admitir uma norma. [...] o doente não é anormal por ausência de norma e sim por incapacidade de ser normativo” (p. 96). No ensaio de 1943, Canguilhem destaca que “chamamos de normatividade a capacidade biológica de questionar as normas usuais por ocasião das situações críticas, e propusemos medir a saúde pela gravidade das crises orgânicas superadas pela instauração de uma nova ordem fisiológica” (p. 259).

Devido a esta característica de redução da capacidade de tornar-se normativo, o doente necessita para viver de um meio protegido, pois, “num meio que não seja extremamente protegido, esses doentes só teriam reações catastróficas; ora, não sucumbindo à doença, a preocupação do doente é escapar à angústia das reações catastróficas” (Canguilhem, p. 148) Essa perspectiva de pensar a pessoa e o transtorno mental como parte de um mesmo processo, contribui para a construção da concepção de CAPS como um meio protegido.

Nesse sentido, esse diálogo revelou que tanto nos textos quanto nas narrativas das protagonistas do trabalho, foi possível identificar como as profissionais tentaram explicitar, o modo como a profissão, seus conhecimentos e saberes foram se constituindo num *corpus* conceitual, ao mesmo tempo, que construíram saberes amealhados na experiência concreta na atividade de trabalho real tecida no contínuo do tempo junto a essa população usuária do SUS numa intensa relação com as demais profissões nessa reconfiguração da Entidade Coletiva Relativamente Pertinente (ECRP).

### **3. História, memória e reservas de alternativas**

O curso de Serviço Social da UFPI foi criado em 1976, contudo os discentes passaram a eleger o tema da atenção no campo do hospital psiquiátrico somente no ano de 1987 (Figura 1) e o fazem, inicialmente, compreendendo este contexto sob a égide do tratamento da crise centrada na internação do doente ainda compreendido como o portador de doença mental. O próprio trabalho coletivo estava reduzido à perspectiva da atenção médica, com ênfase no saber e no poder do psiquiatra, profundamente marcado pelo viés biomédico, ancorado no paradigma nosocomial, com base no internamento nos momentos de crise, e no uso de medicamentos e na violência, cuja marca fundamental reside na restrição à liberdade, que marcava de modo inelutável esse período asilar ou manicomial.

A própria definição de equipe remetia a uma Entidade Coletiva Relativamente Pertinente (ECRP) específica, pois ao explicitar as relações de trabalho tecidas no âmbito daquela organização da atenção ao doente, emergia sempre a questão da restrição à liberdade e ao paradigma de poder do médico psiquiatra. A assimetria e a hierarquização das relações *das* e *nas* equipes estavam nitidamente demarcadas no processo de tratamento e nas terapêuticas utilizadas.

O *corpus* de saberes do Serviço Social se ancorou nos conhecimentos de diversas disciplinas profissionais como o “da Medicina, da Pedagogia, da Jurisprudência e da indústria”, ao mesmo tempo em que se erigiu firmado nas experiências concretas na Organização da Caridade, na lenta e gradual organização da política pública, na saúde, na experiência da filantropia e nas diversas experiências que precederam, historicamente, o campo de conhecimentos do Serviço Social, denominado “intenção de ruptura” (Netto, 2011). O diálogo entre campos permitiu tecer seu *corpus* de conhecimento e delinear sua concepção de profissão e de intervenção profissional. Uma análise atenta revela como a profissão guarda em seu arcabouço conceitual a relação

de interdependência e interpenetração entre campos conceituais e intervencionistas, uma vez que o objeto de trabalho do Serviço Social tem sido historicamente, a questão social, ou seja, a desigualdade na sociedade de classes no capitalismo maduro (Iamamoto, 2013).

É nessa relação entre horizonte e a viabilidade histórica que a formação vai se constituindo, revelando potências, fragilidades, confrontos e itinerários singulares, assim como a concepção de atenção no campo da Saúde Mental está ancorada no uso de tecnologias assistenciais, de concepções de terapêutica e de atenção à vida. Esse encontro entre o texto e a experiência do protagonista do trabalho, nos possibilitou uma compreensão das relações entre as diversas práticas sociais, de usos diversificados de ferramentas técnico-operativas, no estabelecimento de relações assistenciais, de acolhimento, de atendimento, de escuta e de busca de articulação com a própria equipe na qual se insere e na relação com os demais serviços da Rede de Atenção à Saúde (RAS).

#### **4. Considerações finais**

A análise revela como os protagonistas do trabalho precisaram descentrar/recentrar e ressingularizar seus conhecimentos e saberes da profissão e da política pública de saúde, em face das demais políticas sociais, para fazer emergir intervenções pertinentes na intervenção nesse campo de atenção à saúde. Nas discussões nos grupos focais, as profissionais revelaram como através da palavra, foi possível tecer uma aproximação das diferentes formas de *dizer* sobre a experiência da assistente social no campo da Saúde Mental. Uma aproximação criteriosa da história da atividade humana industriosa nesse campo de saber revela que o ofício da assistente social, deu-se imerso na trama do cuidado nos marcos do trabalho coletivo em equipamentos públicos de atenção à saúde mental, dando-se em coletivos de trabalho (ECRP) de geometria instável no tempo e no espaço. Essa perspectiva de trabalho tem revelado como esse campo de conhecimento tem exigido de quem nele trabalha a travessia de um modo de tratar marcado pela perspectiva biomédica, numa relação de heterodeterminação, para uma perspectiva do tratar em liberdade, na busca da autonomia relativa e do direito, pautado na inserção dos usuários do SUS e nas demais políticas públicas, perspectiva de intervenção que tem requerido de *quem* nela trabalha, coerência da e na intervenção, ao mesmo tempo, que exige uma leitura pertinente da história do campo de saber, da vida do “sujeito” e não uma simples operação de construção lógica, mas sim de coerência no recorte da história, do tempo e da vida do outro.

Nesse diálogo se buscou apreender a experiência não como “um ‘simples’ e ‘mero’ uso da norma antecedente ou prévia de diversas naturezas: burocrática, jurídica, econômica e, muitas vezes, sendo vista sob o prisma de que as escolhas que o protagonista da atividade empreende se funda no ‘bom senso’” (Joazeiro, 2008), pelo contrário, buscou compreender o lugar que o protagonista da atividade real, quer seja na produção do TCC, quer seja na atividade de intervir no cotidiano da Saúde Mental, ambos ao fazê-lo, imprimiram na sua obra a *sua* perspectiva de análise, ou seja, o seu ponto de vista. Entendemos que o protagonista da atividade na escrita marca no texto e no tempo o seu ponto de vista, ou seja, a sua apreensão sobre o trabalho *do e no* Serviço Social, sobre o processo formativo e de trabalho nesse campo de conhecimento. Já a narrativa sobre a atividade *do e no* trabalho, revela que os protagonistas tematizaram como essas relações foram tecidas mediadas pela experiência na sua relação direta com o *corpus* conceitual e legal, que se transformava no Brasil e no mundo, afastando-se do paradigma manicomial, na direção da atenção comunitária com base territorial, nos CAPSs da Saúde Mental.

Escolhas que remetem a dimensão axiológica da vida e da ciência, na busca da produção de sentidos mediados por escolhas com base em valores, pois existe uma pluralidade de valores. Se em Friedmann, está enfatizada a existência do “primado do humano sobre o mecânico, o primado do social sobre o humano, em Canguilhem (2001, p. 120), se prioriza o primado do vital sobre o mecânico, primado dos valores sobre a vida”.

#### **Referências Bibliográficas**

- Araújo, L. J. (2020). *Serviço Social, formação e saúde mental: traços da história e da memória*. Teresina: EDUFPI.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social* (3<sup>a</sup> edição). São Paulo: Ateliê Editorial.
- Canguilhem, G. (1995). *O Normal e o Patológico* (4<sup>a</sup> edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Canguilhem, G. (2001). *Meio e normas do homem no trabalho. Pro-Posições*, 12, 109-121.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Iamamoto, M. V. (2013). *Renovação e conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos*. São Paulo: Cortez.
- Goldstein, K. (1983). Observations sur l’Homme atteint de lesion cérébrale. In *La Structure de l’organisme* (pp. 15-56). Paris: Gallimard.
- Joazeiro, E. M. G. (2018). *Supervisão Acadêmica e de Campo: relação entre saberes*. Teresina: EDUFPI.

- Le Blanc, G. (2002). *La activité vitale. In La vie humaine: anthropologie et biologie chez Georges Canguilhem* (pp. 21-60). Paris: PUF
- Lefebvre, H. (2006). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática
- Ricoeur, P (1999). *Historia y narratividad. Ediciones Paidós*. I. C. E de la Universidad Autónoma de Barcelona.

#### Notas

[1] O projeto foi submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (CEP UFPI) com CAAE de cadastramento nº 14959419.2.0000.5214, tendo recebido parecer favorável em 24.06.2019.

---

# **Saberes subterrâneos: um estudo ergológico do trabalho de abatimento de choco.**

# **Conocimientos subterráneos: un estudio ergológico del trabajo de abatimiento de "choco".**

# **Savoirs souterrains: une étude ergologique du travail d'abattage de "choco".**

**U.PORTO**

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



**U.PORTO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

**Luciana Gelape dos Santos**

Doutoranda Faculdade de Educação – FaE/UFMG  
lugelape@uol.com.br

**Admardo Bonifácio Gomes Júnior**

Professor Adjunto do DCSA|PPGA|PPGET|CEFET-MG  
admardo.jr@gmail.com

**Daisy Moreira Cunha**

Diretora da FaE/UFMG  
daisycunhaufmg@gmail.com

**Resumo**

Apresentaremos parte de um estudo sobre competências na atividade de abatimento de choco objetivando compreender a produção, transmissão e gestão de saberes, nesta operação crítica do ponto de vista da saúde e segurança do trabalhador em mineração subterrânea. Essa atividade consiste na identificação e derrubada manual de rochas instáveis. Os dados aqui apresentados decorrem de conversações com os trabalhadores em encontros realizados na semana seguinte à ocorrência do primeiro acidente fatal na história da empresa. Após a escuta atenta, pode-se identificar significativa diversidade de saberes necessários para execução desta atividade absolutamente artesanal. Tais saberes são transmitidos aos novatos em treinamentos in loco numa experiência onde todo o corpo do trabalhador é convocado – no dizer dos trabalhadores – a “sentir a mina”, a “paquerar o choco”, ou a perceber o “choro” da rocha antes de sua queda. Estes saberes comportam valores sem dimensão.

**Palavras-chave**

abatimento de choco, atividade, ergologia, saberes, valores

**Resumen**

Presentaremos parte de un estudio sobre competencias en la actividad de abatimiento de "choco" con el objetivo de comprender la produccion, transmision y gestion del conocimiento, en esta operación critica desde el punto de vista de la salud y seguridad de los trabajadores de la minería subterránea. Esta actividad consiste en la identificación y tala manual de rocas inestables. Los datos que aquí se presentan son el resultado de conversaciones con trabajadores en reuniones celebradas en la semana siguiente a la ocurrencia del primer accidente fatal en la historia de la empresa. Luego de una atenta escucha, es posible identificar una importante diversidad de conocimientos necesarios para llevar a cabo esta actividad absolutamente artesanal. Este conocimiento se transmite a los novatos en la formación presencial en una experiencia donde todo el cuerpo del trabajador está llamado – en palabras de los trabajadores – a “sentir la mina”, a “coquetear con la sepia”, o percibir el “llanto” de la roca antes de su caída. Estos conocimientos contienen valores sin dimensión.

**Palabras clave**

abatimiento de "choco", actividad, ergología, conocimientos, valores

## Résumé

Nous présenterons une partie d'une étude sur les compétences dans l'activité d'abattage de «choco» visant à comprendre la production, la transmission et la gestion des savoirs dans cette opération critique du point de vue de la santé et de la sécurité du travailleur dans l'exploitation minière souterraine. Cette activité comprend l'identification et l'abattage manuel de roches instables. Les données présentées ici proviennent de conversations avec les travailleurs lors de réunions tenues la semaine qui a suivi le premier accident mortel dans l'histoire de l'entreprise. Après une écoute attentive, il est possible d'identifier une grande diversité de savoirs nécessaires pour mener à bien cette activité absolument artisanale. Ces savoirs sont transmis aux nouveaux arrivants en formation in loco dans une expérience où tout le corps du travailleur est convoqué – dans les dires des travailleurs – «sentir la mine», «flirter avec le choco», ou percevoir les «pleurs» de la roche avant sa chute. Ces savoirs contiennent des valeurs sans dimension.

## Mots clés

abattage de choco, activité, ergologie, savoirs, valeurs

## 1. Introdução

O Brasil tem significativa presença nas exportações e consumo interno de dezenas de bens minerais extraídas em mais de 9.000 minas a céu aberto, subterrâneas, em leitos de rio e no mar, cadastradas no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM/ANM). O país é um dos maiores produtores e exportadores de minério do mundo. Minas Gerais destaca-se por ser um dos principais estados mineradores do país, possuindo cerca de 29 minas subterrâneas e de superfície (DNPM/ANM, 2018).

A despeito da magnitude desse contexto, a indústria mineral apresenta características preocupantes quanto ao índice de informalidade e precariedade das condições de trabalho no setor. Ao mesmo tempo que se constitui como instrumento de desenvolvimento econômico e social para o município, estado e país, pode afetar significativamente a fauna, flora, recursos do solo, água, ar, comunidades e, sobretudo, a saúde e segurança dos trabalhadores.

Tem-se como campo do presente estudo uma mina subterrânea, localizada em um pequeno município de Minas Gerais, uma das pioneiras na lavra, beneficiamento e comercialização do agalmatolito, sendo a única mina subterrânea deste mineral existente atualmente no mundo. Apesar do investimento em modernas técnicas de pesquisa mineral e geoprocessamento, no início de

outubro de 2017, uma rocha de mais de uma tonelada se desprende do teto atingindo um dos trabalhadores que trabalhava há sete anos na mina, e era tido como experiente no tipo de operação que o vitimou, qual seja, a de derrubar rochas instáveis, ou abater chocos. Esse foi o primeiro acidente fatal da história da empresa.

A demanda que nos foi dirigida consistiu em realizar uma intervenção junto aos trabalhadores que lidam diretamente ou indiretamente com a atividade de abatimento de choco, a fim de contribuir, tanto com o coletivo quanto individualmente, para a elaboração do acontecido. Foram realizados quatro encontros semanais de conversações, de aproximadamente uma hora cada com dois grupos de dez trabalhadores, que foram encorajados a falar livremente não só sobre o ocorrido, mas também sobre os riscos e as estratégias desenvolvidas no cotidiano da atividade. Os encontros foram gravados, com a autorização dos trabalhadores, transcritos e analisados.

## 2. Breves considerações sobre mineração subterrânea e a atividade de abatimento de choco

O Brasil não é um país com tradição em mineração subterrânea, o que justifica o fato da pouca quantidade de operações mineiras subterrâneas. Ainda que possua elevado potencial, o subsolo brasileiro é pouco conhecido, havendo escassa tecnologia nacional para a realização de trabalhos em minas profundas. Vislumbra-se que o crescimento da demanda mundial por produtos minerais, sobretudo na China, irá alterar esse cenário, havendo mais investimento e desenvolvimento de tecnologias voltadas para a mineração de subsolo, visto ser a mineração uma indústria de base. Acrescenta-se a isso o fato de a crescente urbanização e exigências ambientais apontarem para o aumento de minas subterrâneas, visto que afeta menos o meio ambiente superficial.

É sabido que o trabalho nas minas subterrâneas oferece riscos maiores do que a mineração a céu aberto, sendo caracterizado pela exposição a ruídos, esforço físico, poeira, calor, frio, explosões, tremores, gases nocivos e ventilação inadequada, tendo como alvo o corpo do trabalhador, além da cobrança demasiada por produção. Inserida nesse contexto, a atividade de abatimento de choco consiste na detecção e correção de situações de riscos de queda de “chocos”, sendo crucial para a segurança dos trabalhadores de minas subterrâneas. Segundo Faria (2008), o abatimento de choco é composto de duas etapas distintas: a identificação e detecção dos “chocos” e a correção ou remediação do risco. Ainda segundo o autor, a falha no processo de detecção ou de abatimento de choco faz com que o potencial de ris-

co persista. Vale ressaltar que o abatimento manual de choco é feito em dupla de trabalhadores.

Uma das razões para a falha na detecção de choco pode ser a execução inapropriada do procedimento, ainda que realizado corretamente e por operadores competentes, havendo, portanto, poucas escolhas. Nessa situação, são necessárias mudanças nos procedimentos, com a adoção de novas tecnologias, por exemplo. Outra razão seria sua execução por trabalhadores sem as condições físicas necessárias ou conhecimento adequado. E, ainda, situações do ambiente físico, tais como calor, ruído, equipamentos de trabalho, bem como aspectos da gestão como, por exemplo, prioridades estabelecidas pela supervisão (Faria, 2008).

Após a detecção dos “chocos”, faz-se seu abatimento de forma manual na maioria das minas, utilizando-se uma barra metálica de comprimento variável, com reforço em uma das extremidades. Para a verificação da estabilidade do maciço rochoso e identificação de “chocos” segue-se os seguintes passos: i) inspeção visual, a fim de identificar se as rochas parecem estáveis, procurando fendas e falhas nos tetos e laterais das galerias; ii) inspeção auditiva, utilizando a extremidade da barra metálica para dar batidas no maciço rochoso e, dessa forma, identificar ruídos indicativos de estresse na rocha (Ottermann et al., 2002, in Faria, 2008).

Entende-se que os termos “inspeção visual e inspeção auditiva” não dão conta da complexidade da dimensão artesanal da atividade, carecendo que se busque explicitar quais são os saberes, competências e valores aderentes a ela. Ao mesmo tempo e, contraditoriamente, ainda que se faça a prescrição à exaustão, ainda haverá algo de “enigmático” na atividade.

### **3. Competências do abatedor de choco: mina de saberes e valores**

Durriwe (2016) propõe pensar a competência como *uma hipótese* sobre a maneira pela qual alguém, em determinada situação, terá algo a resolver, ou seja, enfrentará um problema. Nessa perspectiva, há duas expectativas simétricas tendo, de um lado, alguém que solicita um serviço, a quem a hipótese de competência pretende responder a uma necessidade de confiança: “o que é que eu tenho direito de esperar dessa pessoa, em que posso contar com ela”? E, do outro lado está aquele que prestará o serviço, para quem a hipótese de competência responde a uma necessidade de reconhecimento: “o que é que atesta o valor intrínseco do meu trabalho, de maneira a me garantir as contrapartidas”? (Durriwe, 2016, p. 06).

Durriwe e Schwartz (2010) destacam que “no que concerne às competências, querer colocá-las em palavras,

de forma exaustiva, é uma ilusão, mas não tentar fazê-lo seria impedir que estas sejam reconhecidas” (Schwartz & Durriwe, 2010, p. 141).

Compreendendo que nas situações de trabalho há a evocação do uso de si e suas dramáticas, pode-se pensar no vínculo entre competências e os valores mobilizados na atividade. As competências são “antes de tudo um ‘agir’ aqui e agora” (Schwartz & Durriwe, 2010, p. 205).

A partir do paradoxo da necessidade de se determinar as competências necessárias ao trabalho e, por outro lado, o reconhecimento da labilidade das situações em que ele ocorre, local das “dramáticas” dos usos de si e de encontros, podemos identificar com Schwartz (1998) os seis “ingredientes da competência” que se situam em níveis ou escopos diferentes na atividade de abater choco. O primeiro ingrediente diz respeito “a saberes identificáveis e anteriormente armazenados”. Saberes que antecipam as sequências do trabalho baseado em regras, normas ou protocolo. Para aprender sobre este primeiro ingrediente da competência o sujeito deve, aparentemente, ‘esquecer’ sua experiência. O autor ressalta que a determinação desse ingrediente em cada caso particular e sua apropriação pelos trabalhadores devem ser ajustados à sua própria definição, o que ainda acontece de forma clássica (Schwartz, 1998).

São vários os saberes transmitidos aos abatedores de choco oriundos de patrimônios disciplinares como as Engenharias de Segurança, Química e de Minas, a Geologia. Em vários relatos os trabalhadores ressaltam os valores atribuídos a esses saberes em desaderência, sobretudo para a construção de um sentimento de segurança de estarem se orientando por procedimentos científicamente seguros.

O segundo ingrediente se situa num polo oposto ao anterior, uma vez que “toda atividade de trabalho, por um lado analisável como um seguimento de um protocolo de experimentação, era sempre também, em parte, experiência ou encontro” (Schwartz, 1998). O autor enumera uma “característica universal de todo processo ergológico: não existe situação de atividade que não seja afetada pela infiltração do histórico no protocolo”. Neste ingrediente se situa a habilidade de escolher, decidir, levando em conta a conjuntura, o contexto do trabalho sempre variável como na atividade de abater choco. Tais decisões se orientam por saberes construídos em aderência à situação de trabalho, incorporados em anos de vivência da atividade. Primeiro na retaguarda, um trabalhador acompanha por aproximadamente 2 anos o trabalho do abatedor que fica na frente. É na retaguarda que ele aprende a reconhecer o barulho, a textura, a vibração, a aparência, a humidade e até o cheiro das pe-

dras que têm potencial ou não de queda. Para depois, na linha de frente, por à prova seus saberes incorporados em finas destrezas na manipulação da longa e pesada lança de metal que lhe serve de ferramenta e de cujo domínio depende sua vida e de seu colega.

O terceiro ingrediente “pode ser definido como capacidade e propensão variáveis para ‘estabelecer uma dialética’ ou uma consonância entre os dois primeiros” (Schwartz, 1998). Ao estabelecer esta dialética deve ficar claro que apenas os ingredientes 1 e 2 não bastam, é preciso que a atividade humana tenha significado, tenha valor para o trabalhador. E para isso será necessário um “recentramento”, ou seja, um “uso de si por si” neste permanente “debate de normas” e consequentes “renormalizações” em um meio de trabalho.

O reconhecimento de que os saberes de geólogos e engenheiros são importantes, sobretudo para o manejo técnico da mina e das tomadas de decisões quanto aos procedimentos mais seguros, é presente no discurso dos abatedores de choco. Mas, por outro lado, eles demonstram reconhecer também os limites destes saberes, que no micro da atividade, no dia a dia, frente a cada pedra, grande ou pequena, passível ou não de queda com a cutucada da sua lança, não são mais somente os saberes técnicos quem dominam a atividade. No micro da atividade, ali, diante a cada pedra, tais saberes devem ser relativizados e reavaliados, confrontados com a experiência. E saber convocar a experiência e dialogá-la com os procedimentos da normatividade técnica é também uma importante competência que o tempo de atividade na mina traz.

No quarto ingrediente Schwartz (1998) propõe pensar no debate de normas como algo dinâmico e aderente à atividade, tem relação com o meio de trabalho e, ainda, como a competência pode se manifestar por meio inclusivo de um “uso dilatado de si mesmo”, ou seja, um trabalhador poderia se surpreender com sua própria capacidade de trabalho. Inversamente, poderia se sentir “preso, bloqueado” em sua relação com o meio. Resalta-se, ainda, a convocação dos usos de si por si, sem que ninguém possa “descrevê-lo nem prescrevê-lo”.

Não poderíamos reconhecer no próprio trabalho de elaboração do luto da perda do colega de trabalho um belo exemplo deste ingrediente? Cada trabalhador reagiu e atribuiu sentido ao ocorrido de forma diferente, de modo a dar alguma contenção e sentido ao sem sentido e descabido que é a morte, e elaborar seu retorno ao trabalho. O quinto ingrediente trata das relações com o saber e as possibilidades coletivas de aprendizado, onde a “noção de equipe” tornou-se uma entidade funcional necessária e valorizada.

O sentimento relatado de coletividade dá segurança aos trabalhadores. A boa qualidade das relações socioprofissionais desenvolvida pelos trabalhadores na empresa gera e nutre o sentimento de estar seguro entre amigos e colegas. Os saberes parecem fluir bem entre os níveis hierárquicos e entre diferentes funções.

O sexto ingrediente diz respeito à capacidade de criar sinergia, que é a capacidade coletiva de trabalhar juntos, da cooperação mútua, para além das predisposições individuais. A equipe tem um papel muito importante na formulação deste ingrediente considerando que passa a existir uma conduta, por assim dizer, “um pensar coletivo” que perpassa a equipe na “construção sinérgica” (Schwartz, 1998).

Nesse sentido, dentre os vários relatos destaca-se a fala de um dos trabalhadores: “Esperar que o acontecido possa trazer pra nós mais responsabilidade uns com os outros, não só nós que estamos no dia a dia, mas os demais que estão de fora... nós tamo aí pra trabalhar, pra fazer história”.

#### **4. Considerações finais**

Sabemos com a ergologia que, para pensar o desenvolvimento, temos que levar em conta o patrimônio de saberes que o trabalho comporta. Sabemos também que as competências demandam a integralidade do corpo-si, no qual há saberes nem sempre visíveis e observáveis, por vezes inconscientes, difíceis de serem colocados em palavras. Entre o prescrito e o real, o trabalhador resolve problemas que surgem no processo de produção. O trabalhar, algo fortemente histórico, invoca o trabalhador a colocar em uso as suas competências para “preencher os furos” e, nesse processo, ele consolida ou recria tipos de saber, ele ganha em experiência e o trabalho em qualidade.

Diante da riqueza da experiência vivenciada quando da intervenção junto aos trabalhadores envolvidos na atividade de abatimento de choco brevemente aqui descrita, surge o projeto de doutorado intitulado “Produção, transmissão e gestão de saberes na atividade de abatimento de choco”, tendo como objetivos compreender essa atividade do ponto de vista de suas especificidades e singularidades, como se dá a preparação dos trabalhadores para a atividade e a apropriação e transmissão de saberes, bem como as estratégias desenvolvidas por eles a fim de minimizar os riscos na realização da atividade. Pretende-se também trazer à tona informações sobre as histórias de vida que permitam colocar em evidência os saberes e valores mobilizados pelos trabalhadores na atividade. Entende-se que saberes comportam valores sem di-

mensão que parecem sustentar o desejo e o orgulho de trabalhar nesta que é uma das operações mais críticas na mineração subterrânea.

### Referências Bibliográficas

- Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM/ANM) (2017). *Anuário Mineral Estadual*. Minas Gerais. Brasília: DNPM. <https://www.gov.br/anm/pt-br>
- Durrive, L. (2016). *Compétence et activité de Travail*. Toulouse: Octarès.
- Faria, M. P. (2008) *Fatores intervenientes na segurança do trabalho de abatimento mecanizado de rochas instáveis em uma mina subterrânea de ouro* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil
- Schwartz, Y. (1998). Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. *Educação & Sociedade*, 19(65), 101-139. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301998000400004>
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: Conversas sobre a atividade humana* (2<sup>a</sup> edição). Niterói: EdUFF.

# Entre o recurso à automação e a experiência de uso de si: o que faz património?

# Entre el uso de la automatización y la experiencia de los usos de sí: qué hace el patrimonio?

# Entre l'automatisation et l'expérience de l'usage de soi: qu'est-ce qui fait le patrimoine?

U.PORTO

FCT Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



U.PORTO  
CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### Daniel Silva

Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP)  
Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal  
danielsilva@fpce.up.pt

### Liliana Cunha

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP)  
Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal  
lcunha@fpce.up.pt

### Resumo

As relações entre atividade humana e automação estão no centro do debate atual sobre o futuro do trabalho, numa época em que crescem os projetos de “modernização” dos locais de trabalho pela tecnologia. Mas o sentido de desenvolvimento destes processos de inovação não pode deixar de ser discutido, sob pena de searem ignoradas as condições em que a atividade humana reinventa localmente as relações com as máquinas, a fim de preservar a saúde face a normas de produção cada vez mais exigentes.

A partir da análise em duas empresas de pequena dimensão pertencentes a um “distrito corticeiro”, a nossa investigação propõe mostrar como o património da atividade é mobilizado perante os automatismos das máquinas. Os resultados dão a ver os modos pelos quais a atividade humana desneutraliza o meio automatizado, (re)construindo um património de história local. Mas será tal reconstrução isenta de custos para a saúde?

### Palavras-chave

atividade humana, automação, património, história local, futuro do trabalho

### Resumen

Las relaciones entre la actividad humana y la automatización están en el centro del debate sobre el futuro del trabajo, en un momento en el que aumentan los proyectos de “modernización” de los lugares de trabajo a través de la tecnología. Pero el sentido de desarrollo de estos procesos de innovación debe ser debatido, bajo el riesgo de desconocer las condiciones en que la actividad humana reinventa localmente las relaciones con las máquinas, con el fin de preservar la salud frente a normas de producción cada vez más exigentes.

A partir del análisis de dos pequeñas empresas del “distrito del corcho”, se propone mostrar cómo se moviliza el patrimonio de la actividad frente a los automatismos de las máquinas. Los resultados muestran las formas en que la actividad humana desneutraliza el entorno automatizado, (re)construyendo un patrimonio de historia local. ¿Pero tal reconstrucción no tendrá costos para la salud?

### Palabras clave

actividad humana, automatización, patrimonio, historia local, futuro del trabajo

### Résumé

Les relations entre l'activité humaine et l'automatisation sont au cœur du débat actuel sur l'avenir du travail, au moment où les projets de "modernisation" des lieux de

travail par la technologie se multiplient. Mais le sens du développement de ces processus d'innovation doit être débattu, sous peine d'ignorer les conditions dans lesquelles l'activité humaine réinvente localement les relations avec les machines, pour préserver la santé face à des normes de production de plus en plus exigeantes. A partir de l'analyse de l'activité de travail dans deux petites entreprises appartenant au secteur du liège, notre recherche propose de montrer comment le patrimoine de l'activité est mobilisé face à l'automatisation des machines. Les résultats révèlent les manières dont l'activité *déneutralise* l'environnement automatisé, en (re)construisant un patrimoine d'histoire locale. Mais à quels coûts pour la santé?

### Mots clés

activité humaine, automatisation, patrimoine, histoire locale, avenir du travail

### **1. Trabalho, automação e transformação social: um debate permanente, inacabado, ambivalente**

A transformação da sociedade do trabalho pela tecnologia é um debate tido há muito, particularmente desde que a organização científica do trabalho veio impor uma crescente separação entre o trabalhador e o resultado da sua atividade. Progressivamente enquadrada numa maquinaria industrial mais ampla, a atividade de trabalho e as suas sequências produtivas conheceram então novas formas de desarticulação à medida que a automação favorecia a substituição dos corpos e músculos humanos pelas máquinas. O debate sobre as relações entre trabalho, automação e progresso social acentuou-se na década de 60 do séc. XX perante a vaga de informatização que, na altura, sustentou a expansão da automação a vários setores de produção. Na época, Naville (1963) e Friedmann (1968) debruçaram-se sobre as consequências de automatismos cada vez mais sofisticados nos modelos de produção, na divisão do trabalho, e na sociedade – cujas referências são hoje incontornáveis quando se tratar de debater a visão que postula o carácter meramente instrumental e utilitário da automação<sup>[1]</sup>, configurada enquanto forma técnica generalizada conferente de um certo nível de progresso e civilização (Paraponaris, 2017).

Este debate adensou-se nas décadas subsequentes, no decurso de sucessivas vagas de inovação tecnológica nos locais de trabalho – desde a informatização, robotização até à inteligência artificial –, que, cumulativamente, propiciaram a automatização integral de um número crescente de tarefas. Ladeadas pela hipótese do “desemprego tecnológico”, as teses a anunciar

o declínio irreversível do trabalho humano e a sua substituição por máquinas e robots cada vez mais inteligentes adquiriram destaque em várias correntes do pensamento económico (Valenduc & Vendramin, 2019). Tais previsões constituem exercícios dedutivos que pre-  
-recortam as mudanças no trabalho segundo categorias independentes em relação à atividade (Schwartz & Durrive, 2007), mitigando a força da história humana de trabalho<sup>[2]</sup>. Neste debate circunscrito à escala macroscópica, a atividade é totalizada na sua dimensão prescrita, o que favorece interpretações que culminam no anúncio da sua desvitalização, cada vez mais subordinada a um estatuto de resíduo temporário nos projetos de “modernização” do trabalho<sup>[3]</sup>.

Se o tema da sustentabilidade e o futuro do trabalho tem sido perpetuado com uma atualidade crescente, chega até ao nosso tempo com uma intensidade renovada tendo como pano de fundo um novo modelo de produção conhecido por “quarta revolução industrial”. Com sede na “era digital”, ou “hiperindustrial” (Stiegler, 2016), a automação é peça central dos projetos contemporâneos de automatização digital do trabalho (Paraponaris, 2017). Os sistemas automatizados “moderneiros” tiram hoje partido da combinação de múltiplas tecnologias que derivam, por exemplo, dos últimos progressos realizados no campo da robótica colaborativa, da inteligência artificial, ou da algoritmização. O ritmo e o número de tarefas que são automatizadas, e em diferentes setores de atividade, não encontram paralelo nas anteriores vagas de inovação tecnológica no trabalho, constituindo, por isso, duas das principais características distintivas da atual “era dourada da automação”. As preocupações sobre as consequências da automação crescem à medida que é adensada a percepção no que tange ao carácter ambivalente e paradoxal que subjaz à noção de progresso, frequentemente associada à tecnologia. Por um lado, a visão “tecno-determinística” decreta a tecnologia, em si, enquanto veículo de transformação social. Mas, por outro lado, as análises sobre as recomposições do trabalho induzidas pelas transformações tecnológicas parecem indicar outras evoluções que contrariam tal narrativa: aumento e diversificação dos tempos de trabalho; novas exigências de flexibilidade, polivalência e iniciativa, requerendo do trabalhador a assunção dos riscos do mercado; ou individualização crescente dos contratos de trabalho. Mas, antes da atual “revolução tecnológica”, também Simondon (1958/2001) apontou a ambivalência da noção de progresso associada à evolução técnica. Concretamente, enfatizou que o progresso é tido habitualmente como uma marcha cujo sentido é fixado *a priori*, ainda

que lhe tenha subjacente a ideia da melhoria das condições de execução do ato técnico. Ora, mas este progresso acaba por não ser experienciado pelos trabalhadores a partir do momento em que a tecnologia provoca uma rutura nos ritmos da vida quotidiana, tornando “dissensáveis” os anteriores gestos da atividade humana. Neste sentido, o trabalhador não encontra mais no objeto técnico o prolongamento do seu “esquema corporal” (Simondon, 1958/2001), correndo o risco de lhe ser reservado o papel de mero “espetador” dos resultados do funcionamento da máquina. Em tais circunstâncias, o progresso prometido pela evolução técnica parece distanciar-se do trabalhador, e é antes pensado abstratamente, “de forma doutrinária”, e posicionado no nível dos resultados globais esperados.

Numa época em que a “modernização” do trabalho parece assumir o estatuto de salvo-conduto para o futuro, o aperfeiçoamento e sofisticação dos automatismos é argumento usado por teses macroscópicas para vaticinarem o declive da história humana de trabalho face à ascensão da governação automatizada e algorítmica do trabalho. Não alheio a esta tendência encontram-se, por exemplo, os discursos atuais que difundem “uma visão automatizada e desmaterializada do trabalho” (Meda, 2019), no quadro de novos paradigmas de futuro: “fábricas autónomas”; “produção inteligente” (*smart manufacturing*); “mobilidade sem condutor” (*driverless mobility*), para nomear apenas alguns.

## **2. Assistimos à implosão da categoria atividade de trabalho e do seu património?**

Numa análise crítica sobre as visões apocalípticas traçadas para o futuro da atividade de trabalho, acentuadas a partir de 2010, Meda (2019) fez notar que, apesar de não se constituírem em número elevado, estas previsões que apontam a erosão da atividade humana pela automação têm sido invocadas extensivamente. O pendor determinístico de tais interpretações favorece a redução do domínio social e, nesta medida, a atividade de trabalho é submetida às condições neutrais nas quais as tecnologias de automação são concebidas. Neste contexto, a atividade humana é dominada por uma antecipação, i.e., pensada unicamente pela técnica, neutralizando todo o retrabalho de normas associado a confrontações concretas com situações não-estandardizáveis no infinitesimal, com o “encontro de encontros”, tanto técnicos como humanos, que todo o agir industrioso experimenta (Schwartz, 2021). A governação das mudanças do trabalho por esta “simples antecipação” ignora que é impossível e invívivel para qualquer agir humano ser a mera reprodução de nor-

mas antecedentes heterodeterminadas. Em tais condições, prossegue Schwartz (2021), é vetada a possibilidade para uma segunda antecipação, que traria de volta aos concetores/prescritores das situações de trabalho o retrabalho do património dos seus saberes teóricos a partir dos debates internos, das dramáticas do uso de si, e das reservas de alternativas que a atividade encerra. Com o progresso tecnológico, este poder de antecipação desenvolve-se de modo exponencial (Schwartz & Durivé, 2007). Mas como compreender melhor a atividade humana nestas circunstâncias? Aqui não basta a escala macroscópica – onde residem habitualmente as leituras que profetizam o fim do trabalho humano –, uma vez que tende a fazer economia do conceito de atividade e da singularidade das situações concretas de trabalho<sup>[4]</sup>. A emergência de sistemas automatizados cada vez mais avançados perfila a anulação das reinvenções locais promovidas pela atividade humana? Estará a atividade humana e o seu património histórico em risco de se perpetuarem enquanto um tecido anónimo nos momentos de mudança tecnológica nos locais de trabalho? A exploração destas questões insta a desconstrução de qualquer debate in absentia sobre a atividade, e, para tal, tomamos em consideração uma investigação empírica conduzida na indústria portuguesa da transformação de cortiça<sup>[5]</sup>. Esta é uma investigação com ancoragem no reportório científico da ergonomia da atividade e da psicologia do trabalho, sustentando a assunção do ponto de vista da atividade na interrogação das recomposições do trabalho promovidas pelo progresso tecnológico<sup>[6]</sup>.

## **3. O caso de duas empresas inseridas num distrito industrial**

### **3.1. O “distrito corticeiro” de Santa Maria da Feira: breve contextualização**

A investigação que aqui propomos apresentar é atualmente desenvolvida no “distrito corticeiro de Santa Maria da Feira”. Das 856 empresas atualmente existentes em Portugal veiculadas à indústria corticeira, aproximadamente 80% destas concentram-se nesta região no norte de Portugal, constituindo o principal polo corticeiro do mundo (Branco & Lopes, 2013). Obedecendo a um contínuo processo de aglomeração territorial das empresas ao longo do séc. XX, este “distrito industrial” destaca-se por dois fatores: (i) a grande maioria das empresas nele contidas são de pequena dimensão (com uma dimensão média de 10 trabalhadores) e dedicam-se principalmente à produção de rolhas de cortiça natural; (ii) o “distrito” delimita um território que é sede de uma “pool de trabalhadores especializados” na transformação da cortiça. Para além da aglomeração territorial e da forte espe-

cialização dos seus trabalhadores, o nosso interesse por esta realidade de trabalho foi reforçado a partir da constatação que as empresas corticeiras atravessaram, nos últimos anos, transformações dos seus métodos de produção a partir da introdução de máquinas automáticas.

### **3.2. A automatização das tarefas: uma resposta aos desafios do mercado?**

As duas empresas do distrito que aqui fazemos referência, apesar de diferentes em termos de antiguidade (a primeira empresa foi fundada em 1980; a segunda em 2010), apresentam certas comunalidades no que se refere à introdução de máquinas automáticas nos seus processos. Decorrente das primeiras observações no terreno, complementadas com entrevistas exploratórias com os seus proprietários, foi possível constatar que a introdução de automação ocorreu, sobretudo, nas secções de seleção de rolhas e de colagem (onde as cápsulas são coladas nas rolhas). A necessidade de aumentar a produção, tornar o processo de fabrico mais rápido, e adicionar um novo filtro de seleção nas rolhas tendo em vista a garantia da qualidade, emergiram como os principais motivos que conduziram à introdução das máquinas automáticas. Contudo, em torno das expectativas associadas à automatização gravitavam duas preocupações principais que se relacionam com o “distrito”. Por um lado, a automação do processo produtivo permitiria aumentar a competitividade das empresas perante a crescente quota de mercado das empresas dedicadas à produção de rolhas de plástico, que, no início dos anos 2000, constituía a “principal ameaça” ao futuro do “distrito de rolhas de cortiça natural”. Por outro lado, à introdução das máquinas automáticas estava associada a necessidade das empresas serem capazes de dar resposta a “pedidos imprevistos e de encomendas pequenas”. Este é um fator de diferenciação para estas empresas de pequena dimensão, que, ao trabalharem com volumes de produção mais baixos e com produtos finais mais diversos, conseguem atender mais facilmente aos pedidos dos clientes que “escapam” à malha da empresa de grande dimensão presente no distrito.

### **3.3. Um património de reinvenções locais na penumbra dos automatismos?**

Nas secções de seleção de rolhas (presente nas duas empresas analisadas) procede-se à escolha das rolhas de cortiça de acordo com a sua classe de qualidade e/ou à identificação das rolhas defeituosas. Com a introdução das máquinas de escolha automática, este trabalho, que até então era totalmente manual – realizado

por trabalhadoras que, em dupla, se ocupavam de um tapete de escolha –, sustenta-se agora em relações humano-máquina. Através de mecanismos de leitura ótica, as máquinas automáticas aumentaram a velocidade do processo e, consequentemente, o número de rolhas selecionadas. A automatização da escolha de rolhas teve custos no volume de emprego entre as trabalhadoras-escolhedoras, com a diminuição do número de trabalhadoras que agora operam nas secções de escolha. Mas tal “atenuação do lugar da atividade humana” (Schwartz & Durrive, 2007) pelos automatismos é sinónimo de uma anulação completa da história local? Diríamos que só aparentemente.

As análises que conduzimos no terreno, sustentadas em observações e sessões coletivas de análise do trabalho, permitiram colocar em evidência o apelo incessante que o funcionamento das máquinas automáticas faz sobre os “saberes-valores” das trabalhadoras. Nas secções de escolha, as trabalhadoras, em dupla, ocupam-se de um tapete de escolha manual e, ao mesmo tempo, são responsáveis pelo abastecimento e supervisão das máquinas automáticas, tendo a missão de assegurar que a seleção realizada pelas máquinas está de acordo com os critérios que as trabalhadoras aplicam para definir as classes das rolhas. No caso de as trabalhadoras identificarem desvios na escolha automática face aos seus critérios de escolha manual, a máquina é parada para ser reprogramada. O reportório de saberes das trabalhadoras para definirem as classes das rolhas é alicerçado em anos de experiência de seleção manual, de julgamentos sensoriais vários (visuais e tácteis, sobretudo), de arbitragens sobre os defeitos emergentes, em função da transformação da qualidade da “cortiça do mato”, e das exigências singulares de cada cliente em matéria de qualidade. Foi possível observar como a história de trabalho é convocada a arbitrar situações particulares, de que são exemplo os momentos em que as trabalhadoras consideram que a seleção automática apresenta desvios não expectáveis (e.g., rolhas de uma qualidade inferior encontram-se separadas como sendo de uma classe acima). Nestas situações, prevalece a decisão da escolhedora mais experiente, que, pela comparação entre duas amostras (uma feita por si e outra pela máquina), decide se a máquina tem de ser reprogramada, ou não.

A história humana de trabalho neste ambiente automatizado não cessa de revelar-se, assumindo-se, diríamos, como que um critério velado para a operação com as máquinas de escolha automática. Após a introdução destas máquinas, as trabalhadoras que permaneceram no emprego foram precisamente as mais experientes na

atividade de seleção de rolhas. A análise da atividade que conduzimos nas duas secções de escolha permitiu compreender melhor esta realidade. A seleção manual não foi anulada com a automatização; as empresas analisadas conservam dois tapetes de escolha manual, onde as escolhedoras realizam a seleção manual das rolhas, após estas serem “escolhidas” pelas máquinas automáticas (“rolhas desdobradas”). Ora, aqui reside a assunção de que há defeitos nas rolhas que as máquinas ainda não conseguem decifrar, seja porque são defeitos relativamente novos (e.g., o “ano seco”, tido pelas escolhedoras como o defeito mais difícil de detetar), ou pelo facto de estes apelarem à memória das trabalhadoras a respeito da evolução dos defeitos da cortiça, suportada ainda na possibilidade da comparação de julgamentos entre escolhedoras. É verdade que as rolhas que são rejeitadas na escolha manual são agora em menor número, dado que uma boa parte destas foi selecionada pelas máquinas. Não obstante, o escrutínio na escolha torna-se agora mais fino, na busca do defeito que a máquina não identificou, como explicado por uma escolhedora: *“Olho para o todo, cabeça e corpo das rolhas. O defeito aparece, se tiver defeito ele aparece”*.

Na entrevista com um proprietário de uma das empresas foi possível explorar esta compensação que experiência de trabalho oferece à seleção automática das rolhas. A preservação da escolha manual não está isenta de outras exigências que nos remetem para o mercado. As máquinas de escolha automática são programadas com uma “margem de incerteza”, de forma a lidar, ainda assim, com uma variabilidade mínima na qualidade da cortiça. Mas o real (a cortiça, neste caso) não se compadece uma esta míngua margem, como nos foi explicado por um dos proprietários:

*“Uma máquina automática não me dá 100% de certeza que uma rolha tem bicho [um dos defeitos mais comuns], diz, sim, que a rolha parece ter bicho, é uma probabilidade. Por exemplo, passa uma rolha com bicho, a máquina lê o buraco arredondado, e rejeita; a seguir passa uma rolha com um poro, e rejeita também. Isto é um falso positivo, está a rejeitar o poro”.*

Perante esta incerteza, explica como é feito apelo à história da atividade de trabalho na tentativa de encontrar uma solução:

*“Se o limite de superfície defeituosa é de 300mm<sup>2</sup>, programo a máquina para 350mm<sup>2</sup>, de forma a precaver a margem de incerteza na*

*leitura da máquina. Depois, no tapete manual, as escolhedoras fecham a classe o mais possível, escolhendo de forma que as rolhas daquela classe sejam homogéneas. (...) Imagine, um saco de rolhas que chega ao cliente, se ele pega numa mão de rolhas e vê que são todas homogéneas, que não existem grandes diferenças de qualidade, isto é muito bom. O problema é quando pega numa mão de rolhas, e em sete ou oito rolhas tem duas de menos qualidade, e é isto que conta. Por isso, peço às escolhedoras para fecharem a classe o mais que puderem, que reduzam a probabilidade das rolhas de menor qualidade chegarem ao cliente como sendo daquela classe”.*

Através deste exemplo é possível constatar o quanto a atividade, com toda a sua história, quando confrontada com o singular, “desneutraliza” a técnica e as condições atemporais definidas para o seu funcionamento. Nisto, o “património local do viver industrioso” (Schwartz, 2021), referente a escolhas, valores, e a matrizes de alternativas (configuradas a partir de novas modalidades de relação humano-máquina), recompõe-se com a inovação tecnológica, à medida que as trabalhadoras reinventam localmente a aplicação eficaz dos automatismos na seleção de rolhas.

#### **4. “Esta máquina faz-me doer as costas”: um património que se constrói, mas a que custo?**

Na edificação do património da atividade a partir das mudanças tecnológicas, novos saberes com inscrição no corpo-si são desenvolvidos, num aperfeiçoamento do agir industrioso, cuja condensação é particularmente visível na atividade de prevenção que as trabalhadoras passaram a realizar após a introdução das máquinas automáticas. Para melhor ilustrar esta reconfiguração, fazemos referência à secção de colagem de rolhas (presente apenas numa das empresas analisadas). Aqui, a introdução das máquinas de colagem automática dissipou quase totalmente o método de colagem manual (em que as cápsulas eram coladas manualmente nos topo das rolhas, uma a uma). Atualmente, cada trabalhadora é responsável pela supervisão de duas máquinas de colagem automática, tendo que assegurar o seu abastecimento (com rolhas, cápsulas e cola) e a supervisão da qualidade da colagem. Isto é, pelo menos, o que a técnica antecipa da atividade.

Na busca de compreender melhor as reinvenções locais que ocorreram com a automatização, a análise da atividade permitiu revelar um mundo de variabilidades a ser gerido pelas três “trabalhadoras-coladoras” presentes

em cada turno: variações na qualidade das matérias-primas (especialmente, nas cápsulas); saberes particulares no seio da equipa (particularmente visíveis nas situações em que é necessário desencravar a máquina e ajustar manualmente o mecanismo de colagem); resposta a pedidos não planeados, que implica ter de parar a colagem, limpar e recalibrar as máquinas; ou exigências específicas de determinados clientes (e.g., ter de fazer uma seleção visual após as rolhas serem coladas). Aliás, por este motivo, todas as trabalhadoras que operam na secção de colagem tinham experiência prévia enquanto escolhedoras). A gestão destas exigências dá lugar à definição de estratégias, individuais e coletivas, de prevenção e antecipação de incidentes, que visam conciliar as normas de produção, o modo de funcionamento da máquina, e a proteção da saúde. Encontrámos um exemplo desta gestão na interpretação dos sons das máquinas, em que as trabalhadoras conseguem decifrar quando a máquina está próxima de parar. Esta é uma competência que não encontra formalização, mas é aprimorada com a experiência na relação com a máquina, e à qual as trabalhadoras reportam-se como “o som das minhas máquinas”. Isto mesmo é-nos explicado por uma das trabalhadoras, ao decompor o “som da máquina” nos sinais usados para o diagnóstico:

*“Sem olhar para o computador da máquina, consigo perceber que vêm aí problemas (...) Quando apanho o som, primeiro ouço as cápsulas na moega, olhe, parece que o ritmo é diferente, o bater na moega, depois é a velocidade das rolhas no orientador. Procure [o som], é diferente, não é? Temos de ir depressa”.*

A este respeito, recuperamos a constatação de Duraffourg (1998) sobre a mobilização dos sentidos na garantia da qualidade do diagnóstico feito pelas trabalhadoras sobre o funcionamento automático, e ousamos adaptá-la ao nosso estudo: na empresa, o sucesso da colagem situa-se, de alguma forma, inscrita nos ouvidos das trabalhadoras que emprega.

O sentido de urgência para a intervenção que a trabalhadora nos ilustrou é revelador da necessidade de evitar o encravamento da máquina, o que levaria à interrupção do processo, ter de remover as matérias-primas, a abertura da máquina (para desencravar), e, finalmente, a recalibração. Este é um processo moroso, com custos para o nível de produtividade aferido ao final do turno através do número de rolhas que cada trabalhadora colou, e com impactos na saúde. O abastecimento das máquinas implica ter de subir um lanço de escadas

(na parte de trás das máquinas) e elevar as caixas de cápsulas e de rolhas acima do nível dos ombros, cujos pesos podem chegar aos 30 quilos (no caso de cápsulas de madeira, por exemplo). Cada reinício da máquina comporta, assim, custos na saúde das trabalhadoras, que, coletivamente, se organizam para que a limpeza e abastecimento das máquinas sejam realizados, sempre que possível, em dupla. Referimos ainda que também numa das secções de seleção de rolhas analisadas uma trabalhadora verbalizou aquilo que, aparentemente, seria paradoxal: *“A máquina automática faz-me doer as costas”*. A verdade é que a introdução das máquinas automáticas elevou o número de rolhas de calibre superior (conhecidas por “rolhas de champanhe”) que a empresa fabrica por turno, o que tem impacto no número de caixas movimentadas pelas escolhedoras, que as retiram das máquinas automáticas e as têm de transportar até à estufa (dependendo do número de rolhas contidas, as caixas variam entre os 15 e os 20 quilos). Não obstante as melhorias conseguidas pelo progresso tecnológico, o sentido do desenvolvimento dos processos produtivos que este instiga não é isento de debate, pelos custos que comporta ao nível da saúde e cujo legado é, quase sempre, remetido a cada um/a. Se se apela ao uso do corpo na criação do património da atividade, poderão os custos para a saúde que advém do uso de si na construção desse património ser perpetuados enquanto ausências?

Esta questão adquire renovada pertinência numa época em que os projetos de modernização digital do trabalho são intensificados. Quanto mais as conceções de atividade e do “viver em saúde” (Schwartz, 2021) forem tidas como impalpáveis e imperceptíveis perante o ritmo a que avança a tecnologia, maior será o risco de vermos produzidas análises mutilantes a decretar crises futuras do trabalho humano

### Agradecimentos

Este trabalho é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com a bolsa de doutoramento SFRH/BD/139135/2018; e pela Fundação Calouste Gulbenkian - Projeto “CORK-In: Capitalizar, Organizar, Regenerar Know-How na Indústria”.

## Referências Bibliográficas

- Branco, A., & Lopes, J. (2013). *Vantagens da concentração geográfica da produção: o caso da indústria corticeira de Santa Maria da Feira*. Working Paper 04/2013. Lisboa: ISEG - Lisbon School of Economics and Management.
- Duraffourg, J. (1998). Un robot, le travail et des fromages: quelques reflexions à propos du point de vue du travail. In *Emprego e desenvolvimento tecnológico: Brasil e contexto internacional* (pp. 123–144). São Paulo: DIEESE.
- Friedmann, G. (1968). *O futuro do trabalho humano*. Lisboa: Moraes Editores.
- Meda, D. (2019). Three scenarios for the future of work. *International Labour Review*, 158(4), 627–652. <https://doi.org/10.1111/ilr.12157>
- Naville, P. (1963). *Vers l'automatisme social? Problèmes du travail et de l'automation*. Paris: Gallimard.
- Paraponaris, C. (2017). Automatisation: nouvelle vague. *Ergologia*, 18, 217–220.
- Schwartz, Y. (2021). *Travail, ergologie et politique*. Paris: La Dispute [livre en cours de publication].
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2007). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- Simondon, G. (1958/2001). *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier
- Stiegler, B. (2016). *Automatic society: The future of work*. Cambridge: Polity Press.
- Valenduc, G., & Vendramin, P. (2019). The mirage of the end of work. *Foresight Brief*, 6, 1–16.

## Notas

[1] Com respaldo na “modernidade utilitária”, a progressiva erosão da atividade humana do mundo do trabalho seria, assim, produto do necessário progresso da técnica.

[2] Neste sentido, as mudanças nas situações de trabalho induzidas pela automação são conceitualizadas e modeladas em “exterritorialidade”, neutralizando os “valores *in situ*” (Schwartz, 2021) e postulando, assim, “um trabalho” sem formas históricas específicas. Tais tentativas de “*des(h)istoricizar*” subjazem aos discursos acerca de um “trabalho futuro sem trabalhadores” (Schwartz & Durrive, 2007).

[3] Valenduc e Vendramin (2019) salientam que as análises que preveem que as tecnologias de automação precipitarão o fim do trabalho humano assentam numa visão simplista do trabalho, nomeadamente, ao tomarem as profissões como um conjunto de tarefas transversais a vários postos de trabalho. E, neste sentido, o potencial de automatização destas tarefas dependeria,

antes de mais, da capacidade da tecnologia. Ora, à margem deste cálculo permanece, assim, o trabalho para lá da tarefa, “a posição na organização, a experiência desenvolvida ao longo dos anos, os percursos profissionais, a pertença a um coletivo de trabalho” (Valenduc & Vendramin, 2019, p. 8, tradução livre).

[4] Schwartz e Durrive (2007) tomam este pensamento como “dedutivista”, na medida que propõe decretar, *in absentia*, o trabalho e as formas singulares da atividade humana.

[5] O estudo que aqui apresentamos integra o projeto “CORK-In”, promovido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, e atualmente em curso naquele que é conhecido como o “distrito corticeiro de Santa Maria da Feira”. A partir de um consórcio de investigação composto por 10 empresas corticeiras de pequena dimensão, este projeto visa tomar como unidade temática central as relações entre trabalho, automação e património da experiência humana.

[6] Fazemos referência aos estudos publicados no número da revista *PISTES* (“Mutations du travail face aux défis technologiques et à leurs incidences sur le travail”), ou, mais recentemente, nos números das revistas *Laboreal* (“Digitalização e evolução do trabalho real”) e *Activités* (“IA, robotique, automatisation: quelles évolutions pour l’activité humain?”).

# Os conhecimentos como património individual e coletivo nos contextos de trabalho.

# Los conocimientos como patrimonio individual y colectivo en contextos de trabajo.

# Les connaissances comme patrimoine individuel et collectif dans les contextes de travail.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### **Cláudia Pereira**

Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto  
Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal  
cpereira@fpce.up.pt

### **Catherine Delgoulet**

Conservatoire National des Arts et Métiers  
292 Rue Saint-Martin F-75141, Paris, França  
catherine.delgoulet@lecnam.net

### **Marta Santos**

Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto  
Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal  
marta@fpce.up.pt

### **Resumo**

Compreender quais são os ingredientes para a aquisição/transmissão de conhecimentos e desenvolver ferramentas, nos contextos profissionais, que possam valorizar e dar visibilidade aos conhecimentos dos trabalhadores é uma questão importante. Nesta perspetiva, foi realizada uma investigação-ação, com recurso à análise da atividade, focus group e entrevista, numa empresa metalomecânica portuguesa.

Os resultados revelam posicionamentos distintos entre os trabalhadores da linha de produção e a equipa de RH, sobre os ingredientes a considerar na aquisição e transmissão de conhecimentos (e.g., tempo, coletivos), e sobre a consideração dos conhecimentos como património individual e coletivo.

Este estudo contribui para o enriquecimento científico sobre os ingredientes que contribuem para a aquisição/transmissão de conhecimentos, para o debate sobre o papel que os conhecimentos assumem nos contextos de trabalho à luz da perspetiva ergológica, e para sustentar a definição de ações de transmissão de conhecimentos em contextos profissionais.

### **Palavras-chave**

aquisição e transmissão de conhecimentos, indústria, ergologia

### **Resumen**

Entender los ingredientes de la adquisición/transmisión del conocimiento y desarrollar herramientas, en contextos profesionales, que puedan valorar y dar visibilidad al conocimiento de los trabajadores es una cuestión importante. Así, se realizó una investigación-acción, utilizando el análisis de la actividad, el grupo focal y la entrevista, en una empresa metalmecánica portuguesa. Los resultados revelan posiciones distintas entre los trabajadores de la línea de producción y el equipo de RH sobre los ingredientes a tener en cuenta en la adquisición y transmisión del conocimiento (por ejemplo, el tiempo, el colectivo), y sobre la consideración del conocimiento como patrimonio individual y colectivo.

Esta investigación contribuye al enriquecimiento científico sobre los elementos que contribuyen a la adquisición/transmisión del conocimiento, al debate sobre el papel que desempeña el conocimiento en los contextos laborales a la luz de la ergología, y a sustentar la definición de acciones para la transmisión del conocimiento en los contextos profesionales.

## Palabras clave

adquisición y transmisión de conocimientos, industria, ergología

## Résumé

Comprendre les ingrédients qui contribuent au processus d’acquisition/transmission des connaissances pour concevoir, dans les contextes professionnels, des outils qui peuvent valoriser et donner de la visibilité aux connaissances des travailleurs est un enjeu majeur. Ainsi, une recherche-action a été menée, en utilisant l’analyse d’activité, le focus group et un entretien, dans une entreprise portugaise de fabrication de boîtes métalliques. Les résultats montrent des positions distinctes entre les travailleurs de la production et l’équipe des RH sur les ingrédients à prendre en compte dans l’acquisition/transmission des connaissances (par exemple, le temps, le collectif), et sur des connaissances comme patrimoine individuel et collectif.

Cette étude contribue ainsi à l’enrichissement scientifique sur les ingrédients qui contribuent à l’acquisition et à la transmission des connaissances, au débat sur le rôle des connaissances dans le travail à la lumière de l’ergologie, et à soutenir la définition d’actions pour la transmission des connaissances dans les contextes professionnels.

## Mots clés

acquisition et transmission des connaissances, industrie, ergologie

## 1. Introdução

A valorização do conhecimento de trabalhadores de diferentes segmentos etários tem vindo a ser abordada ao longo dos últimos 20 anos (Eurostat, 2012) e tem-se revelado nos discursos das empresas como uma preocupação perante os desafios que vivenciam, como por exemplo, a perda de um número significativo de trabalhadores pela sua passagem para a reforma e, consequentemente, dos conhecimentos por estes adquiridos com a experiência (OSHA, 2016).

Neste âmbito, têm sido implementados, nos contextos, iniciativas ditas de retenção e transmissão de conhecimentos (e.g. programas de aprendizagem intergeracional, programas de mentoria, ou comunidades de práticas - Ropes, 2011), assumidos como estratégicos para o desenvolvimento e sobrevivência das empresas (Lamari, 2010).

Contudo, considerar, nestes processos, os conhecimentos críticos é um desafio devido à dificuldade associada à verbalização, por parte dos trabalhadores, do conhe-

cimento adquirido ao longo da experiência profissional (Oddone, 2007; Santos & Lacomblez, 2007), pelo que no âmbito das referidas iniciativas o enfoque tem sido maioritariamente o registo de procedimentos de trabalho, que dificilmente são úteis e mobilizáveis no dia a dia de trabalho.

Apesar de se saber que os conhecimentos, mesmo que possam ser estabilizados, não assumem uma objetividade e dependem dos debates de normas (Schwartz, 2003), é importante compreender como o conhecimento é construído e partilhado, entre colegas, e no contexto de trabalho, no sentido de proporcionar o desenvolvimento de uma memória da empresa, de reconhecer a existência de um património de conhecimentos e de refletir sobre a forma como este pode ser partilhado e ampliado. Esta construção implica, incontornavelmente, aprendizagens e desenvolvimento de experiência, durante a ação, numa encruzilhada de debates entre normas antecedentes, constrangimentos e renormalizações, que não cessam de “construir uma história” (Durrive & Schwartz, 2008; Schwartz, 2003).

Neste sentido, e com o objetivo de compreender quais são os ingredientes para a aquisição/transmissão de conhecimentos e desenvolver ferramentas que possam valorizar e dar visibilidade aos conhecimentos dos trabalhadores, está em curso um estudo de caso, numa empresa industrial, no âmbito de uma investigação-ação sobre a transmissão de conhecimentos entre trabalhadores de diferentes idades e antiguidades em contexto profissional.

## 2. Método

### 2.1. Contexto da pesquisa e Participantes

O estudo está a ser conduzido numa das linhas de produção da área de Litografia UV, numa empresa metalomecânica portuguesa. Trata-se de uma área na qual é efetuada a impressão das gravuras nas folhas-de-flândres (folhas de metal que são transformadas em embalagens para diversos produtos, como por exemplo, latas de tinta industrial, ou produtos de higiene).

Os participantes deste estudo são três Litógrafos Impressores (LI) e três Litógrafos Impressores Auxiliares (LIA) de uma das linhas de produção da Litografia e a equipa de Recursos Humanos da empresa (quatro elementos). Relativamente aos LI e LIA, estes apresentam idades entre os 23 e os 46 anos, e uma antiguidade na função entre os 3 e os 26 anos. Organizam-se em equipes de um LI (responsável pela análise da qualidade das impressões das gravuras e cores nas folhas-de-flândres), um LIA (responsáveis por auxiliar nas tarefas dos LI) e um operador de cabeça de linha (responsável

pela inserção das folhas-de-flandres no alimentador das máquinas). Na linha de produção, os trabalhadores estão distribuídos em três equipas que trabalham em horário rotativo em três turnos (manhã, tarde e noite). A equipa de RH consiste em três elementos (antiguidade entre 10 meses e 25 anos), responsáveis por temas como formação e desenvolvimento, recrutamento e seleção, benefícios, entre outros, e um elemento que assume a função de líder da equipa. Trata-se de um departamento estabilizado na empresa há aproximadamente 25 anos.

## 2.2. Procedimento da recolha de dados

O presente estudo de caso focou-se na recolha das verbalizações da equipa RH e dos trabalhadores da Lito-grafia, na análise documental, e em dados que caracterizam a atividade de trabalho dos LI e LIA, através da análise da atividade de trabalho.

Relativamente às verbalizações dos trabalhadores, estas correspondem a verbalizações provocadas pela investigadora e a verbalizações espontâneas, relacionadas com a forma de realizar a atividade de trabalho, com a forma de adquirir conhecimentos e de os transmitir, e com o papel que os conhecimentos assumem no seu trabalho. A análise documental centrou-se na exploração de documentos, fornecidos pela empresa, que sintetizam as tarefas a realizar pelos LI e LIA e documentos existentes sobre esta função (manual de procedimentos; instruções de trabalho).

A análise da atividade correspondeu a momentos de observação livre e momentos de observação sistemática do trabalho, com recurso ao software Actograph (SymAlgo Techonologies, 2018), nas quais foram recolhidos dados sobre as condições de trabalho e tarefas críticas. Nomeadamente, a tarefa de controlo da qualidade da impressão das gravuras e cores nas “folhas de prova” - folhas-de-flandres retiradas para controlo da qualidade dos tons das cores (e.g., se estão ajustados face à cor pretendida no produto) e das gravuras (e.g., se não se encontram com borrões ou falhas de tinta). Foi também efetuada a restituição dos dados (ainda parcial) aos trabalhadores, de modo a completar e validar a informação recolhida.

De forma complementar, realizou-se um focus group com a equipa de RH e uma entrevista individual com o responsável desta equipa, para conhecer o modo como têm abordado o tema da transmissão de conhecimentos na empresa e o que consideram relevante considerar no futuro como ações para promover a transmissão entre trabalhadores, construindo, também, uma memória da empresa valorizando e reconhecendo os conhecimentos dos mais experientes.

## 3. Resultados e Discussão

### 3.1. A atividade dos Litógrafos Impressores

A atividade dos Litógrafos Impressores caracteriza-se por elevadas exigências de produção, associadas a um ritmo intenso de trabalho, que deriva do volume de encomendas de produtos (folhas-de-flandres) a produzir para os clientes externos. De modo global, esta atividade implica a preparação do trabalho das impressões das encomendas, a impressão de cada trabalho para o cliente e o embalamento do trabalho. Nesta atividade, cada “trabalho” corresponde a uma encomenda de folhas de flandres, que implica a concretização destas três grandes tarefas.

A análise sistemática desta atividade permitiu identificar que a fase de preparação do trabalho é, na maior parte dos casos, a fase mais longa do processo, porque implica a limpeza das máquinas de produção, a colocação das respetivas tintas nas máquinas (para cada encomenda), e o processo de acerto dos tons das cores a imprimir. A título de exemplo, a preparação de um trabalho pode corresponder a 80% do tempo total do trabalho (num trabalho de 50min, para 310 folhas), ou a 40% do tempo total (num trabalho de 1h15, para 4600 folhas), ou até a 5% (num trabalho de 1h, para 4400 folhas). Há, portanto, uma grande variabilidade dos tempos associados às tarefas, por cada encomenda, o que impossibilita os trabalhadores de preverem um tempo aproximado para a preparação do trabalho. Esta variabilidade depende, não só do tipo de tarefa, mas de condições ambientais (e.g., se for um trabalho a realizar no início da semana, o aquecimento das máquinas de produção e o processo de aderência das tintas às máquinas é mais lento), e da sequência de encomendas (e.g., se o trabalho A e o trabalho B forem encomendas para produtos semelhantes, com tons de cores idênticos, o tempo de preparação do trabalho B será menor, pois torna-se possível aproveitar alguma da preparação já feita para o trabalho A).

Percebemos também que a tarefa de controlo de qualidade das impressões (gravuras e cores) nas folhas-de-flandres, é considerada como a tarefa mais crítica para os LI, pela relevância que assume no negócio: é com base nestas impressões que o produto final (e.g., latas de bolachas, latas de tinta; sprays) é montado e expedido para os clientes. Trata-se de uma tarefa que implica minúcia e concentração na análise das folhas de prova, de modo a prevenir a impressão de gravuras/cores com erros, ou seja, de modo a evitar o desperdício de material e a reduzir o tempo de produção. É de referir que a quantidade de folhas de prova que são impressas depende do tamanho da encomenda, e não há um pro-

cedimento a cumprir, ou seja, não é exigido um número mínimo ou máximo de folhas de prova. Contudo, quanto menor for o número de folhas de prova impresso, menor será também o desperdício de material para a empresa. A título de exemplo, num trabalho que durou 2h30, para uma encomenda de 6000 folhas, foram impressas 58 folhas de prova; e, num trabalho de 1h45, para uma encomenda de 4600 folhas, foram impressas 67 folhas de prova. Mais uma vez, esta variabilidade está também relacionada com os aspectos identificados anteriormente (condições ambientais; sequência de encomendas). Além disto, identificamos que a atividade dos LI implica realizar gestos repetitivos (na retirada de folhas de prova da máquina e sua análise, por encomenda) e permanecer muito tempo em pé com deslocações (e.g., entre o painel de controlo e a máquina de produção) ou microdeslocações (nos momentos de retirar a folha de prova da máquina para o controlo de qualidade). Acrescem, a estas condições, alguns constrangimentos associados ao ambiente do local de trabalho, como o ruído intenso das máquinas de produção, o ambiente térmico (ambiente húmido e frio), e a ausência de luz natural na linha de produção.

Neste âmbito, percebemos que é com base nos desafios e imprevistos que surgem nesta atividade (e.g., na gestão das folhas de flandres) e nas suas renormalizações (Schwartz, 2003) que os conhecimentos são mobilizados, desenvolvidos e transmitidos.

### **3.2. A aquisição e transmissão de conhecimentos neste contexto: dois pontos de vista**

Atendendo à complexidade e exigência do trabalho dos LI, percebemos, através das recolhas com os trabalhadores e com os RH, que a aprendizagem desta função é morosa e que não existe uma formação específica na empresa para apoiar a aquisição ou a partilha de conhecimentos dos trabalhadores para esta função nem uma indicação clara do tempo necessário para um trabalhador poder assumir a função de LI. Contudo, existe uma percepção, partilhada pelos trabalhadores, de que são necessários cinco anos, aproximadamente, para que um LI possa assumir as tarefas de forma autónoma e possa ser capaz de responder eficazmente aos problemas associados a esta função. A par desta escassez de mecanismos formativos contínuos centrados nas características reais desta atividade, os processos de transmissão de conhecimentos neste contexto (nomeadamente dos LI para os LIA) ocorrem apenas através de curtos momentos de explicação e demonstração durante a realização do trabalho, e encontram-se dependentes, não só das condições de produção e do tipo

de problemas que vão surgindo, mas da disponibilidade dos LI face à exigência das suas tarefas.

A análise da atividade e as verbalizações recolhidas com os trabalhadores indicam diferentes aspectos considerados como ingredientes para a aquisição e transmissão de conhecimentos, em função dos participantes (trabalhadores da linha de produção e equipa de RH). Do ponto de vista dos trabalhadores, são referidos, como aspectos importantes para a aquisição/transmissão de conhecimentos: a dimensão do tempo (pelas elevadas exigências de produção e pela concentração exigida no controlo das folhas de prova, já ilustrada anteriormente, o tempo disponível para a transmissão é escasso); o ter a possibilidade de fazer/experimentar de forma progressiva a diversidade de situações, problemas, imprevistos a que são expostos (nomeadamente os LIA); a possibilidade de recorrer aos colegas de equipa (maioritariamente por parte dos novatos para com os experientes) em momentos de dúvidas sobre a análise da folha. De forma complementar, referem que o ruído é um dos principais constrangimentos da atividade que limita a transmissão. Estes elementos referidos reforçam os resultados de alguns estudos já existentes (e.g., Cloutier et al., 2012), nomeadamente, no que respeita à dimensão do tempo (pressões temporais; exigências de produção) e ao coletivo de trabalho (encarado como um facilitador).

Do ponto de vista da equipa de RH, apesar das informações partilhadas remeterem para uma ausência de medidas para promoção da aquisição/transmissão de conhecimentos (apenas foi referida a formação inicial, de enquadramento geral na função, com uma duração aproximada de dois dias, que os novos trabalhadores frequentam quando integram a equipa de produção, e a existência do manual de procedimentos e instruções de trabalho), estes sinalizam e reconhecem a importância de valorizar os trabalhadores que os possuem e de implementar medidas que promovam a troca e transmissão de conhecimentos associados às funções determinantes para o contexto e para a prossecução da qualidade e da produção, envolvendo ativamente os principais detentores do conhecimento. Contudo, reconhecem também que esta valorização dos trabalhadores e dos seus conhecimentos se encontra condicionada ao nível do simbólico, e dificilmente poderão ser ponderadas outras opções – como, por exemplo, um ajuste na situação de emprego dos trabalhadores, com progressão na carreira ou ajuste salarial e funcional face às competências e conhecimentos detidos. Por outras palavras, evidencia-se a existência de um debate de valores (Durrive & Schwartz, 2008) no papel da equipa de RH, uma vez que mesmo se a maior parte dos trabalhadores de uma das equipas de-

tenha conhecimentos suficientes para assumir a função de LI, a empresa terá dificuldade em reconhecer formalmente essa qualificação, pelo facto de implicar custos. Os resultados aqui apresentados correspondem às primeiras pistas de ingredientes a considerar num processo de aquisição ou transmissão de conhecimentos neste contexto.

Para além dos aspetos referidos, a análise aos documentos existentes indicou que o seu conteúdo é considerado como obsoleto (no caso do manual) ou não é utilizado, no dia-a-dia, pelos trabalhadores (no caso das instruções de trabalho). Por forma a promover a partilha entre os trabalhadores, no que respeita aos seus conhecimentos, e a sustentar a compreensão dos conhecimentos destes trabalhadores, foram, então, co-construídos alguns materiais alusivos à sua atividade e tarefas específicas. Salientamos, neste âmbito, três: i) um glossário da atividade, que recupera os principais termos associados à linguagem técnica e linguagem operativa/construída ao longo do tempo e que são utilizados pelos trabalhadores no seu dia-a-dia de trabalho, atribuindo a possibilidade de se criar um histórico da linguagem associada à atividade de trabalho, que permite facilitar a compreensão desta, por parte dos novatos, e reforçar um coletivo de trabalho para aquisição e partilha de uma linguagem comum; ii) um mapa de identificação de pontos críticos na análise da impressão na folha-de-flandres, que pretende potenciar e suportar a aprendizagem dos novatos desta atividade crítica, atendendo à dificuldade dos experientes em verbalizar a experiência adquirida na análise da folha; e, iii) um esquema da produção na linha, em blocos de tarefas, com sinalização dos pontos críticos da atividade, que tem em vista permitir ao novato organizar conceptualmente a ação e a sua atividade, facilitando na identificação ou antecipação daqueles que podem ser os aspetos críticos.

Estes materiais foram já validados por parte dos LI e LIA, e reconhecidos por parte da equipa de RH como potencialmente úteis para a construção de uma memória de trabalho para o futuro da empresa, através da conceção de programas de formação ou momentos específicos para a transmissão, uma vez que se dirigem a aspetos específicos, concretos e críticos da atividade de trabalho dos LI, ultrapassando, assim, as normas antecedentes (Schwartz, 2003) neste contexto, aproximando-se das reais necessidades dos trabalhadores, e suportando a forma como os LI transmitem os seus conhecimentos aos LIA (como vimos anteriormente, decorre de modo informal, em momentos breves e em função da disponibilidade dos LI).

### **3.3. Os conhecimentos como património individual e coletivo**

Com base nos resultados, demonstramos a presença de dois pontos de vista (trabalhadores e RH) sobre a aquisição e transmissão de conhecimentos e sobre o papel que os conhecimentos assumem no trabalho.

Tornou-se evidente que, do ponto de vista dos trabalhadores, são privilegiados aspetos relacionados intimamente com constrangimentos na realização do seu trabalho e que estes mobilizam no seu dia-a-dia os conhecimentos adquiridos, reconhecendo a importância que estes assumem na realização da atividade. Em contrapartida, do ponto de vista dos RH, a reflexão posiciona-se num nível distinto, no qual os conhecimentos, que derivam da experiência, nem sempre são assumidos como parte integrante do contexto, pelo seu carácter de invisibilidade e pelo distanciamento físico que tipicamente existe entre a atividade dos RH e a atividade nas linhas de produção, o que potencia uma eventual escassez de conhecimento das reais condições de realização da atividade (que limitam a aquisição/transmissão dos conhecimentos). Além disto, parece haver uma certa transição de responsabilidade para as áreas de produção, mesmo que implicitamente, do papel que devem assumir na promoção de medidas de aprendizagem e transmissão dos trabalhadores. Por um lado, porque se assume que os LI irão assegurar a transmissão, no dia-a-dia, aos LIA, e, por outro lado, porque os seus conhecimentos, apesar de úteis e valorizados, não poderão ser reconhecidos formal e individualmente pela empresa, gerando-se, como referimos anteriormente, um debate de valores, e um impasse nas progressões profissionais destes trabalhadores.

Esta análise permite-nos avançar com o pressuposto de que os conhecimentos dos trabalhadores participantes assumem-se como um património individual, pela realização do trabalho de forma singular e em função das situações com os quais se deparam ao longo da concretização deste e respetivas renormalizações; e património coletivo, pela aprendizagem, partilha, co-construção e transmissão ao longo do tempo, no qual cada um desenvolve e partilha as suas estratégias e formas de fazer (e.g., sobre formas e pontos críticos a analisar nas folhas de prova; sobre a gestão da relação entre a quantidade de água e tinta a colocar em função das gravuras e cores), mesmo perante alguns constrangimentos associados à atividade, como é o caso do ruído intenso das máquinas.

O posicionamento da equipa de RH face aos materiais produzidos, e elencados na secção anterior, revelou a mais-valia que estes podem ter para a conceção de pro-

gramas de formação ou momentos específicos para a transmissão. E, o facto dos trabalhadores se reconhecerem no conteúdo destes instrumentos, revela a importância que a conceção e recurso a mediadores simbólicos que consideram as renormalizações da atividade assume, não só na exploração e reflexão sobre a atividade, tarefas críticas, constrangimentos, mas também na construção deste património individual e coletivo, contribuindo, em última análise, para a construção de uma memória de trabalho na/da empresa.

Foi no âmbito desta reflexão e análise que evocamos os contributos da ergologia (e.g., Durrive & Schwartz, 2008; Schwartz, 2003) para demonstrar que a assunção dos conhecimentos como património – seja individual e/ou coletivo – implica o recurso ao uso de si no trabalho e na construção dos conhecimentos, a singularidade dos indivíduos, a sua história no contexto, mas também o coletivo, com o qual o debate acerca do trabalho e dos conhecimentos se transforma ao longo do tempo.

## 5. Conclusão

Este estudo centrou-se na compreensão daqueles que podem ser alguns dos ingredientes para a aquisição e transmissão de conhecimentos e desenvolvimento de ferramentas que possam valorizar e dar visibilidade aos conhecimentos dos trabalhadores, integrando uma reflexão à luz da ergologia.

Os resultados do estudo revelam que há um conjunto de elementos, identificados pelos trabalhadores, e de forma contextualizada, que se relacionam com as suas condições de trabalho que contribuem para a forma como a aquisição e transmissão decorre no trabalho e que sustentam a percepção dos conhecimentos como um património individual e coletivo neste contexto, que deriva de renormalizações da atividade e da história que se constrói ao longo do tempo, contribuindo, ainda, para uma memória de trabalho que poderá permanecer no futuro da empresa.

Não obstante à pertinência dos resultados encontrados e à relevância do estudo para o enriquecimento científico sobre elementos que contribuem para a aquisição e transmissão de conhecimentos, para o debate e reflexão sobre o papel que os conhecimentos assumem nos contextos de trabalho, e para sustentar a definição e implementação de ações de transmissão de conhecimentos na empresa participante, considera-se que é ainda necessário aprofundar a pesquisa realizada, nas suas etapas seguintes (nomeadamente com entrevistas individuais aos trabalhadores e momentos de trabalho conjunto com a equipa de RH e trabalhadores), para, por um lado, aprofundar a reflexão sobre o

debate de valores subjacente ao papel da equipa RH de modo a expandir a compreensão dos conhecimentos como património, e, por outro lado, aprofundar e estabilizar aqueles que podem ser os ingredientes contextuais associados à aquisição de conhecimentos e tidos em conta na conceção de práticas de transmissão no contexto de trabalho.

## Referências Bibliográficas

- Cloutier, E., Fournier, P.-S., Ledoux, E., Gagnon, I., Beauvais, A., & Vincent-Genod, C. (2012). *La transmission des savoirs de métier et de prudence par les travailleurs expérimentés: comment soutenir cette approche dynamique de formation dans les milieux de travail*. Études et recherches, Rapport R-740.
- Durrive, L., & Schwartz, Y. (2008). Glossário da ergologia. *Laboreal*, 4(1), 23-38. <https://doi.org/10.4000/laboreal.11665>
- Eurostat (2012). *European Union Labour Force Survey: LFS ad hoc module 2012 – transition from work to retirement*. Luxembourg: European Comission.
- Lamari, M. (2010). Le Transfer intergénérationnel des connaissances tacites: les concepts utilisés et les évidences empiriques démontrées. *Télescope*, 16(1), 39-65.
- Oddone, I. (2007). Experiência. *Laboreal*, 3(1), 52-53. <https://doi.org/10.4000/laboreal.12973>
- OSHA (2016). *Guia eletrónico sobre “Envelhecimento e Trabalho”*. Retirado de [https://eguides.osha.europa.eu/all-ages/PT\\_pt/1-envelhecimento-e-trabalho-0](https://eguides.osha.europa.eu/all-ages/PT_pt/1-envelhecimento-e-trabalho-0)
- Ropes, D. (2011). Intergenerational learning in organisations – a research framework. In European Centre for the Development of Vocational Training (Cedefop), *Working and ageing: guidance and counselling for mature learners* (pp. 105-123). Luxembourg: Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2801/98836>
- Santos, M., & Lacomblez, M. (2007). Que fait la peur d'apprendre dans la zone prochaine de développement? *Activités*, 4(2), 16-29. <https://doi.org/10.4000/activites.1672>
- Schwartz, Y. (2003). Trabalho e saber. *Trabalho & Educação*, 12(1), 21-34.
- SymAlgo Techonologies (2018). Actograph®.

# Transformação digital no serviço público: qual o lugar da atividade e da experiência na conceção de desenvolvimento?

# Transformación digital en el servicio público: ¿qué lugar ocupan la actividad y la experiencia en la concepción del desarrollo?

# Transformation numérique dans le service public: quelle est la place de l'activité et de l'expérience dans la conception du développement?

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO  
CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO  
FACULDADE DE CIÉNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### **Sacha Pinheiro**

Instituto Nacional do Seguro Social, Brasil  
Rua Joaquim Pires de Lima, 84, apto 1202,  
CEP 50050-270, Recife/PE, Brasil  
sachapinheiro@gmail.com

### **Marta Santos**

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
da Universidade do Porto (FPCEUP), Centro de  
Psicologia da Universidade do Porto (CPUP)  
Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal  
marta@fpce.up.pt

### **Liliana Cunha**

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
da Universidade do Porto (FPCEUP), Centro de  
Psicologia da Universidade do Porto (CPUP)  
Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto,  
Portugallcunha@fpce.up.pt

### **Resumo**

O trabalho pretende articular o olhar da Ergologia na análise de um processo de transformação digital em uma instituição do serviço público brasileiro, o Instituto Nacional do Seguro Social - INSS. A digitalização propõe a substituição do atendimento presencial nas unidades do INSS pelo atendimento digital à distância, com implicações para a atividade dos analisadores de benefícios, responsáveis por assegurar a conformidade entre o direito do beneficiário e a prestação requerida. O estudo empírico conduzido partiu de análises do trabalho em momentos pré e pós digitalização, a partir de entrevistas e observações da atividade. Os resultados acrescentam argumentos sobre a necessidade de anclar a concepção da transformação tecnológica na atividade real dos operadores e alerta sobre os riscos de uma nova organização dos serviços conduzida nestas condições, associada a uma profunda reconfiguração na relação estabelecida com os cidadãos e, para estes, uma dificuldade acrescida no acesso e no reconhecimento dos seus direitos.

### **Palavras-chave**

digitalização, atividade de trabalho,  
ergologia, serviço público

### **Resumen**

Este trabajo pretende articular la perspectiva de la Ergología en el análisis de un proceso de transformación digital en una institución de servicio público brasileña, el Instituto Nacional de Seguridad Social - INSS. La digitalización propone la sustitución de la atención presencial en las unidades del INSS por la atención digital a distancia, con implicaciones en la actividad de los analizadores de prestaciones, encargados de garantizar la conformidad entre el derecho del beneficiario y la prestación requerida. El estudio empírico se basó en el análisis del trabajo antes y después de la digitalización, a partir de entrevistas y observaciones de la actividad. Los resultados añaden argumentos sobre la necesidad de anclar la concepción de la transformación tecnológica en la actividad real de los operadores y advierten de los riesgos de una nueva organización de los servicios realizada en estas condiciones, asociada a una profunda reconfiguración en la relación que se establece con los ciudadanos y, para ellos, una mayor dificultad de acceso y reconocimiento de sus derechos.

### **Palabras clave**

digitalización, actividad laboral,  
ergología, servicio público

## Résumé

Cet article vise à articuler la perspective de l'Ergologie dans l'analyse d'un processus de transformation numérique dans une institution de service public brésilienne, l'Institut National de la Sécurité Sociale - INSS. La numérisation propose de remplacer le service en face à face dans les unités de l'INSS par un service numérique à distance, avec des implications sur l'activité des agents-analystes, chargés de garantir la conformité entre le droit du bénéficiaire et la prestation requise. L'étude empirique s'est appuyée sur des analyses du travail avant et après la numérisation, sur la base d'entretiens et d'observations de l'activité. Les résultats ajoutent des arguments sur la nécessité d'ancrer la conception de la transformation technologique dans l'activité réelle des opérateurs et alertent sur les risques d'une nouvelle organisation des services menée dans ces conditions, associée à une reconfiguration profonde de la relation établie avec les citoyens et, pour eux, à une difficulté accrue d'accès et de reconnaissance de leurs droits.

## Mots clés

numérisation, activité professionnelle, ergologie, service public

## 1. Introdução

As reformas conduzidas na administração pública nas últimas décadas têm sido amplamente debatidas no sentido de se questionar a pertinência da transposição, para as organizações estatais, da lógica de funcionamento das empresas privadas. As dinâmicas relatadas mundo afora evidenciam os dilemas em torno da pretensão de se imprimir uma lógica gerencialista a qualquer organismo que transmita as missões de um Estado Social, sem consideração às especificidades e natureza da função pública (ANACT/ARACT, 2018; Azevedo & Souza, 2017). Argumenta-se que o predomínio da racionalidade quantitativa tem colocado em questão as formas de concretização do serviço público ao se perder a referência de seu objeto como “coisa pública”; de sua função de “servir” o público - o qual não se iguala a um “cliente”; e de seu resultado, que se relaciona à melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e o desenvolvimento social (Azevedo & Souza, 2017). Os debates evidenciam, assim, as tensões que têm atravessado o conceito de serviço público - seja questionando a legitimidade de sua existência, ou colocando em debate o modelo de *serviço público* que se tem construído para o futuro (ANACT/ARACT, 2018; Cunha, 2012). A digitalização integra este projeto de modernização da gestão pública, sendo associada diretamente à melhoria da

eficiência na prestação dos serviços. Sustentada no discurso gerencialista de simplificação e economicidade, as estratégias de concepção e implementação da transformação digital seguem uma abordagem tecnicista e *top-down*, com configurações pré-definidas (Béguin, 2007). Num processo conduzido em exterioridade à atividade concreta, não raro se evita a participação e a controvérsia, quando, por outro lado, seria necessário debate. Porque para assegurar as condições para que o Estado garanta aos cidadãos o reconhecimento dos seus direitos, é necessário que sejam preservados valores que não podem ser revistos segundo as leis do mercado (Cunha & Lacomblez, 2007; Schwartz, 2000). A abordagem ergológica traz contribuições fecundas no sentido de compreender as transformações em curso no serviço público. Em primeiro lugar, por elucidar as consequências do predomínio da lógica de mercado - associada aos valores quantitativos ou dimensionáveis - à lógica do interesse geral e do bem comum - expressa por valores ditos sem dimensão. Em segundo lugar, mas não menos importante, por permitir ir além desta perspectiva bipolar colocando em cena um terceiro polo - o polo da atividade industrial - associado às dramáticas gestorárias que se concretizam em debates de normas, em mobilização de valores, e em um enredamento de escolhas que caracterizam o agir humano em situação de trabalho (Azevedo & Souza, 2017; Schwartz & Durribe, 2015). Para a ergologia, este debate entre o mercado e a política, entre os valores mercantis e os valores do bem comum, se manifesta permanentemente em escala micro em todos os atos de trabalho, porque “é até no ínfimo de sua atividade que cada um dentre nós reavalia as normas antecedentes e retrabalha valores vindos de outro lugar. É também dali que emergem as reservas de alternativas, o fazer de outro modo” (Schwartz & Durribe, 2015, p. 389). Esta dinâmica de renormatizações, de retrabalho de valores, se revela como *dramáticas*, como usos que o trabalhador faz de si nas situações de trabalho. Contudo, estas *dramáticas dos usos de si* são geralmente desconhecidas ou desconsideradas por aqueles que estabelecem as prescrições. Dito de outro modo, a gestão que cada um faz de sua atividade não está diretamente visível, e não possui forma alguma de quantificação, não obstante esteja intrinsecamente ligada à eficácia e qualidade do trabalho (Schwartz & Durribe, 2015). Isto que resta invisível, esta dimensão enigmática da atividade representa tudo o que acontece entre as normas antecedentes - o que está do lado do protocolo - e tudo que é da ordem do inantecipável, aquilo que é preciso renormatizar. A atividade, nesta perspectiva, “é sempre de um lado a aplicação de um

protocolo e, de outro, um encontro de encontros a gerir” (Schwartz, 2010, p. 43), sendo necessário dar a si mesmo normas para responder ao aspecto não-standardizado das situações. Há, neste caso, “um postulado de convocação à experiência, pois se é preciso que cada um se dê normas para tratar o aspeto singular da situação, o faz com seu patrimônio, diremos, com *sua experiência*” (Schwartz, 2010, p. 43). Fala-se em saberes investidos para tratar dessa dimensão da experiência, que se diferencia do saber formal. Para Schwartz (2010), são saberes que ocorrem em aderência, em cipilaridade com a gestão das situações de trabalho, em que há fortemente apelo à pessoa, às suas histórias e à sua memória, aos seus valores, aos seus hábitos, ao seu corpo. Tudo isto “que faz com que a antiguidade possa ter valor” (Schwartz, 2010, p. 44).

Nosso objetivo neste artigo é convocar a abordagem ergológica para analisar um processo de transformação digital em uma organização do serviço público brasileiro, colocando em cena o polo das gestões investidas na atividade. Os resultados apontam os riscos para servidores e cidadãos de conceções de desenvolvimento que negligenciam os saberes investidos da experiência.

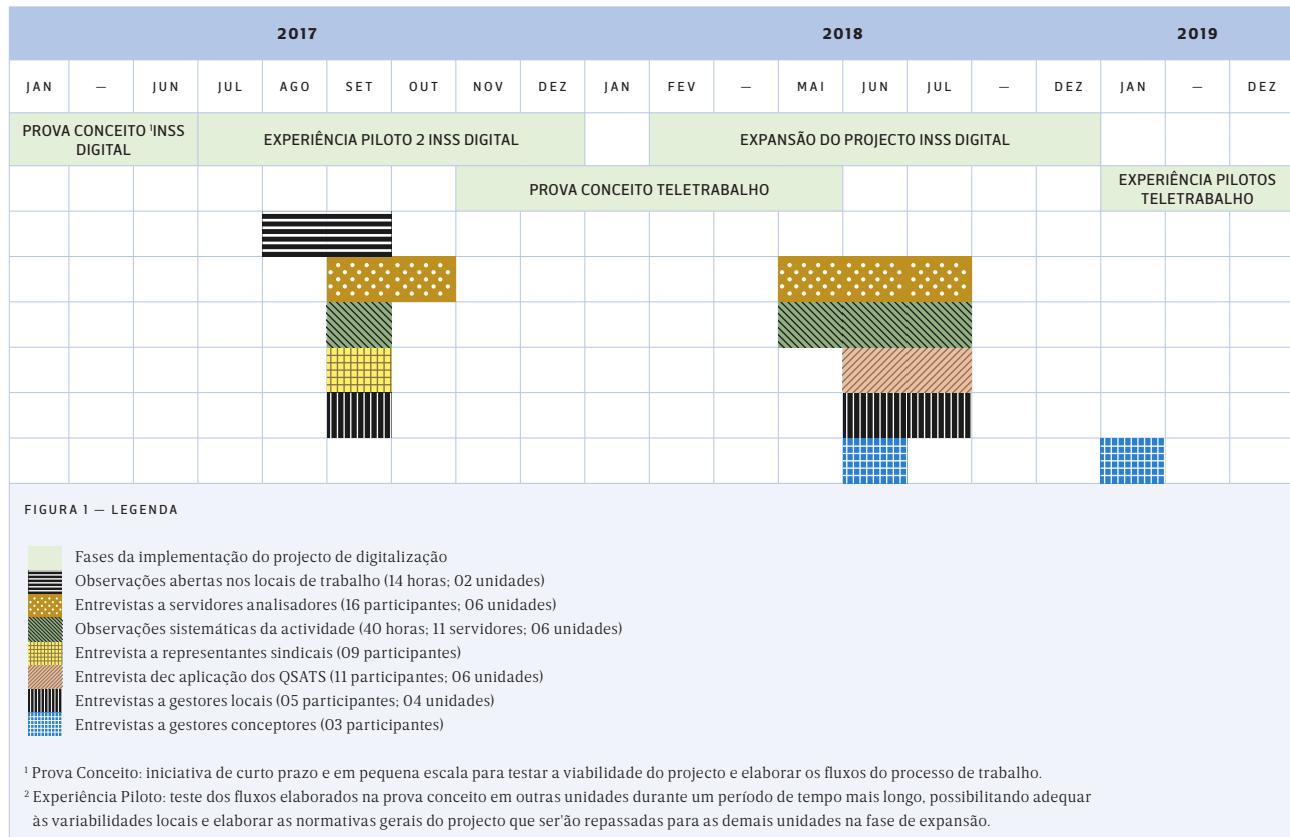
## 2. A transformação digital no INSS

O estudo<sup>[1]</sup> foi conduzido no Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, organização que, no Brasil, é responsável por avaliar, reconhecer e conceder benefícios aos segurados da Previdência Social, garantindo um subsídio ao contribuinte e sua família em situações de perda da capacidade para o trabalho (e.g., aposentadorias e pensões). A digitalização acompanha o processo de reforma gerencial que têm sido conduzido no INSS nos últimos anos, com foco na melhoria da eficiência e economicidade através de uma gestão por resultados e utilização de indicadores para mensuração da qualidade dos serviços. O *Projeto INSS Digital* propõe a substituição do atendimento presencial pelo atendimento digital à distância aos requerentes de benefícios previdenciários. As inovações se fazem sentir, especialmente, pelos servidores analisadores de benefícios, responsáveis por assegurar a conformidade entre o direito do beneficiário e a prestação requerida. Estes trabalhadores passam a realizar sua atividade em ambiente digital, sem o contato face a face com o requerente, e submetidos à avaliação por produtividade individual. Importa ressaltar que, como instituição pública, o INSS possui o objetivo de reconhecer e conhecer direitos; mas como seguradora, têm objetivos econômicos bem definidos, não se configurando, portanto, como um serviço prioritariamente social. Contudo, a essência do trabalho está

nas relações interpessoais com os segurados, o que faz com que os valores do bem comum, ao lado dos valores mercantis nos quais se baseiam as normas do trabalho, estejam sempre atravessando a atividade dos servidores de forma muito particular (Silva & Borges, 2017). Os objetivos do estudo foram delineados no quadro de uma percepção partilhada pelos gestores de um comportamento de “resistência à mudança” por parte dos analisadores com dificuldade em se adaptar ao novo modelo de trabalho; que, por seu lado, alegavam dificuldade em atender às metas e assegurar a qualidade do serviço. A questão subjacente ao estudo foi, portanto, a de saber em que medida as mudanças vêm facilitar ou, ao contrário, entravam a realização de um trabalho bem feito, tal como conceituado pelos próprios servidores. O estudo de terreno foi conduzido entre os anos de 2017 e 2019. No primeiro ano, o projeto de digitalização estava em fase inicial de implementação, através de projeto piloto, e as análises da atividade foram realizadas ainda em contexto de atendimento presencial nas unidades do INSS. Em 2018, quando da expansão do projeto para toda a organização, acompanhamos a atividade dos servidores já em ambiente digital. O quadro abaixo sintetiza as etapas do estudo em paralelo com a história do projeto de digitalização.

## 3. O dilema da qualidade do trabalho: constrangimentos à produção da melhor resposta

A negação do conflito sobre a qualidade do trabalho, como argumenta Clot (2010), figura como questão-chave das mudanças que vêm se processando no mundo do trabalho. É também o que parece estar na base das reformas do serviço público, e que foi evidenciado pelo estudo de terreno conduzido no INSS – no âmbito de um projeto de desenvolvimento que acaba por ameaçar a preservação dos interesses comuns, os quais, ao contrário, deveriam fundamentar o trabalho no campo da gestão pública. Se, por um lado, as estratégias de conceção do projeto de digitalização do INSS indicavam a *celeridade no atendimento* ao cidadão como dimensão prioritária associada à qualidade do serviço; para os analisadores, o trabalho bem feito envolvia, para além de dar a resposta *correta e célere*, ser capaz de *dar a melhor resposta* possível face às situações sempre singulares dos segurados. A produção desta melhor resposta, pelo que pudemos identificar, dependia de alguns fatores principais: (1) tempo para analisar adequadamente os processos; (2) relação com o coletivo profissional; (3) domínio das ferramentas digitais; e (4) relação face a face com os beneficiários. Como pudemos perceber, a análise de benefícios é uma atividade



complexa, que requer conhecimentos técnicos específicos, demandando o domínio de diferentes legislações e sistemas, mas cuja competência é desenvolvida fundamentalmente pela experiência e na relação com o coletivo. De fato, não se trata de uma atividade fácil de formalizar, tendo em vista: a variedade de benefícios existentes, e que envolvem conhecimentos diversos; as atualizações recorrentes no quadro legal; e as singularidades de cada requerimento, sempre a confrontar os trabalhadores com a necessidade de convocar outros saberes para validar sua decisão.

Já em cenário de atendimento presencial os servidores relatavam que o tempo prescrito para o atendimento de cada tipo de requerimento era muitas vezes insuficiente face à complexidade e variabilidade das situações. Neste contexto, o coletivo tinha papel fundamental para a qualidade das análises, não apenas pelo suporte técnico e a possibilidade de debater sobre o trabalho, fazendo evoluir a experiência; mas pela reelaboração das normas oficiais e compartilhamento de valores que serviam de referência para a gestão individual do trabalho. Acordos validados entre os coletivos autorizavam, por exemplo, o registro antecipado do fim do atendimento no sistema de gestão, mesmo que a análise processual não tivesse sido finalizada, contrariamente ao prescrito<sup>[2]</sup>. Isto permitia que os servidores

cumprissem o tempo máximo de duração do atendimento e concluíssem a análise em momento posterior, normalmente ao final do expediente. Deste modo era possível dedicar mais tempo à análise, possibilitando explorar as melhores alternativas. Os extratos de narrativas a seguir são exemplificativos deste esforço em produzir a melhor resposta para o beneficiário:

*Pesquisadora - este processo você está deixando para analisar quando?*

*Servidora - quando eu tiver mais paciência, entendeu?*

*Pesquisadora - por que precisa de uma análise mais apurada, é isso?*

*Servidora - mais detalhada... mesmo que eu saiba que não tem jeito, mas quem sabe posso achar uma brecha (analisadora, 62 anos, 44 anos de serviço).*

*Tem processos que você passa duas horas tentando, olhando, mexendo, fazendo uma coisa, fazendo outra, para tentar ver se concede. Às vezes a pessoa dá entrada em um tipo de benefício quando na verdade é outro, ou você vê que na verdade o mais vantajoso para ela era outro benefício, então isso é uma coisa que demanda tempo (analisadora, 61 anos, 37 anos de serviço).*

A individualização do trabalho a partir do projeto de digitalização, quando se passou a ter como referência o alcance de resultados individuais, transformou a relação com o coletivo profissional, com impacto decisivo em uma dimensão das normas antecedentes do trabalho do analisador<sup>[3]</sup>. Em contexto de trabalho presencial nas unidades de atendimento, como vimos, a reorganização da prescrição do trabalho pelo coletivo enriquecia as normas antecedentes definindo a fronteira entre o que era ou não aceitável. Isto dava referências e meios para que os trabalhadores, individualmente, pudessesem fazer suas decisões, diminuindo o conflito que emergia face a objetivos muitas vezes inconciliáveis. O que acontece, a partir da digitalização, é que os analisadores passam a responder sozinhos às tensões da organização do trabalho, sem o suporte do coletivo profissional com o qual se negociavam estratégias, se reelaboravam normas, e se compartilhavam os custos psicológicos e éticos das decisões tomadas. Ademais, a aceleração dos ritmos de trabalho para cumprimento das metas individuais de produção passou a constranger o tempo para a autoformação e os intercâmbios entre os servidores, fundamentais para a qualidade da análise. Este constrangimento era ainda maior para os servidores com pouco domínio das ferramentas digitais. Como pudemos observar, quanto maior o domínio da tecnologia, mais ampla margem de manobra tinha o analisador para equilibrar as exigências de celeridade na conclusão dos processos e qualidade das análises. Isto porque as competências digitais permitiam fazer melhor uso dos recursos para simplificar as tarefas secundárias, resguardando mais tempo para aprofundar o tratamento dos casos. Os extratos abaixo, destacados das narrativas de dois servidores, reforçam a importância desta competência.

*A gente pensa que é besteira, mas esses macetes ao longo do dia, em diversos benefícios, dá quase uma hora de economia*” (analisador, 31 anos, 06 anos de serviço).

*Nem todo servidor está acostumado com tecnologias como a gente tem que fazer no digital. (...) É outra forma de você também ficar perdido ali... isso aconteceu muito comigo no início. Como é que eu vou passar pra outra tela? Aí aquele íconezinho que eles orientaram, você tem que pedir a impressão ali naquele ícone, então ele não me aparecia, como é que eu vou fazer pra ele aparecer? Então eu tinha que tá atrás de*

*uma pessoa que me ajudasse, que conhecesse mais da tecnologia, então isso penalizou muito* (analisadora, 61 anos, 37 anos de serviço).

Destacamos, por fim, o encontro face a face com o requerente como um espaço de arbitragens, de convocação da experiência para a construção da *melhor resposta*. Em contexto de atendimento presencial os servidores iam além do prescrito, levantando informações de forma imediata junto ao requerente para, a partir da contextualização da demanda, serem capazes de identificar necessidades que ultrapassavam o requerimento formalizado e, sempre que possível, antecipar ações para atendê-las. Ao identificar, por exemplo, que o requerente não cumpria os requisitos para o recebimento da aposentadoria por tempo especial solicitada<sup>[4]</sup>, mas que teria direito à aposentadoria por tempo de contribuição<sup>[5]</sup>, o servidor não se restringia a indeferir o pedido, mas se preocupava em orientar o beneficiário a alterar o requerimento inicial. Ou, ainda, ao calcular o valor devido de uma aposentadoria por tempo de contribuição, o servidor confirmava com o beneficiário o interesse em manter o requerimento, antecipando-se a uma possível desistência. Acontece que, a partir da digitalização, a mediação da relação com o beneficiário por meio de sistema técnico passou a dificultar a contextualização da demanda (o analisador tinha acesso apenas ao que era possível de ser formalizado na plataforma digital) e o retorno das informações ao requerente (a comunicação era limitada ao que se conseguia traduzir em linguagem escrita, sem garantia de compreensão por parte do beneficiário). O contato telefônico com o segurado passou a ser realizado como uma tentativa de resguardar esta dimensão da qualidade do serviço, se bem que cada vez mais limitado quanto maiores eram os constrangimentos temporais aos quais os analisadores estavam submetidos. O extrato a seguir é representativo dos debates de valores que atravessavam a atividade dos analisadores, e dos compromissos e arbitragens que realizavam para equilibrar as exigências institucionais com as necessidades dos beneficiários:

*Eu entro em contato com o segurado quando eu vejo que é uma aposentadoria por tempo pelo fator<sup>[6]</sup>. Eu faço uma simulação, “olha, deu tanto, você vai querer mesmo? Se você não quiser, vá desistir”. (...) Porque é extremamente cruel, você faz uma aposentadoria de um professor, o cara ganha seis mil hoje, vai ficar ganhando mil reais! Você não vai dizer pro cara? Tudo*

*bem que ele pode desistir depois, quando ele receber, mas aí é outro processo, pra ele e pro INSS (analisadora, 43 anos, 14 anos de serviço).*

**4. O que já não é possível fazer em ambiente digital: consequências para servidores e cidadãos**  
 Trazer para o campo de debates o polo das gestões investidas na atividade permitiu evidenciar o que os processos de digitalização são suscetíveis de não mais permitir, e as consequências, para servidores e cidadãos, quando são assumidas opções estratégicas que priorizam os valores de mercado sobre os valores sem dimensão - os quais deveriam balizar o trabalho no campo da gestão pública. Ficou evidente, a partir do estudo de terreno conduzido no INSS, o papel dos servidores e a mobilização de si na construção da qualidade do serviço prestado. Estes trabalhadores convocavam, a todo momento, os saberes investidos da experiência para renormatizar os protocolos e construir alternativas face à singularidade de cada situação.

De fato, era no campo das reservas de alternativas, do fazer de outro modo, que os servidores conseguiam realizar um trabalho bem feito através da produção da *melhor resposta* possível - associada à possibilidade de informar os cidadãos sobre os seus direitos; prestar-lhes as orientações necessárias para que o processo fossem bem instruído e mais rapidamente concluído; antecipar-lhes situações mais vantajosas e auxiliá-los para que tomassem decisões conscientes. A experiência, consolidada em um patrimônio individual e coletivo, enriquecia o repertório de alternativas possíveis para responder ao não-standardizado das situações e assegurar a produção desta melhor resposta. O que percebemos a partir da implementação da digitalização foi o estreitamento deste campo de reservas de alternativas, na medida em que as opções assumidas acabaram por tornar mais prescritivo o trabalho, limitando as possibilidades dos analisadores de mobilizarem sua experiência para assegurar a qualidade do serviço. Neste contexto, a experiência técnica na análise de benefícios, desenvolvida ao longo de todo um percurso profissional, progressivamente perde valor face à importância das competências digitais - as quais asseguram a agilidade na realização das tarefas e o alcance dos resultados institucionais, essencialmente quantitativos. Como consequências esperadas: o processo de exclusão de trabalhadores com pouco domínio da linguagem digital, e a perda de saber-fazer para a organização quando sua experiência técnica não consegue ser mobilizada. As transformações anunciam, assim, duas marginalizações: dos servidores, que têm cada vez

mais dificuldade em contribuir para a qualidade do trabalho e não mais se reconhecem em sua missão; e dos cidadãos, sobre os quais em última instância recaem os custos da perda real da qualidade dos serviços, e que têm cada vez mais dificuldade em ver reconhecidos os seus direitos. As opções, por outro lado, poderiam combinar o que os avanços tecnológicos permitem com o valor acrescido dos saberes investidos dos operadores, assegurando condições que preservem os valores não dimensionáveis tecidos na atividade e que contribuam efetivamente para o desenvolvimento da experiência.

### Referências Bibliográficas

- ANACT/ARACT (2018). Les transformations du travail dans la fonction publique: expérimentations et perspectives de développement. *La revue des conditions de travail*, 8.
- Azevedo, N. D., & Souza, L. G. (2017). Um olhar ergológico sobre os limites da vertente gerencialista na administração pública e suas implicações na atividade de trabalho. *Ergologia*, 18, 53–79.
- Béguin, P. (2007). Prendre en compte l'activité de travail pour concevoir. *Activités*, 4(2), 107–114. <https://doi.org/10.4000/activites.1719>
- Clot, Y. (2010). *Le travail à cœur: pour en finir avec les risques psychosociaux*. Paris: La Découverte.
- Cunha, L. (2012). *Mobilidades, territórios e serviço público: debates sobre o interesse colectivo à margem do paradigma de uma sociedade móvel* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Cunha, L., & Lacomblez, M. (2007). Marché et régulation de l'intérêt général dans le secteur du transport routier de passagers: un débat rénové par l'activité des conducteurs. *Activités*, 4(1), 133–140. <https://doi.org/10.4000/activites.1442>
- Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Octarès.
- Schwartz, Y. (2010). A experiência é formadora? *Educação & Realidade*, 35(1), 35–48.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2015). *Trabalho e Ergologia II: Diálogos sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Silva, E., & Borges, M. (2017). Os valores envolvidos no trabalho: uma pesquisa com servidores de uma agência da previdência social. *Ergologia*, 17, 79–102.

## Notas

[1] O estudo integrou tese de doutoramento concluído em 2020 na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

[2] Para cada tipo de requerimento, estava previsto um tempo máximo de duração do atendimento ao beneficiário, controlado por registro feito pelo próprio servidor do horário de início e fim do atendimento em sistema de monitoramento. A prescrição oficial era que o processo fosse inteiramente analisado e concluído até o fim deste tempo. O tempo médio de atendimento era um dos indicadores de qualidade do trabalho prestado pela unidade, sendo fundamental uma atenção rigorosa por parte dos analisadores.

[3] Antes da digitalização, a avaliação do trabalho era feita por meio do monitoramento dos resultados da unidade de atendimento como um todo, o que favorecia a construção de estratégias coletivas para alcançar as metas fixadas.

[4] Benefício concedido ao trabalhador exposto a agentes nocivos à saúde, de forma contínua e ininterrupta, em níveis de exposição acima dos limites estabelecidos por lei.

[5] Benefício devido ao cidadão que comprovar tempo mínimo de contribuição definido por lei.

[6] A servidora faz referência ao fator previdenciário, aplicado para as aposentadorias por tempo de contribuição para o cálculo do valor do subsídio, considerando a expectativa de sobrevida, o tempo de contribuição e a idade no momento da aposentadoria.

# A transposição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial: dramáticas de uso de si do professor sob o enfoque ergo-dialógico.

## La trasposición de la enseñanza presencial a la enseñanza remota de emergencia: dramática de uso de sí del maestro/profesor desde el enfoque ergodialógico.

### Le passage de l'enseignement présentiel à l'enseignement distanciel d'urgence: dramatiques d'usage de soi de l'enseignant du point de vue ergo-dialogique.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO FACULDADE DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie 

### Márcia Cristina Voges

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)  
Rua Faria Santos, 589/301 – Porto Alegre (RS) – CEP: 90670-150  
marcia.voges@edu.pucrs.br

### Maria da Glória Di Fanti

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)  
Rua Regina Mundi, 135 – São Leopoldo (RS) – CEP: 93020-280  
gloria.difanti@pucrs.br

### Resumo

Com vistas a problematizar as dramáticas de uso de si do professor na transposição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial, esta reflexão tem como objetivo apresentar as ideias iniciais de uma investigação que visa verificar o impacto provocado pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19) na atividade de trabalho docente. No que tange ao referencial teórico, esta reflexão parte dos estudos da perspectiva dialógica da linguagem (Bakhtin, 2017; Volóchinov, 2017) e estabelece interlocução com a abordagem ergológica (Schwartz, 2006, 2014, 2016), focalizando a atividade docente por meio dos discursos que emergem do espaço de fala criado em situação de entrevista. Entende-se que o processo de transposição da prática docente presencial para um ambiente de virtualidade pode ser estudado a partir das construções dialógicas sobre o trabalho de ensinar que, na verbalização, refletem e refratam reelaborações e ressignificações laborais.

### Palavras-chave

atividade docente, ensino remoto emergencial, dramáticas de uso de si, Círculo de Bakhtin, ergologia

### Resumen

Con el objetivo de problematizar las dramáticas de uso de sí del maestro/profesor en la trasposición de la enseñanza presencial a la enseñanza remota de emergencia, en este artículo se presentan las ideas iniciales de una investigación que busca verificar el impacto provocado por la pandemia del nuevo coronavirus (Covid-19) en la actividad de trabajo docente. En lo que concierne al marco teórico, esta reflexión parte de los estudios de la perspectiva dialógica del lenguaje (Bakhtin, 2017; Volóchinov, 2017) y establece interlocución con el abordaje ergológico (Schwartz, 2006, 2014, 2016), enfocando la actividad docente por medio de los discursos que emergen del espacio de habla creado en situación de entrevista. Se entiende que el proceso de trasposición de la práctica docente presencial a un ambiente de virtualidad se puede estudiar a partir de las construcciones dialógicas sobre el trabajo de enseñar, que, en la verbalización, reflejan y refractan reelaboraciones y ressignificaciones laborales.

### Palabras clave

actividad docente, enseñanza remota de emergencia, dramáticas de uso de sí, Círculo de Bakhtin, ergología

## Résumé

Dans le but de problématiser les dramatiques d'usage de soi de l'enseignant dans le passage de l'enseignement présentiel à l'enseignement distanciel d'urgence, ce travail présente les premières réflexions concernant l'impact de la pandémie du nouveau coronavirus (Covid-19) sur le travail enseignant. Avec pour référentiel théorique la perspective dialogique du langage (Bakhtine, 2017; Volochinov, 2017) en lien avec l'approche ergologique (Schwartz, 2006, 2014, 2016), l'accent est mis sur le travail enseignant par le biais des discours qui émergent de l'espace de parole créé en situation d'entretien. Il s'agit de démontrer que le processus de passage de la pratique enseignante présente à un environnement virtuel peut être étudié à partir des constructions dialogiques sur l'activité enseignante qui, dans la verbalisation, reflètent et réfractent des réélaborations et des resignifications professionnelles.

## Mots clés

activité enseignante, enseignement distanciel d'urgence, dramatiques d'usage de soi, Cercle de Bakhtine, ergologie

### 1. Considerações iniciais

A formação profissional presencial de professores para a educação básica e superior no Brasil vem ocupando, no decorrer dos anos, um cenário de mudanças quanto aos alunos que buscam na docência uma profissão. O cenário de aderência a cursos de formação docente em educação a distância (EaD), de um lado, contribui para a ampliação do número de profissionais para o exercício da profissão e, por outro, incide sobre uma das possíveis razões do esvaziamento das salas de aulas dos cursos de licenciatura presenciais. Segundo esse cenário, temos observado a tendência de os cursos presenciais na área de formação de professores, em especial nas instituições particulares, serem oferecidos, ainda que em parte, na modalidade de educação a distância, pressupondo, desse modo, uma mudança no perfil de professores em relação à sua prática.

A relação entre a formação em EaD e a prática docente presencial suscitou nossos primeiros questionamentos de pesquisa ao ingressar no doutorado na área de Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). No entanto, ao sermos surpreendidas com os desafios impostos ao professor com a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), reavaliamos nossos questionamentos e propusemos uma investigação em outra direção, alinhada às exigências da contemporaneidade. Por conseguinte, com a reorientação da pesquisa, pas-

samos a questionar os impasses e impactos enfrentados pelo professor que atua no ensino presencial e que teve de assumir o ensino remoto emergencial (ERE), o que impulsionou o estudo das dramáticas de usos de si por si e pelos outros na atividade de trabalho em ERE. Se ensinar, como entende Tardif (2017, p. 21), “é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho”, como essa dinâmica se estabelece frente aos desafios que se impõem com o ERE?

A partir desse cenário, investimos na investigação das ressignificações e renormalizações do professor que, de um momento para outro, teve sua prática laboral modificada. Com as mudanças, o professor, em sua nova rotina, passou a não só ter de conviver com tecnologias pouco conhecidas mas também abarcar a criação de situações criativas e motivadoras em aula remota. Como enriquecer a aprendizagem, criar um espaço interativo para não quebrar o vínculo e não perder a qualidade do que já vinha apresentando em aula presencial, mantendo o aluno conectado ao professor e ao ambiente escolar? Questões desafiadoras como essa passaram a integrar a atividade de trabalho do professor, instigando a observação das dramáticas de uso de si. Para Schwartz (2014, p. 261), o “uso de si é uma imposição contínua [das] microescólicas permanentes, e disso surge a expressão do trabalho como dramática do uso de si”, o que remete à situação focalizada, em que o exercício profissional desempenhado em ensino remoto pode apresentar elementos que contribuem para um maior (re)conhecimento de si frente ao exercício docente mediado por tecnologias, bem como possíveis transformações nas práticas profissionais, visando a um novo cenário para a educação após as práticas vivenciadas em contexto pandêmico.

Assim, este estudo ganha ênfase ao atrelar-se ao contexto da educação nacional brasileira realizada via ensino remoto emergencial. Tendo em vista que, pelo eminentíssimo risco de contágio pela Covid-19 e, de acordo com as prescrições legais, em 29 de maio de 2020, nos termos do artigo 2º da Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995 (Brasil, 1995), o Ministro da Educação homologou o Parecer CNE/CP nº 5/2020, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que aprovou orientações visando “à reorganização do calendário escolar e à possibilidade de cômputo de atividades não presenciais, para fins de cumprimento da carga horária mínima anual” (MEC, 2020, s.p.) de escolas públicas e privadas e ensino superior<sup>[1]</sup>.

Diante do contexto epidemiológico mundial que isolou em casa alunos e professores e que exigiu mudanças no ensino, esta reflexão tem como objetivo apresentar as ponderações iniciais de uma pesquisa de doutoramento

que visa investigar o impacto provocado pela pandemia provocada pela Sars-CoV-2, causador da Covid-19, na atividade de trabalho do professor da educação básica pública, com vistas a problematizar as dramáticas de uso de si na transposição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial. Para tanto, como referencial teórico, esta investigação parte dos estudos da perspectiva dialógica da linguagem (Bakhtin, 2017; Volóchinov, 2017) e estabelece interlocução com a abordagem ergológica (Schwartz, 2006, 2014, 2016), instaurando uma prática ergo-dialógica. Nessa dinâmica, dá-se vazão a um estudo maior relativo à atividade industriosa do professor presencial em situação de ensino remoto emergencial. A pesquisa prevê entrevistas com os docentes participantes da investigação que verbalizarão sobre o trabalho de ensinar, proporcionando a observação de reflexos e reações relativos às exigências do corpo-si e do debate de normas e valores implicados na mudança das práticas laborais que afetaram o cotidiano escolar.

## **2. Linguagem e trabalho: por uma interface ergo-dialógica**

A preocupação da teoria bakhtiniana com a constitutiva relação entre língua e vida alicerça interfaces entre diferentes áreas do conhecimento. Na presente investigação, buscamos o diálogo com a abordagem ergológica, que, considerando o viés antropológico de sua proposta, pressupõe “pesquisas de interfaces com numerosas disciplinas” (Schwartz, 2016, p. 255), como é caso das ciências da linguagem, dentre outras (ergonomia, psicanálise etc.), para tratar da atividade humana de trabalho.

Sob a perspectiva dos estudos bakhtinianos, todo enunciado relaciona-se com o passado e o futuro, pois é, ao mesmo tempo, uma resposta ao já dito e uma antecipação de dizeres (Bakhtin, 2017). Nesse processo, o enunciado advém de interlocutores passados, sendo ressignificado (em seus valores) para se dirigir a novo(s) destinatário(s), projetados pelo falante. Essa movimentação dialógica forma uma cadeia complexa de infinitas e heterogêneas interações sociais que se apresentam como espaços constitutivos das relações entre os sujeitos. Os estudos sob o ponto de vista dialógico da linguagem voltam-se para a atividade ativa, singular e axiológica do sujeito, na interdependente relação com o outro, posto que, para Bakhtin e o Círculo, importa a língua em uso enquanto comunicação discursiva entre sujeitos concretos situados histórico-socialmente<sup>[2]</sup>.

Desse modo, essa perspectiva considera os enunciados, verbais e não verbais, em sua constituição dialógica e ideológica, observáveis via signos ideológicos. Segundo Volóchinov (2017, p. 111), “somente aquilo que adquiriu

um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se” como signo ideológico. Por conseguinte, a palavra é um signo ideológico por excelência, uma vez que há nela ênfases sociais multiacentradas que “se confrontam e entram em embate. Uma palavra no lábio de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (Volóchinov, 2017, p. 140), a palavra como signo vivo está sempre prenhe de sentido e valor nas interações. O signo ideológico pode gerar uma multiplicidade de outros signos, sendo “tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa” (Volóchinov, 2017, p. 94).

Nessa dinâmica, cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de refletir (descrever) e refratar (interpretar) a realidade nas interações sociais. Assim, partindo dessa perspectiva, entende-se que “a palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana”, que formam os enunciados e os sentidos que deles emergem.

A consciência individual, seguindo Volóchinov (2017), está impregnada de signos ideológicos, produto da interação entre diferentes consciências dentro de uma coletividade. O sujeito, desse modo, é dialógico, marcado pela responsividade e constituído por múltiplas vozes sociais: “um agitado balão de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques (...) o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; e em permanente movimento” (Faraco, 2009, p. 84).

Tendo em vista a perspectiva dialógica, consideramos a sua produtividade para a análise dos enunciados advindos das entrevistas com os professores sobre o trabalho no ensino remoto emergencial. Ao aproximarmos à abordagem ergológica, enfatizamos a natureza da atividade da linguagem e a de trabalho: “assim como a atividade de linguagem é opaca, não transparente, a atividade de trabalho também o é, já que se configura como uma *alquimia indefinida*, um espaço em que circulam diferentes histórias, valores e saberes” (Di Fanti, 2012, p. 317). Nesse sentido, essa aproximação considera a complexidade da atividade humana e a necessidade de se debruçar sobre ela para conhecê-la e, na medida do possível, contribuir para sua transformação. No que tange à situação de trabalho, reconhecemos, seguindo a ergologia, como um espaço singular que acumula historicidade dos trabalhadores em diversos níveis, o que, além de dar dinamicidade à atividade laboral, revela um ser industrioso, complexo, inserido em

um contexto laboral único, saturado de normas antecedentes, que exigem renegociações permanentes. Na dialética entre sedimentações históricas e situações inusitadas, observa-se o humano como ser de atividade: “um ser em permanente debate de normas (renegociações) com seu meio de vida, para tentar – atualizar essas normas, sempre editadas em uma relativa intemporalidade, – e as personalizar”, já que essas normas “se estabilizaram fora de toda consideração de sua singularidade como ser vivo” (Schwartz, 2016, p. 254). Tais reflexões remetem, por um lado, à importância das normas antecedentes (desde as mais próximas às mais distantes), sempre renormalizadas, e, por outro, à dificuldade do desenvolvimento do trabalho quando carece de normas antecedentes, o que parece ter desafiado a prática dos professores em ERE diante da pandemia da Covid-19. Ao passar do regime presencial para o remoto emergencial, o docente se deparou com normas que não estavam no seu horizonte cotidiano, o que exigiu muitos usos de si. As normas antecedentes, como observa Schwartz (2016, p. 254), remetem a um ser humano enigmático em negociação permanente com as normas, que “revela dramáticas de uso de um corpo-si”. O corpo-si comporta todas as facetas do trabalhador, como o corpo biológico, a consciência, o inconsciente etc., trazendo à tona o debate de normas e valores em sua concretude. Nesse cenário, esta pesquisa entende que o trabalhador ao vivenciar novas rotinas que lhe são impostas, não se afasta da historicidade já exercida pela prática laboral, mas (re)organiza e (trans)forma os novos saberes diante das novas exigências. Esse trabalhador, ao se apropriar das novas práticas que passam a reger a atividade laboral, não escapa de vivenciar impasses que convocam diferentes dramáticas de si. De acordo com Schwartz (2014, p. 263), no debate entre o uso de si por si e o uso de si por outros, a inevitável arbitragem e, portanto, a presença de valores possibilitam as escolhas, as resultantes das dramáticas em termos de recentramentos, renormalizações, próprias do ser humano. Dessa maneira, um sujeito que esteja exposto continuamente às ferramentas inerentes ao seu trabalho faz com que nos atentemos para o corpo-si e para a discussão, avaliação e ressignificação das normas e de valores implicados na etimologia da determinada profissão.

Diante do exposto, entendemos nesta pesquisa que as atividades educacionais em ERE que se sobressaem via acesso tecnológico conferem novos modos e meios de ensinar, por conseguinte desafiam ajustes de si (professor) e do outro (aluno). Segundo tal ponto de vista, esse novo tempo-espacó que se apresenta para o professor oportuniza a ele renormalizar-se dentro de suas singu-

laridades e, ao mesmo tempo, convoca reflexões sobre a prática docente, constituída pelas dramáticas de uso do corpo-si, pelo debate de normas e valores e pela tensão entre o visível e o invisível.

A atividade de trabalho em foco, desse modo, possibilita que o sujeito vislumbre aspectos da inter-relação entre normas e renormalizações dentro das suas singularidades e vivências como sujeito trabalhador. Nesse sentido, a transposição do trabalho do professor para o ERE poderá ser entendido como um processo de profunda interlocução entre saberes em aderência (investidos) e em desaderência (instituídos), pois, na exigência de um esforço sobrecomum de si para organizar da melhor maneira as suas atividades laborais, há uma constante busca de ajustamento do uso de si por si e pelo outro. Considerando a aproximação entre a perspectiva dialógica da linguagem e a abordagem ergológica do trabalho, passemos à reflexão sobre os procedimentos metodológicos pensados para a investigação.

### **3. A pesquisa em foco**

Para os procedimentos metodológicos, consideramos os saberes teóricos e práticos dos professores, de modo a estabelecer critérios para a seleção dos sujeitos de pesquisa em situação de ensino remoto emergencial: (i) ser professor de Língua Portuguesa na educação básica em instituição pública; (ii) lecionar disciplinas de etapas fronteiriças: sexto ano, nono ano e primeiro ano do ensino médio; (iii) ter vivenciado efetivamente a docência de Língua Portuguesa em situação de isolamento social. O primeiro contato com professores que atendiam as premissas supracitadas foi de cunho informal, o qual suscitou uma intensa motivação em querer verbalizar as experiências vividas no período de isolamento social. Dos seis professores de Língua Portuguesa contatados, selecionamos três para a pesquisa, tendo como critério o maior tempo de exercício no magistério.

Planejamos desenvolver o estudo em três etapas: (i) análise de documentos/pareceres e normas técnicas emitidas por órgãos oficiais no período de integralização do ensino remoto emergencial; (ii) análise de documentos que regimentam e direcionam a prática docente dentro de políticas educacionais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e finalmente, (iii) entrevista com os três professores de Língua Portuguesa de escolas estaduais do município de Porto Alegre, RS, Brasil. Ressalta-se que a terceira etapa, constituída pelas entrevistas, tem o intuito de analisar acentos axiológicos que remetem às dramáticas de uso de si em razão da transposição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial e todas as suas implicações, seja no

uso das tecnologias e na adaptação ao novo formato de ensino, seja nos desafios pessoais e/ou impostos pelas instituições educacionais e sanitárias. As entrevistas serão realizadas individualmente e, sob uma perspectiva discursiva, são entendidas como uma “nova situação de enunciação que reúne entrevistador e entrevistado, situada num certo tempo, num espaço determinado, revestida de um certo ethos, com objetivos e expectativas particulares” (Rocha, Daher, & SantAnna, 2004, p. 174). Logo, as entrevistas proporcionam o desenvolvimento acerca das questões apresentadas, visto que oportunizam situações de interação com o pesquisador, um outro na arquitetônica valorativa concreta, e abrem um espaço privilegiado para questionamentos e ressignificações sobre a atividade de trabalho.

Diante disso, buscamos com a pesquisa, conforme a abordagem ergológica em interlocução com a perspectiva dialógica, conhecer aspectos da atividade industrial dos professores, que “envolve arbitragens, debates, imersos num mundo social em que a comunidade de destino é sempre eminentemente problemática, em permanente reconstrução” (Schwartz, 2014, p. 261), o que nos leva a discorrer sobre as dramáticas de uso de si nas etapas fronteiriças do ensino básico no modelo de ERE. Sendo esta pesquisa ainda embrionária, é importante ressaltar que o projeto será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUCRS, primando pelo total consentimento dos participantes do trabalho, bem como pela máxima responsabilidade aos princípios éticos para a concretização da investigação.

#### **4. Algumas considerações**

A reflexão apresentada buscou, via enfoque ergo-dialógico, discorrer sobre as ideias iniciais de um projeto de pesquisa em elaboração que visa investigar o impacto provocado pela pandemia da Covid-19 na atividade de trabalho do professor da educação básica pública, com vistas a problematizar as dramáticas de uso de si na transposição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial.

A motivação da investigação deve-se ao fato de os professores que atuavam em escolas essencialmente presenciais serem surpreendidos, em março de 2020, com a exigência de migrarem para o ERE sem qualquer possibilidade de questionamento, já que o contexto epidêmico exigia o isolamento das pessoas a fim de não estimularem o contágio e disseminação do novo coronavírus. Embora os professores tivessem a oportunidade de ampliar as suas habilidades junto às tecnologias, vivenciaram esforços pessoais e embates profissionais e sociais sem medidas, suscitando desgastes físicos e

emocionais num constante investimento de si e reinvenção da própria prática docente.

Com o contexto da pandemia, novos desafios se desenharam para diferentes atividades laborais. Nesse sentido, novas questões foram formuladas e ainda exigem um olhar atento para novas reformulações pelos pesquisadores que se dedicam à interface linguagem e trabalho. No nosso caso, esperamos ampliar e aprofundar a reflexão para podermos colaborar com essa parcela de trabalhadores da educação, que, além de terem de vivenciar os diferentes problemas próprios do exercício da profissão em escola pública, têm de enfrentar com todo seu corpo-si os desafios impostos pelo ERE. Esperamos, assim, contribuir para possível transformação da prática laboral docente, seja no sentido de entendê-la em sua complexidade no contexto local em relação ao geral, seja no modo de socializar as reflexões para possíveis avaliações e engajamentos.

#### **Referências Bibliográficas**

- Bakhtin, M. (2017). *Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra*. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Di Fanti, M. G. (2012). Linguagem e trabalho: diálogo entre a translinguística e a ergologia. *Desenredo*, 8(1), 309-329. <http://seer.upf.br/index.php/drd/article/view/2651>
- Faraco, C. A. (2009). *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Rocha, D., Daher, D., & Sant'Anna, V. L. (2004). A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia*, 8, 161-180.
- Schwartz, Y. (2016). Abordagem ergológica e necessidade de interfaces pluridisciplinares. *ReVEL*, 11, 253-264.
- Schwartz, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, 49(3), 259-274. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.3.19102>
- Schwartz, Y. (2006). Entrevista. *Trabalho, Educação e Saúde*, 4(2), 457-466. <https://www.scielo.br/pdf/tes/v4n2/15.pdf>
- Tardif, M. (2017). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.
- Voges, M., & Di Fanti, M. G. (2021). Usos de si no ensino remoto emergencial: a atividade docente sob os enfoques dialógico e ergológico. *Signo*, 45(86), 193-205. <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v46i85.15653>
- Volóchinov, V. (2017). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34.

### Notas

[1] Sobre as prescrições legais citadas, consulte: (a) *Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995. Brasília: Presidência da República, 1995.* Recuperado em 11 fev. 2021, de [http://www.planalto.gov.br/\\_ccivil\\_03/leis/l9131.htm](http://www.planalto.gov.br/_ccivil_03/leis/l9131.htm), e (b) *Parecer CNE/CP nº. 9/2020.* Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2020. Recuperado em 11 fev. 2021, de [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=147041-pcp009-20&category\\_slug=junho-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=147041-pcp009-20&category_slug=junho-2020-pdf&Itemid=30192)

[2] Parte das reflexões aqui desenvolvidas foram inspiradas em Voges & Di Fanti (2021).

# Ambientes de trabalho em saúde e Ergologia: articulações conceituais produtivas.

# Environnements de travail en santé et ergologie: articulations conceptuelles productives.

# Ambientes de trabajo en salud y ergología: articulaciones conceptuales productivas.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### **Flávia Regina Souza Ramos**

Professora titular do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina; Professora visitante sênior/CAPES na Universidade do Estado do Amazonas, Brasil Campus Reitor João David Ferreira Lima. Florianópolis/SC - CEP 88040-900 flareginaramos@gmail.com

### **Laura Cavalcanti de Farias Brehmer**

Professora do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil Campus Reitor João David Ferreira Lima. Florianópolis/SC - CEP 88040-900 laura.brehmer@ufsc.br

### **Darlisom Sousa Ferreira**

Professor do Programa de Pós-graduação de Enfermagem em Saúde Pública da Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. Avenida Carvalho Leal, 1777. Manaus/ AM - CEP 69065-001 darlisom@uea.edu.br

### **Micherlan Pereira da Silva**

Mestrando do Programa de Pós-graduação de Enfermagem em Saúde Pública da Universidade do Estado do Amazonas; Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH); Secretaria Municipal de Saúde de Manaus – SEMSA, Brasil Avenida Carvalho Leal, 1777. Manaus/ AM - CEP 69065-001 micherlanps@gmail.com

### **Giane Zupellari dos Santo-Melo**

Professora do Programa de Pós-graduação de Enfermagem em Saúde Pública (PROENSP) da Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. Avenida Carvalho Leal, 1777. Manaus/ AM - CEP 69065-001 gzsantos3@hotmail.com

### **Sabrina Faust**

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Campus Reitor João David Ferreira Lima. Florianópolis/SC - CEP 88040-900 sabrinabfaust@gmail.com

### **Resumo**

A disponibilidade de recursos apropriados às necessidades de saúde é fundamental para a organização de sistemas de saúde, o que envolve aspectos de formação profissional, inserção e permanência nos serviços, educação permanente, assim como de condições de trabalho e de saúde do trabalhador. No âmbito de uma investigação que busca construir instrumentos apoia-dores de processos analíticos e interventivos sobre os ambientes de trabalho, o estudo teve o objetivo de discutir alguns conceitos do referencial da ergologia em sua relação com os construtos propostos por agências internacionais, de ambiente de trabalho saudável e de ambiente favorável/positivo de prática/cuidado, em especial nas dimensões subjetivas que envolvem es-tes construtos. A iniciativa se fundamenta no suposto da importância de estratégias, ao mesmo tempo in-dividuais e coletivas, de socialização, enfrentamento e resistência política em contextos reais de trabalho, como condição para a defesa de valores, direitos e da dignidade no trabalho em saúde.

### **Palavras-chave**

ambiente de trabalho, saúde do trabalhador, políticas de saúde, ergologia

### **Resumen**

La disponibilidad de recursos adecuados a las nece-sidades de salud es fundamental para la organiza-ción de los sistemas de salud, lo que involucra aspectos de formación profesional, inserción y permanencia en los servicios, educación permanente, así como con-diciones laborales y de salud de los trabajadores. En el ámbito de una investigación que busca construir ins-trumentos que apoyen procesos analíticos e interven-cionistas en ambientes laborales, el estudio tuvo como objetivo discutir algunos conceptos de la ergología en su relación con los constructos propuestos por orga-nismos internacionales, de ambiente de trabajo salu-dable y Ambiente favorable/ positivo para la práctica / cuidado, especialmente en las dimensiones subjetivas que involucran estos constructos. La iniciativa parte de la supuesta importancia de las estrategias, tanto in-dividuales como colectivas, de socialización, enfren-tamiento y resistencia política en contextos laborales reales, como condición para la defensa de valores, de-rechos y de la dignidad en el trabajo en salud.

### **Palabras clave**

ambiente laboral, salud del trabajador, políti-cas de salud, ergología

## Résumé

La disponibilité de ressources adaptées aux besoins de santé est fondamentale pour l'organisation des systèmes de santé, qui implique des aspects de formation professionnelle, d'insertion et de permanence dans les services, l'éducation permanente, ainsi que les conditions de travail et la santé des travailleurs. Dans le cadre d'une enquête visant à construire des instruments qui soutiennent les processus analytiques et interventionnels sur les environnements de travail, l'étude visait à discuter de certains concepts de la référence ergologique dans sa relation avec les construits proposés par les agences internationales, d'un environnement de travail sain et d'un environnement favorable/positif pour la pratique, en particulier dans les dimensions subjectives qui impliquent ces constructions. L'initiative est basée sur l'importance des stratégies, à la fois individuelles et collectives, de socialisation, de confrontation et de résistance politique dans des contextes de travail réels, comme condition de la défense des valeurs, des droits et de la dignité dans le travail de santé.

## Mots clés

environnement de travail, la santé du travailleur, politiques de santé, ergologie

### 1. Ambientes de trabalho em saúde – proposições iniciais

Um ambiente de trabalho saudável (ATS) é considerado como “aquele em que os trabalhadores e os gestores colaboram para um processo de melhoria contínua da proteção e promoção da segurança, saúde e bem-estar de todos os trabalhadores e para a sustentabilidade do ambiente de trabalho” com base em necessidades previamente determinadas (WHO, 2010, p.11).

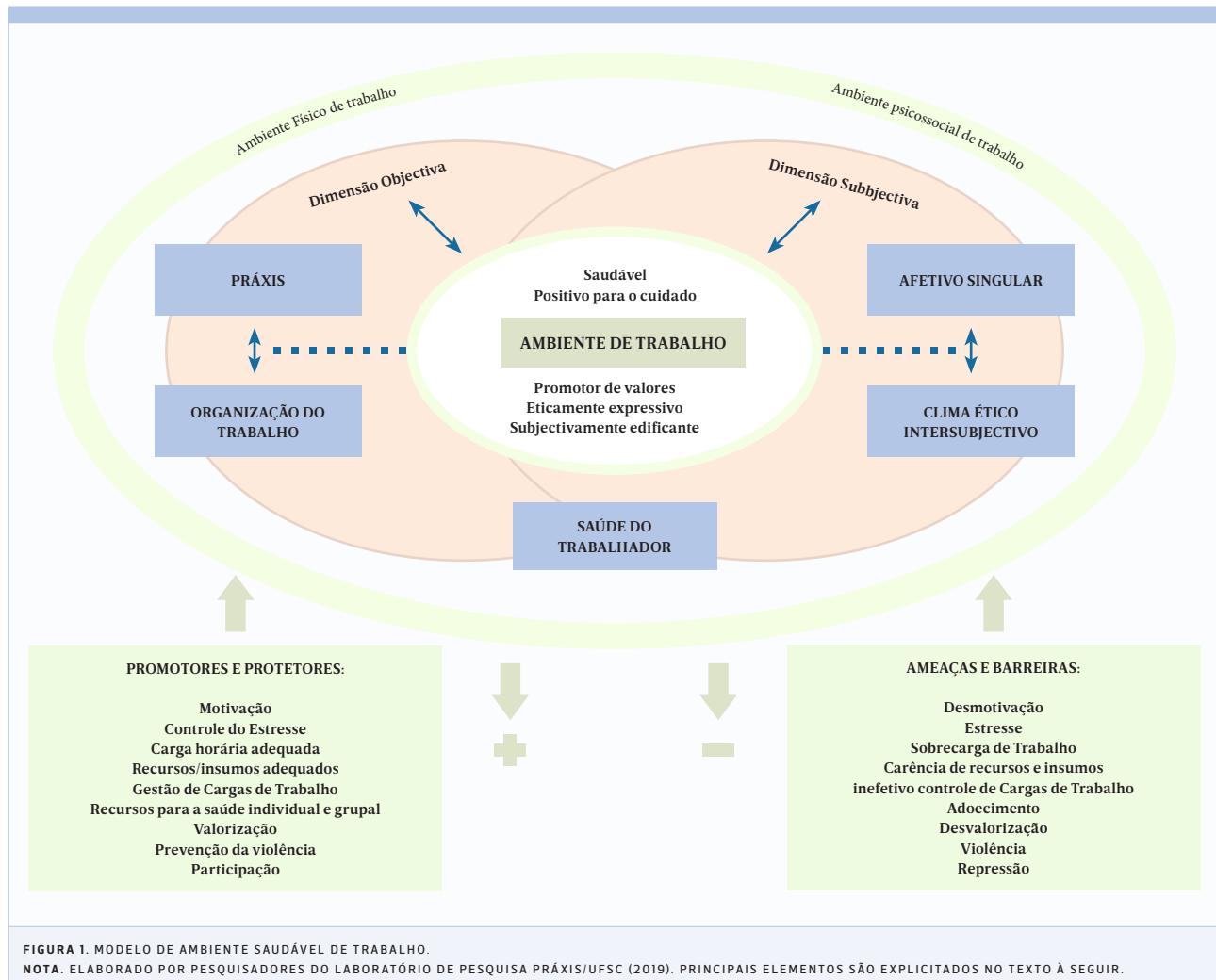
Paralelamente aos estudos que envolvem o construto de ambiente de trabalho saudável no campo da saúde, especialmente nos últimos 15 anos a Enfermagem mundial têm ampliado seus estudos sobre o ambiente de trabalho e, especificamente sobre ambientes favoráveis de prática. O PPE (positive practice environments) tem sido apoiado e promovido pelo Conselho Internacional de Enfermeiras (CIE ou ICN- International Council of Nurses), a partir de 2007, ano em que o dia International da Enfermagem elegeu o tema “ambientes favoráveis de prática: lugares de trabalho de qualidade = atenção de qualidade”. O PPE representa uma abordagem para desenvolver a força de trabalho da Enfermagem, favorecendo a excelência e a retenção de profissionais. Tendo como base essas duas referências iniciais, um grupo de pesquisadores enfermeiros da Universidade

Federal de Santa Catarina e da Universidade do Estado do Amazonas, têm se dedicado a ampliar a compreensão e a aplicação desses construtos no trabalho em saúde, articulando demandas de conhecimento que recaem sobre as condições de trabalho e a força de trabalho em suas mútuas interações.

A partir de contributos dispostos na literatura, em modelos já existentes e em contribuições de pesquisadores e profissionais emergiu a proposição de um Marco teórico próprio (cf. Figura 1) que, atualmente, vem sendo discutido à luz de potenciais contribuições da Ergologia. Dentre as ações da Organização Mundial de Saúde (OMS) voltadas para a saúde dos trabalhadores, está a promoção de iniciativas dirigidas a promover ambientes de trabalho saudáveis aplicáveis a diversos países, cenários e culturas. O conceito assume, também, que deve se levar em conta as necessidades previamente determinadas, que se referem à 4 conjuntos de aspectos da segurança, saúde e bem-estar: - ambiente físico de trabalho; - ambiente psicossocial de trabalho; - recursos para a saúde pessoal; - envolvimento da empresa na comunidade. A OMS propõe um modelo de ação para promover ambientes de trabalho saudáveis, voltado à empregadores, trabalhadores, formuladores de política e profissionais, que dá centralidade à Ética e aos Valores, como fundamentos para compreender e efetivar ações.

O principal pressuposto assumido neste estudo foi o da íntima relação e não primazia entre os aspectos objetivos e subjetivos do trabalho. O ambiente físico do trabalho, a estrutura organizacional, os recursos para a saúde pessoal, as políticas públicas e as diversas regulações e prescrições que incidem sobre as formas de trabalhar não são isolados da experiência subjetiva dos trabalhadores. Em igual importância se situam os diversos aspectos do ambiente psicossocial do trabalho, que envolvem relações interpessoais; necessidades, capacidades e trajetórias profissionais; mútuo envolvimento entre trabalhadores e organização; clima ético; configurações das atividades; atitudes, valores e práticas cotidianas que afetam o bem-estar dos trabalhadores; significados atribuídos ao trabalho; cargas, condições e jornadas de trabalho; comunicação, participação e manejo de conflitos, afetam a vida do trabalhador, dentro ou fora do ambiente laboral.

No estudo de Bryar, Kendall, e Mogotlane (2012) é observada forte (embora não discriminada) relação entre o conceito de ATS e de PPE, como a que é assumida na presente reflexão. O documento referendado pelo ICN utiliza a definição de ATS de Stichler (2009), como sendo *“resultado de boa liderança, que determina o*



caráter e a cultura das organizações de saúde e fornecer configurações de trabalho onde os trabalhadores são capazes de atender aos objetivos organizacionais e, ao mesmo tempo, alcançar a satisfação pessoal em seu trabalho” (p. 8).

Depois de mais de uma década de estudos sobre ambiente de prática na Enfermagem, a maioria utilizando instrumentos psicométricos e na prática clínica, são identificadas estratégias voltadas à promoção de ambientes favoráveis, reunidas nos seguintes componentes-chave (coincidentes com as subescalas mais utilizadas): 1. Estruturas de governança compartilhada (participação e autonomia); 2. Desenvolvimento profissional (fundamentação para o cuidado de qualidade); 3. Capacidade gerencial, liderança e suporte; 4. Pessoal (staff) e recursos adequados - combinação de habilidades; 5. Relações de cumplicidade e cooperação entre os profissionais (coleguismo médico-enfermeira) (Twigg & McCullough, 2014).

Os ambientes positivos/favoráveis de prática (PPE) in-

fluem no compromisso com a organização e com a profissão, com mudanças positivas e de bem-estar, não apenas para as enfermeiras mas para os demais trabalhadores de saúde, melhorando a continuidade e qualidade dos cuidados e os resultados alcançados pelas instituições (Baumann, 2007). Segundo a proposta do ICN, ambientes favoráveis para a prática profissional são caracterizados por: - marcos políticos inovadores focados no recrutamento e retenção; - estratégias de educação continuada e ascensão; - plano de retribuição adequada; - programas de reconhecimento; - suficientes equipamentos e provisões; - ambiente de trabalho seguro.

## 2. Ambientes de trabalho em saúde – uma nova matriz conceitual

A partir das discussões promovidas no Laboratório de Pesquisa PRÁXIS: trabalho, ética, saúde e enfermagem (PEN/UFSC) e de subsídios obtidos em revisão de literatura foi proposto um modelo com novos elementos conceituais, sintetizados na Figura 1 e descritos em seguida.

- a) Consideramos como um ambiente saudável de trabalho (AST), aquele que é favorável ou positivo para o cuidado (APC), promotor de valores, eticamente e esteticamente expressivo, e subjetivamente edificante, significando que o profissional nele vê concretizar os valores que embasam sua profissão e suas próprias escolhas morais, na medida em que não apenas produz cuidados ou resultados concretos, mas também media e promove a expressão de si mesmo como sujeito ético.
- b) Esse sentido ampliado de ATS comporta tanto o ambiente físico quanto o ambiente psicossocial do trabalho, ou seja, compreende duas dimensões inextricáveis – as dimensões objetiva e subjetiva do ambiente de trabalho.
- c) Na *dimensão objetiva*, o *Componente da Práxis* se refere aos fatores situacionais, ou seja, o contexto de trabalho real, que envolve as condições de trabalho, recursos materiais, humanos, estruturais, bem como abrange, dentre outros, as cargas de trabalho, sobrecargas de trabalho e força de trabalho. Envolve o risco, a predisposição, a vulnerabilidade e a vulneração ao agravo e aos acidentes de trabalho. Inclui, também, o *Componente da Organização do trabalho*, que implica na coordenação, planejamento, liderança e avaliação de pessoas, tecnologias, materiais e estruturas, com vistas ao objetivo da instituição. Neste componente, a força de trabalho ganha destaque, considerando a dinâmica de trabalho vivida pelos diferentes atores, em composições e relações de equipes, divisão do trabalho multidisciplinar e a complexidade do clima organizacional.
- d) Na *dimensão subjetiva* participam o *Componente Afetivo Singular*, que inclui a agência moral, a motivação, valorização e satisfação no trabalho; assim como o *Componente do Clima ético e intersubjetividade*, emerge com intuito de dar subsídios a questões laborais delicadas e complexas de serem abordadas no dia a dia de prática. O clima ético é um tipo de clima organizacional, no qual os profissionais compartilham suas percepções em ambiente de trabalho. Refere-se a como os profissionais percebem o quanto as condições deste ambiente podem afetar em suas atitudes diante de problemas, questões éticas e na sua tomada de decisão frente a dilemas (OLSON, 1998).
- e) O *Componente Saúde do trabalhador*, que se refere ao conjunto de ações de vigilância e assistência, visando a promoção, proteção, recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos a riscos e agravos advindos do processo de trabalho,
- é visto como aquele que perpassa ambas as dimensões de um ambiente de trabalho.
- f) A manutenção de um ambiente saudável de trabalho pode encontrar *ameaças e barreiras* como a desmotivação e a desvalorização sentida pelos trabalhadores, além da presença de fatores que o tornam estressante, como a carência de recursos e de insumos, a sobrecarga de trabalho e o inefetivo/ineficiente controle de cargas. As ameaças advindas das situações de violência reais ou potenciais podem contribuir para o adoecimento do profissional e o absenteísmo.
- g) Como *fatores promotores ou protetores* deste mesmo ambiente temos a motivação e a valorização profissional, a possibilidade de participação e gestão de cargas de trabalho, a presença de adequados recursos para a execução das tarefas e para a saúde individual e grupal, o controle da carga horária e do estresse e a prevenção da violência no local de trabalho.

### **3. Articulações conceituais produtivas entre ambientes de trabalho em saúde e Ergologia?**

Como último tópico dessa reflexão, buscou-se conceber relacionamentos produtivos das bases anteriormente apresentadas com alguns conceitos da Ergologia. Isto pode ser sintetizado em dois eixos de contribuição potencial da Ergologia: - eixo compreensivo-analítico e eixo operativo-interventivo. A questão norteadora é: A compreensão dos ambientes de trabalho (AT) pode se valer dos conceitos da ergologia (Béguin, 2006; Brito, 2004; Schwartz, 2010, 2015; Schwartz & Durrive, 2011) para propor questionamentos produtivos? A seguir são apresentados questionamentos exemplares para a análise de ambientes de Trabalho (AT) a partir de pressupostos teóricos da ergologia.

#### **3.1. Do ponto de vista compreensivo-analítico**

- a) Se a abordagem ergológica do trabalho desloca o foco da tarefa prescrita para seu conteúdo, sua vivência singular, como problema a resolver pela gestão de múltiplas situações de trabalho...
- *AT podem ser abordados como problema em constante gestão, só possível de ser considerado em seus múltiplos componentes, em estrita relação com os conteúdos dos trabalhos desenvolvidos nesse ambiente?*
- b) Se a atividade de trabalho é a síntese entre tarefa e sujeito; síntese de um combate de contradições, que colocam os limites e capacidades do sujeito à prova do real...

- AT representam um produto dessa síntese, ou de diversas sínteses (diferentes atividades) em mútuas imbricações?
- c) Se a atividade é sempre singular e variável, como o são os indivíduos e os contextos; se tal variabilidade decorre das relações entre a prescrição/normas antecedentes e a realidade/trabalho real, no debate de normas, entre vetores de heterodeterminação e auto determinação...
- AT expressam a singularidade e a variabilidade do trabalho/atividade e também serão reconfigurados na dinâmica das experiências concretas.
- d) Se a compreensão da atividade abrange características do trabalhador (inter e intra indivíduo, o “si” que transita entre o individual e o coletivo e mobiliza a inteligência do corpo), da organização do trabalho, das condições materiais e dos saberes operantes em técnicas/tecnologias, procedimentos e protocolos...
- A compreensão dos AT abrange esses mesmos elementos, identificados em suas duas dimensões - objetiva e subjetiva -; e seus Componentes - da Práxis, da Organização do trabalho, da Saúde do trabalhador, Afetivo Singular e do Clima ético e intersubjetividade?
- Existem saberes específicos que operam sobre os AT, além daqueles que conformam a própria atividade? Ou seja, há saberes, recursos técnicos e protocolos, entre outros, que elegem o ambiente como objeto da ação e que atingem atividades e trabalhadores por consequência e horizonte? Dito de outro modo, AT são geridos apenas como instrumento para o alcance de objetivos e resultados de trabalho (eficácia e eficiência) ou podem ser finalidade “per si”?
- Se existirem fins e ações próprias (per si) sobre os AT, quais seriam seus valores justificadores ou políticas mobilizadoras? Poderíamos falar de valores não restritos à lógica utilitarista e produtivista dos AT, mas eticamente engajados na vivência dignificante do trabalho, na sua expressividade estética singular? Estes valores podem ser considerados como valores dimensionados ou não dimensionados?
- e) Se pela atividade, em tempo e lugar definido, os trabalhadores se engajam na gestão do trabalho, lançando mão de meios já dispostos, da criação e recriação de outros meios, em resposta às variabilidades e demandas por renormalizações...  
Se a atividade é terreno de negociações do uso de si (por si e pelos outros) em “dramáticas gestionárias”, que permite que compromissos sejam assumidos com valores, projetos e normas diversos, e por vezes conflitantes...
- Qual a participação dos compromissos gestionários e microgestionários que envolvem a promoção de ambientes de trabalho saudáveis (ATS) e ambientes positivos de prática (PPE) nas negociações do trabalho? São visíveis para o trabalhador a interface entre uso de si e AT?
- Os conceitos de ATS e PPE representam pautas políticas (de acordo global a primeira, corporativa a segunda) que pretendem indicar os AT como compromisso gestionário? Ou como intervenção estratégica para a maximização do uso da força de trabalho (em face de sua desigual formação, distribuição, qualificação, contextos e valorização)?
- É possível que nessas negociações, os trabalhadores possam apropriar-se de conceitos e valores do ATS/PPE, deles fazendo uso para si, em renormalizações à favor de interesses e valores próprios (individuais e coletivos)?

### 3.2. Do ponto de vista operativo-interventivo (metodológico)

Algumas das possíveis aplicações da Ergologia ao estudo dos AT e intervenções promotoras de ATS e PPE são sintetizadas no Quadro 1.

Contribuições metodológicas da Ergologia (eixo operativo/interventivo)		ATS e PPE na matriz conceptual proposta
A ergologia como concepção de trabalho e, ao mesmo tempo, uma forma de produzir conhecimento, articulando conhecimento e transformação	Aplica-se →	Articulação dos fins acadêmico-científicos e políticos
Processo de trabalho como categoria central para a análise da relação saúde e trabalho	Aplica-se →	Saúde do trabalhador como componente transversal
Reconhecimento da complexidade do objeto	Aplica-se →	
Experiência dos trabalhadores integrada à produção do conhecimento.	Aplica-se →	Primazia da experiência e da narrativa
Dispositivos de três pólos: - pesquisador - sujeitos - base ética e epistemológica	Aplica-se →	Amplitude de sujeitos (gestores, trabalhadores, formuladores)
Relações de cooperação no processo de pesquisa	Aplica-se →	Visa a capacitação dos sujeitos e ferramentas compartilhadas
Multimétodos, multitécnicas e triangulação	Aplica-se →	Valorização da construção de novas ferramentas de análise
Resultados e processos críticos, apropriáveis para a transformação	Aplica-se →	Tradução do conhecimento - produção técnico-tecnológica ou intervenção para a emancipação

QUADRO 1. APLICABILIDADE (OPERATIVA-INTERVENTIVA) DA ERGOLOGIA AOS AT.

#### 4. À guisa de conclusão

À uma reflexão propositalmente colocada na forma de questionamento não cabem conclusões. Buscou-se abrir a proposição conceitual sobre ATS a um diálogo em perspectiva ergológica, entendendo que esta pode trazer aprendizados estratégicos, epistemológicos e metodológicos, para a análise do objeto.

Entre tantas potenciais contribuições levantadas, destaca-se a coerência com dois elementos de sustentação do marco conceitual proposto: - a centralidade da dimensão ética dos ATS/APC, como aquele que é promotor de valores, eticamente/esteticamente expressivo e subjetivamente edificante; - o esforço por desenvolver dispositivos técnico-tecnológicos de intervenção consistentes a uma política crítica do trabalho.

→ Twigg, D., & McCullough, K. (2014). Nurse retention: a review of strategies to create and enhance positive practice environments in clinical settings. *International Journal of Nursing Studies*, 51(1), 85–92. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2013.05.015>

→ World Health Organization (2010). *Healthy workplaces: a model for action*. Geneva: WHO.

#### Referências Bibliográficas

- Baumann, A. (2007). *Positive Practice Environments: Quality Workplaces = Quality Patient Care*. Information and Action Tool Kit. Geneva: International Council of Nurses.
- Béguin, P. (2006). Acerca de la evolución del concepto de actividad. *Laboreal*, 2(1), 55–61. <https://doi.org/10.4000/laboreal.13806>
- Brito, J. (2004). Saúde do trabalhador: reflexões a partir da abordagem Ergológica. In M. Figueiredo et al. (Orgs.), *Labirintos do trabalho – interrogações e olhares sobre o trabalho vivo* (pp. 91–114). Rio de Janeiro: DP&A.
- Bryar, R, Kendall, S., & Mogotlane, S. (2012). *Reforming Primary Health Care: a Nursing perspective*. Geneva: International Council of Nurses.
- Olson, L. (1998). Hospital nurses' perceptions of the ethical climate of their work setting. *Image J Nurs Sch*, 30, 345–349.
- Schwartz, Y. & Durrive, L. (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (2<sup>a</sup> edição). Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y. (2004). Trabalho e gestão: níveis, critérios, instâncias. In M. Figueiredo et al. (Orgs.), *Labirintos do trabalho – interrogações e olhares sobre o trabalho vivo* (pp. 23–36). Rio de Janeiro: DP&A.
- Schwartz, Y. (2011). Manifesto por um ergoengajamento. In P. Bendassolli, & L. Soboll (Orgs.), *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade* (p. 166–132). São Paulo: Atlas.
- Schwartz, Y. (2015). Intervenção, experiência e produção de saberes. *Serviço Social e Saúde*, 10(2), 19–43.

# Trois interventions ergologiques dans le domaine de la santé.

# Tres intervenciones ergológicas en el sector sanitario.

# Três intervenções ergológicas no setor da saúde.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DO PORTO



**Christine Halapi**

Haute Ecole Arc Santé  
Route de Moutier 14 2800 Delémont (Suisse)  
christine.halapi@he-arc.ch

**Véronique Haberey-Knuessi**

Haute Ecole Arc Santé  
Espace de l'Europe 11, 2000 Neuchâtel (Suisse)  
veronique.haberey-knuessi@he-arc.ch

**Marie Hélène Dassa Galindo**

AP-HM  
EME\_ 80 Rue Brochier, 13005 Marseille  
marie-helene.galindo@ap-hm.fr

**Josiane Jenczack**

Centre hospitalier de Jury  
Route d'Ars Laquenexy, 57245 Jury  
josiane.jenczak@sfr.fr

**Louis Durrive**

Université de Strasbourg-Lisec  
7, rue de l'Université, 67000 Strasbourg  
louis.durrive@unistra.fr

**Resumo**

Apresentamos três intervenções atuais que têm em comum o fato de estarem no setor da saúde e de adotarem uma perspectiva ergológica. O primeiro é um curso de treinamento de enfermagem no Jura suíço, que está experimentando um "DD3P" a fim de otimizar o processo de profissionalização. Em segundo lugar, é a Equipe de Ergologia Móvel, que surgiu dos GRTs realizados durante os anos 2010 na AP-HM e que agora se tornou uma ferramenta do sistema de Qualidade de Vida no Trabalho da instituição. Finalmente, há um GRT no Hospital do Júri em Moselle (França), para treinar gerentes de saúde em uma abordagem de ergomanagement.

**Palavras-chave**

DD3P, saúde, treinamento, intervenção, GRT

**Resumen**

Presentamos tres intervenciones actuales que tienen en común que están en el sector sanitario y que adoptan una perspectiva ergológica. El primero es un curso de formación de enfermeras en el Jura suizo, que está experimentando con un "DD3P" para optimizar el proceso de profesionalización. En segundo lugar, se trata del Equipo de Ergología Móvil, que surgió de los GRTs realizados en los años 2010 en la AP-HM y que ahora se ha convertido en una herramienta del sistema de Calidad de Vida en el Trabajo de la institución. Por último, hay un GRT en el Hospital Jury de Mosela (Francia), para formar a los gestores sanitarios en un enfoque de ergo-management.

**Palabras clave**

DD3P, salud, formación, intervención, GRT

**Résumé**

Nous présentons trois interventions actuelles qui ont en commun de se trouver dans le domaine de la santé et d'adopter un angle de vue ergologique. Il s'agit d'abord d'une formation d'infirmiers dans le Jura suisse, qui expérimente un «DD3P» afin d'optimiser le processus de professionnalisation. Il s'agit ensuite de l'Equipe mobile d'ergologie, issue des GRT conduits durant les années 2010 à l'AP-HM et qui est devenue aujourd'hui un outil du dispositif Qualité de vie au travail de l'établissement. Il s'agit enfin d'un GRT au CH de Jury en Moselle, pour former les cadres de santé à une démarche d'ergomanagement.

**Mots clés**

DD3P, santé, formation, intervention, GRT

## 1. Le DD3P en Suisse, en contexte de formation en soins infirmiers

Notre intervention portera sur la présentation d'un projet de recherche en cours, qui a pour objectif de démontrer les atouts de la mise en œuvre d'un dispositif d'analyse de l'activité dans le parcours de formation supérieure en soins infirmiers. Nous posons le postulat que le fait de questionner l'activité favorise non seulement une prise de conscience et une réflexion sur ses propres valeurs, mais permet également la convocation de concepts et paradigmes de différentes disciplines qui, à leur tour, vont constituer un soutien important pour le positionnement et l'engagement des sujets dans leur formation et dans leur processus de professionnalisation. Nous nous inscrivons dans une approche à la fois philosophique, éthique et pédagogique.

De par notre inscription professionnelle dans l'enseignement en soins infirmiers en Haute Ecole de Santé, notre regard se porte tant sur l'ingénierie de formation (par le souhait d'introduire l'analyse de l'activité dans le parcours de formation des étudiants en soins infirmiers) que sur un dispositif à même de favoriser l'émergence d'une pensée critique et réfléchie comme compétence essentielle au professionnel des soins infirmiers,

### 1.1. Le contexte de notre recherche

C'est celui d'un univers de santé marqué à la fois par une évolution démographique sans précédent, par des restrictions budgétaires drastiques impactant fortement les conditions d'exercice des soignants, par la pénurie de ces professionnels, par une crise sanitaire majeure avec des enjeux multiples, mais aussi par de très nombreux progrès médicaux et une place inédite octroyée aux nouvelles technologies tant dans le champ médical que dans celui de l'information et de la communication (Denny, & Flavier, 2019; Leclerc-Loiselle, Dufour, & Pepin, 2019)

Au niveau de la formation, le contexte est celui de la tendance actuelle des pays occidentaux à favoriser les formations supérieures professionnalisantes, en particulier par les cursus en alternance axés sur une approche métier par compétences.

De niveau universitaire, les Hautes Ecoles sont les universités à vocation professionnalisante et visent à former des étudiants qui seront, dès leur sortie des études, aptes à s'engager dans la vie professionnelle en ayant acquis toutes les compétences métier.

Toutes les Hautes Ecoles de soins infirmiers romands suivent le même Plan d'Etude Cadres 2022 de la filière Soins Infirmiers sous l'égide d'un organe faîtier qui est la HES-SO (Haute Ecole Spécialisée de Suisse Occiden-

tales). La formation alterne entre des temps de formation académique et des temps de formation clinique, qui sont mis en articulation dans des espaces de formation dits intégratifs.

Cependant, cette formation universitaire laisse une liberté certaine aux enseignants dans leurs approches pédagogiques et offre ainsi l'opportunité de pouvoir mettre en place l'analyse de l'activité dans une approche ergologique.

## 1.2. Différentes recherches soulignent l'importance d'introduire l'analyse de l'activité dans le contexte actuel de travail et de formation

Lussi-Borer & Müller (2014), mentionnent que les professionnels sont amenés, dans l'enseignement de niveau universitaire en sciences de l'éducation, à répondre à de multiples prescriptions parfois contradictoires avec les objets d'enseignement et souvent contraignantes, sans toujours apporter des ressources aux situations de formation. Elles font le constat d'un écart flagrant entre l'attendu et la réalité du terrain.

Cette expérience soulève l'importance de repérer le conflit de norme, *le dépersonnaliser*, selon leurs mots, en mettant en visibilité les attentes explicites et implicites du milieu, en engageant les professionnels dans un double mouvement d'explicitation de l'implicite et d'identification des normes et de leurs origines.

Le passage entre «je pourrais faire autrement» à «j'essaie de faire autrement» (Lussi-Borer & Müller, 2014, p.140) est ici un enjeu de formation central.

Dans une approche ergologique, un axe majeur du dispositif, ici le Dispositif Dynamique à 3 Pôles, vise à doter les enseignants de capacités critiques et empathiques par le débat qui sous-entend l'ouverture au point de vue des autres et à leur expérience. L'enrichissement qui naît du débat est perçue comme une plus-value pour faire face aux changements sociétaux tant économiques que culturels (Denny, & Flavier, 2019). Dans leur recherche, l'analyse de l'activité s'inscrit comme un processus formatif par l'utilisation d'enregistrement vidéo et dans une approche à la fois institutionnelle et politique de par la création d'espace spatio-temporel.

## 1.3. Le Dispositif dynamique à 3 Pôles

C'est en soi une démarche épistémologique de l'ergologie (Di Ruzza, 2019). Sa mise en œuvre en tant qu'outil de recueil de données, inscrit notre projet de recherche dans le champ de l'ergologie. Une approche issue de préoccupations tant philosophique, qu'épistémologique et pragmatique; qui vise la compréhension des activités humaines dans leur historicité. L'approche

ergologique encourage l’acquisition d’une posture (Di Ruzza, 2019; Schwartz, 2015).

En appui sur les travaux issus de l’ergonomie, l’analyse de l’activité s’inscrira dans la gestion de l’écart entre le travail prescrit et le travail réel, dans une approche de recherche dite inductive; en veillant à «ne pas disjoindre le processus de connaissance et l’engagement dans l’action» (Albero, & Guérin, 2014, p. 30). Cette démarche représente «une dialectique constante entre le terrain et la réflexion sur l’action en situation» (Bellies, 2013, p. 45), dans une dynamique pluridisciplinaire (Di Ruzza, 2019). Plus précisément, l’activité en ergologie interroge le savoir sur le travail et la vie sociale dans une vision microscopique. Elle vise à comprendre comment l’individu va polariser le rapport au milieu qui s’offre à lui dans les circonstances du temps présent de la situation, en toute conscience, ou inconsciemment entre travail prescrit et travail réel (Durrive, 2013).

Les transgressions à ce qui est attendu, mises en visibilités par le dialogue entre savoirs institués en désadhérence de la situation de travail et les savoirs investis, en adhérence à la situation réelle, sont indicatrices de l’évaluation des normes imposées sur la base de valeurs (Gonzales Freitas et al., 2019).

Ce sont de micro-tentatives de recherche d’alternatives de l’individu pour mieux réaliser le travail imposé, qui l’inscrive dans une perspective d’être en santé (Di Ruzza, 2019).

La normativité définie comme la «capacité à produire des normes et à en jouer quel que soit son milieu» (Roche, 2014, p. 3), entre en tension avec la normalité, la capacité à s’adapter aux normes existantes. La norme est à la fois condition et obstacle à l’activité de travail, elle entraîne un mouvement entre initiative et contrainte dans la vie sociale (Roth, 2016). Le positionnement et la controverse sont alors des moyens d’interventions introduisant la santé au travail (Roche, 2014).

Selon (Müller & Lussi-Borer, 2018), «Une réflexivité [est] déjà en œuvre, qui travaille sur les normes et les valeurs (...) des agents qui les portent, mais qui, opérant implicitement, constitutives, demandent à être articulées, exprimées» (p. 7).

Et certes, même si la mise en mot de ce qui se vit en activité -dit parfois obscurément- se révèle difficile (Durrive, 2019; Schwartz, 2016), la parole de l’acteur est fondamentale pour permettre la conscientisation. Elle s’inscrit dans le contexte dans lequel elle émerge pour le donner à voir. Il convient donc de «former à une verbalisation distinguant description, interprétation et évaluation» (Müller & Lussi-Borer, 2018, p. 86)

*Dans un contexte de formation en soins infirmiers, l’ex-*

périence est ainsi à comprendre dans un mouvement dialectique entre l’agir et le jugement dans une double perspective; celles du positionnement de l’étudiant et la constitution d’un savoir d’expérience.

Le récit de l’activité met l’étudiant au défi de la décrire comme un va-et-vient entre une proximité ou un vécu du temps de l’expérience et une distanciation induite par le langage. Ce dernier permet de «nommer et de normer, distinguer et ordonner, séparer avant de réunir» (Durrive, 2019, p. 332). Dans ces espaces et ces formes, le langage est un médiateur essentiel à mobiliser dans le champ de la formation professionnelle.

Le dispositif induit le positionnement par le dialogue instauré entre savoirs instruits et savoirs investis en situation, sur la base du triangle activité – savoir – valeurs. Il permet l’émergence du point de vue critique et réfléchi de l’étudiant dans les raisons évoquées autour de ses choix sur la base du triangle risques – enjeux – finalité (Durrive, 2015).

## 2. Présentation de l’Equipe Mobile d’Ergologie AP-HM

### 2.1. Le Dispositif

L’Equipe Mobile d’Ergologie (EME) a pour vocation d’intervenir en prévention primaire ainsi qu’en prévention secondaire, chaque fois qu’une situation a un impact délétère sur les conditions de travail.

Elle est destinée à venir en aide à toutes les catégories de personnel, avec pour objectif de contribuer à l’amélioration des conditions de travail et du bien-être au travail.

La démarche de L’EME amène donc à des changements ou à des consolidations de postures et à des transformations dans les relations de travail. Il s’agit de mettre en perspective les savoirs généralistes de l’institution (normes) avec les savoirs issus de l’expérience de terrain, conduisant, sur la base d’un diagnostic partagé, à l’émergence des modalités de protection ou d’amélioration des conditions de travail.

### 2.2. Nos Outils

L’Equipe Mobile d’Ergologie a d’abord pour mission d’élaborer du savoir à partir du quotidien.

L’approche est basée sur l’observation de l’activité réelle de travail sur le terrain et la mise en dialogue des points de vue.

Plus centrée sur les interactions entre les différents acteurs que sur les caractéristiques propres de ces acteurs, la démarche vise à extraire des savoirs qui sont en quelque sorte «incorporés» chez les agents aguerris, afin de pouvoir les transmettre à d’autres.

Cette capitalisation des savoirs d’expérience reste cen-

trée sur l'activité de travail plutôt que sur l'individu, et passe par une élaboration concertée qui s'appuie sur les outils spécifiques et éprouvés de la démarche ergologique comme le Groupe de Rencontre du Travail (GRT).

### 2.3. Notre Equipe

L'EME a été mise en place en mai 2014 par le Directeur Général à la suite des travaux d'un GRT.

En effet, l'EME est née de la rencontre entre une ergologue et des infirmiers de psychiatrie expérimentés soucieux de la transmission de leur savoirs d'expérience. En 2009 la démarche ergologique commençait à se développer notamment sous forme de Groupes de Rencontres du Travail (GRT). L'un d'eux a réuni ces infirmiers en psychiatrie sur le thème de la transmission des savoirs d'expérience au regard de la violence. Le GRT a permis d'élaborer un discours sur les nombreux «savoirs incorporés» qu'avaient développés et validés localement ces infirmiers spécialisés.

A l'origine, l'EME était constituée de 2½ ETP répartis sur 5 agents à mi-temps: 4 de ces infirmiers expérimentés en psychiatrie (dont une ergologue et une ergonome) et une cadre supérieure de santé qui est également ergologue, psychologue clinicienne et spécialiste du décryptage du langage corporel. Depuis, certains membres de l'EME ont été remplacés tout en conservant le niveau de compétences et d'expérience requis en ergologie.

Le dispositif étant fondé sur l'utilisation de la démarche ergologique, il est indispensable que ses membres se forment à:

- L'ergologie (diplôme universitaire)
- L'animation de GRT
- Animation de techniques d'intelligence collective, type «world café»
- La prévention des Risques Psycho-sociaux.

Ils doivent également pouvoir développer des compétences en matière de transmission des savoirs, d'enseignement et de communication.

La formation des intervenants permet de garantir une approche pluridisciplinaire qui met en synergie les apports issus de l'ergologie, de la psychologie, de la communication, de l'ergonomie de l'activité, du décryptage du langage corporel et verbal.

### 2.4. Notre place dans l'organisation

Rattachement hiérarchique

L'EME est à ce jour hiérarchiquement rattachée à la DRH et en particulier au Directeur adjoint en charge

de la qualité de vie au travail (QVT), des risques professionnels et de la formation continue. Elle fait partie du dispositif de la QVT mis en œuvre par l'AP-HM.

### Intégration de l'EME dans le dispositif QVT de l'AP-HM

Le plan QVT de l'AP-HM repose sur une série d'actions articulées autour de 5 axes stratégiques (organisation du travail, contenu du travail, conciliation vie privée / vie professionnelle, reconnaissance, sentiment d'appartenance), mais également sur les ressources que l'AP-HM met à disposition de ses équipes pour les accompagner et prendre soin d'elles. A ce titre, l'EME est l'un des dispositifs de la démarche QVT de l'AP-HM, en ce qu'elle propose aux membres d'une équipe une approche participative des problématiques rencontrées dans le travail et la valorisation des savoirs issus de l'activité.

### Modalités pour solliciter l'EME

#### A. Saisine

Les demandes d'intervention de l'EME font l'objet d'un recensement par la DRH ou adressées à l'EME qui les transmet à la DRH. Elles sont ensuite traitées par l'EME pour avoir une description précise de la demande, avant d'être soumises à l'arbitrage du comité de pilotage. Ces demandes peuvent émaner de tout personnel AP-HM.

#### B. Instruction de la demande

Les demandes adressées font l'objet d'une étude préalable par le comité de pilotage qui oriente si indication vers l'EME afin de déterminer si les conditions d'une intervention sont réunies.

Par exemple nécessité de:

- Mettre en visibilité des situations concrètes de travail impliquant l'individu et le collectif;
- Mobiliser des protagonistes pour l'élaboration des connaissances sur leur activité de travail et la convocation de savoirs pluridisciplinaires;
- Mettre en circulation des connaissances produites comme enjeu critique de transformation des conditions concrètes de travail.

Ces conditions d'intervention peuvent concerner des situations de tension, comme des situations plus apaisées à maintenir (prévention).

Après analyse de la demande sur une liste d'indicateurs propres à l'ergologie, l'EME organise si nécessaire, des rencontres avec l'équipe (responsables médicaux, direction, cadres), ainsi qu'avec les représentants du personnel et/ou du service afin de recueillir plus d'informations.

L'EME émet un avis sur l'utilité d'une intervention. Cet avis, écrit et motivé, est ensuite transmis au comité de pilotage qui statue.

### **3. Présentation d'une expérience de GRT en cours, à l'Hôpital de Jury (Moselle)**

#### **3.1. Contexte**

Public bénéficiaire: Cadres de santé et Cadres supérieurs de santé

Calendrier GRT: 12 mois pour la première phase à réévaluer pour définir les étapes suivantes

Situation de départ à l'hôpital:

De nombreuses contraintes dont celle des moyens humains;

Une souffrance au travail des agents, repérée par audit, nécessitant un travail de prévention des RPS: construire un projet de soin sur la base du modèle du rétablissement et augmenter la participation des usagers à tous les étages (rétablissement, démocratie sanitaire)

Signature d'une convention pluriannuelle de trois ans avec le DG en février 2020

Mise en place du GRT: Procéder à une analyse du travail en partant du contexte, de la problématique institutionnelle et du travail réel des cadres, pour amener ceux-ci à construire des axes projets en lien avec leur expertise et leurs compétences.

#### **3.2. Projet**

Objectif général du GRT:

A partir de l'expertise soignante, en prise avec le travail réel/ travail prescrit: définir le travail et dégager les axes d'un projet de soins innovant.

Objectifs opérationnels:

Définir le travail et se recentrer sur l'activité humaine concrète et quotidienne;

Faire émerger et formaliser les axes d'un projet de soins référé aux principes du rétablissement et les transformations attendues par les prescripteurs et les cadres de santé; Identifier les compétences disponibles et à acquérir; Prendre du recul avec le quotidien, penser les pratiques.

Mode d'intervention:

Trinôme de formateurs pour animer le GRT: pair-aidant expert en santé mentale, psychologue aguerri au mode projet et cadre supérieure de santé formée à l'ergologie.

#### **3.3. Résultats et perspectives**

Résultats du GRT à ce jour:

Sur cinq journées de formation et quatre groupes (contraintes COVID):

- Compréhension du sens de la démarche et de pourquoi il fallait définir le travail;
- Saisie de l'intérêt de procéder par aller et retour entre le travail réel et le travail prescrit: processus d'adaptation et d'identification des compétences;
- Sortie des affects et des plaintes, pour investir la réflexion et se projeter dans la construction de projets;
- Conscientisation des liens avec le soin et le patient: rapprochement du vécu soignant avec le vécu patient – manager par la compétence/manager le projet de soin, en tenant compte des compétences du patient;
- Impact positif de la présence d'un pair-aidant pour amener la dynamique de ce travail;
- Des cadres disponibles pour transformer les soins et définir les thématiques d'un projet de soin (des thématiques sont identifiées et formalisées, à proposer à la Direction);
- Conscientisation des liens entre la démarche soignante et l'analyse du travail dans le cadre de la démarche ergologique.

#### Perspectives

Sur les cinq prochaines journées dans le planning: Une plénière en mars pour définir le socle de valeurs communes qui fonde le projet de soin et formaliser une définition commune du travail;

4 journées pour élaborer, avec le soutien d'un pair-aidant, 4 fiches projet comme architecture du projet de soin.

Le projet de soin du Centre Hospitalier de Jury prend en compte les orientations du projet d'établissement et le projet médico-soignant du GHT 6.

L'objectif est de:

Contribuer à l'efficience des organisations, tout en garantissant la qualité des soins et la qualité de vie au travail dans un contexte de plus en plus contraint.

Approche conceptuelle du projet de soin:

Le projet de soin repose sur une vision commune du travail et des valeurs partagées, référée au concept du rétablissement du patient en dehors des murs de l'hôpital.

#### 4 axes de travail:

- Développer l'activité ambulatoire en prenant en compte la singularité du patient dans la construction de son rétablissement: usager acteur de son rétablissement;
- Manager le changement par la démarche qualité et par le développement des compétences au sein des unités en favorisant l'interdisciplinarité: nouveaux métiers;

- Accompagner les nouveaux professionnels dans une approche relationnelle qui prend en compte la singularité de la personne dans son histoire de vie: enjeux de la relation thérapeutique;
- Garantir des temps de formation pour les professionnels en dehors du contexte du soin.

### Bibliographie

- Albero, B., & Guérin, J. (2014). Note de synthèse: L'intérêt pour l'"Activité" en sciences de l'éducation, vers une épistémologie fédératrice? *TF Refa*, 11-45. Accessible à: [http://www.trigone.univ-lille1.fr/transformations/docs/tf11\\_a02.pdf](http://www.trigone.univ-lille1.fr/transformations/docs/tf11_a02.pdf)
- Belliès, L. (2013). Ergonomie et Ergologie: les apports réciproques. *Ergologia*, 9, 133-163.
- Denny J.-L., & Flavier, E. (2019). La professionnalité enseignante dans le débat en classe: une étude de cas en EMC pour faire émerger le milieu de vie de l'élève. *Education et socialisation*, 53. <https://doi.org/10.4000/edso.6913>
- Di Ruzza, R. (2019). Epistémologie de l'ergologie. *Ergologia*, 22, 93-118.
- Durrière, L. (2013). Comment approcher une situation de travail en formation dans une perspective ergologique. *Ergologia*, 10, 131-141.
- Durrière, L. (2015). *L'expérience des normes*. Toulouse: Octares.
- Durrière, L. (2019). Langage et travail: une dynamique de "double anticipation" pour la formation professionnelle. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, 15(3), 330-349.
- Gonçalves Freitas, R., & Bianco De Fatima, M. (2019). Uma Revisão Sobre a Temática Da Ergologia Na Produção Científica Brasileira. *Ergologia*, 21, 105-124.
- Leclerc-Loiselle, J., Dufour, E., & Pepin, J. (2019). Conception d'activités pédagogiques en formation infirmière au travers de la pensée critique de Freire/ Développing pedagogical activities for nursing education inspired by Freire's critical perspective. *Quality Advancement in Nursing Education - Avancées en formation infirmière*, 5(2). <https://doi.org/10.17483/2368-6669.1187>
- Lussi-Borer, V. (2014). Exploiter le potentiel des processus de renormalisation en formation à l'enseignement. *Activitéd*, 11(2), 129-142. <https://doi.org/10.4000/activites.967>
- Müller, A., & Lussi Borrer, V. (2018). Comment travailler les normes enseignantes dans le cadre d'une enquête collaborative? Vers une prise en compte de la rationalité pratique. *Recherche et Formation*, 88. <https://doi.org/10.4000/rechercheformation.4061>
- Roche, P. (2014). Normativité, grande santé et persévérance en son être. *Prospектив interdisciplinaire sur le travail et la santé*. <https://doi.org/10.4000/pistes.3469>
- Roth, X. (2016). Les cinq dimensions de la norme. *Revue du Financier*, 38, 6-13.
- Schwartz, Y. (2015). Travail et ergologie: la démarche ergologique. *Le travail: Analyses et perspectives. Les cahiers du Laris*, IES, 14-24.

# A reforma curricular da educação profissional e o trabalho docente: possibilidades, limites e contradições.

## La reforma curricular de la educación profesional y la trabajo docente: posibilidades, límites y contradicciones.

### La réforme du programme d'éducation professionnelle et l'enseignement: possibilités, limites et contradiction.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO  
Faculdade de Psicologia  
da Universidade do Porto

Société Internationale d'Ergologie



### Néri Emílio Soares Júnior

Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia de Goiás  
Rua VA1, Qd. 04. Lt. 25 Village Atalaia  
– Goiânia, Goiás, Brasil  
neriesj@gmail.com

### Resumo

O trabalho analisa os limites, as possibilidades e as contradições no processo de implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio Foi realizado um estudo de caso em uma instituição de educação no Estado de Goiás, Brasil. Os procedimentos de pesquisa foram a análise documental, a observação, a entrevista semiestruturada e a instrução ao sósia. Os sujeitos da pesquisa foram gestores e professores. Foi realizado uma análise com fundamento na ergologia. As possibilidades do processo de implantação das diretrizes estão relacionadas com as ações propostas pela gestão da instituição, os limites estão no fato que essas ações têm apresentado pouco efeito nas práticas curriculares dos professores e as contradições recaem sobre a ênfase do desenvolvimento de políticas que são encaminhadas com objetivos de resolver problemas pragmáticos relacionados à operacionalização do currículo prescrito.

### Palavras-chave

educação profissional, ergologia, trabalho docente

### Resumen

El artículo analiza los límites, posibilidades y contradicciones en el proceso de implementación de los Lineamientos Curriculares Nacionales para la Educación Técnica Vocacional de Nivel Medio. Se realizó un estudio de caso en una institución educativa del Estado de Goiás, Brasil. Los procedimientos de investigación fueron análisis documental, observación, entrevista semiestructurada e instrucción al doble. Los sujetos de investigación fueron gerentes y profesores. Se realizó un análisis basado en la ergología. Las posibilidades del proceso de implementación de los lineamientos están relacionadas con las acciones propuestas por la dirección de la institución, los límites están en que estas acciones han tenido poco efecto en las prácticas curriculares de los docentes y las contradicciones recaen en el énfasis del desarrollo de políticas que se dirigen con el objetivo de resolver problemas pragmáticos relacionados con la operacionalización del currículo prescrito.

### Palabras clave

educación profesional, ergología, trabajo docente)

### Résumé

Le document analyse les limites, les possibilités et les contradictions dans le processus de mise en œuvre des Lignes directrices nationales sur les programmes d'enseignement technique professionnel de niveau moyen.

Une étude de cas a été réalisée dans un établissement d'enseignement de l'État de Goiás, au Brésil. Les procédures de recherche étaient l'analyse de documents, l'observation, l'entretien semi-structuré et l'instruction au double. Les sujets de recherche étaient les gestionnaires et les enseignants. Une analyse a été réalisée sur la base de l'ergologie. Les possibilités du processus de mise en œuvre des lignes directrices sont liées aux actions proposées par la direction de l'établissement, les limites sont dans le fait que ces actions ont eu peu d'effet sur les pratiques curriculaires des enseignants et les contradictions tombent sur l'accent mis sur le développement des politiques dirigées dans le but de résoudre des problèmes pragmatiques liés à l'opérationnalisation du programme prescrit.

### **Mots-clés**

formation professionnelle, ergologie, travaux d'enseignement

### **1. Apresentação**

O objetivo da pesquisa foi analisar o processo de implantação das DCNEP em uma escola de formação profissional. No desenvolvimento da pesquisa foi realizado análise o processo de reformulação curricular na Instituição Formadora e o seu impacto na organização e desenvolvimento do trabalho docente no contexto geral da escola e no contexto da aula. Também foi identificado os fatores que influenciam no desenvolvimento do trabalho docente. Por fim, foi analisado como gestores e professores avaliam o processo de reformulação curricular.

A pesquisa foi desenvolvida a partir das categorias educação profissional, políticas curriculares e trabalho docente, sendo que para a análise do currículo em foi tomado como referência o trabalho docente. A análise do trabalho teve como fundamento teórico o ponto de vista da atividade, a partir das contribuições da ergologia (Schwartz, 1996, 2000, 2002, 2003, 2004, 2010, 2011; Schwartz, Duc, & Durrive, 2007).

### **2. Procedimentos de pesquisa**

Foi realizada uma pesquisa do tipo estudo de caso em uma instituição de educação profissional no estado de Goiás. Para resguardar a identidade será utilizado nomes genéricos “Campus Formador” e “Instituição Formadora” para se referir, respectivamente ao Campus e a instituição em que foi desenvolvido a pesquisa.

Os procedimentos de levantamento de evidências foram a análise documental, a entrevista semiestruturada, instrução ao sócio e a observação. Os interlocutores da

pesquisa foram 5 gestores e 7 docentes. Os gestores entrevistados foram o Pró-Reitor de Ensino, a Diretora de Desenvolvimento de Ensino e o Coordenador Geral de Ensino Médio, que fazem parte da equipe da Pró-Reitoria de Ensino (Proen), o Diretor Geral e o Gerente de Ensino do Campus Formador, que fazem parte da equipe gestora do Campus Formador. Os docentes participantes foram 2 professores da área profissional (Informática e Edificações) e os demais da área de formação geral (Educação Física, Química, Biologia, Matemática e Sociologia). Os documentos analisados foram referentes aos diferentes níveis de desenvolvimento curricular e referentes ao trabalho prescrito, a saber: DCNEP e demais documentos oriundos das políticas curriculares, o Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI), os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) técnicos, os planos de curso de professores e documentos referentes ao regulamento das atividades docentes da Instituição Formadora.

Foi realizada entrevista semiestruturada com os gestores e os professores procurando identificar como esses sujeitos avaliam e se relacionam com o processo de reformulação curricular; e para levantar evidências sobre o trabalho docente.

O método de instrução ao sócio foi realizado com dois professores com grupos composto por três docentes da Instituição Formadora. O processo aconteceu em três momentos: a) no primeiro, os sujeitos participantes foram confrontados pela mediação da atividade regulada ao sócio, b) no segundo momento, houve a transcrição feita pelos participantes e, c) no terceiro momento, foi realizado o comentário escrito sobre a forma e o conteúdo da transcrição. O objetivo foi realizar o confronto em dois tempos: no primeiro, do sujeito consigo mesmo pela mediação da atividade da regra do sócio e, no segundo, a partir de materializações desse intercâmbio pela mediação de uma atividade escritura.

As observações foram realizadas a disposição e organização do espaço físico, os meios de trabalho dos professores nos diferentes espaços da escola e também do desenvolvimento do trabalho de dois professores.

A análise das evidências foi feita a partir de dois momentos: a) organização dos dados, com transcrição e categorização das diferentes fontes de evidência e b) confronto das diferentes fontes de evidência com a literatura.

### **3. Resultados da pesquisa**

#### **3.1. O processo de reformulação curricular**

A análise do processo de reformulação curricular no contexto da Instituição Formadora, apresentou que existe uma disposição da instituição em reproduzir as políticas curriculares de educação profissional. Sendo assim,

a reformulação curricular na Instituição Formadora foi realizada a partir das seguintes ações do órgão de administração geral da instituição: a) alteração dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e das matrizes curriculares dos cursos técnicos, b) ações de formação contínua destinada aos docentes e técnicos administrativos; c) realização de trabalho piloto de reformulação curricular e diálogos entre representantes da Proen e os campi. No contexto do Campus Formador, as ações relacionadas à implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional de nível médio (DCNEP) foram a elaboração dos PPCs em acordo com essas diretrizes curriculares; e reuniões pedagógicas de planejamento pedagógico e no decorrer do ano letivo. Nessas reuniões, são realizadas atividades como diálogos entre os docentes, no formato de palestras e/ou debates sobre os temas que as atuais DCNEP apresentam. A avaliação dos gestores sobre o processo de implantação das DCNEP foi positiva, considerando que o trabalho realizado pela gestão tem sido a contento e que não houve impacto significativo das políticas curriculares apresentaram na organização do trabalho docente. Também foi ressaltado pelos gestores que alguns professores apresentam resistências em aceitar mudanças, tais como às alterações (diminuição) de carga horária, a implantação da carga horária a distância e em desenvolver trabalho de integração com professores de outras disciplinas, fato que acontece, principalmente com professores com mais tempo de serviço.

### **3.2. Os fatores que influenciam no trabalho docente**

De acordo com a investigação realizada, foi possível identificar diferentes aspectos que atravessam, e dessa forma, influenciam o trabalho docente dos professores participantes da pesquisa do Campus Formador, tais como: a história da instituição e dos sujeitos trabalhadores, a dimensão pessoal e o caráter socioeconômico do trabalho, a organização do trabalho pedagógico, os estudantes, o campo disciplinar e a área de atuação, a experiência profissional, as políticas educacionais e curriculares e os valores dos professores.

A Instituição Formadora como outras instituições sociais possui sua história, o seu significado social, assim como o professor carrega consigo sua história de vida, suas experiências profissionais e pessoais e nas situações de trabalho essas histórias atravessam a atividade de trabalho.

Relacionado com a história do professor enquanto protagonista da atividade de trabalho, estão sua dimensão pessoal e o caráter socioeconômico do trabalho. A dimensão pessoal refere-se às estratégias pessoais

usadas pelos trabalhadores no seu labor. Fatores como idade, gênero, história e experiência de vida pessoal e profissional, entre outros, fazem parte dessa dimensão (Guérin et. al., 2001). Sendo assim, trabalhar é deixar sua marca e realizar investimento pessoal. Desse modo, o professor simplesmente não apenas trabalha, ele engaja e investe a si mesmo (Guérin et al., 2001; Tardif & Lessard, 2005). Por exemplo, foi identificado que a professora de Biologia se relacionava de forma bastante afetuosa e carinhosa com os estudantes, essa era uma característica específica desta professora.

Além do aspecto pessoal, o aspecto econômico é uma importante dimensão do trabalho. Segundo Guérin et al. (2001), o trabalho sofre influência da organização social e econômica no qual está inserido, que é resultado da inserção em uma organização social e econômica de produção. Sendo assim, a instituição escolar não fica alheia a esse processo. A organização do trabalho, relações hierárquicas, o estatuto, o salário e a divisão das aulas em tempo são aspectos que sofrem influência deste caráter. Outro aspecto que influenciam no desenvolvimento do trabalho se refere à organização do trabalho pedagógico. A escola é uma instituição cuja organização e características organizacionais e sociais influenciam na própria organização e desenvolvimento do trabalho dos professores no contexto da aula (Tardif & Lessard, 2005). Foi possível perceber a influência dessa organização de diferentes formas, como exemplo citam-se a organização do ano letivo (por trimestre); a estrutura física da escola; a gestão e a organização do trabalho pedagógico; bem como outros elementos.

Talvez, um dos principais elementos que foram apresentados nas entrevistas sobre a influenciam o trabalho docente dos interlocutores da pesquisa foram os estudantes. Um dos aspectos enfatizados pelos interlocutores foi que os conteúdos que são ensinados precisam ser ajustados aos estudantes. A professora de Química informou que procura organizar o conteúdo de uma forma que os estudantes consigam compreender o que está sendo tratado. No exemplo, ela cita a exclusão de um tema (bioquímica) porque os estudantes não apresentavam conhecimento sobre química orgânica. Observa-se que a organização da escola, dos componentes curriculares e a conceção que a professora possui do campo disciplinar também atravessam essa questão. Outros professores, informaram que procuram selecionar conteúdos que estejam mais contextualizados com a vida dos estudantes, objetivando potencializar o aprendizado.

A influência do campo disciplinar é outro aspecto que as evidências da pesquisa revelaram no desenvolvimento do trabalho docente, principalmente quando se compa-

ra a forma de trabalho dos professores que ministram componentes curriculares relacionados à formação técnica e à formação geral.

Foi identificado que os professores que ministram as disciplinas de conteúdo técnico possuem o mundo do trabalho como um importante valor no processo de ensino-aprendizagem. Já os professores das disciplinas do núcleo comum lançam o olhar mais para o cotidiano da vida dos estudantes e, em alguns casos, para as políticas de avaliação de larga escala, principalmente o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), isso devido à influência dos estudantes. Outra diferença refere-se aos materiais didáticos, os professores de disciplinas do núcleo comum utilizam livros didáticos, textos, já os professores das disciplinas técnicas, como não possuem livros didáticos relacionados às suas disciplinas, utilizam livros técnicos da área profissional e, em muitos casos, de nível superior e apostilas, que são uma espécie de adaptação do conteúdo para o ensino médio.

A experiência profissional foi outro aspecto que influencia no trabalho docente evidenciado na investigação. A experiência profissional constitui o que se pode denominar de saberes em patrimônio, ou seja, aqueles infiltrados nas situações laborais, que são dotados de historicidade (Schwartz, 2003, 2010). Esses saberes são erigidos por meio da atividade de trabalho. Na experiência de trabalho de integração de conhecimentos desenvolvido pelo professor da área de Edificações, foi informado que vem desenvolvendo essa ação a partir da experiência profissional na tentativa de “chamar a atenção” dos estudantes. Ao explicar como começou a integralizar conhecimentos, ele respondeu:

*E eu testei em sala e deu muito certo. Porque eu percebo que os alunos têm aulas que eu falo até sobre acústica da física, eu falo sobre questão térmica, dilatação. Então, percebo que isso chama a atenção deles porque eles vão lembrar do que estudaram: - nossa eu vi isso lá na matéria do professor de física, eu vi isso na matéria de química, eu vi isso em biologia. Por exemplo, quando estou falando em estruturas e madeiras eu vou citar os tipos de plantas existentes, quais nós utilizamos nas estruturas, isso chama a atenção deles (Professor Edificações)*

E ele avalia que, quando não procede de tal forma, os estudantes ficam dispersos. Então, a partir dessa aprovação desses saberes do patrimônio que foram erigidos no contexto da experiência profissional, o professor desenvolve essa característica.

Na presente pesquisa, também foi identificado valores dos interlocutores que estão em jogo no desenvolvimento do trabalho. Esses valores são: a valorização do trabalho pedagógico em conjunto entre os professores e estudantes; a participação e a compreensão dos estudantes em relação ao conteúdo que estava sendo ensinado; contextualização dos conteúdos, procurando aproximar da realidade dos estudantes; valorização da área de atuação profissional; a boa relação com os estudantes, observada na utilização de uma linguagem que aproxima deles e com uma relação pautada no respeito e permeada com afeto e descontração; a atenção, a participação e a compreensão dos estudantes durante o processo de ensino, que foram expressos na preocupação com o ambiente de aprendizado e as perguntas encaminhadas para eles permanecerem atentos à aula. Os professores articulam esses valores relacionados com os estudantes, com a área disciplinar, com as técnicas de ensino.

Ainda foi identificado que os professores desconhecem as diretrizes das atuais políticas curriculares da educação profissional técnica de nível médio. Assim, essas diretrizes curriculares influenciam de forma mais efetiva a prática dos professores por meio da OTP geral da escola e do currículo prescrito dos cursos técnico integrados, relacionados aos aspectos operacionais do currículo.

#### 4. Considerações finais

A partir das análises, foi possível identificar que o processo de implantação das DCNEP no Campus Formador vem sendo realizado a partir de ações propostas pela equipe gestora da reitoria e do Campus Formador, o que demonstra preocupação com o processo de implantação dessas diretrizes.

Entretanto, as ações propostas têm apresentado pouco efeito na compreensão e nas práticas dos professores entrevistados do Campus Formador sobre as orientações das DCNEP, isso porque no trabalho dos professores outros elementos influenciam sua ação e os gestores parecem desconhecer ou desconsiderar esses elementos.

Parece que a ação nessas ações se baliza, em grande medida, em resolver problemas pragmáticos relacionados à operacionalização do currículo prescrito a partir dessas políticas, como diminuir a alta carga horária dos cursos integrados e as ações empreendidas pela gestão parece não foram elaboradas em conjunto com a participação dos professores. Por fim, recomenda-se que outros estudos sejam realizados sobre a relação entre a implantação de políticas curriculares e o trabalho docente.

### Referências Bibliográficas

- Guérin, F. et al. (2001). *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. São Paulo: Edgard Blücher.
- Schwartz, Y. (1996). Trabalho e valor. *Tempo Social*, 8(2), 147–158. <https://doi.org/10.1590/ts.v8i2.86429>
- Schwartz, Y. (2000). A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. *Trabalho & Educação*, 7, 38–46.
- Schwartz, Y. (2002). A abordagem do trabalho reconfigura nossa relação com os saberes acadêmicos: as antecipações do trabalho. In M. Souza-e-Silva, & D. Faita (Eds.), *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análises no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez.
- Schwartz, Y. (2003). Trabalho e saber. *Trabalho & Educação*, 12(1), 21–34. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8971/6458>
- Schwartz, Y. (2014). Circulações, dramáticas, eficácia das atividades industriais. *Trabalho, Educação e Saúde*, 2(1), 33–55. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462004000100004>
- Schwartz, Y. (2010). A experiência é formadora? *Educação & Realidade*, 35(1), 35–48.
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 19–45. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>
- Schwartz, Y. Duc, M., & Durrive, L. (2007). Trabalho e ergologia. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Eds.), *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Tardif, M., & Lessard, M. (2005). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissional de interações humanas*. Petrópolis: Vozes.

# **Dispositivo de análise da atividade dos professores relativamente à transmissão de valores republicanos.**

# **Dispositivo de análisis de la actividad de los profesores sobre la transmisión de los valores republicanos.**

# **Dispositif d'analyse de l'activité des enseignants en prise avec la transmission des valeurs républicaines.**

**U.PORTO**

FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



**U.PORTO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFUSÃO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### Jean-Luc Denny

Laboratoire Interuniversitaire des Sciences de l'Éducation et de la Communication LISEC – UR 2310 Université de Strasbourg. 7 rue de l'Université 67000 Strasbourg  
jldenny@unistra.fr

### Resumo

A nossa investigação mostra o impacto sobre a profissionalidade docente de uma prática de debate na sala de aula centrada na tomada em consideração do meio de vida do estudante. O meio de vida é entendido como a tomada em conta das razões de agir do estudante em situações de vida específicas.

A comunicação pretende mostrar como a utilização de uma ferramenta metodológica mobilizada para a realização de entrevistas e o tratamento de dados permite, por um lado, produzir resultados de investigação e, por outro lado, alargar o património ergológico.

Foi criado um sistema longitudinal de recolha de dados, ao longo de um ano letivo, com três professores experientes. Os resultados mostram um desenvolvimento profissional a partir de um tripllo processo que vai da instrumentalização do vivido dos estudantes a um sentimento de ineficácia, de uma mudança de referencial a uma desestabilização do género profissional, e da experiência de desapego (“deixar ir”) ao esboço das normas da profissão.

### Palavras-chave

meio de vida, normas, debate, atividade, profissionalidade

### Resumen

Nuestra investigación muestra el impacto en la profesionalidad docente de una práctica de debate en el aula centrada en tener en cuenta el entorno vital del alumno. Se entiende que el entorno vital tiene en cuenta las razones del alumno para actuar en determinadas situaciones de la vida.

La comunicación pretende mostrar cómo el uso de una herramienta metodológica movilizada para la realización de entrevistas y el tratamiento de datos permite, por un lado, producir resultados de investigación y, por otro, ampliar el patrimonio ergológico.

Se estableció un sistema de recogida de datos longitudinal, durante un año escolar, con tres profesores experimentados.

Los resultados muestran un desarrollo profesional basado en un triple proceso que lleva de la instrumentalización de la experiencia de los estudiantes a un sentimiento de ineficacia, de un cambio de referencial a una desestabilización del género profesional y de la experiencia de dejarse llevar al resquebrajamiento de las normas de la profesión.

### Palabras clave

entorno vital, normas, debate, actividad, profesionalidad

## Résumé

Notre recherche montre l'impact sur la professionnalité enseignante d'une pratique du débat en classe centrée sur la prise en compte du milieu de vie de l'élève. Le milieu de vie est entendu comme la prise en compte des raisons d'agir de l'élève dans des situations de vécues spécifiques.

La communication entend montrer en quoi l'usage d'un outillage méthodologique mobilisé pour la conduite des entretiens et le traitement des données permet d'une part de produire des résultats de recherche et, d'autre part, d'élargir le patrimoine ergologique.

Un dispositif longitudinal de recueil de données a été mis en place sur une année scolaire avec trois enseignants chevronnés.

Les résultats montrent un développement professionnel à partir d'un triple processus menant de l'instrumentalisation du vécu des élèves à un sentiment d'inefficacité, d'un changement de référentiel à une déstabilisation du genre professionnel et de l'expérience du lâcher prise au craquement des normes de métier.

## Mots clés

milieu de vie, normes, débat, activité, professionnalité

«De quelle éducation avons-nous besoin au XXIème siècle? Quelles en devraient être les finalités dans le contexte actuel, où les sociétés sont en pleine mutation? Comment l'éducation doit-elle être organisée?» Ces propos introductifs du rapport de l'UNESCO (2015) intitulé «Repenser l'Éducation, vers un bien commun mondial?» résonnent avec une intensité particulière relativement au contexte sanitaire actuel. Celui-ci ébranle nos certitudes, nos manières de penser et d'être en inscrivant dans nos quotidiens de nouveaux repères en rupture avec le passé et sans transition. Des questionnements éthiques apparaissent, des controverses émergent qui traduisent l'impérieuse nécessité d'articuler des savoirs, ici instables, avec des valeurs obligeant les politiques à trancher dans un contexte d'urgence et d'incertitude inédit.

Outre l'ambition de faire acquérir des savoirs scolaires, l'école entretient un lien indéfectible avec l'objectif de transmission des valeurs. Pour préparer les élèves à leur future insertion dans la vie sociale, il nous apparaît essentiel de les initier à des savoirs au-delà de ceux relevant des instructions officielles et qui touchent à la société. En outre, il n'y a pas de savoirs sur le monde social qui ne fassent références à des valeurs.

Notre recherche s'ouvre au questionnement relevant du champ de la transmission en contexte scolaire et plus

particulièrement sur la manière dont les enseignants s'emparent de l'objet «valeur» pour l'inscrire dans leurs tâches et préoccupations pédagogiques. La pertinence de notre recherche est accentuée par le peu d'études scientifiques prenant en compte les pratiques et contenus pédagogiques dans le cadre de l'éducation civique dans lequel nous inscrivons notre recueil des données. Nous nous mettons dès lors en quête de l'activité en l'abordant comme un processus dynamique d'enchevêtrement de délibérations et raisons d'agir. Nous traçons ce qui bouge dans la professionnalité enseignante en situation de conduite de débats en classe avec l'ambition de contribuer à la formation des élèves par leur émancipation. Pour définir cette notion, nous mobilisons les travaux de Freire (2001) d'une part du fait de leur proximité avec la démarche ergologique mobilisée pour cette étude et d'autre part pour ses apports notionnels qui éclairent notre recherche. L'auteur décrit l'émancipation tel un processus de conscientisation qui place le domaine des valeurs à la croisée des apprentissages. Il met en dynamique prise de conscience et transformation par un développement du vivant humain mettant en dialogue des savoirs et valeurs ancrés dans leur quotidien. Les travaux de Freire engagent un certain regard sur le Monde, l'Homme, la relation maître-élève et le savoir en considérant l'émancipation comme un but et une voie amenant à la liberté. Nous nous adossons à cette acception dans le cadre de cette étude.

## 1. Objectifs de la communication

Nous suivons un double objectif. Il s'agit tout d'abord de rendre compte de notre démarche d'enquête originale en soumettant à l'étude notre outillage méthodologique (Denny & Flavier, 2019). L'explicitation et la formalisation de notre méthodologie ambitionne de contribuer au développement de la logique ergologique en nous éloignant encore davantage d'une perspective idéologique comme il peut parfois en être fait le reproche aux sciences de l'éducation et de la formation. Enfin en approchant le travail en micro, à la loupe, nous nous attachons à tracer ce qui bouge dans la professionnalité enseignante lorsqu'ils sont en situation de conduire la transformation des élèves. Nous nous inscrivons ainsi dans une double polarité: d'une part transformative en visant le développement professionnel des enseignants et, d'autre part, épistémique, par une approche heuristique de l'activité d'acteurs engagés dans des tâches d'enseignement-développement.

Ces objectifs s'enrichissent mutuellement d'un débat permanent qui nécessite une collaboration particulière entre acteurs et chercheurs permettant de rendre

compte de l'activité développée *in situ* par la mise en intelligibilité des logiques d'agir des acteurs.

## **2. Revue de littérature: description de la position du problème**

Un quasi consensus apparaît quant à la responsabilité de transmission des valeurs par l'école. Néanmoins un décalage émerge relevant une faible mobilisation des enseignants car en difficulté avec cette injonction. Il en ressort que les enseignants seraient plus enclin à «enseigner des certitudes (à) laisser de côté la diversité des points de vue [afin d']évaluer des savoirs clairement énoncés et non des incertitudes» (Audigier, 2002, p. 14). Pourtant, un lien fort apparaît entre développement personnel et exercice d'une citoyenneté éclairée, aspect qui fait écho aux programmes d'enseignement depuis plus d'un siècle. Ainsi, l'école contemporaine se heurte à la difficulté de satisfaire à la résolution de demandes et de besoins sociaux nouveaux.

L'analyse des pratiques pédagogiques fait apparaître une négligence du vécu des élèves jusqu'à déboucher sur une «dérive de moralisation» (Leleux, 2014, p. 12). Nous comprenons que les enseignants sont déstabilisés face à une tâche qui revêt un caractère d'étrangeté (Husser, 2017). Ces doutes amènent certains à adopter une approche plus transmissive en phase avec des savoirs formels tandis que d'autres s'attachent à rendre la complexité des thèmes mais les exposent à des effets de relativisme (Panissal et al., 2016). Débattre en mettant les valeurs en discussion remet en cause les manières de faire issues du patrimoine du métier. Ce constat justifie nos intentions visant à entrer dans la complexité de l'activité afin de produire de l'intelligibilité.

Nous défendons l'idée que pour former aux valeurs il faut proposer aux élèves de vivre des moments démocratiques partagés et sécurisés. L'enjeu étant de permettre aux élèves de vivre une expérience formative ouverte au partage de normes et de valeurs adossé à une pratique enseignante autorisante. Conscient du recouvrement des valeurs par les normes, nous rejoignons l'approche freiriennne qui ambitionne de faire dialoguer l'expérience des apprenants par le prisme des normes et valeurs.

## **3. Cadre théorique: présentation du concept organisateur de l'étude**

Nous éloignant de l'approche computo-symbolique de Chomsky et Fodor qui privilégie la cognition comme un système de traitement de l'information induisant selon nous des effets de simplification du métier, nous défendons une compréhension qui donne le primat au point de vue des acteurs. Prendre au sérieux l'idée

que la compétence n'existe pas en extériorité et qu'elle nécessite d'être ressaisie par les acteurs en prise avec les situations, c'est aborder l'activité telle une enquête toujours énigmatique et en mouvement. Aussi, nous abordons la compétence comme un débat et non un fait stable qu'il faudrait incarner. Dans le prolongement nous préférons accorder le terme activité au pluriel, nous pensons qu'évoquer des activités permet de rendre compte de la complexité de ce qui recouvre cette forme de réalité. Par ailleurs l'insistance du pluriel traduit une posture d'humilité face à l'insaisissable de ce que la vie révèle dans le quotidien des acteurs. Ignorer l'épaisseur des activités c'est rester muet sinon discret sur les «débats de normes» (Schwartz & Durrive, 2009, p. 254) à la base de l'orientation de l'agir.

Nous retenons un concept clé qui traduit nos intentions scientifiques. Roth emprunte à Carbonnier le concept «d'internormativité» (2018, p. 10) qui rend compte de la manière dont les acteurs rejoignent la norme par des interactions et tensions qui se jouent entre protagonistes d'une situation comportant de multi-prescriptions issues de toutes parts. Ainsi les «normes antécédentes» (Schwartz, 2000, p. 594) se heurtent aux «dramatiques de l'activité» (Schwartz & Durrive, 2009, p. 254) amenant les participants à une posture polémique avec l'orientation de leurs choix et ceux des autres en situation de travail. Les délibérations et raisons d'agir rendent compte du sens et des significations qui s'échangent entre enseignants sur fond de normes et de valeurs permettant de transformer les pratiques en passant de l'expérience à l'apprentissage et inversement. Les «divergences normatives» (Roth, 2018, op. cit, p. 10) constituent un marqueur de l'émergence d'une nouvelle professionnalité.

## **4. Cadre méthodologique: modélisation d'outils pour accéder aux activités**

Nous avons tracé les activités de trois enseignants affectés en collège et en lycée pendant une année scolaire à raison d'un débat avec les élèves par trimestre pour chacun suivi d'une autoconfrontation simple (ACS) avec le chercheur et d'une autoconfrontation croisée (ACC) enseignants/chercheur. Ce cycle a été reconduit trois fois. Des enregistrements vidéo ont été utilisés pour soutenir les AC.

Défendre que rien ne peut être dit sans la prise en compte du point de vue de ceux qui travaillent, nécessite de donner de la structure à l'expression des raisons d'agir. L'enjeu étant de produire de l'intelligibilité sur des logiques d'agir au-delà de tout propos qui se restreindrait à de simples effets de langage dans une interac-

tion entre chercheur et participants. Accordant un statut épistémologique différent à ces deux procédés d’AC nous distinguons autant de modèles théoriques.

Notre protocole de recherche, inspiré des Groupes de Rencontres du Travail (GRT), s’adosse à une méthode d’intervention et de codage des données recueillies permettant de potentialiser les effets du dispositif. Une telle démarche nous apparaît inédite et donc susceptible d’enrichir le patrimoine ergologique. Nous décrivons les repères conceptuels ayant servi de référent au chercheur pour conduire les entretiens.

Nous abordons les ACS comme un artefact qui rend accessible partiellement la dialectique entre un environnement normatif et celui de la vie réinventée par les initiatives prises par le vivant humain *hic et nunc* pour reprendre des marges sur les contraintes. En se donnant comme repère pour la conduite des entretiens les trois sommets du triangle de l’activité «Agir, Savoir, Valeur» tel que formalisé par Schwartz, nous parvenons à prendre de l’information avec une finesse de grains enrichissant considérablement notre enquête.

Dans ce modèle, l’agir renvoie aux manières de faire ayant «un commencement et une fin repérables [par] un geste, imputable comme suite d’une décision» (Schwartz, 2000, p. 684). Le sommet «Savoirs» convoque des savoirs académiques et d’expérience qui se côtoient pour fournir des raisons d’agir. Les «Valeurs», de nature générique, représentent un système de préférence considérant qu’«aucune activité industrieuse se déploie ou ne se déplie sans convoquer en même temps un espace de valeurs» (2000, p. 551). Ces trois déterminants permettent au vivant humain de se composer localement son milieu en s’accordant sur ses préférences.

Pour les ACC, nous mobilisons le dispositif dynamique à trois pôles (Schwartz, 2000). Il nous permet de rendre compte de la dimension transformative de notre étude par une posture plus explicitement heuristique et épistémique. Il ambitionne la production et la validation de savoirs nouveaux par confrontation de points de vue. Plus précisément, le pôle 1 renvoie aux «normes antécéntes» (Schwartz, 2000, *op. cit.*) stockées au patrimoine du métier. Ces savoirs sont ensuite rediscutés au pôle 2 par des renormalisations des acteurs générés dans leurs manières d’agir en situation. Passé au crible de l’«internormativité» (Roth, 2018, *op. cit.*, p. 10), le dialogue entre ces deux pôles permet l’habilitation de nouveaux savoirs d’expérience au pôle 3. Ces savoirs sont dès lors susceptibles, à leur tour, d’intéresser les savoirs disciplinaires disponibles.

Le traitement des données reprend ces cadres afin de procéder à un découpage en unités d’analyse permet-

tant une reconstitution des activités en retrouvant l’unité originelle et rendant traçable les activités. Nous avons illustré ailleurs cette démarche (Denny & Flavier, 2019).

## 5. Résultats et discussion: des normes du métier transformées

Le dispositif d’accompagnement a produit des effets transformatifs sur la professionnalité enseignante par une interpellation éthique qui permet de mieux comprendre le constat d’échec repéré traduisant l’incapacité de l’école à transmettre les valeurs.

Nous restituons la dynamique transformative de l’activité des acteurs à travers un triple processus (Denny & Flavier, 2019). Dans un premier temps, nous repérons une dynamique d’instrumentalisation du vécu des élèves associée à un sentiment d’inefficacité. Ne parvenant pas à faire émerger les normes et valeurs immergées dans l’agir des élèves, les enseignants se réfugient dans des routines du métier et enseignent des connaissances dès que le vécu des élèves s’exprime. La parole se mue en un prétexte pour normer les comportements. Dès lors la valeur devient un objet d’enseignement comme un autre. Or il nous apparaît qu’elle ne peut être traitée sur un mode neutre, éloignée du milieu de vie de l’élève.

Une dimension transformative apparaît concomitamment. Nous repérons un changement de référentiel qui passe par une déstabilisation des normes du métier. De concepts à transmettre, les enseignants passent à la compréhension de l’épaisseur du point de vue des élèves qui n’avait, jusque-là, pas valeur à leurs yeux. Ils se rendent compte que lorsqu’ils «jouent à faire le prof», les élèves répondent en jouant «le métier d’élève». Aussi, l’intervention éducative se solde par une interprétation théâtrale rendant impossible toute modification durable des comportements.

Un dernier temps est observé amenant les enseignants à faire l’expérience du lâcher prise sur les manières de faire standardisées aboutissant au craquement des normes du métier. Aussi nous pouvons dire que transmettre les valeurs réinterroge la professionnalité enseignante au point de faire émerger de nouvelles normes. Se doter de l’ambition de former les élèves nécessite de réinterroger le cœur du métier d’enseignant en acceptant de se situer en-dehors des standards. Cette transformation de l’agir en situation permet à l’élève de vivre une expérience formative, celle-ci même susceptible de produire du développement dans le sens de son émancipation.

## Bibliographie

- Audigier, F. (2002). L'éducation civique dans l'école française. *Journal of Social Science Education*, 1(2). <https://doi.org/10.2390/jsse-v1-i2-456>
- Denny, J-L., & Flavier, E. (2019). La professionnalité enseignante dans le débat en classe: une étude de cas en EMC pour faire émerger le milieu de vie de l'élève. *Éducation et socialisation*, 53. <https://doi.org/10.4000/edso.6913>
- Freire, P. (2001). *Pédagogie des opprimés; suivi de Conscientisation et révolution*. Paris: La Découverte.
- Husser, A.-C. (2017). L'enseignement moral et civique dans les établissements scolaires français, une transversalité consistante? *Éthique en éducation et en formation: les Dossiers du GREE*, 4, 12-29.
- Leleux, C. (2014). Instruire et éduquer sur fond d'éthique. *Pratiques, Linguistique, littérature, didactique*, 163-164. <https://doi.org/10.4000/pratiques.2237>
- Panissal, N., Jeziorski, A., & Legardez, A. (2016). Une étude des postures enseignantes adoptées lors des débats sur des questions socialement vives (QSV) liées aux technologies de la convergence menés avec des élèves de collège. *DIRE - Diversité Recherches et terrains*, 8, 48-64.
- Roth, X. (2018). Le travail dans une perspective ergologique. In *La démarche ergologique, une contribution originale à la compréhension des relations entre la formation et l'emploi: Séminaire d'analyse du travail du Céreq* (pp. 9-13). Marseille: Céreq.
- Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Octares.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2009). *Entretiens sur l'activité humaine – II. L'activité en dialogues; Suivi de Manifeste pour un ergo-engagement*. Toulouse: Octarès.
- Unesco. (2015). *Repenser l'éducation: Vers un bien commun mondial?* Paris: Unesco.

# A complexa relação entre trabalhar, aprender, saber, no âmbito do estágio obrigatório do curso de Pedagogia.

# La compleja relación entre trabajar, aprender, saber dentro de la pasantía obligatoria del curso de Pedagogía.

# La relation complexe entre travailler, apprendre, savoir, dans le cadre du stage obligatoire du cours de Pédagogie.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie



### Kênia Abbadia de Melo

Universidade Estadual de Goiás – UEG  
Brasil – Goiânia – GO  
kenia.abbadia@hotmail.com

### Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de doutoramento, concluída no ano de 2019, na Universidade Federal de Goiás (UFG), no Brasil. Trata-se de uma investigação que discute o trabalho docente no âmbito do estágio curricular obrigatório. Constitui-se como um estudo de caso múltiplo por envolver duas instituições públicas de ensino superior do estado de Goiás, uma federal e outra estadual. Tem por base teórico-metodológica fundamental a abordagem ergológica do trabalho. Como principais conclusões, aponta para o estágio enquanto um momento importante na formação inicial docente. Ademais, considerando o caráter enigmático da atividade de trabalho, em geral, e a especificidade da atividade de trabalho do docente, em especial, destaca as complexidades epistemológica, ética e organizacional inerentes à relação trabalhar, aprender, saber no âmbito do estágio e a importância de um esforço coletivo que vise um trabalho cooperativo e dialógico de formação.

### Palavras-chave

estágio obrigatório, atividade de trabalho, saberes docentes, formação docente

### Resumen

Este trabajo presenta los resultados de una investigación de doctorado, finalizada en 2019, en la Universidad Federal de Goiás (UFG), en Brasil. Se trata de una investigación que analiza la labor docente en el ámbito de la pasantía curricular obligatoria. Constituye un estudio de caso múltiple porque involucra a dos instituciones públicas de educación superior del estado de Goiás, una federal y otra estatal. La base teórico-metodológica fundamental es el enfoque ergológico del trabajo. Como principales conclusiones, apunta a la pasantía como un momento importante en la formación inicial del profesorado. Además, considerando el carácter enigmático de la actividad de trabajo, en general, y la especificidad de la actividad de trabajo del docente, en particular, resalta las complejidades epistemológica, ética y organizativa inherentes a la relación de trabajar, aprender, conocer en el ámbito de la pasantía y la importancia de un esfuerzo colectivo orientado a la formación cooperativa y dialógica.

### Palabras clave

pasantía obligatoria, actividad de trabajo, conocimiento docente, formación docente

## Résumé

Ce travail présente les résultats d'une recherche doctorale achevée en 2019 à l'Université fédérale de Goiás (UFG), Brésil. Il s'agit d'une enquête qui aborde le travail enseignant dans le cadre du stage obligatoire de formation. Cette enquête constitue une étude de cas multiples du fait de comprendre deux établissements publics d'enseignement supérieur, l'un fédéral et l'autre étatique. Sa base théorique et méthodologique fondamentale repose sur l'approche ergologique du travail. En guise de principales conclusions, le stage caractérise un moment important dans la formation initiale des enseignants. Par ailleurs, compte tenu du caractère énigmatique de l'activité de travail, en général, et de la spécificité de l'activité de travail de l'enseignant, en particulier, l'étude met en évidence les complexités épistémologique, éthique et organisationnelle inhérentes à la relation entre travailler, apprendre, savoir dans le cadre du stage ainsi que l'importance d'un effort collectif visant à mener un travail coopératif et dialogique de formation.

## Mots-clés

stage obligatoire, activité de travail, savoirs enseignants, formation enseignants

## 1. Introdução

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de doutoramento, concluída no ano de 2019, na Universidade Federal de Goiás (UFG), no Brasil. Trata-se de uma investigação que se caracteriza como um estudo de caso múltiplo por envolver duas instituições públicas de ensino superior do estado de Goiás, uma federal e outra estadual.

Com base na abordagem ergológica, a análise visa considerar o ponto de vista da atividade de trabalho e tem como questão de fundo a aprendizagem da profissão docente. Ao mobilizar, por um lado, a noção de *métier* – que dá relevância aos saberes e valores construídos na experiência do trabalho (Franzoi, 2003) – e, por outro lado, a noção de exterritorialidade – que evidencia o risco de uma postura que obscureça ou desconsidere esses saberes e valores (Schwartz, 2004, p. 143) – o estudo problematiza a relação entre professores universitários e professores das escolas, durante a realização do estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Relação pensada não somente em sua dimensão integrativa, mas, sobretudo, em uma dimensão na qual essa relação se dá mediada por atores sociais investidos por conhecimentos e valores específicos, apreendidos em seu *métier*. Em outros termos, uma relação mediada pela atividade de trabalho.

Ao considerar o investimento humano pessoal e coletivo presentes na atividade de trabalho, entende-se que, longe de ser uma noção simples, o trabalho pressupõe encontros nos quais se cria o imprevisível. Com essas premissas e a partir do que dizem o conjunto de atores sociais envolvidos – os docentes universitários, os docentes das escolas e os estagiários – o estudo tem como questão central: como se constitui a relação entre trabalhar, aprender, saber durante a realização do estágio na formação inicial de professores?

## 2. Pressupostos teóricos fundamentais e opções metodológicas

Em seus aspectos teóricos e metodológicos, dois autores são fundamentais para este estudo. São eles: Maurice Tardif e Yves Schwartz. O primeiro, ao defender que o saber profissional docente é modelado no e pelo trabalho e o segundo, ao propor uma análise mais aprofundada do trabalho, com base nos pressupostos da Ergologia<sup>[1]</sup>.

Tardif (2014, p.10), baseando-se em um vasto itinerário de pesquisas realizadas “junto a professores de profissão”, interessa-se pelo processo de aprendizagem do trabalho docente, considerando os saberes que constituem e alicerçam esse trabalho. Defende que um primeiro fio condutor para se pensar a relação saber e trabalho é o de “que o saber dos professores deve ser compreendido em íntima relação com o trabalho deles na escola e na sala de aula”. Em suma, “o saber está a serviço do trabalho” e isso significa que as relações dos professores com os saberes não são meramente cognitivas. São relações mediadas pelo trabalho que fornecem aos docentes “os princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas”.

Assim, compreendendo o trabalho como um processo paulatino de aprendizagens, durante o qual o trabalhador professor modifica a si mesmo e constrói sua identidade, o autor entende que, nesse percurso, o professor modifica também, “sempre com o passar do tempo, o seu saber trabalhar” (Tardif, 2014, p. 57).

Por sua vez, Schwartz (2010, p.43), ao defender uma análise mais aprofundada do trabalho, postula que toda atividade é um debate de normas, isto é, um debate entre “normas antecedentes” e tudo aquilo que é preciso “renormalizar”. Toda atividade de trabalho envolve e se dá como um apelo à experiência, entendida como um encontro. Diz o autor: “Há, aí, um postulado de convocação à experiência, pois se é preciso que cada um se dê normas para tratar o aspecto singular da situação, o faz com seu patrimônio, diremos, com sua experiência” (Schwartz, 2010, p. 43).

Com essa visão, a atividade humana de trabalho constitui-se como uma “gestão sempre altamente problemática do que pode ser antecipado em desaderência e do que, em outro polo, pode somente ser encontrado nas asperezas da aderência” (Schwartz, 2009, pp. 266-267). Em outras palavras, a atividade de trabalho comporta saberes produzidos na dimensão histórico-local que não podem ser antecipados (saberes em aderência) e saberes que podem ser antecipados conceitualmente (saberes em desaderência).

Nunca poderemos saber, totalmente, tudo o que está em jogo na atividade humana de trabalho, na qual há fortemente um apelo à pessoa, sua memória, seus valores etc. “Em razão da variabilidade das situações de atividade, e também do que é viver – e, portanto, viver no trabalho – para cada um”, haverá sempre uma distância entre o que pensamos em realizar no trabalho (nós mesmos ou os outros) e a realidade desse trabalho (Schwartz & Durrive, 2007, p. 42).

Essa distância, sempre ressingularizada, somente “será explicitada caso se vá a campo para ver, e caso se aprenda com o que se vê, inclusive discutindo com a pessoa que trabalha” (Schwartz & Durrive, 2007, p.4 3). Exige-se “toda uma aprendizagem do olhar, da atenção e do interesse. Se não sabemos que existem coisas a encontrar, que existem diferenças a descobrir, não as encontraremos” (Schwartz & Durrive, 2007, p. 40).

Não há como construir e transformar a vida e o trabalho humano sem utilizar os recursos conceituais, sem o esforço de, por meio de um pensamento ampliado e universal, concretizar o conhecimento “em desaderência”; mas não se pode ignorar ou obscurecer o retrabalho, as renormatizações que alimentam e realimentam a construção dos conhecimentos e dos saberes. Uma atitude epistemológica que ignora as renormatizações, o retrabalho permanentemente vivido na atividade industrial humana, de maneira geral, aparece relacionada à postura axiológica denominada exterritorialidade. Nesse entendimento, a exterritorialidade “é de certo modo a postura de ‘desaderência’, analisada num plano já não epistemológico, mas axiológico” (Schwartz et al., 2008, p. 17). Diz respeito a uma postura axiológica – diante do conhecimento, diante do trabalho de conceituar, de normatizar – que não considera, obscurece ou coloca em segundo plano o conhecimento local, aderente, construído nas situações singulares da atividade humana. Diz respeito a uma postura axiológica na medida em que conceituar é fazer escolhas. Existe, pois, na ressingularização sempre presente na atividade humana “uma racionalidade a ser levada em conta”. Não se trata de dizer que há “uma racionalidade que se opõe

completamente a outra”, mas que “jamais existe uma única racionalidade no trabalho”. Portanto, “sempre que a atividade de trabalho está em questão, é preciso evitar a unilateralidade, o tudo ou nada” (Schwartz & Durrive, 2007, p. 43).

Trata-se de olhar o humano no trabalho, em sua inteireza e, assim, considerar essa racionalidade “enigmática”, na medida em que há uma grande dificuldade para pensar o sujeito da atividade que “não é nem o sujeito perfeitamente consciente, nem o sujeito perfeitamente inconsciente”. Para Schwartz e Durrive (2007, p. 44), essa racionalidade enigmática, “esta entidade que rationaliza, é o ‘corpo-si’, ou seja, alguma coisa que atravessa tanto o intelectual, o cultural, quanto o fisiológico, o muscular, o sistema nervoso”. Um “corpo-si” que transita e se constitui permanentemente entre o individual e o coletivo.

Ao adotar a perspectiva de análise ergológica do trabalho, a visão universal e ampliada dos conceitos e as renormatizações, “as reservas de alternativas” construídas localmente podem dialogar segundo horizontes novos, no qual uma posição de desconforto intelectual é exigida de lado a lado e “é a condição para abandonar tanto a postura reificada e mortífera de exterritorialidade como a defesa agressiva, ou em certos casos obscurantista, dos particularismos e comunitarismos” (Schwartz et al., 2008, p. 18).

Essa perspectiva de análise coloca grandes e inúmeros desafios tanto para aquele que pesquisa e analisa a atividade de trabalho, quanto para aquele que atua na formação para o trabalho. São desafios e dificuldades que começam pelo caráter enigmático e opaco da atividade de trabalho. Uma atividade que, carregada de saberes muito ligados ao contexto e na qual a pessoa que trabalha está na inteireza do seu ser, de maneira geral, não é pensada ou dimensionada adequadamente nem por aquele que efetivamente a realiza, sendo, portanto, muitas vezes, de difícil verbalização.

Essa dificuldade de verbalização já observada pelos primeiros estudos realizados por Ivar Oddone [2], desde finais da década de 1960, faz com que, ao serem convocados a falar sobre o seu trabalho, os trabalhadores o fazem, eliminando aquilo que pensam que os investigadores já sabem, ou seja, o óbvio e, reiteradamente, explicitam a tarefa a ser feita e não efetivamente a atividade que realizam (Vasconcelos & Lacomblez, 2004). Porém, reconhecer a dificuldade inerente e, portanto, sempre presente quando se pretende acessar a atividade humana de trabalho em sua singularidade – inclusive pela dificuldade de verbalizá-la – não pode desestimular o enfrentamento desse desafio, caso se queira

não mutilar essa atividade em sua riqueza e potencial criativo e transformador.

Com esse entendimento e ciente dessa dificuldade, como estratégias metodológicas, foram realizados momentos de observação junto aos professores universitários e aos professores das escolas – visando aproximar-se dos contextos da atividade de trabalho; entrevistas – visando conhecer o ponto de vista daqueles que realizam o trabalho; conversas com base em fotografias tiradas pelos protagonistas do trabalho – para fazer aparecer o *métier* do professor, em seus gestos e conhecimentos.

A opção por realizar momentos de observação se deu tendo em vista a necessidade de uma aproximação à atividade de trabalho no contexto em que ela acontece. Vale assinalar que, pela abordagem ergológica, não se pode prescindir de buscar conhecer aquilo que os atores sociais constroem em seus territórios, em seus locais de trabalho, nas asperezas da aderência.

Já, a realização de entrevistas foi considerada importante na medida em que se pressupõe a possibilidade de dar espaço de fala e, nesse movimento, conhecer o ponto de vista daqueles que realizam o trabalho – o professor da universidade e o professor da escola – bem como daqueles que estão sendo formados por esse trabalho – os estagiários. “Ponto de vista que não tem nada de abstrato”, na medida em que é forjado numa história concreta (Durrive, 2002, p. 24).

Por seu turno, a realização de conversas, mediadas por fotografias tiradas pelos próprios professores da escola – registrando atos e movimentos do trabalho – teve como intuito fazer aparecer o ofício, o *métier*, em seus gestos, em sua rotina, em sua experiência e em seus conhecimentos construídos no cotidiano, ao longo dos anos no exercício da profissão, ou seja, fazer aparecer os saberes e elementos próprios que caracterizam o exercício profissional do magistério nos anos iniciais do ensino fundamental e que são mobilizados pelos professores. Fazer aparecer o *métier* para o qual os estagiários estão sendo preparados para exercer.

Participaram do estudo todos os cinco professores universitários, coordenadores de estágio, nas duas instituições de ensino superior; e, de um total aproximado de 30 professores das escolas, envolvidos com o estágio, foram entrevistados 17 professores. Foram também ouvidos 19 estagiários, posto que, de cada um dos 5 grupos de estágio acompanhados, entrevistaram-se, em média, 4 estagiários.

### **3. Alguns achados da pesquisa: análises e reflexões**

Diante dos testemunhos feitos pelos professores e pelos estagiários, o primeiro esforço de análise foi no sentido de identificar os aspectos formativos considerados importantes de serem apreendidos durante o estágio. Aspectos formativos entendidos aqui como os saberes advindos da experiência profissional, os conhecimentos acadêmicos e científicos, os valores permanentemente colocados em jogo, as regras implícitas e explícitas, os elementos materiais e simbólicos do ensino, dentre outros.

O acesso aos testemunhos, feitos pelos participantes do estudo, possibilitou a identificação de três modalidades de aspectos formativos: aspectos formativos voltados para o trabalho e para a prática pedagógica docente em sala de aula; aspectos formativos voltados para a criança e seu processo de aprendizagem; aspectos formativos voltados para o conhecimento da escola.

Os participantes do estudo, ao apontarem os aspectos formativos considerados importantes, falaram sobre as práticas, sobre as relações, sobre os vínculos, sobre os valores e sobre as regras de ofício, construídas em sala de aula, bem como fizeram referência aos aspectos voltados para a organização interna da escola. No entanto, todos os professores e, de maneira muito especial, os docentes da escola se referiram a um aspecto formativo – que aqui optamos por chamar de uma sensibilidade pedagógica – que lhes permite, da melhor forma possível, desenvolver a inteligência do kairos<sup>[3]</sup> ou usando as palavras de duas professoras da escola, permite “aproveitar as oportunidades”, “aproveitar as deixas do momento”.

Uma sensibilidade pedagógica que ao envolver um saber profissional de caráter muito corporal parece nos remeter àquilo que Dejours (2004, p. 29) chama de inteligência do corpo. Uma inteligência adquirida na “relação prolongada e perseverante do corpo” com a atividade de trabalho e que possibilita ao professor do Ensino Fundamental atuar de modo a aproveitar as oportunidades favoráveis e, ao mesmo tempo, atender da melhor forma possível a cada criança individualmente e ao grupo de crianças como um todo.

Como segundo esforço de análise, buscou-se identificar quais aspectos formativos são visibilizados, bem como aqueles que são invisibilizados durante a realização do estágio. Nessa análise, parece inevitável não considerar que muito da riqueza – que emerge dos testemunhos dados pelos professores das escolas ao falarem sobre a atividade de trabalho que realizam junto às crianças do Ensino Fundamental – termina por ficar invisibilizada, tendo em vista os frequentes pontos de vista que

denunciam, como não adequadas, as condições estruturais, organizacionais e epistemológicas pensadas e garantidas para a realização do estágio.

Ao falarem sobre as dificuldades e limites percebidos na realização do estágio, os professores e os estagiários apontam para a falta de diálogo e para a falta de um planejamento feito junto e, nesse aspecto, para a falta de tempo e de condições adequadas como entraves determinantes do trabalho realizado.

Já, falando do potencial formativo, os testemunhos apontam o estágio como uma oportunidade importante para se conhecer a atividade de trabalho real do professor do Ensino Fundamental. Uma atividade de trabalho que demanda conhecimentos que perpassam e ultrapassam o conhecimento dos conteúdos. Nesse sentido, os testemunhos evidenciam a importância do estágio para a superação de um processo de idealização do trabalho e da criança presentes no contexto escolar. Sobre a relação de trabalho estabelecida, durante o estágio, os professores destacam a importância do trabalho que realizam e reconhecem a importância do trabalho do outro professor partícipe. No entanto, professores universitários apontam a necessidade de uma melhor compreensão por parte dos professores das escolas em relação à participação que eles têm no processo formativo do estagiário. Por seu turno, os professores das escolas apontam a necessidade de uma maior interlocução com os professores universitários no sentido de viabilizar àqueles uma participação mais efetiva e mais propulsiva junto aos estagiários.

Importante destacar que, ao considerar que os processos formativos, realizados durante o estágio, tendem a ocorrer, em algumas situações, invisibilizando e obscurecendo conhecimentos construídos em aderência e, portanto, comprometendo o diálogo e a interlocução com aqueles conhecimentos construídos em desaderência, este estudo entende que a relação entre trabalhar, aprender, saber durante o estágio constitui-se mediante complexidades epistemológicas, éticas e estruturais que lhe são inerentes e que carecem ser enfrentadas.

*Complexidade epistemológica*, na medida em que o percurso de investigação realizado neste estudo permitiu dar visibilidade a saberes essenciais ao trabalho do professor do Ensino Fundamental, que pela importância que têm e pelo seu caráter muito ligado ao contexto evidenciam um grande desafio para a formação dos novos professores e, portanto, para o estágio: não obscurecer ou ignorar conhecimentos essenciais para o exercício do *métier*.

Trata-se de um desafio que, uma vez não enfrentado, pode levar a situações nas quais não se perceba a im-

portância de se ter acesso às inúmeras “reservas de alternativas” advindas da experiência, a exemplo da “sensibilidade pedagógica”, insistente apontada pelos professores envolvidos, e de maneira especial pelos professores das escolas, como um aspecto formativo essencial para o trabalho de ensinar crianças no Ensino Fundamental.

Nesse sentido, os testemunhos evidenciam, também, uma *complexidade ética* na medida em que esses conhecimentos são igualmente importantes e essenciais para o aprendizado da profissão e do trabalho a ser realizado pelo futuro professor e carecem de ser considerados, visibilizados no processo de formação inicial. Por fim, ao apontarem a ausência de condições adequadas que favoreçam os momentos de troca, de diálogo, de planejamento conjunto, durante a realização do estágio, os testemunhos evidenciam a *complexidade organizacional e estrutural* demandada e, muitas vezes, não atendida no processo de formar para o trabalho docente.

#### 4. Considerações finais

Pensar o trabalho docente no âmbito do estágio, considerando a relação trabalhar, aprender, saber, orientou o percurso teórico-metodológico desta investigação. Uma investigação que, ao buscar se aproximar do ponto de vista da atividade de trabalho, possibilitou a exploração da riqueza e da inventividade que permeiam o fazer-saber do docente que atua no Ensino Fundamental. Nesse sentido, possibilitou a explicitação daqueles aspectos formativos essenciais para o exercício desta atividade de trabalho, importantes de serem conhecidos pelos aprendizes da profissão. Aspectos formativos que dão especificidade e caracterizam o trabalhar do docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Um trabalhar que ocorre em contextos e em situações muito específicas, nas quais os professores e as professoras criam soluções, encontram saídas, fazem escolhas, apresentam caminhos, constroem conhecimentos, valores e afetos. Um trabalhar que, como experiência, constrói saberes aderentes, muito ligados ao contexto. Um trabalhar permeado por histórias construídas por aqueles profissionais que lá estão, mas também por outros que antes lá estiveram.

Um trabalhar que permanentemente constrói conhecimentos essenciais para o exercício da profissão e que, portanto, demanda ser visibilizado, em razão do diálogo imprescindível com os saberes teórico-conceituais já sistematizados.

Mesmo sendo uma gestão complexa e de difícil enfrentamento, trata-se também de uma decisão determinante no sentido de que, caso se desconsiderem os conve-

cimentos construídos pelos professores das escolas no cotidiano do trabalho, nega-se aos alunos-aprendizes o acesso às reservas de alternativas, à inventividade, aos conhecimentos já testados e consolidados, tomados como válidos e viáveis, e se colocam na penumbra os saberes da experiência.

Assim, com esse entendimento, aqui se defende que – além do reconhecimento e visibilização dos saberes construídos nos polos aderência/desaderência – a relação entre trabalhar, aprender, saber, durante a realização do estágio, exige um esforço coletivo no sentido de se constituir um terceiro polo. Um polo colaborativo e ético, no qual os distintos saberes possam dialogar, se avaliarem, se realimentarem e construírem propostas nas quais a especificidade da atividade de trabalho do docente do Ensino Fundamental seja reconhecida e considerada. Em outros termos, aqui se defende um trabalho de formação que encare esse posicionamento como uma exigência ética e epistemológica e defenda condições estruturais e organizacionais adequadas, à altura do desafio de formar novos professores.

Trata-se de encarar esse posicionamento como uma exigência ética e epistemológica, a despeito de toda desesperança que possamos ter, especialmente em nossos dias, em relação a políticas públicas que reconheçam efetivamente a importância da universidade, da escola, da educação.

## Referências Bibliográficas

- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14(3), 27-34.
- Durrive, L. (2002). Formação, trabalho, juventude: uma abordagem ergológica. *Pro-Posições*, 13(3), 19-30.
- Franzoi, N. L. (2003). *Da profissão como profissão de fé ao “Mercado em constante mutação”: trajetórias e profissionalização dos alunos do Plano Estadual de Qualificação do Rio Grande do Sul (PEQ-RS)*. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.
- Schwartz Y. (2004). Ergonomia, filosofia e exterritorialidade. In F. Daniellou (Ed.), *A ergonomia em busca de seus princípios: debates epistemológicos* (pp. 141-180). São Paulo: Edgard Blucher.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2007). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdFF.
- Schwartz, Y., Adriano, R., & Abderrahmane, F. (2008). Revisitar a atividade humana para colocar as questões do desenvolvimento de uma sinergia franco-lusófona. *Laboreal*, 4(1), 10-22. <https://doi.org/10.4000/laboreal.12192>
- Schwartz, Y. (2009). Produzir saberes entre aderência e desaderência. *Educação Unisinos*, 13(3), 264-273.
- Schwartz, Y. (2010). A Experiência é formadora? *Educação & Realidade*, 35(1), 35-48.
- Tardif, M. (2014). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.
- Vasconcelos, R., Lacomblez, M. (2004). Entre a auto-análise do trabalho e o trabalho de auto-análise: desenvolvimento para a psicologia do trabalho a partir da promoção da segurança e saúde no trabalho. In M. Figueiredo, M. Athayde, J. Brito, & D. Alvarez (Dirs.), *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo* (pp. 161-187). Rio de Janeiro: DP&A.

## Notas

[1] Perspectiva de análise, que surge na França no início dos anos 1980, em um contexto de declínio do taylorismo, teve muitas referências iniciais. Dentre elas, destacam-se como aportes fundamentais, de um lado, os referenciais teórico-metodológicos da Ergonomia da Atividade de língua francesa, na herança de Alain Wisner e os estudos de Ivar Oddone. Por outro lado, destacam-se as referências filosóficas da filosofia da vida de Georges Canguilhem.

[2] Ivar Oddone e sua equipe, em um trabalho pioneiro, ao pensar novas maneiras de acessar a atividade de trabalho, conceberam o método que denominaram de “método de instruções ao sócio”. Essa proposta sempre feita a partir da validação dos coletivos de trabalho e que pretendia fazer aparecer a atividade tal qual o trabalhador a realizava foi, na sequência, aperfeiçoada e adequada a outros contextos por Yves Clot (Vasconcelos & Lacomblez, 2004, p. 173).

[3] Denominação dada pelos gregos e refere-se à capacidade de escolher, decidir e agir no momento certo. Em outros termos, refere-se à capacidade de uma escolha pertinente na ação, em um contexto, sempre, localizado e inédito (Schwartz & Durrive, 2007).

# Contribuições da Ergologia para análise da atividade de trabalho de enfermeiros docentes na Educação Profissional.

## Contribuciones de la Ergología al análisis de la actividad laboral del profesorado de enfermería en la Educación Profesional.

### Contributions de l'ergologie à l'analyse de l'activité de travail des infirmières enseignantes en formation professionnelle.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



### **Maristela Vargas Losekann**

Enfermeira da Emergência do Hospital Nossa Senhora da Conceição - Grupo Hospitalar Conceição  
Avenida Francisco Trein, 596, Bairro Cristo Redentor.  
CEP 91350-200. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil  
losekann@terra.com.br

### **Maria Clara Bueno Fischer**

Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Avenida Paulo Gama, 110. Bairro Farroupilha. CEP 90046-900. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil  
mariaclara180211@gmail.com

### **Resumo**

Este artigo apresenta alguns aspectos debatidos na tese intitulada Atividade de trabalho docente na Educação Profissional entre normas e renormalizações: o Estágio Supervisionado e a formação de Técnicos em Enfermagem (2018) e se propõe a refletir sobre como se dá a atuação dos docentes no estágio curricular supervisionado, principalmente com relação à aproximação necessária dos discentes com o trabalho real da enfermagem. A coleta de dados envolveu diversas fontes de evidência: análise documental, entrevistas com gestoras e com docentes que supervisionavam ou já supervisionaram em algum momento o estágio curricular, observação orientada da atividade de trabalho das supervisoras de estágio. Identificamos que durante as práticas – mais especificamente no estágio curricular, os discentes se deparavam com as renormalizações do real do trabalho, fato que exigia dos docentes um entendimento amplo e uma análise crítica das situações de trabalho para poder tornar aquele momento uma aprendizagem no trabalho.

### **Palavras-chave**

trabalho docente, educação profissional, estágio curricular, trabalho real

### **Resumen**

Este artículo presenta algunos aspectos debatidos en la tesis titulada Actividad docente en la Educación Profesional entre normas y renormalizaciones: el Pasantía Dirigida y la formación de Técnicos de Enfermería (2018) y propone reflexionar sobre cómo se desempeñan los docentes en la pasantía curricular supervisada, principalmente en relación con la necesaria aproximación de los estudiantes al trabajo real de enfermería. La recolección de datos involucró varias fuentes de evidencia: análisis de documentos, entrevistas a gerentes y docentes que supervisaron o ya supervisaron la pasantía curricular en algún momento, observación guiada de la actividad laboral de los supervisores de pasantía. Identificamos que durante las prácticas - más específicamente en la pasantía curricular, los estudiantes se enfrentaron a las renormalizaciones del trabajo real, hecho que requería que los docentes tuvieran una comprensión amplia y un análisis crítico de las situaciones laborales para hacer de ese momento un experiencia de aprendizaje en el trabajo.

### **Palabras clave**

trabajo docente, formación profesional, prácticas curriculares, trabajo real

## Résumé

Cet article présente quelques aspects débattus dans la thèse intitulée Enseignement de l'activité de travail dans la formation professionnelle entre normes et renormalisations: le stage supervisé et la formation des techniciens infirmiers (2018) et propose de réfléchir à la manière dont les enseignants travaillent dans le cursus de stage supervisé, principalement en rapport au rapprochement nécessaire des étudiants avec le travail réel des soins infirmiers. La collecte des données a fait appel à plusieurs sources de preuves: analyse de documents, entretiens avec des gestionnaires et des enseignants ayant supervisé ou déjà supervisé le stage curriculaire à un moment donné, observation guidée de l'activité de travail des maîtres de stage. Nous avons identifié que lors des pratiques - plus précisément dans le stage curriculaire, les étudiants étaient confrontés aux renormalisations du travail réel, ce qui obligeait les enseignants à avoir une large compréhension et une analyse critique des situations de travail afin de faire de ce moment un expérience d'apprentissage au travail.

## Mots clés

travail d'enseignement, formation  
professionnelle, stage d'études, travail réel

## 1. Introdução

As pesquisas que envolvem o tema trabalho docente tem buscado, cada vez mais, contribuições da ergologia para a análise da atividade de trabalho docente (Veríssimo, Faria, Oliveira, & Silva, 2018; Freitas & Souza, 2018; Dias, Santos, & Aranha, 2015; Cunha & Alves, 2012). A utilização da abordagem ergológica nos estudos dessa natureza permite direcionar o olhar de quem pesquisa para as microdimensões que envolvem a ordem subjetiva e objetiva do docente em sua atividade de trabalho (Dias, Santos, & Aranha, 2015, p. 212).

Partindo dessas afirmações e com o intuito de ampliar as discussões em torno desse tema – atividade de trabalho docente -, na tese de doutorado intitulada *Atividade de trabalho docente na Educação Profissional entre normas e renormalizações: o Estágio Supervisionado e a formação de Técnicos em Enfermagem* (2018)<sup>[1]</sup> concentrarons as nossas reflexões na atividade de trabalho docente de enfermeiros que atuam como professores supervisores do estágio curricular na Educação Profissional. Portanto, buscamos olhar de maneira mais detida as microdimensões da atividade docente no campo de práticas. Situada na área Trabalho e Educação e suas relações com o campo da Saúde, a pesquisa foi desenvolvida com docentes enfermeiros de

um curso técnico em enfermagem que atuam em um centro educacional sediado em um grupo hospitalar situado no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Este artigo apresenta alguns aspectos debatidos na tese e se propõe a refletir sobre como se dá a atuação dos docentes do Curso Técnico em Enfermagem de um Centro Educacional no estágio curricular supervisionado, principalmente com relação a aproximação necessária dos discentes com o trabalho real da enfermagem.

## 2. A influência do cenário na análise da atividade de trabalho docente

O Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde – CETPS/ Escola GHC está localizado em uma instituição pública de saúde – o Grupo Hospitalar Conceição (GHC) – vinculada ao Ministério da Saúde e reconhecida como uma das referências à população no atendimento do Sistema Único de Saúde. Este centro educacional oferece desde 2011 o Curso Técnico em Enfermagem na modalidade subsequente ao ensino médio e seu currículo é orientado pelos ciclos de vida com a inserção do estágio curricular supervisionado (ECS) em todos os semestres do curso. O GHC, por ser um conjunto de Estabelecimentos Assistenciais de Saúde, atende ao que está proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o estágio curricular supervisionado que é oferecer aos discentes durante a formação prática serviços variados e com níveis de complexidade diversos. Enquanto a maioria das instituições de ensino dependem das instituições de saúde para a realização de suas práticas, a escola tem acesso aos diferentes serviços, o que na pesquisa se mostrou como um fator qualificador das atividades práticas do curso e também da análise da atividade docente. Outro aspecto que foi significativo para o estudo foi o fato de que o ECS, conforme proposto na Matriz Curricular, acontece com carga horária dividida desde o primeiro semestre da formação profissional de nível médio e relacionam experiências de aprendizagem práticas e teóricas ao longo de toda formação.

A coleta de dados da pesquisa envolveu o uso de diversas fontes de evidência, sendo necessário realizar um resgate histórico do processo de implantação da escola através de uma análise documental e por meio de entrevistas com gestoras que atuaram nesse período. Em uma segunda etapa realizamos entrevistas com 9 docentes, o que representa 82% do quadro efetivo dos profissionais no curso que supervisionam ou já supervisionaram o estágio curricular em algum momento da atuação docente. Acompanhamos também a atividade de trabalho de 3 supervisores de estágio no período de

setembro à outubro de 2017. Por fim, fizemos observação participante em reuniões de serviço. Os participantes da pesquisa possuíam tempo de graduados bastante variável (8-37 anos) e, com relação à formação, todos possuíam de uma a três especializações, seis docentes possuíam mestrado. A observação orientada que a pesquisadora realizou durante o ECS visava analisar a atividade de trabalho de enfermeiros docentes, mais especificamente da atividade de trabalho do enfermeiro que atua como professor supervisor na formação de técnicos em enfermagem tendo como referencial o ponto de vista da atividade de trabalho (Schwartz, 2010) e as contribuições sobre norma de Canguilhem (2011).

### **3. A atividade de trabalho docente no contexto das práticas**

Relatório apresentado pelo MEC/CNE em 2012 sobre o Parecer do CNE/CEB nº 11/2012 que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, ao discorrer sobre a formação dos professores para a educação profissional amplia e detalha aspectos específicos dessa formação. O órgão destaca o “desenvolvimento do saber trabalhar/saber fazer” (Brasil MEC/CNE, 2012), mas em diálogo com outros aspectos da formação técnica. Além disso, reconhece que existe uma especificidade que distingue a formação de docentes para a educação básica da formação de docentes para a educação profissional, mesmo que se considere a forma integrada ao ensino médio. O grande diferencial entre um e outro profissional é que, essencialmente, o Professor da Educação Profissional deve estar apto para preparar o cidadão em relação ao desenvolvimento de seu saber trabalhar em um contexto profissional cada vez mais complexo e exigente. É exigido domínio dos diferentes saberes disciplinares do campo específico de sua área de conhecimento para que os formandos tenham condições de responder, de forma original e criativa aos desafios diários de sua vida profissional e pessoal como cidadão trabalhador (Brasil MEC/CNE, 2012, 2012, p. 55).

A partir dessa perspectiva, preparar o técnico em enfermagem para “trabalhar em um contexto profissional cada vez mais complexo” exige dos enfermeiros docentes, mais do que saberes pedagógicos, exige o domínio de saberes específicos da área profissional em que atuam e clareza em relação ao tipo de trabalho para o qual se está preparando o profissional técnico. Na formação, os docentes supervisores quando em atividade de trabalho precisam refletir sobre o trabalho desenvolvido pelos técnicos em enfermagem em situação de trabalho como forma de (re)conhecer sua potencialida-

de e sua capacidade de transformar a realidade social. Ao considerar que a docente da educação profissional deve “desenvolver o saber trabalhar” nos discentes, isso implica uma aproximação maior dos docentes com o mundo do trabalho e um olhar mais atento por parte deles para o trabalho real.

Na pesquisa, ao responder sobre “o que fez dela uma professora” ou em que momento ela disse “a partir de agora eu me sinto professora” da Educação Profissional Técnica, a maioria dos enfermeiros docentes não mencionaram a formação pedagógica formal. Houve uma identificação dos profissionais com os processos educativos que acontecem durante o trabalho na área assistencial e o reconhecimento do papel de educador a partir de um processo que viveu no seu trabalho como enfermeiro.

#### **3.1 Contribuições do trabalho assistencial para a formação prática**

No entendimento do MEC/CNE, em Educação Profissional “quem ensina deve saber fazer. Quem sabe fazer e quer ensinar deve aprender a ensinar” (Brasil MEC/CNE, 2012, p. 55). Segundo o Relatório, este é um dos maiores desafios, pois “é difícil entender que haja esta educação [a educação profissional] sem contar com profissionais que estejam vinculados diretamente com o mundo do trabalho no setor produtivo objeto do curso” (Brasil MEC/CNE, 2012, p. 55). Reforça ainda que “o desenvolvimento dos cursos técnicos deve estar sob responsabilidade de especialistas no segmento profissional com conhecimento didático-pedagógicos pertinentes”.

Na Escola GHC, esse aspecto destacado pelo MEC/CNE, o “saber fazer para ensinar”, foi um ponto que ganhou destaque no PDI (2009). Ao tratar da composição do quadro docente, ele salienta que os docentes deverão ser profissionais pertencentes ao quadro de empregados, com experiência e/ou titulação acadêmica demandada para cada curso em funcionamento e com dedicação de carga horária total ou parcial, para a docência (GHC. PDI, 2009, p. 91).

Ao lado dos saberes pedagógicos, o conjunto dos conhecimentos de base científica e tecnológica da atividade profissional constitui outro dos três eixos estruturadores fundamentais da formação de docentes para a Educação profissional, ao lado do cultivo dos saberes do trabalho, traduzidos em termos de vivência profissional e experiência de trabalho. Dessa forma, do início das atividades do curso em 2011 até o momento da pesquisa, a maioria dos enfermeiros docentes vinculados ao curso possuíam carga horária compartilhada, ou seja, desenvolviam parte de suas atividades na docência [ensinar a fazer o trabalho em saúde] e

parte na assistência [fazer o trabalho em saúde. Defendia-se, na construção do PDI (2009), que não havia ninguém melhor para ministrar aulas ou acompanhar os estágios do que “*alguém que esteja na assistência e que esteja vivendo aquilo e consiga falar com mais apropriação*” (Gestor 1). Essa orientação do PDI (2009) trazia um modelo de formação que buscava manter o docente vinculado à assistência como forma de articular assistência e docência.

O docente, além do envolvimento nas atividades na escola, teria que manter na assistência o mesmo nível de comprometimento e de trabalho que a colega que está 100% do tempo naquele local, além de manter-se atualizado com relação às novas rotinas em ambos locais para garantir o domínio do trabalho. Isso gerou uma sobrecarga grande nos docentes, pois “*tem que estar em busca da informação, compondo material, precisam ser aulas dinâmicas para fazer sentido para o aluno, porque senão fica só na teoria. Você tem que rechear essa aula de coisas interessantes, coisas que ‘linquem’ com a realidade, que faça um sentido para esse aluno, porque senão você fica num monólogo e só a professora fala*” (Docente 7).

Os docentes, da mesma forma que apontam alguns entraves por parte da gestão em relação à liberação da carga horária compartilhada, em se tratando do ensino propriamente dito, percebem nessa modalidade de contrato um grande potencial. A permanência na área assistencial é vista pelos discentes como sendo um ponto positivo ao aproximar a teoria da prática na formação. Acreditam que os docentes que permanecem vinculadas à assistência conseguem acrescentar exemplos, relatos de experiências recentes, práticas inovadoras e inusitadas em função de que se mantêm em contato com o mundo do trabalho. Além disso, na avaliação deles, aproxima e reforça a integração entre o que o docente vivencia [no trabalho de cuidar] e o que ele vai trabalhar com os discentes [no trabalho de ensinar]. Apontam as vivências do docente na assistência [no mundo do trabalho] como um ponto relevante para a formação, como podemos ver no relato: “*é uma coisa riquíssima, eu atendi hoje alguém no pré-natal... de manhã, ou de tarde e eu vou poder contar essa experiência para os alunos. Agora, eu atendi alguém no pré-natal em 2005, e aí agora eu fico contando coisas de uma experiência muito longínqua*” (Docente 6).

Percebem que não estar na assistência pode ser um problema para o docente, pois muitas vezes, tem que demonstrar uma habilidade técnica que, às vezes, não tem mais, ou nunca tiveram porque foram direto para docência. A partir da análise documental foi possível

perceber que houve, desde a elaboração do PDI (2009) e nos processos de remanejo institucional para seleção docente, um cuidado em contemplar os dois lados da experiência dos enfermeiros docentes: a experiência no trabalho assistencial e em atividades de ensino.

As Diretrizes Curriculares consideram, também, que é atribuição dos docentes “planejar as atividades práticas”. No entanto, no estágio curricular ele acaba não acontecendo adequadamente, sendo realizado no momento de iniciar as práticas e junto com as discentes. É atribuição desse docente planejar, acompanhar e avaliar o desempenho do discente de acordo com o plano de ensino da disciplina, bem como se responsabilizar tecnicamente pela atuação deste no estágio.

Neste contexto, a prática pedagógica é prejudicada, pois alguns acreditam que o planejamento só se aplica às aulas teóricas e não às práticas (Bordenave & Pereira, 2002). É tarefa do enfermeiro docente tanto selecionar conteúdos como métodos mais relevantes para a ação educativa, considerando o contexto educacional e os planos curriculares oficiais, entre outros aspectos, como os culturais e as características dos discentes.

Destaca-se a importância de fazer conexões [do estágio] com as aulas teóricas, revisando os conteúdos abordados conforme o cronograma. Muitos docentes entendem que ao planejar as atividades de estágio eles devem dar conta de todos os procedimentos que o estudante está apto a realizar naquele semestre. Da mesma forma, sem planejamento prévio, o entendimento sobre as maneiras de inserir o discente no estágio para que haja “articação com os conteúdos” fica na superficiabilidade de somente trabalhar no campo de estágio com assuntos que foram vistos em sala de aula. Esse planejamento pode tornar-se melhor exequível quando o enfermeiro docente conhece o campo em que irá atuar como supervisor, sendo que a carga horária compartilhada aparece aqui como uma forma de reduzir o desgaste e o sofrimento produzido pelo trabalho.

### **3.2 A norma e as renormalizações nos diferentes espaços de atuação docente**

O trabalho desenvolvido pelos enfermeiros ao atuar como docentes do Curso Técnico em Enfermagem exige que eles circulem por diferentes locais para sua realização, que são: a sala de aula, o laboratório de práticas e treinos de habilidades e os campos de práticas, ou seja, os locais em que se dá a supervisão de estágio. De acordo com Melo (2010), esse trabalho docente na educação profissional, além das características comuns ao trabalho docente em geral, envolve elementos e/ou determinantes que decorrem de contextos específicos da área,

ampliando sua complexidade. Outro aspecto destacado pelo autor se refere à própria natureza da educação técnica ou tecnológica, que compreende atividades teóricas e práticas mais contíguas, e, por conseguinte, requer espaços físicos diferenciados e relações distintas entre professores e alunos, sobretudo nas aulas práticas, organizadas em grupos menores de alunos; visitas técnicas a contextos reais de atuação profissional; estágios (Melo, 2010, p. 1).

Portanto, o enfermeiro docente tem “n” possibilidades de atuação na formação técnica. Esses lugares possuem rotinas próprias e normas específicas para cada setor ou serviço, no entanto os espaços de atuação não são independentes, eles se retroalimentam continuamente nas muitas idas e vindas realizadas ao longo da formação. Nesse movimento da formação técnica, cada um deles vai complementando o outro. Isso se dá continuamente, seja na forma de exemplificar, em sala de aula, o cuidado necessário para uma determinada patologia utilizando-se de um exemplo vivenciado no estágio do dia anterior; seja na hora de demonstrar uma técnica procedural no laboratório e contextualizar o seu uso a partir da necessidade de um usuário que cuidamos no estágio.

Os docentes, de modo geral, consideram o trabalho de sala de aula difícil de ser realizado, pois envolve “ensinar a teoria e articular ela com a prática que é bem complicado” (Docente 4), e ainda “trazer ele [o discente] para a área profissional” (Docente 8) a partir de um conhecimento “atualizado” (Docente 1). Visto como causador de “ansiedade”, principalmente, no momento do planejamento das suas aulas. Isso decorre do fato de que há uma preocupação em fazer com que a teoria “faça sentido” e acreditam que somente assim os discentes irão poder refletir sobre o que foi trabalhado. Identificam que em sala de aula e no laboratório é preciso trazer o discente para a “área profissional”, associar e interligar esses espaços com o estágio, sendo que através dessa aproximação se dá o aprendizado e diz que para realizar essa articulação, uma das formas que utiliza é falar da área profissional [do trabalho real] e trazer materiais que são utilizados no trabalho para sala de aula como forma de facilitar a aproximação entre teoria e prática. ao mesmo tempo que traz a necessidade de aproximação e articulação da teoria e da prática em seu discurso inicial, ao falar sobre como faz para promover essa integração revela uma visão simplificada da integração dos conteúdos abordados como o mundo do trabalho. A integração que fala trata-se de retomar um mesmo conteúdo em diferentes espaços: “ensinou em sala de aula [primeiro passo], daquilo que

você habilitou os alunos dentro do laboratório [segundo passo] e daí que então você vai poder conseguir ficar junto e cobrar ali na prática [terceiro passo]” (Docente 2), “lembra que eu falei pra vocês na sala de aula?” (Docente 8).

A partir das falas dos docentes fica claro que o que dita a norma e orienta a forma de agir dos discentes no mundo do trabalho é o conhecimento e as normas compartilhadas em sala de aula, base e o modelo a ser seguido em todos os outros espaços de formação. As falas dos docentes trazem uma ideia de que o lugar do conhecimento [cabado] e das normas [normas antecedentes] é a sala de aula e que ele, a partir desse lugar segue um caminho linear e unidirecional –um passo e depois outro até chegar ao estágio –não havendo uma releitura deste [renormalizaçao] ao longo dos diferentes cenários de práticas durante processo de formação. O mundo do trabalho e da prática profissional aparecem neste contexto como facilitadores para o processo de “memorizar melhor o aprendizado” (D 3), sendo que, dessa forma, não se assume a centralidade e a complexidade do trabalho na formação profissional técnica. A dificuldade em lidar com o trabalho e com o modo como que ele se mostra nos estágios [trabalho real] aparece no discurso da docente D 4: “na prática [as estudantes no estágio] visualizam sempre o que não é teórico [normal], sempre nos questionam com relação [os questionamentos surgem a partir do trabalho]”.

Em relação ao laboratório de práticas, lugar de experimentar o que está na norma, os docentes identificam este como sendo o lugar em que o trabalho deles destina-se a ensinar a prática que deve ser seguida no estágio [ensinar o trabalho prescritivo]. Para ensinar essa “prática”, o modelo a ser seguido [a normal] é o dos procedimentos operacionais padrão (POPs). Aqui aparece um primeiro descompasso com relação à norma, pois muitas das situações de trabalho que eles encontram no estágio não são possíveis de resolver somente a partir do que foi treinado, seja pelo “vazio de normas”, seja pela falta de algum insumo, espaço físico e, até mesmo, por anomalias anatômicas.

A manifestação por parte dos docentes de que “lá no hospital” existe um outro fazer, diferente [renormalizad] do que se ensina na escola [normatizado], revela que os docentes sabem da existência de dois tipos de “fazer”, mas não o reconhecem. Os docentes consideram que o objetivo do seu trabalho no laboratório é conseguir, através de uma didática adequada, que a discente consiga entender, desenvolva habilidade para realizar o procedimento e tenha “uma experiência de como deve ser [aquele procedimento] na prática”. Na

visão dos docentes, para se chegar a isso, é preciso fazer com que todos repitam o treino de habilidades pelo menos uma vez. Esse “saber fazer” da forma como deve ser nutre-se de normas e é reconhecido como essencial para a formação técnica na visão dos docentes. Não tenho dúvidas de que ele é importante, no entanto o destaque dado para essa dimensão não deve se sobrepor a outras dimensões da formação do sujeito.

Ao tratarem do estágio e do trabalho que realizam naquele cenário, os docentes revelam que o trabalho de supervisionar é mais cansativo do que trabalhar na assistência, mas, ao mesmo tempo, é muito gratificante. Ao mesmo tempo, necessitam dar conta de ensinar as discentes a fazer “pela primeira vez” e da melhor forma possível. Eles são obrigados a dar conta do cuidado ao usuário e do trabalho que “foi retirado da equipe assistencial da unidade”, ou seja, ao término do seu horário devem entregar o usuário de volta com todas as suas necessidades atendidas.

Em função disso, na avaliação dos docentes esse trabalho assume uma característica de alto nível de exigência, em grande parte decorrente da complexidade do trabalho em saúde. No momento do estágio, essa característica do trabalho em saúde apresenta ao docente situações que não foram experimentadas e nem sistematizadas ou que as “normas antecedentes são insuficientes, visto que não há somente execução” (Schwartz & Durrive, 2010, p. 192), o que Schwartz (2010) chama de “vazio de normas”.

Ao mesmo tempo em que os docentes percebem que ocorre uma mudança na forma de fazer o trabalho, e que é apresentada à discente no momento do estágio – nesse momento não temos mais o trabalho prescrito – muitos, insistem em negar essa mudança. O estágio, ao promover a “integração” da teoria com a prática acaba sendo desafiador para o docente. Acreditam que atuar na assistência, justamente naquela área em que supervisionam o estágio, é favorável para o docente. A experiência, segundo eles, ajuda a ampliar as discussões e a contextualizar as situações de trabalho.

#### **4. Considerações finais**

O artigo explora o ensino de enfermagem, especialmente o de nível técnico, a partir da atividade docente realizada durante os estágios curriculares supervisionados. Identificamos que durante as práticas – mais especificamente no estágio curricular, os discentes se deparavam com as renormalizações do real do trabalho, fato que exigia dos docentes um entendimento amplo e uma análise crítica das situações de trabalho para poder tornar aquele momento uma aprendizagem no trabalho...

#### **Referências Bibliográficas**

- Bordenave, J. D., & Pereira, A. M. (2002). *Estratégias de ensino-aprendizagem*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Brasil. (2009). Ministério da Saúde. Grupo Hospitalar Conceição. *Plano de Desenvolvimento Institucional*. Porto Alegre: HNSC.
- Brasil. (2012). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução n. 6, de 20 de setembro de 2012*. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília: IN.
- Canguilhem, G. (2011). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Cunha, D. M., & Alves, W. F. (2012). Da atividade humana entre paideia e politeia: saberes, valores e trabalho docente. *Educação em Revista*, 28(2), 17-34. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000200002>
- Dias, D., Santos, E., & Aranha, A. (2015). Contribuições da ergologia para a análise da atividade de trabalho docente. *Revista Eletrônica de Educação*, 9(1), 211-227. <http://dx.doi.org/10.14244/198271991202>
- Feitas, V., & Souza, S. (2018). O trabalho docente: entre prescrições e renormalizações. *Ergologia*, 20, 93–114.
- Melo, S. D. (2010). Trabalho Docente na Educação Profissional. In D. Oliveria, A. Duarte, & L. Vieira (Eds.), *Dicionário Trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG - Faculdade de Educação.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF.
- Veríssimo, M., Faria, E., Oliveira, M., & Silva, J. (2018). A complexidade do trabalho docente: engajamento e criação. *Ergologia*, 19, 127-148.

#### **Notas**

- [1] Tese de Doutorado defendida em 2018 na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil pela enfermeira docente Maristela Vargas Losekann e intitulada Atividade de trabalho docente na Educação Profissional entre normas e renormalizações: o Estágio Supervisionado e a formação de Técnicos em Enfermagem.

# Experiências de vida e de trabalho do professor readaptado.

# Experiencias de vida y trabajo del profesor readaptado.

# Expériences de vie et de travail de l'enseignant réadapté.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



### Núbia Cristina dos Santos Lemes

Universidade Estadual de Goiás –  
Unidade Universitária de Iporá  
Avenida José Cândido Vieira, n. 1071, Bairro  
Mato Grosso, Iporá – Goiás – Brasil  
ncslemes@yahoo.com.br

### Resumo

O objetivo desta pesquisa foi compreender como se apresentam a experiência de vida e de trabalho do professor readaptado. A metodologia utilizada foi a qualitativa, com emprego da entrevista individual semiestruturada aplicadas a seis professores readaptados do município de Iporá, Goiás, Brasil. As entrevistas foram transcritas e organizadas segundo a codificação e categorização temáticas de Gibbs (2009). A interpretação dos testemunhos de vida e de trabalho nos usos do corpo-si foi fundamentada em Schwartz (2000). Clot (2010) amparou a compreensão das situações de amputação do poder de agir. Canguilhem (2001) permitiu associar a saúde à capacidade normativa do vivente humano. Davezies (2010) tornou possível o entendimento da relação entre o envolvimento das dimensões afetivas no trabalho e o adoecimento dos professores. A análise dos testemunhos revelou como a vida e o trabalho dos professores se interseccionam e são afetados por dramáticas vivenciadas no trabalho.

### Palavras-chave

condições físicas, condições organizacionais, saúde

### Resumen

El objetivo de esta investigación fue comprender cómo se presentan la experiencia de vida y de trabajo del profesor readaptado. La metodología utilizada fue la cualitativa, con empleo de la entrevista individual semiestructurada aplicada a seis profesores readaptados del municipio de Iporá, Goiás, Brasil. Las entrevistas fueron transcritas y organizadas según la codificación y categorización temáticas de Gibbs (2009). La interpretación de los testimonios de vida y de trabajo en los usos del cuerpo-si fue fundamentada en Schwartz (2000). Clot (2010) ha amparado la comprensión de las situaciones de amputación del poder de actuar. Canguilhem (2001) permitió asociar la salud a la capacidad normativa del viviente humano. Davezies (2010) hizo posible el entendimiento de la relación entre la implicación de las dimensiones afectivas en el trabajo y la enfermedad de los profesores. El análisis de los testimonios reveló cómo la vida y el trabajo de los profesores se intersectan y son afectados por dramáticas vivencias en el trabajo.

### Palabras clave

condiciones físicas, de organización, salud

## Résumé

Le but de cette recherche était de comprendre comment se présentait l'expérience de vie et de travail de l'enseignant réadapté. La méthodologie utilisée était qualitative, avec emploi de l'entretien individuel semi-structure appliqué à six enseignants réadaptés de la ville d'Iporá, Goiás, Brésil. Les entretiens ont été transcrits et organisés selon la codification et la catégorisation thématiques de Gibbs (2009). L'interprétation des témoignages de vie et de travail dans les usages du corps-soi a été fondée à Schwartz (2000). Clot (2010) a renforcé la compréhension des situations d'amputation du pouvoir d'agir. Canguilhem (2001) a permis d'associer la santé à la capacité normative du vivant humain. Davezies (2010) a permis de comprendre la relation entre l'implication des dimensions affectives dans le travail et la maladie des enseignants. L'analyse des témoignages a révélé que la vie et le travail des enseignants se croisent et sont affectés par des expériences dramatiques au travail.

## Mots clés

conditions physiques, conditions organisationnelles, santé

### 1. O trabalho docente: da tarefa à atividade

O objeto de estudo desta pesquisa foram os professores readaptados, isto é, trabalhadores docentes que se encontram afastados temporariamente ou definitivamente da regência da sala de aula por algum comprometimento de saúde.

Quando o professor se afasta da regência, ele se distancia da sua atividade principal que é o trabalho de ensinar. Mas em que consiste este trabalho? Na Física a força aplicada em um corpo e o deslocamento por ele realizado define o que é o trabalho mecânico de forma matematicamente indiscutível. Porém, em se tratando de trabalho humano, há variáveis que não se limitam a uma mera quantificação.

Essas variáveis são suscitadas, por exemplo, no ato do trabalhador planejar para que o trabalho seja mais adequadamente realizado ou ao dedicar-se ao controle dos imprevistos que possam surgir. De qualquer modo, no trabalho, ou nos caminhos que antecedem a sua realização, tudo se passa à luz de objetivos e valores essencialmente humanos.

Portanto, não há cálculo algum capaz de expressar essa energia investida, porém, pode-se compreender como o homem a utiliza no seu gesto consciente de agir sobre os objetos, desde que nos aproximemos dos lugares em que o trabalho acontece ou daqueles que o realizam.

Fazendo a imersão no trabalho docente, notamos que

sus as características são muito específicas, a começar pelo objeto de trabalho que é o próprio ser humano. Nessa direção, Paro (2000) a partir de Marx, conceitua o trabalho docente como um serviço, como um trabalho não material em que a produção e o consumo não se separam, em que o aluno é consumidor da aula e também o objeto de trabalho do professor.

O objeto/sujeito do trabalho docente, portanto, se configura no campo da interação humana, para falar como Tardif e Lessard (2014). Os modelos de trabalho material são incapazes de explicar o trabalho docente sem desfigurá-lo, afinal, “ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos” (p. 31).

Consequentemente, lidar com pessoas envolve questões afetivas, éticas, da ordem dos valores inerentes às relações humanas. Portanto, lidar com o objeto, sendo ele humano, é muito complexo. Por mais que se tente expor a relação sucedida no trabalho com o outro, a descrição do que realmente se passa fica a desejar, porque o tratamento reservado ao objeto/sujeito não se reduz à sua transformação objetiva ou instrumental como o que se passa com coisas. O trabalho docente lida com imprevisíveis, onde não se pode prever a história de uma aula, pois ela vai se constituindo a partir da interação entre pessoas.

Nesse contexto é que se pode distinguir o trabalho prescrito e o trabalho real e nessa distinção tem-se a definição da tarefa e o conceito de atividade. “Tarefa é aquilo que deve ser feito, enquanto a atividade é o que se faz” (Leplat & Hoc, 1983, in Clot, 2010, p. 103).

Quando se trata de trabalho docente, as tarefas compõem aquilo que é descrito para a função de ensinar. São as prescrições, as normas, é o contexto visível e mais evidente do trabalho. Já a atividade compõe-se de tudo que o professor demanda, desde o momento em que planeja mentalmente sua aula, até as respostas que precisa dar diante de perguntas e situações imprevisíveis em sala de aula. A atividade é o trabalho real, são os impedimentos ou as antecipações, não somente aquilo tornado visível, como também o possível e o que não foi possível realizar, mesmo que planejado.

É por isso que a relação entre o objeto/sujeito de trabalho docente é para além do que se passa entre o trabalhador e a matéria inerte e com isso tem seus efeitos, na vida e na saúde do professor.

### 2. Os processos saúde-doença no âmbito do trabalho docente

Os professores são profissionais que desenvolvem atribuições de grande responsabilidade na escola e frente a seus alunos. Diante disso, a políticas públicas impõem

sobre esses profissionais uma série de exigências e delas a sociedade espera muito. Todo esse conjunto de imputações tem consequências. Conforme a literatura científica vem indicando, há aspectos preocupantes no que diz respeito aos processos saúde-doença relacionados à docência.

A questão é bem explicitada em diversos estudos empíricos, como por exemplo, os de Facci e Urt (2017), e Silva (2018), dentre outros.

As pesquisadoras Facci e Urt (2017) entrevistaram vinte professores readaptados de escolas públicas do estado do Paraná, investigando as causas do adoecimento daqueles professores. Os dados revelaram a relação do adoecimento docente com a precarização do trabalho, com os preconceitos vivenciados e com a desvalorização do seu trabalho.

Silva (2018) investigou a repercussão do trabalho de 29 professores da educação básica do município de São Paulo, sobre a vida pessoal e a implicação dessa dinâmica no processo saúde-doença docente. Os depoimentos revelaram que as agressões sofridas no trabalho, se projetam de um modo nocivo sobre as vidas dos professores.

Pesquisar o professor readaptado, é, portanto, de extrema importância diante da constatação das pesquisas que apontam o trabalho docente como fonte de comprometimento da saúde, do afastamento da sala de aula e do retorno ao trabalho na condição de readaptado.

Nessa direção e para compreender esse trabalhador na sua experiência de vida e trabalho, Clot (2010), Canguilhem (2001), Davezies (2010) e Schwartz (2000) trazem importantes contribuições teóricas.

### **3. Vida e trabalho sob o olhar de Clot (2010), Canguilhem (2001), Davezies (2010) e Schwartz (2000)**

Quando se impede o emprego das potencialidades do vivente humano nas situações de trabalho, quando se “calibra o gesto” (Clot, 2010), limitando até onde se pode ir, tem-se a privação no trabalhador do exercício pleno de sua atividade. A atividade reprimida impede a criação de normas (Canguilhem, 2001), amputa o “poder de agir” dos sujeitos e o impedem de dispor do que foi vivido como recurso para novas experiências.

Amputado o poder de agir, o corpo pode se encontrar em estado de sofrimento, afirma Ricoeur nas palavras de Davezies (2010). “Estudos epidemiológicos evidenciaram, os trabalhadores são ameaçados em sua saúde quando limitações organizacionais impedem de desenvolver sua atividade e sua relação com o mundo. (...) A exigência impõe um enquadramento muito rigoroso da

subjetividade” (Davezies, 2010, pp. 162-163).

Ora, a vitalidade do indivíduo anseia pelo movimento, pela instalação de normas ao seu meio, para falar como Canguilhem (2001). Se do indivíduo é amputado o poder de agir, as possibilidades de revitalização de sua saúde são minoradas.

Nas escolhas feitas pelo trabalhador visando concretizar sua atividade, estão em julgamento, valores constituídos na vivência de diferentes coletivos culturais ao longo da história. Esses valores consagram a sua experiência e dão sentido à sua vida e ao seu trabalho. Quando o trabalhador toma posse das normas de trabalho, renormaliza-as, faz “usos de si” (Schwartz, 2000) de acordo com a experiência constituída em sua história de existência.

O uso de si por si demanda capacidades constituídas afetivamente, socialmente e cognitivamente. O uso de si pelo outro é dado nas circunstâncias das exigências, regulações e prescrições do trabalho. Os usos de si por si e pelos outros podem ser atestados no testemunho da experiência de vida e trabalho.

Entendendo experiência como a sedimentação de conhecimentos resultantes de vivências em diferentes espaços, entremeado a distintas pessoas e situações no decorrer do tempo, trazemos nos testemunhos dos professores readaptados entrevistados, as suas experiências de vida e trabalho.

### **4. Experiência de vida e de trabalho do professor readaptado**

De forma voluntária, seis professores readaptados do município de Iporá, estado de Goiás, no Brasil, aceitaram participar da pesquisa. Entrevistamos todos eles por meio de questões semiestruturadas. Mantivemos sigilo sobre suas identidades substituindo seus nomes reais por nomes fictícios.

As entrevistas foram transcritas e organizadas segundo a codificação e categorização temáticas de Gibbs (2009). Ele explica que, para avançar da codificação descritiva, para a codificação analítica e teórica, deve-se analisar toda a transcrição de um entrevistado, atentando para passagens que poderão receber a mesma codificação. O procedimento possibilitou organizar e relacionar as interpretações de cada testemunho.

#### **4.1. O poder de agir amputado pelas condições organizacionais e o meio de trabalho**

Nenhum trabalho é possível se aquele que o executa não faz os usos de si (Schwartz, 2000). Na execução das prescrições ou na recorrência de saberes da experiência, o corpo-si é demandado nos usos de si por si e

pelo outro. É por isso que o ator principal do trabalho não são as regras, como quiseram convencer os métodos tayloristas de produção. No trabalho, o trabalhador é o agente, ser vivente de transformação do meio. Porém, esse meio que pode ser transformado pelo vivente, pode trazer-lhe modificações. Nesta pesquisa, essas modificações são estudadas tendo em vista o adoecimento de um trabalhador específico, o professor. Trazemos aqui, as palavras daqueles que, ao modificar o seu meio, foram por ele modificados e, hoje estão na condição de professores readaptados, afastados da sua atividade principal de ensinar.

O testemunho da professora Juliana, ao mostrar que ela *foi tolhida* em seus projetos e desejos, explicita que seus objetivos não foram realizados. Quando a professora diz que *há um gesso sobre a liberdade de fazer escolhas*, expressa modos de amputação do poder de agir, especialmente quando deve seguir as prescrições dadas por um currículo.

*"O professor, ele vai sendo tolhido daquilo que ele gosta, e ele vai desgastando emocionalmente (...) eu tinha tantos projetos que eu queria executar e não consegui, que ao longo do período assim, eu fui ficando entristecida, eu tô contando só da minha saúde, mas eu quero contar também do problema intelectual que vai sendo tolhido ao longo dos anos (...), eu fui tolhida (...). A liberdade de criar é a melhor coisa, mas ainda tem um gesso. A gente antigamente falava engessar, dentro do vidro. Tem um currículo que deve ser seguido"* (Professora Juliana)

Quando as condições de trabalho comportam estruturas rígidas, se há delimitação do conteúdo do trabalho, se o trabalhador convive com frequente regulação do seu trabalho, esses fatores potencializam efeitos patogênicos, atesta Dejours (1992).

O testemunho da professora Gláucia, ao narrar como era feita a distribuição de aulas na sua escola, amputando suas escolhas, *atribuindo-lhe as turmas que ninguém queria*, atesta modos de usos de si pelos outros. Seu testemunho deixa evidente vários elementos que desencadeiam dramáticas: ela *ficava agoniada, sofria, já ia em pânico para a escola*.

*"Quando eu cheguei no início do ano no colégio, na divisão de aula, foi bem por aí, comecei a ficar agoniada, parece que... [sua reação é inesperada, de agonia, de choro]. Porque todo ano eu sofria, assim, porque assim [...] elas dividiam as salas,*

*(algumas professoras da escola) escondidas, elas pegavam as aulas com o diretor e em grupinhos dividiam tudo escondido, separava quem queria colocar naquela turma, quem elas queriam pôr na turma, montava as turmas tudinho, aí elas falavam: - Essa turma é do fulano, é do beltrano. (...) aqueles restos que ficava, a sobrinha das turmas que elas não queriam, elas entregavam pra mim"* (Professora Gláucia)

A professora Gláucia testemunha que a sua opinião e suas solicitações eram desprezadas. Ela não era considerada como parte do suposto coletivo de trabalho da escola, um meio infiel que ela tentava normatizar, e que nas suas flutuações, lhe amputava. Ela enfrentava tensões, na tentativa de se fazer ouvida, perante aqueles que sequer se preocupavam com os seus desejos e suas necessidades. Agir relutando, agir sem se sentir ativo, agir contrariado, produz efeitos sobre o corpo e compõe um grande risco para a saúde, admite Clot (2010).

#### **4.2. O poder de agir amputado na rigidez das normas organizacionais**

Os órgãos públicos não têm conseguido instituir condições para o professor readaptado recuperar a sua saúde. Ao contrário, as medidas desenvolvidas acabam criando barreiras, como se sucede nos deslocamentos do professor de postos de trabalho, geralmente sem o seu consentimento. Do mesmo modo, quando atribui uma função, regula os horários e imputa o regime de trabalho ao professor readaptado, a Secretaria de Educação, órgão que administra o sistema de ensino, desnuda os usos de si que faz do trabalhador docente.

O testemunho do professor Manoel revela que ele foi transferido para um ambiente com o qual não tinha familiaridade, justamente quando estava com a saúde fragilizada e necessitava acolhimento. Ele então desejou *exoneração do trabalho*, porque *não aguentava mais aquela situação*. Ao fazer essa opção, o professor criou uma estratégia defensiva individual, buscando fugir da situação que lhe imputavam.

*"Essa coisa na verdade vem da subsecretaria [A coordenação de ensino no município], eles simplesmente me ligam e falam ah... lá não tem jeito, não sei o que, e tal, nós vamos mandar você pra tal lugar, aí me mandaram ali pro (sua escola atual) que eu não conhecia, não sabia da realidade lá, não conhecia nada e foi até assim... eu fiquei... não foi muito legal essa questão, lá já tava muito ruim [escola anterior] e eu pensei, de repente*

*eu não ia nem me adaptar e foi quando eu quis exonerar de novo e eu falei pra [sua esposa] não, eu tô cansado disso, vamos parar com isso... eu, eu não aguento mais isso” (Professor Manoel)*

Para Dejours (1992), se a rigidez da organização do trabalho impõe ritmos e regulações, reprimindo o trabalhador no seu agir espontâneo, acentua-se mais ainda a vivência da fadiga, do sofrimento mental que pode evoluir para o adoecimento. Criar estratégias defensivas individuais é a saída mais imediata da situação causadora de conflito, quando a defesa coletiva não atua de modo satisfatório, por desconhecer que há condições de trabalho que causam sofrimento ou por entender que há demandas mais imediatas que a luta por melhores condições de trabalho e exigência de cuidados efetivos da saúde do professor.

#### **4.3. “Alojamento de pessoas que não fazem nada!” – o estigma**

Há um consenso social que propaga a ideologia de que “o corpo só pode ser aceito no silêncio ‘dos órgãos’; somente o corpo que trabalha, o corpo produtivo do homem, o corpo trabalhador da mulher são aceitos”, deteta Dejours (1992, pp. 32-33). Essa visão de Dejours parece ser comum nos ambientes de trabalho do professor readaptado, que enfrenta a rejeição, a indiferença, a discriminação, marcas características do estigma, conforme conceitua Goffman (2004) e que definem “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (p. 4).

A professora Laura se sente como “*algo que você não usa e que encosta num canto*”, pelos tratamentos que recebe no seu meio. Esse testemunho mostra que, nos usos de si por outros, limitado em seu poder de agir, o sujeito é descartado. A professora Laura compara a condição de tratamento do professor readaptado, ao que se dá a objetos descartáveis, que, ao serem inutilizados, são esquecidos, abandonados. No testemunho podemos perceber também a importância que tem o trabalho de ensinar, na vida da professora.

*“Vou te falar a verdade. Todo professor readaptado que a gente conversa, a gente se sente... algo que você não usa e que encosta num canto. Você pega aquele violão, toca quando você quer cantar e quando você não quer mais, você coloca ele num cantinho lá. Mas eu sempre falo com minhas colegas readaptadas, que, na Biblioteca, é colocado tudo quebrado, estragado, velho, que não se usa mais... a gente não está sendo algo*

*que possa estar ajudando, vai para a Biblioteca, entendeu? Eu falo assim pra elas, até vasilha quebrada, um material quebrado, guardam num cantinho da Biblioteca. Mas... a gente realmente se sente... um pouco... afastada... das colegas... Muda! Pra te falar a verdade, tudo, muda! E às vezes eu percebo assim, mas tem que mudar... [a professora se emociona nesse momento, e chora], as vezes tem que mudar mesmo porque... O ser humano hoje, ele só pensa no dinheiro... E cada um, não pensa no outro, pra subir. E a gente é realmente assim afastado. Você percebe. Se eu chegar ali e ficar na Biblioteca, e não sair no corredor, ir na sala dos professores para cumprimentá-los... Eu não vejo nenhum... A minha vida era uma sala de aula, eu amava a sala de aula, pra mim foi a maior decepção da minha vida, foi... ser jogada num canto, como dizem as colegas, de não dar conta de fazer as coisas, de não dar conta de ficar em pé para trabalhar” (Professora Laura)*

Estigmatizados, os professores readaptados são julgados de forma depreciativa. A professora Margarida disse que “*se você não tem boas condições, você fica rejeitada*”, e a professora Gláucia ouviu um colega dizer para sua amiga, também professora readaptada: “*você ainda não morreu não!?* O readaptado “*passa a ser o coitadinho muitas vezes, como doidinho, sabe, o que ele vai falar vai dar bobeira... eu me sentia assim*”, afirma a professora Gláucia.

*“Eu tenho uma colega que ela foi readaptada, ela tava ruim, e um dia ela foi no colégio, deu vontade de ir lá me ver, ela foi lá, a hora que ela chegou lá, a menina falou: - Uai, você não morreu não? Você tá aqui? Isso é palavra pra quem está com depressão? Ela chorou tanto, que ela não deu conta nem de ir embora dirigindo o carro dela” (Professora Gláucia)*

Nas demandas do corpo-si, diversos comprometimentos à saúde podem ser desencadeados e que muito do que transcorre nos espaços de trabalho do professor, que pode comprometer a sua saúde se deve às condições organizacionais e do meio de trabalho. O objeto de trabalho docente é humano, logo o seu trabalho não abrange apenas o ensino, mas a lida com as relações humanas, o que caracteriza cada sala de aula como um contexto de singularidades e um meio de tensão contínua. O trabalho docente é pautado pelas regulações administrativas e por metas a serem cumpridas, sem considerar os diversos atores envolvidos no processo

de ensino. Tudo isso aliado à intensificação do trabalho, pode conduzir ao adoecimento docente e afastar o professor da sala de aula, levando-o à condição de readaptado. E, se ele permanece em meios em que o seu poder de agir é amputado, as possibilidades de recuperar a sua saúde se dizimam.

Os testemunhos dos professores readaptados trouxeram à tona um conjunto de investimentos (emocional, intelectual, físico) que o trabalho docente reúne para se realizar e que, se infringidos, podem ocasionar danos à saúde mental. Portanto, é preciso tornar evidente para a sociedade, que os professores podem adoecer. Na verdade, que eles adoecem devido à pressão da gestão e à cobrança excessiva de resultados que dependem muito do desempenho dos alunos.

O adoecimento não é fracasso do professor, é o fracasso das condições de trabalho e das políticas públicas. A saúde do professor merece discussão contínua e coletiva, e a sua promoção deve ser institucionalizada. Esperamos que esta pesquisa inspire àqueles que fazem o trabalho de ensinar, à defesa coletiva de sua saúde e aos órgãos da administração pública, que é preciso transformar as condições ambientais e organizacionais de trabalho e aos Sindicatos que os representam, que lutem pela defesa efetiva dessas condições, exigindo a prevenção, a promoção e o cuidado da saúde do professor.

### **Referências Bibliográficas**

- Paro, V. (2000) A natureza do trabalho pedagógico. In *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Atlas.
- Schwartz, Y. (2000). *Trabalho e uso de si. Pró-posições*, 1(5), 34-50.
- Silva, J. (2018). *Quando o trabalho invade a vida: um estudo sobre a relação trabalho, vida pessoal cotidiana e saúde de professores do ensino regular e integral de São Paulo* (Tese de Doutorado). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Tardif, M., & Lessard, C. (2014). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes.
  
- Canguilhem, G. (2001). Meios e normas do homem no trabalho. *Pro-posições*, 12, 35-36, 109-121.
- Clot, Y. (2010). *Trabalho e Poder de Agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Davezies, P. (2010) Une affaire personnelle? In L. Théry (Dir.), *Le travail intenable: résister collectivement à l'intensification du travail* (pp. 150-180). Paris: La Découverte/Poche.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (5ª edição). São Paulo: Cortez.
- Facci, M., & Urt, S. (2017). *Professor Readaptado: o adoecimento nas relações de trabalho*. 38ª Reunião Nacional da ANPEd. Disponível em [http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT20\\_128.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT20_128.pdf). Acesso em: 08 out. 2017
- Gibbs, G. (2009) *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed.
- Goffman, E. (2004). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.

# O trabalho docente no Integrado do IFRS: questões dialógicas e ergológicas.

## Les travaux pédagogiques à IFRS Integrated: enjeux dialogiques et ergologiques.

## La labor docente en IFRS Integrated: cuestiones dialógicas y ergológicas.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale  
d'Ergologie

### **Maíra da Silva Gomes**

Instituto Federal do Rio Grande do Sul  
Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul (PUCRS)  
Coordenação de Aperfeiçoamento de  
Pessoal de Nível Superior (CAPES)  
Rua Faria Santos, 589/301 – Porto  
Alegre (RS) – CEP: 90670-150  
maira.gomes@restinga.ifrs.edu.br

### **Maria da Glória Di Fanti**

Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul (PUCRS)  
Conselho Nacional de Desenvolvimento  
Científico e Tecnológico (CNPq)  
Rua Regina Mundi, 135 – São Leopoldo  
(RS) – CEP: 93020-280  
gloria.difanti@pucrs.br

### **Resumo**

Esta reflexão tem o objetivo de apresentar algumas das principais ideias de um projeto de pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob orientação da Professora Doutora Maria da Glória Di Fanti. Ancorado na perspectiva dialógica da linguagem e na abordagem ergológica do trabalho, este trabalho versa sobre a complexa atividade de trabalho do professor de Português e Literatura no Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), no *Campus Restinga* (Gomes, 2021). Os resultados indicam que a atividade docente se constitui por facetas de invisibilidades orientadas tanto à atividade em si, quanto ao coletivo de professores da área de Letras no Integrado.

### **Palavras-chave**

ergologia, perspectiva dialógica, atividade docente

### **Resumen**

Esta reflexión tiene como objetivo presentar algunas de las ideas principales de un proyecto de investigación doctoral que se está desarrollando en el Programa de Posgrado en Letras de la Pontificia Universidad Católica de Rio Grande do Sul (PUCRS), bajo la dirección de la profesora María da Gloria di Fanti. Anclado en la perspectiva dialógica del lenguaje y en el enfoque ergológico del trabajo, este trabajo aborda la compleja actividad laboral del profesor de Portugués y Literatura en el Curso Técnico Integrado al Bachillerato del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande. do Sul (NIIF), en el Campus de Restinga (Gomes, 2021). Los resultados indican que la actividad docente está constituida por facetas de invisibilidades orientadas tanto a la actividad en sí, como al colectivo de docentes en el área de Letras en lo Integrado.

### **Palabras clave**

ergología, perspectiva dialógica, actividad docente

### **Résumé**

Cette réflexion vise à présenter quelques-unes des idées principales d'un projet de recherche doctorale en cours de développement dans le cadre du programme de troisième cycle en lettres de l'Université pontificale catholique du Rio Grande do Sul (PUCRS), sous la direction du professeur Maria da Glória Di Fanti. Ancré dans la perspective dialogique de la langue et dans l'approche ergologique du travail, ce travail se penche sur l'activité de

travail complexe du professeur de portugais et de littérature dans le cours technique intégré au lycée de l’Institut fédéral d’éducation, de science et de technologie du Rio Grande do Sul (IFRS), au Campus Restinga (Gomes, 2021). Les résultats indiquent que l’activité pédagogique est constituée de facettes d’invisibilités orientées à la fois vers l’activité elle-même, et vers le collectif d’enseignants dans le domaine des Lettres dans l’Intégré.

### Mots clés

ergologie, perspective dialogique, activité d’enseignement

### 1. Considerações iniciais

Esta reflexão visa apresentar algumas ideias de um projeto de pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob orientação da Professora Doutora Maria da Glória Di Fanti, e que, apoiado na perspectiva dialógica da linguagem e na abordagem ergológica do trabalho, versa sobre a complexa atividade de trabalho do professor de Português e Literatura no Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), no Campus Restinga (Gomes, 2021).

Em um momento de desrespeito à educação e aos professores no Brasil, em que há cortes orçamentários, propostas de leis que intimidam a liberdade de expressão dos docentes, ataques às Universidades e Institutos Federais e projetos de desmonte da educação pública, parece relevante desenvolver pesquisa sobre a atividade de trabalho docente em um contexto ainda pouco estudado: o Curso Integrado do *Campus Restinga, IFRS*. O que abrange esse Curso?

O Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio associa, na mesma modalidade e ao mesmo tempo, Ensino Médio e Técnico. Ele é destinado a alunos que já concluíram o Ensino Fundamental. No IFRS, *Campus Restinga*, são ofertados três cursos técnicos integrados ao Ensino Médio: Eletrônica, Informática e Lazer; os dois primeiros têm duração de 4 anos, e o terceiro tem duração de 3 anos. Os alunos têm disciplinas propedêuticas (áreas de linguagens e códigos, ciências humanas, matemática e ciências da natureza, vinculadas à Educação Básica) e técnicas (corresponde a disciplinas técnicas específicas de cada eixo tecnológico em que o curso se situa), distribuídas ao longo da semana. Nos documentos institucionais, como a Organização Didática (OD) do IFRS, é enfatizada a importância de haver uma interdisciplinaridade entre todas as disciplinas do Integrado, desafio

ainda a ser implementado no Campus Restinga.

Historicamente, a educação voltada para o trabalho tem sido visto como objetivo formar mão de obra para suprir as necessidades do mercado. Segundo Marçal (2015), no contexto capitalista, há uma divisão, uma dualidade, entre escola de formação profissional, direcionada aos trabalhadores (proletariados), que tem o objetivo de instruir para geração de mão de obra, e escola de formação geral, direcionada à classe dominante, com o objetivo de possibilitar a continuação da educação formal no nível superior.

“Ao longo de nossa história, praticamos uma educação para a academia e, outra, para a fábrica; um ensino propedêutico para as elites e, outro, destinado à formação técnica de mão de obra para o sistema de produção. Romper esse dualismo representa um desafio de enormes proporções” (Sander et al., 2011, p. 11).

O ensino integrado do IFRS está inserido nesse contexto histórico de dualidades da educação profissional. São várias as complexidades que se apresentam e que perpassam o trabalho dos professores: o Integrado deve formar para o mercado ou para a cidadania? O ensino deve ser voltado para o vestibular ou para o trabalho de nível técnico? Como integrar as disciplinas propedêuticas e as técnicas? Procurando superar essas dualidades, o Documento Base do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio salienta que o trabalho pode ser visto como um princípio educativo, e isso

“equivale dizer que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isso, se apropria dela e pode transformá-la. Equivale dizer, ainda, que nós somos sujeitos de nossa história e de nossa realidade. Em síntese, o trabalho é a primeira mediação entre o homem e a realidade material e social” (Brasil, 2007, p. 45).

Pode-se dizer que a conceção do trabalho como um princípio educativo se distancia da conceção da educação profissional voltada às demandas do mercado. Nesse mesmo sentido, a OD do IFRS afirma que o Integrado deve “conduzir o estudante a uma ampla formação integral para a cidadania, em termos sociais, culturais e econômicos, uma habilitação profissional técnica de nível médio que lhe possibilitará a inserção no mundo do trabalho e a continuidade de estudos na educação superior” (OD, 2018, p. 10).

Entretanto, a concretização do Curso Integrado, no IFRS, *Campus Restinga*, em 2010, foi realizada sem que os servidores tivessem assimilado a identidade, as diretrizes e as necessidades desse curso. Os integrantes do grupo de trabalho (GT) de implementação do Integrado também não tinham clareza sobre como definir o curso. Nas entrevistas realizadas com alguns participantes do GT de implantação (Marçal, 2015, p. 158), isso parece ficar claro: “Quando se tentava conceituar o que é Integrado, parecia sempre ser um tema polêmico, sem consenso. Ninguém tinha segurança no tema Integrado”. Na área de Língua Portuguesa, parece não haver uma clareza, entre os professores, sobre o papel da disciplina de Português e Literatura (temos em uma mesma disciplina língua e literatura) no curso Integrado. Não há reuniões, no *Campus Restinga*, da área de Língua Portuguesa para discutir aspectos pedagógicos desse curso. As reuniões que existem são conselhos de classe, pré-conselhos, em que todos os professores do curso (de diferentes áreas) participam juntamente com o setor de ensino. Parece, por conseguinte, haver a falta de um coletivo de trabalho da área de Língua Portuguesa; cada professor (são 9 professores de Português no Campus Restinga) atua individualmente, a partir das suas conclusões individuais sobre o que deve ser seu trabalho como professor de língua no Integrado. A essa questão se acrescenta o fato de a grande maioria dos professores não ter uma formação específica para a educação profissional. O documento base da educação técnica integrada ao Ensino Médio deixa isso claro ao mencionar a carência de formação dos docentes voltada ao ensino Integrado:

“é necessário levar em consideração que mesmo os professores licenciados carecem de formação com vistas à atuação no ensino médio integrado, posto que tiveram sua formação voltada para a atuação no ensino fundamental e no ensino médio de caráter propedêutico, uma vez que as licenciaturas brasileiras, em geral, não contemplam em seus currículos estudos sobre as relações entre trabalho e educação” (Brasil, 2007, p. 33)

Nesse contexto de dualidades no ensino Integrado, de falta de compreensão, por parte dos servidores e professores, sobre o que é o Integrado no Campus Restinga, de falta de formação específica dos docentes para essa modalidade, percebe-se que o grupo de professores de Língua Portuguesa carece também de momentos de discussão sobre a atividade de trabalho no curso Integrado. Nesse cenário, algumas questões se estabelecem:

Que aspectos são invisíveis ou pouco aparentes na atividade do professor de Língua Portuguesa e Literatura do Integrado e como impactam no ato singular e no coletivo do trabalho? Como cada professor valora a atividade docente a partir de reflexos e refrações presentes no seu discurso? Que dramáticas de uso de si, debates de normas e valores e renormalizações são observáveis no agir singular dos docentes? Em que aspectos os discursos dos professores entrevistados se aproximam ou se afastam em relação à sua atividade de trabalho do Integrado? Para responder essas perguntas, foram realizadas entrevistas junto aos professores do Instituto, de modo a dar visibilidade à complexidade que envolve o fazer docente no IFRS.

Passemos, a seguir, a descrever a contextualização da pesquisa, a perspectiva teórica que a embasa e os seus procedimentos metodológicos.

## 2. Contextualização da pesquisa

A pesquisa tem respaldo na perspectiva dialógica da linguagem e na abordagem ergológica do trabalho, cujos princípios estão pautados na atividade humana e nas relações que imbricam essa atividade. Para o Círculo de Bakhtin, a linguagem é constitutivamente dialógica, já que todo enunciado responde, em algum grau, a outro e se relaciona com enunciados futuros, numa complexa cadeia discursiva. Nas palavras de Bakhtin (2003, p. 26), “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Desse modo, todo falante é um respondente, visto que falar é responder a enunciados antecedentes – seus e alheios – com os quais o seu enunciado dialoga (baseia-se neles, polemiza com eles, ou simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte) (p. 26).

O dialogismo, conforme Sobral (2009, p. 7), forma-se no chamado “pensamento participativo ou não-indiferente”, segundo o qual, os sujeitos e os sentidos são constituídos sempre em processo, nas relações com outros sujeitos e com outros sentidos. O diálogo, na visão do Círculo, não é um espaço de harmonia e compreensão mútua, mas sim é um espaço de tensões, de arena de vozes e de confronto de diferenças. Todo enunciado se aproxima de alguns discursos e se afasta de outros, se liga a outros enunciados estabelecendo relações dialógicas de natureza variada. O enunciado se orienta como resposta a vozes antecedentes ou posteriores. Nessa perspectiva, toda compreensão é ativamente responsável, e, em função da expectativa da resposta do ouvinte, o falante orienta seu discurso: “toda compreensão é prenhe de resposta e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”

(Bakhtin, 2003, p. 269). Dessa forma, não existe compreensão passiva, em que o ouvinte só entenderia algo sem tomar uma atitude. Ao contrário, o ouvinte sempre reage ao enunciado, concordando com ele ou não, polemizando, acrescentando informações, ou adaptando partes. A resposta ativa do ouvinte não se limita ao verbal, pois engloba diferentes modalidades de expressão e inclui os não-ditos, a situação maior, o contexto extraverbal etc.: “enunciar é agir, é tomar atitude diante do outro (discurso, interlocutor, fato), é responder a algo ou alguém, é participar da cadeia complexa de vários enunciados” (Di Fanti, 2005, p. 21).

A palavra, nessa perspectiva, é um signo ideológico que não só reflete a realidade, mas refrata uma outra realidade, pois o enunciado passa por uma atitude valorativa do enunciador, orientada pelas coerções da situação de comunicação. A palavra também é considerada como “signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro” (Bakhtin, 2010, pp. 209-210), ou seja, “toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte entre o eu e o outro” (Volóchinov, 2017, p. 205).

No que tange à abordagem ergológica, a atividade humana de trabalho “refere-se a escolhas, portanto, a um mundo de valores que nos permitem decidir. Essas escolhas criam situações novas, fazem história, nenhuma racionalidade teria podido predeterminá-las” (Schwartz, 2009, p. 1). Sob esse enfoque, desenvolve-se o conceito de “dramáticas de uso de si” (*por si e por outros*), que são as respostas dadas aos eventos que não podem ser antecipados e que exigem de nós “fazer, agir, produzir” (Schwartz, 2009, p. 1). A atividade de trabalho, por conseguinte, é entendida, conforme Schwartz (2009), como uma sucessão ininterrupta de dramáticas “que vincula essas respostas em uma busca para viver em saúde nossa relação com esse meio”. Assim, para a ergologia, o trabalho é “uma realidade enigmática”, que não pode ser definida de maneira simples e unívoca (Schwartz, 2011, p. 20).

Há, de um lado, “sempre uma dimensão do patrimônio depositado numa cultura, de saberes, de meios materiais; de outro, existe uma dimensão de atividade reconfigurando as aquisições em diversos níveis” (Schwartz, 1998, p. 22). Nas situações de trabalho, sempre há um confronto de dois polos: o primeiro se refere às normas antecedentes (preestabelecidas), ou seja, todo o conhecimento e as maneiras de agir (com diferentes graus de prescrição) para o trabalho; o segundo polo se refere à renormalização, à realização do trabalho, em que há

um debate com as normas antecedentes, já que não é possível prever antecipadamente tudo que acontecerá no evento concreto da atividade do trabalhador. Nesse debate de normas, para Schwartz (2009, p. 1), “a atividade de trabalho ‘não se vê’, somente são apreendidos seus resultados e seus meios”, ou seja, há partes a serem desvendadas, pois o trabalho “sempre comporta uma parte invisível ou uma penumbra” (Schwartz, 2011, p. 31). No trabalho do professor, por exemplo, por mais que haja um planejamento para as aulas, não há como prever todas as situações que podem acontecer na interação com os alunos. Uma dúvida de um aluno pode fazer com que o professor vá por um caminho não imaginado, dispensando tempo para explicar, o que pode levar a comentários de outros alunos, uma discussão sobre o assunto e, de repente, a aula já é totalmente diferente da conjecturada. Nesse contexto, a não previsibilidade do fazer docente pode ser analisada via enfoques dialógico e ergológico, observando-se a constituição dos enunciados e sua relação com outros enunciados e o coletivo de trabalho. Não existe possibilidade de se prever tudo do uso da língua: os enunciados-resposta dos alunos vão orientando os enunciados do professor; o planejado é, então, modificado e singularizado pela atividade concreta de trabalho e de linguagem.

Considerando tais reflexões, passemos a apresentar os procedimentos metodológicos realizados pela pesquisa. O material de análise consiste em entrevistas, feitas presencialmente, com três professores de Português do IFRS do *Campus Restinga*, participantes da pesquisa, que responderam a perguntas sobre a sua atividade de trabalho docente, a relação com as normas institucionais, a formação teórica, a conceção de linguagem, a operacionalização das normas etc. Por meio das entrevistas, tivemos acesso à percepção dos professores sobre seu trabalho, analisando os discursos produzidos, os conflitos existentes, as dramáticas de uso de si, as renormalizações etc.

Quanto à análise do material, foram consideradas noções da ergologia, como atividade de trabalho, debate de normas, dramáticas de uso de si, saberes-valores etc., e da teoria dialógica, como dialogismo, enunciado, tom emotivo-volitivo, ato ético etc. Com as análises, além de termos acesso à negociação instaurada entre normas e renormalizações, de modo a dar visibilidade à atividade concreta de trabalho, podemos acessar aspectos relativos à invisibilidade do trabalho. Em outras palavras, ao dar espaço de fala ao professor, o pesquisador pode acessar aspectos não aparentes pela simples observação, mas perceptíveis pelas dimensões dialógica e axiológica cons-

titutivas dos enunciados coletados na pesquisa. A verbalização sobre a atividade laboral, no caso via entrevista, tendo o pesquisador como interlocutor, propicia também uma reflexão sobre a própria experiência, estendendo-se às múltiplas inter-relações engajadas.

### 3. Algumas considerações

A partir das análises, pudemos chegar a alguns resultados que indicam que na atividade docente há uma diversidade de facetas de invisibilidade, tanto em relação ao uso de si no trabalho, que envolve dramáticas, debates de normas, etc., quanto em relação ao coletivo de professores da área e do curso Integrado. Assim, pudemos observar que o agir docente envolve renormalizações, orientadas, em sua maioria, pela relação alteritária entre professores e alunos. O curso Integrado é um signo ideológico que reflete e refrata diferentes conceções: para alguns, ele serve para preparar o aluno para o ensino superior; para outros, ele serve para formar o aluno como técnico. Isso revela a opacidade desse curso e a dificuldade de superação da dualidade da educação profissional. Por meio das análises também foi possível perceber que não há um trabalho colaborativo entre os docentes da área de Letras.

No debate proposto na pesquisa, pudemos contemplar as dificuldades com as quais se depara o professor em situação, que, segundo Souza-e-Silva (2004, p. 90), “não concerne apenas à natureza das prescrições, mas também ao seu modo de circulação” em diferentes estabelecimentos e organizações. A atividade do professor inclui as normas antecedentes, a aprendizagem do aluno, a organização escolar, que juntas impõem “um trabalho de reorganização das tarefas e dos meios coletivos de trabalho”.

Quando se pensa em coletivo de professores, como observa Souza-e-Silva (2004, p. 90-91), não se está considerando apenas “uma resposta a uma injunção administrativa (*trabalhar em equipe*)”, mas sim “uma iniciativa coletiva, mobilizada de modo a dar uma resposta comum às prescrições”, que produza orientações de como operacionalizar determinado objetivo, avaliar competências etc. O trabalho, desse modo, é reorganizado pelos trabalhadores e configura-se como “uma atividade dirigida sobretudo aos alunos, mas extensiva também a suas famílias e à sociedade” (*Ibidem*, p. 91). Nesse processo o professor é um centro de valor, um *ser industrial*, em relação a outros centros de valor, outros seres industriais, que vivencia as dramáticas de uso de si *por si e pelo outro* em situações de trabalho.

Com esta reflexão, buscamos apresentar os tópicos principais da pesquisa em desenvolvimento, como pro-

blematização, objetivo, fundamentação teórica e procedimentos metodológicos. Esperamos, com o debate instaurado, proporcionar, ainda que em parte, o (re) conhecimento dessa atividade e, quem sabe, colaborar para sua transformação.

### Referências Bibliográficas

- Bakhtin, M. (1920-1924). *Para uma filosofia do ato*. Versão destinada para uso didático e acadêmico. s.d.
- Di Fanti, M. G. (2005). A tessitura plurivocal do trabalho: efeitos monológicos e dialógicos em tensão. *Alfa*, 49(2), 10-40.
- Di Fanti, M. G. (2012). Linguagem e trabalho: diálogo entre a translingüística e a ergologia.
- França, M. (2004). No princípio dialógico da linguagem, o reencontro do Homo loquens com o ser humano industrial. In M. Figueiredo, M. Atahyde, J. Brito, & D. Alvarez (Orgs.), *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo* (pp. 115-134). Rio de Janeiro: DP&A.
- Gomes, M. S. (2021). *A atividade de trabalho do professor de Língua Portuguesa no integrado do IFRS*(Projeto de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.
- Marçal, F. (2015). *O ensino médio integrado no IFRS, enfrentando a dualidade* (Tese de Doutorado). PPG em Educação- UFRGS, Porto Alegre, Brasil.
- Schwartz, Y. (2009). Manifesto por um ergoengajamento. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Orgs.), *L'Activité en dialogues: entretiens sur l'Activité humaine (II)*. Toulouse: Octarés Editions.
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9, 19-45.
- Souza-e-Silva, M. C. (2004). O ensino como trabalho. In A. Machado (Org.), *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. São Paulo (pp. 81-104). Eduel.
- Volóchinov, V. (2017). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929). São Paulo: Editora 34.

# **Notas ergológicas sobre a atividade de trabalho dos agentes de trânsito no Município de Betim – MG.**

## **Notas ergológicas sobre la actividad de trabajo de los agentes de tránsito en el municipio de Betim – MG.**

### **Notes ergologiques sur les activités de travail de les agents de la circulation de la commune de Betim – MG.**

**U.PORTO**

FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



**U.PORTO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### **Angelica da Silva Costa**

Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de Minas Gerais  
Rua Campestre, 860 – Betim MG  
angelica.costah@hotmail.com

### **Admardo Bonifácio Gomes Junior**

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais  
Avenida Amazonas, 2275, Belo Horizonte - MG  
admardo.jr@gmail.com

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar resultados de um trabalho de dissertação que buscou debruçar-se sobre a atividade coletiva dos agentes de trânsito do município de Betim, para compreender como eles fazem uso de si, criam e mobilizam saberes, valores e experiências para realizar a atividade de trabalho no contexto da precarização dos serviços públicos. Trata-se de estudo qualitativo, descritivo, que emprega, como instrumento de produção e análise de dados, a técnica da autoconfrontação simples e cruzada, a amostra é composta de 2 agentes. Os resultados são as compreensões dos próprios agentes sobre as experiências vivenciadas, entre normas e renormalizações, o encontro entre os trabalhadores e sua atividade, as representações que os agentes fazem de si e dos pares em atividade. Como conclusões, aponta-se que a intervenção na atividade a partir da perspectiva ergológica pode produzir compreensões das situações reais, dando passagem às mobilizações, usos de si, renormalizações convocados pela atividade.

### **Palavras-chave**

atividade, agentes de trânsito, autoconfrontação, ergologia, administração pública

### **Resumen**

El objetivo de este artículo es presentar los resultados de un trabajo de disertación que buscó enfocar la actividad colectiva de los agentes de tránsito en el municipio de Betim, para comprender cómo se aprovechan, crean y movilizan conocimientos, valores y experiencias para Realizar la actividad laboral en el contexto de servicios públicos precarios. Se trata de un estudio cualitativo, descriptivo que utiliza, como instrumento de producción y análisis de datos, la técnica simple y de confrontación cruzada, la muestra está compuesta por 2 agentes. Los resultados son la comprensión de los propios agentes de las experiencias vividas, entre normas y renormalizaciones, el encuentro entre los trabajadores y su actividad, las representaciones que los agentes hacen de sí mismos y de sus pares activos. Como conclusiones, se señala que la intervención en la actividad desde una perspectiva ergológica puede producir comprensiones de situaciones reales, dando paso a movilizaciones, usos del yo, renormalizaciones que la actividad requiere.

### **Palabras clave**

actividad, agentes de tráfico, autoenfrentamiento, ergología, administración pública

## Résumé

L'objectif de cet article est de présenter les résultats d'un travail de thèse qui a cherché à se concentrer sur l'activité collective des agents de la circulation dans la commune de Betim, à comprendre comment ils se servent d'eux-mêmes, créent et mobilisent des connaissances, des valeurs et des expériences pour exercer l'activité de travail dans le cadre de services publics précaires. Il s'agit d'une étude qualitative et descriptive qui utilise, comme instrument de production et d'analyse des données, la technique de confrontation simple et croisée, l'échantillon est composé de 2 agents. Les résultats sont la compréhension par les agents des expériences vécues, entre les normes et les renormalisations, la rencontre entre les travailleurs et leur activité, les représentations que les agents se font d'eux-mêmes et de leurs pairs actifs. En conclusion, il est rappelé que l'intervention dans l'activité d'un point de vue ergologique peut produire des compréhensions de situations réelles, laissant place à des mobilisations, des usages de soi, des renormalisations appelées par l'activité.

## Mots-clés

activité, agents de la circulation, auto-confrontation, ergologie, administration publique

## 1. Introdução

A profissão de agentes de trânsito surgiu em 1997, a partir do Código de trânsito brasileiro que determinou a municipalização da fiscalização, engenharia e educação para o trânsito por meio da descentralização administrativa na prestação desses serviços. Desde então, o trabalho desses agentes tem sido normalizado em diferentes documentos, como as resoluções do Conselho Nacional de trânsito (CONTRAN) e as legislações municipais. Entretanto, tais normas não são capazes de antecipar o que é feito do trabalho no espaço da vida real, o que é preciso mobilizar de si para realizar a atividade. Existe uma distância entre o que as normas de diferentes ordens prescrevem como tarefa e aquilo que os agentes realmente fazem, a partir da mobilização de seus saberes, valores, experiências e com os meios que possuem, para realizar o trabalho. Este é o espaço onde reside a atividade e que interessa para a abordagem ergológica.

Os principais resultados alcançados apontam para as compreensões dos próprios agentes sobre as experiências vivenciadas, entre normas e renormalizações, o encontro entre os trabalhadores e sua atividade, a partir da dialética entre trabalho e linguagem e as representações que os agentes fazem de si e de seus pares em atividade. Como conclusões, aponta-se que a aná-

lise e intervenção na atividade, a partir da perspectiva ergológica, pode produzir compreensões das situações reais, dando passagem às mobilizações, usos de si, renormalizações convocados pela atividade, além da atenção às questões que se desdobram disso, inclusive com reflexos nos interesses políticos, econômicos e da gestão (Guimarães, 2012; Schwartz & Durrive, 2010).

## 1.1. A ergologia como projeto de análise e intervenção na atividade

A Ergologia é uma abordagem interdisciplinar destinada a conhecer e intervir nas situações de trabalho. Esta abordagem, “constitui-se em um projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho, para transformá-las” (Schwartz, 2010, p. 37). A *démarche* ergológica concebe o trabalho como uma interação de diferentes dimensões daquilo que circunda a atividade e o próprio trabalhador, com isso, reconhece que “uma situação de trabalho contém sempre desafios da sociedade e, cada um, pela maneira como trabalha, participa nesses debates da sociedade e os recompõem à sua escala” (Schwartz & Durrive, 2010, p. 14). A abordagem ergológica, ao se debruçar sobre o trabalho, como objeto de estudo, se orienta sobre conceitos fundantes, desenvolvidos durante os estudos de Yves Schwartz (1987), entre eles, o de “atividade”, “normas antecedentes”, “uso de si”, “dramáticas de uso de si”, “renormalizações”, “*corpo-si*”, debates de normas e a própria dinâmica de espaço tripolar, desenvolvidos por Schwartz (1987, 2000).

Para cumprir os objetivos deste trabalho, alguns desses conceitos foram fundamentais, além de recorrentes no processo de produção de análise de dados. Tais conceitos foram organizados em unidades de análise das situações concretas de trabalho, sempre com atenção ao fato de que “a vida ultrapassa sempre, infinitamente, os conceitos que os homens forjaram para pensá-la. Trabalhar será sempre questão de confrontação da inteligência humana às incertezas do momento presente” (Duraffourg, 2007, p. 69).

## 2. A atividade de trabalho dos agentes de trânsito no Município de Betim: Debate de normas

A atividade dos agentes trânsito é atravessada por diferentes dimensões tais como a geografia das cidades, os problemas aparentes e invisíveis da mobilidade urbana, as normas legais que definem esse trabalho e limitam a atuação do agente de trânsito, as recriações constantes presentes no desenvolvimento cotidiano da atividade, mormente porque a cidade e o tráfego são orgânicos, dinâmicos, as dimensões dos saberes e va-

lores que compõem a realização da atividade não podem ser excluídos da análise. Nesse sentido, a ergologia ajuda a pensar a gestão dessa atividade de maneira mais profunda, o que a abordagem ergológica propõe é conhecer o trabalho para melhor intervir nas situações de trabalho modificando-as para aqueles que as exercem. Portanto, analisar a atividade do ponto de vista de quem a realiza, pode influenciar de forma positiva os processos decisórios sobre a gestão da atividade (Durrive, 2011; Schwartz, 2014).

A atividade de trabalho dos agentes de trânsito, não só no município de Betim, se encontra prevista em diferentes legislações, de forma bem definida, e não admite interpretações ampliadas por se tratar de atuação em nome do poder público que, por sua vez, deve sempre limitar sua atuação a uma legalidade estrita. Por legalidade estrita compreende-se que o Estado, ou quem lhe faça as vezes (como no caso dos agentes de trânsito), não pode atuar sem que a lei assim expressamente permita, sendo-lhe vedada qualquer atuação fora dos limites legais (Mello, 2013). Isto posto, não é forçoso imaginar que a atividade do agente de trânsito encontra-se constrangida por normas antecedentes de diferentes dimensões – e bastante rígidas –, o que pode significar fonte de diferentes problemas no desenvolvimento dessa atividade.

Entre as metas próprias da atividade e os meios de que os agentes dispõem para sua realização existe uma situação fática que se desenvolve em um “espaço de possíveis sempre a negociar” (Schwartz, 2000, p. 42). A forma de executar sempre será operada pelas escolhas do agente no momento concreto, ainda que restritas ao princípio da legalidade estrita, pelo qual o agente público no exercício de suas funções só pode agir nos limites em que a lei autoriza. Haverá, sempre, um debate de normas entre o que está prescrito e o que o agente faz para cumprir a demanda, espaço onde reside a atividade humana (Durrive, 2011; Mello, 2013).

## **2.1. Confrontando o trabalho no trânsito: dando voz à atividade**

Durante as confrontações, foi possível notar que, ao serem questionados sobre as escolhas que faziam em determinados contextos da atividade, os agentes apresentavam certas dificuldades em descrever as tarefas. Entretanto, quando confrontados com sua imagem durante o fazer e, novamente, questionados, sua narrativa ultrapassava os limites da descrição de protocolos e assumia uma defesa da atividade, permitia reviver a experiência de suas escolhas e da forma de mobilizar seu saber, seus valores, sua compreensão do contexto e,

sobretudo, e do que é requerido de seu corpo no trabalho. E quando se diz o corpo, na perspectiva ergológica, isto comprehende a inteligência, a história, a força física, a experiência de vida e o olhar para o mundo. Isto é, o corpo-si (Schwartz, Durrive, & Duc, 2010).

## **2.2. Variabilidades na atividade semafórica: “*isso é mais empírico mesmo*”**

Notamos que, embora a atividade semafórica, por sua natureza caótica, convocada precisamente quando as normas que orientam o meio falham, demande uma atividade renormalizadora, um “gerir de defasagens constantemente renovadas (Duraffourg, 2007, p. 68), existe, mesmo nesse caos, a necessidade de se seguir um protocolo. Os agentes, então mobilizando sua inteligência e valendo-se da entidade coletiva, traçaram uma norma antecedente para atuar quando o protocolo falha, a isto chamamos atividade:

*A gente chega, detecta a falha e liga para a central para avisar ao responsável, se ele demora, atuamos no local. Primeiro é fazer a canalização1 da via com cores, se posiciona no centro, para o trânsito em todas as vias do cruzamento, se posiciona no meio dele e começa a coordenar o trânsito. Isso é feito, por alguns, com um silvo longo para chamar a atenção, mas nem todos fazem isso, puxa o trânsito com 1 silvo breve para seguir, e 2 silvos breves para parar. Liberando as vias no sentido horário, de forma decrescente (as que tem maior fluxo para as que tem menor). Não existe uma regra escrita, a gente é que faz, ‘pra’ seguir um padrão. (A2)*

Sobre a importância do equipamento, e os transtornos de sua falta, A1 destaca:

*Sim, é muito importante porque nem sempre tem a quantidade de equipamentos lá que a gente precisa usar, cones só tem 3 ou 4 em cada viatura, e em vias de trânsito mais rápido tem que haver uma quantidade maior (...) por quê? A distância que você vai colocar é muito maior, em uma velocidade de 40km você vai colocar em uma distância, entre os cones, em uma velocidade de 60km você vai ter que colocar mais cones em um a distância maior pra ser visualizado, se você coloca só 2, 3 cones o condutor do veículo só consegue ver o cone quando está muito perto então há risco de acidentes [pausa/ refletindo sobre o que disse].*

Naquele momento, o trio de agentes contava com apenas 03 cones da cor laranja para sinalizar toda a via, que possui mais de 3 quilômetros de extensão. A saída encontrada foi fazer uma canalização improvisada, enfileirando os cones a uma distância definida pelo agente, compreendida por ele como segura, a partir da mobilização de experiências anteriores com a mesma situação. Ao ser questionado sobre como decidiu a organização dos cones, como determinou que a posição em que os dispôs era segura, como saber o que fazer neste momento, A1 respondeu, “Aí a gente vai olhando, a gente já sabe mais ou menos.... Aí nós fazemos com a quantidade que está disponível, no momento... isso de fazer, é mais empírico mesmo (risos)”. A saída encontrada foi “olhar” para a via e fazer de forma “empírica mesmo”. Esse empirismo é a capacidade do trabalhador de, a todo momento, tentar produzir, no meio em que se encontra e com as condições com as quais se depara (Schwartz, 2010). O relato expõe um saber mobilizado, diante da falta de recursos e da necessidade de intervir no trânsito, mantendo a segurança dos usuários, sejam condutores ou pedestres. Este é um saber da ordem dos saberes investidos. Um saber só possível com a vivência da atividade na vida real, com a experiência sobre o trabalho. Ao mesmo tempo, a expressão “aí é mais empírico mesmo”, seguido de risos, evidencia o caráter “enigmático” da atividade dos agentes de trânsito. De um lado, demonstra a dificuldade em se dizer o que se faz, por duas razões: a primeira porque se trata do trabalho cotidiano, a que se dá pouca importância, a própria gestão não valoriza esses atos menores. A outra razão é porque a complexidade do que se faz acabou de ser descoberta na confrontação, ao “colocar em palavras a própria atuação” (Durrive, 2007, p. 177). Falar da atividade é redescobri-la, reviver a experiência, reformular a ação, pela palavra, “permite à pessoa tomar consciência de seu potencial, da maneira como se investe em sua atividade” (Faita, 2007, p. 178).

De outro lado, a atividade é enigmática porque não é possível ao observador conhecê-la, apreendê-la em toda a sua complexidade. Quem pode dizer dela é quem a exerce, por isso a ergologia comprehende a importância de “ir ver de perto”. Mas é preciso estarmos conscientes de que mesmo essa atividade, não se repete de um dia para o outro, o trabalho, a atividade está em constante transformação, assim como o homem que a desenvolve (Durrive, 2011). O trabalho no trânsito é uma atividade dinâmica, ela convoca o corpo-si, que é a vida daquele que trabalha, a mobilização de sua inteligência, de seu corpo, de suas crenças e valores e, mesmo estes predicados, podem mudar ao longo da experiência da pessoa com a atividade de trabalho.

## Referências Bibliográficas

- Duraffourg, J. (2007). O trabalho e o ponto de vista da atividade. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Eds.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (pp. 47-82). Niterói: Editora da UFF.
- Durrive, L. (2011). A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9, 47-67. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400003>
- Guimarães, G. S. (2012). *Comentários à Lei de mobilidade urbana, Lei no. 12.587/12: essencialidade, sustentabilidade, princípios e condicionantes do direito à mobilidade*. Editora Fórum.
- Mello, C. (2013). *Curso de direito administrativo*. Malheiros.
- Schwartz, Y. (1987). Travail et usage de soi. In *Je sur l'Individualité* (pp. 181-207). Paris: Messidor-Editions Sociales.
- Schwartz, Y. (2000). Trabalho e uso de si. *Pro-positões*, II(2), 34-50.
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 19-45. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>
- Schwartz, Y., Durrive, L., & Duc, M. (2010). Trabalho e Ergologia. In Y. Schwartz, & L. Durrive (Eds.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (pp. 165-186). Niterói: Editora da UFF.

# **Uma análise ergológica da atividade dos agentes de trânsito no Município de Vitória, ES-Brasil.**

# **Un análisis ergológico de la actividad de los agentes de tránsito en la ciudad de Vitória, ES-Brasil.**

# **Une analyse ergologique de l'activité des agents de la circulation dans la ville de Vitória, ES-Brésil.**

**U.PORTO**

FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



**U.PORTO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### **Luana Sodré da Silva Santos**

Doutoranda em Administração na Universidade Federal do Espírito Santo  
Av. Marechal Henrique Lott, 70/405,  
Rio de Janeiro/Brasil  
luana.sodre4223@gmail.com

### **Mônica de Fatima Bianco**

Professora do Departamento de Administração e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo  
Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES, Brasil  
mofbianco@gmail.com

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é compreender como os agentes de trânsito do município de Vitória-ES fazem usos de si, criam e mobilizam saberes, valores e experiências para realizar suas atividades de trabalho. Para isso, buscou-se conhecer as situações de trabalho vivenciadas por estes profissionais, por meio do método de observação participante. Foram criadas 6 categorias de análise, são elas: 1 - O melhor lugar para se trabalhar; 2 - Vitrine da sociedade; 3 - O ser guarda; 4 - O trabalho cansativo e tedioso; 5 - A importância do coletivo; 6 - A influência do macro na atividade. Foi possível perceber que os agentes de trânsito fazem usos de si da forma mais pertinente que eles encontram para realizar sua atividade e atender aos cidadãos, e que se envolvem integralmente para tomar decisões por vezes não prescritas ou obrigatórias, que são fundamentais para manter a segurança da sociedade.

### **Palavras-chave**

agentes de trânsito, observação participante, ergologia

### **Resumen**

El propósito de este artículo es comprender cómo los agentes de tránsito de la ciudad de Vitória-ES se aprovechan, crean y movilizan conocimientos, valores y experiencias para desarrollar su actividad laboral. Para ello, se buscó conocer las situaciones laborales vividas por estos profesionales, a través del método de observación participante. Se crearon seis categorías de análisis, que son: 1 - El mejor lugar para trabajar; 2 - Escaparate de la empresa; 3 - Ser guardia; 4 - El trabajo fatigoso y tedioso; 5 - La importancia del colectivo; 6 - La influencia de la macro en la actividad. Se pudo percibir que los agentes de tránsito se utilizan de la manera más pertinente que encuentran para realizar su actividad y servir a la ciudadanía, y que se involucran plenamente en la toma de decisiones que en ocasiones no son prescritas u obligatorias, que son imprescindibles para mantener la seguridad de la sociedad.

### **Palabras clave**

agentes de tráfico, observación participante, ergología

### **Résumé**

Le but de cet article est de comprendre comment les agents de la circulation de la ville de Vitória-ES font les usages de soi, créent et mobilisent des connaissances, des valeurs et des expériences pour mener à bien leurs activités professionnelles. Pour cela, nous avons cherché à connaître les situations de travail vécues par ces

professionnels, à travers la méthode de l'observation participante. Six catégories d'analyses ont été créées, elles sont: 1 - Le meilleur lieu de travail; 2 - Vitrine de l'entreprise; 3 - Être un gardien; 4 - Le travail fatigant et fastidieux; 5 - L'importance du collectif; 6 - L'influence de la macro sur l'activité. Il a été possible de percevoir que les agents de la circulation s'utilisent de la manière la plus pertinente qu'ils trouvent pour exercer leur activité et servir les citoyens, et qu'ils sont pleinement impliqués dans la prise de décisions parfois non prescrites ou obligatoires, essentielles à maintenir la sécurité de la société.

### Mots clés

agents de la circulation, observation des participants, ergologie

### 1. Introdução

Estudos recentes reforçam a importância do desenvolvimento de pesquisas sobre sujeitos nas situações de trabalho e, indo além, é necessário perceber que o trabalhador desempenha um papel preponderante nas organizações e é um elemento determinante para a compreensão dessas situações, na medida em que ele as singulariza e renova (Holz & Bianco, 2014). Com base nesses princípios, surgem estudos que diferenciam o trabalho prescrito e o trabalho real, pois a racionalidade não dá conta de todas as incertezas e dos eventos que envolvem as situações de trabalho. Na execução da tarefa, a realização do trabalho real sempre difere da prescrição, pois a atividade de trabalho é complexa e singular. Os trabalhadores elaboram maneiras de realizar suas atividades e as redefinem, de forma a amenizar as dificuldades existentes (Trinquet, 2010).

Os estudos destes temas, conforme proposto pela ergonomia, nos atentam para estas dimensões, às vezes pouco visíveis, do trabalho humano, que implica o entre-cruzamento das formas de interação dos trabalhadores com o trabalho que executam e resulta em oportunidade de colaborar com a construção do conhecimento na referida área. Na busca pela compreensão desses valores, saberes, normas, dimensões menos aparentes na atividade e, muitas vezes, inconscientes para os trabalhadores, analisa-se a atividade de agentes de trânsito do município de Vitória, ES-Brasil.

A profissão de agentes de trânsito surgiu em 1997, a partir do Código de Trânsito Brasileiro (Lei n. 9503, 1997), que determinou a municipalização da fiscalização, engenharia e educação para o trânsito por meio da descentralização administrativa na prestação desses serviços. Desde então, o trabalho desses agentes tem

sido normalizado em diferentes documentos, como as resoluções do Conselho Nacional de Trânsito e as legislações municipais. Entretanto, tais normas não são capazes de antecipar o que é feito do trabalho no espaço da vida real, o que é preciso mobilizar de si para realizar a atividade. Existe uma distância entre o que as normas de diferentes ordens prescrevem como tarefa e aquilo que os agentes realmente fazem, a partir da mobilização de seus saberes, valores, experiências e com os meios que possuem, para realizar o trabalho (Holz & Bianco, 2014). Este é o espaço onde reside a atividade e que interessa para a abordagem ergológica.

Nesse sentido, considerando as situações reais, as mobilizações, usos de si e renormalizações convocadas pela atividade, o objetivo deste artigo é compreender como os agentes de trânsito do município de Vitória, Espírito Santo, fazem usos de si, criam e mobilizam saberes, valores e experiências para realizar suas atividades de trabalho. O trabalho do agente de trânsito, apesar de ser prescrito por normas rígidas, apresenta um caráter imprevisível, uma vez que eles têm que se reinventar e utilizar de sua inteligência em diversas situações que emergem do cotidiano urbano para cuidar da segurança pública.

### 2. Método

Esta pesquisa se caracteriza pela sua natureza qualitativa. A fim de aproximar-se o máximo possível daquele que executa o trabalho, foi escolhida como técnica de produção de dados a observação participante (Angrosino, 2009). A inserção no campo aconteceu na primeira semana do mês de setembro de 2019. Foram realizadas visitas à sede da Guarda Municipal de Vitória (GMV), com o objetivo de reunir informações sobre o processo de trabalho e a estrutura da organização. Também como parte da pré-pesquisa foi realizada uma breve investigação documental, com dados obtidos na internet, a respeito da história da GMV, Lei n. 6.033 (2003) e Lei n. 7363 (2008).

A pesquisa propriamente dita começou com a observação participante de uma série de encontros nos locais de trabalho (PBs) dos GMS, no mês de outubro de 2019. Além de observar de perto suas atividades, foram realizadas conversas com os trabalhadores acerca de seu trabalho. A pesquisa ocorreu durante 4 semanas, totalizando 15 horas. Foram realizados 8 encontros, com participação de 14 guardas de trânsito, sendo 13 homens e 1 mulher. Ao final da observação, obteve-se 19 páginas de diários de campo.

Para a análise de dados, adotou-se como parâmetro metodológico a abordagem da *Grounded theory*, espe-

cificamente no que tange a sua técnica de codificação (Corbin & Strauss, 1990). Após a leitura e releitura detalhada do diário de campo, foram produzidos 20 rótulos conceituais que representavam a realidade concreta do fenômeno estudado. Sequencialmente, a etapa da codificação aberta foi completada com o alcance 6 categorias de análise, são elas: 1 - O melhor lugar para se trabalhar; 2 - Vitrine da sociedade; 3 - O ser guarda; 4 - O trabalho cansativo e tedioso; 5 - A importância do coletivo; 6 - A influência do macro na atividade.

Neste ponto, importante relatar que a partir dos memorandos e das categorias de análise formadas observou-se a interface direta dos dados com a abordagem teórica proposta pela Ergologia (Schwartz, 2000).

### **3. Análise dos dados**

#### **3.1. A dimensão do corpo-si**

Incialmente, o que chamou a atenção no início da pesquisa foram os pontos escolhidos para trabalhar. Isso porque influenciava diretamente o modo como os agentes iam se mobilizar e fazer escolhas nas situações de trabalho às quais eram expostos. Foi possível observar que os guardas municipais (GM) comentavam sobre os locais que seriam mais interessantes para a realização da pesquisa, porque, para eles, há pontos da cidade que são mais movimentados, o que requer maior atuação do agente. A preferência pelo local para se trabalhar diz respeito ao que os próprios agentes acham do trabalho deles: há momentos em que este se torna mais ou menos interessante. A todo o momento, era falado para a pesquisadora ir observar o trabalho deles nas posições mais movimentadas, por ser um ponto de trabalho mais atraente. Isso porque em certos momentos, o trabalho do agente de trânsito fica "maçante", como explicam alguns agentes.

Cabe enfatizar aqui a ideia do trabalho "maçante". A pesquisadora percebeu que, já no primeiro dia de observação, que o trabalho deles era cansativo e tedioso. Fiscalizar o trânsito significa ficar em pé, na rua, sem acesso a banheiro ou a água, com um uniforme "pesado" para lhes dar segurança. Em muitas situações os agentes falaram para a pesquisadora se sentar, ficar à vontade, para não se cansar. Logo, nem as necessidades fisiológicas lhes são garantidas. Enquanto a pesquisadora comenta sobre dores nas costas, um deles relatou que precisavam ficar com "postura" para impor "respeito" à população. As condições de trabalho (ou a falta de) que lhes são expostas são precárias e incertas. É importante destacar tais percepções, pois influenciam os sentidos que os GM atribuem ao trabalho, os modos como afetam suas micro escolhas na atividade, e como

fazem usos de si, o que será explicado mais adiante. A ideia que eles têm de sua própria atividade vai influenciar o modo como realizam um trabalho. Nas situações mais interessantes, o uso dos seus corpos, os movimentos que realizam, os gestos, os olhares e como participam na atividade é de uma forma. E em momentos tidos como mais tranquilos e menos excitantes os agentes fazem usos de si de maneira diferente. Um exemplo é a travessia de pedestres numa via movimentada em horário de pico. Enquanto realizava a observação participante, a pesquisadora notou que os agentes fazem escolhas, mesmo sem saber, em determinados contextos da atividade, como no caso em que o agente se colocou na faixa de pedestre para os condutores pararem e os pedestres conseguirem atravessar. Outra vez, observando outro GM também numa travessia de pedestres, mas num ponto de base de apoio frequente, sem grandes circulações, a pesquisadora observou que ele ficava parado, ereto, olhando o trânsito, sem se movimentar para interferir e ajudar os pedestres. Este agente explicava que, por ser uma operação de rotina, apenas agiria se fosse necessário, se algo saísse do comum. Aqui é possível constatar que havia uma diferença no modo de ser/estar/movimentar-se na cidade que demanda uma inteligência, uma criatividade, a adoção de uma certa postura na busca pela manutenção da própria segurança e da de terceiros.

Os dois casos apresentam um momento mais e menos interessante de trabalho, em que ambos os GM, ao se depararem com o trabalho prescrito, agiram de maneiras distintas. Embora seja uma atividade constrangida por normas legais bastante rígidas e que poderiam limitar a atuação do agente de trânsito - o planejamento e a operação do trânsito de pedestres estão descritos no artigo 24 do CTB - a forma de executar foi operada pelas escolhas do agente no momento concreto ainda que restritas ao princípio da legalidade estrita, pelo qual o agente público no exercício de suas funções só pode agir nos limites em que a lei autoriza.

Isso quer dizer que, ao se deparar com o real da atividade - o momento exato em que está na rua atuando na travessia com os pedestres-, ele precisa agir para lidar com o inesperado, o desconhecido. E, para isso, faz usos de si, se mobiliza por inteiro, utiliza de sua experiência, sua inteligência, seus valores e seus saberes para fazer uma determinada escolha, e realizar a atividade de um jeito ou de outro (Schwartz, 2000). Ele efetua essa escolha porque há sempre algum aspecto que a norma não alcançará no momento imprevisto. Nesse momento, era preciso que o agente decidisse o que fazer. Esse momento de decisão é chamado de debate de normas

pela Ergologia, em que o sujeito faz micro escolhas entre o que está prescrito e o que é necessário fazer para cumprir a demanda (Schwartz, 2014). O resultado dessa escolha é a atividade humana.

Assim, a escolha por ficar na faixa aguardando o pedestre passar demonstra que ele optou por fiscalizar a travessia desse jeito. O agente de trânsito participante sabia que sua atuação ali era necessária. Disse que, devido ao horário, o trânsito ali era "uma bagunça", e que estava ali "para fazer com que o trânsito fluísse". Além disso, o GM ao escolher se posicionar assim, antecipou um problema que estava lá para resolver. Ele sabia que no período de alto movimento os condutores dos veículos poderiam não parar. Comentou, durante a pesquisa, que o seu trabalho ali era "muito objetivo. Não tinha nada de subjetivo no seu trabalho." Era só o motorista obedecer ao CTB (Código de Trânsito Brasileiro). Só se acontecesse algo diferente que ele deveria agir, e por isso tinha que ficar atento a todo instante. Esse momento mostra que ele, a partir de sua experiência com a situação, teve condições de prever o imprevisível, ao fazer uso do corpo si - o qual tem saberes, modos de fazer e conhecimentos particulares incorporados -. Tal antecipação se dá nas micro escolhas por uma ou outra ação na execução da atividade. A forma que o agente vai lidar com essa antecipação depende de si, do corpo si, de sua subjetividade. E esta "forma" é da ordem dos saberes investidos na experiência, na convivência com o trânsito no município, e se produzem no curso da atividade.

Constata-se, portanto, que os agentes de trânsito evocam a atuação de seu corpo si. Quando se diz o corpo, na perspectiva ergológica, comprehende a inteligência, a história, a força física, a experiência de vida e o olhar para o mundo (Schwartz, 2000). Em outra situação também é possível observar o uso do corpo si. É o que um dos pesquisados chamou de "balcão de informações". A fala desse agente se refere aos momentos em que GM dão informações aos passageiros, sejam eles pedestres ou motoristas dos veículos. E, em todos os pontos em que foi realizada a observação participante, um cidadão parava um agente para pedir uma informação, seja um local desconhecido ou sobre um ônibus. Mas essa atividade não é prescrita por nenhuma lei que rege seus trabalhos. Entretanto, foi normatizada pelos agentes. Uma GM, uma vez, disse que era até irônico ela ter ficado perdida um dia que decidiu andar de ônibus por Vila Velha (ES): "imagina só, eu, guarda, perdida, você acredita?". Outro GM explica que, por trabalhar muito numa determinada região, acaba conhecendo tudo por ali. Aqui, é possível observar que eles fazem uso de toda a sua história para

lidar com aquele trabalho inesperado, não planejado, mas que já se tornou comum para a figura do guarda. São os saberes investidos, que foram incorporados a eles devido ao tempo que exercem a profissão.

Não existe nenhuma prescrição que defina a tarefa de ajudar o cidadão, indicar caminhos ou locais, sugerir números de ônibus, mas os agentes, no momento do trabalho, fizeram a escolha por esse uso de si, a fim de fazer um bom trabalho e demonstrar cordialidade com a população. O agente que é um "balcão de informações" também nos mostra que sua escolha por um uso de si não é apenas para si, mas pelos outros, uma vez que se preocupa em não deixar o cidadão desorientado. Um dos GM disse inclusive que, quando não sabia a informação, indicava um local onde a pessoa poderia obtê-la.

A situação citada é importante, pois também mostra que a origem dessa preocupação, a escolha por esse uso de si nessa atividade de trabalho vai além do prescrito, e não tem explicação. A opção por atuar dessa maneira é do indivíduo, que carrega consigo valores, o que explica porque uma pessoa faz as coisas de certa forma e não de outra, porque ela tem tal tipo de relação com as pessoas e não outro (Schwartz, 2014). A ergologia chama esses valores de "valores sem dimensão", pois nem o próprio sujeito sabe explicar como fez aquela escolha - seja consciente ou inconscientemente (Holz & Bianco, 2014). Esses valores definem se o agente vai dar prioridade a uma atividade ou negligenciar outra. Eles também demonstram que a atividade de trabalho (no trabalho real) é atravessada por diversos fatores para além do trabalhador que está ali fisicamente. Os valores atravessam o micro da atividade, e vão influenciar as micro escolhas dos agentes.

Outros fatores surgem do macro da atividade, do meio social, eles influenciam o micro e têm a ver com como os cidadãos enxergam os agentes de trânsito na sociedade. Por ser um trabalho realizado na rua, do lado de fora, eles estão sob os olhares da população. E essa constante interação com a sociedade afeta as suas micro escolhas, as formas como vão gerir seus trabalhos no dia a dia e fazer renormalizações. Em outro momento da pesquisa, um agente de trânsito comentou que um dia teve que entrar num ônibus, a pedido dos pedestres, e tirar um homem que estava sendo acusado de molestar uma jovem. Diante do inesperado, o GM disse que, "mesmo sem saber o que fazer, sem ter recebido ao menos um treinamento para isso, precisava agir naquela situação, uma vez que as pessoas estavam olhando". O trabalho real desse guarda foi atravessado por questões inesperadas que vieram do contexto em que estava inserido. Ele, que ali era "apenas" um agente de trânsito (e só recebera

treinamento para atuar no trânsito), teve que entrar no ônibus e conduzir o homem até a delegacia de polícia. Observa-se que esse agente fez escolhas e renormalização da sua atividade fazendo uso de si (baseando-se na sua experiência, no debate de valores), optando por conciliar o conflito e levar o rapaz até a delegacia, onde profissionais saberiam como proceder. Foi a renormalização (Schwartz, 2000), o uso de si mais pertinente que ele encontrou para realizar sua atividade.

#### **4. Conclusão**

O presente estudo teve por finalidade compreender como os agentes de trânsito do município de Vitória, Espírito Santo, fazem usos de si, criam e mobilizam saberes, valores e experiências para realizar suas atividades de trabalho. A análise dos dados da pesquisa permitiu constatar que o trabalhador é um só - corpo si - e, ao ir trabalhar, leva consigo suas experiências, vivências tanto laborais quanto sociais, inquietações e aptidões, assim como interage, cria e se constrói no percurso de seu trabalho e de sua vida cotidiana. O ser humano não deixa em casa parte de si quando vai trabalhar. Se evoca por inteiro, interagindo com todos os aspectos do trabalho, desde as gestões das nuances, dos detalhes, até as gestões das atividades, sempre existentes em qualquer processo de trabalho. Compreendeu-se assim, que o trabalhador está sempre presente e atento em todos os atos do seu trabalho - realizando anticipações. Ele não é uma máquina sem sentimentos ou emoções, pelo contrário, ele age e reage de forma motivada em diferentes situações de trabalho. Ele sempre está ali integralmente, realizando gestões, ações, interações e articulações, pois o trabalhador, para exercer seu ato de trabalho, tem que tomar decisões, às vezes micro decisões, assumir responsabilidades que às vezes não são prescritas ou obrigatórias, mas que são fundamentadas em valores e visam manter a segurança da sociedade.

#### **Referências Bibliográficas**

- Angrosino, M. (2007). *Doing ethnographic and observational research*. London: SAGE Publications.
- Corbin, J., & Strauss, A. (1990). Grounded theory research: procedures, canons, and evaluative criteria. *Qualitative Sociology*, 13(1), 3-21. <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00988593>
- Holz, E. B., & Bianco, M. F. (2014). Ergologia: uma abordagem possível para os estudos organizacionais sobre trabalho. *Cadernos EBAPE.BR*, 12, 494-494. <https://www.scielo.br/pdf/cebapec/v12nspe/07.pdf>

→ Lei no. 6.033, de 19 de dezembro de 2003. (2003, 19 dezembro). Altera a Estrutura Organizacional do Gabinete do Prefeito, da Secretaria Municipal de Transportes e Infraestrutura Urbana e da Secretaria Municipal de Cidadania e Segurança Pública, cria a Guarda Civil Municipal de Vitória e dispõe sobre a sua organização, direitos, deveres e atribuições e dá outras providências. Vitória, Câmara municipal.

→ Lei no. 7363, de 04 de abril de 2008. (2008, 04 abril). Institui o plano de cargos, carreira e vencimento da guarda civil municipal de Vitória. Vitória, Câmara municipal.

→ Lei no. 9503, de 23 de setembro de 1997. (1997, 23 setembro). Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Congresso nacional.

→ Schwartz, Y. (2000). Trabalho e uso de si. *Pro-Posições*, 1(5), 34-50.

→ Schwartz, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, 49(3), 259-274. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.3.19102>

→ Trinquet, P. (2010). Trabalho e educação: o método ergológico. Revista *HISTEDBR On-line*, 10(38), 93-113. <https://doi.org/10.20396/rho.v10i38e.8639753>

# **Saberes da experiência como patrimônio da atividade de trabalho policial militar no Brasil.**

# **Saberes de la experiencia como patrimonio de la actividad laboral policial militar en Brasil.**

# **Connaissance de l'expérience en tant que patrimoine de l'activité de travail de la police militaire au Brésil.**

**U.PORTO**

FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



**U.PORTO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### **Ueberson Ribeiro Almeida**

Prof. Dr. no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
Av. Fernando Ferrari, 845, Campus Universitário Goiabeiras, Caixa Postal 9918 - Vitória - CEP: 29075-010  
uebersonribeiro@hotmail.com

### **Ednéia Vieira Serrano**

Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional – UFES  
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFES  
Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Goiabeiras,  
Vitória/ES - CEP: 29.075-910  
edneiaserrano@gmail.com

### **Resumo**

Este estudo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada "O trabalho dos policiais militares do Espírito Santo sob o ponto de vista da atividade: análises ergológicas". O percurso metodológico, pautado na Ergologia, configurou-se a partir de cinco encontros, de três horas cada, com a participação voluntária de 19 policiais militares de um batalhão do Espírito Santo. O objetivo geral foi compreender como os saberes produzidos na atividade policial balizam a gestão da vida desses trabalhadores. Para tanto, dois conceitos fundamentaram a reflexão: saberes da experiência e renormalização. A análise coletiva da atividade de trabalho dos policiais demonstrou a importância desses trabalhadores lançarem mão de saberes da experiência de sua atividade para gerirem seus modos de fazer policial. Diante das imprevisibilidades desse trabalho, conclui-se que os saberes da experiência configuram-se como parte fundamental do trabalho vivo, necessário para se engendar e reformular variados modos de agir.

### **Palavras-chave**

atividade de trabalho, ergologia, renormalização, saberes da experiência

### **Resumen**

Este estudio es un recorte de la disertación de maestría titulada "El trabajo de los policías militares en Espírito Santo desde el punto de vista de la actividad: análisis ergológicas". El camino metodológico, basado en la Ergología, se configuró a partir de cinco encuentros, de tres horas cada uno, con la participación voluntaria de 19 policías militares de un batallón de Espírito Santo. El objetivo general fue comprender cómo los saberes producidos en la actividad policial orientan la gestión de la vida de estos trabajadores. Por lo tanto, dos conceptos fundamentaron la reflexión: conocimientos de la experiencia y la renormalización. El análisis colectivo de la actividad policial demostró la importancia de que estos trabajadores utilicen el conocimiento de la experiencia de su actividad para gestionar sus modos de hacer policial. Delante de las imprevisibilidades de este trabajo, se concluye que el saber de la experiencia se configura como parte fundamental del trabajo vivo, necesario para engendrarse y reformular variadas formas de actuar.

### **Palabras clave**

actividad laboral, ergología, renormalización, conocimiento de la experiencia

## Résumé

Cette étude est un extrait du mémoire de maîtrise intitulé «Le travail de la police militaire à Espírito Santo du point de vue de l'activité: analyse ergologique». Le parcours méthodologique, basé sur l'ergologie, a pris forme à partir de cinq réunions de trois heures chacune, avec la participation volontaire de 19 policiers militaires d'un bataillon d'Espírito Santo. L'objectif général était de comprendre comment les connaissances produites dans l'activité policière orientent la gestion de la vie de ces travailleurs. Par conséquent, deux concepts ont servi de base à la réflexion: la connaissance acquises due l'expérience et la renormalisation. L'analyse collective de l'activité de travail des policiers a démontré l'importance pour ces travailleurs d'utiliser les connaissances acquises à partir des expériences de leurs interventions pour avoir une meilleure performance dans son activité de travail. Au vu de l'imprévisibilité de ce travail, il est conclu que la connaissance acquise due l'expérience de leurs activité est configurée comme une partie fondamentale du travail vivant, nécessaire pour engendrer et reformuler diverses manières d'agir.

## Mots clés

activité de travail, ergologie, renormalisation, connaissance de l'expérience

## 1. Introdução

Esse estudo é parte da dissertação de mestrado intitulada “O trabalho dos policiais militares do Espírito Santo sob o ponto de vista da atividade: análises ergológicas”. Na ocasião, escolheu-se um campo de pesquisa regido por relações hierárquicas e disciplinares de poder e nos instigava compreender como os trabalhadores dessa organização geriam sua própria atividade a partir dos saberes da experiência. E por que esses saberes são importantes?

Conforme citam os ergologistas, os saberes da experiência constituídos por aqueles sujeitos frente às situações concretas de trabalho e de vida, isto é, os “saberes investidos” (Schwartz & Durrive, 2016, p. 52), são parte da atividade de trabalho. Dessa forma, há uma dimensão do trabalho vivo sendo realizado, capaz de produzir saúde. É importante considerar que a atividade dos sujeitos também se constitui de outros conhecimentos que são codificados para o ensinar/aprender a tarefa, assim, citam Schwartz e Durrive (2016, p. 52) sobre os saberes “desinvestidos”. Ora, na produção da atividade de trabalho os saberes da experiência e os desinvestidos se intercambiam e, à medida que o indivíduo é atravessado por diversas situações do imprevisto este,

geralmente, é mobilização no seu próprio fazer, implicando o renormalizar.

Renormalizar, do ponto de vista ergológico, requer um processo de engajar-se na atividade, fazendo “escolhas” (Schwart & Durrive, 2007) que possibilitem a produção de novas normas. Quando compartilhadas, os sujeitos podem dispor dessas normas de forma coletiva em seu dia a dia de trabalho para enfrentar as imprevisibilidades. Portanto, “a partir do momento que várias normas coletivas de vida são possíveis em determinado meio” (Canguilhem, 2015, p. 121), maiores são as possibilidades de se ter uma vida vivível no trabalho.

Ao colocar em análise coletiva a atividade de trabalho desses sujeitos, assim, pautando-se na Ergologia princípio metodológico, viu-se como uma oportunidade para que os sujeitos desse estudo, ou seja, os policiais militares (pms) capixabas, de uma Unidade organizacional situada na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) do Estado do Espírito Santo, fossem atravessados/impregnados/instrumentalizados por experiências ditas e não ditas, ampliando suas possibilidades de escolhas e de produção de novos saberes.

É, pois, no visibilizar os saberes, ao analisar coletivamente os atos industriais/engenhosos dos pms, que se favorece a disponibilidade de um conjunto normativo para o enfrentamento das adversidades do dia a dia policial. Sobretudo, que esse compartilhamento dos saberes faz parte do trabalho vivo de uma organização que, ao entender a importância de se recorrer às formas de agir dos sujeitos policiais, ao mesmo tempo cria uma instância que permite potencializar as renormalizações no trabalho e, de modo consequente, é aí que se engendra o aspecto primordial para se produzir saúde.

## 2. Método

O percurso teórico-metodológico dessa pesquisa pautou-se na Ergologia, isto é, uma perspectiva das Clínicas do Trabalho (Bendassoli & Soboll, 2011) que se propõe realizar a análise coletiva sobre a atividade de trabalho. Nesse sentido, o método configurou-se a partir da construção do campo de pesquisa, por meio de estratégicas e técnicas utilizadas, a fim de acessar o saber da experiência dos policiais e valorizar a discussão desses trabalhadores em meio ao espaço de grupo selecionado. Com os 19 pms de uma Unidade da Polícia Militar (PM) da RMGV, voluntários participantes, foram anuídos a realização de encontros para efetivação dessas conversas sobre a atividade de trabalho policial. Dessa forma, 5 encontros foram concretizados, tendo cada encontro a duração de três horas cada. A escolha desse grupo de trabalhadores explica-se por essa Uni-

dade concentrar grande parte do efetivo dos trabalhadores policiais da RMGV.

O caráter dessa pesquisa qualitativa se deu como uma aposta para se aprofundar nos processos, relações e dinâmicas subjetivas estabelecidas entre os policiais, principalmente durante os encontros, isto é, momento de produção dos dados. Para tanto, com o intuito de alcançar um dos objetivos específicos, ou seja, analisar coletivamente a atividade de trabalho policial, considerando a produção de saber desses sujeitos, foi necessário contactar um grupo de pms e apresentar a eles, em um primeiro momento, os porquês daquela pesquisa. Ainda, esse primeiro encontro foi compartilhado com uma pesquisadora Psicóloga que já tinha realizado um trabalho de mestrado com a Polícia Militar do Espírito Santo (PMES). Vislumbrou-se a partir desse convite uma oportunidade para demonstrar aos policiais como é realizado pesquisa com os trabalhadores, bem como, aproveitou-se para apresentar as pesquisadoras que iniciariam um novo estudo naquele campo. Esse primeiro dia de encontro foi um momento “quebra-gelo” em que também foi possível aos policiais decidirem se iriam participar ou não.

No segundo encontro, já com os pms voluntários, as duas pesquisadoras apresentaram alguns caminhos planejados para a pesquisa e apontados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Também, foram realizados e pactuados alguns acordos com o grupo de pms para que a pesquisa continuasse. Afinal, a partir de nosso contato com o campo foi observado que existiam uma série de peculiaridades naquele espaço de trabalho policial que implicavam cuidados sobre o processo de pesquisar, principalmente, para garantir o sigilo e o anonimato dos participantes.

As conversas sobre a atividade de trabalho desses policiais foram realizadas no terceiro e no quarto encontros. De início, foi projetado realizar uma apresentação de uma “situação problema” para disparar a fala dos policiais diante de uma resolução de um caso proposto. Porém, a medida escolhida não deu certo e foi necessário reformular o ponto de discussão para permitir a troca de experiências entre os participantes. Nesse passo, no quarto encontro foi realizado uma conversa, a partir de uma situação real vivenciada por aquele grupo durante uma intervenção de trabalho na rua, um policial participante havia levado um tiro na cabeça. Foi imprescindível mediar aquele encontro para não parecer um momento de consternação.

O quinto encontro foi um momento de retorno aos participantes. Parte do que havia sido produzido e analisado de forma coletiva com os pms foi lido pela pes-

quisadora e posto ao debate de todos. Resultado, novos dados foram produzidos e analisados. Neste último encontro, também foi possível coletar junto com os policiais questões sobre como eles atribuíram a realização da pesquisa com eles naquele contexto e momento, fato que também trouxe novas produções de dados sobre as experiências vivenciadas pelo grupo.

Com os encontros sendo construídos no campo, no caminho, tal como propõe a Ergologia, foi possível realizar o que Schwartz e Durrive (2007, p. 26) chamam de “análise situada”, em tempo e espaço, do trabalho dos policiais militares capixabas e, com isso, compreender como se dá esse processo de produção de saberes da experiência desses trabalhadores.

### **3. Resultados**

Se se considerar a atividade policial em sua forma mais perceptível, isto é, a prestação do serviço de policiar, pode se afirmar que existe ali uma série de agir humano fruto de saberes da experiência. Por vezes, nem sempre os policiais notam essa produção em meio ao seu trabalhar. Parece que o fazer desses sujeitos se naturaliza em suas formas mais prescritivas possível, mas, é só notar um chamado para resolução de uma ocorrência que todas essas normativas deixam de ser vistas como suficientes para a realização de sua atividade. À propósito, como cita Schwartz e Durrive (2016), essas prescrições nunca darão conta da realização da atividade real.

Talvez, por também não perceberem, de forma evidente, que a atividade de trabalho policial mobiliza uma produção de saberes da experiência que os policiais, de alguma forma, acabam produzindo um discurso recheado da manifestação de que as prescrições ensinadas nos quartéis deveriam ser capazes de abranger tudo que envolve a lida policial. Como se pudessem ter um padrão antecipado de resolutividade diante dos imprevistos do cotidiano.

A execução dos protocolos entre policiais é tão impositiva que compreender a autonomia no serviço policial, às vezes, beira a indisciplina para os próprios agentes. Ora, já dizia Monjardet (2012, p. 44), tecendo críticas à acepção mal-entendida de autonomia vista pela própria corporação, que “de algum modo ela seria testemunho de um enquadramento enfraquecido”. A abordagem desse autor (Monjardet, 2012, p. 45) faz repensar sobre esse modo dominante das relações sociais de produção que também adentram o trabalho policial, principalmente, quando se atribui às tarefas prescritas policiais um modo taxativo de execução da atividade.

Dos encontros com os pms, percebe-se, em acor-

dância com Clot (2006), que o “real da atividade” de trabalho policial não é apenas o fazer, mas todas as outras facetas envolvidas nessa atividade humana inundadas por imprevisibilidades do cotidiano. Portanto, para além do trabalho prescrito, para além do trabalho real, as reflexões em torno dos processos de trabalho policial implicam entender que aquilo que é realizado trata-se de uma atividade, de uma atividade humana que se reconstrói, que se renormaliza, que é vida, que, assim, é sempre singular. Nesse processo, analisar esse trabalho policial realizado a partir das relações sociais que ora o envolvem, ora são solicitadas por ele, também amplia o olhar sobre o trabalho e auxilia a compreender que neste espaço de trabalho é imprescindível renormalizar para tornar a vida no trabalho mais vivível.

O movimento engendrado pela Ergologia para demonstrar que a atividade de trabalho é dinâmica passa pelo entendimento que existe nela um lugar de escolhas situado em um “mundo de valores”, conforme citam os ergólogos Schwartz e Durrive (2016); pensar nas relações de trabalho produzidas no ambiente como recheadas de variabilidades, considerar, de fato, uma vida que ali é produzida e, mais, presumir o trabalho como “um destino a viver (devir)” (Figueiredo et al., 2004, p. 104), tudo isso conflui em uma relação trabalhador/trabalho de modo dialógico, cujas normas, ao serem (re)criadas, permitem ampliar a própria vida. Nesse contexto, a vida é uma atividade também normativa (Schwartz & Durrive, 2016, p. 231). Aqui reforçamos a mediação que nos flexiona, ou seja, pensar a atividade de trabalho em estreita relação como uma norma de vida, sob a perspectiva de Canguilhem (2015).

Em vista disso, parece sempre conveniente e producente identificar aspectos que contribuíram na ampliação das possibilidades de os sujeitos ali envolvidos (re)criarem suas normas de vida e novos modos de viver, mesmo que essa “gestão alternativa” (Schwartz & Durrive, 2016, p. 349), ou seja, essa possibilidade de potencializar aspectos de vida no trabalho esteja situada em uma organização hierarquizada como a PMES. Isto porque a PM também é um lugar de trabalho, de realização de atividade de trabalho. Portanto, se há atividade humana, há produção de saberes, há renormalizações.

Um dos trechos citado por um participante aponta esse processo de renormalizar, em meio a análise coletiva sobre a atividade de trabalho, quando discutidos alguns usos de técnicas policiais. Exemplo, o Policial “I”, ressaltando sobre o uso que fez da técnica do “fatiamento” em meio a um perigo de morte, enfatizou:

“Nem sempre eu uso a técnica correta na prática... quando eu ouvi o pedido de prioridade no rádio, falando que havia um policial baleado, eu, que era ponta dois da patrulha, corri com minha arma em punho, o mais rápido possível, junto com o policial que, até então, era o retaguarda da patrulha, em direção ao possível local que se encontrava o policial ferido. Nisso, o ponta um da patrulha ficou para trás, pois ele estava com um armamento longo que dificultava correr pelo terreno. Nos expusemos mais ao perigo diante da situação do amigo” (Serrano, 2019, p. 130).

Antes dessa fala, outro policial militar mencionava sobre o que ele entendia como correta técnica utilizada para a realização do fatiamento. Havia, então, naquele contexto, uma atividade de trabalho policial vista de modos aparentemente dessemelhantes entre eles, oras, havia ali um debate de normas pertinente para o compartilhamento dos saberes da atividade policial militar. A discussão promovida por eles assinalava que o trabalho policial, reconhecido por eles como uma atividade permeada de riscos constantes e imprevistos, gera outros modos de fazer cujos sujeitos renormalizam para que a própria tarefa possa ser realizada (Schwartz & Durrive, 2016, p. 31) e para se manterem vivos.

Impedir ou invisibilizar essas arbitragens, debates e escolhas diminui as possibilidades de renormalizar o trabalho e, portanto, pode tornar-se um entrave. E, como a atividade policial é estendida aos âmbitos mais pessoais da vida do trabalhador, ou seja, como uma condição que implica a constituição identitária desse sujeito de forma permanente, se não se renormaliza essa atividade de trabalho, a vida poderá ser reduzida a uma norma inferior, inclusive à doença, como cita Canguilhem (2015, p. 127). Entender que esse trabalho faz parte de uma dimensão da vida e que a vida é gestão constante de normas também é compreender que, no espaço da atividade laboral policial há outras formas de se renormalizar, pois, a todo momento se “inclui uma parte irredutível de atividades que implicam atenção, julgamento, iniciativa e decisão” (Monjardet, 2012, p. 82), ou seja, uma construção constante de outras normas de vida, saberes da experiência, assim, capazes de transformar o trabalho.

#### **4. Considerações finais**

Este artigo buscou apresentar, a partir da perspectiva ergológica, reflexões da atividade policial militar sob os aspectos da produção de saberes da experiência desses sujeitos. Reconhecer a produção de saberes da experiência a partir da realização da atividade de

trabalho policial militar capixaba é elemento potente para realizar análise coletiva dessa atividade, com vistas a ampliar os canais de renormalização desse trabalho cheio de imprevistos.

Por outro lado, se os policiais não puderem ou não conseguirem reorganizar/rearticular seus diversos saberes profissionais, aqueles os quais são sempre antecedentes, organizados, fechados em si, normalizados em meio a lógica disciplinar e hierárquica, invariavelmente, o seu fazer diário se tornará limitado, desconsiderando, por conseguinte, a ampliação das possibilidades de gerir sua própria atividade. Nesse passo, os entraves, ora impostos pela própria organização do trabalho, ora fomentados pelos policiais, dificultam e limitam a capacidade normativa desses sujeitos, o que poderá trazer, a reboque, a diminuição de suas possibilidades de vida e, até mesmo, quadros de adoecimento.

Por fim, provocar a retomada dessas experiências nessa conjuntura do debate foi imprescindível para, junto à perspectiva ergológica, se pensar em uma transformação a partir de uma produção do saber que possa ser coletivizado, atravessado de histórias dos sujeitos em meio ao contexto vivido. Assim, os saberes da experiência, decorrentes da atividade policial, configuram-se como parte do trabalho vivo. Conhecer as formas e os sentidos desse trabalho, bem como visibilizar essa produção normativa é medida *sine qua non* para se conceber esse trabalho como atividade. É, talvez aí, no compartilhamento desses saberes, que surjam os “debates de valores” capazes de produzir outros modos de fazer policial.

### **Referências Bibliográficas**

- Bendassoli, P. F., & Soboll, L. (2011). *Clínicas do Trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas.
- Canguilhem, G. (2015). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Clot, Y. (2006). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Figueiredo, M., et al. (2004). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Magalhães, J. (2015). *Entre amarras e possíveis: atividade de trabalho e modos de viver dos policiais militares capixabas em análise* (Dissertação de Mestrado). Programa de Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.
- Monjardet, D. (2012). *O que faz a Polícia: sociologia da força pública*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2007). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2016). *Trabalho e Ergologia II: diálogos sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Serrano, E. V. (2019). *Trabalho dos policiais militares do Espírito Santo sob o ponto de vista da atividade: análises ergológicas* (Dissertação de Mestrado). Programa de Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.

# Desafios para a análise coletiva da atividade de trabalho: intervenções com a Polícia Militar do Espírito Santo.

## Desafíos para el análisis colectivo de la actividad laboral: procesos con la Policía Militar de Espírito Santo.

### Défis pour l'analyse collective de l'activité de travail: processus avec la police militaire d'Espírito Santo.

U.PORTO

FCT

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### **Janice do Carmo Demuner Magalhães**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFES  
Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Goiabeiras,  
Vitória/ES - CEP: 29.075-910  
carmo.janice@gmail.com

### **Thiago Drumond Moraes**

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFES  
Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Goiabeiras,  
Vitória/ES - CEP: 29.075-910  
tdrumond@gmail.com

### **Rafael da Silveira Gomes**

Prof. Dr. no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional – UFES  
Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Goiabeiras,  
Vitória/ES - CEP: 29.075-910  
rafaelsgomes@gmail.com

### **Ednéia Vieira Serrano**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFES  
Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Goiabeiras,  
Vitória/ES - CEP: 29.075-910  
edneiaserrano@gmail.com

### **Resumo**

Este resumo sintetiza a interlocução de dois percursos científicos que confluem para o estudo da atividade de trabalho policial militar no Espírito Santo, a partir do aporte da Ergologia. Foram realizadas duas experiências em grupo, com policiais de graduação praça. Efetivaram-se variadas estratégias que pudessem auxiliar na quebra do receio – e até medo – que os policiais expressavam para com pesquisas. Os resultados indicaram que a pactuação em diferentes níveis da organização é fundamental para a compreensão dos objetivos de estudo por parte dos trabalhadores. Foi observado que a análise coletiva da atividade é um meio potente para se adentrar aos saberes da experiência dos policiais. Por outro lado, nem sempre a produção destes saberes é considerada, seja pelo próprio trabalhador, seja pela organização do trabalho. Ressalta-se que o saber partilhado entre o coletivo contribui para gerir dramáticas, reconstituir valores, criar novas formas de enfrentamento e de gestão da vida.

### **Palavras-chave**

atividade de trabalho, ergologia, policiais militares

### **Resumen**

Este resumen resume la interlocución de dos caminos científicos que convergen para estudiar la actividad del trabajo de la policía militar en Espírito Santo, a partir del aporte de la Ergología. Se llevaron a cabo dos experimentos grupales con policías de la plaza. Se pusieron en marcha varias estrategias que podrían ayudar a romper el miedo, e incluso el miedo, que la policía expresó hacia la investigación. Los resultados indicaron que el acuerdo en diferentes niveles de la organización es fundamental para la comprensión de los objetivos del estudio por parte de los trabajadores. Se observó que el análisis colectivo de la actividad es una vía poderosa para conocer el conocimiento de la experiencia de los policías. Por otro lado, la producción de este conocimiento no siempre es considerada, ni por el propio trabajador, ni por la organización del trabajo. Es de destacar que el conocimiento compartido entre el colectivo contribuye a gestionar dramáticamente, reconstituir valores, crear nuevas formas de afrontamiento y gestión de la vida.

### **Palabras clave**

actividad laboral, ergología, policía militar

## Résumé

Ce résumé résume l'interlocution de deux voies scientifiques qui convergent pour étudier l'activité du travail de la police militaire à Espírito Santo, sur la base de l'apport de l'ergologie. Deux expériences de groupe ont été menées, avec une police de graduation carrée. Plusieurs stratégies ont été mises en place qui pourraient aider à briser la appréhension - et même la peur - que la police exprimait à l'égard de la recherche. Les résultats indiquent que l'accord à différents niveaux de l'organisation est fondamental pour que les travailleurs comprennent les objectifs de l'étude. Il a été observé que l'analyse collective de l'activité est un moyen puissant de connaître la connaissance de l'expérience des policiers. D'autre part, la production de ce savoir n'est pas toujours envisagée, ni par l'ouvrier lui-même, ni par la pâle organisation du travail. Il est souligné que les connaissances partagées au sein du collectif contribuent à gérer des reconstructions dramatiques des valeurs, à créer de nouvelles manières de faire face et de gérer la vie.

## Mots clés

activité professionnelle, ergologie, police militaire

## 1. Introdução

Este estudo refere-se à síntese sobre os percursos de duas pesquisas de dissertação de mestrado com trabalhadores policiais militares, pautadas na perspectiva Ergológica: a primeira “*Entre amarras e possíveis: atividade de trabalho e modos de viver dos policiais militares capixabas em análise*” (Magalhães, 2015), e a segunda intitulada “*O trabalho dos policiais militares do Espírito Santo sob o ponto de vista da atividade: análises ergológicas*” (Serrano, 2019). O ponto de intercessão entre as duas experiências científicas foi a análise coletiva realizada por meio de “conversas sobre a atividade do trabalho” (Schwartz & Durrive, 2016) de policiais que compõem a organização “Polícia Militar no Espírito Santo”. Esta organização estrutura-se a partir de dois pilares, a hierarquia e a disciplina, que direcionam não somente as tarefas a serem cumpridas pelos policiais, como também seus modos de vida, incluindo as relações interpessoais e subjetivas dentro e fora dos quartéis (Magalhães, 2015).

Vale destacar, como indicam Silva e Vieira (2008), que o viver policial apresenta diversas dimensões contraditórias a fim de lidar tanto com as demandas institucionais quanto com fatores sociais. Logo, este trabalhador, enquanto prestador de serviços, se produz a partir de uma tríade nem sempre simples de ser administrada: a organi-

zação do trabalho que o pressiona, os fenômenos sociais que influem diretamente na atividade policial e a precarização do trabalho que pode limitar e fragilizar as ações. É por essa confluência de nuances que as pesquisas aqui referidas se debruçaram sobre as dramáticas dos usos de si e dos outros (Schwartz & Durrive, 2007) vivenciadas pelos policiais militares. Neste sentido, interessou conhecer os conflitos, os impasses e as construções que os trabalhadores empreendem para dar conta da atividade.

## 2. Método

Os campos foram diferenciados, ainda que dentro da instituição Polícia Militar do Espírito Santo. O estudo de Magalhães (2015) se deu na Academia de Polícia Militar, local em que são realizadas as formações policiais iniciais e continuadas. Já o segundo estudo, de Serrano (2019), ocorreu em uma Unidade de Área. As unidades de área representam, conforme o Art. 13, inciso II, § 2º do Decreto nº 4070-R, de 01 de março de 2017 (Espírito Santo, 2017), espaços de serviço policial cuja organização é responsável pela execução da atividade de policiamento em uma determinada área geográfica, locais, portanto, em que são efetivados os serviços de policiamento à sociedade.

Foram realizados, no total, 09 encontros de grupo, de 02 a 03 horas cada, totalizando 23 horas, e baseados no dispositivo dinâmico a três polos, ou seja, buscou-se debater a atividade humana dos policiais, a partir dos saberes constituídos pela ciência, numa dupla exigência de humildade intelectual e de rigor da aprendizagem mútua e dinâmica que se pode operar entre as duas perspectivas de saber (Schwartz & Durrive, 2016; Trinquet, 2010).

Os participantes, voluntários, foram 29 policiais do quadro hierárquico das praças. A saber, nas instituições militares do Brasil, existem dois quadros profissionais, um dos oficiais e o outro das praças. Em cada quadro, os policiais vão ascendendo em sua carreira conforme as leis de promoção. Dentro de cada quadro existem os círculos hierárquicos, redistribuídos de acordo com as funções e atribuições de cada graduação ou posto. Assim, as praças exercem as funções de soldado, de cabo, de sargento e de subtenente. Este grau hierárquico chama-se graduação, conforme o §2º do Art. 13 da Lei 3.196/78 (Espírito Santo, 1978).

Ao longo das intervenções, foram utilizadas diferentes técnicas para disparar as discussões, como “quebra-gelo” (Magalhães, 2015; Serrano, 2019), “mosaico de grupo” (Magalhães, 2015), “dados da possibilidade” (Magalhães, 2015) e “instrução ao sócio” (Clot, 2007). Os formatos de aplicação se deram seguindo a premissa da conversação guiada por uma preocupação meto-

dológica, com vistas a canalizar o fluxo das palavras e do discurso operado pelos trabalhadores. O intento, portanto, foi o de se ambientar ao cotidiano policial, no entremeio dos saberes científicos e do saber do trabalhador, atentando-se aos julgamentos, normas e valores que direcionam a atividade (Schwartz & Durrive, 2016).

### **3. Resultados**

Os resultados alcançados nestas experiências de pesquisa demonstraram, logo em primeira instância, a dificuldade institucional de compreender como análises coletivas com os trabalhadores podem ser empreendidas. Vale mencionar que as pesquisas em território capixaba, neste campo militar, ainda são incipientes e se fazem, em sua maioria, distanciadas do saber do trabalhador.

Os policiais demonstraram que, ao tentarem dar conta da tarefa, vários jogos subjetivos são mobilizados. Muitos destes geram, inclusive, sofrimento ao trabalhador (Dejours, 2004) pois, por vezes, os valores e as normas que direcionam o policial – fora do seu horário de trabalho – conflituam com as prescrições da própria instituição. Um exemplo considerado sutil pelos participantes, mas de grandes proporções na vida pessoal, é a formatação física que um policial militar deve cumprir. Ou seja, o policial deve estar sempre barbeado, com o cabelo cortado e garantindo uma aparência que seja “condizente” com a Corporação.

Não podemos perder de vista que o trabalho é tanto um protocolo a ser seguido quanto uma necessidade de gerir encontros (Schwartz & Durrive, 2007), e é por meio de intensos debates, muitas vezes realizados de modo privado pelo policial, que estes trabalhadores buscam dar conta de vazios de normas que são percebidos na atividade. Neste sentido, verificou-se que, apesar da ordenação coletiva que pretende ser efetivada no trabalho, muitos dos sofrimentos desta classe não podem ser expressados no ambiente laboral. Algumas das estratégias que os policiais utilizam, numa tentativa de recentrar o meio em favor de si e dos outros, se dão através das brincadeiras – citadas por estes como muito comuns no meio castrense – e do compartilhamento de um dialeto próprio da vivência policial.

Foi notório, também, que os saberes produzidos no dia-a-dia policial partem de um conhecimento prescrito (Schwartz & Durrive, 2007) que compõe a vida do trabalhador, e que estes tentam se ancorar preponderantemente neste conhecimento para tentar se proteger de futuras sanções advindas de desvios em sua atuação. Decerto que esse modo de viver, a partir de uma condição policial militar, produz percepções distintas, mas calcadas em um saber coletivo, que se operam diante

das circunstâncias que, supostamente, colocam a vida em perigo. Desta forma, o elemento “morte” também foi um conteúdo consideravelmente presente nas falas dos participantes. Lidar com a “garantia da vida” em um contexto eminentemente perigoso, hostil e de condições precárias de trabalho se torna um dos maiores paradoxos que os policiais precisam tentar gerir.

Outro dado diz sobre a condição de policial militar, que trata de uma condição compartilhadas através de valores, ideias, conhecimentos e posturas de vida que conformam condutas, estilos e procedimentos peculiares ao universo policial militar na cultura brasileira. O termo “condição” foi considerado a partir das contribuições do médico Le Guillant (2006), no estudo deste com as empregadas domésticas. Segundo este autor, a condição indica uma série de elementos indissociáveis que designam aqueles que pertencem à determinada condição. A história de vida, as condições concretas de trabalho, as relações de subordinação e até mesmo o caráter patogênico que pode advir das condições laborais fazem parte do todo de uma condição. No caso dos policiais, a “condição de policial militar” se pauta em um compartilhamento de virilidade, de cooperação coletiva para enfrentamento do que consideram ser violência, de uma negação dos aspectos de medo e fragilidade, além da tática de proteção do “falar pouco” frente à cadeia hierárquica que sistematiza a Polícia.

### **4. Considerações finais**

A realização destas pesquisas consolida a importância de produzir diálogo entre variadas instâncias organizacionais e do saber acadêmico. Foi observado, com os trabalhadores policiais, que a análise coletiva da atividade é um meio potente para se adentrar aos saberes da experiência. Observou-se, por outro lado, que nem sempre a produção destes saberes é considerada, tanto pelo próprio trabalhador quanto pela organização do trabalho.

O saber partilhado entre o coletivo contribui para gerir dramáticas, reconstituir valores, criar novas formas de enfrentamento e de gestão da vida. Por vezes, é preciso realizar arbitragens, em favor de si e dos colegas, para que seja mais viável a recomposição do meio de atuação policial. Tais recomposições vão levar em conta a história de vida pessoal, os conhecimentos compartilhados e as exigências institucionais.

Considera-se, portanto, que provocar a reflexão dessas experiências em diversas conjunturas segue como um passo imprescindível para, junto à perspectiva ergológica, se pensar em uma produção do saber que possa ser coletivizada a partir do envolvimento dos sujeitos em questão. Neste ínterim, é fundamental e desafiador

que mais pesquisas se debrucem nas peculiaridades do processo de trabalho dos profissionais de segurança pública. Há, aí, intensa atividade humana e desvelar as circunstâncias em que é promovida esta atividade pode significar importante meio de reconfiguração em favor da vida destes trabalhadores.

Por fim, conclui-se que a “humildade intelectual” deve considerar as minúcias do patrimônio partilhado coletivamente, observando os sentidos que são dados às micro expressões e/ou ações. É preciso analisar que quaisquer dispositivos de pesquisa que se propõem a elaborar conjuntamente aos trabalhadores devem se atentar ao próprio entendimento do que é o pesquisar para aquele coletivo. Nesse caso, a hierarquização produz uma segmentação nas relações que se estabelecem no e com o trabalho; o bloqueio à comunicação e à interação é um fator latente que pode ter nas pesquisas um dispositivo potente para a reflexão. Por isso, é necessária a perspicácia dos pesquisadores para analisar a condução da produção dos dados em consonância a uma ética vislumbrada pela abordagem ergológica.

### **Referências Bibliográficas**

- Clot, Y. (2007). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Dejours, C. (2004). *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Espírito Santo (1978). Lei nº 3.196, de 09 de janeiro de 1978. Dispõe sobre o Estatuto da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo. *Diário Oficial [do] Estado do Espírito Santo, Vitória, ES*, 24 fev. 1978.
- Espírito Santo (2017). Decreto nº 4070-R, de 01 de março de 2017. Dispõe sobre a organização básica da Polícia Militar do Espírito Santo (PMES) e dá outras providências. *Diário Oficial [do] Estado do Espírito Santo, Vitória, ES*, 02 mar. 2017.
- Le Guillant, L. (2006). Incidências psicopatológicas da condição de “empregada doméstica”. In M. E. Lima (Org.), *Escritos de Louis Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Magalhães, J. (2015). *Entre amarras e possíveis: atividade de trabalho e modos de viver dos policiais militares capixabas em análise* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2007). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2016). *Trabalho e Ergologia II: Diálogos sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Serrano, E. (2019). *Trabalho dos policiais militares do Espírito Santo sob o ponto de vista da atividade: análises ergológicas* (Dissertação de Mestrado). Programa Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.
- Silva, M., & Vieira, S. (2008). O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental. *Saúde e Sociedade*, 17(4), 161-170. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000400016>
- Trinquet, P. (2010). Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR Online*, 10(38), 93-113. <https://doi.org/10.20396/rho.v10i38e.8639753>

# Egogestão ou Ergogestão: Análise da gestão em um hospital psiquiátrico universitário na perspetiva ergológica.

## Egogénesis o ergogénesis: análisis de la gestión en un hospital psiquiátrico universitario por una perspectiva ergológica.

### Egogenèse ou ergogenèse: analyse de gestion dans un hôpital psychiatrique universitaire dans une perspective ergologique.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U.PORTO Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie



### **Leonardo Lessa Telles**

Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Av. Venceslau Brás, 71 – Fundos – Botafogo – Rio de Janeiro / RJ CEP 22290-140  
leonardolessat@gmail.com

### **Simone Santos Oliveira**

Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz  
Rua Leopoldo Bulhões, 1480, Manguinhos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP 21031-210  
simone@ensp.fiocruz.br

### **Lúcia Rotenberg**

Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz  
Av. Brasil 4365, Manguinhos, Rio de Janeiro, RJ CEP 21040900  
rotenber@ioc.fiocruz.br

### **Resumo**

Discutir o trabalho e produzir conhecimento sobre ele são prospetas da Ergologia, considerando o conhecimento e a experiência dos trabalhadores, o geral e o específico da atividade, suas normas e variabilidades e o necessário diálogo entre os saberes.

Esse exercício de olhar parece ainda mais complexo quando a estrutura de assistência em saúde mental tem o hospital como ambiente de trabalho. A aposta deste estudo é usar a perspectiva ergológica como ferramenta para discutir as questões concernentes à dimensão do trabalho, a partir de dispositivos que favoreçam o diálogo, considerando os saberes técnico-científicos e da experiência.

Abordamos neste texto a construção de espaços institucionais capazes de promover a circulação de saberes, assim como o papel da gestão na construção e mediação desses espaços. Os resultados apontam a contribuição da ergogestão para o desenvolvimento do trabalho em saúde mental e enfrentamento de graves e antigos problemas no hospital psiquiátrico.

### **Palavras-chave**

ergogestão, ergologia, saúde mental, hospital psiquiátrico, universidade

### **Resumen**

Discutir el trabajo y producir conocimiento sobre él son perspectivas para la Ergología, considerando el conocimiento y la experiencia de los trabajadores, los aspectos generales y específicos de la actividad, sus normas y variabilidad y el necesario diálogo entre saberes.

Este ejercicio de mirada parece aún más complejo cuando la estructura de la atención de la salud mental tiene al hospital como entorno de trabajo. El objetivo de este estudio es utilizar la perspectiva ergológica como herramienta para discutir cuestiones relativas a la dimensión del trabajo, utilizando dispositivos que favorezcan el diálogo, considerando el conocimiento y la experiencia técnica-científica.

En este texto abordamos la construcción de espacios institucionales capaces de promover la circulación del conocimiento, así como el papel de la gestión en la construcción y mediación de estos espacios. Los resultados apuntan a la contribución de la ergogestión al desarrollo del trabajo en salud mental y al afrontamiento de problemas graves y antiguos en el hospital psiquiátrico.

### **Palabras clave**

ergogestión, ergología, salud mental, hospital psiquiátrico, universidad

## Résumé

Discuter du travail et produire des connaissances à son sujet sont des perspectives pour l’ergologie, considérant les connaissances et l’expérience des travailleurs, les aspects généraux et spécifiques de l’activité, ses normes et sa variabilité et le dialogue nécessaire entre les connaissances.

Cet exercice de recherche semble encore plus complexe lorsque la structure de soins de santé mentale a l’hôpital comme environnement de travail. Le but de cette étude est d’utiliser la perspective ergologique comme un outil pour discuter des questions concernant la dimension du travail, en utilisant des dispositifs qui favorisent le dialogue, en tenant compte des connaissances technico-scientifiques et de l’expérience.

Dans ce texte, nous abordons la construction d’espaces institutionnels capables de favoriser la circulation des connaissances, ainsi que le rôle du management dans la construction et la médiation de ces espaces. Les résultats soulignent la contribution de l’ergogestion au développement du travail en santé mentale et à la gestion des problèmes graves et anciens de l’hôpital psychiatrique.

## Mots clés

ergogestion, ergologie, santé mentale, hôpital psychiatrique, université

## 1. Introdução

Discussir o trabalho e produzir conhecimento sobre ele são propostas da Ergologia, considerando o conhecimento e a experiência dos trabalhadores, o geral e o específico da atividade, suas normas e variabilidades e a exigência da conversa entre as várias disciplinas e o constante questionamento a respeito de seus saberes (Schwartz & Durrive, 2010).

Desvendar a dinâmica das situações entre trabalho e a sua saúde implica um empenho dedicado de aproximação e teorização, capaz de ampliar a interpretação de um quadro aparentemente dado e imutável, que condiciona a formulação de alternativas organizacionais, e cujas repercussões certamente não se restringem somente aos locais de trabalho.

Esse exercício de olhar parece ainda mais complexo quando se tem como ambiente de trabalho uma estrutura hospitalar de assistência em saúde mental. Historicamente, o caráter médico das práticas sociais referentes à loucura parece, no final do século XVIII, ao mesmo tempo, natural e paradoxal. A internação em um “estabelecimento especial” era o elemento determinante que condicionava esse status. Os hospitais eram vistos como locais produtores de miséria em vez de

verdadeiros benefícios, de tal maneira que o problema tornava-se apenas técnico, com implicações morais tão somente por sua má organização. Assim, o hospital era passível de reforma.

A percepção da ineficiência do modelo assistencial que privilegiava a internação em leitos psiquiátricos levou mais de um século para estabelecer a necessidade de se repensar a clínica em saúde mental. No Brasil, esse movimento ganhou força no fim dos anos 1970 e culminou com as propostas da chamada Reforma Psiquiátrica. No contexto da Reforma cabe perguntar: qual o papel a ser desempenhado pelo hospital psiquiátrico em meio a essa modificação no modo de pensar a abordagem da loucura? Segundo a legislação brasileira, a internação deve ser indicada quando os recursos extra-hospitalares se mostraram insuficientes, sendo estruturada de forma a oferecer assistência integral e multidisciplinar. Cabe nesse contexto outra pergunta: como operacionalizar essa assistência integral e fazer dialogar esses saberes dentro de um contexto francamente marcado pela hegemonia médica, dentro do hospital psiquiátrico? A aposta de que a perspectiva ergológica possa servir de método para a discussão das questões concernentes à dimensão do trabalho e ferramenta para produzir um diálogo interdisciplinar e, preferencialmente, transdisciplinar implica em outros questionamentos: quais seriam os espaços institucionais possivelmente potentes para criar esse diálogo, de modo fazer valer as atividades dos trabalhadores das mais diversas áreas, na perspectiva ergológica? Teriam esses dispositivos condições de fazer realmente a interlocução entre esses diferentes saberes, no exercício de suas atividades diárias? Qual seria o papel da gestão na construção, condução e mediação desses espaços institucionais, sem correr o risco de parecer excessivamente prescritivo quanto à necessidade desse diálogo?

Outro ponto a ser apresentado é que a complexidade do trabalho em saúde precisa ser considerada no processo de gestão de equipes e coletivos profissionais de modo a articular ações que possibilitem implementar um novo projeto de atenção à saúde na perspectiva da integralidade da Saúde Mental (Scherer et al., 2009) e da complexidade da Saúde Pública. O que se pretende discutir é o exercício gestionário que tem sido feito no hospital psiquiátrico universitário na cidade do Rio de Janeiro – Brasil. Um dos autores, psiquiatra e atualmente diretor clínico dessa unidade, tem tentado estabelecer um encontro entre as matrizes teóricas da ergologia e as dificuldades diárias que se apresentam na unidade hospitalar de saúde mental. Dificuldades no diálogo estão entre os desafios como ocorre, por exemplo, com tra-

lhadores de enfermagem, e também de outras especialidades não médicas, que não são ouvidos em situações de gravidade dos pacientes, embora sejam os que os acompanham mais continuamente.

Buscando enfrentar as dificuldades, temos promovido espaços institucionais que convocam profissionais das diversas áreas (medicina, enfermagem, psicologia, serviço social, terapia ocupacional, musicoterapia), em diferentes momentos de formação (graduação e pósgraduação) e diferentes vínculos de trabalho (temporários e permanentes).

A natureza multiprofissional do trabalho em saúde mental é algo que parece ser mais familiar aos seus trabalhadores, quando comparado com o trabalho em outras áreas da saúde. Mesmo os dispositivos de saúde cujas atividades sejam essencialmente definidas pelo trabalho médico, como por exemplo os hospitais, no campo da saúde mental estão mais familiarizados com a presença de profissionais de outras áreas da saúde. Entretanto, apesar de muito afeita a práticas multidisciplinares, o ambiente da saúde mental mantém historicamente um discurso polarizado, no cenário da Reforma Psiquiátrica, o que se traduziu em tensões e debates no último processo eleitoral realizado para a escolha da Direção Geral no hospital em questão.

Considerando a afirmação colocada pela perspectiva ergológica de que “trabalhar é gerir”, é possível dizer que o trabalhador é constantemente confrontado com variabilidades na realização de suas atividades, sendo necessária a realização constante de escolhas relacionadas à execução de suas atividades de trabalho. Em decorrência, a entidade que arbitra e decide não é inteiramente biológica, nem inteiramente consciente ou cultural, e é por isso que a ideia de "corpo-si" é posta pelos autores como preferível às noções de sujeito ou de subjetividade. Assim tem-se a vantagem de não veicular “(...) certo número de possíveis malentendidos ou de evidências que criam obstáculos”, uma vez que todo conceito carrega consigo uma história, apostas e valores” (Schwartz, 2010, p. 197).

É neste sentido que se pensa uma Ergogestão, ou seja, um esforço de reconhecer a gestão que cada trabalhador exerce na atividade e, como consequência, seus saberes, em oposição a uma Egogestão, que estaria voltada para aquele que exerce oficialmente a gestão.

Como tentativa de aprofundar essas perguntas que foram levantadas vamos estabelecer um eixo de discussão que aposta no Dispositivo de Três Polos enquanto um referencial teórico capaz de trazer mais elementos às discussões que já estão em curso na unidade de saúde e gostaríamos de apresentar os espaços institucio-

nais que foram criados pela chefia de clínica do hospital, sensibilizada pelo olhar da ergologia no contexto da atividade dos profissionais em saúde mental.

No próximo item, falaremos de modo mais pormenorizado desses espaços institucionais já estabelecidos e tentaremos apresentar já alguns desdobramentos, na medida em que eles apontam para a potência desse modelo de gestão no enfrentamento de graves problemas antigos.

## **2. A construção dos espaços institucionais**

A percepção da ergologia como um método de investigação pluridisciplinar, que coloca em dialética o conjunto de saberes elaborados pelas disciplinas, sem sobrepor-las (Trinquet, 2010, p. 94), coloca o desafio prático de como estabelecer dentro das instituições os cenários nos quais esses diálogos possam ser realizados e, na sequência, efetivamente traduzidos em ações na prática diária dos trabalhadores.

Nesse sentido, fizemos uma aposta de que a melhor maneira de fazer aparecer inicialmente os diferentes olhares e práticas, de modo a tentar ter mais acesso às atividades de trabalho era através da discussão dos casos clínicos dos pacientes internados nas enfermarias do hospital e que, invariavelmente, apresentassem aspectos polêmicos quanto à construção do projeto terapêutico dos pacientes. É importante dizer que essas estratégias foram sendo estabelecidas de modo sequencial e rítmico, estabelecendo um trabalho comparado com o de um tecelão que vai afrouxando ou tensionando os fios que saem da urdidura proporcionando assim a tensão necessária para a constituição do tecido. O pente nesse caso é a própria Ergologia.

### **2.1. O Colegiado Clínico**

A composição do Colegiado Clínico foi definida pela presença das chefias dos trabalhadores envolvidos na assistência aos pacientes internados (médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais) e as unidades de assistência do Instituto de Psiquiatria que dialogam com as enfermarias, que incluem as equipes do Hospital-Dia, do Projeto de Estudos e Assistência ao Uso Indevido de Drogas (PROJAD) e do Centro de Doenças de Alzheimer e outras Desordens Mentais na Velhice (CDA).

Essa abordagem baseada em questões clínicas poderia permitir um acesso às atividades de trabalho dos diversos profissionais envolvidos nos cuidados dos pacientes, entendendo a existência da dificuldade metodológica quando se tenta infiltrar a intimidade do trabalho. Essa dificuldade foi rapidamente percebida,

na medida em que após as primeiras reuniões do Colegiado houve um esvaziamento no *quórum* de trabalhadores, que sinalizavam para um certo mal-estar a partir da discussão dos casos e divergências quanto às condutas clínicas a serem tomadas.

Dentre as temáticas que mais estiveram presentes no contexto dessas reuniões e que foram registradas nas atas das reuniões, destacam-se: as divergências quanto às indicações de tratamento com eletroconvulsoterapia para determinados a pacientes, o manejo da questão da sexualidade para os pacientes que possuem acesso ao pátio mais ampliado do hospital, o potencial acesso a substâncias trazidas pelos visitantes e frequentadores do campus e as dificuldades de inserção dos pacientes em condições de alta nos territórios de domicílio, seja pela precariedade das condições sócio familiares ou pelas dificuldades dos serviços substitutivos de assistência em receber imediatamente essa clientela egressa do hospital. Os elementos necessários para a constatação de que esse espaço tem se mostrado potente para a definição de aspectos relevantes ao hospital vêm se apresentando aos poucos. O primeiro deles está expresso pelo aumento da frequência de profissionais, exceção feita à categoria médica, que ainda se mostra bastante desconfortável em participais de debates nos quais o discurso foge da formatação classicamente biológica, no qual certamente se sentem mais seguros.

O segundo aspecto diz respeito ao fato desse Colegiado ter se constituído a partir do último ano em espaço obrigatório na agenda de formação dos residentes do Instituto. A reunião que sempre se realizou nas quartas-feiras das 8:30h às 10:30h tem conseguido ocupar um lugar de destaque de tal forma a impedir a marcação de outras atividades institucionais nesse mesmo horário.

## **2.2. O Grupo de Trabalho de Desinstitucionalização**

Esse Grupo de Trabalho de Desinstitucionalização (chamado na prática diária de GT de Desins) tem como protagonismo os dispositivos de Residência Terapêutica vinculados ao Instituto de Psiquiatria. As Residências Terapêuticas podem ser entendidas como

“alternativas de moradia para um grande contingente de pessoas que estão internadas há anos em hospitais psiquiátricos por não contarem com suporte adequado na comunidade. Além disso, essas residências podem servir de apoio a usuários de outros serviços de saúde mental, que não contem com suporte familiar e social suficientes para garantir espaço adequado de moradia” (Ministério da Saúde, 2004, p. 5)

Nesse contexto, o Instituto possui três serviços de Residências Terapêuticas cujo funcionamento é mantido com recursos do Governo Federal e com a contrapartida técnica e estrutural do IPUB.

Assim que um dos autores assumiu a Chefia Clínica do IPUB, foram ofertadas oito vagas nessas Residências Terapêuticas, a serem ocupadas por usuários internados há mais de um ano no hospital. A questão que se colocava era: como escolher os usuários que seriam contemplados com essas vagas? Quem seriam os servidores que participariam dessa escolha?

Com o objetivo de estruturar essa escolha, a Direção Geral por sugestão da Chefia Clínica constitui o GT de Desins, composto por trabalhadores das Residências Terapêuticas, das enfermarias do IPUB, das Chefias de Enfermagem e das equipes de assistência, com o objetivo de estabelecer critérios clínicos para as altas dos pacientes internados rumo às suas novas casas.

Ao longo de um ano e meio de trabalho, sete usuários que estavam há mais de um ano internados tiveram a chance de dormir e acordar em uma casa, como resultado de um trabalho de um grupo de trabalhadores que se reúnem quinzenalmente para discutir sobre as dificuldades e desafios que enfrentam no estabelecimento de um dispositivo de saúde que tem uma legislação específica, mas que não dá conta sobre inúmeras questões do dia a dia e sobre aquilo que a Ergologia em algum momento nomeou de infidelidade do meio.

Por isso, é necessário que esses trabalhadores façam uso de suas próprias capacidades, de seus próprios recursos e de suas próprias escolhas para gerir essa infidelidade. Isso é o que Schwartz chama de “vazio de normas”, porque aí as normas antecedentes são insuficientes, visto que não há somente execução (Schwartz & Durrive, 2010).

O resultado indireto desse GT foi a mudança do perfil da clientela hospitalizada, com uma perspectiva de entendimento do hospital como um local de passagem e não como ponto de permanência para organização da lógica de vida. Mesmo aqueles usuários que não foram diretamente beneficiados pela transferência para a RT, tiveram sua situação revisitada pelo espírito antimanicomial que rapidamente se estabeleceu no ambiente das enfermarias. O tempo médio de internação, que antes era de quase um ano baixou para aproximadamente três meses.

Durante a realização do primeiro Seminário Interno da instituição, que foi realizado como desdobramento direto das atividades de conversas com os trabalhadores e os setores do hospital, percebemos, conforme mostrado nos gráficos abaixo, observou-se que o número de pacientes de longa permanência diminuiu expressiva-

mente ao longo dos anos de 2019 e 2020. Cabe ressaltar a necessidade de aprofundamento dessa discussão, o que pretendemos fazer no escopo do processo de elaboração e escrita da tese.

### **2.3. As Rodas de Conversas com os Trabalhadores (Seminário Interno e Grupos de Trabalho de Desdobramento)**

Durante a realização das primeiras reuniões de Colegiado Clínico foram aparecendo questões que apontaram para a necessidade de participação dos trabalhadores que até então não estavam incluídos no grupo inicial e que envolviam as atividades de manutenção da instituição, como obras/vigilância, cozinha e limpeza. A questão sobre a dependência das organizações de quanto ao trabalho de profissionais da saúde e de outros grupos de trabalhadores que não são profissionais de saúde, resultando numa heterogeneidade que dificulta a construção do espírito de equipe (Pires, 2008), não é uma questão específica da saúde mental.

Ainda que não diretamente envolvidos com os cuidados clínicos da clientela internada, no exercício de suas atividades esses profissionais tangenciam a loucura e suas manifestações sem, na quase maioria dos casos, dispor de ferramentais teóricos e práticos para manejar essas situações. Os exemplos que foram aparecendo nas reuniões continham relatos de profissionais da limpeza que flagravam pacientes mantendo relações sexuais e não sabiam como se comportar ou a quem se reportar, cozinheiras que por vezes tinham que abordar os pacientes ávidos por antecipar as refeições nos espaços dos refeitórios e que, diante das negativas, se mostravam mais agressivos e funcionários da obra que viam pacientes tentando fugir pelos muros da instituição e não sabiam se podiam impedi-los ou segurá-los, com medo de serem acusados de estar agredindo os mesmos.

Diante dessas e inúmeras outras questões, o Colegiado Clínico indicou a necessidade de que pudéssemos estar mais próximos dessas falas e deliberou por realizar rodas de conversas com esses trabalhadores, que não foram divididos em categorias específicas em um primeiro momento. Realizamos duas rodas de conversas, no horário de transição entre o plantão da noite e o do dia, em um espaço anexo ao vestiário desses trabalhadores. A primeira reunião foi um momento de apresentação da atividade e marcação de uma rotina de rodas de conversa, que inicialmente ficou agendada para uma frequência mensal. A segunda, já abordou algumas questões do dia-a-dia, com destaque para a questão da sexualidade dos pacientes e o direcionamento de alguns desejos e ações em direção aos funcionários da

limpeza. A oportunidade de colocar essas questões em discussão parece ter um efeito tranquilizador, na medida em que não se sentem não isolados no manejo de situações tão delicadas quanto essas.

O desdobramento desses primeiros encontros, em associação com outras questões institucionais que foram se apresentando ao longo dos meses de trabalho da nova gestão do instituto (e acaloradas pelas questões trazidas pela pandemia de COVID-19), culminou com os esforços para a realização do I Seminário Interno do IPUB. O cronograma de realização do Seminário previa a ocupação de duas manhãs de quinta feira e convidava a todos os funcionários do hospital para discutir sobre a assistência aos pacientes internados. O Seminário havia sido concebido para enfrentar dois problemas considerados centrais à instituição naquele momento: a interseção com a rede de saúde mental do município e do estado do Rio de Janeiro, bem como as dificuldades de comunicação e integração internas, para fazer frente aos desafios colocados pelos processos de hospitalização.

Vale a pena ressaltar que a composição das mesas de discussão do Seminário incluía personagens que durante o processo eleitoral ocorrido recentemente no hospital tinham sido protagonistas em chapas adversárias para a escolha dos representantes da Direção Geral. A importância desse encontro traduz a necessidade de fazer encontrar as mais diversas correntes teóricas e fazeres que constituem a pluralidade de atividades envolvidas na assistência aos pacientes internados.

O primeiro momento do Seminário previa a apresentação dos principais indicadores de internação no IPUB, que envolviam informações sócio-demográficas, diagnósticas e institucionais. As constatações quanto à ausência absoluta de informações étnico-raciais e a escassez de dados sócio-econômicos apontam para a necessidade de melhorar a fragmentação no registro de informações e orientar quanto ao seu preenchimento de modo a combater o problema da subnotificação.

Além disso, foi possível identificar que quanto ao diagnóstico a maioria dos pacientes que nos demandam em caráter de internação são identificados como portadores de esquizofrenia e transtorno afetivo bipolar. Esse aspecto, em associação com as dificuldades de articulação das redes hospitalar e comunitária de saúde mental, apontam para um fenômeno de reinternação (também chamado na literatura de *revolving door* ou *porta giratória*) muito comum à dinâmica de internação dos nossos pacientes.

O segundo momento do Seminário Interno propunha a apresentação de uma situação problema, que tinha

o objetivo de enfrentar os dois problemas considerados centrais no IPUB: a interseção com a rede de saúde mental do nosso município e do nosso estado, bem como nossas dificuldades de comunicação e integração interna para fazer frente aos desafios colocados pelos processos de hospitalização. Para isso, foi apresentada uma situação problema, fictícia, porém com dados aos quais eram possíveis trocar falas e nos relacionar através de debate com todos os trabalhadores. A garantia de ser um evento interno garantia aspectos de proteção e intimidade necessários à discussão de assuntos delicados e caros ao funcionamento institucional, porém não foi impeditivo para que mais de 100 trabalhadores (entre servidores e residentes das mais diversas especialidades) se encontrassem em um evento virtual para a realização do Seminário.

A contribuição imediata desse evento foi a constituição de três grupos de trabalho, compostos pelos mais diversos setores do IPUB com o objetivo de discutir os assuntos mais levantados no Seminário. Essas comissões foram assim estabelecidas:

#### Comissão permanente para organização do sistema unificado de informações clínico e psicossocial

- Objetivo: buscar superação da fragmentação no registro de informações e orientar quanto ao seu preenchimento de modo a combater o problema da subnotificação. Essa Comissão será nomeada por meio de portaria publicada pela direção do IPUB.
- Composição: Direção Clínica, Serviço Social, Enfermagem, Psicologia, Residências Médica e Multiprofissional, Faturamento, NUPPSAM.

#### Grupo de Trabalho (GT) de Dinamização do cuidado para integração dos setores e criação dos consensos técnicos/clínicos

- Objetivo: promover debates que gerem ações concretas sobre temas importantes no cotidiano da internação.
- Composição: Direção Clínica, Colegiado Clínico, Enfermagem, Serviço Social, GT de Desinstitucionalização, PROJAD, PRASMET, Hospital Dia, Ambulatório, Residências Médica e Multiprofissional, coletivo de trabalho da enfermaria.

#### GT de Articulação das redes hospitalar e comunitária

- Objetivo: ampliar a interseção com a rede de saúde mental do município e do Estado.

- Composição: NUPPSAM, Direção Clínica, Residências Médica e Multiprofissional, Serviço Social, Enfermagem, Ambulatório, Hospital Dia.

Apesar da fala popular de que o camelo é o cavalo que foi projetado por um comitê, temos a necessidade de acompanhar quais serão os resultados e contribuições que esses dispositivos terão para a dinâmica institucional, envolvendo os usuários e os trabalhadores.

### **3. Considerações finais**

A busca de ferramentas de gestão que incluam o ponto de vista da atividade, no sentido do desenvolvimento da Ergogestão tem sido um exercício complexo e diário. Desta forma, envolve múltiplos atores institucionais e tem sido possível graças aos esforços de criação de espaços coletivos para a discussão de situações clínicas cotidianas. Em estudo anterior, no qual traduzimos a experiência vivenciada em atividades com os trabalhadores da enfermagem do IPUB (Telles et al., 2020), estes trazem às cenas da discussão o que acreditam ser o melhor para o paciente. É em nome dessa ética no cuidar que orbitam as questões mais dramáticas do trabalho.

A partir da experiência da Ergogestão aqui descrita, é possível expandir essa percepção para os demais trabalhadores, desde as categorias envolvidas com as atividades consideradas de manutenção (limpeza e cozinha, por exemplo) até as categorias envolvidas com as atividades de assistência clínica propriamente ditas.

Confirmamos a premissa de que não é viável desenvolver uma atividade qualquer seguindo única e exclusivamente as regras previstas e impostas por outros. Ou seja, é inviável manter-se em um regime de estrita heteronomia, porque como mostra Canguilhem (2009), a vida como pura execução de normas que não são retomadas, retrabalhadas e renormatizadas pelos seres humanos é sinônimo de doenças e de crises.

Em suma, a pesquisa empreendida conjuntamente com a experiência concreta de gerenciamento como Diretor Clínico permitiu concluir que o esforço de implantação da modalidade de Ergogestão, privilegiando o ponto de vista da atividade, pode contribuir para promover transformações positivas no cotidiano da instituição. Porém, a aceitação dessa modalidade de gestão por um número maior de atores e seu desenvolvimento dependem do atendimento de algumas necessidades apontadas pelo coletivo de trabalho como entraves a superar, como a oferta de boas condições materiais de trabalho e a expansão da participação da comunidade dos trabalhadores na tomada de decisões.

### Referências Bibliográficas

- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Pires, D. (2008). *Reestruturação produtiva e trabalho em saúde* (2<sup>a</sup> edição). São Paulo: Annablume.
- Scherer, M., Pires, D., & Y. Schwartz (2009). Trabalho coletivo: um desafio para a gestão em saúde. *Rev. Saúde Pública*, 43(4), 721-725. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000400020>
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF.
- Souza, W. (2009). *Gestão em saúde, uma perspectiva ergológica: com quantos gestos de faz uma gestão* (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Telles, L., Jardim, S., & Rotenberg, L. (2020). Me chama para conversar que eu gosto: análise de experiência clínico-institucional com a enfermagem de um hospital psiquiátrico. *Rev. Ciência Saúde Coletiva*, 25(1). <https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.28882019>
- Trinquet, P. (2010). Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista Histedbr On-line*, 93-113.

# O caráter clínico–não-clínico da Ergologia em inter-relação com a Psiquiatria.

# El carácter clínico–no-clínico de la Ergología en interrelación con la Psiquiatría.

# Le caractère clinique–non-clinique de l'Ergologie en interrelation avec la Psychiatrie.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFUSÃO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale  
d'Ergologie

## Enio Rodrigues da Silva

Universidade de Medicina José do Rosário Vellano – UNIFENAS – Belo Horizonte/MG Rua Bangu, 177, apt – 502, Alto Caiçara, Belo Horizonte, Brasil, MG, CEP – 30750410 eniosrodrigues46@gmail.com

## Resumo

A ideia central deste texto é refletir sobre o lugar clínico-não-clínico da Ergologia no campo das chamadas Clínicas do Trabalho de natureza francesa. O assunto é polêmico, e apenas apresentamos um ponto de vista argumentado. Sustentamos que, ainda que ela não tenha seu nascimento num contexto clínico evidente, a sua postura de ampliar o conceito de trabalho, de atividade e o próprio trabalho de conceituar o encontro com a situação real, contribuem para intermediar a relação entre humanos e entre os saberes constituídos e investidos. Esse debate foi realizado a partir de aspectos genéricos, porém singularizados no contexto da psiquiatria e da reforma psiquiátrica brasileira.

## Palavras-chave

clínica, ergologia, atividade, psiquiatria, saúde mental

## Resumen

La idea central de este texto es reflexionar sobre el lugar clínico-no-clínico de la Ergología en el campo de las denominadas Clínicas de Trabajo de carácter francés. El tema es controvertido, y sólo presentamos un punto de vista argumentativo. Argumentamos que, aunque no tenga su nacimiento en un contexto clínico evidente, su postura de ampliar el concepto de trabajo, actividad y el propio trabajo de conceptualizar el encuentro con la situación real, contribuyan a mediar en la relación entre humanos y entre los conocimientos constituidos e invertidos. Este debate se realizó con base en aspectos genéricos, pero singularizados en el contexto de la psiquiatría y la reforma psiquiátrica brasileña.

## Palabras clave

clínica, ergología, actividad, psiquiatría, salud mental

## Résumé

L'idée principale de ce texte est de réfléchir à la position clinique-non-clinique de l'Ergologie dans le champ de ce que l'on appelle les Cliniques du Travail du courant français. Le thème est polémique et nous ne présenterons qu'un seul point de vue argumenté. Bien que l'ergologie ne soit pas née dans un contexte clinique évident, son action afin d'élargir le concept de travail, d'activité et le travail même de conceptualisation sa rencontre avec la situation réelle contribue à tisser le lien entre la relation humaine et les savoirs constitués et investis. Cette discussion a été élaborée à partir d'aspects génériques, mais néanmoins singularisés dans le contexte de la psychiatrie et de la réforme psychiatrique brésilienne.

**Mots-clés**

clinique, ergologie, activité, psychiatrie, santé mentale

**1. Introdução**

Apresentamos uma reflexão sobre o posicionamento ambivalente clínico-não-clínico da *démarche Ergologica* no campo das Clínicas do Trabalho (Bendassolli & Soboll, 2011). Segundo Yves Schwartz, enraizar a Ergologia numa perspetiva clínica - e isto estaria estabilizado -, seria um projeto reducionista. Abrimos essa discussão sustentando a posição de que ela é profundamente clínica, e não é. Neste sentido, quais argumentos possíveis para esta proposição?

Antes de adentrarmos neste debate, alguns autores apontam para a origem grega da palavra *Kliné* e, do latim, *Clinicus*, no contexto da saúde, que significa um procedimento de observação direta e minuciosa no leito daquele que sofre suspeita de alguma doença. Em termos mais genéricos, trata-se de se debruçar sobre a situação do outro na vida e no trabalho – que não sómente no campo da saúde.

Fundamentalmente, a Ergologia propõe-se a entrar nos campos de intervenção do ponto de vista da atividade (Schwartz & Durrive, 2007), tal qual requer um debate de normas, saberes e valores, expondo as *dramáticas dos usos do corpo-si por si e por outros* nos campos de investigação. Requer, também, uma produção de novos saberes em termos tripolares, a partir do Dispositivo Dinâmico a três Polos (DD3P). Compreende-se que, ao promover essa articulação, esbarra-se em seu caráter clínico-não-clínico, pelo que demanda um retorno à sua origem e postura epistemológica de conceituar o encontro com a situação real de trabalho, construindo diversos conceitos que nos autorizam a utilizá-los de forma clínico-não-clínica.

Partimos de sua postura original em abordar o trabalho como atividade humana, aquilo que se consegue realizar entre o prescrito e o real, que faz história na história das pessoas frente às situações concretas e materiais de vida. Atividade no sentido de uma ação ampliada, que extrapola o fazer aqui-agora para atingir tudo aquilo que mobilizamos, quer sejam os elementos cognitivos que ultrapassam o plano da consciência, saberes, gestos, afetos, sentimentos, emoções etc., quer seja nossa organização prévia para nos engajarmos novamente nas situações de vida e de trabalho.

Seguindo este raciocínio, poderíamos inferir que nenhuma dessas “Clínicas do Trabalho”, a Ergonomia, a Psicodinâmica e a Psicosociologia do Trabalho, a Clínica da Atividade e, inclusive, a Ergologia, seja, necessariamente, clínica, pelo fato de produzirem concei-

tos genéricos em *desaderência* à situação concreta de trabalho e distantes da aplicação prática no contexto da relação entre pessoas. Porém, há que se relativizar esta assertiva, visando não cometer o erro de reduzir a complexidade e o esforço dessas clínicas em abordar concretamente o trabalho de pontos de partidas diferentes e objetivos comuns, priorizando as relações daí decorrentes.

Com relação à Ergologia, sua proposta é a produção de conceitos situados, valorizando a experiência humana a partir de outros conceitos, desde que inseridos no contexto real em diálogo com as normas antecedentes da situação a ser estudada. São questões que esclarecem a importância de não enquadrar no campo da Ergologia qualquer questão de projeto disciplinar que se reduza na estabilização de saberes e fazeres, razão pela qual ela também se propõe, como objetivo, a criação de Dispositivos Dinâmicos a Três Polos (DD3P) com estratégia de exercer sua (im)postura e (in)disciplina nos campos de trabalho.

É possível compreender melhor esse duplo projeto ergológico (clínico-não-clínico) quando analisamos de perto as situações de trabalho e nelas percebemos que, de um lado, há uma face de produção de saberes no aqui-agora, que requer um olhar de observação e respeito ao comportamento do outro na relação. De outro lado, e para justificar seu posicionamento não necessariamente clínico, comporta uma dimensão histórica e protocolar, ético-filosófica, epistemológica, sociológica e antropológica, que inclui as *normas antecedentes* produzidas em outro aqui-agora, outro contexto.

Em outro sentido, ela é clínica na medida de seu olhar singularizado sobre os protagonistas do trabalho, consequentemente, aos usuários de nossos serviços de saúde. Localizamos o seu caráter clínico de forma heterodeterminada, seja a partir do protocolo a seguir, do nível de *aderência* ao aqui-agora e da atividade industriosa – aquela que faz sentido e requer sempre um *debate de normas* nas situações singulares de trabalho, promovendo um espaço-tempo de engendramento de gestos profissionais (Silva, 2016). Se toda situação é, parcialmente, singular, isso requer uma posição de humildade para a aprendizagem em grupo, de *renomalizações* individuais e coletivas, de *desconforto intelectual* na atividade, insistência sobre a singularidade e a subjetividade humana, uma vez que cada *debate de norma* tem uma dimensão histórica e fora da norma que rege a situação presente. Dizemos, assim, do *impossível* e do *invivível* projeto de adesão ao caráter protocolar das situações de trabalho, um posicionamento que reivindica um conhecimento do *métier* de trabalho e da mobiliza-

ção de reservas de alternativas e margens de manobras em constante remodelagem para se fazer diferente a mesma coisa.

A intervenção e a tomada de decisão exigem uma postura clínica e um debate acerca dos conceitos produzidos em *desaderência*, e praticados em aderência no aqui-agora na relação com o outro. Situação que não descreve a norma, nem antecipa a atividade, mas propõe uma reprodução e aplicação de conceitos contextualizados ao meio em questão, que considera as variabilidades e *infidelidades do meio, os debates de normas e valores*, a tomada de decisão certa em boa hora. Trata-se de um caráter clínico que se mostra evidente na postura ergológica de fabricar conceitos situados, a partir das situações reais de trabalho, um debate que também convoca os seis ingredientes de competência da atividade (IGR's) frente à situação, ampliando o caráter clínico-ergológico. Logo, o olhar clínico que perscrutamos é uma dialética entre o micro (normas produzidas no aqui-agora), o macrossocial e o cultural que compõem as *normas antecedentes*.

Mesmo que a Ergologia não tenha seu nascedouro no campo clínico *strictu sensu* da saúde, não podemos desvirtuá-la deste lugar; vide, por exemplo, todas as argumentações em minha dissertação de mestrado (Silva, 2010) e tese de doutorado (Silva, 2016) no campo da reforma psiquiátrica brasileira. Ao contrário, por exemplo, pelo viés do *corpo-si* e suas dramáticas, ela desvela seu projeto de sujeito tão caro ao exercício da clínica em qualquer métier profissional.

Não podemos polarizar a situação - o clínico no aqui-agora, de um lado, e a produção disciplinar, de outro, compondo um suposto lugar não-clínico, mas, sim, sustentamos uma inter-relação entre esses dois lugares para o acolhimento do comportamento humano. O caminho é entender a proposta de construção de um olhar clínico, dialético, múltiplo e ampliado sobre o aqui-agora a partir dos valores e dos saberes em circulação, compondo e interfaceando a relação do sujeito com o meio. Quer dizer, o aqui-agora das situações de trabalho é formado por camadas de normas que se entrecruzam e compõem a situação que o homem se insere (Canguilhem, 1995), e essas normas demandam renormalizações, sempre parciais (Durrive, 2015) – que podem ser explicadas e produzidas do ponto de vista ético, filosófico, epistemológico, jurídico, econômico, artístico, sociológico, psicológico, psicanalítico e antropológico etc. -, pelo que se quisermos de fato estabelecer um olhar clínico, precisaremos atravessar o aqui-agora para atingir as normas sociais antecedentes que estruturam o momento presente. Por sua vez, normas

que não são, necessariamente, produzidas no aqui-agora, e, mesmo que sejam produzidas noutro aqui-agora, elas interferem neste, inclusive, alterando-o.

Em síntese, o caráter clínico-não-clínico da Ergologia interessa a quem? Àqueles que vivem do trabalho e se preocupam com o cuidado ao outro. Ele é dialetizado no sentido da produção em/da atividade por meio de um olhar que não reduz, mas amplia e permite compreender a forma com a qual a norma faz história na vida dos humanos. Não-clínico na medida em que esse olhar é, também, determinado por matérias sem atividade. Clínico, porque requer uma postura de *desconforto intelectual* para a mobilização de conceitos ergológicos aplicados ao contexto da intervenção.

## **2. Um olhar clínico-não-clínico sobre a Psiquiatria**

A ideia é promover e sustentar um debruçamento a partir do leito do paciente no meio aberto dos serviços da reforma psiquiátrica brasileira do ponto de vista ergológico, resgatando sua posição de sujeito-cidadão de direitos e deveres. Isso demanda a incorporação de todo esse debate realizado – que, se não transforma, modifica o curso da (im)possível atividade em psiquiatria. Com certeza, essa postura profissional aqui relatada somente se mostra possível na medida de minha experiência de trabalho de 26 anos com a psiquiatria em estado da arte, de reforma de si mesma.

Todas essas argumentações, quando aplicadas neste contexto, provocam e sustentam a (re)abertura epistemológica da psiquiatria em possíveis; questões que esbarram em seu próprio hibridismo – nem humano, nem natural (Paim, 1991). Requer, pois, o encontro da Psiquiatria com algumas perspectivas teórico-metodológicas em síntese como ponto de ancoragem: as ciências da natureza, da vida, do homem, o movimento da Psiquiatria Clássica, passando pela Antipsiquiatria à Reforma Psiquiátrica brasileira, segundo Gaston Bachelard, Georges Canguilhem, Michel Foucault, Bercherie, David Cooper, Basaglia, Le Guillant e Amarante. São autores que estabeleceram, respectivamente, suas bases na filosofia das “ciências da natureza” (a matemática, a física, a química); na filosofia das “ciências da vida” (a biologia, a anatomia, a fisiologia, a patologia); na filosofia das “ciências do homem”; na construção de escolas psiquiátricas clássicas até o movimento de reabertura da psiquiatria e luta antimanicomial, valorizando a experiência de sofrimento mental do paciente. Incorporamos os argumentos clínico-não-clínicos da *démarche* ergológica, perscrutando as *normas antecedentes* em psiquiatria, refletindo essas perspetivas teórico-metodológicas aplicadas aos serviços das Redes

de Atenção Psicossocial (RAPS) brasileiras. Como resultado, espera-se um debate acerca da construção de um novo gênero psiquiátrico no meio aberto, reforçando o projeto de reforma psiquiátrica brasileira e proporcionando outros estilos de se praticar a psiquiatria. O resultado desta operação pode ser a proposição de novos gestos profissionais em psiquiatria frente ao (in)sustentável e ao (im)possível de pacientes que desafiam tanto o modelo fechado como o aberto (Silva, 2016).

Não deixamos de fora a questão das diretrizes que estruturaram o Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS) a partir dos anos 90, e que visam garantir o direito à saúde para todo cidadão. Tratam-se de variáveis históricas que se desdobram em forma de um condensado de normas que organizam a situação presente com respeito ao campo da saúde mental e da reforma sanitária e psiquiátrica brasileiras. Chegando aos dispositivos da RAPS, essas normas se inter-relacionam com outras de diferentes ordens: sejam aquelas econômicas, políticas, sociais e culturais, além daquelas que os próprios trabalhadores desses serviços abertos se dão ao praticar a psiquiatria com os pacientes em regime de ir e vir. O resultado não poderia ser outro, senão a possibilidade de construção de um outro gênero de psiquiatria aberta e comunitária. Esse debate não se esgota aqui, ao contrário, este texto apenas o inaugura entre convergências e controvérsias.

Neste sentido, qual seria o olhar clínico-não-clínico ergológico em psiquiatria, senão aquele que relativiza toda a história deste campo do conhecimento aplicada e ressignificada na construção de Projetos Terapêuticos Singulares (PTS) no cotidiano desses novos serviços da reforma? Interessa-nos, então, analisar a psiquiatria através do “planetário epistemológico” proposto pela Ergologia, a partir de minha tese de doutorado (Silva, 2016). Uma forma de dar organicidade e dinamismo a este debate, (re)estruturando as epistêmese ergológicas no campo da psiquiatria e reformas.

A saber, a epistemicidade – 1: o trabalho do conhecimento, visando aos objetos sem atividade. O lugar das ciências de neutralizar os saberes científicos e técnicos. Assim, quais os saberes envolvidos em Psiquiatria neste contexto, a exemplo de que o átomo é um exemplo de partícula sem atividade? Em termos empíricos, a Neuropsiquiatria, a Psiquiatria biológica em busca de um substrato orgânico para o sofrimento mental e a psicofarmacologia.

Em segundo, a epistemicidade – 2: a formalização (normativa e antecipativa) das configurações que incluem a atividade humana. O campo das normas que dirigem o viver e o fazer na vida e no trabalho. Assim, os saberes

antecedentes da Psiquiatria Clássica, das Escolas Psiquiátricas, da Psiquiatria Moderna e Contemporânea, dos códigos (DSM e CID-10), e aqueles das Reformas Psiquiátricas no plano MACRO em relação aos saberes da/na atividade no plano MICRO dos serviços abertos. E, por terceiro, a epistemicidade – 3: os conceitos que visam ao conhecimento em “alter-atividade” (atividade dos outros), disciplinas humanas e sociais, uma vez que o termo “ciência” é reivindicado. Requer um retorno ao comportamento humano e atenção aos ingredientes de competência da atividade e seus usos sadios e usurpadores. Um lugar onde a Ergologia se propõe a promover uma circularidade de saberes e conceitos necessários para tratar a questão, incorporando a Psiquiatria em seu hibridismo constitucional: psicologias, sociologias, antropologias, linguagens, filosofias, psicanálises, artes etc.

Em termos de epistemicidade – 3bis: os conceitos tendencialmente ergológicos e cunhados, talhados, diferentemente. São conceitos em dobradura, uma vez que eles exigem articular o espírito com a matéria. De um lado, o uso de si pelo outro, tudo que foi mobilizado e que me organiza, que trabalha em mim, a história operando em mim. De outro lado, o uso de mim mesmo – ou seja – o que eu faço com o que fazem ou fizeram de mim? Uma conceituação que não descreve, nem normatiza as configurações humanas, nem prevê o futuro, a partir das normas antecedentes. Isso impõe situar-se no interior da atividade, no momento do fazer, da aprendizagem, do “desprendimento”, do “desconforto intelectual”.

Em síntese, é de suma importância considerar esse debate clínico-não-clínico entre a Ergologia e a Psiquiatria, mobilizando conceitos entre esses dois campos do conhecimento e visando ao engendramento de novos gestos profissionais na direção da reforma psiquiátrica – que muito nos interessa.

## Referências Bibliográficas

- Amarante, P. (1995). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Bendassolli, P., Soboll, L. (2011). *Clínicas do trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Bercherie, P. (1989). *Os fundamentos da clínica psiquiátrica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Canguilhem, G. (1995). *O normal e o patológico* (4<sup>a</sup> edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Cooper, D. (1967). *Psiquiatria e antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva.

- Durrive, L. (2015). *L'expérience des normas*: comprendre l'activité avec la démarche ergologique. Toulouse: Éditions Octarès.
- Foucault, M. (1997). *História da loucura* (5<sup>a</sup> edição). São Paulo: Perspectiva.
- Paim, I. (1991). *Tratado de clínica psiquiátrica*. São Paulo: EPU.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2007). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Rio de Janeiro: EDUFF.
- Silva, E. R. (2010). *A atividade de trabalho do psiquiatra no CAPS – Centro de Atenção Psicossocial: pois é José...* 2010 (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Silva, E. R. (2016). *O gesto profissional em psiquiatria: o Centro de Atenção Psicossocial como território de trabalho* (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

# **Matriciamento e os desafios para a saúde mental: contribuições da abordagem ergológica.**

**“Matriciamento” y los desafios para  
la salud mental: contribuciones  
del abordaje ergológico.**

**Suppot matriciel et le defis pour  
la santé mentale: contributions  
de l'approche ergologique.**



FCT Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



U.PORTO  
CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



### **Francisca Maria Carvalho Cardoso**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Piauí, UFPI  
Rue Melvin Jones, Bairro Boa Esperança,  
64215-690, Parnaíba, Piauí, Brasil  
franciscamariacardoso@gmail.com

### **Edna Maria Goulart Joazeiro**

Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí. Membro do *Bureau da Societé Internationale d'Ergologie*, Membre Fondateur.  
1665, Rue Regina Lopes, 64049-695, Teresina, Piauí, Brasil  
emgoulart@uol.com.br

### **Resumo**

O estudo discute o Matriciamento no âmbito da Política de Saúde pública, no campo da Saúde Mental, no Brasil. Nele apontamos alguns desafios postos ao processo de busca de fortalecimento da relação entre o campo da saúde mental e a Atenção Básica em Saúde. Enfatizamos como a abordagem ergológica pode contribuir para uma criteriosa reflexão sobre a estratégia denominada Matriciamento. Adotamos como ponto de partida as categorias de análise da Ergologia que enfatizam a atividade de trabalho como uso de si, os ingredientes da competência humana industrial, o processo de renormalização da norma antecedente e a realização de microescolhas como dimensões indispensáveis para a produção de sinergia, inventividade e para a criação de reservas de alternativas na construção de um trabalho em defesa da vida na Saúde Mental.

### **Palavras-chave**

ergologia, saúde pública, trabalho

### **Resumen**

Este trabajo discute el *Matriciamiento* en el ámbito de la Política de Salud Pública, más específicamente en el campo de la Salud Mental, en Brasil. En él, analizamos algunos desafíos que surgen en el proceso de búsqueda del fortalecimiento de la relación entre el campo de la Salud Mental y de la Atención Primaria de Salud. Enfatizamos cómo el abordaje desde la Ergología puede contribuir a una reflexión criteriosa sobre la estrategia denominada *Matriciamiento*. Adoptamos como punto de partida algunas categorías de análisis de la Ergología que ponen énfasis en la actividad de trabajo como uso de sí, los ingredientes de la competencia humana industrial, el proceso de renormalización de la norma antecedente y la realización de microelecciones como dimensiones indispensables para la producción de sinergia, inventividad, así como para la creación de reservas alternativas en la construcción de un trabajo en defensa de la vida en la Salud Mental.

### **Palabras clave**

ergología, salud publica, trabajo

### **Résumé**

L'étude traite de l'appui matriciel dans le contexte de la Politique de Santé publique dans le domaine de la Santé Mentale, au Brésil. Nous y signalons quelques défis dans le processus de recherche de renforcement de la relation entre le domaine de la santé mentale et les Soins Primaires de Santé et soulignons comment l'approche ergo-

logique peut contribuer à une réflexion approfondie sur la stratégie appelée Support Matriciel (Matracemento). Nous avons adopté comme point de départ les catégories d’analyse de l’Ergologie qui mettent l’accent sur l’activité de travail comme utilisation de soi, les ingrédients de la compétence humaine industrieuse, le processus de renormalisation de la norme précédente et la réalisation de micro-choix comme dimensions indispensables à la production de synergie, inventivité et pour la création de réserves d’alternatives dans la construction d’une œuvre de défense de la vie en Santé Mentale.

### Mots clés

ergologie, santé publique, travail

## 1. Introdução

A presente análise discute a proposta de intervenção no âmbito da Política de Saúde Mental no Sistema Único de Saúde brasileiro, especificamente, a proposta do Matracemento enquanto estratégia de articulação entre a Atenção Básica e a Atenção Psicossocial Especializada da Saúde Mental. Iniciaremos com o tema trabalho e a perspetiva ergológica, que oferece referencial conceitual e metodológico como suporte para a análise da temática. O matracemento “é um processo de construção compartilhada, uma proposta de intervenção pedagógico-terapêutica” (Brasil, 2011, p. 14). Na realidade brasileira, o matracemento é uma das tecnologias que busca a eficácia na Atenção em Saúde Mental.

Em 2008, a Organização Mundial de Saúde (OMS) destacou a relevância da integração de ações de Saúde Mental na Atenção Básica e recomendou que os trabalhadores no território, dos serviços de saúde, “se organizassem, de forma a reconhecer que a Atenção à Saúde Mental é parte dos cuidados primários de saúde, com ênfase nas novas formas de cuidar” (Campos, Bezerra, & Jorge, 2018, p. 2229).

O trabalho na Atenção Básica está adstrito à lógica do território, de forma integrada aos demais serviços de saúde, fortalecendo e ampliando as ações da Estratégia Saúde da Família (ESF), Equipes de Saúde Mental na Atenção Básica e Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF). A equipe de Saúde Mental ao estabelecer elos com a Atenção Básica contribui para a garantia do atendimento e acompanhamento da pessoa com transtorno mental no território vivido.

É nesse contexto que, mediante criteriosa análise, refletimos sobre a dinâmica da atenção em saúde em dois municípios do estado do Piauí: Jaicós e Paulistana visando compreender como se materializa o Matracemento no âmbito da Política de Saúde Pública e como a abordagem

ergológica pode contribuir para uma reflexão acerca dos desafios postos para o campo da Saúde Mental, no Brasil. Essa análise é um recorte da pesquisa de doutoramento<sup>[1]</sup> ora em curso no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da UFPI, Brasil. A pesquisa de natureza qualitativa se ancora na dimensão analítico conceitual da Ergologia sobre a temática mediante o uso de suas categorias de análise e no uso de fonte primária de informação, entrevistas e grupos focais com profissionais da Rede de Atenção Psicossocial e da Rede de Atenção à Saúde (RAS) dos municípios supramencionados, entre os meses de novembro de 2020 a fevereiro de 2021. Cabe destacar que em virtude da situação de pandemia que preconiza o isolamento social como forma de proteção à saúde e à vida, utilizou-se tecnologia de acesso remoto, o *Google meet®*, para a realização das abordagens individuais e grupais<sup>[2]</sup>.

## 2. Trabalho em defesa da vida no campo da Saúde Mental

Na análise propomos uma aproximação do conceito de matracemento em saúde mental, e o fazemos com base na perspetiva de Schwartz (2000) ancorado nos 6 ingredientes da competência humana industriosa, como categoria de análise visando compreender quais saberes estão envolvidos no percurso de realização da aproximação entre a Atenção Básica e Atenção Especializada em Saúde Mental. A concepção, norma atecedente, que está na base desta proposta se pauta na defesa de que a estratégia do matracemento e a articulação dos serviços em rede é uma forma de “garantia para a inserção do usuário nos serviços, na perspectiva da integralidade e conforme sua necessidade” (Bertolino Neto, 2016, p. 40). Assinala Schwartz (1998) que o primeiro ingrediente da competência consiste na premissa de que no trabalho há sempre um protocolo experimental, ou seja, diz respeito às normas antecedentes da atividade, protocolos, o saber instituído da profissão e à técnica que o profissional exerce diariamente em seu meio de trabalho (Canguilhem, 2001; Schwartz, 2000). Nesse sentido, o ingrediente 1 contribui para a compreensão do trabalho na saúde mental, e nele, o matracemento enquanto estratégia, à medida que este, é um trabalho ancorado em normas, e que prescreve que o trabalho em equipe “deve proporcionar a retaguarda especializada da assistência, assim como um suporte técnico-pedagógico, um vínculo interpessoal e o apoio institucional no processo de construção coletiva” (Brasil, 2011, pp. 14-15). Teçamos um diálogo com um dos protagonistas do trabalho em municípios de pequeno porte do Piauí, visando apreender sua perspetiva de análise sobre o seu trabalho na atualidade,

*“(...) a rede só se fortalece quando há mais interação, mais matriciamento, (...) quando ele acontece, quando todos estão fazendo uma visita em conjunto, cada um de sua área do CAPS, CRAS ou CREAS, NASF, Conselho Tutelar”.* (Fragmento de depoimento de profissional do Município B)

Tais normas apontadas fazem parte do mundo do trabalho, onde segundo Canguilhem (2001), há normas e não norma, por isso, compreender as normas é admiti-las e não as reduzir. “As normas do trabalho têm um aspecto mecânico, mas só são normas pela sua relação com a polaridade axiológica da vida, da qual a humana-dade é tomada de consciência” (Canguilhem, 2001, p. 121). “O meio é infiel”, dirá Canguilhem; o contrário, o imobilismo do mundo, seria “impossível” e “não-vivível” (Schwartz, 2000); ou seja, o ser humano não pode permanecer ele próprio exatamente fiel ao que foi antecipado (por ele e por outros): ele vai ser colocado diante de “escolhas” (Durrive, 2002). Como assinala (Canguilhem, 1995, p. 212), “propor-se não é o mesmo que impor-se. Ao contrário de uma lei da natureza, uma norma não acarreta necessariamente o seu efeito”.

É na interface entre o segundo e o terceiro ingrediente que Schwartz (2000) propõe que o *segundo ingrediente* apresenta “medidas em comum com o ingrediente 1”, mas sustenta-se a partir da experiência no encontro na atividade de trabalho. Dessa forma, o *profissional age no tempo e na história*. Já, o *terceiro ingrediente* consiste na propensão e no desafio de se “estabelecer uma dialética” em consonância entre os dois primeiros e o terceiro ingrediente. Schwartz (2000) afirma que o *quarto ingrediente* diz respeito à relação que se estabelece entre as dramáticas do uso de si, os ingredientes 1 e 2 e os valores que estão presentes nas relações do “sujeito” com o meio” (Joazeiro, 2018, p. 154).

A Ergologia assume o trabalho como uma “atividade humana industrial” na qual está presente o “processo de renormalização das normas antecedentes, como atividade transformadora que possibilita a inventividade, novas escolhas, caracterizando-se por microescolhas” (Schwartz, 2000, p. 423).

*“(...) A questão do trabalho em rede é primordial. Porque a gente percebe, fica muito feliz quando, a gente percebe que o matriciamento está acontecendo”*(Fragmentos da Narrativa de profissional no Grupo Focal. Município B).

*“Até porque, esse paciente sempre tem outras necessidades. Então, querendo ou não, o caso*

*sempre vai precisar de um Psicólogo, vai precisar de um Assistente Social (...). Então é importante sim ter esses vínculos e ter esse trabalho em rede”*(Fragmentos da Narrativa de profissional da Assistência Social. GF. Município B).

A própria concepção da rede remete a diferentes níveis de estabelecimento de relações de compromisso e de tessitura de vínculos. Ora a atividade de trabalho comporta o acesso às normas antecedentes de natureza diversas, algumas do núcleo de formação de cada profissão, outras remetem às normas nascidas do campo da saúde, espaço no qual transitam saberes transversais às diversas profissões, quer seja no campo biomédico, da bio-segurança, ou os saberes amealhados na dinâmica do processo de atenção compartilhada entre as diversas profissões e ocupações que compõem as equipes especializadas da Saúde Mental.

Outro desafio posto é o de construir sinergias com a equipe da própria profissão e na relação “entre” as equipes. Na análise de Schwartz (2000) sobre o 5º ingrediente o autor afirma que nele há a ocorrência do ingrediente 4, a onipresença do *corpo-si*, da capacidade de pensar e trabalhar em equipes de forma sinérgica” (Joazeiro, 2018, p. 154). O ingrediente 6 tem sido denominado pelo autor como a capacidade de construir qualidade sinérgica, em virtude da necessidade de constituir equilíbrios variados e complementares de ingredientes, uma vez que ninguém é competente de modo igual em todos os registros” (Joazeiro, 2018, p. 155). Ambos os ingredientes auxiliam na compreensão da construção da formação de equipes que possam participar em conjunto, de ações e da experiência cotidiana e desafiante deste campo complexo, plural, heterogêneo que é a Saúde Mental.

O próprio ingrediente 4 pode ser revelador do pertencimento ou não à equipe, o trabalho coletivo e o trabalho em rede pressupõe ainda a presença marcante do 5º e do 6º ingrediente, uma vez que nesta esfera de intervenção se busca a efetivação de sinergias entre as profissões, entre as diversas equipes intraintitucionais e incluindo as equipes extra institucionais, além das equipes de outras e de novas políticas assistenciais em processo de constituição *da e na história*.

Cumpre enfatizar a imprescindibilidade de que, no decorrer do processo, cada rede assuma a saúde mental, levando em consideração a importância da dimensão coletiva do trabalho em rede, do caráter colaborativo e o compartilhamento de situações específicas de cada atendimento.

Na saúde mental e na formação de profissionais para in-

tervir nesse campo, é indispensável o uso de tecnologias disponíveis para a realização do trabalho das diversas profissões e ocupações desse campo de conhecimento e de saber. Nesse meio, se materializa a escolha de caminhos em face da complexidade das necessidades em saúde, “da heterogeneidade das demandas e [da] pre-mência de tomada de decisões respaldadas em saberes, relação de poder e no uso de tecnologias oriundas de diversos campos” conceituais (Joazeiro, 2018, p. 122). Duraffourg (1998, p. 129) enfatiza que as tecnologias são concebidas “a partir da tarefa, isto é, de objetivos expressos sob a forma de resultados antecipados, a serem atingidos em condições econômicas, materiais e organizacionais determinadas”. A concepção das tecnologias no trabalho em saúde atravessam alguns elementos como,

“(...) a capacidade de sensibilizar os profissionais da rede passa necessariamente pela competência humana industriosa desse profissional da saúde que é desafiado a saber construir relações de parceria marcada pelo imbricamento de três tipos de conceitos, os **oriundos do campo da necessidade vital**, os da ‘**necessidade humana básica**’ e os de ‘**necessidade de saúde**’” (Joazeiro, 2018, p. 132, destaque nossos).

Em contextos como o da saúde, quando se fala da atividade de trabalho entre as equipes, há que se considerar que nem sempre as equipes estão integradas, havendo muitos desafios para o matriciamento acontecer, por exemplo, os decorrentes do período da pandemia da Covid-19. Neste caso, o trabalho se apresenta com um futuro incerto, conforme afirma Schwartz (2011, p. 42) “nos múltiplos debates que se desenvolvem dialeticamente entre micro e macro, entre local e global”. Esses debates mantêm em suspenso a cada momento o futuro que virá, propriamente falando, eles ‘fazem história’.

### **3. Perspetiva ergológica: contribuições para o Matriciamento**

O matriciamento enquanto concepção e estratégia visa efetivar a articulação entre os serviços da rede de atenção à saúde, e entre a política de Assistência Social e outras políticas públicas. A concepção que ordena as redes se ancora na perspectiva analítica de que temas como qualificação e educação; informação; regulação; promoção e vigilância à saúde precisam ter um caráter transversal no seu interior.

É importante destacar, que a intervenção na saúde mental pressupõe que outros serviços da Rede de Saú-

de, inclusive de outros níveis de atenção, incluindo as demais políticas sociais sejam sensibilizadas para construir sinergia e efetividade.

O trabalho vivo em ato e o matriciamento fazem parte de uma dimensão essencial para fazer emergir uma nova perspetiva de intervenção, uma vez que ambos são essenciais para a produção da atenção e do cuidado, construindo uma relação sensível *da e na* Rede de saúde propiciando o estabelecimento de relações de compromisso com a pessoa com transtorno mental, sua família e com a sociedade.

Se considerarmos a proposta do matriciamento em saúde mental, em presença e em tensão com o desafio de construir uma aproximação entre a Atenção Básica e Atenção Especializada em Saúde Mental, precisamos reconhecer que ambos os níveis de atenção à saúde trabalham com necessidades específicas, respondem, portanto, a níveis de necessidade e se utilizam de diferentes tipos de tecnologia, fato que exige que os protagonistas da atividade do trabalho acedam aos diferentes *corpos* conceituais epistêmicos, disciplinares e axiológicos.

É essa capacidade de refletir continuamente sobre o trabalho, sobre seus desafios, seus objetivos e limites, que poderá tornar possível a travessia a ser efetivada nesse campo de conhecimento. É sob essa perspetiva que entendemos possível que a abordagem ergológica contribua para [re]pensar o lugar que o matriciamento poderá ocupar no processo de aproximação entre as equipes da Atenção Básica e da Atenção Especializada em Saúde Mental, de modo a valorizar o encontro entre saberes construídos *da e na* experiência concreta do trabalho no SUS.

“O ‘trabalho’ é ao mesmo tempo uma evidência viva e uma noção que escapa a toda definição simples e unívoca” (Schwartz, 2011, p. 20), o trabalho em Schwartz é uma categoria cultural que está presente em todas as sociedades, quaisquer que sejam os lugares ou as épocas, pois homens e mulheres trabalham, “envolvem seus corpos em uma atividade socialmente programada que visa a produzir os meios materiais de suas existências”.

“O trabalho, neste sentido, é o quê? Busca-se de-compor o quê? Uma combinação provisória de atos executados por máquinas, autômatos, sequências de procedimentos, e atos mais ou menos complementares dos primeiros, nunca claramente explicitados e perceptíveis, produzidos por inteligências e corpos humanos” (Schwartz, 2011, p. 29).

Dessa maneira, “é sem dúvida nesse ‘e’ que une ‘o trabalho’ e ‘os homens’ que repousa provavelmente a fonte desse caráter enigmático, gerador de paradoxos, e que permite a questão: o que está comprometido – do homem – no trabalho?” (Schwartz, 2011, p. 20).

#### **4. Considerações finais**

Enfatizamos assim, que o matriciamento enquanto estratégia poderá contribuir para o desabrochar do trabalho coletivo na Saúde e intersectorial se for compreendido o valor do(a) trabalhador(a), pois cada profissional que ocupa “um posto de trabalho qualquer, têm algo de fundamental a aprender com a atividade do operador que ocupa esse posto” (Duraffourg, 1998, p. 131). Há que se apreender que, enquanto essa aprendizagem, fruto da convivência e da relação estabelecida no trabalho, dentro da sua dimensão coletiva, não acontecer de fato, “o trabalho continuará sendo o objeto de uma racionalização que tem um nome: o Taylorismo” (Duraffourg, 1998, p. 131).

Os desafios do trabalho em saúde em situações de ampliada de desigualdade social remetem à capacidade de refletir sobre o trabalho, seus desafios, objetivos e limites, fato que pode contribuir para iluminar a travessia a ser efetivada no tempo presente. É sob essa perspectiva de análise que julgamos imprescindível [re]pensar o lugar que atividade de trabalho ocupa no processo de aproximação entre as equipes da Atenção Básica, Atenção Especializada em Saúde Mental e pelas demais políticas públicas visando reconhecer o valor do trabalho humano e enfrentar diuturnamente suas invisibilidades e opacidades, para fazer emergir reservas de alternativas a serviço da vida, da cidadania e da superação das desigualdades socioterritoriais. Se esse percurso for feito sob a égide da valorização do encontro entre conhecimentos e saberes construídos *da e na* experiência concreta do trabalho no SUS, poderemos ter esperança de que reservas de alternativas poderão emergir, a despeito dos profundos limites e riscos que nos preocupam e nos impelem a trabalhar para que haja um presente e um futuro a construir.

#### **Referências Bibliográficas**

- Bertolino Neto, M. M. (2016). *A implantação da RAPS em um município de grande porte e poucos recursos financeiros* (Tese de Doutoramento). Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Brasil (2011). *Guia Prático de Matriciamento em Saúde Mental*. Brasília: Ministério da Saúde: Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva. [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_pratico\\_matriciamento\\_saude-mental.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_matriciamento_saude-mental.pdf).
- Campos, D. B., Bezerra, I., & Jorge, M. (2018). Tecnologias do cuidado em saúde mental: práticas e processos da Atenção Primária. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(5), 2228-2236. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0478>.
- Canguilhem, G. (1995). *O Normal e o Patológico* (4ª edição). Rio de Janeiro: Forense.
- Canguilhem, G. (2001). Meio e normas do homem no trabalho. *Pro-Posições*, 12, 35-36.
- Duraffourg, J. (1998). Um robô, o trabalho e os queijos: algumas reflexões sobre o ponto de vista do trabalho. In *Emprego e Desenvolvimento Tecnológico: Brasil e contexto internacional* (pp. 123-144). São Paulo: DIEESE.
- Durrive, L. (2002). Formação, trabalho, juventude: uma abordagem ergológica. *Pro-Posições*, 13(3), 19-30.
- Joazeiro, E. (2018). *Supervisão acadêmica e de campo: relação entre saberes*. Teresina: EDUFPI.
- Schwartz, Y. (2000). *Le paradigma ergologique ou un métier de Philosophe*. Toulouse: Octares.
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação & Saúde*, 9, 19-45. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>.

#### **Notas**

[1] O projeto foi submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (CEP UFPI) com CAAE de cadastramento nº39432620.0.0000.5214, tendo recebido parecer favorável em 23/11/2020.

[2] No texto o registro dos depoimentos e narrativas dos participantes da pesquisa segue a seguinte orientação, identifica-se com o uso da sigla GF aqueles decorrentes dos Grupos Focais e com o uso da sigla Entr para os depoimentos decorrentes de entrevista. As letras A ou B são utilizadas para diferenciar os dois Municípios que foram epicentro do referido estudo. O critério adotado visa preservar a identidade dos profissionais que participaram da pesquisa.

# **Programa de formação em saúde, trabalho e ambiente para trabalhadores: a importância de considerar os saberes investidos.**

# **Programa de formación en salud, trabajo y medio ambiente para trabajadores: la importancia de considerar el conocimiento invertido.**

# **Programme de formation en santé, travail et environnement pour les travailleurs: l'importance de considérer les savoirs investis.**

**U.PORTO**

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

CENTRO  
DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DO PORTO



**U.PORTO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société  
Internationale  
d'Ergologie

### **Luciana Gomes**

Fundação Oswaldo Cruz

Endereço: Rua Leopoldo Bulhões, 1480. CESTEH,  
sala 24. CEP 21041-210, Rio de Janeiro- RJ, Brasil  
lucianagomes@ensp.fiocruz.br

### **Resumo**

Nesse texto apresentamos as contribuições da démarche ergológica para a construção e desenvolvimento do Programa de formação em saúde, trabalho e ambiente na indústria do petróleo. Para tanto faremos algumas reflexões a partir da nossa experiência na condução deste nos três últimos anos, o que envolveu a experiência da formação de uma turma no modo presencial e outra através de plataformas virtuais, por conta das medidas de isolamento social decretadas na pandemia de COVID-19 no Brasil. Descreveremos como surge o programa de formação, quais foram as bases conceituais e metodológicas que se apoia, como foi construído, destacaremos alguns pontos sobre a indústria do petróleo e a noção de desenvolvimento dominante e por fim traremos considerações a respeito dessa experiência.

### **Palavras-chave**

formação, trabalho e saúde,  
petroleiros, saberes investidos

### **Resumen**

En este texto presentamos los aportes de la gestión ergológica a la construcción y desarrollo del programa de formación en salud, trabajo y medio ambiente en la industria petrolera. Por ello, haremos algunas reflexiones a partir de nuestra experiencia en la realización de esta en los últimos tres años, que implicó la experiencia de formar una clase presencial y otra a través de plataformas virtuales, debido a las medidas de aislamiento social promulgadas en la pandemia de COVID-19 en Brasil. Describiremos cómo surge el programa de capacitación, cuáles fueron las bases conceptuales y metodológicas que se sustentaron, cómo se construyó, resaltaremos algunos puntos sobre la industria petrolera y la noción de desarrollo dominante y finalmente traeremos consideraciones sobre esta experiencia.

### **Palabras clave**

formación, trabajo y salud, petroleros,  
conocimiento invertido

### **Résumé**

Dans ce texte, nous présentons les contributions de la démarche ergologique à la construction et au développement du programme de formation en santé, travail et environnement dans l'industrie pétrolière. Par conséquent, nous ferons quelques réflexions basées sur notre expérience dans la conduite de ceci au cours des trois dernières années, qui impliquait l'expérience de former une classe en personne et une autre par le biais de

plates-formes virtuelles, en raison des mesures d'isolement social adoptées dans la pandémie COVID-19 au Brésil. Nous décrirons comment le programme de formation émerge, quelles ont été les bases conceptuelles et méthodologiques qui ont été soutenues, comment il a été construit, nous mettrons en évidence quelques points sur l'industrie pétrolière et la notion de développement dominant et enfin nous apporterons des réflexions sur cette expérience.

### Mots clés

formation, travail et santé, pétroliers, savoirs investis

### 1. O início do Programa de formação em saúde, trabalho e ambiente para os petroleiros

O Programa de Formação em Saúde, Trabalho e Ambiente na Indústria do Petróleo (PFSTAIP) foi criado a partir da demanda do sindicato dos petroleiros do Rio de Janeiro ao Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da FIOCRUZ. O seu objetivo é tratar das questões relacionadas à saúde, trabalho e ambiente através do campo da Saúde do Trabalhador. Entendemos que a perspectiva ergológica coaduna com os preceitos desse campo, que inspirou-se desde a sua fundação, na determinação social da doença através da Medicina Social Latino Americana e na luta pela saúde do Movimento Operário Italiano. A ergologia propõe a “formalização de um modo particular de produção de conhecimentos que assenta no diálogo e/ou na confrontação entre os saberes elaborados pelas disciplinas acadêmicas tradicionais e os saberes que os diversos protagonistas das atividades humanas põem em prática na execução da sua atividade” (Di Ruzza & Lacomblez, 2018, p. 37). Desse modo buscamos incorporar os referenciais teóricos e metodológicos da ergologia para traçar o desenho do programa de formação e sua implementação.

Partimos da ideia, como destaca Trinquet (2008), de que a formação deve estar diretamente articulada com o trabalho, deve ter como base questões trazidas da atividade. Entendemos que a formação que é voltada para trabalhadores e trabalhadoras adquire maior sentido para os mesmos quando considera os saberes investidos e se volta para as situações concretas, enfrentadas no dia-a-dia. E também, o caráter formativo no nosso campo tem importante papel de contribuição para a ampliação dos olhares para essas questões e a compreensão sobre o trabalho, para poder transformá-lo positivamente, assim como é para ergologia (Schwartz & Durrive, 2007).

Os primeiros passos começaram com conversas entre o grupo de professores e professoras e o sindicato, na figura de alguns dos seus dirigentes e funcionários, para identificar as principais questões que vinham enfrentando na prática. A partir daí definiu-se conjuntamente a estratégia pedagógica, o formato, a duração e os possíveis temas a serem abordados.

Embora a demanda tenha partido de um sindicato no Rio de Janeiro, nas duas edições o edital do programa de formação foi lançado aberto à categoria petroleira. A princípio a freqüência dos encontros era mensal, sendo dois dias inteiros seguidos. Isso acabou por atrair também o interesse de petroleiros e dirigentes de sindicatos de petroleiros de outras regiões do país e de diferentes federações sindicais. Revelando uma demanda reprimida nessa área de formação voltada para os trabalhadores e trabalhadoras. Na adequação ao modo remoto a freqüência passou a ser quinzenal, com duração de apenas um período e posteriormente, atendendo aos pedidos dos participantes, tornou-se semanal.

Em contraponto, cabe destacar que esse tipo de indústria, por seu aspecto competitivo, estimula e investe constantemente na formação continuada, do que denomina, seus colaboradores. Contudo, percebe-se pela demanda do sindicato que a discussão sobre as relações entre saúde e trabalho pelo ponto de vista da atividade não se estabelece como prioridade para ela. O que reforça a ideia de que a noção de desenvolvimento ainda está associada às inovações tecnológicas, criação de novos maquinários, materiais, processos mais eficazes com menos desperdícios que assegurem o aumento da produtividade, e em certa medida também, aos processos de produção que visem a preservação do meio ambiente. Consoante com Nouroudine (2008), observamos que a atividade de trabalho num sentido amplo, com toda sua complexidade não é ainda considerada nessa concepção, ficando a cargo dos sindicatos e trabalhadores e trabalhadoras convocá-la.

Ainda que existam divergências políticas entre as federações, que com certa freqüência se encontram em concorrência, ou mesmo entre os sindicatos, nos encontros, onde a pauta tratou sempre a relação da saúde e o trabalho, houve a criação de um espaço que propiciou o diálogo amistoso e fecundo. Isso foi fundamental para que pudessem trocar experiências e conhecer como lidavam com situações que eram comuns a todos. Observamos que, ao entrarem em contato com relatos, que trouxeram o patrimônio acumulado dos saberes investidos, os participantes puderam discutir sobre suas práticas, retrabalhar as questões e ampliar suas possibilidades de ação.

## 2. As bases do programa de formação

Trabalhar a formação considerando os saberes investidos, traz muitos desafios. A começar pela complexidade e diversidade dos processos de trabalho dessa indústria de fluxo contínuo que acontecem em plataformas em alto mar, refinarias, navios petroleiros, unidades de transferência e estocagem (ilha), unidades administrativas, centros de pesquisa, aeroportos e helipontos. Envolvendo uma série de profissionais de diversas áreas e com diferentes níveis de formação, de técnicos a doutores. Para essa categoria a peculiaridade é que eles são, em sua maioria, profissionais experientes, que dominam seu processo de trabalho.

Tínhamos o desafio de como instituição do saber não simplesmente replicar, como alerta Schwartz (2009) uma formação que fosse focada sobre o universo da desaderência. Para evitar que a condução do programa seguisse uma postura de exterritorialidade (Durrive & Schwartz, 2018), de certo modo descolada da realidade dos petroleiros, a equipe de coordenação foi composta, além dos professores, por dirigentes sindicais e funcionários dos sindicatos. Esperávamos com isso ter representantes que estivessem diretamente envolvidos com o trabalho, ou com os trabalhadores, que atuassem onshore e offshore em regiões distintas. Buscamos atuar a partir do ponto de vista da atividade, em concordância com Di Ruzza e Lacomblez (2018, p. 39), de que os “saberes investidos não podem ser postos em palavras a não ser pelos seus protagonistas”. Tal composição tem se mostrado essencial para nos aproximarmos das questões que envolvem as situações concretas de trabalho.

Buscamos seguir uma postura de Dispositivos Dinâmico de Três Polos, que como ensina, Schwartz (2009, p. 268), consiste em reconhecer:

“no polo 1, os saberes tendencialmente produzidos em desaderência; no polo 2, aqueles derivados das demandas do tratamento do vaivém entre aderência e desaderência. O polo 3 pontua as convicções iniciais que impulsionam os protagonistas a se engajar nos processos em que cada um deve retrabalhar seus próprios recursos, confrontando-os com os recursos dos outros (diálogos socráticos de duplo sentido). Além disso, desenha o horizonte comum, necessariamente pouco definido, mas que reavalia continuamente, que legitima e torna possível este esforço de compartilhar valores (“polo do mundo comum a construir””).

Estimular a circulação dos diferentes saberes foi algo que aconteceu em todas as etapas, da concepção ao desenvolvimento, de forma dialógica e dialética. Na prática significou, como foi na situação da escolha dos temas, que os mesmos foram definidos nas discussões do grupo de professores e professoras com os participantes da turma, que trouxeram das suas realidades de trabalho questões na área de Saúde do Trabalhador que gostariam de explorar. A partir disso buscamos incorporá-las à programação dos conteúdos, de forma que, dependendo do módulo, direcionou o que, ou como, seria trabalhado. Para tanto a equipe da coordenação do curso (professores e petroleiros) promoveu reuniões com o corpo docente antes de cada módulo para colocar em debate como seria o módulo e quais as temáticas emergentes na turma. Os petroleiros contribuíram informando sobre como identificavam tais questões, apresentaram relatos sobre a sua experiência, quais os elementos que consideraram importantes que fossem trazidos e como as mesmas estavam sendo tratadas até então. O corpo docente trouxe sobre quais perspectivas/abordagens poderia tratar na formação. Então definímos conjuntamente o módulo. Esse formato exigiu uma maior mobilização e disponibilidade do corpo docente em afinar os conteúdos com as especificidades da realidade dos petroleiros.

As aulas presenciais realizaram-se com a disposição das cadeiras em círculo, de modo a criar uma organização espacial que possibilitasse que todos os participantes pudessem ver uns aos outros, num mesmo nível. A maior parte das professoras e professores trabalhou os conteúdos de forma dialógica com os petroleiros, onde ouviram os relatos de experiência e trocaram com os participantes, problematizaram, apresentaram ferramentas teóricas, técnicas, metodológicas e provocaram outras reflexões. Os alunos participaram ativamente, alguns até como professores convidados em determinados temas-, em que contribuíram com o ponto de vista de quem trabalha (Durrive, 2011). De certo modo, podemos considerar que a condução desses encontros com a turma foram inspirados no grupo de encontros do trabalho, da tradição ergológica (Schwartz & Durrive, 2007, 2015). Buscou-se retrabalhar as questões trazidas pelos petroleiros, estimulando o olhar a partir do ponto de vista da atividade, da aderência, que sistematicamente vem sendo ignorado pela indústria. Como uma forma de tirar essa dimensão da penumbra e provocar assim uma postura mais política (Schwartz, 2009). Essas posturas exigiram de ambos que se colcassem também em posição de humildade intelectual frente aos outros saberes para que

de fato as circulações pudessem ocorrer e a partir daí produzir novos conhecimentos.

### **3. Alguns pontos a serem destacados**

A proximidade que tivemos com o trabalho da categoria petroleira nesses últimos anos só corrobora o quanto a nossa escolha pela postura de DD3P foi adequada para a formação. Em concordância com Schwartz (2009, p. 269), consideramos que a ausência da postura do DD3P é sempre prejudicial, no sentido que o polo 1, representado pelas instituições do saber e que legitimamente é focado sobre o universo de desaderência, “pode tornar os saberes do polo 2 socialmente invisíveis, e, portanto conduzir a uma profissionalização expert, sustentada pela autoridade exclusiva das normas antecedentes”. Consideramos que para além dos conteúdos, importa especialmente transmitir a relevância dessa postura, para que eles avancem nas discussões cotidianas, compreendendo que as múltiplas fontes de saberes e de competências devem ser consideradas nos espaços de gestão e de intervenções concretas sobre os meios de trabalho.

Em relação à indústria, o que se observa é que está imersa numa lógica neoliberal, que visa atingir desenvolvimento através de expansão e progresso, onde busca cada vez mais aumentar a produtividade para obter maior lucro. Para tanto busca reduzir os custos, o que invariavelmente recai sobre os petroleiros, em ações como “enxugar” o quadro de efetivos, incentivar os trabalhadores mais antigos à demissão voluntária, aumentar a terceirização, contratar funcionários mais novos com maior formação – contudo sem ou com pouca experiência, entre outras ações. Desprezam-se assim os riscos que isso representa para a saúde e segurança dos que permanecem e o quanto isso implica na qualidade do trabalho que passa a ser prestado em situação de maior precarização das suas condições, ampliando potencialmente o risco de acidentes de trabalho e acidentes ampliados. Como indica Ferreira(2020) a relação entre a política de diminuição de custos e de trabalhadores e o aumento de incidentes e acidentes graves não é imediata e nem direta mas ela existe. Tal situação evidencia uma lógica socioeconômica de desenvolvimento centrada em valores mercantis, a qual ignora completamente o ponto de vista da atividade, o trabalho, os valores sem dimensão, como a saúde, os valores do viver bem juntos, enfim, faz questão de mantê-los invisíveis. Toda a riqueza do patrimônio de saberes acumulados pela categoria no exercício de suas funções não tem sido considerada pela empresa como uma dimensão essencial. Não so-

mente para assegurar a produção de modo mais eficaz, mas também, como fator de proteção para saúde e segurança, remetendo-nos à dimensão do invivível (Schwartz & Durrive, 2007). As dificuldades que encontram para recentrar o seu meio diante dessa correlação tão desigual de forças traduzem-se através do crescente número de adoecimentos relacionados ao trabalho, sobretudo, por transtornos mentais e até mesmo casos de suicídio.

Conforme destacam Di Ruzza e Lacomblez (2018, p. 30) as noções de trabalho e desenvolvimento não devem ser pensadas em «exterritorialidade». Elas necessitam, na sua própria definição, de integrar os saberes experientiais daqueles que trabalham e procuram ser atores e beneficiários do desenvolvimento. Contudo vemos que esse é um grande desafio, especialmente para essa categoria que vem sofrendo fortes pressões por parte da indústria no sentido de desmobilizar e enfraquecer todas as suas lutas e reivindicações. Nesse sentido, diante de um cenário tão cerceado pela empresa, consideramos que torna-se de extrema importância o movimento que os sindicatos tem feito para construir espaços de conexão, como esses que ocorrem no programa de formação “para que possam se desdobrar, no seio desses dispositivos socráticos de duplo sentido, o universo das renormalizações industriais e, por meio destas, possíveis reservas de alternativa a serem debatidas, em seus laços diversificados, com os valores do bem comum” (Schwartz, 2009, p. 269).

### **4. Considerações finais**

As contribuições da démarche ergológica ao Programa de formação em saúde, trabalho e ambiente na indústria do petróleo se traduzem através da incorporação de suas ferramentas teóricas e metodológicas que nortearam a condução do mesmo. Destacando o ponto de vista da atividade, contemplando a complexidade do trabalho, valorizando a experiência dos trabalhadores e trabalhadoras e os seus saberes investidos, assim como a importância de criar espaços de conexão e troca desses com os saberes produzidos em diversos níveis de desaderência e assim produzir novos conhecimentos sobre o trabalho. Tais dispositivos tem se mostrado potentes para contribuir na construção de uma perspectiva voltada para um mundo com valores do bem comum (Schwartz, 2009), de um viver bem, resgatando e reforçando essa face positiva na relação do trabalho e a saúde.

Entre outros desdobramentos que atuaram no sentido da produção da saúde, destacamos a criação de um espaço ímpar para os diferentes sindicatos e federações

sindicais poderem dialogar sobre questões relacionadas à saúde e ao trabalho, e desse modo, conseguiram se articular e se fortalecerem mutuamente. Além de ampliarem o diálogo com parceiros institucionais como universidades e Centros de Referência em Saúde do Trabalhador. Vale destacar que essas relações tem se mantido para além do tempo delimitado em que se desenvolve a formação. Outro aspecto observado é que ao valorizar o ponto de vista da atividade por meio do DD3P, enaltece-se a identidade, o reconhecimento e a dimensão coletiva do trabalho.

Concluímos que apesar do cenário adverso enfrentado pelos petroleiros frente ao aumento da precarização nas condições de trabalho, medo de perder o emprego, das limitações em relação às transformações positivas possíveis no universo do trabalho nessa luta desigual contra as opressões da empresa, o programa de formação tem cumprido o seu propósito de promover uma mudança no olhar em relação às questões de saúde e trabalho o que consequentemente repercute favoravelmente na luta pela saúde.

### **Referências Bibliográficas**

- Di Ruzza, R., & Lacomblez, M. (2018). Nota introdutória. In R. Di Ruzza, M. Lacomblez, & M. Santos (Eds.), *Ergologia, Trabalho, Desenvolvimentos* (pp. 30-42). Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Durrive, L. (2011). A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 47-67. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400003>
- Durrive, L., & Schwartz, Y. (2018). Glossário da Ergologia. In R. Di Ruzza, M. Lacomblez, & M. Santos (Eds.), *Ergologia, Trabalho, Desenvolvimentos* (pp. 25-43). Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Ferreira, L. L. (2020). Falta de efetivos e insegurança em refinarias de petróleo. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 45. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000015919>
- Nouroudine, A. (2008). O trabalho: componente esquecida no documento de estratégia de crescimento e de redução da pobreza nos Comores. *Laboreal*, 4(1), 29-38. <https://doi.org/10.4000/laboreal.11676>
- Schwartz, Y. (2009). Produzir saberes entre aderência e desaderência. *Revista Educação Unisinos*, 13(3), 264-273. <https://doi.org/10.4013/edu.2009.133.4959>
- Schwartz, Y., & Durrive L. (2007). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF.
- Schwartz, Y., & Durrive L. (2015). *Trabalho e Ergologia II: Diálogos sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Trinquet, P. (2008). A formação profissional e continua (FPC) na França: um olhar cruzado. *Trabalho & Educação*, 17(1), 143-151.

# Ergologia como principal ferramenta de prevenção de riscos psicossociais.

# Ergología como herramienta de prevención primaria de los riesgos psicosociales.

# L'ergologie comme outil de prévention primaire des risques psycho sociaux.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFUSÃO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### Christine Martin

AMU Aix-Marseille Université, ED 356, Laboratoire  
IHP Institut d’Histoire de la Philosophie  
13100 Aix en Provence  
christinemartin@hotmail.fr

### Resumo

Em termos de riscos ocupacionais, a resposta institucional, legal e de intervenção agora se encontra em torno de um conceito, o de prevenção primária. Essa orientação, apresentada como “solução” em saúde ocupacional, preconiza ações sobre as causas raízes e não sobre as consequências ou sintomas. Na realidade, muitas vezes permanece um objetivo a ser alcançado ou mesmo uma simples exibição. O consenso encontrado em torno desse conceito de prevenção é recente e não é unânime.

A prioridade dada especificamente às questões de prevenção primária nas organizações de trabalho, levantando velhas questões sobre o equilíbrio de poder e poder na empresa. A abordagem ergológica tanto por meio de suas ferramentas conceituais quanto por meio de sua abordagem transformativa pode ser uma ferramenta disso, mas sob certas condições.

### Palavras-chave

saúde, prevenção, trabalho, porto, condições de trabalho

### Resumen

En materia de riesgos laborales, la respuesta institucional, jurídica y de intervención se encuentra ahora en torno a un concepto, el de prevención primaria. Esta orientación, presentada como una “solución” en salud ocupacional, aboga por acciones sobre las causas fundamentales más que sobre las consecuencias o síntomas. En realidad, a menudo sigue siendo un objetivo por alcanzar o incluso una simple exhibición. El consenso encontrado en torno a este concepto de prevención es reciente y no es unánime.

La prioridad dada específicamente a la prevención primaria cuestiona las organizaciones de trabajo al plantear viejas interrogantes sobre el equilibrio de poder y poder en la empresa. La prioridad dada específicamente a la prevención primaria cuestiona las organizaciones de trabajo al plantear viejas interrogantes sobre el equilibrio de poder y poder en la empresa.

### Palabras clave

salud, prevención, trabajo, puerto, condiciones de trabajo

## Résumé

En matière des risques professionnels la réponse institutionnelle, légale et d'intervention se retrouve aujourd'hui autour d'un concept, celui de la prévention primaire. Cette orientation, présentée comme une «solution» en santé au travail préconise des actions sur les causes profondes plutôt que sur les conséquences ou les symptômes. Sur le terrain, elle reste souvent un objectif à atteindre voire un simple affichage. Le consensus trouvé autour de ce concept de prévention est récent et ne fait pas l'unanimité.

La priorité donnée spécifiquement à la prévention primaire interroge les organisations du travail en reposant des questions anciennes de rapport de forces et de pouvoirs dans l'entreprise. La démarche ergologique tant par ses outillages conceptuels que par sa démarche porteuse de transformation peut être un outil de celle-ci mais sous conditions.

## Mots clés

santé, prévention, travail, port, condition de travail

Le thème du prochain congrès mondial sur la sécurité et la santé au travail de l'OIT (Organisation Internationale du Travail) qui se tiendra en septembre 2021 à Toronto au Canada est: «La prévention dans le cadre de l'ère de la connectivité, solutions mondiales en vue d'assurer des conditions de travail sécuritaires et saines pour tous». Vaste sujet qui montre à quel point la prévention comme réponse aux risques semble faire consensus tant à l'échelle nationale, qu'internationale.

A l'échelle européenne, c'est la directive cadre du mois de juin 1989 qui ancre un principe majeur d'obligation de moyen et de résultat pour «la protection de la sécurité et de la santé des travailleurs».

Aujourd'hui et malgré l'actualité des discussions sur la santé au travail, le temps est plutôt celui des reculs des droits et de la déréglementation comme par exemple les seuils de la pénibilité, les instances représentatives du personnel (IRP) (avec la disparition des Chsct) ou la réforme de la médecine et de l'inspection du travail.

Comme nous venons de l'évoquer la question de la santé au travail, des conditions et de la prévention des risques sont des questions anciennes et éminemment politique. Les débats en cours et la place accordée à la prévention primaire particulièrement pour les risques psycho-sociaux, RPS, sont-ils les signes d'un changement de paradigme? Marquent-ils une reconnaissance des organisations délétères source de mal être et de violence et une volonté de transformation? D'autant que les mutations des situations de travail via la dynamique

servicielle font monter les troubles psycho-sociaux et nécessitent des réponses nouvelles et urgentes. Comme le décrit C Du Tertre dans un article sur l'économie servicielle: «le caractère stratégique des dimensions immatérielles de l'économie rend incontournable la prise en compte de la subjectivité des salariés dans la dynamique économique».

Autant de constats et d'enjeux, à priori partagés avec la démarche ergologique qui pourrait sous conditions être un outil au service de ces transformations. L'objectif d'une prévention primaire qui agit et interroge les causes du mal travail, des troubles psycho-sociaux va t'il jusqu'à chercher les causes dans l'organisationnel, le stratégique et le politique? Quelles garanties et moyens sont mis à disposition dans les entreprises et dans les services associés pour y arriver?

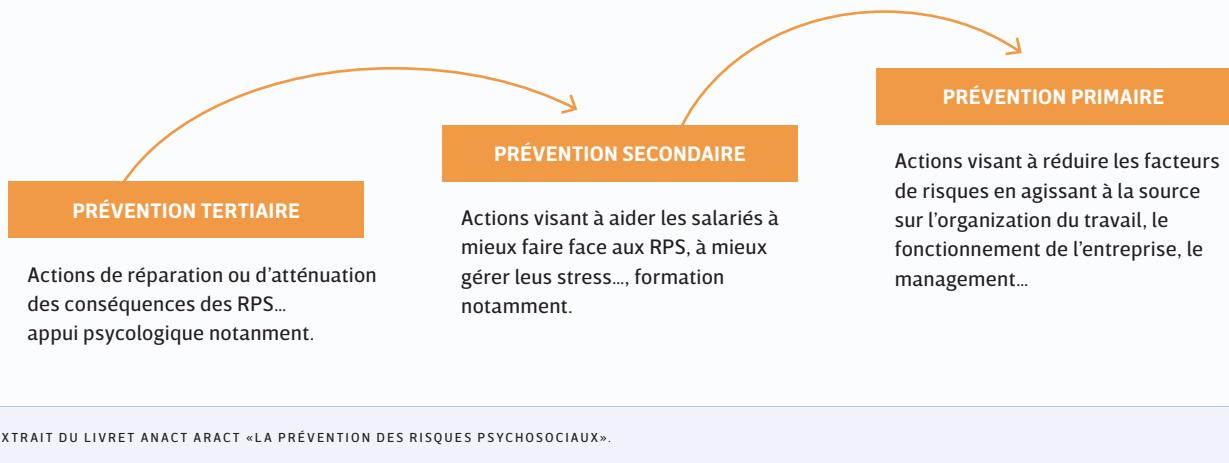
Nous proposerons à partir de notre recherche en cours menée dans le cadre d'une thèse de doctorat en philosophie sur les conditions d'une émancipation par le travail financée par un Cifre (Convention Individuelle de Formation par la Recherche) au sein de Fluxel SAS de montrer en quoi la démarche ergologique de par sa revendication transformatrice peut répondre à l'ambition d'une prévention primaire. D'une part du fait de sa proposition d'intervention mais aussi du fait de son exigence d'une dialectique stricte entre le plus infime de l'activité et l'échelle macroscopique de la société?

## 1. Mais de quoi parle-t-on quand on parle de prévention? quel apport de l'ergologie?

La prévention est définie par l'OMS (Organisation Mondiale de la Santé) dès 1948 comme «l'ensemble des mesures visant à éviter ou réduire le nombre et la gravité des maladies, des accidents et des handicaps» et la prévention primaire comme «l'ensemble des actes destinés à diminuer l'incidence d'une maladie (...), à réduire l'apparition de nouveaux cas dans une population saine par la diminution des causes et des facteurs de risques». A ce titre, elle constitue un élément essentiel de la santé publique. C'est dans cet esprit que la définition de la prévention primaire des RPS est définie comme réduisant et éliminant à la source les risques en agissant sur les causes profondes plutôt que sur les conséquences ou les symptômes. La prévention est également déclinée en deux autres niveaux plus orientés sur le court terme et la réparation.

## LES TROIS NIVEAUX DE PRÉVENTION

Une démarche de prévention cohérente s'appuie sur les trois niveaux décrits ci-dessous et cherche à réduire la proportion d'actions curatives (secondaires et tertiaires) au profit d'actions réellement préventives (primaires).



Nous proposons une lecture de ces trois niveaux à partir de la définition du risque proposé par Yves Schwartz (2015). Une définition construite à partir de l'activité qui identifie deux types de risques dans un: «va et vient entre des conditions d'environnement objectivables, qui exposent à des risques anticipables que nous appelons «risques professionnels» et une dimension énigmatique, qui reconfigure en partie ces conditions de notre engagement industriel et conduit à ce que nous nommons les «risques du travail»».

En s'appuyant sur cette définition, on peut supposer que les types de prévention tertiaire et secondaire s'appliquent aux risques «professionnels»: ceux qui sont identifiés, mesurés et évalués. Ils s'appuient sur une approche classique de la prévention qui cherche à éviter les conditions dangereuses. Les actions sont ciblées sur la rencontre entre l'homme et le danger en définissant l'opérateur comme une cible passive et les réponses en terme de prévention sont normatives, souvent partielles voir inefficaces. En effet l'opérateur est traité comme l'objet du risque et les actions se portent sur les comportements humains par la formation notamment.

A l'inverse, la prévention primaire cible l'organisation, identifie les causes pour les modifier à la source et peut nous laisser supposer une prise en compte de la dimension énigmatique de l'activité et donc des «risques du travail» tel que défini précédemment. L'ergologie a depuis longtemps la question de la prévention avec les travaux de Pierre Trinquet notamment sur l'ergoprévention: une «prévention des risques du travail qui sans ignorer les risques professionnels, prend en compte tout le reste et les renormalisations incessantes». De même les tra-

vaux récents d'Ingrid Dromard et Tine Roth (2019) qui s'appuyant sur leurs pratiques d'intervention utilisant les GRT (groupes de rencontres du travail) concluent qu'ils: «s'inscrivent dans une démarche de prévention embarquée des risques psychosociaux et d'amélioration de la qualité de vie au travail». En effet en prenant «l'activité comme grille de lecture», cela permet aux autrices «de penser le travail de manière plus originale [...] comme le compromis d'un débat entre un usage de soi à la fois consenti par soi-même et requis par les autres, c'est-à-dire un débat entre ce que j'exige de moi en fonction de mes propres normes et valeurs et ce que les autres exigent de moi». Les résultats observés et décrits par les autrices qui «en partant des adaptations singulières [font] émerger une cartographie de l'organisation réelle du travail, celle qui permet à l'ensemble de fonctionner» permettent une action sur certains facteurs de RPS. Nous identifions au regard de notre recherche en cours un point de vigilance. Les interventions, sans un cadrage fort et un engagement de l'ensemble des acteurs de l'entreprise peuvent, même avec une éthique d'intervention et le déploiement des outils de l'ergologie, ne rester que sur la prévention secondaire. Des actions qui permettent un renforcement individuel et collectif, de la remédiation mais qui une fois les experts ou les médiatrices (comme définis dans l'article de Tine Roth et Ingrid Dromard) quittent l'entreprise, ne modifient pas ou peu les modes d'organisation s'ils ne construisent sur un commun. Ce commun peut être défini comme un projet héritage, défini en ces termes par Louis Durrive (2009): «Une situation de travail prise dans un instantané peut paraître figée, identique en ce qu'elle combine des moyens maté-

riels et des hommes, en vue de produire un bien ou un service. En réalité, cette situation porte une histoire et un avenir pour ceux qui s'y investissent. Elle contient à leurs yeux des «projets-héritages» qui donnent une force symbolique à leur travail, au-delà de la réalité économique. Le projet dessine ce qui fait héritage dans la situation, et réciproquement: l'héritage est déterminant pour construire les contours du projet. Sans cette mise en perspective, impossible d'approcher l'activité humaine le point de vue de ceux qui font, de ce lieu de production, *leur milieu de vie au travail*.

La transformation visée est à tenir par deux bouts. D'une part une analyse, une mise en discussion qui regarde «au microscope ce que recouvre pour chacun d'entre nous l'agir au travail», qui doit s'articuler «dialectiquement aux modes de gouvernance de la production industrielle humaine au sein d'un monde social à transformer. [...] Cette dialectique s'identifie à celle du micro- et du macro social», comme le précise Yves Schwartz en 2017.

L'ambition de la prévention primaire, réaffirmé dans le plan santé 3 du gouvernement pour 2016/2020 comme prioritaire et la loi en cours de discussion intitulé «pour renforcer la prévention en santé au travail» présentent un même constat comme fondement de leurs réformes: les limites des actions basées uniquement sur la réparation ou l'adaptation et la nécessité d'un changement de modèle.

Là encore, l'ergologie peut apporter une réponse puisqu'elle définit le travail comme le «champ où se pose de façon privilégiée les questions des finalités de la vie sociale pour chaque humain, chaque groupe d'humain, et pour l'humanité entière à chaque moment de son histoire». Le concept de «réserves d'alternatives» peut lui aussi être porteur de propositions pour travailler et construire ces nouveaux modèles. Présentes, partout dans les renormalisations de chaque protagoniste de l'activité, elles portent en elles «un travailler et un vivre autrement». Il faut cependant pointer qu'elles ne sont accessibles qu'à condition de créer un espace encadré, préservé et sécurisé pour qu'elles s'expriment. Des conditions plutôt d'ordre méthodologique, ou éthique qui sont aujourd'hui en effet largement prônées dans les démarches d'intervention. Mais cette condition nécessaire et pas toujours présente, n'est pas suffisante. «La socialisation des réserves d'alternatives se cristallisant à travers des projets- héritages est ce qui doit permettre d'éviter des dérives, [...] organisant la vie sociale en chapelets de normes locales, plus ou moins compatibles entre elles, échappant à toute mise en débat pour créer un monde commun». C'est bien cette condition de

socialisation dans des projets héritages qui permet de dépasser la réparation ou l'accompagnement et viser la transformation et la prévention primaire.

Notre recherche en cours et le GRT présenté ci-après tente de pointer la difficulté de la socialisation en l'absence de projet héritage. La mise en dialectique entre ces réserves d'alternatives, présente à partager, pour construire des projets héritages qui leur permettent de sortir de l'équipe, du service, de l'entreprise est une condition pour lutter «contre la tendance à la réification mortifère de nos semblables, contre «la fonte accélérée des valeurs humaines» cette posture d'humanisme énigmatique donne leur chance à ces réserves d'alternative que génèrent tout activité humaine et, singulièrement, toute activité de travail» Yves Schwartz (2017).

## **2. Notre intervention en santé au travail sur la prévention primaire des risques psycho sociaux à Fluxel, le cas de la maintenance préventive**

### **2.1. Quelques éléments de présentation de Fluxel S.A.S et de notre mission:**

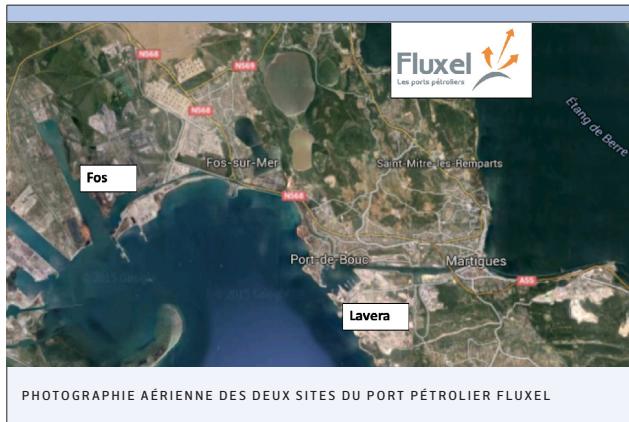
Fluxel S.A.S est une PME (petite et moyenne entreprise) de 235 salariés à l'histoire séculaire. Créé le 16 mai 2011, elle est issue de la réforme portuaire de 2008, réforme qui a transformé les ports autonomes en GPM (grands ports maritimes) et qui a pour Marseille, filialiser l'activité pétrole et conduit à la création d'une entité juridique privée après un long conflit social.

L'activité de Fluxel, port pétrolier de Martigues est de desservir en vrac liquide les entreprises sur ses deux sites de Fos et de Lavera. Les deux grandes filières industrielles: le raffinage et la petro et chlorochimie sont ainsi desservis par un réseau de pipeline. Intermédiaire entre la terre et la mer, entre les navires et les industriels du pourtour de l'étang de Berre, de la vallée du Rhône et du grand sud Européen, elle assure un service aux navires 365 jours par an, 24h/24h.

Une activité de service au centre des flux internationaux dont la nature est d'intérêt national qui approvisionne les industries et permet aussi le maintien des stocks stratégiques de pétrole de l'Etat. Une histoire du rapport de force qui est celle du monde portuaire et qui spécifiquement au sein de Fluxel est importante. Bastion historique de la Cgt, la tradition de dialogue sociale y est musclée en interne, mais aussi vers l'externe. La place stratégique de l'entreprise en fait un maillon incontournable de l'économie Française avec un pouvoir de blocage important.

Sa structure fonctionnelle se découpe en quatre directions de taille différente. La direction des opérations fonctionne en 3X8 avec 5 équipes d'ouvriers postés par

site et représente environ 60% de l'effectif. La direction technique fonctionne en deux ateliers mécanique et électrique, un service travaux neufs et un service informatique. Les directions, administrative et des affaires générales sont des directions supports qui fonctionne en 4 jours par semaine comme l'ensemble des personnels en journée. En termes d'activité, les chiffres de 2020 sont les suivant: 2530 escales de navires et un tonnage de plus de 35 millions de tonnes cumulés sur tous les produits (brut, raffinés, GPL (gaz de pétrole liquéfié) et produits chimiques).



Notre intervention dans l'entreprise, dans le cadre d'une Cifre, vise à accompagner le président dans la mise en œuvre d'une politique de prévention primaire des risques psycho sociaux et le pilotage de la démarche. La volonté partagé du Président et des élus CGT (organisation syndicale majoritaire à Fluxel) était au moment de notre embauche (en février 2018), celle de les aider à donner du sens à leur entreprise qui née d'un conflit avait des difficultés à construire son identité propre, même 7 ans après sa création. Un objectif commun a été identifié celui de retrouver la «fierté» d'y travailler, un projet qui devait être une réponse aux tensions et violences intra et inter services ainsi qu'avec la hiérarchie comme décrits dans l'expertise sur les RPS en novembre 2017. Cependant la mise en œuvre d'actions a été difficile au démarrage, tenir bon dans les injonctions des instances extérieures (Carsat, inspection du travail) et interne sur une méthodologie participative, mettant en discussion les savoirs et garantissant une éthique a été la première mission. La question de la prévention n'est apparue que récemment dans les discussions, après 3 ans d'intervention et deux nouvelles expertises (une sur le risque chimique en décembre 2018 et un accompagnement pour l'évaluation et l'identification des risques psycho sociaux en février 2019). L'arrivée d'un nouveau président en mai 2019 avec des objectifs sur l'avancée des

trois chantiers majeurs définie par les administrateurs dont la démarche de prévention des risques psycho sociaux a aussi contribué à donner un nouvel élan à la démarche. L'objectif de prévention primaire reste une ambition dans l'entreprise Fluxel et le chemin long à parcourir. Jalonnée d'étapes qui contribuent à un changement de méthodes, de modifications de procédures, de méthode de concertation et de retour d'expériences, le chemin de la prévention primaire est difficile et fragile car intimement lié aux rapports de force et de pouvoir au sein de l'entreprise.

## 2.2. Un GRT pour la planification de la maintenance préventive



Afin d'illustrer notre propos, nous présentons les travaux d'un GRT thématique sur la planification de la maintenance préventive. Source de stress et de qualité empêchée, les mauvaises conditions de réalisation de la maintenance préventive sont identifiées dès l'expertise RPS. La maintenance préventive, différente de la curative organise les réparations, inspections, renouvellement des installations à partir d'une planification soit réglementaire soit annuelle. Les ateliers de maintenance organisent leurs plans de charges annuelles à partir de ces deux grandes familles d'intervention. La condition pour organiser une maintenance préventive est donc une planification annuelle faite en lien avec les clients. En effet ces interventions nécessitent un arrêt d'exploitation d'un quai et ce pendant cinq jours pour réaliser l'ensemble des tâches.

Ce sujet est à priori facile du point de vue de l'intervention et peu polémique en interne car porté avec la même force des ouvriers jusqu'au directeur. De plus il est un moyen facile de concilier prévention des risques des ouvriers et entretien des installations. De plus ces difficultés d'organisation de la maintenance ont également des conséquences sur les conditions de travail

des opérateurs (vannes, bras et autres matériels grippés ou inutilisables parce que pas ou pas assez entretenus). Utilisateurs quotidiens des installations, la dégradation des installations a contribué à dégrader aussi les relations entre ces deux corps de métiers.

Un GRT a donc été constitué en juin 2019, il a d'abord consisté en une revue des gammes par métier. Ces gammes détaillent les matériels, la fréquence et les interventions. Dans un second temps et avec l'encadrement de proximité, les conditions d'interventions communes et spécifiques aux électriciens et mécaniciens ont été analysées afin de définir les bonnes conditions d'interventions. Ce dialogue a permis de pointer et partager la nécessité d'autres conditions comme: l'absence de co activité avec d'autres entreprises, le partage des tâches entre ateliers ou encore la prise en compte des conditions météorologiques.

Malgré un travail répondant à une demande commune, pointé par des experts comme source de troubles psychosociaux et répondant à un objectif de prévention, la réussite de ce GRT n'a été possible qu'après le changement de président et d'orientation stratégique de l'entreprise. En effet, bien identifié par les acteurs déjà, l'enjeu pour la réussite de l'objectif tenait à des choix stratégiques de la direction. Le choix avait été fait au moment de la création de l'entreprise de donner la priorité au trafic qui conduisait à des interventions de préventif toujours raccourci en temps, annulées à la dernière minute ou dégradées car en co activité avec d'autres entreprises.

Cet exemple précis d'intervention, même sur un sujet peu conflictuel, nécessitant que peu de changement en interne et répondant exactement à l'injonction de prévention, permet d'identifier qu'un résultat efficace dans le temps n'est possible que grâce à une conjonction de facteurs. Comme le précise Philippe Davezies dans «la prévention entre débat social et souffrance individuel» il existe différents niveaux d'actions et de responsabilités et différents types d'atteintes à la santé. Les atteintes qui relèvent de l'état des relations techniques et sociales et qui sont le fruit de compromis sociaux, relèvent d'un niveau politique, pas accessible aux professionnels de la santé externe et difficilement en interne.

Cet exemple nous semble illustrer une limite à une injonction de prévention primaire, qui doit même dans le plus petit et précis des situations de travail s'articuler avec des dimensions plus structurelles, organisationnelles et politiques des entreprises et au-delà. Ici sans un changement de pratique qui donne la priorité à l'exploitation, à la satisfaction immédiate des demandes des clients sans donner la même importance aux conditions

de travail de ses salariés et même de ses installations, toute réparation ou aménagement n'est que temporaire et sans changement ni transformation.

## Bibliographie

- Davezies, P. La prévention entre débat social et souffrance individuelle. *Forum*, 149(3), 6–12.
- Dromard, I., & Roth, T. (2019). Faire le travail autrement. *Nouvelle revue de psychosociologie*, 1(1), 185–196. <https://doi.org/10.3917/nrp.027.0185>
- Durrive, L. (2014). *La démarche ergologique: pour un dialogue entre normes et renormalisations*. Communication au IIème Congrès de la Société Internationale d’Ergologie, Sierre, Suisse.
- du Tertre, C. (2013). Économie servicielle et travail: contribution théorique au développement «d'une économie de la coopération». *Travailler*, 1(1), 29–64. <https://doi-org.lama.univ-amu.fr/10.3917/trav.029.0029>
- Schwartz, Y. (2009). Manifeste pour un ergo-engagement. In Y. Schwartz, & L. Durrière (Dir.), *L'activité en dialogues. Entretien sur l'activité humaine (II)*. Toulouse: Octarès.
- Schwartz, Y. (2015). L'énigme du travail: risques professionnels et risques du travail. In A. Thébaud-Mony (Ed.), *Les risques du travail: Pour ne pas perdre sa vie à la gagner* (pp. 373–380). Paris: La Découverte.
- Schwartz, Y. (2017). Travail, «projets-héritages», alternatives. *Actuel Marx*, 1(1), 140–152. <https://doi.org/10.3917/amx.061.0140>
- Trinquet, P. (2009). L'apport de l'ergologie: l'ergoprévention. In *Prévenir les dégâts du travail l'ergoprévention* (pp. 133–168). Paris: Presses Universitaires de France.

**Levando em conta a vivência dos idosos na melhoria dos serviços que lhes dizem respeito: um desafio metodológico envolvendo o patrimônio ergológico.**

**Tener en cuenta la experiencia de las personas mayores en la mejora de los servicios que les conciernen: un desafío metodológico que involucra el patrimonio ergológico.**

**Prendre en compte l'expérience des personnes âgées dans l'amélioration des services les concernant: un défi méthodologique convoquant le patrimoine ergologique.**



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



U PORTO CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie



**Ingrid Dromard**

Post-doctorante Laboratoire Pacte,  
Université Grenoble Alpes  
Pacte IEP - BP 48 – 38040 Grenoble Cedex 9  
ingrid.dromard@gmail.com

**Tine Manvoutouka Roth**

Post-doctorante Laboratoire Pacte,  
Université Grenoble Alpes  
Pacte IEP - BP 48 – 38040 Grenoble Cedex 9  
roth.tine@gmail.com

**Resumo**

Esta comunicação questiona a metodologia de investigação e intervenção intercalar de um projeto europeu sobre “envelhecer bem” a partir de um questionamento da postura do orador num projeto de investigação sobre a participação de pessoas idosas aos serviços que lhes são destinados. Quais são as diferentes lógicas presentes em tal configuração de intervenção social, como são feitos os compromissos e, por fim, como são retrabalhadas as posições dos diferentes protagonistas ao longo do projeto?

**Palavras-chave**

participação, postura, trabalhador,  
idoso, envelhecer bem

**Resumen**

Esta comunicación cuestiona la metodología de investigación e intervención intermedia de un proyecto europeo sobre “envejecer bien” desde un cuestionamiento de la postura del hablante en un proyecto de investigación sobre la participación de las personas, las personas mayores a los servicios destinados a ellos. ¿Cuáles son las distintas lógicas presentes en tal configuración de intervención social, cómo se hacen los compromisos y finalmente cómo se reelaboran las posiciones de los diferentes protagonistas a lo largo del proyecto?

**Palabras clave**

participación, postura, trabajador,  
anciano, envejecimiento bien

**Résumé**

Cette communication interroge la méthodologie de recherche et d'intervention à mi-parcours d'un projet européen sur le «bien-vieillir» à partir d'un questionnement sur la posture de l'intervenant dans un projet de recherche sur la participation des personnes âgées aux services qui leurs sont destinés. Quelles sont en effet les différentes logiques en présence dans une telle configuration d'intervention sociale, comment sont élaborés des compromis, et enfin comment se retravaillent les postures des différents protagonistes tout au long du projet?

**Mots clés**

participation, posture, intervenant,  
personnes âgées, bien-vieillir

Depuis janvier 2020 nous participons à une recherche intitulée *Towards an age-friendly environnement* (TAAFE - janvier 2020-juin 2022) initiée dans le cadre d'un programme européen Interreg répondant aux défis actuels du vieillissement de la population et de la croissance du nombre de personnes isolées. Elle est portée par un consortium international qui se déploie dans 5 villes de 5 pays européens de l'espace alpin (Trévise en Italie, Žiri en Slovénie, Feldbach en Autriche, Mössingen en Allemagne et Marseille en France). Cette recherche vise à favoriser les environnements physiques et sociaux pour le «bien vieillir» (vieillissement actif et en bonne santé). En d'autres termes, il s'agit d'améliorer les capacités des autorités publiques et des fournisseurs de services présents dans l'espace alpin à promouvoir un «environnement amis des aînés» (*Age-Friendly Environment*, AFE - tel que défini par l'Organisation Mondiale de la Santé), grâce à des outils innovants et des méthodes participatives incluant des personnes âgées de plus de 60 ans. La démarche vise à compléter l'expertise des acteurs gérontologiques traditionnels grâce à une approche intersectorielle en faveur de la prise en compte d'autres partenaires d'une part, et par la prise en compte du «savoir expérientiel» des personnes âgées d'autre part. L'originalité de cette démarche consiste à s'appuyer sur une véritable implication - au-delà d'une simple consultation à un temps donné - des aînés à l'évolution des territoires qui les concernent.

Cet ancrage dans l'expérience des aînés a pour objectif de trouver des solutions adéquates pour faire face aux problèmes communs posés par le vieillissement de la population dans une diversité de domaines (relations sociales, transports, accès aux services, ...). L'objectif consiste non pas à faire «pour» mais «avec»: «avec» les aînés et «avec» des acteurs au-delà du secteur gérontologique. Participer c'est partager un mouvement de vie, une entreprise commune. La mutualisation des compétences et des caractéristiques singulières de ceux qui font le groupe, est d'autant plus appréciable que le projet, sans cesse réinventé, trouve son aboutissement et propage en retour ses effets positifs. Cependant, la technicité de certains projets peut quelquefois entraver la participation de certains parce qu'elle exige des compétences ou des connaissances non maîtrisées. Le risque consiste alors à retrouver «toujours les mêmes», en raison des trajectoires de vie marquées par l'engagement associatif, notamment militant ou syndicaliste<sup>[1]</sup> ou en raison de la place prise par les «porte-paroles» aînés ou l'ensemble des personnes: «professionnels, élus, familles, jeunes retraités»<sup>[2]</sup> parlant en leur nom. Le problème qui se pose à nous est alors le suivant: dans un projet favorisant la

participation des aînés, qu'en est-il de l'implication réelle des plus en difficulté, des plus isolées, des plus désocialisées, des dits «invisibles»? Quelle posture adopter pour favoriser cette participation et faire en sorte qu'elle soit féconde pour les acteurs mobilisés? Comment concilier les différentes logiques en présence? Comment favoriser l'élaboration de compromis? Comment se retravaillent les postures des différents protagonistes tout au long du projet? Dans quelle mesure et à quels moments le patrimoine ergologique peut-il être convoqué dans sa mise en œuvre? Nous présenterons tout d'abord les spécificités du public sollicité ainsi que la thématique retenue, puis nous évoquerons les différentes logiques en présence dans le projet. Enfin nous terminerons en questionnant la posture du facilitateur méthodologique au regard notamment de la démarche ergologique.

## **1. Présentation du public et de la thématique retenue**

Dans le cadre du projet, nous avons fait le choix de travailler avec un public peu habitué à s'exprimer, des personnes âgées isolées, voire très isolées socialement, le public dont s'occupe depuis 1946 l'association des Petits Frères des Pauvres. L'isolement est une situation dans laquelle se trouve une personne qui, du fait de relations durablement insuffisantes dans leur nombre ou leur qualité, présente des risques de souffrance et de danger<sup>[3]</sup> (perte d'identité, déprime, perte de l'estime de soi, aggravation de pathologies). Nous avons constitué des groupes d'expression afin de recueillir les témoignages, les besoins et les propositions de personnes âgées pour faire face à l'isolement et favoriser le «bien vieillir». Le recueil s'est fait sur la base de deux questions: Selon vous, qu'est-ce qui est adapté aux personnes âgées dans votre quartier/ville? Et que souhaiteriez-vous améliorer dans votre quartier/ville afin que votre environnement soit plus adapté aux personnes âgées?

Ces groupes se sont tenus dans deux établissements gérés par l'association marseillaise des Petits Frères des Pauvres: une maison d'accueil à la journée (La Campagne «Le Manier») et une pension de famille (qui accueille des personnes de plus de 60 ans ayant connu la grande exclusion, souvent issues d'un parcours dans la rue ou en centre d'hébergement). Les groupes d'expression étaient composés, pour chacun, de 6 à 12 personnes âgées ainsi que des bénévoles des PFDP.

La pandémie de Covid-19 et les confinements qui se sont succédés nous ont contraints à repenser les modalités d'animation de ces groupes sous la forme de visioconférences en groupe et d'entretiens téléphoniques individuels. Il apparait au fil des discussions que le processus de dématérialisation numérique, de plus en plus rapide,

impacte inévitablement les interactions sociales. Il est identifié comme un facteur extrêmement critique pour les personnes âgées vivant seules et pour lesquelles les relations sociales sont centrales: caisses automatiques dans les supermarchés, validation mécanique des tickets du tiers, les bornes numériques qui limitent les contacts dans les administrations. Un monde «sans contact» où toute relation semble être volée, du moins compromise. Nous avons alors retenu la problématique suivante: face au tout numérique qui peut contribuer à exclure les plus âgés et les plus démunis parce que cela diminue les interactions sociales, qu'est-ce qui favoriserait la sortie de l'isolement et comment améliorer les capacités des autorités publiques et fournisseurs de services à promouvoir un environnement favorable aux seniors? Par ailleurs, certaines actions mise en œuvre par la pension de famille des Petits Frères des pauvres ont été identifiées comme facilitant le bien vieillir: la sociabilité, l'accompagnement social et administratif, et l'accompagnement santé. Ces actions facilitatrices vont, dans la suite du projet, être présentées et discutées avec les acteurs locaux (partenaires) pour réfléchir, définir et proposer «une action prioritaire» à mettre en œuvre. En effet, le processus de co-construction avec les ainés, que soutient le projet TAAFE, présente des opportunités de dialogue entre les personnes âgées et les acteurs locaux pour développer de nouvelles formes de changement social et d'action sociale. Cela dit, le dialogue nécessite, pour s'établir, que chacune des parties admette que les savoirs qu'il détient sont importants mais néanmoins insuffisants au regard de la multitude de savoirs en présence<sup>[4]</sup>. Nous pouvons dès lors mesurer la fragilité du projet qui consiste à soutenir l'individu dans sa capacité d'agir, si le politique ou l'institution reste l'ultime décisionnaire, celle ou celui qui fixe les règles du jeu. «Ces règles peuvent faire l'objet d'une concertation mais le degré de participation dépend de la bonne volonté des responsables institutionnels [qui] maîtrisent pratiquement toujours leur application<sup>[5]</sup>». La participation représente pour nous un réel défi méthodologique parce que d'une part, il s'agit de faire dialoguer ensemble différents points de vue: privé/public, bénéficiaires/prestataires, formel/informel, différentes temporalités, de recherche / du projet, des bénéficiaires / des prestataires de services. Et parce que, d'autre part, ce défi est relatif à une posture éthique et épistémologique relevant de l'ergologie. Celle-ci exige de maintenir un inconfort intellectuel<sup>[6]</sup>, où les personnes interrogées sont une force de rappel permanente pour l'orientation du projet. Cela réclame de se laisser surprendre par l'existant et de ne pas laisser place aux préjugés.

## **2. Les différentes logiques en présence dans le projet**

Nous souhaitons commencer par soulever les différentes logiques en présence dans le projet TAAFE, car comprendre le fonctionnement de celui-ci dans son ensemble permet de comprendre ses mécanismes structurels et d'identifier les points de blocage et les marges de manœuvre. Dans un premier temps, il s'agit en effet de décoder les différents enjeux et intérêts des acteurs qui vont être amenés à se rencontrer autour d'un projet de transformation sociale. Dans un deuxième temps, il s'agit de faire une analyse de ces jeux d'acteurs. Ce projet met effectivement en présence une pluralité d'acteurs, une pluralité de normes, et donc une pluralité des configurations de représentations.

Dans le cadre de ce projet, un trio a été constitué au sein de chaque ville pilote. Dans le cas français, il est porté par deux facilitatrices méthodologiques (nous), un chargé de mission représentant une structure<sup>[7]</sup> qui rassemble des organisations sanitaires, sociales, médico-sociales et de services à la personne autour de la construction d'un parcours de soins et de services aux domiciles, dans une logique de coopération et de coordination des acteurs, et deux représentants des ainés, bénévoles dans l'association des Petits Frères des Pauvres. «Ces acteurs réels, individuels ou collectifs, circulent entre plusieurs logiques, choisissent entre plusieurs normes, gèrent de multiples contraintes, sont au confluent de plusieurs rationalités»<sup>[8]</sup>.

- Une des logiques des personnes âgées rencontrées est une logique à la fois de bénéficiaires et d'usagers de services sociaux. L'association des Petits Frères des Pauvres travaille en effet à la reconstruction du lien social au travers de déjeuners et d'ateliers thématiques. Si la participation au projet représente, pour eux, la possibilité de rencontrer d'autres personnes (logique individuelle), elle offre aussi l'opportunité de s'investir et de prendre part à l'amélioration des services qui les concerne (logique commune). Dans les groupes d'expression que nous animons, nous considérons les personnes âgées qui y prennent part, de manière volontaire, comme des acteurs et non comme bénéficiaires de services. Nous sommes attentives à percevoir au travers de leurs expériences de vie ce qui facilite le bien vieillir ou à l'inverse le complique. Nous ne posons pas de questions, nous les laissons nous guider. Notre travail réside dans l'objectivation, la classification et l'analyse des faits énoncés.
- Une des logiques des Petits Frères des Pauvres est une logique de développement de leur offre de ser-

- vice, à savoir la possibilité d’obtenir un diagnostic supplémentaire leur permettant de répondre aux besoins de leurs bénéficiaires.
- Une des logiques du partenaire institutionnel vise essentiellement à s’inscrire dans une dynamique d’amélioration de services et d’accompagnement des seniors. L’objectif est donc de développer l’offre de services proposée aux structures partenaires ayant une rentabilité à court ou moyen terme. L’offre de service doit être transposable à un plus large public sur tout le territoire de la région PACA. Un chargé de mission a été recruté pour mettre en œuvre une ou des actions pour un public ciblé. Il est le garant de la gestion administrative et logistique du diagnostic. Il fait le lien entre les besoins des personnes âgées et l’offre de service de sa structure.
  - Les facilitatrices méthodologiques ont pour rôle de recueillir, traiter et analyser les informations recueillies auprès des différentes parties prenantes et d’animer un Groupe d’Action Locale (GAL) composé des structures locales (services d’aide à la personne) et des personnes âgées rencontrées afin de réfléchir à «une action prioritaire» à mettre en œuvre sur un an. Elles sont responsables de la médiation entre les différentes parties prenantes et jugent de la faisabilité de l’action choisie (ressources et temps disponibles). Elles veillent également à garantir les conditions permettant l’établissement d’un dialogue fécond entre les différentes parties prenantes du projet. Les facilitatrices méthodologiques sont le garant scientifique de la démarche: elles co-construisent le recueil des données et l’analyse en apportant un savoir-faire et une méthodologie.

### **3. La posture du facilitateur méthodologique: une posture ergologique?**

Les logiques du partenaire doivent être combinées à celles émergeant des groupes d’expression et à celles des facilitatrices qui doivent veiller à la coopération de tous pour imaginer, en commun, des pistes, des solutions satisfaisantes pour chacun. Cette méthodologie repose largement sur la posture de ces dernières. Examinons alors les caractéristiques de cette posture particulière. Celle-ci se distingue, tout d’abord, de celle de l’expert qui, par définition est celui qui, sur la base de ses compétences explique aux autres et propose, voire impose. Or, c’est bien cette légitimation scientifique qu’il s’agit de mettre en dialogue, d’autant que cette posture peut aussi être celles d’autres autour de la table, notamment des prestataires, des partenaires qui, par exemple, peuvent être des représentants d’institutions publiques. La pos-

ture de l’expert empêche généralement l’établissement d’un dialogue égalitaire puisqu’il s’agit de transmettre des savoirs savants à ceux qui ne savent pas. D’autres postures<sup>[9]</sup> rendent également ce dialogue difficile. La posture du «conseiller», par exemple, considéré comme un indépendant apte à fournir des éléments objectifs et qui bénéficie d’une position d’extériorité. La posture du «serveur», également, qui correspond à la posture de celui qui apporte les arguments d’une décision déjà prise. Ce serait par exemple, pour les facilitatrices, jouer seulement la carte du chercheur qui rapporte les savoirs du terrain, les besoins issus des pratiques sociales obstruant ainsi la mise en dialogue des savoirs. Le socio-anthropologue Jean-Pierre Olivier de Sardan classe également les postures de «l’expérimentateur» ou de «l’empiriste» dans cette posture relevant de «l’idéologie du terrain». Il oppose cette posture au «populisme méthodologique» qui décrit un savoir local particulier sans se prononcer sur sa valeur. Et il l’oppose également au «populisme idéologique» qui valorise les savoirs issus du terrain contre les savoirs scientifiques<sup>[10]</sup>.

La posture des facilitatrices méthodologiques se distingue, enfin, de la posture du «théorisateur» qui oppose savoirs savants et savoirs non savants, scientifiques et non scientifiques, pour laquelle seuls les savoirs savants peuvent apporter de la connaissance. Or, le dialogue des savoirs visé par la posture ergologique – aussi appelé dialogue socratique à double sens – se veut égalitaire dans l’optique d’élaborer et de produire des connaissances spécifiques à l’analyse des activités et des gestes caractéristiques de la vie des sociétés humaines<sup>[11]</sup>.

La posture ergologique s’appuie donc avant tout sur une posture d’humilité, d’inconfort intellectuel partagé et se positionne contre la distinction entre celui qui sait et celui qui ne sait pas. «En situation d’inconfort intellectuel permanent, il faut accepter de nous instruire de nos semblables»<sup>[12]</sup>. Les personnes âgées sont ainsi considérées comme des acteurs et non plus comme l’objet des services sociaux qui leurs sont destinés. L’appropriation passe par les valeurs de partage et les possibilités de dialogue instaurées entre les différents savoirs en présence dans un processus d’amélioration des services et d’accompagnement des personnes vieillissantes. L’objet du projet européen sur le «bien-vieillir» revient alors à élaborer conjointement une offre de service avec les structures de services à la personne et les potentiels bénéficiaires concernés. Dans un tel dialogue, le pouvoir est partagé avec les acteurs. Une telle posture épistémologique sur la commensurabilité des savoirs impacte évidemment le travail collectif et exige une constante adaptation des membres du trio.

## Références Bibliographiques

- Canguilhem, G. (2002). *Ecrits sur la médecine*. Paris: Editions du Seuil.
- Clément, S. (2006). L'individu vieillissant. Les représentations sociales du vieillissement dans les politiques publiques. *Les Annales de La Recherche Urbaine*, 100, 77-81.
- De Gaulejac, V., Bonetti, M., & Fraisse, J. (1989). *L'ingénierie sociale*. Paris: Syros Alternatives.
- Di Ruzza, R. (2003). *De l'économie politique à l'ergologie. Lettre aux amis*. Paris: L'Harmattan.
- Dromard, I. (2018). *Les Groupes de rencontres du travail: pour un dialogue social pluridisciplinairement intégratif*. Communication au 4<sup>ème</sup> Congrès de la Société Internationale d'Ergologie, Brasilia.
- Gucher, C., & Laforgue, D. (2009). L'accès aux sphères sociale et politique des retraités: quelles formes de participation et de representation? *Retraite et société*, 3(59), 117-136. <https://doi.org/10.3917/rs.059.0117>
- Olivier de Sardan, J-P. (1995). *Anthropologie et Développement. Essai en socio-anthropologie du changement social*. Paris: Apad – Karthala.
- Olivier de Sardan, J-P. (2001). Les trois approches en anthropologie du développement. *Revue Tiers Monde*, 168, 729-754.
- Schwartz, Y. (2007). Du détournement théorique à l'activité comme puissance de convocation des savoirs. *Education Permanente*, 170, 13-23.
- Serres, J-F. (2017). *Combattre l'isolement social pour plus de cohésion et de fraternité, Avis du Conseil économique, social et environnemental*. Rapport au nom de la section des affaires sociales et de la santé.

## Notes

- [1] Gucher, C., & Laforgue, D. (2009). L'accès aux sphères sociale et politique des retraités: quelles formes de participation et de représentation? *Retraite et société*, 3(59), 117-136.
- [2] Clément, S. (2006). L'individu vieillissant. Les représentations sociales du vieillissement dans les politiques publiques. *Les Annales de La Recherche Urbaine*, 100, 77-81.
- [3] Serres, J-F. (2017). Combattre l'isolement social pour plus de cohésion et de fraternité, Avis du Conseil économique, social et environnemental au nom de la section des affaires sociales et de la santé.
- [4] Dromard, I. (2018). *Les Groupes de rencontres du travail: pour un dialogue social pluridisciplinairement intégratif*. Communication au 4<sup>ème</sup> congrès de la Société Internationale d'Ergologie, Brasilia.
- [5] De Gaulejac, V., Bonetti, M., & Fraisse, J. (1989). *L'ingénierie sociale*. Paris: Syros Alternatives, p.34.
- [6] Schwartz, Y. (2007). Du détournement théorique à l'activité

comme puissance de convocation des savoirs. *Education Permanente*, 170, 13-23.

[7] Pôle Services à la Personne Paca.

[8] Olivier de Sardan, J-P. (1995). *Anthropologie et Développement. Essai en socio-anthropologie du changement social*. Apad - Karthala, Paris, p.50.

[9] Di Ruzza, R. (2003). *De l'économie politique à l'ergologie. Lettre aux amis*, L'Harmattan, Paris, pp. 65-68.

[10] Olivier de Sardan, J-P. (2001). Les trois approches en anthropologie du développement. *Revue Tiers Monde*, 168, 729-754.

[11] Di Ruzza, R. (2003). *De l'économie politique à l'ergologie. Lettre aux amis*, L'Harmattan, Paris, p. 68.

[12] Schwartz, Y. (2007). Du détournement théorique à l'activité comme puissance de convocation des savoirs. *Education Permanente*, 170, 13-23.

# Pesquisa-intervenção formativa: o que é, para quê, por quê? O caso dos agentes de combate a endemias em São Paulo, Brasil.

# Investigación-intervención formativa: ¿Qué es, para qué, por qué? El caso de los agentes que luchan contra endemias en São Paulo, Brasil.

# Recherche intervention formative: qu'est-ce que c'est, pourquoi? Le cas des agents de lutte contre les endémies à São Paulo, Brésil.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO Faculdade de Psicologia  
Especializada da Universidade do Porto

Société Internationale d'Ergologie

**Ana Yara Paulino**

Faculdade de Saúde Pública/  
Universidade de São Paulo  
Rua Francisco Aquarone, 32, São  
Paulo, Brasil, 04026-020  
anayara@usp.br

**Rodolfo de Andrade Gouveia Vilela**

Faculdade de Saúde Pública/  
Universidade de São Paulo  
Avenida Dr. Arnaldo, 715 – Cerqueira César,  
São Paulo - SP, Brasil, 01246-904  
ravilela@usp.br

**Luciana Pena Morgado**

Faculdade de Saúde Pública/  
Universidade de São Paulo  
Rua Antônio Moura Andrade, 208, Itaquera,  
São Paulo, SP, Brasil, 08210-660  
lucianalpm24@gmail.com

**Resumo**

O objetivo desta comunicação é discutir as possibilidades e limites, semelhanças, convergências e diferenças entre algumas abordagens pluridisciplinares de pesquisa-intervenção formativas em situações de trabalho focadas na dialogicidade e no ponto de vista dos sujeitos do trabalho e seus dramas. Selecionamos duas principais abordagens para essa aproximação inicial: Teoria da Atividade (Vigotski e Leontiev) e Laboratório de Mudança (Engeström). Em outro momento, pretendemos estender esta reflexão à Ergologia (Schwartz e colaboradores) e Pedagogia do Oprimido (Freire). O caso concreto de pesquisa-intervenção-formativa onde adotamos as duas primeiras, combinadas com a Análise Coletiva do Trabalho (Ferreira, 2015) é voltado a "Trabalho e Saúde dos Agentes de Combate a Endemias na cidade de São Paulo, Brasil". A pesquisa-intervenção formativa foi uma resposta participativa e coletiva à demanda sindical, unindo diferentes saberes para investigação qualitativa mais aprofundada e precisa das origens sistêmicas das contradições presentes no sistema de atividade desses trabalhadores, visando sua transformação.

**Palavras-chave**

pesquisa-intervenção formativa, teoría de la actividad, laboratorio de cambio, análisis colectivo de trabajo, agentes de combate a endemias

**Resumen**

El propósito de esta comunicación es discutir las posibilidades y límites, similitudes, convergencias y diferencias entre algunos enfoques multidisciplinares de la investigación intervención formación-en situaciones laborales centradas en la dialogicidad y en el punto de vista de los sujetos de trabajo y sus dramas. Seleccionamos dos enfoques principales para esta reflexión inicial: Teoría de la Actividad (Vigotski y Leontiev) y Laboratorio de Cambio (Engeström). En otro momento, pretendemos extender esta reflexión a Ergología (Schwartz y colaboradores) y Pedagogía del Oprimido (Freire). El caso específico de investigación-intervención-formación donde adoptamos los dos primeros, combinado con el Análisis Colectivo del Trabajo (Ferreira, 2015), está dirigido a "Trabajo y Salud de los Agentes de Combate de Endemias en la Ciudad de São Paulo, Brasil". La investigación-intervención formativa fue una respuesta participativa y colectiva a la demanda sindical, uniendo conocimientos diversos en una investigación cualitativa más profunda y precisa de los orígenes sistémicos de las contradicciones presentes en el sistema de actividad destos trabajadores, con miras a su transformación.

**Palabras clave**

investigación intervención formativa, teoría de la actividad, laboratorio de cambio, análisis laboral colectivo, agentes para combatir enfermedades endémicas

**Résumé**

Le but de cette communication est de discuter des possibilités et des limites, des similitudes, des convergences et des différences entre certaines approches multidisciplinaires de la recherche-formation-intervention dans des situations de travail axées sur la dialogicité et sur le point de vue des sujets de travail et de leurs drames. Nous avons retenu deux approches principales pour cette réflexion initiale: la Théorie de l'Activité (Vigotski et Leontiev) et le Laboratoire du Changement (Engeström). Dans un autre moment, nous entendons étendre cette réflexion à l'Ergologie (Schwartz et collaborateurs) et à la Pédagogie de l'Opprimé (Freire). Le cas spécifique de la recherche-intervention-formation où nous avons adopté les deux premiers, combinés à l'Analyse Collective du Travail, vise «Le travail et la santé des agents de lutte contre les endémies liées à la cité de São Paulo, Brésil». La recherche-intervention formative était une réponse participative et collective à la demande syndicale, unissant ou non les connaissances académiques pour une investigation qualitative plus approfondie et plus précise des origines systémiques des contradictions présentes dans le système d'activité des travailleurs, visant à leur transformation.

**Mots clés**

recherche interventionnelle formative, théorie de l'activité, laboratoire du changement, analyse collective du travail, agents de lutte contre les maladies endémiques

O objetivo desta comunicação é refletir e discutir sobre as possibilidades e limites, semelhanças, convergências e diferenças entre algumas abordagens pluridisciplinares de pesquisa-intervenção formativa em situações de trabalho focadas na dialogicidade e no ponto de vista dos sujeitos do trabalho e seus dramas.

Selecionamos duas principais abordagens para essa aproximação inicial: Teoria da Atividade Histórico-Cultural (Vigotski e Leontiev) e Laboratório de Mudança (Engeström). Ambas foram combinadas com a Análise Coletiva do Trabalho (Ferreira) na pesquisa-intervenção formativa com um grupo de agentes de combate a endemias, que são servidores públicos na cidade de São

Paulo. No futuro, pretendemos incorporar a esta reflexão as abordagens de Yves Schwartz e colaboradores (Ergologia, especialmente o dispositivo a três polos), Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) e Mikhail Bakhtin (Perspectiva dialógica da linguagem).

O primeiro ponto a considerar é o termo intervenção (Kontinen, 2004). Este tende a ser entendido no seu significado negativo, de imposição autoritária, de processo *up-down*, ou seja, não facilita de imediato o entendimento de intervenção no sentido que aqui trabalhamos, que é o de uma construção coletiva do conhecimento sobre a atividade, baseada no diálogo com os sujeitos do trabalho. Porém, avaliando se era o caso de inventar/criar um novo termo ou aceitar essa possível dubiedade, optamos por manter o termo intervenção devido à tradição da etimologia da palavra – do latim *interventio, onis*, "abono, fiança, garantia", que tem também os significados de "estar entre, sobrevir, assistir" (Szymanski & Cury, 2004, p. 359) – além do seu uso já legitimado nos espaços acadêmicos de várias disciplinas e línguas. Então, entendemos aqui por intervenção os processos de mediação que ocorrem quando sentamos juntos para refletir, diagnosticar uma situação e pensar possíveis transformações. Aos pesquisadores na intervenção, neste caso, preferimos nomeá-los mediadores ou intervencionistas, pois a palavra *interventor*, com tudo que ela carrega de autoritarismo em nosso país (Schwartz), remeteria a um significado extremamente infeliz e incorreto da nossa proposta.

Em segundo lugar, nos deparamos com a expressão pesquisa-intervenção. Aqui se fortalece o sentido que atribuímos acima, o de conhecer juntos, desenvolver o processo de pesquisa/conhecimento nos impasses, limites e possibilidades do grupo naquele momento e lugar, retrocedendo na história para tentar a aproximação com a gênese do problema identificado, no movimento para trás e para frente, olhar para o passado para chegar e entender o presente, para engendar um futuro (desenvolvimento) de formas possíveis.

Finalmente, pesquisa-intervenção formativa remete à ideia que todos aprendemos nas experiências de troca, de busca, de tensão, de conflito. Somos todos aprendentes, imersos na tensão do que é a realidade e diante de um desafio de como gostaríamos que ela fosse. Ou seja, um agir que nos chama ao desenvolvimento de uma ação possível, a uma luta em processo e a novas situações neste processo. Mesmo que a ação proposta não aconteça, todos mudamos nessa vivência, nessa busca, nessa reflexão, individual e coletiva.

O caso concreto de pesquisa-intervenção onde adotamos o Laboratório de Mudança (Engeström) e a Teoria

da Atividade Histórico-Cultural (Vigotski e Leontiev), combinadas com a Análise Coletiva do Trabalho (ACT) e entrevistas semi-estruturadas é aquele voltado a “Trabalho e Saúde dos Agentes de Combate a Endemias (ACEs) vinculados à Prefeitura do Município de São Paulo, Brasil”, tese de doutorado de Ana Yara Paulino em andamento, sob a orientação do prof. Dr. Rodolfo Vilela. Iniciada em maio de 2018, sabendo-se que o tempo acadêmico não corresponde ao tempo da pesquisa-intervenção formativa com os sujeitos do trabalho, com os afetos que vêm sendo construídos e os compromissos assumidos.

Desde meados de 2016, o Sindicato dos Servidores Municipais de São Paulo (SINDSEP-SP) realiza campanhas para melhorar suas condições de trabalho e aumentar seu salário. Nossa intervenção de pesquisa-formação foi uma resposta participativa e coletiva à demanda sindical feita à Faculdade de Saúde Pública/USP, unindo saberes acadêmicos para investigação qualitativa mais aprofundada e precisa das origens sistêmicas das contradições presentes no Sistema de Atividade (SA) dos agentes de combate a endemias.

Entre 2016 e meados de 2018, o SINDSEP-SP desenvolveu com o apoio da Organização Panamericana de Saúde (OPAS) o *Projeto Valorização profissional e da identidade dos agentes de combate a endemias na carreira da saúde em SP* (SINDSEP-SP, 2016), que incluiu uma pesquisa quantitativa baseada nas Normas Regulamentadoras (NRs), mas “conversada” (gravaram também em áudio), em 25 Unidades de Vigilância em Saúde (das 27 UVISs existentes). Cada UVIS tem nos seus quadros ACEs, trabalhadores administrativos, técnicos, motoristas, entre outros. Participaram dessa pesquisa mais de 700 trabalhadores, respondendo o questionário (ACEs e outros profissionais das UVISs). O projeto como um todo mobilizou muito a agência dos ACEs, os quais aderiram com muito interesse à proposta da intervenção-pesquisa-formativa ao serem convidados pelo sindicato.

O Laboratório de Mudança (LM, daqui para frente) foi desenvolvido por Engeström e seu grupo na Finlândia, privilegiando o estudo das organizações em crise: temos um problema, o que é certo? O que podemos fazer para resolver? O LM se define como um método para se realizar pesquisa-intervenção-formativa que tem suas bases no materialismo histórico e dialético de Marx e Engels e na Teoria da Atividade Histórico-Cultural (TACH) de Vigotski e Leontiev.

Todos estes autores citados partem da realidade concreta, com suas múltiplas determinações e contradições. Apostam em analisar criticamente as diferentes situações, ouvir atentamente os sujeitos na multivoca-

lidade e polissemia em processo, identificar as condições em que estas pessoas estão, recorrer à história e “ouvir” o que ela diz.

Assim, organizamos várias reuniões de grupo com os agentes de combate a endemias para construir o problema e o Sistema de Atividade (SA) em que esses trabalhadores são os sujeitos, com o objetivo de recuperar, nas suas palavras, como decidiram por esta atividade de trabalho, “o que fazem, como fazem” (Ferreira, 2015), reconstruir o histórico da atividade, discutir situações concretas e diversas, construir (e testar) as propostas coletivas que potencialmente poderiam transformar seu cotidiano de trabalho.

Os cerca de dois mil ACEs, homens e mulheres, são trabalhadores que vivem dramas significativos em suas vidas diárias, decidindo pela vida e morte de seres vivos, passando por territórios de grande desigualdade cultural e social, o que acarreta intensa demanda afetiva causando doenças mentais em parte dos trabalhadores. Muitos deles passam por afastamentos por doença. Além disso, eles lidam com produtos tóxicos (da linha dos agrotóxicos) que representam risco muito alto para a própria saúde, de seus colegas, famílias e pessoas que moram nas residências que visitam, levando potencialmente a adoecimentos (incluindo doenças cancerígenas) e lesões de vários tipos. Embora o trabalho dos agentes seja fundamental para a saúde coletiva e para a vigilância da saúde para prevenção, controle e mitigação das consequências das arboviroses como dengue, chikungunya, zika e febre amarela, a importância dos agentes raramente é reconhecida por seus colegas nas Unidades de Vigilância em Saúde (UVISs) e pelos próprios municípios. Muitas vezes são conhecidos simplesmente como “o pessoal da dengue”, visão corrente que minimiza o que fazem como educadores envolvidos com a prevenção de doenças e mitigação das consequências de falta de saneamento adequado.

As reuniões foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas. A mobilização e convites iniciais foram feitos pelo sindicato, envolvendo um número próximo a 20 agentes de combate a endemias, entre meados de 2018 e o final de 2019. Foi-lhes garantido o sigilo de sua identidade, de seus relatos e do que produziram. Em dezembro de 2019, a pesquisa-intervenção formativa encontrava-se na fase de construção de um novo modelo e o próximo passo seria testar as propostas vindas das discussões com os trabalhadores e gestores. Esta etapa foi adiada devido à pandemia da Covid-19, desde o início de 2020.

Ao recuperar o histórico de como os sujeitos desenvolvem sua atividade, identificarem contradições no Sis-

tema de Atividade, vislumbrarem saídas e assumirem a luta por melhores condições de trabalho, os ACEs recuperam seu patrimônio de servidores públicos, de sujeitos com poder de mudar não só seu cotidiano de trabalho, mas de influenciar transformações em outros sistemas de atividade com os quais seu sistema de atividade se relaciona em rede. Por exemplo, com os outros SAs do próprio SUS (Saúde da Família, Saúde do Trabalhador...), ou dos serviços públicos municipais (como educação, limpeza urbana, serviço funerário, entre outros).

Por sua vez, há uma crise, uma situação limite que os impulsiona frente ao desmantelamento das políticas públicas, do Sistema Único de Saúde (SUS) do qual fazem parte e o fantasma de verem suas atividades restringidas, à beira de serem terceirizadas ou mesmo suprimidas pela condução neoliberal do Estado brasileiro. Esses trabalhadores veem o risco de perder todo este seu patrimônio de modos de fazer e de responder aos anseios e necessidades da comunidade onde trabalham.

A trajetória de pesquisa-intervenção-formativa que com os agentes de combate a endemias percorremos, os possibilita a mudarem sua situação cotidiana de trabalho, com o apoio do sindicato que os representa e com a proposta de abertura de negociação política com o poder público que os contrata.

Terão sucesso? Em quais lutas? Quais próximos passos? Nós, intervencionistas, não sabemos. Quem saberá? Nada está definido, determinado. Mas estaremos de mãos dadas com os agentes de combate a endemias para o que virá, se for sua vontade.

### **Referências Bibliográficas**

- Engeström, Y. A. (2016). *Aprendizagem expansiva*. Campinas: Pontes.
- Ferreira, L. (2015). Análise coletiva do trabalho: quer ver? Escuta. *Revista Ciências do Trabalho*, 4, 125-137.
- Freire, P. (1987/1970). *Pedagogia do oprimido* (23<sup>a</sup> edição). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Friedrich, J. (2012). *Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica*. Campinas: Mercado de Letras.
- Kontinen, T. (2004). Introduction: about intervention and methodologies. In T. Kontinen (Ed.), *Development intervention: actor and activity perspectives* (pp. 1-4). Helsinki: Helsingfors.
- Lopes, M. et al. (2021). Learning platforms for implementing formative interventions to promote the health and safety of workers in Brazil. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-17. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.619593>
- Schwarcz, L. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schwartz, Y. (1992). *Travail et philosophie*. Toulouse: Octares.
- Sindicato dos Trabalhadores na Administração Pública e Autarquias do Município de São Paulo – Sindsep (set. 2016). Carta acordo OPAS. *Projeto Valorização profissional e da identidade dos agentes de combate a endemias na carreira da saúde em SP*. São Paulo.
- Szymanski, H., & Cury, V. (2004). A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 355-364.
- Virkkunen, J., & Newnham, D. (2015). *O laboratório de mudança: uma ferramenta de desenvolvimento colaborativo para o trabalho e a educação*. Belo Horizonte: Fabrefactum.

# A produção de conhecimento com trabalhadores: interlocuções com o diálogo freireano e o DD3P.

# La producción de conocimiento con los trabajadores: interlocuciones con el diálogo freireano y el DD3P.

# Production de connaissance avec les travailleurs: interlocutions avec le dialogue de Freire et DD3P.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DIFERENÇAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### Maria Clara Bueno Fischer

Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul - UFRGS. PQ-CNPq  
Rua Ramiro Barcelos, 1410/602. Porto Alegre,  
Rio Grande do Sul, Brasil. CEP: 90035-002  
mariaclara180211@gmail.com

### Resumo

Producir conocimiento *con* los trabajadores en la investigación y en los procesos de formación nos ha desafiado permanentemente. Entre los aportes teórico- metodológicos a esta construcción se encuentran el diálogo desde la perspectiva de Paulo Freire y el Dispositivo Dinámico en Tres Polos (DD3P) de la Ergología. En esta comunicación, elementos de apropiación de estos referentes por la autora en su trayectoria son presentados, en particular, su objetivación en una investigación sobre saberes del trabajo asociado. Se enfatiza la necesidad de tener en cuenta las mediaciones que se producen para favorecer el diálogo entre sujetos, más o menos adheridos a la experiencia laboral. A partir de investigación, se explora el uso del diálogo, en forma de reuniones de trabajo que se acompañan con fotografías como recurso de mediación. La fotografía como verosimilitud, unida a la explicación de puntos de vista de la experiencia compartida, es un poderoso recurso de mediación para producir conocimiento con los trabajadores sobre saberes del trabajo.

### Palavras-chave

saber do trabalho, diálogo, dispositivo dinâmico  
a três polos, mediação, imagem fotográfica

### Resumen

Producir conocimiento *con* los trabajadores en la investigación y en los procesos de formación nos ha desafiado permanentemente. Entre los aportes teórico- metodológicos a esta construcción se encuentran el diálogo desde la perspectiva de Paulo Freire y el Dispositivo Dinámico en Tres Polos (DD3P) de la Ergología. En esta comunicación, elementos de apropiación de estos referentes por la autora en su trayectoria son presentados, en particular, su objetivación en una investigación sobre saberes del trabajo asociado. Se enfatiza la necesidad de tener en cuenta las mediaciones que se producen para favorecer el diálogo entre sujetos, más o menos adheridos a la experiencia laboral. A partir de investigación, se explora el uso del diálogo, en forma de reuniones de trabajo que se acompañan con fotografías como recurso de mediación. La fotografía como verosimilitud, unida a la explicación de puntos de vista de la experiencia compartida, es un poderoso recurso de mediación para producir conocimiento con los trabajadores sobre saberes del trabajo.

### Palabras clave

saber del trabajo, diálogo, dispositivo dinámico  
de tres polos, mediación, imagen fotográfica

## Résumé

Produire des connaissances *avec* les travailleurs de la recherche et de la formation nous interpelle en permanence. Parmi plusieurs contributions théorico-méthodologiques à cette construction figurent le dialogue dans la perspective de Paulo Freire et le dispositif dynamique à trois pôles (DD3P) de l’ergologie. Dans cette communication, des éléments d’appropriation de ces références sont socialisés par l’auteur dans sa trajectoire et, en particulier, son objectivation dans une recherche sur la connaissance de travail associée. L’accent est mis sur l’importance de prêter attention aux médiations qui se produisent pour favoriser le dialogue entre les sujets, plus ou moins adhérent à l’expérience de travail. À partir de recherches, l’utilisation du dialogue est explorée, sous forme de réunions de travail, accompagnées de l’utilisation de la photographie comme ressource de médiation. La photographie comme vraisemblance, accompagnée de l’explication de points de vue d’expérience partagée, est une puissante ressource de médiation pour produire des connaissances avec les travailleurs sur la connaissance du travail.

## Mots clés

savoirs du travail, dialogue, dispositif dynamique à trois pôles, médiation, image photographique

## 1. Introdução

Esta comunicação, que tem um tom de narrativa reflexiva, trata de mediações na produção de conhecimento *com* e *não sobre* ou para trabalhadores. O diálogo, como entendido por Paulo Freire ao longo de sua obra, sintetiza esse posicionamento. Sua abordagem do diálogo é incessantemente defendida por educadores populares e investigadores que adotam a pesquisa participante. Já a defesa do Dispositivo Dinâmico a Três Polos (DD3P) ganha espaço, no Brasil, em pesquisas e ações formativas de diferentes campos de conhecimento, junto a trabalhadores. Tal dispositivo é também reivindicado como potente para a produção de conhecimento *com* os trabalhadores sobre seus saberes do trabalho. Originárias de contextos históricos distintos, tais proposições, por vezes, orientam conjuntamente ações de pesquisa e formação. Por óbvio, resultam de apropriações singulares de pesquisadores, de grupos de pesquisa e de intervenção social e educacional que, por sua vez, resultam em (re)invenções metodológicas para viabilizá-las. Interrogar-nos sobre nossas apropriações objetivadas nas mediações que inventamos para viabilizar produção de conhecimento com trabalhadores, parece-nos um caminho promissor para enriqueci-

mento prático-teórico de nossas ações de pesquisa e formação. Assim, nosso objetivo com esta comunicação é contribuir com o enriquecimento de reflexões sobre caminhos para visibilização, problematização e validação de saberes produzidos pelos trabalhadores orientados por horizontes emancipatórios.

A “preocupa-ação” de produzir conhecimento com e não para ou sobre os trabalhadores e, para tal, a “apropriação” dos referenciais teórico-metodológicos acima mencionados têm nos levado a produzir respostas singulares. Respostas que sempre são limitadas, geram dúvidas sobre sua pertinência e, portanto, necessitam ser avaliadas coletivamente. Os recursos de mediação que temos utilizado entre sujeitos da pesquisa sobre saberes dos trabalhadores têm, particularmente, nos interessado. Apresentaremos e teceremos algumas reflexões sobre o uso de imagem fotográfica como recurso de mediação que, a nosso ver, pode favorecer o diálogo com trabalhadores, propiciando a interlocução entre saberes produzidos na experiência direta de trabalho e outros saberes não aderidos a ela.

Inicialmente comentaremos, de forma breve, a “preocupa-ação” e a “apropriação” no sentido de contextualizar nossos argumentos. A seguir, discorreremos sobre diálogo, DD3P e recursos de mediação. Depois, apresentaremos e analisaremos o uso de imagens como recurso de mediação utilizado em pesquisa. Ao final, teceremos algumas considerações finais.

## 2. Em busca de referenciais para a produção de diálogos sobre a experiência de trabalho: marcas de uma trajetória

Os saberes da experiência, particularmente os de trabalho, e suas relações com saberes formalizados (científicos, escolares e outros) em processos de escolarização de jovens e adultos, na educação profissional e na educação não formal têm sido objeto de nossa atenção já faz algum tempo nos campos da formação e da pesquisa. Na nossa trajetória, a incorporação do conceito de diálogo em Freire é anterior à incorporação de referenciais da ergologia. Também carregamos na nossa bagagem teórica as contribuições do campo Trabalho-Educação do Brasil. Esses são referenciais que têm orientado nossas ações voltadas a conhecer, analisar e legitimar saberes da experiência de trabalhadores.

Nos apropriamos singularmente de referenciais teórico-metodológicos que escolhemos e objetivamos práticas singulares. Conforme nos indica Ferretti (2016) apoiado em Luckács (2012). Por apropriação entende-se, com base em Luckács (2012):

“a incorporação consciente, pelos sujeitos individuais, considerados como constituintes do ser social, de conhecimentos, valores, proposições, produzidas historicamente (inclusive contemporaneamente) tendo em vista à proposição de fins a que se propõe no plano da consciência. A objetivação diz respeito à realização efetiva desse “por teleológico” por meio da consideração e das ações sobre as condições objetivas que viabilizam ou obstruem tal realização, de modo que ela possa se tornar realmente efetiva, processo por meio do qual se produzem, de um lado, novos conhecimentos, inclusive por meio da modificação dos já existentes, os quais contribuem para a reprodução social e, de outro, para a transformação do próprio sujeito” (p. 5)

A aproximação com a ergologia iniciou no Seminário Internacional Trabalho Educação (I SITRE), ocorrido em Belo Horizonte, em 2003 e organizado em parceria entre o NETE, Núcleo de Estudos Trabalho e Educação, Departamento de Produção da UFMG, Escola Sindical 7 de Outubro e o Departamento de Ergologia da Universidade de Provence. Na ocasião, pesquisadores, professores, lideranças sindicais foram convidados a apresentar suas experiências de formação e pesquisa; entre elas os franceses do Departamento de Ergologia. Naquele evento, fui convidada para apresentar reflexões em torno de um trabalho de assessoria para sistematização de experiências, ocorrido no final dos anos 90 com o movimento sindical<sup>[1]</sup>. Socializei ali uma contribuição relevante no campo da educação popular: a chamada sistematização. Essa se constitui numa espécie de pesquisa-formação que coloca em diálogo diferentes sujeitos de uma experiência específica com o objetivo de registrar em forma de texto e analisar tal experiência. Partimos do Rio Grande do Sul para contar essa história e lá fui surpreendida com relatos e análises de professores da França sobre a atividade de trabalho, mobilização e retrabalho de saberes e valores. Algo fazia bastante sentido e me colocava novas interrogações, produzidas em interlocução com o meu próprio patrimônio de reflexões em torno de saberes da experiência, fortemente marcado pela educação popular. O interesse principal foi despertado pela “lupa” específica sobre o sujeito em atividade de trabalho; elemento que enriqueceu, desde então, minha convicção na relevância política e epistemológica dos saberes dos trabalhadores. Se os depoimentos dos pesquisadores europeus – a partir da visão ergológica do trabalho – chamaram minha atenção, o mesmo aconteceu com a proposta do seminário de aproximar conhecimentos

de origens diversas e de unir pessoas diferentes para trocar experiências e refletir sobre o tema dos saberes: trabalhadores, militantes sindicais, professores, pós-graduandos. Formas interessantes e promissoras de por sujeitos em diálogo. Mais tarde, já em 2006, passamos a organizar eventos sistemáticos sobre produção e legitimação de saberes do trabalho, inspirados no I SITRE e dossiês sobre o tema. A abertura para a interlocução entre pessoas sobre práticas e teorizações diversas acerca de saberes foi muito marcante. Várias jornadas têm sido realizadas sobre Produção e Legitimação de Saberes para e no trabalho no RS, inspiradas nessa “matriz” fundadora<sup>[2]</sup>. Na construção das jornadas, duas preocupações têm se mantido desde as primeiras iniciativas: 1) produzir interlocuções sobre saberes da experiência de trabalho entre trabalhadores, pesquisadores e formadores; 2) se e como trabalhar com diferentes abordagens teórico-metodológicas em torno do objeto saberes da experiência de trabalho a partir de um horizonte em comum: o enfrentamento das múltiplas formas de opressão que produzem e reproduzem a formação social capitalista. Assim, o objeto saberes da experiência de trabalho definitivamente passou a fazer parte da convicção que pode potencializar as múltiplas formas de luta de homens e mulheres por sua humanização onde quer que ela aconteça.

Importante, nessa explicitação da nossa apropriação, é situá-la também no campo de estudos Trabalho-Educação no Brasil, do qual participamos<sup>[3]</sup>. Esse campo tem no centro de sua identidade o pressuposto de que o trabalho – na sua perspectiva ontológica e histórica – é central para se entender a educação. De matriz marxiana, parte da conceção de que o homem se torna homem; forma-se. Ao transformar a natureza, através do trabalho, transforma-se a si mesmo e produz cultura. Numa perspectiva histórica, o trabalho se modifica e as relações econômico-culturais se alteram. Entender as relações entre trabalho e educação no capitalismo, por exemplo, implica em entender as consequências para a educação da apropriação privada dos meios de produção e da exploração (produção de mais-valia). Conceitos como trabalho abstrato-trabalho concreto e alienação fazem parte do arcabouço teórico utilizado para entender e projetar a educação. Estudos sobre divisão social e técnica do trabalho e o dualismo no sistema educacional e, ao mesmo tempo, a luta pela criação de um currículo integrado – trabalho, tecnologia e cultura – são emblemáticos no campo. Para alguns de nós, pesquisadores desse campo, a abordagem ergológica do trabalho é percebida como pertinente e complementar. Um elemento-chave provocador é que a experiência cotidiana de trabalho não pode ser redu-

zida à alienação. Os conceitos de atividade de trabalho, saberes e valores nas suas relações com os de usos de si e suas dramáticas, face às normas antecedentes e às infidelidades do meio e o Dispositivo Dinâmico a Três Polos (DD3P) são considerados importantes para pensar, fundamentar e problematizar ideias e práticas sobre relações entre trabalho e educação. Ir ao encontro do trabalho concreto e do “corpo-si” em atividade de trabalho, tão presentes na abordagem ergológica, problematiza e complexifica formas de entender o que se passa no trabalho. No que diz respeito à divisão social e técnica do trabalho e a suas correlatas conceção e execução no trabalho, perguntas com inspiração ergológica se colocam: como se expressam na atividade de trabalho? Como singularidade, particularidade e totalidade são vividas e podem ser apreendidas na experiência de trabalho com os trabalhadores? A assunção ergológica de que, permanentemente, homens e mulheres, em atividade de trabalho, entram em dramáticas de usos de si face às normas antecedentes, com suas bagagens/histórias pessoais e coletivas, por uma questão vital, aprofunda explicações e estatuto dos saberes da experiência de trabalho – os chamados saberes em aderência – e, consequentemente, dos saberes formalizados. E sempre novas perguntas emergem sobre como entram ou podem entrar em relação. Aí nos encontramos com DD3P.

Alguns de nós pesquisadores estabelecem relação de complementaridade entre essas heranças: ensinamentos do campo Trabalho-Educação, da abordagem ergológica e da Educação Popular. Freire, em especial na sua obra *Pedagogia do Oprimido*, critica o ativismo e o verbalismo dentro e fora da escola. Critica visões iluministas de lideranças de movimentos sociais e partidos políticos. Problematisca a educação bancária e afirma a educação libertadora. Propõe o diálogo como prática fundamental para processos de libertação. Sua conceção de “diálogo” é base para afirmar processos educativos de libertação dentro e fora da escola; o que tem inspirado inúmeros trabalhos educativos e de pesquisa participante. Para ele educador e educando não se refere, ou se resume, aos papéis de professor e de aluno e o conhecimento (e ensino) deve se fundamentar no diálogo que se produz tendo como foco o “mundo”, que importa conhecer para transformar. Interessante perceber que Freire se refere ao educador como educador-educando e ao educando como educando-educador. Essa mirada de Freire se refere a sua perspectiva política e epistemológica de diálogo. Educador e educando partem de lugares e de patrimônios diferentes (sociais, de formação, experiências, etc.), que trazem contribuições distintas para analisar, entender e transformar, indi-

vidual e coletivamente, o mundo. Podemos dizer que a história da educação popular é muito marcada por essa abordagem do diálogo em Freire que, em outras palavras, revela uma busca de colocar em interlocução experiência e conceito, que estão presentes no diálogo pelo educando e pelo educador respectivamente. Expressão da contribuição de Freire, assentada em sua visão de diálogo, é o conhecido Método Paulo Freire de alfabetização. Método que materializa sua visão de homem e de conhecimento numa pedagogia de leitura do mundo indissociada da leitura da palavra, que implica momentos de distanciamento crítico da experiência vivida das classes populares para transformá-la. Em sua proposta de método de alfabetização, sempre nos encantou tanto a pesquisa do universo vocabular das pessoas, como o uso da mediação de imagens como recursos de aproximação-distanciamento do cotidiano.

### **3. Mediação para produzir diálogos entre pesquisadores e trabalhadores sobre saberes do trabalho**

As matrizes teórico-metodológicas sinalizadas anteriormente têm nos provocado a produzir mediações que favoreçam a interlocução entre sujeitos mais ou menos aderidos à experiência de trabalho. Dialogar na perspectiva de Freire e colocar o DD3P em prática demandam pensar sobre mediações que favoreçam a aproximação e, ao mesmo tempo, o distanciamento crítico-reflexivo, dos sujeitos envolvidos na trama da experiência compartilhada.

Telmo Adams e Danilo Streck, pesquisadores que se referenciam na educação popular e na pesquisa participante, formulam sua compreensão de mediações pedagógicas, que nos é útil aqui. Eles as definem como:

“relações que se estabelecem entre a materialidade/objetividade e o diálogo reflexivo sobre [a] experiência com objetos e com outros sujeitos (pessoas). No decorrer das práticas de educação/pesquisa, fomos percebendo que havia processos espontâneos de reflexões, compreensões suscitadas pela própria experiência: mediações intrínsecas; e processos provocados por intencionalidades expressas por meio de problematizações, com momentos planejados pedagogicamente em um grau variável de (in) formalidade: mediações extrínsecas. A partir daí fomos identificando mediações de caráter mais espontâneo, que passamos a designar de mediações educativas, e as que tinham algum grau de planejamento, nominadas de mediações pedagógicas” (Streck & Adams, 2017, p. 39).

Inspirados nessa conceituação, retomamos a seguir alguns elementos essenciais de conclusões de pesquisa por nós realizada em equipe. A investigação se apoiou em apropriação singular da abordagem teórica do diálogo freireano e no DD3P via encontros do trabalho. Na ocasião, utilizamos grupos de reflexão – interno à equipe e da equipe com trabalhadores associados – e a fotografia como recursos de mediação pedagógica ao diálogo [4].

Nosso argumento do uso da imagem fotográfica como mediação ao diálogo é, centralmente, o seguinte:

Por que mediação ao diálogo? A imagem fotográfica se interpôs entre pesquisadores e pesquisados e entre os próprios pesquisados e também entre sujeitos trabalhadores e sua experiência real de trabalho. Nos diversos momentos coletivos de mirar a experiência, a fotografia era um artefato comum a ser observado e desencadeador do diálogo. Ademais, ao tomar as fotografias como base de mediação para aprofundar e ampliar o conhecimento do trabalho que, durante a pesquisa, partilhávamos com as trabalhadoras da cooperativa, operamos no uso da imagem como “registro verossímil” de uma prática em visibilização, desde a confrontação dialógica de diferentes interpretações, quando podemos perguntar e/ou sermos perguntados também pelo que “não está ali” (Loizos, 2002). Estamos falando, portanto, do uso da imagem fotográfica como mediação para a construção do conhecimento, através da explicitação verbal do visto e do não visto (Pinheiro, Fischer, & Cargnin, 2017, p. 216).

Como isso ocorreu? As pessoas da cooperativa foram instadas, individualmente, a tirar fotos do cotidiano do seu trabalho e de situações fora do trabalho e a expressar em palavras o captado em imagem fotográfica. O mesmo foi feito pela equipe de pesquisa. Posteriormente a equipe produziu seus próprios encontros de compartilhamento de fotos e sentidos atribuídos, além da produção de esquemas móveis do processo de trabalho da cooperativa, utilizando-se de uma seleção de fotos – tanto da equipe como das trabalhadoras – com legendas móveis. Tais esquemas móveis foram base de mediação para nosso modo de fazer encontros do trabalho dialogando sobre os diferentes temas implicados. As trabalhadoras moviam fotos e legendas, enquanto conversavam entre si e com a equipe sobre seu trabalho na cooperativa de costura, até ficarem satisfeitas com o resultado. Podemos dizer que ocorria um (ad)mirar seu próprio trabalho e um (re)fazer pontos de vista sobre ele.

Essa base imagética produzida com as trabalhadoras aderidas à experiência de confeccionar roupas de forma cooperada foi muito potente, no sentido de dizer sua própria palavra sobre o saber-fazer-pensar do trabalho e de se interrogar sobre o trabalho. Esse foi, portanto, um achado relevante de pesquisa, pois contribuiu com o favorecimento do expressar, em palavras, a experiência de trabalho e de interrogá-la. Condição para o diálogo.

Quanto à orientação ao diálogo nesses encontros *com e sobre* o trabalho, que consideramos mediações pedagógico-investigativas, orientamo-nos por uma postura de convite à visibilização e à valorização do saber-fazer da experiência de trabalho individual e coletiva e, também, à moda freireana, a sua problematização. Da descrição das etapas e das tarefas a serem realizadas no processo produtivo, passando por narrativas sobre “desde quando”, o diálogo foi provocado assim: de onde e quais justificativas originaram as normas do trabalho; o que havia se alterado entre o saber-fazer peças de confecção em relações de trabalho assalariado e o saber-fazer em relações de trabalho associado. Muito conhecimento do trabalho foi verbalizado enquanto, postados em círculo, mirávamos fotos, enunciados escritos e esquemas do processo de trabalho da cooperativa.

#### **4. Considerações finais**

Interessou-nos, nesta comunicação, chamar a atenção para a relevância de atentarmos para algumas marcas de apropriações singulares de referenciais teórico-metodológicos de nossas trajetórias que influenciam nossas escolhas e se objetivam em nossos jeitos de fazer pesquisa. Em particular, trouxemos, de forma breve, marcas de nossas apropriações do diálogo freireano e o DD3P. Ilustramos a reflexão com uma referência de objetivação dessas marcas na pesquisa, por meio de processos de mediação ao diálogo. O que incorporamos? O que deixamos pelo caminho? O que acrescentamos? Como objetivamos os referenciais? Por que isso acontece? Quais saberes e valores, frutos de nossas trajetórias de pesquisa e de vida em geral, são considerados? Temos tratado o trabalho como “matéria estrangeira”? Como acontece o “debate de normas” ao nos apropriarmos e ao objetivarmos modos de pensar e pesquisar saberes do trabalho? Esperamos ter dado uma ideia, mesmo que imprecisa, do ocorrido connosco no contexto das temáticas, referenciais e motivações explicitados ao longo do texto.

## Referências Bibliográficas

- Ferreti, C. (2016). A implementação dos cursos técnicos integrados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná. *Educere e Educare: revista de educação*, 11(23), 1-18.
- Fischer, M.C. (2003). Uma outra apropriação, validação e legitimação de saberes é possível... e necessária. *Trabalho & Educação*, 12(1), 63-72.
- Franzoi, N., & Fischer, M. C. (2015). Saberes do trabalho: situando o tema no campo Trabalho-Educação. *Revista Trabalho Necessário*, 20(3).
- Pinheiro, L., Fischer, M.C., & Cargnin, D. (2017). Usos de imagens fotográficas em pesquisa sobre saberes do trabalho associado. *Educação UNISINOS*, 21(2), 213- 222.
- Streck, D., & Adams, T. (2017). Mediações pedagógicas e pesquisa: registros de práticas e construções participativas. In T. Adams, D. R. Streck, & C. Z. Moretti (Eds.), *Pesquisa-Educação: mediações para a transformação social* (pp. 29-44) Curitiba: Appris.

## Notas

[1] Ver artigo de Fischer (2003) na Revista *Trabalho & Educação*, 12(1), 63-72.

[2] Nas Jornadas, têm sido convidados pesquisadores para abordar a contribuição da Educação Popular (saberes da experiência), do Feminismo (invisibilidade dos saberes das mulheres), da Linguística, da Ergologia, de E. P. Thompson (experiência de classe), da Pedagogia do Trabalho (Campo Trabalho-Educação). Matrizes com posicionamentos diversos que, no entanto, se encontram na valorização dos saberes da experiência na perspectiva da emancipação humana.

[3] Em texto intitulado “Saberes do Trabalho: situando o tema no campo Trabalho-Educação” (Franzoi & Fischer, 2015), publicado na revista Trabalho Necessário (UFF), há uma análise mais detalhada desse processo. Certamente, outras leituras podem ser feita dessa trajetória associada ao campo.

[4] Ver o artigo de Pinheiro, Fischer, e Cargnin (2017) para descrição e análise da experiência. Nesse artigo, pode-se também verificar como foi nossa apropriação de referenciais específicos sobre fundamentos para uso da fotografia em pesquisas.

# A formação no campo do “social”, desigualdade social e políticas públicas: história, epistemicidade e temporalidades.

## La formación en el campo de lo “social”, desigualdades sociales y políticas públicas: historia, epistemicidad y temporalidades.

### La formation dans le domaine du «social», inégalités sociales et politiques publiques: histoire, épistemicité et temporalités.

U.PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CENTRO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



U.PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Société Internationale d'Ergologie

### **Edna Maria Goulart Joazeiro**

Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí. Membro do *Bureau da Société Internationale d’Ergologie*, Membre Fondateur 1665, Rue Regina Lopes, 64049-695, Teresina, Piauí, Brasil  
emgoulart@uol.com.br

### **Resumo**

O estudo centrado na história na perspectiva da longa duração, mediada pelas categorias analíticas da ergologia discute a formação no campo do “Social” no seu diálogo histórico com o campo da Saúde, da Política de Assistência Social e da Educação. Com base na produção escrita de TCCs e nos registros de dois grupos de profissionais das políticas supramencionadas egressas do Curso de Serviço Social da UFPI, tematizaram sobre a experiência concreta no trabalho nesse campo de intervenção. A *ascese* do entrecruzamento de saberes presentes nesse campo mediada pelas epistemicidades propostas por Schwartz revela que o ensino do trabalho precisa preparar o discente para atuar no intrincado de relações entre estrutura, conjuntura e cotidiano, intimamente marcados pela história, epistemicidades, temporalidades e devir, que (re)questionam os saberes epistêmicos e ergológicos, ao mesmo tempo que reconstróem os saberes nascidos da atividade concreta de trabalho, indispensáveis para consolidar a defesa da vida.

### **Palavras-chave**

políticas públicas, questão social, saúde pública, ergologia

### **Resumen**

El estudio se centra en la historia desde la perspectiva de la larga duración, mediada por las categorías analíticas de la ergología discute la formación en el campo de lo “Social” en su diálogo histórico con el campo de la Salud, la Política de Asistencia Social y la Educación. Con base en la producción escrita de los TCCs y de los registros de dos grupos de profesionales de las políticas mencionadas, egresadas del Curso de Trabajo Social de la UFPI tematizaron sobre la experiencia concreta en el trabajo en este campo de intervención. El *ascese* de la intersección de saberes presentes en este campo mediada por las epistemicidades propuestas por Schwartz revela que la enseñanza del trabajo necesita preparar al estudiante para actuar en las intrincadas de relaciones entre estructura, conjuntura y cotidiano, estrechamente marcados por la historia, las epistemicidades, las temporalidades y el devenir, que (re)cuestionan los saberes epistémicos y ergológicos, al mismo tiempo que reconstruyen los saberes nacidos de la actividad laboral concreta, indispensables para consolidar la defensa de la vida.

### **Palabras clave**

políticas públicas, cuestión social, salud pública, ergología

## Résumé

L'étude centré dans l'histoire avec une perspective de longue durée, par l' intermédiaire des catégories analytiques de l'ergologie aborde la formation dans le domaine du «Social» dans son dialogue historique avec le domaine de la Santé, de la Politique d'Assistance Sociale et d'Education. Sur la base de la production écrite des TCCs et de deux groupes de professionnels des politiques susmentionnées les diplômés du cours de service social de l'UFPI ont discuté de leur expérience concrète au travail pendant cette période d'intervention. L'ascétisme de l'intersection des connaissances présentes dans ce domaine mediée par les epistemicités révèle que l'enseignement du travail doit préparer les étudiants à agir dans les relations complexes entre la structure, la conjoncture et la vie quotidienne, inti mement marquées par l'histoire, les epistemicités, les temporalités et le devir qui (re)mettent en question les connaissances épistémiques et ergologiques, tout en reconstruisant les connaissances nées de l'activité concrete du travail, indispensables pour consolider la défense de la vie.

## Mots clés

politiques publiques, question sociale,  
santé publique, ergologie

## 1. Introdução

O estudo de natureza qualitativa, ancorado numa perspetiva analítico conceitual, centrado numa abordagem da história na perspetiva da longa duração Elias (1994) com ênfase no campo do Serviço Social na sua interface com o campo das Políticas Públicas no Brasil. A pesquisa indaga sobre a formação no campo do Serviço Social e sobre o seu diálogo histórico com o campo da Saúde, dos equipamentos da Política de Assistência Social e da Educação, centrado na produção escrita e na experiência concreta no trabalho nesse campo de conhecimento e de saber, cujo cuidado se materializa no contato diurno com a vida de pessoas que buscam acesso às condições objetiva para viver mediado pelo acesso a direitos provenientes de ações das políticas sociais públicas, “um campo complexo e, inteiramente contraditório, que simultaneamente atende interesses opostos” (Pereira, 2014, p. 24).

No estudo em curso, analisamos a produção de trabalho de Conclusão de Curso de discentes de graduação em Serviço Social da UFPI no decorrer da série histórica de 1981-2019. Indagamo-nos particularmente sobre a história do campo do Serviço Social na sua interface e no diálogo histórico com o Sistema Único de Saúde (SUS) e seus serviços hospitalares, de Saúde Mental e

Maternidades e com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e os Centros de Referências de Assistência Social (CRAS). O estudo analisou como fonte secundária de informação, a série histórica de Trabalho de Conclusão de Curso no período supramencionado, tendo colocado essa produção histórica em diálogo com as narrativas em dois grupos focais<sup>[1]</sup> das protagonistas do trabalho no campo do “Social” que intervém nos espaços de atenção a Saúde Mental em Teresina, Brasil.

Nossa análise de-se centrada na produção escrita e na experiência concreta *do* e *no* trabalho nesse campo de conhecimento e de cuidado com a vida, refletimos sobre a formação dando-se na perspetiva da história na perspetiva da longa duração, considerando que o usufruto do direito é marcado pela relação entre necessidade humana, circunstância histórica e condições objetivas para cuidar de si. Daí a exigência epistemológica e axiológica de descortinar o lugar que as categorias analíticas da ergologia podem ocupar para fazer emergir reservas de alternativas, onde se vislumbram apenas opacidades e limites.

O estudo discute a questão da formação para intervir no campo do “social” e nas políticas sociais públicas nas interfaces com o conceito de necessidade humana básica (Pereira), Determinantes Sociais em Saúde (DSS), necessidade em saúde (Mehry) e mínimos sociais. No campo do “social” a intervenção dá-se nos processos e mecanismos ligados ao “enfrentamento da questão social, nas suas agudas manifestações, sendo que exigências e limites se renovam e se atualizam nas diferentes conjunturas sociopolíticas” (Raichelis, 2009).

Nossa análise dá-se ancorada na perspetiva ergológica, pautada na démarche ergológiq, com base na concepção de atividade de trabalho, normas antecedentes, centramento, descentramento e de ingredientes da competência humana industriosa de Schwartz (2000). Com base em Wisner (1995) retomamos o conceito de batalha do trabalho real que “designa, incontestavelmente, uma tomada de posição no campo institucional e um engajamento no sentido de um corte no seio das atividades humanas entre os que tomam as decisões ‘esclarecidas’ e aqueles que vivem sob as coerções de condutas aberrantes ou gratuitas” (Schwartz, 1996a).

Em nosso estudo empreendemos a travessia no decorrer da série histórica no decorrer do processo de formação do campo do Serviço Social desde o início do quando se configura o tempo de constituição do Curso de bacharelado na UFPI, estando atenta às concepções da profissão ao longo destes quase quarenta anos de história, analisaram-se também os diversos projetos pedagógicos vigentes, mas sempre se coadunando com a temporalidade

histórica, ancorado nos marcos conceituais, legais e na sociabilidade de cada momento analisado.

## **2. História, Desigualdade e Políticas Públicas**

Há que se considerar que o próprio processo de configuração do Curso e de sua matriz conceitual não se dissociam da configuração da formação para o “Social” em uma sociedade marcada por uma multiplicidade de aspectos que sofrem a refração de dimensões internacionais, nacionais, locorregionais e institucionais. Nesta perspectiva há que se considerar que a formação se materializou em um estado que tem sua história intimamente marcada por múltiplas expressões de desigualdades sociais, com profundas dificuldades para o acesso de importantes segmentos de população a bens e serviços, que no limite, acarretam sérias implicações para *quem* realiza o trabalho no âmbito do social, uma vez que esse profissional se defronta diuturnamente, com limites postos para o enfrentamento das condições materiais objetivas para o acesso da população usuária aos meios de vida, emprego e cidadania.

Nesta perspectiva de análise, adotamos como ponto de ancoragem fundamental os três pressupostos que dão fundamento a pesquisa qualitativa, dos quais destacamos, ancoradas em Martinelli (2005, p. 22) que buscamos i) o reconhecimento da *singularidade* do sujeito; ii) o reconhecimento da peculiaridade da experiência do sujeito e, iii) o reconhecimento da importância de conhecer o modo de vida do sujeito, a sua experiência social cotidiana.

Nossa indagação reside sobre como no decorrer da série histórica foi sendo formado esse profissional do Serviço Social, considerando as exigências epistemológicas inerentes a esse campo de conhecimento, e os imponderáveis que se colocam na esfera da vida e de suas múltiplas variabilidades, ou seja, indagamo-nos como um projeto mais geral de profissão, vai se configurando com a matriz socio-histórica em face das multiplicidades de necessidades sociais e históricas, de forma a viabilizar a construção de reservas de alternativas capazes de defender a vida e a cidadania em um contexto histórico de subfinanciamento das políticas sociais e de enfraquecimento da dimensão universal das políticas públicas.

## **3. História, epistemidades e temporalidades**

Nesta perspectiva de análise enfatizamos que o campo da formação em Serviço social, tem sua intervenção dando-se, predominantemente no âmbito das diversas políticas sociais públicas nas quais se insere, sendo que, como assinala Martinelli (2002, p. 5), seu campo de in-

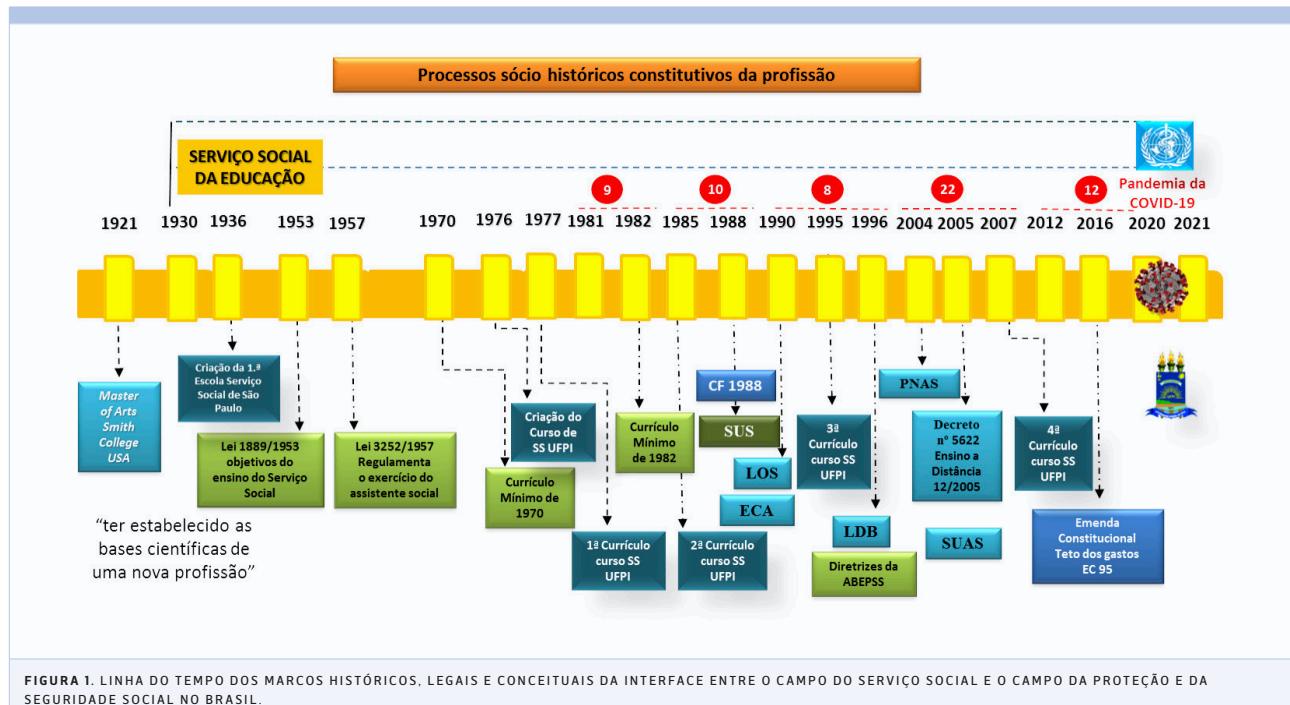
tervenção na atualidade, em virtude da diversidade de demandas colocadas para os profissionais do Serviço Social contemporâneo, transita pelos meandros do público, do privado e do íntimo. Uma vez que as questões que lhes são apresentadas para o enfrentamento estão relacionadas ao campo da intimidade, das necessidades, dos sentimentos, dos valores, que no conjunto têm profundas implicações macrossociais.

A intervenção se dá na história, e como assinala Heller (2008, p. 27), a história é “a substância da sociedade, porque a história é contínua apesar de seu caráter discreto e porque essa continuidade é precisamente a substância da sociedade”. Ou seja, a intervenção na vida das pessoas dá-se no cotidiano que “é o lugar da [re]produção dos indivíduos é o ‘mundo da vida’ que se produz e se reproduz dialeticamente, num eterno movimento” (Heller, 1977, p. 7).

Ora formar profissionais para realizar a intervenção no âmbito das políticas sociais públicas, junto a um segmento de população que vive sob a égide da desigualdade no acesso as condições materiais mínimas requer ser capaz “de instruir” esse futuro profissional para construir um arcabouço conceitual que lhe permita extrair “no instante” (Trédé, 1992) do atendimento que realiza, os fragmentos que tornam inteligível a história do outro, e, portanto permite que esse “diálogo seja tecido” com vistas a tornar-se capaz de decifrar tanto as marcas do direito, quanto os traços de sua ausência.

Como o instrumento para a compreensão das dimensões das expressões da questão social se dão mediante o diálogo tecido entre profissional e entrevistado, apreende-se que há uma forte conotação relacional, que requer a capacidade do entrevistador de estabelecer relações de confiança, pois a questão social, para ser apreendida e desvendada, requer zelo, rigor analítico e ética, uma vez que o profissional do “social” ao fazer a travessia da esfera de si mesmo para os meandros da história da vida do outro, permanece numa tênue relação entre a busca de proximidade para a compreensão dos traços da história (Canguilhem) no presente, contudo precisa realizar essa aproximação sem tornar invasiva ou abusiva sua abordagem.

Trata-se da necessidade de, ao longo do processo de formação, constituir as bases tanto dos conhecimentos disciplinares, quanto dos conhecimentos epistêmicos, ao mesmo tempo que consolida a construção de um *corpo si*, cujas dramáticas de uso de si, remetem à necessidade de ser capaz de descentrar do conceito, e situar-se na trama da relação com o outro, estando atento à análise de suas narrativas, e de seus sentidos construídos com base em *quem vive a vida* que lhe é narrada.



Um olhar atento para a trama conceitual construída no decorrer da série histórica nos permite explicitar na análise a circulação de conhecimentos vários ao longo do processo histórico apreendida na *ascese* do entre-cruzamento de saberes presentes nesse campo de intervenção, tendo por base os quatro tipos de epistemicidades propostos por Schwartz (2008, p. 25). Apreende-se que a análise com base nas categorias ergológicas contribui para identificar a epistemicidade 1, que segundo o autor, se caracteriza pelo uso dos conhecimentos que se pautam sobre conceitos, leis ou modelos de natureza geral, tais como a lei de queda dos corpos e os fenômenos naturais que independem de escolhas e da história, ou seja, saberes que não estão submetidos a debates de normas. Conceitos estes, que estão incorporados nas normas antecedentes, através das técnicas, do uso de materiais e de tipos de instalações industriais ou médicas no seio da vida social.

A epistemicidade 2 refere à formalização normativa antecipativa que se incorpora às normas da vida social que estão cristalizadas em conceitos, leis, regulamentos e procedimentos que, por sua natureza, fazem parte das normas antecedentes. A epistemicidade 3 refere-se ao uso dos conceitos das disciplinas humanas e sociais utilizados não para fazer normas, mas, para conhecer os fenômenos humanos e, por último, a epistemicidade 3bis, que consiste no uso dos conceitos “tendencialmente ergológicos”, ou seja, trata-se de uma “conceitualização que não descreve, nem tão pouco ancora seu olhar

com vista a compreensão das configurações humanas a partir somente das normas antecedentes. Essa epistemicidade, segundo Schwartz, é profundamente marcada pelo desconforto intelectual e por debates de normas e de valores. Todavia, cumpre assinalar que há um exercício epistêmico que coexiste nesse processo, do aqui e agora na atividade de trabalho do assistente social, que requer que o profissional seja capaz de [re]convocar os conhecimentos do *corpus conceitual da profissão*, e das diversas políticas sociais públicas ou não vigentes, bem como precisará apreender os traços de possibilidade ou de viabilidade de acesso aos direitos presentes explícita ou implicitamente na narrativa da história do presente e dos traços da configuração histórica da vida do usuário.

Ou seja, precisará sempre em diferentes dimensões ser capaz de descentrar/recentrar (Schwartz, 1998) do entendimento relativo à apreensão do processo da história que a pessoa atendida compartilha com os demais membros da sociedade, não podendo se distanciar dos aspectos individuais, relacionais, circunstanciais que se aliam a esse fragmento da história vivida e narrada, repleto de significados, de valores e de sensibilidade. Essa ancoragem é realizada, ao mesmo tempo, em face de uma intervenção que não se materializa no vazio, ela é antes síntese de múltiplas determinações.

Nesta perspectiva, torna-se importante destacar que ao analisarmos o trabalho do “social” sob a perspetiva histórica estivemos atentas às interfaces “entre campos”

que marca, de modo inelutável, o trabalho das profissões que atuam no campo do “social”, particularmente, destacamos o trabalho do assistente social realizado nos espaços socioocupacionais das diversas políticas sociais públicas no Brasil. Pensar o trabalho *da e na* política social pública, pressupõe a compreensão de que seu *corpus* conceitual e normativo, seu patrimônio de conhecimento tem sido constituído ao longo da história, sendo marcado por aspectos estruturais e conjunturais que incidem na compreensão do financiamento, da gestão das políticas e dos valores materializados nas modalidades de atenção/serviços por ela oferecidos às populações que vivem marcadas pelas expressões da desigualdade social, manifestada sob diferentes formas e temporalidades.

#### 4. Considerações finais

A análise revelou a íntima relação entre história, memória e reservas de alternativas, tendo assinalado a presença continuado de debate de normas que são tecidos no cotidiano do trabalho junto a população usuária dos serviços e como seus saberes são reconvocados em face das necessidades prementes e continuadas, que remetem não somente ao seu campo conceitual, mas a relação com outras profissões, que requisita no seu trabalho a construção, em parte inédita de fazer emergir sinergia num coletivo de geometria instável no tempo e no espaço.

Nas suas narrativas, tematizaram como essas relações foram tecidas mediadas pela experiência na sua relação direta com o *corpus* conceitual e legal, que se transformava no Brasil e no Mundo, afastando-se do paradigma da benemerência, e buscando fortalecer a perspetiva da cidadania, num marco da política como direito inalienável do cidadão, a despeito da fragilização em curso da dimensão universal das políticas no Brasil e em diversos países no mundo.

A própria definição de equipe continuamente era definida com base no conceito de Schwartz sob a forma de Entidade Coletiva Relativamente Pertinente (ECRP) específica, pois ao explicitar as relações de trabalho tecidas no âmbito do Serviço Social nas diferentes políticas nas quais se inserem, explicitaram a presença de assimetrias e a hierarquização das relações *das e nas* equipes, contudo valorizaram a experiência cotidiana no trato da questão social, pois esta lhes impõe limites, mas, no mesmo ato, lhes interpelam a uma dupla convocação para intervir na vida das pessoas em situações que articulam o campo da saúde e o campo do social fato que lhes demanda [rel]questionar os saberes epistêmicos e ergológicos, ao mesmo tempo que reconstróem os saberes nascidos da atividade concreta *do e no* trabalho, indispensáveis para consolidar a defesa da vida

nesse tempo e no futuro a construir.

O ensino do trabalho deve preparar o discente para atuar nesse intrincado de relações tecidas entre estrutura, conjuntura e cotidiano, intimamente marcados pela história, epistemicidades, temporalidades e devir. Essa dupla convocação para intervir na vida das pessoas em situações que articulam o campo da saúde e o campo do social requisita e (re)questiona os saberes epistêmicos e ergológicos, ao mesmo tempo que requisita, reconstrói os saberes nascidos da atividade concreta de trabalho, indispensáveis para consolidar a defesa da vida nesse tempo e no futuro a construir.

#### Referências Bibliográficas

- Canguilhem, G. (1947). Milieu et normes de l’Homme au travail. *Cahiers Internacionaux de Sociologie*, 3, 120-37.
- Durrive, L., & Schwartz, Y. (2008). Glossário da Ergologia. *Laboreal*, 4(1), 23-28. <https://doi.org/10.4000/laboreal.11665>
- Heller, A. (1972). *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Joazeiro, E. M. G. (2015). Social Work and Professional training: tension among Rationalities, Temporalities and Relationships. In C. Silva, & M. Aparicio (Eds.), *International handbook of professional identites* (pp. 318-342). USA: Scientific & Academic Publishing.
- Joazeiro, E. M. G. (2018). *Supervisão Académica e de Campo*: Relação entre saberes. Teresina.
- Martinelli, M. L. (2005). Os métodos da pesquisa. A pesquisa qualitativa. *Temporalis*, 9, 117-130.
- Pereira, P. A. P. (2014). A intersetorialidade das políticas sociais na perspectiva dialética. In G. Monnerat, N. Almeida, & R. Souza (Orgs.), *A intersetorialidade na agenda das políticas sociais* (pp. 23-39). Campinas: Papel Social.
- Raichelis, R. (2009). O trabalho do assistente social na esfera estatal. In *Serviço Social: Direitos Sociais e competências profissionais* (pp. 377-392). CFESS/ABEPSS.
- Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe*. Toulouse: Octares.
- Wisner, A. (1995). *Réflexions sur l’Ergonomie* (1962-1995). Toulouse: Octares.

#### Notas

- [1] O projeto foi submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (CEP UFPI) com CAAE de cadastramento nº 14959419.2.0000.5214, tendo recebido parecer favorável em 24.06.2019.